

TRILOGIA CORES - VOLUME 1

Cores de **O**utono

Descobrindo a magia

Keila Gon

MUNDO
UNO Editora



CORES de outono
Descobrindo a magia

Keila Gon

Copyright ©2016 de Keila Gon

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica –, sem a autorização prévia do autor.

Revisão: Mundo Uno Editora

Capa: Lari Azevedo

Para Sophia, que me ensina diariamente a verdadeira sabedoria.

Nem suspeitavas então que, entre todos aqueles vultos indiferentes, havia um olhar que te seguia sempre e um coração que adivinhava os teus pensamentos, que se expandia quando te via sorrir e contraía-se quando uma sombra de melancolia anuviava o teu semblante.

Se pronunciavam o teu nome diante de mim, corava e na minha perturbação julgava que tinham lido esse nome nos meus olhos ou dentro de minh'alma, onde eu bem sabia que ele estava escrito.

E, entretanto, nem sequer ainda me tinhas visto; se teus olhos haviam passado alguma vez por mim, tinha sido em um desses momentos em que a luz se volta para o íntimo, e se olha mas não se vê.

Consolava-me, porém, que algum dia o acaso nos reuniria, e então não sei o que me dizia que era impossível não me amares.

José de Alencar, “Cinco Minutos”, 1856.

Índice

[Prólogo](#)
[Recomeço](#)
[Casa Amarela](#)
[Conexão](#)
[Olhar](#)
[Vincent](#)
[Mirante](#)
[Insanidade](#)
[Fenômenos](#)
[Complicado](#)
[Convite](#)
[Preparativos](#)
[Visitas](#)
[O Jantar](#)
[Cavalheiro Carrancudo](#)
[O Passeio](#)
[Palacete](#)
[Bistrô](#)
[Casa de Vidro](#)
[Revelações](#)
[Novas Verdades](#)
[Responsabilidades](#)
[Terra das Sombras](#)
[Certezas](#)
[Esclarecimentos](#)
[Epílogo](#)

Prólogo

Entrei em meu quarto, atordoada. O dia e boa parte da noite foram repletos de acontecimentos inacreditáveis e, antes que duvidasse da minha sanidade mais uma vez, precisava deixar uma prova de que tudo isso realmente aconteceu.

Estiquei-me para pegar o livro de minha mãe com as mãos trêmulas, puxei a fita verde e procurei por uma página em branco. As palavras apressadas pularam da caneta para o papel...

“Sentia-me adormecida, como uma árvore no outono, quando o destino mostrou novas cores. Novas possibilidades. Ele colocou em meu caminho um cavalheiro sombrio, um amor improvável, e, ignorando os alertas, entrei em seu mundo. Inimaginável, desafiador, imprevisível... mágico! Com todas as definições reais e irreais da palavra.

Agora tenho novos medos, muito mais perigosos. Preciso proteger as pessoas que amo, enfrentar sombras, magos, elfos... Aprender a confiar e não desistir.

Pareço louca ao admitir que tudo isso é real, mas o calor que aquece meu peito só cresce, mostrando que estou mais louca, ou mais apaixonada do que jamais imaginei um dia.”

Peguei a embalagem de papel vermelho, a prova do que vivi hoje, e a coloquei entre as folhas do livro, marcando minha primeira página escrita. Larguei o livro de capa dura na escrivaninha e caí de costas na cama, cansada demais para pensar. Ansiosa demais para que o dia de amanhã chegasse logo.

Recomeço

Estava concentrada na estrada, tentando sentir o carro como uma continuação de meus braços. Pisquei algumas vezes para manter o foco, mas meus olhos logo se perderam na paisagem, os bosques da minha infância... que guardavam minhas preciosas memórias.

Minha visão foi interrompida por uma cortina de água e agarrei o volante até o caminhão terminar a ultrapassagem. Balancei a cabeça, ralhando comigo mesma: “*Acorda, Melissa!*”.

Não era uma boa ideia me abstrair da realidade, não agora. Estávamos na estrada há pouco mais de duas horas e podia sentir nós rígidos em minha coluna. Chequei minha irmã caçula pelo espelho retrovisor. Alice ainda dormia toda torta no banco de trás, em meio a caixas e pacotes. Era um alívio vê-la relaxada comigo ao volante a ponto de dormir. Minha irmã confiava em mim. Isso deveria me acalmar. Deveria. Mas uma das minhas novas responsabilidades era analisar riscos, e precisava admitir: dirigir nunca foi uma de minhas melhores habilidades. Controlar um chassi quebrável em alta velocidade no meio de caminhões gigantescos era assustador! E, para piorar, com minha irmã de cinco anos dentro... Que *eu* deveria proteger! Isso era suficiente para me deixar tensa e com as mãos suando.

Angelina, minha mãe, dizia que essa aversão ao volante expressava meu medo de governar a vida. É claro que nunca concordei com ela. Mas tudo era diferente agora. Nos últimos dias recordei seus conselhos, desejando apenas mais algumas palavras, mais alguns minutos. Eu tinha tantas dúvidas... O que fazer com Alice? Como lidar com as mudanças em nossas vidas? O que fazer da minha vida? Como não enlouquecer?

Três meses haviam se passado desde o acidente e eu ainda lutava para sair da minha inércia. Houve dias em que me surpreendi ao esperar que minha mãe voltasse para casa no fim do dia, contando as novidades sobre a nova encomenda de livros da loja, ou discutindo o cardápio do jantar com Oliver, seu marido. E, por mais difícil que fosse encarar a verdade, isso era passado. Angelina e Oliver não voltariam mais. Alice e eu perdemos tudo. No fundo, eu sabia... minha irmã perdeu mais do que eu.

Alice tinha um lar, um pai, uma mãe, uma família, desde o dia em que nasceu. Agora, tinha que confiar a própria vida a uma meia-irmã atrapalhada e medrosa. Nosso futuro eram tópicos esboçados em uma folha de papel, e literalmente fiz isso. Estava determinada a me concentrar em nossa nova vida,

mas não sabia o que esperar desse futuro.

Minha antiga vida era fácil, simples. Com vinte anos, eu estava na faculdade e dividia meu tempo livre entre a loja de livros usados da minha mãe e os cuidados com minha irmã caçula. Depois de muito tempo, tinha tudo que sempre desejei: uma família completa e comum. Minha vida cotidiana era vagarosa, segura. Perfeita. Mas, nessa nova realidade calamitosa, o tempo passava rápido, entorpecido, e levou com ele mais um aniversário... que passou despercebido. Agora eu tinha vinte e um anos, o que para muitos representava liberdade de atos e decisões; para mim, significava sérias responsabilidades e compromisso.

Nos últimos meses tentei espantar o medo, mas ele era como o vento, procurando frestas para entrar. Sorrateiro, imperceptível. E, quando menos esperava, estava tremendo.

Nos momentos de dúvidas e covardia, desejava ter herdado a coragem de minha mãe. Angelina assumiu suas responsabilidades muito cedo. Tinha dezenove anos quando se apaixonou por meu pai; isso resume tudo o que sei sobre esse romance que me trouxe ao mundo. Ela não se acomodou quando ele desapareceu. Pelo contrário, foi destemida e aceitou seu destino tortuoso, buscando nossa felicidade em um futuro planejado. Quanto a mim, nunca pensei sobre o que fazer com meu futuro, ou quais seriam minhas responsabilidades. Sempre imaginei que, no momento certo, o destino caminharia para mim, mas nunca imaginei algo sombrio assim.

Expirei o ar com força, para que ele levasse o frio polar que tomava meu peito, e meu coração gelado reivindicou parte dessa dor... Ela era minha consciência e não me deixaria falhar.

Foquei os olhos na estrada e uma placa gigantesca sinalizou que nosso futuro estava a apenas alguns quilômetros. Era bom voltar. Campo Alto ainda era o lar do meu avô materno, meu antigo lar... Esbocei um sorriso com a lembrança e isso era novidade nos últimos meses. Campo Alto sempre foi meu lar.

Eu gostava de São Paulo, mas parecia uma alienígena expatriada naquele lugar. Precisava sentir a segurança da pacífica cidade de montanha, ao lado do que restava de nossa família e minha única conversa com meu avô foi decisiva. Ele protestou apenas quando comuniquei que iria largar a faculdade, sua preocupação paterna até me comoveu. O senhor George Wels, que carinhosamente chamo de *Opa* – avô, em alemão – é um descendente de austríacos com um duvidoso senso de humor, mas muito correto. Tem uma visão simplificada da vida e esconde um coração sentimental. Ele ainda mora em nossa antiga casa e possui a mesma vida simples da minha infância, o que resume suas duas paixões: seu kit de pesca e a revendedora de madeira, que

nunca vai deixá-lo rico, mas está na família Wels há gerações.

George ficou animado com nossa mudança e, de certa forma, isso faz eu me sentir culpada. Ele esteve muito sozinho desde a morte de minha avó e a perda de minha mãe, sua única filha; foi um golpe e tanto para seu coração. Nos últimos meses ele passou por várias fases, de arrasado para transtornado, de abalado para quase conformado, e eu sabia que se esforçaria para mascarar a própria dor por nossa felicidade.

Funguei, distraída, e avistei a cratera no asfalto quando era tarde demais. As rodas do sedã acertaram o alvo sem piedade, o carro sacolejou descontrolado e os pacotes orbitaram por um segundo ao meu lado antes de ceder à gravidade. A buzina nervosa do carro que me ultrapassava quase me levou a óbito e, buscando algum reflexo, alinhei o sedã com a pista.

Nesses momentos de notável inaptidão, era reconfortante saber que voltaria a viver com alguém naturalmente otimista como George. Ele confiava em mim e, discordando da maioria, inclusive de mim mesma, afirmava que minha incompetência ao volante era falta de prática mesmo. Meu atencioso *Opa* esforçou-se para comprar um carro quando entrei na faculdade, e adorei o presente. Mas mantinha o velho sedã mais por estima ao meu avô do que pelo prazer de dirigir; acabei me afeiçoando à banheira ambulante pelo que ela representava. E meus maiores tesouros eram as lembranças da minha família.

Cruzei o portal da cidade... Minha tensa viagem estava no fim. Era hora do almoço, mas as ruas estavam praticamente vazias para uma segunda-feira. Pensando bem, o pouco movimento era esperado. Estávamos em abril, ainda era outono e, com seu clima de montanha, a cidade só receberia turistas no começo de junho. Entrei no bairro lamacento da minha infância e não deveria ficar surpresa por ele continuar lamacento. Pelo visto, ruas asfaltadas continuavam sendo um luxo neste lugar. Acho que estava mal-acostumada com o cimento em abundância que cobria São Paulo e não podia negar: ele ajudava, e muito, com minha desastrosa mobilidade. Suspirei, desanimada, minha convivência com a lama nunca foi amistosa... Com esforço, bloqueei lembranças constrangedoras de risadas maldosas de um certo vizinho encenqueiro.

Uma majestosa montanha verde se ergueu acima da minha antiga casa. Aqueles bosques eram meu quintal, onde realizava as fantasias que ouvia dos livros de minha mãe... Era bom recordar isso. Deslizando pelo rio de lama, busquei outras recordações que aqueciam meu coração. Os cookies de baunilha de minha avó em dias cinza de chuva, o suave aroma do bolo de cenoura com cobertura de chocolate em dias amarelos de sol, e, finalmente, os sanduíches de presunto que recheavam a cesta de piquenique que meu avô e eu desfrutávamos nas tardes de pescaria à beira do rio. Outro sorriso se ampliou em meu rosto

quando a melancolia e a tristeza, tão comuns nos últimos meses, deram espaço a um misto de ansiedade e satisfação por imaginar que Alice poderia ter as mesmas experiências.

Dei mais uma espiada no espelho retrovisor, procurando por minha irmã no banco de trás, e uma imagem me chocou. Pela primeira vez, reparei na estranha assustadora que aparecia no reflexo... Sempre aceitei minha aparência com conformidade, mas isso era demais! Olheiras contornavam meus olhos amendoados, e meu cabelo, antes liso, estava todo ouriçado, se emaranhando em grandes nós castanhos abaixo dos ombros. Meus lábios grossos estavam secos, rachados... Eu parecia um zumbi! Com tristeza, percebi que agi como um nos últimos meses.

Tentei alcançar meu *lip balm* de cereja na bolsa, mas desisti quando o carro escorregou na lama. Voltei às duas mãos ao volante e treinei um sorriso no espelho, que pareceu sinistro. Desisti. Não era minha intenção assustar meu avô, mas George teria que se acostumar com a chegada do zumbi-alienígena.

Soltei o ar, derrotada... Por quanto tempo ainda me sentiria assim? Como uma estranha perdida em minha própria vida? Por quanto tempo o frio polar ocuparia meu peito? Quando as rachaduras do meu coração iriam parar de doer?

Eu não tinha estas respostas. E me assustava por não tê-las.

Casa Amarela

Parei o carro em frente à casa confortavelmente familiar. Sabia que o sedã estava ocupando boa parte da rua, mas era um alívio desligar aquele motor. A cabeça de meu avô apareceu em meio às cortinas da janela, e um sentimento nostálgico me invadiu... como uma saudade antiga. Mas era bom, e trouxe um pouco da paz tão desejada.

A casa amarela, de janelas brancas, estava exatamente como lembrava: a grande janela da sala, o pequeno alpendre sobre a porta, e seu grande charme... a janela com floreira do único cômodo do segundo andar. O escritório de meu avô sempre foi meu esconderijo favorito! A única diferença era o matagal seco que se amontoava onde antes havia o jardim de minha avó. Mas, com os anos de ausência dela, não esperava que houvesse algo vivo ali. Talvez as plantas precisassem de cuidados, mas o resto continuava impecável como em minha lembrança.

Eu tinha onze anos quando minha mãe colocou um basta na indiscrição da cidade e jurou nunca mais voltar. Éramos o alvo das principais fofocas desde meu nascimento e, apesar de Angelina sentir muita saudade dos meus avós, sabia que sua decisão era uma tentativa de poupá-los. Isso também me afetava; mesmo assim, foi difícil encarar tantas mudanças. Nova escola, novos amigos... Para uma criança acostumada à liberdade, foi um choque ver os limites físicos do minúsculo apartamento.

Meus olhos vagaram com saudade pela vulnerável cerca de madeira branca que contornava o bosque ao redor do quintal, seguindo até as grandes árvores no muro verde ao fim da rua. Ali, depois de uma curva sinuosa, começava a majestosa montanha. Curioso... Embora tivesse brincado muitas vezes naqueles bosques, não me lembrava de ter subido a montanha. Na verdade, estas memórias eram um grande borrão. Isso incomodou, mas o desconforto foi esquecido quando uma fumaça esbranquiçada tomou parte da minha visão. Dançando entre as árvores, a névoa branca escapava da chaminé da casa azul, como um convite às delícias da cozinha de nossa simpática vizinha. Lucila e seu atarefado marido, Antônio, eram donos de um restaurante italiano no centro e tinham um casal de gêmeos quase da minha idade. Inevitavelmente, Arthur e Helena foram meus melhores amigos na infância e passávamos boa parte do tempo correndo entre as árvores do bosque.

Nesse momento a saudade esquecida aqueceu meu peito, e desejei que minha antiga amiga ainda morasse ali. Helena era dois anos mais velha, mas,

graças à timidez em comum, nos dávamos muito bem. Já Arthur infernizava nossas vidas, e por vezes se tornou meu inimigo mortal ao esconder minhas bonecas ou rir da minha falta de jeito. Mas minha última memória dele sempre foi a pior, e fiquei até surpresa por ainda cultivar rancor do garoto que roubou meu primeiro beijo.

– E aí, garota! – George gritou contra a janela ainda fechada do carro. O susto me retirou dos devaneios e esbocei um sorriso que esperava ter saído convincente.

– Oi, *Opa!* – falei baixinho, na esperança de conceder mais alguns minutos de sono a Alice. George sorriu ao ouvir a forma carinhosa da palavra avô em alemão, e sorri também. Era bom poder pronunciá-la novamente.

Meu avô sempre preencheu a figura paterna em minha vida, e senti muitas saudades dele. Não conheci o homem geneticamente responsável pelos outros 23 pares dos meus cromossomos; na verdade, isso não fazia mais diferença. Mas confesso que, como o restante da cidade, sempre fui curiosa sobre sua aparência. Minha mesmice castanha não se parecia com a altivez ruiva de olhos verdes do restante da família.

– Você demorou, Mel... Podia ter avisado.

– Desculpe, mas aquele celular pré-histórico sofreu algumas avarias em minhas mãos e... Bom, nossa comunicação pode ficar difícil à longa distância.

– Então precisamos providenciar outro.

Seus olhos encontraram os meus com um brilho oliva entristecido, e entendi. George não suportaria perder de vista mais ninguém que amava. Concordei com meu avô em silêncio, imaginando que as chances de um celular novo continuar novo em minhas mãos eram muito pequenas. Ele abriu a porta traseira do sedã e equilibrou duas caixas nos braços. Parecia ansioso para nos instalar, e isso me deixou um pouco mais confortável. Embora essa fosse minha antiga casa, eu me sentia um pouco intrusa em sua pacata vida. E, com uma criança pequena correndo por aí, sua vida não seria tão pacata novamente.

Observei seus movimentos, imaginando que, ao retirar a primeira caixa, o resto viria abaixo como em uma avalanche, acordando Alice. Mas, pelo olhar ansioso de George, era isso mesmo que ele esperava. Instantaneamente Alice abriu os olhos, com aquela cara atordoada de criança que dorme em um lugar e acorda em outro.

– Oi, minha querida! O vovô tem uma surpresa pra você, lá dentro.

Ele se esforçou para equilibrar as caixas enquanto dava um beijo na testa de Alice; em seguida, se apressou para a porta da casa. Isso não era só ansiedade... Avós são avós em qualquer lugar, e o meu literalmente babava pelas netas. Ou, devo dizer, pela última neta. Alice era cercada por mimos que eu

mesma nunca tive e me perguntava se George lembrava como era ter responsabilidades de educador. Porque, nos últimos tempos, comecei a suspeitar que ele fazia as vontades dela só para me enlouquecer!

Ainda dolorida da viagem, puxei Alice para meus braços, fitando o amontoado de caixas no interior do sedã... Aquilo era um bom exemplo de como aproveitar espaços vazios. Eu havia empilhado tudo que podia: TV, brinquedos, caixas abarrotadas de livros e objetos pessoais. Tudo encaixado milimetricamente para que nada saísse do lugar nas curvas. Ou quase. Chequei o porta-malas. Apesar da bagunça, as malas e pacotes pareciam ter sobrevivido à minha primeira viagem.

Adiando o trabalho, contornei o carro sem pressa, desejando apenas um banho quente para desfazer os nós nas costas. Foi então que notei a casa verde de linhas modernas do outro lado da rua, com uma gigantesca caminhonete preta brilhando à sua frente. Um novo vizinho? Hum. Com exceção da casa dos gêmeos, nunca tivemos outros vizinhos. Nossa rua era praticamente deserta, sempre foi, e até me espantei por George não ter comentado sobre a novidade. Entrei na casa amarela com a pergunta na garganta, mas esqueci dela quase que instantaneamente... Era como se o tempo não tivesse passado ali dentro.

Meus olhos foram atraídos pelo tic-tac do relógio cuco na parede do pequeno hall, depois passaram pela coleção de quadros florais e pararam na escada de madeira que levava ao escritório, no andar de cima. A escada dividia a casa: sala e cozinha à esquerda, quartos e o único banheiro à direita. Com outro sorriso nostálgico, procurei por George, e me assustei quando ele se levantou abruptamente do chão da cozinha ajeitando sua surpresa nos braços. Focalizei o olhar, assustando-me de verdade.

George tentou explicar que a bola de pelo em suas mãos não era um rato e, quando Alice ouviu a palavra *coelho*, seus olhos se abriram com entusiasmo. Enquanto eu balbuciava protestos sem argumentos, ela escapuliu dos meus braços, correndo para o avô. Sabia que o trabalho de cuidar do bicho seria todo meu, mas, vendo Alice sorrir alegremente, cedi. Ela estava feliz... Era isso que importava. E, no fundo, estava agradecida pelo bicho ser um coelho e não um rato.

Eu não era medrosa, até gostava de animais, mas nunca fui apaixonada como Alice. Ela chegava perto de qualquer ser vivo que respirasse sem o menor medo, e George sabia disso. Mesmo se ele trouxesse uma jiboia para casa, minha irmã ainda estaria radiante.

– Obrigada, vovô! – Alice disse risonha. George me lançou um olhar de *eu tinha razão*, que ignorei. Ver minha irmã feliz era tudo que eu mais desejava.

Meus olhos estavam embaçados pelas memórias tristes, mas não

pretendia chorar. Embora fosse dessas pessoas que tem as emoções expressas em lágrimas contra vontade, eu me esforçava ao máximo para derrubá-las somente quando estava sozinha. Mas, desta vez, não seria tão fácil... George ainda sorria e isso significava que não havia acabado. Escondendo mais surpresas, ele me levou ao escritório no andar de cima e, com outro sorriso satisfeito, apresentou: meu quarto. Olhei para a cama de viúvo com certa apreensão. Não que não tivesse gostado, mas sempre dividi o quarto com Alice e tinha receio de impor mais uma mudança à minha irmã. O problema era explicar isso ao rosto ansioso que ainda me fitava. Com um suspiro, cedi mais uma vez. Só queria ver minha família feliz.

– Obrigada, *Opa*.

O espaço extra realmente ajudou e nosso tesouro foi dividido por interesses. Os livros foram para o antigo escritório, ou melhor, meu quarto, e a televisão ficou no quarto de Alice para que seus desenhos não monopolizassem o jornal vespertino de George. Minha irmã ficou radiante por ganhar um quarto só dela, com TV... E tive de aguentar o centésimo olhar de *eu tinha razão* do meu avô.

Depois de meia hora, finalmente estava a caminho da porta para pegar o último pacote. Ao cruzar o hall, senti um aroma desagradável e ao mesmo tempo familiar pairando no ar. Espiei a cozinha e constatei o óbvio: George estava cozinhando. Observei meu avô colocar um pedaço de algo pegajoso no prato de Alice, que olhou o suposto alimento com curiosidade. Em minhas recordações de criança, havia odores bem piores do que aquele quando George tentava fazer uma refeição, mas eu deveria zelar pelo bem-estar de minha irmã... Nunca fui uma *gourmet*, mas, graças aos ensinamentos precoces de minha avó, me virava bem na cozinha. Já meu avô era um cientista culinário, e não saberia dizer como sobreviveu à ausência dela.

Eu com certeza dispensaria aquilo e corri para a rua, determinada a fazer uma visita urgente ao supermercado.

Atravessei a pequena varanda pensando em quantas coisas teriam que se adaptar nessa nova vida... meus olhos pararam no velho sedã, totalmente torto na rua. Contemplei com remorso a lama que se acumulava em grossas camadas por toda a lataria. Este não era o melhor carro para esse tipo de cidade. Talvez fosse melhor vendê-lo, ou trocá-lo. Involuntariamente meus olhos foram atraídos para a caminhonete Toyota, preta e lustrosa, estacionada do outro lado da rua. A comparação era humilhante e tomei as dores do meu velho amigo. Algumas coisas não poderiam mudar.

A chuva voltou, fina e insistente. Saltei mais uma poça, pousando os dois pés no meio da rua. Pretendia alcançar a porta do carona para pegar a última

caixa, mas congelei quando um vulto preto chamou minha atenção. Sem reação, encarei o SUV BMW, que parecia ter brotado do muro verde no fim da rua e acelerava ao meu encontro. Em um segundo, avalei sua velocidade e a largura do espaço disponível na rua. O SUV nervoso não tinha como passar entre a caminhonete e meu carro sem me atropelar... Droga!

Com pouco tempo para outra reação, eu me joguei contra a lataria do sedã. De olhos fechados, esperei pelo segundo interminável, rezando para que minhas pernas, pés e todo o resto do meu corpo ficassem fora de seu caminho. Ainda de olhos fechados, percebi que não ouvia mais o ronco do motor. Também não senti o vento de sua velocidade, apenas algo gelado escorrendo pela lateral do meu corpo. Abri os olhos... O SUV homicida já havia passado por mim, e agora um jato de lama jorrava dos enormes pneus traseiros. Mas... como? Como ele não me atropelou?

Depois de um branco mental, o importante ficou claro. Não importava!

Encharcada pela torrente de lama, exasperei um sonoro palavrão e contemplei o BMW se afastar. O motorista pareceu diminuir, mas não parou. De fato, nem tomou conhecimento da minha existência, agora enlameada. Típico! Meus olhos encheram de lágrimas. Por reflexo, procurei testemunhas... Nunca gostei de dividir meus momentos humilhantes que, infelizmente, aconteciam com frequência. Para meu alívio, a rua continuava deserta. Sempre me considereei um imã para o caos. Se alguém tinha que cair da cadeira, ficar com caca de passarinho na cabeça ou andar por aí com a calça rasgada, certamente essa pessoa seria eu. Para alguém com problemas de timidez, era impossível se acostumar com isso. Nesse ponto, a falsa solidariedade da plateia chegava a irritar. Minha mãe dizia que as brincadeiras do acaso ajudavam a alimentar minha coragem, mas eu tinha uma teoria um pouco diferente, que envolvia uma dose cavalgar de azar e o sarcasmo das forças destrutivas do universo.

Como uma lufada, eu me arrastei para a casa. Minhas prioridades haviam mudado e o banho quente agora encabeçava minha lista. Pelo menos, teria uma boa desculpa para pular o almoço de George.

No banheiro, revirei a frasqueira de viagem procurando o familiar sabonete de jasmim... e me assombrei com meus pensamentos. E se essa maré sinistra de má sorte nunca acabasse? Por toda minha vida, estas situações constrangedoras me perseguiram e pareciam inofensivas; agora, as confusões habituais estavam virando desastres reais. Acidentes... morte. Parecia uma maldição! Fugindo do medo, esfreguei o sabonete no rosto com ansiedade. Quando a espuma transbordou o banheiro com o aroma familiar de minha mãe, eu me acalmei.

Não poderia dar oportunidade para que a tragédia chegasse perto dessa família novamente.

Depois de secar os cabelos, eu me senti melhor. O banho quente e o aroma de jasmim eram infalíveis para me acalmar. Não estava mais preocupada com o sarcasmo do universo e já havia perdoado o banho de lama. Provavelmente o motorista do BMW não me viu. E me convenci de que foi muita habilidade dele não me atropelar. Ou sorte! Pelo visto, tínhamos muitas novidades na vizinhança e algumas possibilidades flutuaram em minha mente enquanto me acomodava na cadeira da cozinha. Entre elas, a mais provável seria um luxuoso condomínio no meio da montanha, endereço de muitos BMWs apressados. Quem diria, a montanha, elitizada!

Pensar nas novidades despertou a saudade esquecida.

– *Opa?* Percebi que temos novos vizinhos... – Esperei George levantar o rosto, esforçando-se para engolir o último pedaço da... coisa. – E os antigos? Ainda moram na casa azul?

– Os Casella? Você se lembra deles? – George ficou ansioso de repente.

– Lembro dos gêmeos – recordei. – A Helena ainda mora aqui, com os pais?

Meu avô sorriu com uma satisfação suspeita.

– Não. Ela se casou há um ano, e mudou com o marido. – George percebeu a decepção tomar meu rosto, mas logo emendou o mesmo sorriso suspeito. – Em compensação, o Arthur terminou a faculdade e voltou a morar com os pais.

Não consegui segurar o murmúrio descontente. Não tinha boas recordações do menino Arthur, e não me agradava a ideia de que aquele chato continuava sendo meu vizinho.

– Sabe... a Lucila e o Antônio sempre passam por aqui antes de ir para o restaurante. Mas, se você quiser, podemos ir lá mais tarde. A comida dela continua ótima! – George desceu os olhos até a gororoba em seu prato, e finalmente entendi como ele sobreviveu à ausência de minha avó. – Você pode reencontrar o Arthur. Vocês também eram amigos, não eram? – Levantei os ombros, contendo uma careta. Duvidava que o que tínhamos pudesse ser chamado de amizade. Subitamente empolgado, meu avô coçou o cavanhaque. – O Arthur está ajudando a administrar o restaurante, o menino leva jeito. A Taberna Casella nunca esteve tão cheia! Acho que o Antônio deveria aproveitar e se aposentar, ele não anda bem da saúde. No mês passado foi parar no hospital. Sinto falta das nossas pescarias, mas exagerávamos na cerveja e a Lucila proibiu. – Ele riu com a lembrança. – São bons amigos, ajudaram muito quando sua avó morreu. E agora... – A voz de George ficou embargada pela emoção, deixando

claro seu esforço para parecer naturalmente animado na nossa presença.

Desviei meus olhos para Alice e encontrei outros olhos mareados. Abri a boca para consolá-los, mas fui interrompida pela campainha. George limpou uma lágrima solitária e se levantou para atender a porta. Pelo tom dos cumprimentos, não era uma visita de cerimônia.

Em segundos George estava de volta, dando passagem para uma senhora baixa, de cabelos loiros e olhos ternos, que parou na divisória entre o hall e a cozinha com um sorriso simpático.

– Mel, você se lembra da Lucila Casella?

Apesar de possuir alguns quilos a mais e ter os cabelos curtos, sua aparência bem cuidada era a mesma da minha infância. Sorri timidamente.

– Melissa! Você está linda, meu bem! – disse, abrindo os braços. Depois do abraço, Lucila se voltou para o outro lado da mesa onde Alice aguardava, encabulada.

Minha irmã nunca chegava perto de estranhos com desenvoltura; talvez isso fosse genético. Chegava a ser constrangedor tê-la agarrada às minhas pernas, mas sabia por experiência própria que o passar dos anos ajudaria com sua timidez. Não precisei esperar muito para Alice pular de sua cadeira e se esconder atrás de mim. Lucila foi paciente; vendo a situação, não exigiu nada mais. Quando voltou o olhar para mim, identifiquei a desagradável situação que estava por vir... Tinha três meses de prática em identificar o olhar de solidariedade e soube que receberia seus pêsames.

Confesso que a compaixão de desconhecidos me incomodava. Se era difícil lembrar, imagine falar sobre o acidente de minha mãe com estranhos.

– Como vocês estão? – Lucila perguntou, solidária.

Eu sabia, esse olhar era infalível.

– Estamos bem. – Suspirei, olhando para meus pés e, conseqüentemente, para Alice, que se enroscava em minhas pernas. Esperava que por milagre isso fosse suficiente. Mas sabia que na sequência ouviria sua opinião sobre o caso e receberia seus conselhos sobre como educar minha irmã, como seguir com a vida e...

– Meu Deus, George! O que é isso? – Lucila apontou para a mesa de forma exasperada. A princípio eu me assustei, mas percebi o que ela estava fazendo e fiquei aliviada. – Não acredito que você cozinhou para as garotas!

A senhora de sorriso terno havia desviado do assunto dolorido com muita competência e nesse momento ganhou minha sincera simpatia. George pareceu tão admirado quanto eu; um pouco encabulado, recolheu os pratos da mesa, como se desfizesse a cena de um crime. Ele tentou mudar de assunto, pegando Alice pela mão e levando-a para conhecer o quintal. Seguimos meu avô e os

minutos seguintes foram ocupados por uma conversa leve, recheada de banalidades.

Gostei de Lucila, ela era espontânea, gentil e muito perspicaz. Comentou com humor o descaso de George com as plantas de minha avó e, mesmo recebendo olhares reprovadores da parte dele, não se intimidou. Eu me lembrava de como tudo era bonito e florido quando eu era criança, mas não podia culpar George pela falta de interesse. Na verdade, mais do que ninguém, conhecia a sensação.

Percebendo a proximidade da tristeza, Lucila mudou novamente o foco de seu discurso. Agora, ela falava animadamente sobre o restaurante italiano, sobre a saúde do marido, Antônio, e, por fim, sobre o novo vizinho da casa verde... Com certa indignação, contou que ele havia se tornado o novo pretendente cobiçado da cidade. E, pelo que entendi, tirava o máximo proveito disso. Segundo ela, nossa rua nunca esteve tão frequentada por mulheres como nos últimos meses... Rapidamente apaguei as informações desnecessárias. Mas, aproveitando a oportunidade, questionei sobre nossos *outros* novos vizinhos. Para meu espanto, Lucila informou que não havia outros, muito menos condomínios na montanha. Pelo contrário, nossos *antigos vizinhos* continuavam no lugar de sempre, em uma única casa.

–... É fácil esquecer que os Von Berg estão ali. Eles nunca aparecem! A família continua isolada e esse mistério só aumenta aquelas histórias de assombrações sobre a montanha. – Lucila parou de falar quando percebeu minha expressão surpresa de quem estava ouvindo aquilo pela primeira vez. – Que é isso, Melissa. Até parece que você nunca ouviu falar dessas histórias! – completou, com ironia.

Continuei séria. E, desta vez, a surpresa estava em seu rosto:

– Mas... Como pode? Ninguém nunca falou para você das histórias de... – Lucila franziu os lábios ao ouvir um som de reprovação de George. Ele brincava com Alice a certa distância, entre as árvores, mas parecia bem atento. – Só espero que você não seja superprotetora como ele, ou coitada de sua irmã! – disse, indignada.

George endireitou o corpo, ajeitando as calças na cintura.

– Isso nunca foi importante, Lucila – disse, de longe. – E tenha cuidado, ainda temos crianças na casa.

Lucila soltou o ar, resignada. Mas eu não aceitaria seu silêncio.

– Bem, eu já estou grandinha, *Opa*. – Me aproximei de Lucila. – Por favor, continue.

Desta vez foi George que bufou resignado, levando Alice para os limites do quintal. Minha vizinha pareceu subitamente animada.

– Bom, não há muito que dizer... Os Von Berg continuam como antes, isolados na montanha. E muito reservados. Sei que esse boato chega a ser injusto, mas eles são um pouco esquisitos com toda essa reserva, admito. Nada como coisas do além... apenas muito esquisitos.

– Coisas do... Espere aí! – Levantei as mãos, interrompendo a mim mesma, depois apontei para a enorme formação rochosa coberta de verde. – Quer dizer que eles são os únicos moradores da montanha? Quer dizer, da montanha *toda*?

– A montanha é deles. Na verdade, eles são donos de todas as terras até onde a vista alcança – Lucila informou com um sorriso brincalhão. – Não há divisas nem cercas, mas, se você seguir a estrada, vai encontrar uma placa aqui e outra ali de propriedade particular. Isso é suficiente para a maioria, mas a curiosidade desses garotos é difícil de controlar... Há alguns anos, alguns deles fizeram uma trilha clandestina para o Mirante do Salto. É bem perto daqui, subindo a estrada. O lugar é lindo, mas, depois que alguns curiosos alcoolizados se perderam pelas redondezas, ninguém se atreveu a voltar. Você sabe, os boatos nessa cidade são levados a sério... As histórias de sequestros chegam a ser exageradamente imaginativas, mas nada é pior do que as lendas de fantasmas flutuando nos bosques da montanha.

Lucila deixou escapar uma risadinha. Eu só consegui piscar.

– Estou surpresa por ficar alheia a tudo isso. E por tanto tempo – murmurei, abismada.

– Sei que parece bobagem, mas nós tínhamos um pacto de silêncio para não assustar você e os gêmeos com as histórias de assombrações dentro do quintal de casa. – Lucila levantou as mãos para o bosque à nossa frente, cruzando com um olhar significativo de George. Eu já não sabia quem censurava quem. – A verdade é que a cidade acha que somos corajosos, ou loucos, por morar tão perto da montanha assombrada. Por que você acha que só existem duas... Quer dizer, agora, três casas em nossa rua?

Enquanto eu tentava raciocinar por sua perspectiva, Lucila emendou uma risada e começou outro assunto. Mas, desta vez, eu estava surpresa demais para me concentrar. E se alguém tinha o poder de ouvir sem escutar, essa pessoa, com certeza, era eu. Tudo bem, eu era distraída, mas isso soava muito estranho... Nunca, em toda a vida, sequer suspeitei que vivia ao lado de uma montanha assombrada! Parei meus olhos em meu avô e concluí que os segredos eram levados muito a sério na casa dos Wels.

Minha animada vizinha ainda falava sobre as novidades da cidade quando perdi meus olhos na imensidão verde, tentando imaginar o tipo de pessoa que vivia em um lugar tão inacessível...

– ... A Casa Botânica na entrada da cidade é uma grande novidade! Os filhos, Alexander e Viviana, cuidam do lugar. Eles se esforçam e o lugar é realmente maravilhoso, mas vive vazio. Os dois têm mais ou menos a sua idade e, além de parecer duas pinturas, são muito educados. Bem diferentes do primo, um rapaz de nome estranho que faz o tipo vilão de filme antigo. Ele chegou há mais de um ano, mas não é nada simpático. Na verdade, sua pose intimidadora dá arrepios! Mas ele é bem bonito, não posso negar. Sabe, tenho pena dos Von Berg. Depois que esse sobrinho chegou, os boatos sobre a família da montanha até pioraram...

A voz de Lucila era um zumbido ao fundo. Eu vasculhava minha mente procurando por lembranças que me levassem à montanha, ou até mesmo aos meus vizinhos misteriosos. E só consegui ficar ainda mais assustada. Não com as histórias de assombrações, mas com os lapsos em minha memória. O pior é que sabia que havia estado naqueles bosques com meus amigos, muitas vezes! E, apesar do meu esforço, apenas algumas imagens flutuaram, borradas... Aquilo parecia um sonho ruim.

A lembrança das brincadeiras endiabradas nos bosques da montanha podia ser inconsistente, mas a cicatriz atrás da orelha que ganhei em uma delas era bem real. Distraída, eu a afaguei.

– ... Mas esse tipo de comportamento é coisa do tal Di... Di...ppel, acho que é isso. As pessoas da cidade o tratam com formalidade e isso é curioso porque ele nem é velho. Deve ter a idade do Arthur. De qualquer forma, se você resolver trabalhar com seu avô na revendedora de madeira, vai acabar esbarrando com a figura.

Houve uma longa pausa na voz de Lucila e o silêncio chamou minha atenção. Encontrei seus olhos e ela parecia esperar por uma resposta.

– Desde que sua mãe foi embora, George só tem aquele dinossauro que ele chama de secretária para ajudá-lo. Ele não reclama, mas ela e nada é a mesma coisa. – Lucila se remexeu, incomodada. – E então? Você pretende ajudar seu avô na revendedora?

Inspirei longamente.

– O que mais quero é ajudar meu avô – respondi prontamente, com sinceridade. – Quero ser útil, retribuir o que ele está fazendo por nós.

Meus olhos foram do rosto aliviado de Lucila para George, que ainda brincava com Alice no meio do matagal que ele chamava de jardim. Sabia que ele ia negar minha ajuda, mas já estava decidido. Eu tinha planos de arrumar um emprego na cidade, mas era óbvio que o emprego estava me esperando ao lado da família... como sempre.

Lucila fitou o relógio de pulso por um segundo e se levantou apressada.

Eu tinha muito a fazer e resolvi segui-la. Queria conhecer a nova escola de Alice, me familiarizar com o supermercado e, quem sabe, fazer um agrado a George. Queria mimá-lo, retribuir sua atenção e, principalmente, suas surpresas.

Conexão

Para minha alegria, tudo que eu precisava ficava na avenida principal da cidade. Não tive problemas com a nova escola de Alice e, depois de comprar o material escolar, fiz uma visita eficiente ao supermercado. Tinha algum tempo de sobra antes de providenciar um jantar decente, e resolvi usá-lo para procurar um presente para meu avô.

Como eu, George não era simpático a presentes. A não ser que tivessem significado. Nada de meias ou lenços, eu precisava pensar em algo especial! Lembrei-me do matagal no quintal, o descaso com o jardim... os comentários de Lucila... e uma ideia iluminou minha perspectiva. Meu plano era ambicioso, mas me convenci de que era um ótimo plano. Nunca tive intimidade com a terra, mas concluí que só precisava de algo pontudo para fazer buracos e algo colorido para colocar dentro deles. Depois era só jogar um pouco de água e esperar a natureza seguir seu curso. Perfeito!

No centro, as pessoas pareciam confusas ao dar informações; depois de algumas tentativas, segui indicações para uma Casa Botânica na entrada da cidade. O suntuoso galpão de vidro parecia tudo, menos uma floricultura. Ainda assim, entrei no estacionamento procurando pelo lugar ideal... onde houvesse mais vagas do que carros. Mas estava tudo vazio. A garoa fina retornou e saí do carro apressada. Pretendia correr até a cobertura da loja, mas perdi minha chave no caminho. Interrompi minha corrida para pegá-la e o barulho cortante de pneus derrapando quase me matou do coração. Congelei no lugar por tempo suficiente para sentir a água saturar meu cabelo... Precisava sair dali, e uma buzina nervosa concordou comigo. Desviei do carro preto, estranhamente familiar, para me abrigar sob a cobertura da loja. Por sorte, não havia testemunhas. Alívio.

Procurei pelo carro nervoso além do aguaceiro, mas ele já havia desaparecido atrás do prédio. Uma suspeita me incomodou, mas duvidei que aquele fosse o mesmo SUV homicida de mais cedo. Seria muito sarcasmo do universo. De qualquer forma, os moradores da cidade não pareciam preocupados com os limites seguros de velocidade. Depois de chacoalhar a água da jaqueta e normalizar minha respiração, entrei na loja... Aquilo estava muito, mas muito longe de ser uma floricultura.

A estufa de vidro, ricamente decorada com lanternas, fontes e estátuas graciosas, lembrava um fantasioso e gigantesco jardim de inverno. Repleto de cores, luzes e aromas. A parte da frente parecia uma loja de cosméticos do século passado, com muitas prateleiras e uma grande variedade de frascos de vidro

colorido. Tudo vazio. Por um momento, tive dúvidas se estava no lugar certo... Até que um cheiro convidativo invadiu meu nariz, como o *mix* floral de um buquê perfeito. Sim, este era o lugar certo. Dei um passo à frente sem pensar, ainda inspirando, e observei a luz penetrar pelo teto de vidro, deixando uma névoa esbranquiçada para trás... Eu parecia estar em outro mundo.

– Seja bem-vinda!

Pulei no lugar. Ao meu lado, um rapaz louro de cabelos espetados surgiu do nada. Seu rosto era belo, desconcertante, e pareceu sincero com um sorriso. Mas aqueles olhos prateados estavam muito perto para uma avaliação.

– Oi – comecei, mas seus olhos estupidamente claros me distraíram... em um instante as palavras se perderam.

– Estou honrado em vê-la aqui. Esse dia será memorável!

Contemplei seu entusiasmo com um sorriso amarelo. Já tinha entendido que o movimento no comércio da cidade era escasso, clientes fora da temporada deveriam ser uma raridade, mas sua recepção foi um tanto exagerada. Ainda assim, sua alegria contagiante fez crescer um sorriso envergonhado em meu rosto.

– Ah... na verdade, eu...

– Alex! Quero falar com você. Agora! – O rugido grave me interrompeu no meio da palavra, ecoando pelos corredores, rompendo o suave tilintar da chuva no teto de vidro.

O rapaz de cabelos espetados deixou cair os ombros, parecendo desapontado. Como uma criança que vai levar bronca, espiou por cima dos ombros, depois voltou os olhos para mim como se pedisse desculpas.

– É melhor você esperar aqui.

Aquilo não era um aviso, mas um apelo. Como se ele temesse por mim. O rapaz não esperou minha resposta e caminhou apressado até o fundo da grande estufa.

Em um canto escurecido pela sombra de grandes arbustos, uma figura indefinida o aguardava. Ainda estava com a boca aberta e senti meu rosto queimar, uma mistura de constrangimento e revolta por ter sido interrompida aos gritos. Mesmo sem querer, comecei a ouvir a voz grave do homem que parecia enfurecido, e fui solidária ao desconforto do rapaz. Não compreendi o teor da discussão; de toda forma, não era educado ouvir a bronca alheia. Por reflexo, comecei a me afastar.

Segui o corredor no sentido contrário, tentando me distrair com as flores... Inútil. A injustiça sempre influenciava meu temperamento de pavio curto e, a certa distância, virei para analisar o homem mal-educado que ainda expelia murmúrios ríspidos. Ele era alto, vestia roupas escuras e seus ombros largos

pareciam rígidos enquanto rosnava para o rapaz. Mechas de cabelo cor de carvão balançavam desalinhadas na pele branca, conferindo-lhe uma aparência intransigente, quase rebelde... Essa postura passava uma mensagem clara, quase um alerta. De perigo. Essa conclusão me deixou nervosa.

Recuei alguns passos, distraída, e esbarrei em um dos vasos, que tombou no chão. O som agudo da cerâmica no piso de cimento ecoou pelo galpão de vidro, o homem irritado olhou rapidamente sobre os ombros, na minha direção, e a conversa acabou. Ele não perdeu tempo e seguiu com um andar elegante para o fundo da estufa, entrou em um tipo de escritório e bateu a porta.

Depois de acompanhar a cena como eu, o rapaz de cabelos espetados veio ao meu encontro. Mesmo sabendo que presenciei a discussão, ele parecia tranquilo. Mas eu estava constrangida por nós dois e, imediatamente, levantei o vaso caído. Seus olhos prateados continuavam simpáticos e, ao contrário do homem grosseiro, ele combinava com o ambiente. O rapaz vestia roupas claras e tinha um ar gracioso. Longe do homem de cabelos escuros, ele não parecia nada franzino... Involuntariamente, abri outro sorriso amarelo.

– Desculpe, acho que não nos apresentamos adequadamente.

– Meu nome é Melissa, Melissa Wels.

– Sou Alex.

Estreitei os olhos. Ainda pertencia a um mundo onde as apresentações *adequadas* incluíam nome e sobrenome.

Sem perder tempo, expliquei minhas pretensões paisagísticas e Alex reuniu rapidamente tudo que eu precisava. Observando as caixas acumuladas aos meus pés, ele ofereceu os serviços de entrega da loja, que aceitei com um grande sorriso. Em meu carro não havia espaço para mais nada! Alex me acompanhou vagorosamente até a porta, dedilhando um interrogatório sem propósito. O rapaz parecia estranhamente interessado em minha família, em minha infância... em toda minha vida... e, na segunda rodada de perguntas pessoais, eu o interrompi. Embora a curiosidade fosse uma marca registrada da cidade, afirmei a mim mesma que não precisava me chatear no primeiro dia. Além disso, estava gostando de Alex. Apesar de sua indiscrição, não consegui ficar aborrecida.

Deixei a estufa às pressas; já era tarde e estava com medo de que George se aventurasse na cozinha mais uma vez. A chuva caía mais forte agora e me atrapalhei ao ligar o limpador de para-brisa... No meio de uma manobra cuidadosa, percebi um vulto. O carro preto, aquele impaciente, cruzou a frente do sedã fazendo-me frear bruscamente. As sacolas do banco traseiro se chocaram contra o encosto do meu banco e algumas foram parar no painel. Fiquei tentada a buzinar, mas perdi a chance quando o SUV desapareceu na cortina de água. Recuperada do susto, arrumei minhas sacolas e, mesmo

ocupando o espaço de duas vagas, precisei manobrar duas vezes antes de sair.

A noite chegou e a estrada lamacenta exigiu o dobro de cuidado, me atrasando ainda mais. Para completar minha impaciência, uma caminhonete prata estava parada na entrada cimentada da garagem, logo atrás da Ford robusta do meu avô. Quem quer que fosse a visita, não estava com pressa. E provavelmente ficaria para o jantar. Só que eu estava atrasada para fazer o jantar. Ótimo!

Estacionei o sedã no mar de lama junto à guia e fiz três viagens pela chuva até deixar todas as sacolas na proteção da pequena varanda. Com alguns embrulhos nos braços, abri a porta com dificuldade e, no primeiro passo, senti o chão de tábuas corridas escorregar sob meus pés. A água pingava do meu cabelo e concluí que seria melhor parar ali, antes que o estrago fosse maior.

Uma conversa animada vinha da sala e Alice foi a única a notar minha presença. Ela correu para a porta, mas, ao invés de carregar as sacolas, começou a esvaziá-las por pura curiosidade.

– Aí está ela! – George finalmente veio me encontrar, mas seu sorriso desapareceu quando seus olhos pousaram em mim. – Mel, você está toda... molhada. Por que não pediu ajuda? – Ele tirou o cabelo molhado do meu rosto com uma expressão de martírio.

Levantei os ombros. Para mim, uma pessoa molhada com os sapatos enlameados já era suficiente. Com um suspiro impotente, George pegou algumas sacolas e caminhou até a sala:

– Você pode ajudar a Melissa com os pacotes?

– Claro. – Uma voz decidida ecoou pela casa. Logo depois, um rapaz alto, de físico atlético, apareceu no pequeno hall. Seu rosto suave se iluminou com um sorriso largo e com um gesto ansioso ele escorregou os dedos pelos cabelos cor de mel, que retornaram para sua testa no mesmo instante. Olhos dourados brilhavam como areias de um deserto ensolarado e um charmoso furinho em seu queixo acentuou seu sorriso... Aquele rosto era como uma lembrança antiga.

Preparei um sorriso receptivo, que se desfez quando os lábios do rapaz deixaram escapar uma gargalhada sonora.

– Ah, Mel, você continua a mesma. Parece que estou tendo um *déjà vu*!

George voltou da cozinha rindo do comentário do visitante. Tentei entender a falta de solidariedade nessa genética, que fazia um avô rir da própria neta, sangue do seu sangue. E, se havia algo no mundo que despertava minha inconformidade, era ver alguém rindo da minha falta de jeito.

– Mel, você se lembra do Arthur? – George bateu as mãos nas costas do rapaz com um sorriso orgulhoso, formalizando as apresentações. – Ele veio

trazer nosso jantar. A Lucila não acreditou que você teria tempo para cozinhar e achou que estaria cansada para ir ao restaurante, então mandou um presente de boas-vindas. Ela pensa em tudo!

George apontou duas travessas de alumínio sobre a mesa e sorriu, antes de levar mais algumas sacolas para a cozinha.

– Diga à Lucila que agradecemos muito – falei, educada. Isso era tudo que meu humor permitia depois da recepção do vizinho bem-humorado.

Arthur concordou com a cabeça e, ainda sorrindo, pegou um dos pacotes de meus braços. O outro quase caiu e derrapei no assoalho ao tentar segurá-lo. Ele me apoiou com a mão livre e riu com mais vontade desta vez... Isso já era provocação.

– O que é tão engraçado? – perguntei, irritada.

– Você! – Mais uma gargalhada. – Está exatamente igual... Desastrada, molhada e coberta de lama!

Para mim, aquilo foi a gota d'água.

– Minhas lembranças de você também não mudaram, Arthur. Você continua... irritante! – Parei, apertando os lábios, tentando encontrar as palavras certas. Era revoltante ser o tipo de pessoa que têm amnésia na hora de dar boas respostas. Para piorar, minha falta de agilidade mental provocou uma nova onda de risos em Arthur.

– Crianças! – George levantou as mãos como quem aparta uma briga. – Vocês mal se encontraram, não vão recomeçar com isso. – Ele soltou o ar, contrariado. – Arthur... colabora. E você, Melissa, não exagere. O que é mais um pouco de lama? Você não ficou irritada com o banho de lama de mais cedo.

Apertei os olhos, inconformada. George não iria facilitar nossa convivência se relatasse todos os meus momentos humilhantes para a vizinhança.

– Jogaram lama em você? – Arthur iniciava um novo acesso de risos.

Não ia me dar ao trabalho de responder, mas George, realmente, não estava no meu time:

– Da cabeça aos pés! – ele não conseguiu se conter e, perdendo o que restava de sua compaixão, compartilhou do humor de nosso vizinho. – Desculpe, Mel, mas foi engraçado.

Incrédula, balancei a cabeça ao perceber que Alice também ria.

– Eu quase fui ATROPELADA. – Falei bem devagar, tentando trazer um pouco de seriedade ao fato. – Foi muita sorte o BMW ter desviado.

– Não pode ser... – Arthur irrompeu, surpreso – Um BMW? Um X5 preto? Um dos Von Berg quase te atropelou? – Levantei os ombros com indiferença e Arthur balançou a cabeça, o sorriso ainda pendurado em seus

lábios. – Pelo visto, você continua azarada mesmo... Mal chegou e já arrumou confusão com a família mais estranha da cidade. Cuidado, Mel, isso pode virar uma maldição!

Uma gargalhada finalizou o comentário, esquentando o sangue em minhas veias. A escassez de paciência nunca ajudou meu temperamento de pavio curto. Sem me dar conta, palavras irritadas dispararam de minha boca:

– Ser sua vizinha é minha maldição! Não pense que esqueci como você infernizava minha vida e a da sua irmã, seu...

– Melissa! – George me interrompeu. – Agora chega! Acho que vocês já estão bem grandinhos e podem muito bem deixar essas desavenças bobas de lado.

Olhei para meu avô, incrédula. Ele nunca ficaria do meu lado? Minha vontade era bater os pés no chão, apontar o dedo indicador para o objeto de meu ódio e gritar *foi ele quem começou!* Mas eu era adulta, e tinha que assumir minhas responsabilidades. Procurei por Alice e seus olhos verdes brilhavam, como se estivesse assistindo de camarote o *Show do Dinossauro Barney*. Essa idade era terrível! Qualquer coisa que eu dissesse hoje, ela estaria repetindo amanhã. Por isso, respirei fundo e forcei meu melhor sorriso cínico.

Arthur não ria mais, mas tinha uma estranha satisfação no rosto.

– Pode deixar, George, ela não falou sério. Não é, Mel? – Ele usava um tom provocador e veio ao meu encontro, chegando perto, perto demais. – Você poderia, por favor, tirar o tênis sujo de lama? – solicitou, como se a casa fosse dele. – Ou vai sujar a casa toda!

Com outro sorriso triunfante, Arthur apontou o dedo indicador para meu nariz, quase o tocando. Virei o rosto instintivamente. Sem se abalar, ele passou por mim com seu humor irritantemente charmoso e pegou o restante das sacolas no chão.

Infelizmente, Arthur ficou para o jantar. Ajudou a secar a louça, brincou com Alice e até com o coelhinho. Conversou com George sobre pescaria e futebol e, mesmo tentando ficar indiferente à sua presença, tive que admitir, ele foi simpático com minha família. Minha raiva diminuía gradativamente com o passar das horas, mas ainda olhava meu antigo vizinho com desconfiança. Arthur se despediu com cordialidade, mas eu estava cansada demais para me importar com o possível retorno dessa amizade.

Em minutos, coloquei Alice em sua nova cama e desabei na minha, feliz por esse dia ter acabado.

Despertei com a claridade e me sentei na cama num pulo. Tinha a sensação de estar no lugar errado. Mas logo meu cérebro sintonizou os recentes

acontecimentos... Ah! Tudo bem, eu estava em outra casa, em outra vida. Que não era a minha. Na minha antiga vida, sabia exatamente o que esperar. Hoje, eu não tinha ideia de nada.

Olhei o espelho na porta do guarda-roupa e quase tive o mesmo pensamento de solidariedade que tanto me incomodava. Não era problema a estranha no reflexo ser magra, mas sua aparência continuava fadigada. Apesar da noite de sono profundo, olheiras insistentes faziam com que o aspecto da estranha parecesse doente. A imagem era triste. Depois de um suspiro impotente, caí de costas na cama, puxando o edredom até o rosto... Mais cinco segundos não fariam mal. Tentei lembrar meu sonho... A noite sem pesadelos foi novidade. Eles eram comuns nos últimos meses.

Espiei o relógio de cabeceira... e ralhei comigo mesma.

Sempre tive problemas com a pontualidade e, para variar, podia esquecer o café da manhã. Mas, em hipótese alguma, deixaria Alice perder seu primeiro dia de aula. Levantei-me às pressas e senti uma tontura familiar. Sabia que precisava me alimentar melhor, mas ninguém podia me culpar por não ter apetite nos últimos tempos. Inspirando pausadamente, puxei o cabelo em um rabo-de-cavalo e, sem perder tempo, vesti o primeiro jeans com blusa de malha que estava ao alcance das mãos. Calcei meu tênis na porta e desci a escada pulando os degraus. Quase me choquei com George no corredor e ele me lançou um olhar reprovador. Não sabia se devido à minha aparência ou ao atraso. Finalmente entrei no quarto de Alice e abri as cortinas para a manhã de sol. Sol... Isso era um bom sinal!

Escondendo sua preocupação, George se despediu, seguindo sua rotina a caminho da Revendedora de Madeira Wels. Pedi que voltasse para o almoço e ele pareceu animado com a novidade. Depois da breve distração, voltei-me para a criança sonolenta e, literalmente, arrastei minha irmã fora da cama para vesti-la. Alice não estava a fim de cooperar.

– Não quero ir para a escola hoje, Tata...

O dilema de toda criança. Dos cinco anos até a faculdade, ela diria essa frase pelos próximos vinte anos.

– ... Quero ficar aqui, com você e o coelhinho. Ele não quer ficar sozinho.

Ignorei suas reclamações e, já na cozinha, joguei o leite sobre o cereal, indicando a cadeira para que ela se sentasse. Observei a menina emburrada se arrastar para a mesa, enquanto o sol amarelo a seguia como um holofote. Os raios brilhantes atravessaram a janela da cozinha, iluminando seus emaranhados ruivos... Alice parecia ter luz própria. Admirei a aura alaranjada contornar seu

pequeno corpo, encantada. E, depois de piscar algumas vezes, o efeito sumiu. Eu ri. Alice era encantadora, mesmo emburrada. Ela engoliu o cereal resmungando; assim que terminou, saímos porta afora.

O carro teve certa dificuldade para pegar, mas chegamos à escola antes de o portão fechar, o que me deixou muito satisfeita. Lilian, a ajudante da professora, foi muito atenciosa com Alice e fiquei quase tranquila. Apenas para acalmar meus nervos, circulei pelos corredores da nova escola... No fundo, não queria deixá-la ali. Definitivamente, estava mais insegura do que minha irmã com essa nova separação.

De volta à casa, logo me distraí. Minha meta era fazer uma faxina, o almoço e esperar pela entrega das plantas. A casa estava abandonada há tempos e eu precisava desesperadamente de uma motivação. Com meus CDs favoritos em mãos, estava disposta a fazer o som obsoleto da sala funcionar... Desisti depois de algumas tentativas. O aparelho pré-histórico estava engasgado com algum CD de George e, um pouco temerosa, apertei o play. O *folk* nacional não era a companhia que esperava, mas era o que podia ter. Fazer faxina ao som de um rock alto é revigorante, mas eu tinha duas opções: ouvir as músicas de George, ou parar tudo para procurar meu iPod entre a pilha de caixas em meu quarto. Com o tempo correndo, escolhi o *folk* nacional e parti para a tarefa.

A casa era pequena e o trabalho todo, incluindo a lasanha, não levou três horas. Já estava na hora de buscar Alice e nem sinal da entrega das plantas. Na pior das hipóteses, teria que voltar até a estufa.

Quando retornei para casa, encontrei meu avô parado na porta da frente com as mãos na cintura, admirando um amontoado colorido. Lá se foi o efeito surpresa do meu presente. De qualquer forma, seu rosto confuso se iluminou quando revelei que aquilo tudo seria seu novo jardim. Com um sorriso emocionado, ele agradeceu, demorando-se no abraço silencioso. Ainda estávamos na varanda, admirando Alice destruir as flores para fazer um buquê, quando George levantou a mão para cumprimentar um carro que passava na rua. Virei, imaginando meu vizinho irritante, mas, para minha surpresa, me deparei com o SUV homicida. Era ele, eu tinha certeza.

Os vidros escuros estavam abaixados e pude ver o motorista, um homem de cabelos negros, que se agitavam rebeldes com o vento. Não consegui distinguir muito de sua aparência devido ao movimento do carro, mas o conjunto pareceu harmônico. Com um gesto rápido, o homem tombou a cabeça; tive dúvidas se aquilo foi um cumprimento. Como era de se esperar, o SUV acelerou, e uma nuvem de poeira cobriu a varanda.

– Quem era, *Opa*?

– O senhor Dippel. – George disse com indiferença e seguiu Alice,

literalmente pulando as caixas para entrar em casa.

O nome soou estranho. Pelo que entendi, a família da montanha se chamava Von Berg... Mas era importante meu avô conhecer o motorista, para denunciá-lo quando eu finalmente fosse atropelada. Pensei em comentar o assunto, mas George pareceu apressado... Talvez atrasado. Ou apenas com fome. Conhecendo meu avô, sua ansiedade se resumia à vontade de saborear o primeiro almoço caseiro depois de tanto tempo. Teria muitas chances para importuná-lo com os assuntos da vizinhança e decidi atender sua necessidade básica por comida. Por enquanto, a atitude mais sensata seria manter distância do SUV e seu motorista enlouquecido.

Alice estava empolgada com a atividade da tarde, e a conversa do almoço se concentrou no planejamento do novo jardim. Uma nova rotina estava se formando; enquanto George e Alice retiravam os pratos, comecei a lavá-los na pia. Tudo pareceu simples e fácil... Sem aviso, fui tomada por um arrepio de medo. O receio de que minha nova vida desmoronasse era infundado, mas compreensível. Não podia perder tudo de novo. Puxei o ar com força e George percebeu minha expressão de pânico. Ele entendia essa expressão melhor do que ninguém e, sutilmente, tentou me distrair.

– Ah, Mel, onde você comprou as plantas? – O tom curioso disfarçava a preocupação.

– Numa estufa de vidro que me indicaram quando fui ao centro. – Falei respirando devagar, agradecida por George querer conversar sobre banalidades. A sensação de que algo ruim se aproximava mais uma vez estava realmente me assustando. – Fica na... fica na entrada da cidade.

– Você foi até a Casa Botânica? – Desta vez, o interesse de George foi genuíno, e assenti, concentrando minha atenção na conversa. – É lindo, não é? Modéstia à parte, as madeiras do deck externo e os paletes que sustentam os vasos vieram da Revendedora Wels, tudo feito por encomenda. Os Von Berg se tornaram nossos melhores clientes nos últimos tempos.

E a ficha caiu. O prato que eu segurava também. Eu o agarrei desajeitada, enquanto balançava a cabeça, sentindo-me um tanto tola... Era isso que estava deixando escapar! Comecei a lembrar de *flashes* da conversa com Lucila e as coisas fizeram algum sentido. Ela disse que o filho do dono da Casa Botânica se chamava Alexander – Alex – e o motorista do SUV BMW preto deveria ser o sobrinho antipático. Provavelmente era ele na loja, tendo a conversa zangada com o primo. E agora tinha certeza de que era ele no estacionamento. Fiquei surpresa por cruzar tantas vezes com esse homem sinistro. E, pelo que presenciei, sua fama lhe fazia justiça.

Depois de alguns segundos, George ainda me olhava, aguardando.

– A Casa Botânica é linda – apressei-me em confirmar. – Fui atendida por um rapaz... Alex, e ele foi... muito simpático.

– Alex parece ser um bom rapaz – George disse duvidoso, depois riu com humor. – Acho que você teve sorte. Se tivesse encontrado com o Dippel, não teria gostado tanto do lugar. Não que ele seja má pessoa, mas não posso negar que aquele homem é estranho.

– Acho que já encontrei com ele... Tenho certeza que foi o carro dele que quase me atropelou. “*E ainda me cobriu de lama!*”, completei em pensamento.

– Você não pode ter certeza, Mel. – George tentou usar a diplomacia, mas eu tinha certeza agora. Meu avô observou minha expressão decidida e argumentou, receoso. – Não quero confusão com eles, Melissa, principalmente com o tal de Dippel.

– Fique tranquilo, *Opa*, não vou arrumar confusão com os vizinhos. – Eu ri. Pelo contrário, pretendia ficar longe deles! – Entendi que eles são clientes importantes para a revendedora.

– Não é por isso. – George me cobriu com seu olhar reprovador. – Sei que ele estava errado correndo pela rua, mas há muitos boatos envolvendo aquela família e seria prudente não aumentar o falatório. O senhor Dippel chegou há pouco tempo, não parece ser como a família da montanha... – A pausa comparativa me fez unir as sobrancelhas. – O sujeito é sério... um pouco mal-humorado, mas, se você é correto e justo com ele, ele será correto e justo com você. Não vejo problemas com isso.

Uni as sobrancelhas mais uma vez.

– Ele não parece velho. Por que você o chamou de *senhor*?

George coçou o cavanhaque ruivo.

– É estranho, não é? – murmurou. – Acho que funciona como uma barreira... Entende? – Ele procurou as palavras. – Ele pode até ser jovem, mas tem a expressão de quem já viveu muito. Parece até mais velho do que eu! – Rimos juntos e George completou. – Todos nós fomos influenciados pelas histórias da montanha, Melissa. Aí chega esse rapaz mal-encarado, e as fofocas voltam a ser novidade. Não sei qual é o problema dele e o que o faz agir assim. Na verdade, não me importo. Às vezes acho tudo isso um exagero. Mas, por via das dúvidas, recomendo que mantenha distância. – Ele balançou a cabeça com pesar, levando os olhos até Alice. – Nesta cidade, os boatos ultrapassaram os limites da privacidade e não quero que se importe com o que ouvir por aí. Não quero minhas netas envolvidas em confusões.

Entendi seu alerta. Minha mãe era o exemplo preferido da cidade sobre o que uma moça decente *não* deve fazer, e meu nome era sussurrado com compaixão desde que nasci. Portanto, era óbvio que a morte precoce de

Angelina, e meu retorno com a pequena e indefesa Alice, havia reavivado os boatos sobre as meninas Wels também.

Suspirei, solidária, tranquilizando meu avô com um sorriso. Mas George ainda me observava com cuidado.

– Também quero que tomem cuidado. Não se afastem demais... A última vez que esta família se envolveu em confusões foi quando você se perdeu no bosque, e não quero viver aquela agonia de novo.

– O quê? Eu... eu me perdi?

Era só o que faltava! Além de não ter memórias dos bosques da montanha, não lembrava de ter me perdido! Enquanto eu mordia o lábio, temendo alguma doença misteriosa que apagava minha memória, George esclareceu:

– Você não se lembra do machucado que virou essa cicatriz? – Ele apontou para meu pescoço. – Aquele dia foi uma loucura! Você estava brincando com os gêmeos e sumiu por uma tarde inteira. Estavam todos preocupados, procurando por você. Inclusive os Casella.

Permaneci muda, chocada, assustada e intrigada.

Sabia que havia conseguido a cicatriz em alguma aventura e, até o momento, achava normal não me lembrar dos detalhes. Na verdade, com a numerosa coleção de cicatrizes em meu corpo, nunca perdi meu tempo memorizando a história de cada uma. E uma única coisa fez sentido, a superproteção dos meus avós.

Olhei para Alice e imaginei meu desespero se ela sumisse no bosque de árvores escuras... Ela encontrou meus olhos e sorriu.

– Tata, nós vamos plantar as flores agora? Você prometeu!

Confirmei enquanto soltava o ar, procurando alguma estabilidade emocional.

George esqueceu o assunto rapidamente, ou desviou dele para não alarmar minha irmã. Ele também se animou com a tarefa paisagística e, por quase uma hora, podou o mato que crescia descontrolado, abrindo passagem para o futuro jardim. Percebendo que o tal *trabalho de jardinagem* iria demorar, voltou para a revendedora.

Alice e eu passamos a tarde toda do lado de fora. Em determinado ponto, eu tinha quase certeza do que estava fazendo... Sem levar em conta os sumiços inexplicáveis da minha pá de jardim, progredimos bem. Cheguei a ralar com Alice pela brincadeira e ela afirmou que era sem querer. Como alguém pode esconder algo sem querer? Se ela repetia, era por querer! Deixando as travessuras infantis de lado, meu único receio era ver o coelhinho, que Alice insistia em deixar solto, fugir gramado afora. Mas a bola peluda, incrivelmente

obediente, permaneceu ao lado de minha irmã, não se afastando mais do que dois pulos.

E assim, nós rimos despreocupadas por horas... simplesmente felizes. Felizes como há muito tempo não ficávamos.

Olhar

Na manhã seguinte, depois de deixar Alice na escola, estava preparada para assumir minhas funções na Revendedora Wels. O novo trabalho não era problema, mas, infelizmente, todos pareciam informados sobre nossa chegada; trabalhar no comércio não ajudava com o anonimato. Por várias vezes, cruzei com olhares de solidariedade em rostos que nem conhecia, e era rotina ouvir sussurros indiscretos pelas costas. Isso incomodava. Muito. A cada dia compreendia mais a escolha de minha mãe. Trocar a segurança da família por um pouco de paz me pareceu totalmente justificável.

No terceiro dia na revendedora eu já tinha algumas funções definidas, a maior parte delas, delegadas por Célia, a secretária centenária. Ela trabalhava para os Wels há gerações e não falava em se aposentar. Mas pareceu feliz ao abrir mão das visitas burocráticas à prefeitura.

– Escadas – justificou.

Graças às indicações de Célia, eu sabia quem procurar, mas era minha primeira vez no antigo casarão de pedra e todos os corredores pareciam impossivelmente iguais! Subi e desci três lances de escada, três vezes, mas sempre acabava no lugar errado. Depois de cruzar o mesmo hall duas vezes, resolvi pedir informações. Um homem alto, parado de forma distraída ao lado de uma janela, pareceu um presente do destino. Ele estava de costas para mim e suas roupas escuras enalteciam ombros largos... Confesso, seu tamanho chegou a intimidar. Os anos melhoraram minha timidez, mas o familiar constrangimento sempre estava lá.

– Desculpe incomodar, estou um pouco perdida... Você pode me ajudar?
– indaguei educada, mas o homem não se mexeu. Apesar de nossa proximidade, ele não pareceu ter escutado. Limpei a garganta, tinha exatamente uma hora antes de pegar Alice e precisava me apressar. Com meio passo à frente, insisti, dessa vez com um tom de voz mais alto. – Desculpe, o senhor pode me ajudar?

O homem pareceu ouvir e endireitou os ombros, ficando ainda mais alto.

Um arrepio correu minhas costas com uma espécie de pânico. Talvez não fosse uma boa ideia incomodar um estranho daquele tamanho.

Mas isso era ridículo! Por que estava com medo dele? Por ele ser alto?

Respirei fundo. Agora tinha sua atenção e resolvi insistir.

– Se puder me ajudar, preciso achar uma sala e...

O homem de cabelos pretos girou ligeiramente a cabeça e uma pequena fração dos seus olhos cintilou com a claridade. Eles eram claros, como o céu

azul do outro lado da vidraça. Antes que eu terminasse a frase, ele deu dois passos rápidos na direção da escada. Em silêncio e sem olhar para trás, o homem deslizou elegantemente pelos degraus.

Encarei seus ombros largos se afastando, atônita.

– Mal-educado! – vociferei para o fim da minha visão.

Sem hesitar, segui para a mesma escada, determinada a encontrar a sala certa. No fim dos degraus, uma alma gentil me abordou.

– Precisa de ajuda? – A voz feminina soou educada.

Encarei a elegante garota de cabelos castanhos cacheados e, para minha alegria, seus óculos delicados sustentavam-se em cima de um sorriso amigável. Com um longo suspiro, perguntei pela tal sala e, para meu deleite, descobri que a garota meiga era Rose, a pessoa que procurava.

– Obrigada por oferecer ajuda – falei, enquanto a seguia pelos corredores seculares. – Não tive muito sucesso com o homem que acabou de passar por aqui.

Rose virou de súbito, arregalando os olhos.

– O homem alto? Vestindo preto? – Ela pareceu alarmada. – Você pediu ajuda para o senhor Dippel? – Rose riu nervosamente, como se isso fosse arriscado. Ah, então, aquele era o tal Dippel... Bem, suas atitudes só pioraram a imagem que tinha dele. Rose balançou a cabeça. – Você é corajosa!

Não concordava com ela, mas deixei passar. Para ser sincera, só queria sair dali.

No primeiro fim de semana na antiga nova casa, eu desempacotei as últimas caixas, organizei nossos pertences e abasteci o banheiro com um estoque considerável de sabonetes de jasmim. O aroma de jasmim era quase como uma herança de família, passada por minha avó à minha mãe, e, antes que eu percebesse, também havia adotado essa mania. Na verdade, o hábito se tornou cômodo... Eu não tinha paciência para perfumes, por isso usava bons sabonetes. Além disso, o aroma de jasmim tinha o poder de me acalmar desde a infância. E, nos últimos tempos, tornou-se muito necessário.

No fim da tarde, havia terminado. Deveria estar feliz, mas, depois de acomodar minhas coisas, isso se tornou definitivo... E já não sabia o que pensar. A fase da dormência parecia ter acabado, mas o vazio gelado ainda apertava meu peito. E remexer os livros de minha mãe só piorou isso. Eles eram minha referência, meu tesouro, e fiquei incomodada por não poder acomodá-los apropriadamente. Meu quarto não era grande, e a cama limitou o espaço de circulação. Cheguei a arrastar os móveis para que o imenso baú de minha avó não ficasse no caminho, mas, como o guarda-roupa era uma batalha perdida, o

quarto não ficou muito diferente do que estava.

Acomodei a escrivaninha embaixo da janela e o baú aos pés da cama. Ele era perfeito para guardar meus livros... Muitos livros. Alguns me acompanhavam desde criança, outros eram recordações da loja de minha mãe. Precisei esvaziar o baú em busca de espaço e me deparei com mil quinquilharias de minha avó. Entre xícaras antigas, mantas coloridas e um pequeno espelho dourado, encontrei o que parecia um antigo diário. Hum, muito promissor. O livro encapado com couro laranja estava fechado por dois pedaços de fita verde e, rendendo-me a curiosidade, folheeí suas páginas rapidamente. Com surpresa, reconheci a letra de minha mãe... Um diário de Angelina no meio das coisas de minha avó? Estranho.

Eu corria os olhos por suas páginas quando a campainha tocou. Deixei o antigo diário sobre o baú com meus livros prediletos, certa de que ele merecia uma leitura mais detalhada, e desci a escada num pulo. A visita fora de hora era exatamente quem imaginava: Lucila, o marido Antônio e Arthur, claro.

A presença da família Casella na casa de George foi rotina durante a semana, e percebi que isso nada tinha a ver com a minha chegada. Para eles, o termo *de casa* significava isso mesmo. Lucila sempre trazia delícias e parecia satisfeita com os sorrisos de Alice. Já o senhor Antônio se arrastava atrás dela pela cozinha de George, desanimado, mas isso durava pouco. Em alguns minutos de papo animado, ele abria um sorriso relaxado. Eu me contentava em observar a intimidade deles, muitas vezes me sentindo deslocada. Apesar das brincadeiras convidativas de Arthur, ainda era uma intrusa nessa amizade. Mas precisava admitir, era bom ver a alegria de uma grande família pairando ao redor da mesa. Então, tudo ficou claro... George havia se tornado a extensão da família Casella. Uma família de amigos que o acolheu com calor e amor. Aos poucos também ia me rendendo a esse calor, e já estava agradecida pela presença deles.

Entre a rotina e as visitas dos meus novos amigos, o tempo de alguma forma passou... levando com ele mais uma semana. Desta vez, subi sorridente a escadaria de pedra da prefeitura para mais uma visita burocrática. Os corredores do casarão secular eram finalmente familiares, mas não era só isso, estava feliz por ter conhecido alguém como Rose. A simpática secretária era uma garota gentil, tinha aproximadamente minha idade e descobri, animada, que possuíamos interesses comuns: livros. Ocupávamos algum tempo das minhas visitas com conversas despreocupadas e, na maioria das vezes, eu saía atrasada. Rose, como os outros, sabia da minha história, mas nunca fez perguntas ofensivas ou lançou aquele olhar indesejado. Pelo contrário, de certa forma, parecia feliz com minha chegada.

Rose viveu a vida toda em Campo Alto, e não fiquei surpresa ao descobrir que ela, Arthur e Helena foram amigos de escola. Identifiquei algo em seu olhar quando ela se referiu ao meu vizinho e suspeitei que essa amizade adolescente significasse algo mais... Mas não iria perguntar. Precisava retribuir sua descrição de alguma forma. Ainda assim, era fácil imaginar. Eles... combinavam. Rose também era bonita, elegante, e possuía aquele conjunto de qualidades que torna uma pessoa especial. Por trás dos óculos delicados, seus olhos castanhos eram sinceros a cada palavra. E o principal, sua voz deixava transparecer a bondade de seu coração. De maneira sutil, ela tentava me motivar. E, pela primeira vez, estava agradecida pela intenção.

Minha nova amiga puxou uma revista de moda da gaveta. Ela havia se candidatado para ser minha *personal stylist* e o assunto antes monótono passou a ser quase interessante. Rose apontava para fotos com combinações elaboradas, até que uma rajada de vento gelado disputou minha atenção. Levantei os olhos para a janela, contemplando as nuvens de mais um dia chuvoso. Seria melhor sair antes do aguaceiro. Com pesar, interrompi a aula de moda e percebi minha amiga ficar tensa.

Rose olhava por cima dos meus ombros e seu sorriso sincero sumiu. Ela ajeitou os óculos de forma nervosa e, sem aviso, tomou os documentos da revendedora que já estavam em minha mão, devolvendo-os à mesa. Ainda sorrindo pelo teor despreocupado da conversa, girei a cabeça, procurando na porta o motivo de sua agitação... E ele estava vindo.

Antes que percebesse, meus olhos ficaram presos na figura fascinante.

O homem alto de ombros largos usava um combinado preto, simples e perfeito. Seu corpo se movia na roupa justa enquanto ele caminhava ao meu encontro, como um grande felino, elegante e sedutor. Seu rosto possuía traços fortes, bonitos, mas sérios. De certa forma, ele parecia triste. Sobrancelhas grossas emolduravam olhos penetrantes, e o nariz, reto, bem definido, completava lábios assimétricos. Mechas escuras caíam sobre sua testa, fazendo contraste com a pele clara e perfeita. Essa aparência desafiadora conferia-lhe um charme enigmático, irresistível... A imagem mereceria um suspiro, se eu estivesse respirando.

Eu contemplava a perfeição... e congelei ao cruzar com seus olhos turquesa. Era impossível desviar. Como estar hipnotizada, dominada por uma força maior. Ele parou a um metro de distância, ainda encarando, não sei dizer quanto tempo ficamos assim, conectados.

– Bom dia, senhor Dippel.

Ele desviou o olhar quando Rose chamou seu nome.

Da mesma forma, levei os olhos para o chão, inspirando com mais força

que o necessário. Então, *ele* era o tal Dippel... finalmente vi seu rosto. E que rosto!

Ele deu um passo, parando em frente a mesa de Rose.

– Meus documentos estão prontos? – A voz autoritária rugiu ao meu lado.

Seu timbre grave retumbou na acústica da sala com um sotaque perceptível, mas indefinido. O eco dessa voz única tomou meus ouvidos com uma melodia vibratória, envolvente... Eu ainda olhava para o chão, procurando respirar normalmente, e fiquei estranhamente tonta. Mas o que era isso?

– Sim senhor. Ah... Melissa? Você se importa em esperar um pouco? Vou pegar um documento no arquivo e já volto. – A voz de Rose soou apreensiva.

A princípio não entendi, mas, lembrando-me de sua reação, concluí que ela estava me pedindo para ficar. Virei devagar para ler seu rosto, duvidando do meu equilíbrio, e Rose ajustou os óculos nervosamente. Ela não estava pedindo, estava implorando.

– Claro, eu aguardo. – Minha voz saiu baixa.

Entrelinhas, *pode ir que não vou deixá-la sozinha.*

Rose me lançou um olhar agradecido e desapareceu por um corredor ao fundo da sala. Não consegui olhar para o lado. Sentia-me constrangida por ter encarado um estranho e comecei a recolher meus papéis. Outra brisa gelada soprou pela janela, e esta foi forte o suficiente para levantar meus cabelos e espalhar minhas folhas pelo chão. Agachei para apanhá-las, ainda mais envergonhada, e imaginei onde estaria a gentileza daquele homem... Vendo-me ali, no chão, não mexeu um músculo para ajudar. E, com minha visão periférica, podia assegurar, ele tinha músculos de sobra para isso. Mas o que se podia esperar de alguém que não dava informações, era ríspido com a família, e, pior, não se importava em passar com o carro por cima dos outros!?

Levantei rapidamente, irritada com sua falta de educação, e uma tontura escureceu minha visão. Eu vacilei. Por reflexo fechei os olhos, para recuperar o equilíbrio, e uma mão forte segurou meu braço, apoiando-me no lugar. O aperto firme acompanhou uma onda de perfume muito singular, que invadiu meus pulmões... Amadeirado com um leve toque cítrico. Esse perfume fez minha cabeça girar, afetando-me de maneira incompreensível.

– Você está bem? – perguntou uma voz suave.

Estava tonta e forcei meu cérebro a raciocinar.

A voz repetiu a pergunta. Desta vez, reconheci o timbre doce e amigável de Rose. Abri os olhos e vi minha amiga se mover de forma preocupada à minha frente. Sua voz, antes suave, repetiu a pergunta pela terceira vez de forma aflita. Assisti a agonia tomar seu rosto e, com algum esforço, tentei esquecer o prazer

daquele perfume.

– Estou. Essa tontura é... meio que... normal ultimamente – murmurei com a voz fraca.

Rose largou um calhamaço de papéis na mesa para me apoiar também, e a mão forte me deixou. Enquanto seu calor formigava em minha pele, pelo canto dos olhos, vi o homem fascinante dar um passo para trás. Com movimentos rápidos, ele pegou sua pilha de papéis, afastando-se com seu andar elegante.

Eu e Rose trocamos um olhar confuso.

– Isso foi... constrangedor – deixei escapar com voz abafada. Uma mistura de vergonha e deslumbramento formou um calor em meu peito que logo estava em meu rosto, pintando até meu couro cabeludo de vermelho.

– Você se sente bem? Mesmo? – Rose continuava aflita.

– Sim, não se preocupe. Tirando a vergonha de quase cair em um lugar público e ser amparada por um estranho... É, está tudo bem. – Eu ri de minhas próprias palavras.

– Desculpe por fazê-la esperar, mas não gosto de ficar sozinha com esse homem. E agora, estou me sentindo culpada por ter deixado você sozinha com ele.

Levantei os ombros com um longo suspiro.

– Está tudo bem, Rose, tenho PhD em ficar constrangida na frente de estranhos – expliquei. Estava conformada, mas ainda fascinada. – Ele é... diferente. Bonito.

Rose me olhou com atenção.

– Ele pode até ser bonito, mas... Você não ficou com medo dele?

– Não. Mas algo nele é... – A palavra demorou a vir. – Perturbador.

Depois do meu comentário, não conseguimos segurar o riso.

– Estou surpresa! Nunca vi esse homem fazer um gesto gentil. Ele nunca diz *oi*, *bom dia* nem *obrigado* e, no entanto, ele te amparou. – Rose riu nervosamente. – Por um momento, pensei que ele estava machucando você. Não estou julgando, mas isso combina mais com a imagem que tenho dele.

Ouvi suas palavras e não consegui responder a esse comentário. Meu braço ainda formigava com o calor desse estranho, e a lembrança da intensidade de seu olhar passou de perturbadora para fascinante mais uma vez.

Naquela noite, tive dificuldades para dormir. Um sentimento inquieto me dominou, como se algo estivesse incompleto... esquecido, ou deixado para trás. As lembranças que sumiram durante o dia estavam vivas de novo e, quando fechava os olhos, só via os dele. Azuis-turquesa penetrantes. Levantei da cama e desci os degraus da escada em silêncio, até o quarto de Alice. Não há nada mais

tranquilizador do que ver uma criança dormindo pacificamente... Usei esse exercício muitas vezes, nos últimos meses.

Parada na porta de seu quarto, ouvi a chuva cair com força do lado de fora. Ainda assim, os roncos de George eram mais altos. Comecei a rir sozinha. Admirar Alice dormir funcionou mais uma vez, embora não soubesse como ela conseguia dormir com todo aquele barulho. Afastei-me de sua porta de mansinho e senti algo passar atrás de mim. Congelei por instinto. Rezando para não encontrar uma barata voadora, espiei o quarto... Mas não vi nada de anormal, além dos habituais brinquedos espalhados pelo chão. Curioso, não havia reparado neles antes. Ainda preocupada com o inseto sorrateiro, guardei os brinquedos espalhados e só depois voltei para minha cama.

Quando a claridade da manhã rompeu a cortina fina, minha cama estava toda revirada, os lençóis embolados e o edredom no chão. Logo que a lembrança do sonho retornou, entendi o motivo da agitação. No sonho, eu corria por uma floresta, mas não estava perdida, estava feliz. Até que algo começou a me perseguir. Fugi entre as árvores, mas parei ao avistar algo fascinante... E aterrorizador. Foi então que meu perseguidor me alcançou. A agonia finalizou o pesadelo. Acordei com a sensação de que esquecia algo.

E por mais incoerente que fosse, esse sentimento ainda estava comigo.

Desci a escada, ouvindo risos animados na cozinha. George e Alice terminavam o café, e já se preparavam para sair. Olhei o relógio, assustada, mas constatei que, por milagre, não estava atrasada... George esclareceu que, em dias de chuvas insistentes, seria melhor ele levar Alice para a escola. Não havia como discordar; sua caminhonete robusta atravessava o mar de lama com muito mais confiança que minha banheira deslizante. Aproveitando meu bônus, transbordei uma xícara com muito café... e fui surpreendida pela programação do dia.

Com um sorriso espirituoso, George pediu que eu dobrasse meu turno na revendedora para esperar por uma entrega de madeiras que chegaria ao fim da tarde. Enquanto ele informava seus planos de levar minha irmã para um *tour* na fazenda de um amigo, eu fitava a chuva torrencial que escorria pela vidraça. George discursava sobre a importância de Alice saber de onde vinha o leite, e também achava que estava na hora de minha irmã conhecer uma vaca de verdade, mas, com o dilúvio do lado de fora, ela dificilmente reconheceria um rebanho no pasto! Franzi a testa e meu avô tentou me tranquilizar, afirmando que a chuva pesada seria uma garoa fina à tarde.

Precisava admitir, meu avô acertava mais a previsão do tempo nessa cidade do que o canal meteorológico.

Conformada com a ideia maluca, rezei para que a empolgação de George não virasse um resfriado em Alice. Meu avô agarrou casacos, mochila e guarda-

chuvas, e saiu pela porta com a promessa de me conceder férias no fim de semana. Não iria contradizê-lo, embora dispensasse sua preocupação. No fundo, tinha esperanças de que George entendesse meu principal objetivo nesta nova vida: me manter ocupada. Principalmente para não enlouquecer.

Preparei um sanduíche, que seria meu almoço, subi para meu quarto e troquei de roupa, sem pressa. De frente para o baú de minha avó, admirei minha coleção de clássicos... Meu turno matutino na revendedora era mais que suficiente para organizar o trabalho. A não ser que redecorasse o escritório de George, não teria nada para fazer à tarde. Como eu não estava a fim de arrastar móveis, precisava de algo para ler.

Há tempos não pegava um livro para ler; para ser mais exata, desde a morte de minha mãe. O prazer pela leitura foi uma paixão que herdei de Angelina, nossa ligação especial, e precisava dar esse passo para sair do luto. Expirei o ar com vontade, lutando para deixar as recordações doloridas de lado enquanto passava o dedo lentamente sobre as lombadas dos livros amarelados. Era quase como um cumprimento, como se os acordasse depois de um longo tempo de hibernação. Um singelo sorriso subiu meus lábios. Estava de volta ao meu mundo... Um mundo onde podia me desligar da realidade, sem culpa.

Mas, literalmente, não sabia qual escolher. Eu não tinha um, mas vários favoritos. Uns mais, outros menos. Espiei a coleção de clássicos... José de Alencar, Machado de Assis... Depois, fitei longamente a coleção de Austen. Histórias doces, delicadas, com muito romance. Hum, concluí que não estava com espírito para isso. O que excluía logo de cara meu conto favorito: *Cinco Minutos*, de José de Alencar. Este foi o primeiro romance que Angelina me deu para ler. Na verdade, toda a coleção de romances foi presente dela. Minha mãe conhecia meu ceticismo sobre a objetividade do amor e tentou inspirar minha adolescência. Mas nem mesmo a dose cavalgar de histórias passionais ajudou minha tentativa de ingressar nesse mundo. Eu achava tudo lindo, nos livros, mas nunca consegui mensurar um sentimento assim na vida real.

Recusei-me a olhar para Brontë e a coleção de Shakespeare; não precisava de mais tragédia ou drama em minha vida. A coleção de Paulo Coelho inspirava autoconhecimento e introspecção... Em outro momento, talvez. Passei pela seção juvenil que guardava para Alice. Entre clássicos nacionais como Monteiro Lobato e as poesias de Mário Quintana, estavam Carrol e Montgomery. Eu tinha uma paixão especial por Carrol desde a infância, a ponto de usar minha influência para persuadir minha mãe na escolha do nome da minha irmã. E daí veio a inspiração: aventura! Precisava ocupar minha mente com algo instigante e envolvente, uma ficção... ou mistério.

Do outro lado da cama, no chão, havia uma pilha de livros surrados: a

coleção de Sir Arthur Doyle sobre Sherlock Holmes. Encontrei outros títulos do autor no meio, mas os contos de Sherlock eram meus preferidos. Entre as várias compilações, escolhi um que há tempos não lia e tentei puxá-lo da pilha, mas todo o resto veio abaixo. Abaixei-me para organizar o caos e um livro esbarrou em meus pés. Eu o peguei, surpresa. O romance gótico de Gaston Leroux estava no lugar errado, mas parecia um convite do acaso.

Abracei o exemplar em brochura de *O Fantasma da Ópera* e saltitei os degraus da escada até a porta.

Vincent

Estacionei o sedã no pátio interno da revendedora e nem me importei com a lama no tênis. Normalmente parávamos os carros na frente do escritório, mas não queria bloquear o acesso ao pátio e, com a entrega no final do dia, achei melhor não ter que manobrar duas vezes. George chegou logo depois e, entre os trabalhos cotidianos, a manhã passou rapidamente. Na hora do almoço, ele foi buscar Alice para o tal passeio e constatei que a chuva encorpada era apenas uma garoa fina, como ele havia previsto.

A manhã pode ter passado rápido, mas a tarde se arrastou. Célia, a secretária centenária, conversou comigo sobre artrites e artroses, e deixou o escritório bocejando no fim do expediente. Pude ouvir cada manobra do seu fusca *sessentinha* de dentro do escritório e esperei o som nervoso virar um ruído baixinho para abrir meu livro. Sozinha, acomodei-me na mesa de George, ajustei os fones do meu iPod e o tempo finalmente passou. Estava completamente envolvida pela trama enigmática, pronta para começar o sexto capítulo do livro, quando percebi, pela ausência de luz, que a entrega estava mais uma vez atrasada. O relógio na parede marcava pouco mais de sete horas, mas eu não podia fazer nada além de esperar. Acendi a luminária da mesa e me concentrei no livro mais uma vez.

Algum tempo depois, o telefone tocou. Era George, avisando que já estava em casa. Ele contou que o passeio na fazenda fora animado e Alice já estava desmontada na cama. Ela sempre dormia com facilidade, ainda mais cansada. Informei sobre o atraso da entrega, e, enquanto George tentava me convencer a voltar para casa, o ronco de um caminhão ecoou no pátio da revendedora. Tranquilei meu preocupado avô e desliguei o telefone para recepcionar o motorista da carreta e seus ajudantes. Eu os levei até o escritório, para conferir a papelada. Enquanto o velhinho de óculos assinava alguns papéis, os dois rapazes musculosos se aproximaram, observando-me com curiosidade excessiva.

– Desculpe o atraso, minha filha, meus ajudantes estão de folga e foi difícil arrumar gente em cima da hora. Por sorte, encontrei esses dois na saída da cidade. – O velhinho sorriu satisfeito e notei a ausência de vários dentes em seu sorriso.

Com uma expressão compreensiva, carimbei a última nota. Distraída, espiei as roupas sujas e a barba por fazer de um dos ajudantes. Sem querer encontrei seu olhar curioso, e corei. Abaixei o rosto, na esperança de que ele não

entendesse errado meu julgamento.

– Mande lembranças para seu avô... E não se preocupe, estes dois vão acabar o trabalho bem rápido. Logo mais você poderá ir para casa.

Sorri para a preocupação do velhinho, mas não gostei da forma que os rapazes me mediam com os olhos. Ajeitei os papéis na mesa, tentando corajosamente dissipar meu constrangimento.

– Posso aguardar o tempo que for necessário. Não se preocupe – respondi, levantando o queixo.

Os ajudantes se entreolharam, dividindo um sorrisinho malicioso. Isso já estava incomodando.

Quando os três homens deixaram o escritório, o relógio marcava mais de oito horas. Havia passado muito da hora de fechar e resolvi encostar as portas de vidro. Acomodei-me à mesa de George novamente, acompanhada da brochura de *O fantasma da Ópera*, ajustei a *playlist* e já estava envolvida na trama de Erik, o fantasma, quando passos apressados estalaram nos degraus do deck. O motorista e seus ajudantes não poderiam ter acabado o trabalho tão depressa... Poderiam?

Levantei a cabeça do livro. Ao mesmo tempo, os vidros da porta chacoalharam na moldura. Um homem alto, de cabelos escuros, entrou num rompante e parou na pequena recepção. Desta vez, sabia muito bem quem era esse homem.

Tirei os fones do ouvido e abaixei o livro na mesa, levantando-me calmamente.

– Posso ajudá-lo? – perguntei, educada.

Os olhos turquesa brilharam na meia-luz. Por um segundo, aquele rosto fascinante pareceu inseguro, deparando-se com um dilema, mas em seguida sustentou meu olhar. Mais uma vez, não consegui desviar. Demorou mais do que o normal para que ele respondesse minha pergunta e, finalmente, com a expressão frustrada, ele girou as mãos para a sala vazia.

– Onde está o senhor George? – A voz grave ecoou de forma ríspida dentro da sala pequena como o rugido de um grande felino.

Depois de cortar a conexão com seus olhos, precisei me apoiar na mesa.

– Ele não está – falei baixo, ainda atordoada.

– E você está sozinha aqui – concluiu, balançando a cabeça, como se isso fosse uma coisa terrível. – O senhor George sempre me pareceu um homem sensato. Não acredito que a deixou sozinha aqui.

Ele conseguiu me intimidar. Senti o sangue subir para meu rosto com um calor familiar e, mesmo constrangida, não pude deixar de ficar incomodada com sua atitude arrogante ao julgar meu avô. Mas... por que estava intimidada? Ele

não me conhecia. Não conhecia George, não sabia nada sobre nossa vida! Esse homem não passava de um estranho intrometido, como tantos outros espalhados pela cidade.

Por um rápido momento, meus olhos encararam seu rosto sério. E ele não me pareceu nada ameaçador.

– Estou aqui porque quero estar. Meu avô precisa de mim. Passaria a noite aqui se fosse preciso. – Minha voz soou decidida, como um alerta para que ele não falasse de George daquela maneira.

O homem piscou, como se ajustasse o foco.

– Por que ainda estão abertos, afinal? – perguntou, frio como uma geleira.

– Estou aguardando uma entrega – Por que estava dando explicações? – Mas já estamos fechados.

– A porta estava aberta – ele retrucou, desafiador.

– Não. Ela estava fechada.

– Mas não trancada – finalizou, como se isso fosse um julgamento.

Endireitei-me atrás da mesa, empinando o queixo de modo altivo... meu mau gênio me dominando.

– Posso ajudá-lo?

Ele arqueou uma sobrancelha, lutando com o sorriso que levantava o canto dos seus lábios. Sabia que seu sorriso era irônico e estranhei o fato de isso me fascinar ao invés de me irritar. Eu deveria estar furiosa por um estranho rir de mim. Deveria ficar irritada. E estava! Mesmo ele sendo um gigante, eu o colocaria para fora... À força, se preciso.

– Posso ajudá-lo? – repeti a pergunta com impaciência.

Ele desfez o sorriso.

– Pelo visto vou ter que resolver esse assunto com seu avô. Talvez, com ele, tenha resultados melhores.

Analisei sua frustração de forma prática. A família dele era cliente da revendedora Wels, portanto... Mordi o lábio, avaliando as chances de George ter esquecido um encontro com *esse homem*. Depois, balancei a cabeça, confiante. Seria difícil, para não dizer improvável, George esquecer um compromisso. Concluí que esse arrogante deveria esperar que todos estivessem à sua disposição.

Cruzei os braços, e ele endireitou os ombros... Meu Deus, como ele era grande.

– É tarde, por que você não vai para casa? – A voz grave foi ríspida, carregando aquele tom de autoridade novamente.

– Não posso... – comecei, e me interrompi em seguida. Por que

continuava dando explicações a ele? Sabia que precisava me acalmar, mas estava indignada com sua ousadia. – Desculpe, mas acho que isso não é problema seu. Como você disse, é tarde, o horário comercial acabou faz tempo. Se não posso ajudá-lo, então...

Apontei a porta, indicando a saída.

O homem à minha frente pareceu incrédulo. Seus olhos turquesa prenderam os meus e, depois de uma rápida análise, ele bufou, escorregando uma das mãos pelos cabelos.

Aos meus olhos, o movimento aconteceu em câmera lenta.

– Você é responsável pelos problemas que cria, mas isso é completamente desnecessário! Não preciso perder meu tempo aqui – murmurou, irritado. E lindo!

A figura intimidadora pareceu em conflito, mas não se mexeu um milímetro. Eu o fitei, parte indignada, parte confusa... parte fascinada.

– Que seja – retruquei, esforçando-me para soar indiferente.

Os segundos se arrastavam e eu não entendia... O que esse homem ainda fazia parado na minha frente? Não havia lógica em sua irritação, muito menos em sua preocupação com minha segurança. Sua grosseria era algo fora do comum e, a dizer pelo calor que queimava meu rosto, até minhas orelhas deveriam estar em chamas! Isso não era um bom sinal. Respirei fundo, controlando meu gênio. A coisa toda estava confusa e fiquei com medo de ter ido longe demais. Ele foi mal-educado, mas isso era de se esperar, sendo ele quem era. Eu é que não devia ter entrado em seu jogo.

Pensei em George. Ele havia me pedido para não arrumar confusão com os Von Berg, e sabia que eles eram clientes importantes para a revendedora... Ah, droga! Nesse momento, me senti culpada.

Com um longo suspiro, lutei com meu orgulho. Encarando o bloco de notas na mesa, falei em tom frio, cuidadosamente articulado:

– Se quiser deixar seu nome, George pode lhe retornar.

O silêncio me fez levantar o rosto em busca de uma resposta, e encontrei aqueles olhos azuis turbulentos... invadindo os meus, como oceanos em tempestade. Eles mediram meu rosto, brilhando mais escuros, quase violeta. Esse olhar arrepiou os pelos do meu braço.

– Você sabe quem sou – disse, implacável.

Pisquei algumas vezes, me recompondo.

– Desculpe, mas nunca fomos apresentados.

– Tenho certeza que você já ouviu muitas histórias sobre minha família – murmurou com desprezo. – Sobre mim. E desconfio que sabe mais do que admite – completou, impiedoso.

Meu sangue ferveu e todo meu autocontrole virou pó. Essa eu não ia engolir. Sabia que ele, ou melhor, a família dele era injustiçada por toda a cidade, mas minha revolta estava transbordando pelos poros.

– Sim, ouvi. Mas não tenho o costume de me meter na vida dos outros. De qualquer forma, o que ouvi não importa. Depois do que presenciei, posso chegar as minhas próprias conclusões – finalizei, ofendida. Em uma fração de segundo, seu rosto ficou pálido, até seus lábios perderam a cor. Finalmente consegui atingi-lo e isso me deu certa coragem. – Sei, por experiência, que os boatos podem incomodar, mas você está enganado sobre mim. E sobre meu avô também. Não admito que nos julgue dessa maneira.

O choque em seu rosto se transformou em dúvida. Ele alinhou os ombros e, com um passo, apoiou as duas mãos na mesa de George para me encarar de perto.

– Se estou enganado, então diga, quais são suas conclusões sobre nós?

Estava claro que ele estava tentando me intimidar, mas sua tentativa não surtiu o efeito esperado. Levantei o queixo, sem desviar de seu olhar, e meu mau gênio aflorou da pior forma, em minha defesa.

– Você é louco! Por duas vezes quase me atropela e vêm até aqui para julgar a mim e a meu avô. Isso é ridículo! – exasperei. Ele pareceu verdadeiramente confuso com meu discurso, como se não o esperasse. Era só o que faltava, um homicida com amnésia! Apoiei as mãos na mesa também, curvando-me para frente. – Muito conveniente esquecer-se do que não interessa.

Ele continuava com aquela expressão perdida e cheguei a acreditar que poderia estar enganada, mas, depois, a lógica juntou as peças e tudo fez sentido. Era por isso que esse homem intragável estava me importunando: ele estava com receio de que eu piorasse sua reputação! Era por isso que queria falar com George.

– Você está se sentindo culpado por quase ter me matado ou está com medo de que eu espalhe para a cidade o quanto você pode ser perigoso? – perguntei, desafiadora.

– Não tenho culpa se você vive correndo na frente do meu carro. Mas não posso dizer que está errada.

– Então, você se lembra? – indaguei, revoltada por ele brincar comigo.

– Acredite, gostaria de esquecer.

– Mas eu não! Você pode fazer o que quiser na *sua* montanha, mas aqui, exijo que seja mais cuidadoso. Antes que cause um desastre! – Minha voz saiu aguda, o que pareceu diverti-lo.

– Ao que parece, é você quem procura o desastre. Ou dá muita oportunidade para que ele aconteça...

Eu me distraí com a mudança na voz grave, que ronronou as palavras de maneira melodiosa, talvez influenciada pelo sorriso torto que lhe conferia um olhar brilhante, irresistível.

Pisquei uma vez.

– O quê?

Era difícil desviar daqueles olhos hipnóticos, tão perto... que brilhavam mais claros, turquesa, como as águas de um oceano cristalino. Embora sentisse meu rosto queimar pelo calor da discussão, estava fascinada pela perfeição à minha frente. E isso me deixou mais irritada... comigo mesma.

– Agora mesmo, sozinha neste lugar deserto. Você não parece o tipo de pessoa que avalia o risco – finalizou, mordaz.

Nesse momento, todo meu fascínio incompreensível deu lugar à revolta justificada.

– Você dirige como um louco pela cidade, e está me chamando de imprudente? Você não me conhece para me julgar... Arrogante! – Minha voz saiu alterada.

– Você está descontrolada. Não vou perder meu tempo discutindo suas suposições.

Estava enganada ou ele me chamou de louca?

Não consegui responder; sentia meus olhos úmidos e não queria chorar na frente dele. Se continuasse a falar, acabaria soltando palavras. Travei meus dentes, sentindo meu maxilar doer com a força que fiz para ficar de boca fechada.

Ele ainda me encarava e qualquer traço de satisfação desapareceu de sua expressão.

– Você também me julgou errado. Nunca desejei machucá-la. Você deveria estar agradecida por isso. – A voz grave estava intimidadora novamente. Seus olhos se agitaram e voltaram a escurecer, como se uma sombra tomasse seu rosto. Mas dessa vez foi diferente, não era apenas raiva, arrogância e impaciência... Ele parecia lutar para que algo maligno ficasse contido. Do outro lado da mesa, os olhos violeta avaliaram seu oponente, enquanto um arrepio gelado percorria meu corpo, alojando-se em minha coluna. Medo. – Você, definitivamente, não sabe nada sobre mim.

Ele hesitou por um segundo.

– Meu nome é Vincent. Vincent Dippel. Agora que fomos apresentados, você deveria me evitar, como os outros – sibilou com voz ácida, dando um passo para trás. Ele caminhou decidido até a porta de vidro, e parou. Fitando longamente o deck, grunhiu algo incompreensível e, soltando o ar com um silvo, finalizou. – Vá para casa, Melissa.

Ele sabia meu nome? Meu coração acelerou... E por que isso importava?

Vincent saiu do escritório da revendedora com seu andar elegante.

Eu continuei de pé, sentindo lágrimas escorrerem. Apoiei-me na mesa e olhei para meu livro. Pelas manchas em suas páginas, elas escorriam há algum tempo. Soltei o ar nervosamente e, enxugando as lágrimas traidoras, caminhei até a porta.

– Arrogante! Mal-educado! – Soltei as palavras engasgadas em minha garganta enquanto colocava os dedos na chave para trancar a porta. Mas... ela já estava trancada.

Com a chave nas mãos, bufei para as pegadinhas do meu cérebro. Com um movimento descrente, abri e fechei a fechadura novamente. Depois, encostei-me à mesa de Célia, onde permaneci imóvel, tentando entender o que tinha acabado de acontecer.

Estava surpresa por ele saber meu nome, mas, se eu ouvi boatos sobre sua família, ele também ouviu sobre a minha. Isso era óbvio. E, mesmo irritada, seu nome não saiu da minha cabeça... De todas as informações que ouvi sobre a família da montanha, essa era novidade. Mas, depois do que aconteceu, não esperava ouvi-lo novamente.

Um ronco de motor atraiu minha atenção para o pátio. Do outro lado do vidro, a sombra do simpático velhinho acenou um adeus. Durante sua manobra, os faróis da carreta iluminaram duas silhuetas musculosas recostadas no deck de madeira. Os ajudantes. Eles pareciam estátuas, congelados logo abaixo dos degraus. Ainda com o olhar perdido, os homens se afastaram na direção da rua... Que vergonha. Eles provavelmente ouviram toda a discussão! Balancei a cabeça, surpresa por ter perdido o controle daquela maneira.

Depois de quase uma hora lembrando cada frase e encontrando respostas perfeitas para cada afronta, reuni forças para levantar. Arrastando-me porta afora, contornei o pátio, apagando as luzes até chegar ao sedã azul...

– Droga! – ralhei para a escuridão.

Para completar minha noite, o sedã estava com um pneu furado. Normalmente era assim: se algo dava errado, eu podia esperar pela reprise. Não tinha ideia de como funcionava um macaco hidráulico, e não ia perder meu tempo tentando descobrir a essa hora da noite. Tranquei o portão, deixando meu carro no pátio interno da revendedora, e segui pelas ruas desertas a caminho de casa.

Seria uma longa caminhada, talvez cinco quilômetros, mas não havia alternativa. George estava em casa com Alice, dormindo. E quem eu chamaria? O jeito era caminhar e rezar para a pausa da chuva ser prolongada. Puxei o iPod

do bolso, coloquei os fones e abracei meu livro, apertando o passo. No fim, a caminhada seria útil para acalmar.

Sempre preferi caminhar a dirigir e este era um dos motivos de não ser uma motorista experiente. Gostava da sensação libertadora de esvaziar a mente, mergulhando no compasso de minhas músicas preferidas... concentrada apenas em minha respiração. Se bem que o vento gelado entrando em meus pulmões não estava sendo nada prazeroso. Há algum tempo, desenvolvi uma teoria: se o mundo era feito de opostos, havia um arqui-inimigo às forças benevolentes do universo. Esse lado sombrio parecia ser um conspirador impiedoso, e eu, sua vítima preferida.

Cruzei os braços para me aquecer e aumentei o volume da música, na esperança de aplacar meus pensamentos amargurados. Eu balançava a cabeça, no ritmo de um clássico do rock alternativo, assistindo meus pés afundarem na lama... Só percebi que um carro se aproximava quando a luz dos faróis brilhou nas poças à minha frente. Girei o rosto para o SUV camuflado na noite escura, que seguia vagarosamente ao meu lado. Espantada com sua proximidade, dei um passo desajeitado para o lado, quase derrubando meu livro na lama.

– Precisa de uma carona até sua casa?

Reconheci a melodia envolvente da voz grave e parei de andar com um solavanco.

O SUV preto parou comigo.

Seu motorista era exatamente quem eu imaginava, e isso já era crueldade.

Vincent estava inclinado para a janela aberta do passageiro, o rosto deslumbrante estava sério, aguardando uma resposta. Esse homem era louco? Ou queria me deixar louca? Como ele podia agir como se nada tivesse acontecido?

Aumentando minha incompreensão, ele insistiu, a voz grave muito educada:

– Você está indo para sua casa, não está?

Ele era louco, definitivamente louco. Precisava responder, mas os olhos turquesa me encaravam, intensos... Como ainda podia estar fascinada depois de sua terrível demonstração de arrogância?

– Estou.

Com toda minha força de vontade, desviei o olhar para a lama escura e voltei a andar.

– Posso levá-la. – Era uma afirmação, não uma pergunta.

– Não. Obrigada – falei, em movimento.

Comecei a imaginar que talvez estivesse sonhando. Sim, tudo faria mais sentido se estivesse dormindo lá na revendedora, com a cara enfiada no livro.

– Eu insisto, é uma longa caminhada. – A voz grave ainda era educada e

o SUV voltou a me acompanhar, lentamente.

A chuva fina se intensificou em meu rosto, fazendo-me piscar algumas vezes. Ela era real, fria demais para um sonho.

– Prefiro andar. Obrigada – devolvi no tom mais educado possível.

– Você prefere... caminhar? Pela lama, debaixo de chuva, à noite, sozinha e por quilômetros? – Não respondi e ele deu um soco no painel do carro. Pulei no lugar, lutando para não sair correndo. – Qual é o seu problema? – rugiu, irritado.

– Qual é o seu problema? – Minha voz tremeu.

Cerrei as mãos e continuei caminhando com passos firmes. Não queria demonstrar o quanto estava assustada.

– Você sabe que está sendo imprudente mais uma vez, não é? – Vincent respondeu com outra pergunta acusatória.

Eu parei. Reuni minha coragem improvável enquanto guardava os fones de ouvido no bolso, cruzei os braços no peito para esconder meu tremor e, por fim, empinei o queixo. Queria mostrar que estava falando sério.

– O que você quer comigo?

Dessa vez foi ele quem não respondeu. Apenas me encarou, sem expressão.

A luz indireta do painel dava a seu rosto um contorno suave, como uma aura azulada, ressaltando traços perfeitos que ficavam a cada segundo mais sérios, quase tristes. Precisei piscar algumas vezes, e repeti mentalmente meus objetivos: odiá-lo, não admirá-lo.

– Não quero nada – disse de modo ríspido; depois inspirou lentamente, como se desistisse de sua irritação. – Estou tentando ajudar, apenas isso. A noite escura pode esconder muitos perigos.

Um riso nervoso escapou sem meu consentimento enquanto voltava a andar.

– Você não deveria rir do perigo – alertou.

– Esse tipo de perigo não me assusta.

– Isso eu percebi. Mas gostaria de sugerir que você o evite ao invés de provocá-lo.

Parei novamente, apenas para encarar o rosto à frente do volante.

– Primeiro você me atropela. Depois ofende. E agora está obcecado com minha segurança?

– Eu não atropeliei você. E não pretendia ofendê-la – murmurou, seco.

– Mas você não me conhece e, para sua informação, não sou nenhuma vulnerável incapaz! – Prendi os olhos arrogantes e, nesse momento, algo poderoso aplacou meu temor. – Se quer saber, eu posso afundar na lama, pegar

uma pneumonia, posso até ser assaltada... Mas entrar nesse carro seria a última coisa que faria hoje! – Dei as costas para o SUV. – Boa noite, Vincent.

Ele fez uma breve pausa. Quando falou, suas palavras mal alcançaram meus ouvidos.

– A escolha é sua.

Vincent acelerou e foi uma piedade não passar por nenhuma poça funda no caminho. Em três segundos, o SUV desapareceu na escuridão. Balancei a cabeça de um lado para outro, indignada, raivosa e incrédula. Principalmente incrédula.

A chuva retornou com mais intensidade e puxei o capuz da jaqueta, que já estava encharcada. Tentei desviar das poças na escuridão e me dei conta da escassez de postes na rua deserta. Algumas casas surgiram no meio do quarteirão, mas suas luzes já estavam apagadas pelo adiantado da hora. Observei a noite à minha frente com cautela... Quando o frio voltou a incomodar, abracei meu livro, andando ainda mais depressa. O que aquele louco queria, afinal? Me deixar com medo? Se era isso, ele conseguiu. Droga! Sempre andei à noite em São Paulo e nunca fui medrosa, mas agora, caminhando na pacata cidade do interior, estava arrepiada por um medo incompreensível... Isso era ridículo!

Dois toques rápidos de buzina fizeram meu coração pular na boca. Enfiei os dois pés em uma poça gigantesca e desta vez não consegui salvar meu livro, que mergulhou na lama. A gargalhada sonora que acompanhou meu susto foi revoltantemente familiar.

– Está perdida? – A voz masculina gritou pela janela semiaberta de uma caminhonete prata que encostava do meu lado.

– Arthur?

– Quem você esperava? O Bicho Papão? – Ele fez sinal para eu dar a volta até a porta do passageiro – Entra aí!

Tinha minhas desavenças com Arthur, mas não ia dispensar outra carona... Estava com frio, molhada, com os pés encharcados. Só queria chegar em casa. Enfiei os dedos na poça gelada para salvar meu livro do afogamento e, com uma corrida, dei a volta na caminhonete. Arthur me observava contemplativo, enquanto eu tentava me acomodar na cabine aquecida.

– O que foi? – perguntei, aborrecida.

– Nada – disse, com receio, apertando os lábios para disfarçar um sorriso. – É que você está coberta de água e lama... de novo. O que está fazendo sozinha aqui?

– Longa história. – Eu o encarei com seriedade. – Arthur... Eu agradeço a carona, mas não estou com espírito para brincadeiras. Minha paciência está no limite. – Falei entre os dentes, ajeitando-me no banco. – Não quero brigar com

mais ninguém hoje.

– E com quem você brigou? – Ele pareceu preocupado, mas um sorriso ainda pendia no canto de sua boca. Seria inútil pedir para ele não fazer piada. Soltei o ar com um longo suspiro e Arthur colocou o carro em movimento. Movimento de tartaruga. – Desculpe, não queria assustar você... Se ficou chateada por causa do livro, posso comprar outro. – Seu remorso era verdadeiro.

Olhei tragicamente para meu livro e me abracei para espantar o frio que tomava meu peito..

– Está tudo bem.

Mentira. De toda forma, Arthur não pareceu convencido e desviou os olhos da estrada.

– Você pode, pelo menos, dizer o que aconteceu com seu carro?

– Pneu furado.

– Quer voltar?

– Só quero ir para casa – murmurei, indicando a estrada escura.

Ele levantou as duas mãos do volante como quem se rende e me espiou mais uma vez.

– Seja lá o que aconteceu, deve ter sido importante. Você está tremendo.

– Nem havia percebido que estava tremendo, mas Arthur tinha razão, eu não tremia pelo frio. – Você brigou com o George? – A seriedade da pergunta chegou a impressionar; ainda assim, reservei-me o direito de permanecer em silêncio. – Não quero os detalhes, Mel, mas pode contar comigo para resolver esse tipo de problema – explicou, solidário. Suspirei, impaciente. Ele não iria desistir? – Não quero desanimá-la, mas é melhor você cultivar sua paciência se quiser trabalhar com a família.

Virei o rosto para encontrar o dele, enquanto absorvia suas palavras... Agora imaginava como minha desavença com Vincent poderia prejudicar os negócios de George. Com um gesto impotente, curvei o corpo, encarando a chuva no para-brisa.

– Você está mal... não é?

Assenti, sem tirar os olhos da chuva. Arthur afinal entendeu que seria inútil insistir, e seguimos o restante do caminho em silêncio. Quando ele estacionou na porta de casa, agradei a carona e, educadamente, mandei lembranças aos pais dele.

George estava na sala, fingindo que assistia TV, e parou de roncar quando fechei a porta. Contei sobre o pneu furado e, contornando os detalhes preocupantes, informei sobre a visita de seu principal cliente. George pareceu surpreso, mas não se aprofundou no assunto. Com um bocejo, disse que depois resolveria a questão. Enquanto me arrastava para o banheiro, meditei sobre seus

ensinamentos diplomáticos... e fiquei triste comigo mesma. Eu havia criado um desafeto na cidade. Isso nunca aconteceu antes. Sempre tive problemas com meu gênio irritável, mas não era de ficar discutindo com estranhos em lugares públicos. E, para piorar, me sentia mesmo inconsequente por ignorar a atitude reconciliadora de Vincent ao oferecer carona.

Não era minha intenção prejudicar os negócios de George. Precisava consertar esta confusão. Só restava saber... Como?

Na segunda-feira, confidenciei a Célia o acontecido, sem muitos detalhes... Com seus anos de experiência, ela propôs a solução mais diplomática possível: uma visita de negócios! Agradava-me a possibilidade de desfazer esse mal-estar com o integrante mais intragável da família Von Berg, e passei a manhã me preparando psicologicamente para o encontro.

A caminho da Casa Botânica, eu ainda tentava decifrar aquele homem arrogante e suas reações confusas. Cheguei à conclusão de que ninguém o havia enfrentado, como eu. Com a promessa de não deixar meu gênio me dominar, parei o sedã no espaço de duas vagas, e ajeitei as pastas de pedidos nos braços antes de entrar na majestosa estufa. Fui recebida pelo familiar rapaz de cabelos louros espetados, e Alex foi muito gentil, como me lembrava. Embora estivesse confortável em sua presença, a ansiedade tornava-se angústia a cada minuto que passava dentro daquele lugar. Sem conseguir disfarçar meu incômodo, tentei me despedir, mas Alex não me deu oportunidade. Percebi que não sairia dali facilmente.

– Desculpe, Alex, mas preciso mesmo ir – eu o interrompi no meio de outra pergunta.

– Ah... sim. – Nem de longe ele pareceu constrangido. – Antes, quero que conheça alguém – disse, sorridente.

Dando-me as costas, ele atravessou um dos corredores coloridos. Hesitei, mas o segui. Seria mais fácil sair se estivesse em movimento.

Atravessamos a estufa até uma sala ao lado da entrada. O lugar parecia uma botica *old style*, repleta de frascos de vidro coloridos. Um cheiro agradável pairava no ar e invadiu meus pulmões com uma sensação de aconchego... proteção. Uma garota loira, usando um vestido azul esvoaçante, estava de costas para nós, esticando-se na ponta dos pés para guardar alguns frascos em uma estante alta. Seus movimentos graciosos lembravam uma peça de balé e suas formas delicadas podiam ser comparadas às da musa de *O nascimento de Vênus* de Botticelli. Quando ela se virou, meu queixo caiu... A garota possuía uma beleza angelical, pura e perfeita. Algo comparativamente humilhante a todas as outras mulheres.

– Esta é Viviana. – Alex apresentou a beldade e ela se moveu ao nosso encontro como se flutuasse.

Sorri sem jeito, talvez pela comparação inevitável.

Ao contrário de mim, aquela garota desfrutava da beleza de seus vinte e poucos anos. Seus cabelos amarelos caíam em ondas perfeitas pelos ombros, enroscando-se perto da cintura, nos babados do vestido. A moldura perfeita para o rosto desenhado em porcelana. Por baixo de longos cílios, olhos azuis prateados brilhavam de uma maneira familiar. Eu ainda contemplava a beleza hipnótica da Vênus quando Alex alcançou um vidro colorido de uma das prateleiras.

– Espere! – A voz cantarolada de Viviana parou a mão de Alex no ar.

Ela girou o corpo e longos cachos amarelos dançaram em suas costas. Com um sorriso nos lábios, a Vênus de Botticelli entregou outro frasco a Alex. Os dois trocaram um misterioso olhar de cumplicidade, só então Alex voltou-se para mim.

– Isso é para você, Melissa – disse, entregando-me o frasco delicado.

Balancei a cabeça de leve, não podia aceitar presentes de um quase-estranho. Alex interpretou corretamente minha hesitação, abrindo um sorriso convincente:

– Isto é um agradecimento, por ser amigável conosco – justificou.

Depois de admirar sua sinceridade, não pude argumentar.

Segurei o vidro nos dedos e quatro olhos prateados acompanharam meus movimentos. Ainda envergonhada, eu o abri, inspirando lentamente... O aroma familiar de jasmim me envolveu como um abraço. Esbocei um sorriso, impressionada pela Vênus acertar o aroma do meu sabonete que eu julgava imperceptível. A beldade ainda me fitava, como se esperasse algo mais... Incerta, agradei o presente, caminhando para a porta. Antes de deixar a estufa, lancei um último olhar para Viviana. Poderia usar os melhores perfumes franceses, mas nunca seria atraente como ela.

A caminho da revendedora, eu me senti desconfortável... Não era o constrangimento por ter recebido um presente da família da montanha, ou a comparação, injusta, com a Vênus de Botticelli. Muito menos o fato de estar dirigindo. Nunca dirigi tanto desde que cheguei à cidade e, de verdade, me achava mais hábil do que nunca! O sentimento era mais como uma decepção. Eu estava decepcionada por não ter encontrado Vincent? Ou por adiar meu confronto com aquele homem arrogante? O aperto tomou meu estômago e aquele frio familiar varreu meu peito quando percebi que não tinha essa resposta.

No restante da semana o incômodo persistiu, sem nenhum motivo aparente. No fundo, sabia o motivo, mas não poderia estar impaciente por não ver Vincent. Ainda assim, pensar nele se tornou um hábito nada saudável.

Voltando da escola com Alice, eu me empenhava em bloquear as lembranças indesejáveis... E os questionamentos rabugentos de minha irmã eram sempre uma boa distração. Ela estava aborrecida por não poder passar as tardes com o avô na revendedora e, pela quinta vez, tentei explicar que as pilhas de madeira no pátio não eram seu parque de diversões, mas nosso ganha-pão! Eu mal havia estacionado e minha irmã pulou para fora do carro, batendo a porta. Eu a segui, pronta para repreendê-la, e fui ofuscada por um raio de sol que tilintou alaranjado na lataria do sedã. Estava impressionada com o feito, mas desviei os olhos ao ouvir o som de um motor nervoso. O instinto mandou tirar minha irmã da rua e me apressei em levantá-la... Por Deus, a menina ficava cada dia mais pesada! Nesse momento, percebi o movimento na rua.

O esperado BMW preto passou em frente à casa de meu avô, devagar o suficiente para que eu reparasse na expressão atordoada do motorista.

Ao me ver com Alice nos braços, Vincent desviou rapidamente o rosto para a estrada, acelerando. Seu descontentamento era óbvio e, tratando-se daquele homem, a cena refletia nada mais do que o esperado. Um sentimento de revolta me dominou. Mas estava revoltada comigo, pelo tempo que perdi achando que algo que dissesse ou fizesse, faria diferença. Dei as costas para o SUV e entrei em casa sem olhar para trás.

Mirante

Uma linda luz amarela transbordava da janela no sábado de manhã. Os raios de sol brincavam nas paredes e no assoalho de madeira, como um convite. Sentei-me na cama preguiçosamente, e encontrei a garota do reflexo no espelho do guarda roupa... Ela ainda estava com a aparência cansada, mas suas olheiras haviam melhorado muito! Aos poucos, tudo parecia melhorar.

Desci os degraus até a sala, admirando os feixes de luz que inundavam a casa. Mas não era apenas o sol... Havia uma energia quase palpável pairando nos ambientes. Alegria. O som de gargalhadas vinha da cozinha, e me aproximei de mansinho, admirando George brincar com Alice. Eles se preparavam para sair e, depois de algumas explicações, compreendi que meu avô pretendia levar Alice para conhecer os pontos turísticos da cidade. O curioso é que, segundo ele, eu deveria ficar feliz por não estar incluída no passeio. Confesso que não entendi a lógica de George. Meu avô balançou a cabeça com a famosa expressão complacente, explicando que este seria meu esperado dia de folga. Bem, não tão esperado. Para falar a verdade, não sabia o que fazer com tanto tempo livre. Principalmente nessa cidade.

Logo depois do café, eles saíram para a manhã de sol... Sol. Depois de mais de uma semana de chuvas, o sol precisava ser reverenciado. Afinal, nunca sabíamos quanto tempo ia durar a estiagem nessa cidade lamacenta. Assisti a empolgação de Alice ao entrar na caminhonete do avô e, quando eles sumiram rua abaixo, voltei para minha xícara de café. Espiei o quintal pela janela e resolvi admirá-lo de perto.

As flores pareciam mais coloridas debaixo do sol brilhante e fiquei orgulhosa de mim mesma. Sentei-me em uma das poltronas de jardim e relaxei. O calor do sol percorria minha pele, a brisa fresca da manhã brincava em meu rosto... Tinha que admitir, George estava certo, fazer *nada* era bom. Mas não pretendia ficar sentada o dia todo. Eu também queria ver as cores do dia e meditei sobre minhas escassas opções. No fim, a trilha clandestina da montanha me pareceu uma ótima opção. Depois de viver anos admirando a cor cinza dos monumentos de concreto, uma caminhada ao ar livre seria um passeio no mínimo diferente. Há anos não pisava nos bosques da montanha e, de qualquer forma, não me lembrava dos últimos passeios. Talvez andar entre as árvores ajudasse nas recordações.

Estava animada com o plano, até que um ronco de motor extinguiu minha empolgação. Comecei a imaginar qual imprevisto traria George de volta,

mas, antes que levantasse, Arthur entrou pelo portão de madeira do quintal. Sozinho. Eu me encolhi na poltrona, incomodada. Ainda estava de pijamas, ou melhor, vestia uma regata puída e o short de moletom cortado à tesoura que usava para dormir... um traje informal demais para receber visitas, mesmo as visitas de casa.

– Bom dia, Mel. Curtindo o sol? – Arthur caminhou para a outra poltrona de jardim com naturalidade. O modo como ele se sentia à vontade em minha casa era desconcertante. Como se a intrusa fosse eu. – O dia está lindo hoje – completou, sorrindo.

– George não está... Ele saiu com Alice – falei apressada, pulando os cumprimentos polidos. Não estava a fim de fazer sala para visitas. Não com estas roupas.

– Eu sei, cruzei com ele na rua. – Arthur falou com naturalidade, espreguiçando-se na outra poltrona. – Ele disse que ia levar sua irmã para conhecer os pontos turísticos da cidade e passaria o dia fora, aí pensei em convidar você para almoçar comigo... E com meus pais, lá no restaurante. Assim você não fica sozinha. – Meu vizinho exibiu um sorriso de orelha a orelha. Pelo visto ele não entendeu, eu queria ficar sozinha! – Afinal, nós não conversamos há tempos!

– Nós nos encontramos na sexta passada, e você me deu carona. Não se lembra? – completei automática, me encolhendo ainda mais.

– Sim, eu lembro. E você estava tão irritada que pensei que ia me atacar – disse, com algum humor. Abaixei os olhos, envergonhada. – Mel... Sei que tem andado sob pressão nos últimos tempos. É por isso que precisa relaxar.

– Tenho responsabilidades, Arthur – justifiquei, emendando um suspiro cheio de remorso. – Mas peço desculpas por aquela noite, eu estava mesmo num péssimo humor.

Ele sorriu em resposta e meus pensamentos se perderam no motivo do meu mau humor.

– E então? – Arthur me observava, aguardando. – Você quer que eu volte para te buscar? – Continuei distraída. – Para o almoço?

– Ah, sim, o almoço. Quer dizer, não. Agradeço o convite, mas tenho outros planos. – Fui sincera.

Seu sorriso se desmanchou.

Mais uma vez, me senti culpada. Afinal, Arthur estava se esforçando para ser meu amigo. Depois, pensei em Lucila... Eu havia mesmo prometido uma visita ao restaurante. Mas nem mesmo a melhor das intenções poderia me livrar dos murmurinhos curiosos às minhas costas. Mordi o lábio, duvidosa, e me deparei com o rosto decepcionado de Arthur. Meu vizinho desviou os olhos para

o gramado aos seus pés enquanto o vento balançava seus cabelos dourados. Pela primeira vez, reparei em seu rosto com atenção... Arthur havia mudado muito desde que éramos crianças. Por dentro e por fora. Estava até muito bonito! E era muito engraçado vê-lo como adulto. Suspirei pesadamente, como quem se rende. A empatia estava me trazendo infelicidade.

Depois de atrair seu olhar, eu girei a xícara nas mãos, sabendo que ia me arrepender depois.

– Quem sabe à noite? – propus – No jantar. E aí vamos todos juntos: Alice, meu avô e eu.

Seu sorriso voltou e o meu desapareceu. Tinha que parar de tentar deixar os outros felizes.

– Combinado! – Arthur abriu um sorriso largo e alimentei a esperança de que a presença de George intimidasse as costumeiras fofocas à nossa volta. – Quer saber? Vai ser ainda melhor! Nas noites de sábado termos música ao vivo. Vocês vão adorar!

Ele se levantou, mas eu não pretendia expor meu figurino e continuei sentada. Concordei com a cabeça e abri meu melhor sorriso conformado para mostrar entusiasmo pelos planos da noite. Por um momento Arthur ficou ali, parado, o olhar perdido em algum lugar na abrangência da minha poltrona. Abaixei os olhos, corando.

– Bom... – ele disse sem jeito. – Vejo você à noite. Até mais! – Arthur voltou pela lateral da casa a caminho da rua.

– Até a noite! – respondi, atrasada.

Não entendi porque Arthur ficou sem jeito na minha frente. Quando ouvi o barulho da caminhonete se afastando, dei uma olhada em mim mesma para ter a certeza de que meu short não estava rasgado ou a regata transparente. Estava tudo amarrotado, havia alguns minúsculos furos, mas nada alarmante. Tirando o relaxo habitual, estava tudo em ordem. Eu me espreguicei, tentando retomar a empolgação anterior à inesperada visita.

Depois de vestir jeans e camiseta confortáveis, calcei meus tênis surrados e estava preparada para minha aventura ao ar livre. Deixei um bilhete para George e agarrei meu inseparável iPod. Posicionei meus fones de ouvido, ajustei o volume e comecei minha caminhada na direção do muro verde ao fim da rua. Parece bobagem ficar feliz por apenas andar sem preocupações pela rua, mas, na verdade, a sensação era libertadora! Sempre ajudei minha mãe a cuidar de Alice, presenciei seu crescimento, mas multiplicar as preocupações para tempo integral era uma loucura. Agora tinha neuroses maternas, vivia estressada, atrasada e mais atrapalhada do que nunca! No fundo, Arthur tinha razão... Eu amava minha irmã, mas os últimos meses foram exaustivos. E por isso mesmo estava feliz por

andar sozinha e ouvir música. Simplesmente relaxar.

Parei no meio da estrada e encarei a enorme subida de terra à minha frente, que também acabava em um muro de árvores metros acima. Enchi os pulmões antes de começar a andar... Não demorou e, depois da primeira curva, uma trilha limpa apareceu ao lado da estrada, acompanhada da primeira placa de propriedade particular. Outra placa, escrita à mão, estava escondida entre as árvores e informava que o Mirante do Salto ficava a três quilômetros. Nunca havia feito trilha, mas, depois de observar o bosque iluminado, segui confiante. Metros à frente, cruzei com outra uma placa de propriedade particular e me rendi às lembranças dos penetrantes olhos turquesa. Repreendi a mim mesma. Havia prometido esquecer tudo isso! Vincent era uma causa perdida, provavelmente sofria de algum tipo de transtorno bipolar e eu não era uma fã da psicanálise para ficar impressionada com sua personalidade problemática. Aumentei o volume do iPod e tentei me concentrar na paisagem ao meu redor.

As árvores filtravam os raios de sol e a luz penetrava em feixes brancos até o solo. Pareciam holofotes direcionados à vegetação colorida. Caminhei devagar, respirando lentamente. Quando a primeira lista de músicas acabou, percebi que estava andando há mais de uma hora. Ajustei a nova lista e avistei o primeiro sinal de uma clareira adiante. As árvores se espaçaram, o sol brilhou mais forte, e flores apareceram por toda parte... margaridas brancas, amarelas e pequeninas flores azuis. Entrei em uma faixa de planície na lateral da montanha e caminhei até um abismo de pedras. Era possível ver os arbustos se agarrando à encosta rochosa. Algumas centenas de metros abaixo, um riacho cortava o vale, fazendo pequenas quedas d'água. À minha frente, uma série de montanhas menores. O lugar era incrível! No cenário, nenhuma casa à vista, só árvores, e percebi como morávamos afastados da cidade.

Eu me aproximei do penhasco com cuidado para sentar na beirada da grande rocha. Apoiei os braços nos joelhos e me rendi à imponente daquela visão. Ela capturou meus pensamentos, levando-os até um passado que não poderia mais ter... Depois a um futuro, que ainda era um mistério. O musgo e a vegetação rasteira ainda estavam molhados pelo orvalho e me encolhi, fechando os olhos, sentindo o vento que soprava suave, o calor delicado do sol da manhã... Fiquei assim por algum tempo. Não sei dizer quanto, apenas me desliguei das minhas apreensões. Dos meus medos.

Uma de minhas músicas favoritas começou a tocar e tirei o iPod do bolso para aumentar o volume. Fechei os olhos mais uma vez, entregando-me ao momento de paz.

Quando a música acabou, abri os olhos lentamente, acordando da minha inconsciência. E percebi um vulto vestindo preto ao meu lado.

O susto me fez levantar às pressas. O iPod pulou de minhas mãos e tentei agarrá-lo... mas o movimento desajeitado me desequilibrou. Eu escorreguei pela lateral do penhasco. Mesmo buscando apoio com as mãos, era tarde. A vegetação rasteira estava molhada, deixando as pequenas pontas de pedra escorregadias com a umidade. . Em uma fração de segundo, eu olhei para cima... Um homem vestido de preto avançava, tentando me agarrar. Sua mão ainda estava estendida quando fixei meus olhos nos dele... Eu conhecia aquele olhar. Olhos azuis-turquesa penetrantes. Que estavam em meu pensamento um minuto atrás. Em seguida, eu estava caindo.

Fechei os olhos com força, esperando o pior. Tudo que sentia era um frio na barriga, o vento passava por meu corpo e meus pés balançavam no ar, ia me espatifar a qualquer momento... Eu ia morrer.

Mas não podia morrer!

Um calor tomou conta do meu corpo quando fixei meu pensamento nesse único desejo. Não! Eu não podia morrer! Não podia abandonar as pessoas que amava! Depois de mais um segundo interminável, o vento parou. Meu corpo não estava amparado, não tocava em nada, era como flutuar sobre a água. Concluí que tudo havia acabado e nem acreditava em como tinha sido rápido e indolor. Semelhante a um sonho, daqueles em que caímos e em seguida estamos no chão. Estranhei o fato de minha mente estar lúcida quando cheguei à única conclusão óbvia: estava morta.

Flashes passavam por minha cabeça a uma velocidade incompreensível e um impulso incontrolável me fez gritar:

– Alice!

Ao ouvir o som de minha própria voz, abri os olhos... e me vi a centímetros do chão.

De bruços, coloquei as mãos e os joelhos na terra, sentindo a vegetação molhada. Era como descer de uma cama invisível. Mas... Isso não era possível! Eu estava louca? Ou morta? Deitei novamente no chão molhado, com a cabeça virada para o lado, respirando com dificuldade. Estava ofegante, soluçando e chorando de susto, medo e confusão. Ainda sem entender o que tinha acabado de acontecer. Fiquei assim por um bom tempo, apenas piscando os olhos para ter certeza de que estava acordada. E continuei assim até meu cérebro acreditar em meus olhos, até me acalmar.

Quando consegui respirar pausadamente, tentei levantar. Ainda tremia muito e me sentei para garantir que meu equilíbrio era aceitável. Um curso de água corria à minha frente e entendi porque o chão estava úmido: eu estava ao lado do riacho que acabara de ver de cima da montanha. Apoiei-me nos braços e olhei para cima, queria ver de onde tinha caído... Parecia impossível, mas lá

estava a montanha, acima de mim, iluminada pelo sol. Vi a enorme parede de pedra, que terminava na ponta de planície verde, centenas de metros acima, e só conseguia pensar... Como era possível?

Comecei a me esticar como uma idiota, dobrando as pernas, pés e braços para ter certeza que não tinha nada quebrado. E estar inteira não fazia sentido. Se tivesse caído realmente, teria luxado alguma coisa. Mas, com exceção de alguns cortes que sangravam nas mãos, e alguns arranhados nos pulsos, não sentia dor em nenhuma parte do corpo. Talvez a adrenalina estivesse encobrindo a pior parte, por isso, levantei-me com cautela.

Estava realmente inteira. Imunda de terra, molhada, quase louca, mas inteira.

Encarei as águas geladas do riacho, depois me debrucei sobre as pedras... Parecia uma boa ideia lavar o rosto para acordar desse pesadelo. A água ardeu em meus cortes, e a dor era um indício de que estava acordada... Eu estava viva. Não sabia explicar como, mas estava viva! E só conseguia pensar em voltar para casa.

Olhei mais uma vez para cima, lembrando-me de minha última visão antes de cair, e os olhos azuis-turquesa continuavam nítidos em minha mente. Se Vincent estava lá, comigo, se me viu caindo, com certeza foi chamar ajuda. Mas não havia ninguém me chamando ou procurando na beirada do penhasco. Concluí que não poderia ficar ali, esperando aquele homem imprevisível. Atordoada e sem rumo, segui meus instintos, caminhando pela margem do riacho para acompanhar a correnteza. Com sorte, o curso de água me levaria a algum lugar perto da cidade.

Em alguns pontos precisei entrar na água para desviar das enormes árvores que escureciam tudo à minha volta. E, quando olhava para trás, via o penhasco ficar cada vez mais distante... Eu estava me afastando muito. Segui o riacho por uma, duas horas talvez, sem chegar a lugar algum. Comecei a entrar em pânico. Na melhor das hipóteses, o riacho daria uma volta enorme antes de passar pela cidade, eu só chegaria em casa à noite e George ficaria histérico de preocupação. Na pior das hipóteses, se o riacho corresse pelo vale das montanhas, eu estava perdida. Pensar nisso fez meu coração acelerar.

Ofegante, senti minhas pernas doerem pelo cansaço. Não sabia por quanto tempo mais aguentaria andar. Tinha consciência de que havia conseguido um milagre hoje, mas não sabia se pedir dois estava à altura do meu merecimento.

Depois de algum tempo, ouvi o barulho de uma pequena cachoeira. As árvores se espaçaram ao redor do riacho e, de longe, pude ver o tom verde uniforme da vegetação rasteira que contornava uma pequena represa. Tentei me

esforçar, apressando meus passos, mas o cansaço da aventura indesejada já havia me tomado. Algumas dezenas de metros à frente, literalmente desabei no chão. Deitada de costas na grama seca, coloquei os braços cruzados sobre os olhos... Só queria descansar um pouco antes de continuar.

Ouvi passos, como se alguém corresse na minha direção e, ainda deitada, espiei por entre meus braços... Um homem moreno se aproximava. Uma onda gelada se espalhou por meu estômago.

– Você está bem? – O homem gritou a certa distância.

Focalizei meus olhos para ter certeza de que não estava enganada... Não. Não era quem imaginava. Conforme o homem se aproximava, eu percebia as diferenças. Este homem moreno era mais baixo, tinha a pele bronzeada pelo sol e seus olhos eram escuros. Ele até podia ser bonito, mas em nada se parecia com a figura fascinante que me atormentava.

– Meu Deus! O que aconteceu com você? – ele continuou, ansioso por minha resposta. E eu queria responder, mas estava tão aliviada por encontrar civilização que só consegui respirar pausadamente.

– Eu... caí – falei com um sopro. – De uma trilha. – Era ridículo dizer aquilo em voz alta.

– Você está machucada? Sente dor? – Ele franzia os olhos, talvez preocupado com minha aparência, e repetidamente balancei a cabeça em negativa. – Você pode andar? – Assenti com um suspiro cansado. Na verdade, tinha sérias dúvidas se conseguiria mexer minhas pernas novamente. – Vou levar você para o hospital.

– Não! – respondi rapidamente. Hospital seria o coroamento de minha humilhação.

Imaginei a cara de George e sua preocupação ao ouvir meu nome somado à palavra *hospital*. Eu estava suja, cansada, mas inteira. Seria melhor não brincar com o coração do meu avô.

– Mas você está sangrando... – disse, apontando para minhas mãos.

– Estou bem, só quero ir pra casa. – Minha voz falhou.

Ele encontrou meu rosto e entendeu meu apelo.

– Se prefere assim, está bem.

O homem me ajudou a levantar e caminhamos pela lateral da represa. Seu olhar era preocupado, e concluí que minha aparência deveria estar bem pior do que imaginava.

– Qual é o seu nome?

– Melissa Wels.

– Wels? Tenho um vizinho com este nome... Você é parente do senhor George?

Ele parecia espantado, mas não tanto quanto eu. Afinal, tinha conseguido meu segundo milagre.

– Sou a neta dele.

– Meu nome é Daniel Montero, moro na casa verde em frente à casa do seu avô. Você é a neta de George que chegou de São Paulo, não é? Já ouvi sua história... – Daniel me lançou o olhar de solidariedade. – Primeiro seu pai desaparece, depois sua mãe e padrasto morrem em um acidente de carro... Daí, você tem que vir para esse fim de mundo cuidar de sua meia-irmã caçula. É, deve ser difícil superar isso. – Daniel balançou a cabeça com pesar ao resumir minha vida. – Mas não desista, as coisas podem melhorar, você só precisa encontrar uma motivação. A vida não é tão ruim. – Ele estreitou seu abraço.

Mas o que esse homem estava insinuando? Que eu estava tão depressiva a ponto de tentar acabar com minha vida? Pelo amor de Deus! Soltei o ar com um arquejo indignado e quase caí ao tentar me afastar dele. Aparentemente, meu milagre tinha um preço.

– Sabe... Eu mesmo tive que deixar São Paulo para viver nessa cidade. As coisas ficaram complicadas lá e... Bem, não ficaria aqui se tivesse alternativa. Com o tempo, a gente descobre o que fazer para se divertir... e saltar de penhascos não é uma delas. – Ele riu e eu fechei a cara. – Podemos sair um dia destes e lhe mostro como é se divertir de verdade. – Sua voz ficou mais arrastada e ele se aproximou novamente. Esse homem estava me cantando?

– Daniel... estou muito cansada. Estamos longe de casa? – perguntei, séria, me afastando mais uma vez.

– Estamos a uns dez quilômetros, no mínimo.

Ele levantou os olhos, procurando por alguma coisa, e pareceu preocupado. Comecei a perceber apetrechos de um acampamento espalhados pelo chão, um fogareiro, um lampião... restos de uma fogueira... Metros à frente, encontrei o que Daniel procurava. Uma mulher ruiva com cara atordoada saiu de uma barraca de camping; estava vestida e isso foi um alívio. Ela não pareceu feliz com o que encontrou do lado de fora e finalmente entendi a expressão preocupada de Daniel. Mas, para meu espanto, ele passou pela ruiva atordoada sem se justificar.

– De onde você caiu? – perguntou, procurando assunto enquanto desviava da barraca.

– Do Mirante do Salto – respondi timidamente, olhando a mulher de expressão furiosa sobre o ombro.

– Não pode ser! Tem certeza? – Ele parou de andar, olhando-me com espanto. – Você deve ter se enganado, descido por outra trilha... paralela. Já fiz a trilha do Mirante e, garanto, se você tivesse caído de lá, não estaria andando

agora.

– Pode ser... Não tenho certeza. – Meu cérebro não queria raciocinar sobre isso agora e era mais fácil acreditar que ele tinha razão. Sim. Talvez estivesse enganada.

Daniel me conduziu até uma estrada de terra estreita, onde uma caminhonete Toyota, preta e lustrosa, ocupava quase todo o espaço disponível. Ele me olhou com ansiedade e pediu que esperasse. Fiz muito esforço para continuar em pé enquanto ele forrava o banco do carona cuidadosamente. Daniel esperou eu me sentar, tomando o cuidado para que minha roupa molhada não tocasse em nada, depois me pediu para esperar mais uma vez. Ele voltou ao acampamento, e ouvi uma discussão distante... Eu poderia intervir, mas os espasmos de cansaço amorteciam meus músculos, anulando qualquer disposição para me mexer. Encostei a cabeça no banco e fechei os olhos. Não queria ser um incômodo... só queria desesperadamente ir para casa. Esse pensamento tornava todo o resto suportável.

O barulho de cascalho estalando me fez abrir os olhos, por pouco não veria um SUV preto passar devagar na estrada estreita. Os vidros escuros escondiam o motorista, mas eu conhecia muito bem aquele carro. Sim, Vincent estava no mirante e me viu cair. Deveria estar procurando por mim! Ou foi chamar ajuda... Era nisso que eu queria acreditar.

Daniel jogou algumas coisas na caçamba da caminhonete e me sobressaltei com o barulho. As vozes agora discutiam quase ao meu lado e, pelo espelho retrovisor, vi a expressão enfurecida da mulher ruiva quando Daniel contornou a caminhonete para sentar-se ao volante. A mulher sentou-se no banco de trás com um grunhido:

– Viu! O outro carro poderia levar ela até a cidade. Não precisamos ir embora.

Pelo canto do olho vi a mulher apontar para a traseira do SUV e me encolhi, envergonhada. No fundo, também desejava ser resgatada pelo SUV preto. Já Daniel sorriu para mim de uma maneira inconveniente, ignorando a ruiva raivosa no banco de trás. Eu me encolhi ainda mais.

Meu vizinho galanteador parou a caminhonete em frente à casa amarela e me apressei em sair dali. Soltei um *desculpe* constrangido para a mulher silenciosa no banco de trás, mas não tive coragem de encará-la. Enquanto desviava de Daniel, percebi a caminhonete de Arthur passar por nós. Ele estacionou logo à frente e imaginei as piadas que ouviria sobre minha aparência... Mas Arthur pulou do carro com uma expressão assustada. Ao contrário do que imaginava, ele não parecia disposto a fazer piadas. Seria a primeira vez.

– Melissa! O que aconteceu com você?

Ele pousou as mãos em meus ombros, afastando-me de Daniel com um olhar acusador. Seria melhor explicar o acontecido antes que houvesse algum mal-entendido... Só não sabia por onde começar. Como dar explicações que nem mesmo eu tinha?

– Calma, Arthur... Está tudo bem, não estou machucada – falei enquanto tentava escapar de seu abraço. Mas ele não permitiu. Ainda me olhava com cuidado e, pelo visto, não estava convencido.

– Ela caiu de algum ponto da trilha que beira a montanha, ainda bem que não era alta. Estava descendo o riacho quando a encontrei, na represa perto da estrada baixa. Melissa insiste que não está machucada, embora tenha alguns cortes nas mãos. – Daniel fez um bom resumo, melhor do que eu mesma teria feito.

Arthur ainda o encarava com desconfiança. Mas depois de lançar um olhar para a mulher no banco de trás, relaxou. Ele desfez o abraço para pegar minhas mãos e avaliar os ferimentos. Enquanto Arthur franzia a testa, Daniel continuou:

– Pretendia levá-la ao hospital, para ter certeza que não há nada quebrado e...

– Você deve ir ao hospital, pode ter algum machucado mais sério. – Arthur interrompeu Daniel, ignorando-o, mas seu olhar me fitava, tranquilo.

Ele sabia que não havia nada de errado comigo, mas, mesmo assim, precisava da minha confirmação verbal.

– Não é necessário. Estou muito *bem*. Só preciso ir para casa tomar um banho para tirar toda essa terra. – Enfatizei para por um fim à discussão.

Arthur sorriu, aliviado. Ele me abraçou novamente, dando as costas para Daniel enquanto me rebocava para a porta de casa. Olhei por cima dos ombros e pude ver a mulher ruiva sorrindo no banco de trás... Eu também sorri.

– Muito obrigada pela ajuda, Daniel.

Meu novo vizinho não pareceu contente com a interrupção de Arthur, e voltou para o carro com uma expressão frustrada. Sorri mais uma vez.

Insanidade

Na pequena varanda, Arthur pediu a chave da porta. Para minha felicidade ela não caiu do bolso durante a queda, mas parecia impossível pegá-la sem raspar meus ferimentos no jeans.

– Tem uma chave reserva na arandela – falei com uma careta derrotada. Sendo ele *de casa*, não haveria problema em revelar nosso esconderijo secreto.

Arthur assistia a cena com impaciência e, na minha segunda careta, puxou ele mesmo a chave do meu bolso. Nossa proximidade parecia muito natural para ele, mas não era para mim.

Depois de espiar a caminhonete preta, Arthur praticamente me empurrou para dentro de casa. Não perdi tempo. Ansiava por um banho e, acima de tudo, precisava ficar sozinha para pôr meus pensamentos em ordem. No banheiro, liguei o chuveiro e escorreguei para o chão. Olhei minha roupa suja e molhada, minhas mãos sangrando, e comecei a chorar compulsivamente. Todas as loucuras que tentei não analisar voltaram numa explosão... Como? Como eu estava viva? Abracei meus joelhos, agradecida pelos meus milagres inexplicáveis. Eu ainda estava aqui... Não quebraria a promessa de cuidar de Alice. Deus! Ela quase me perdeu também, e isso era muito sério. Não poderia deixá-la sozinha por causa das minhas distrações!

Alice e George já tinham sofrido perdas suficientes para uma vida, não mereciam isso.

Estava revoltada, com raiva de mim mesma. Para piorar minha culpa, percebi que Vincent tinha razão... Eu era imprudente. Uma desatenta desastrada que só se mete em confusão! Estava em Campo Alto para cuidar das pessoas que amava, não para fazê-las sofrer ainda mais! Enxuguei as lágrimas e respirei fundo, tirei a roupa e entrei debaixo da água.

A espuma do sabonete queimou nos cortes fundos enquanto eu analisava meus ferimentos; nada grave. Depois de retirar a terra, deixei a água quente escorrer para relaxar meus músculos exaustos. O perfume familiar do sabonete de jasmim me acalmou, mas uma pergunta rodava em minha cabeça incessantemente, gritando por resposta. O que parou minha queda? Não entendia como fiquei suspensa do chão, não entendia como aconteceu, e, mesmo me esforçando para encontrar respostas lógicas, a cada segundo isso se aproximava mais da insanidade.

Sempre me considerei uma pessoa racional... Se brincar com milagres já era demais para mim, não imaginava como essa resposta poderia ter algo de

sobre-humano. Mas sabia quem poderia me ajudar a esclarecer isso. Alguém que viu tudo. Vincent. Ele era minha esperança de sanidade, e precisava confiar que estaria disposto a me ajudar.

Um pouco mais confiante de que meus parafusos estavam no lugar, vesti meu roupão e espiei pela porta. Arthur estava na cozinha falando ao telefone e, com os cabelos pingando, pulei os degraus da escada até meu quarto. Isso não foi uma boa ideia para os músculos exaustos das minhas pernas. Depois de vestir uma roupa limpa, não resisti ao impulso de deitar na cama... Só queria fechar os olhos por um instante. A sonolência se aproximava, quando duas batidas na porta me fizeram sentar com um salto. A dor do movimento foi excruciante.

– Sim? – perguntei, com um gemido.

A porta se abriu lentamente e Arthur colocou a mão que segurava uma xícara para dentro, sem entrar.

– Quer um chá? – perguntou, tímido. – Para acalmar?

Sorri para sua delicadeza. Era como se eu conhecesse outro Arthur hoje, gentil e adulto. Capaz de ser amigo de alguém. E, ainda por cima, prendado.

– Quero, sim. Entre, por favor.

Arthur abriu a porta para me entregar a xícara fumegante. Seu rosto estava tranquilo, com um sorriso no canto dos lábios. Isso significava que minha aparência deveria estar menos assustadora.

– Você se sente bem? Realmente? Quer algum remédio? Está com alguma dor? – Ele terminou a enxurrada de perguntas com uma ruga entre os olhos.

Sorri mais uma vez.

– Estou bem, mas cansada. Obrigada... Mesmo. Por tudo. – Fui sincera e Arthur pareceu encabulado; deu meia-volta em direção a escada.

– Vou deixar você descansar. Daqui a pouco minha mãe vai chegar com algo para você comer. Já é tarde e você deve estar com fome – falou, descendo os degraus.

Eu me levantei para segui-lo. Estava cansada a ponto de dormir, mas pareceu falta de educação ficar deitada no quarto enquanto todos estavam sendo tão gentis comigo. Além do mais, estava esperando a pior parte: George chegar com Alice. Meu avô iria imaginar o pior se me visse deitada no quarto.

Arthur percebeu meu movimento e se virou com uma expressão reprovadora. Quase derrubei o chá nele. Segurei a xícara com as duas mãos e os cortes arderam... Não contive a careta.

– Você deveria descansar – censurou. Eu o encarei. – Tudo bem, mas você vai ficar no sofá – informou, seguindo para a sala.

Sentei no sofá e dei a primeira golada no chá.

– Obrigada pela atenção, Arthur, mas você pode ir... Não precisa ficar de babá. Logo George vai estar aqui.

– Estou incomodando?

– Não. – Por incrível que pareça, estava dizendo a verdade. – Mas não quero atrapalhar... Você deve ter coisas importantes pra fazer no restaurante. É sábado, dia de movimento – falei com a xícara nos lábios.

Do outro lado, Arthur se espreguiçou no sofá, o sorriso novamente no canto da boca.

– Não se preocupe com isso, vou ficar até George chegar. Não é isso que os amigos fazem? Cuidam dos amigos? E, ultimamente, parece que você está precisando de alguém que cuide de você... – Arthur ficou pensativo e seu sorriso se desfez enquanto ele apoiava os braços no joelho. – Fiquei assustado hoje, quando vi você na rua. – Ele balançou a cabeça, desviando os olhos para o chão. – Imaginou o que aconteceria se tivesse se machucado de verdade? Como encontraria ajuda? Você precisa prestar atenção por onde anda, Mel.

Fiquei incomodada com a acusação... Eu não fazia de propósito! Não saía de casa todos os dias planejando cair de um penhasco ou ser atropelada. Mas também não podia contestar suas palavras. Arthur falava sério, parecia mesmo preocupado e tinha toda razão. Eu era uma desatenta idiota!

– Eu sei. Foi idiotice minha chegar tão perto da beirada em um lugar tão alto. Vou prestar mais atenção onde piso. Prometo. – Fiz uma careta ao imaginar o discurso que ouviria de George e tomei mais um gole do chá; no movimento, meus olhos cruzaram com os de Arthur. Aquele olhar intenso não parecia apenas preocupação. Eu corei. – Sabe... às vezes imagino um alvo pintado em minhas costas. – Arthur riu com um humor exagerado e isso incomodou. – Você acha que sou imprudente? Que procuro o desastre?

– Posso até dizer que ele procura você – falou, rindo, e fiz outra careta. – Sei que não é sua culpa, mas que você o atrai... Ah, atrai.

Balancei a cabeça, reprovando o comentário. Pretendia responder, mas fechei a boca para analisar a lógica em suas palavras. A teoria de que as forças sombrias do universo se divertiam com minhas tragédias parecia mais verdadeira do que nunca. Arthur percebeu meu momento introspectivo e levantou-se com um sorriso vitorioso nos lábios.

– Precisamos passar alguma coisa nos seus machucados. Estão horríveis.

Antes que pudesse dar qualquer informação, ele já estava na cozinha, revirando a gaveta de remédios. Ficava cada vez mais chocada com sua naturalidade ao se movimentar por minha casa.

– Às vezes acho que você mora aqui – falei com certa ironia, enquanto ele voltava balançando a caixinha de curativos nas mãos. – Você fica muito a

vontade na casa de George.

– Quer queira, quer não, faço parte da sua vida, Mel. Ou, pelo menos, da vida de seu avô. Tenho certeza que jantei mais naquela mesa nos últimos anos do que você. – Ele inclinou a cabeça para a cozinha e sentou ao meu lado, no sofá.

O comentário não foi maldoso, mas me afetou. Observei Arthur abrir a caixa de curativos e mordi o lábio, pensativa.

– Você está certo. Andamos ausentes da vida de George nos últimos anos – admiti, com tristeza. – Ele ficou muito sozinho desde a morte da minha avó... E sabe o que é pior? Sinto que nossa presença aqui o machuca. Ele nunca fala, mas sei que ainda está triste com a morte de minha mãe. – Levantei os olhos com carinho. – Ainda bem que ele teve bons amigos para cuidar dele.

– Não falei isso para que se sinta culpada... Vocês tinham outra vida lá, uma família. E pode ter certeza que George estava feliz por isso. Ainda mais com a chegada da sua irmã. Ele sempre falou dela com muito orgulho.

Sorri abertamente para suas palavras de apoio.

– Eu sei, mas pretendo cuidar mais de George. Não tenho planos de sair daqui... Ele e Alice são inseparáveis agora. – Inspirei lentamente. – Para falar a verdade, não quero mais ver essa família separada, seja qual for o motivo.

Arthur puxou meu punho para passar o antisséptico. Seu toque parecia algo muito natural e não conseguia decidir se isso me incomodava ou agradava.

– Fico feliz em saber dos seus planos, mas você tem que ficar inteira para isso.

Ele não olhava para meu braço e pareceu encontrar algo engraçado em meu rosto. Fiquei encabulada e Arthur ampliou seu sorriso. Depois, começou a aplicar os curativos nos cortes mais profundos.

Fitei seu rosto por um momento. Minha aversão a esse menino chato e encenqueiro estava se transformando e acreditei que ele poderia mesmo ter mudado. Crescido. E, diferente do que imaginava, Arthur poderia ser meu amigo.

– Você tem razão, Arthur – falei calmamente. Em seguida, segurei sua mão. Arthur levantou os olhos, o rosto tenso pela dúvida. – Admito, sou desatenta. Costumo passar por situações humilhantes quase todos os dias, mas perco a razão quando alguém ri do meu constrangimento. Sei que isso tem a ver com meu gênio, mas não acho justo rir da agonia dos outros.

Afetado por meu discurso, ele encarou meus machucados.

– Acho que a raiva que você tem de mim foi justificada.

– Não tenho raiva de você – falei, soltando sua mão. Arthur revirou os olhos. – Tudo bem, eu tinha raiva de você quando éramos crianças, mas você nunca facilitou as coisas. Quando você está por perto, me sinto uma cobaia

daqueles programas de pegadinhas que passam na TV... Parece que você está sempre esperando eu cometer uma gafe para rir.

– Não fico esperando você cair para dar risada – argumentou. Foi minha vez de revirar os olhos. – Eu apenas encaro as dificuldades com humor. Que mal há nisso?

– Bom... esse é o seu lado da história – retruquei, rabugenta, enquanto Arthur apertava os lábios para conter um sorriso teimoso. Até entendia sua perspectiva e achava ótimo ele ser otimista, mas seu humor zombeteiro ainda me incomodava. – Tudo bem, as situações podem ser absurdas... e até um pouco engraçadas, mas você ri de mim o tempo todo. – Tentei ficar séria. – Agora mesmo, o que há de tão engraçado?

– Mel, você tem mania de perseguição.

Focalizei meu olhar no dele, exigindo uma resposta.

– Eu ri porque me lembrei do dia em que você ganhou isso... – Ele avançou para deslizar os dedos por minha cicatriz, embaixo da orelha esquerda. Seu toque inesperado me arrepiou. – Você se perdeu naquele dia e deixou todos preocupados. Nossos pais ficaram loucos quando eu e a Helena aparecemos sozinhos. Tínhamos o quê? Treze anos?

– Onze – corrigi apressada. – Você e sua irmã são mais velhos do que eu.

Por reflexo, afastei-me de seu toque. Arthur percebeu meu desconforto e recolheu a mão. Isso não teve graça. Na tentativa de dissipar a situação constrangedora, ele começou a guardar os curativos não usados na caixa. Mordido o lábio... Não queria magoá-lo e resolvi suavizar as coisas também.

– Curioso... Não lembro de quase nada daquele dia. Se estávamos todos juntos, como foi que eu me perdi? – instiguei, procurando seu olhar.

Funcionou. Arthur estreitou os olhos com um sorriso tímido.

– Você não se lembra? De nada? – perguntou, duvidoso. Confirmei, aliviada por ele se interessar pelo assunto. – Mas você só foi aparecer no fim da tarde... Já era quase noite. O que fez nesse tempo todo?

– Juro que não sei – respondi, sincera. Feliz com meus inexplicáveis lapsos de memória pela primeira vez. – Mas... o que aconteceu? Por que eu fiquei para trás?

– Bom, nós três fomos brincar nos bosques da montanha e, como sempre, nós dois acabamos brigando por algum motivo bobo. – Ele fez uma careta. Se bem me lembrava, sua implicância com Helena e as maldades com minhas bonecas eram os motivos de nossas brigas, mas resolvi deixar passar. Estava ansiosa pelo fim do mistério. – Você e a Helena começaram a me perseguir entre as árvores... Acho que estávamos fazendo algum tipo de competição – falou, pensativo. Imaginei que não seria uma competição e sim uma perseguição, mas

deixei passar mais uma vez. – Deveríamos estar longe, lembro que corremos muito... até nos separamos. Quando Helena finalmente me alcançou, perto de casa, você não estava mais atrás de nós.

Ouvi, atenta. Tentei me lembrar da briga, da perseguição... dos reais motivos da confusão, e nada. Depois de algum esforço, algumas cenas borradas apareceram em *flashes*, como em um sonho ruim que a gente não consegue lembrar os detalhes. A primeira lembrança foi uma claridade ao meu lado. Uma luz prateada. Depois, um quarto. Eu estava deitada e havia uma mulher sentada aos meus pés, provavelmente minha avó. Tudo à nossa volta rescendia a maçã e canela... O último *flash* foi mais marcante, era o da dor latejante em meu pescoço.

– Incrível. Mesmo fazendo muito esforço, não tenho ideia do que aconteceu naquela tarde. Acho que caí na corrida e me perdi de vocês. É a única explicação.

Arthur ficou pensativo:

– Isso é bem provável. Mas, e a cicatriz? Você não lembra como se machucou?

Olhei-o com ironia.

– Arthur, acha realmente que me lembro de como ganhei cada cicatriz nos meus joelhos ou nos meus braços?

– É. Deve ser difícil catalogar. – Seu olhar desceu para minhas mãos.

– Lembro-me de sentir dor, uma dor alucinante e contínua. Como se tivesse sido queimada a ferro.

Toquei meu sinal com a ponta dos dedos, sentindo a protuberância da cicatriz.

Arthur se aproximou novamente e fiquei nervosa com a ideia dele me tocar de novo. Não entendi porque isso me incomodava tanto agora.

– Olhando de perto... – Ele aproximou o rosto do meu para olhar melhor. Fiquei encabulada e cheguei um pouco para o lado no sofá. – Espere. – Arthur segurou meu braço, sem interromper sua análise. Seus dedos levantaram meus cabelos e uma sensação estranha percorreu meu estômago. – Engraçado, esse sinal parece o contorno dos dedos de alguém. – Ele chegou ainda mais perto, inclinando a cabeça para olhar melhor.

Sua respiração tocou minha pele e, sem nenhuma explicação coerente, a minha ficou irregular. Escorreguei meu braço de sua mão. Sua proximidade estava desconfortável demais, eu precisava de outro assunto.

– Alice ainda não entendeu que esses sinais são cicatrizes, ela acha que nasci com eles. – falei como uma idiota. – Ela é tão coordenada... Nunca se machuca. É resistente como o avô e graciosa como minha mãe. Às vezes acho

que não sou da família. Nem me pareço com eles! – Indiquei meus cabelos.

Arthur me olhou com seriedade.

– Gosto da cor dos seus cabelos, combina com seus olhos – falou manso, seus olhos brilhando como o sol refletido em um deserto de areias douradas. Senti meu rosto corar. Com uma careta, deixei claro que não concordava com o comentário. Para meu alívio, Arthur abriu um sorriso largo, afastando-se a uma distância considerável. – Você precisa aprender a receber elogios, Mel.

– Agora você está falando como a minha mãe – falei aliviada, ajeitando-me também. – Se ela estivesse aqui, eu já estaria ouvindo um sermão... Vocês fariam uma bela dupla! – As lembranças levaram meu sorriso quando percebi onde o assunto foi parar. Inevitavelmente, meus olhos se encheram de água. – E faria qualquer coisa para ouvir mais um sermão dela... sobre o que quer que fosse.

– Sei que você sente falta dela, Mel, mas a saudade é uma forma de merecimento de quem foi. É bom sentir saudade – falou com cuidado. – Quer dizer que sua mãe era importante para você.

– Mas ninguém pode me culpar por querer mudar o passado. Sinto muita falta dela, todos nós sentimos. E não falo de Angelina apenas como minha mãe... Ela era minha melhor amiga. – Emendei à palavra um suspiro dolorido, que gelou meu peito. – Penso em Alice... Minha irmã nunca vai saber a pessoa maravilhosa que Angelina era. E, às vezes, me sinto culpada. Por ter tido isso e ela não. Acho que nunca vou conseguir compensar. – Limpei uma lágrima que escapuliu sem permissão. – Alice não demonstra a saudade, ou parou de demonstrar faz tempo. Não sei se isso me preocupa ou alivia. E, depois do que aconteceu hoje... – Balancei a cabeça, torturada. – Eu quase deixei minha irmã sozinha, Arthur... de novo. – Minha voz embargou e Arthur se aproximou.

Ele deixou um braço sobre meus ombros, senti seu peso me confortando e soltei o ar com uma lufada de alívio. Estava surpresa por me abrir com ele, e ainda mais surpresa por falar de Angelina no passado. Mas era isso. Minha mãe era apenas uma lembrança.

Arthur percebeu minha nova tristeza e afagou meu ombro.

– Você vai ficar bem – falou manso, procurando meus olhos. Desta vez, sua proximidade foi agradável, trouxe serenidade ao meu peito. Era como ser aquecida lentamente por um cobertor de paz. – Sei que você se preocupa com sua irmã... Deve ser difícil assumir essa responsabilidade. – Arthur ainda me analisava, para ver se o assunto era seguro. Encarei seus olhos dourados. Além do conforto, eles diziam outras coisas... Mas, definitivamente, não era o olhar de solidariedade. – Você deixou muita coisa para trás, Mel, e imagino o quanto sente falta de sua antiga vida. Nós não podemos substituir o que você perdeu,

mas quero que entenda... Você não está sozinha aqui.

– Minha antiga vida não importa mais, nossa vida está aqui agora – murmurei, decidida.

Ele ouviu em silêncio enquanto eu me assustava com minhas próprias palavras. O modo como me referi à minha antiga vida, como um passado distante. Não sei dizer como isso me afetou, mas afetou. Arthur ainda fitava meu rosto e me dei conta de que ele não estava me analisando. Ele se aproximou cautelosamente e, com a outra mão, afagou meus cabelos. Confesso que estava perdida naquele olhar caloroso quando a campainha tocou.

Pisquei algumas vezes, sentindo-me salva pelo gongo.

A conversa estava ficando séria e não era pelo fato de estarmos falando de minha mãe. Arthur me olhava de forma intensa, uma intensidade que estava mexendo com minha pulsação... Isso era estranho. Eu me ajeitei no sofá, fugindo de suas mãos, e ele se afastou também. Três segundos depois, Lucila entrou sem que ninguém atendesse a porta. Tinha uma travessa de alumínio nas mãos e uma cara de pânico. Tentei me levantar para recepcioná-la, mas Arthur foi mais rápido. Ele me empurrou de volta para o sofá e trocou um longo olhar com a mãe enquanto pegava a travessa de suas mãos. Enquanto ele se ocupava na cozinha, Lucila se acomodou ao meu lado no sofá, abraçando-me com cuidado.

Minha vizinha debulhou um discurso apreensivo que logo se transformou em um regozijo aliviado. Lucila estava se sentindo culpada por ter dado a ideia das trilhas, mesmo depois de minhas afirmações convictas de que era a única culpada pela confusão. Ela tentou me fazer jurar nunca mais pisar na montanha, mas eu não podia fazer isso. Havia muita coisa mal resolvida nessa história e a melhor forma de esclarecê-las era encontrar a testemunha ocular dos fatos... Nem que precisasse vasculhar a montanha toda para bater na porta dos Von Berg à procura de Vincent.

Já passava das cinco quando George entrou com Alice. A princípio ele ficou feliz em ver a casa cheia, mas logo percebeu que havia algo de errado. Ele se preocupou com meus curativos, como o bom pai-avô que era e, depois da aflição inicial, até que encarou tudo com tranquilidade. Ou apenas escondeu seu pânico para não assustar Alice, o que era mais provável. E muito pior. Depois de apenas três *estou bem*, George encerrou seus insistentes cuidados e se acalmou. Alice não se alarmou com meus curativos; de todos, era a única que entendia a frequência desse tipo de acontecimento.

Lucila e Arthur não demoraram, estava anoitecendo e o horário de maior movimento no restaurante iria começar. Em meio às despedidas, uma figura masculina se aproximou da pequena varanda com flores nas mãos. A princípio fiquei apreensiva, em seguida, aliviada ao reconhecer o rosto quase familiar.

– Boa noite. – Daniel arrastou a voz melosa.

Seguiu-se um coro de *boa noite* fora de ritmo.

De nós, George era quem possuía mais intimidade com o novo vizinho e adiantou-se, estendendo a mão.

– Daniel, muito obrigado por ajudar minha neta hoje. Nem quero imaginar o que ela teria passado se não fosse por você.

George se rasgava em agradecimentos e a expressão de impaciência de Arthur era impagável.

– Melissa teve sorte por eu estar acampando na represa. – Daniel me mediu com os olhos, da cabeça aos pés, ampliando um sorriso que, na opinião dele, deveria ser sedutor. Ouvi um gemido irônico e corri os olhos pelas fisionomias da varanda, todos estavam sérios, mas suspeitei de um sorriso escondido atrás da mão de Arthur. – Isto é para você, Melissa... Espero que se sinta melhor. – Daniel continuou, indiferente. – E não se esqueça, quando quiser passear pela montanha novamente, vou ter muito prazer em acompanhá-la. Conheço lugares bem mais interessantes que o Mirante.

Não vi, mas tinha certeza que Arthur estava revirando os olhos; quanto a mim, estreitei os meus. Lembrei-me da viagem constrangedora com a mulher ruiva e concluí que a memória do meu novo vizinho era muito curta. Ele estendeu as flores sob o olhar cuidadoso de quatro testemunhas. Por um segundo, imaginei de onde elas tinham vindo. Um sorriso amarelo foi tudo que consegui exteriorizar.

Estava constrangida por um século, mas algo me dizia que aquilo poderia piorar. Olhei em volta, para ler a expressão da minha plateia... Lucila parecia pensativa, Alice observava a cena com curiosidade por trás das pernas de George. Já George tinha um olhar especulativo. Mas quem mais me preocupava era Arthur, claro. Ele encarava Daniel com os braços cruzados no peito, sem esconder a expressão de deboche.

Peguei as flores com agilidade. Só queria acabar logo com aquilo, e não consegui disfarçar o gemido quando os ferimentos foram repuxados pelo movimento. Daniel se adiantou com uma preocupação teatral e Arthur chegou ao seu limite. Sem rodeios, tomou as flores de minhas mãos, levando-as para dentro de casa. Eu fiquei ali... imóvel, sem ação. Os segundos passavam e o silêncio que se seguiu estava me matando.

George encontrou meu olhar agoniado e tentou ajudar.

– Não precisava se incomodar, Daniel, nós é que estamos em dívida com você. – Meu avô se esforçou no sorriso diplomata.

– Meu melhor pagamento seria Melissa aceitar um convite meu para jantar. – Daniel me olhou daquele jeito novamente, da cabeça aos pés.

– Ah... Claro. É o mínimo que ela pode fazer para... ah... agradecer. Não é, Mel?

A retórica de George me fez piscar, atordoada. Estava em um mundo paralelo? Tendo uma experiência extracorpórea? Nunca recebi um convite formal para jantar e não esperava que o primeiro fosse aceito por procuração... com a vizinhança de testemunha! Meu avô não podia ter me colocado em uma enrascada dessas. Sabia que ele não fazia por mal, mas, francamente, esperava pelo dia em que George jogasse no meu time. Estava agradecida por Daniel ter me ajudado, mas esse jantar não ia acontecer. Uma justificativa era a lembrança da mulher ruiva... E, afinal, onde ela ficou nessa história?

Enquanto eu vasculhava meu cérebro por uma desculpa convincente, podia ouvir o tic-tac do relógio cuco no hall, esperando minha resposta. Finalmente, meus olhos encontraram minhas mãos cobertas de curativos. Eu quase sorri.

– Minhas mãos precisam cicatrizar... Para segurar os talheres – argumentei, satisfeita. Essa poderia ser uma desculpa temporária, mas era a melhor coisa que podia fazer com os olhos de George e Lucila sobre mim.

Daniel não pareceu desapontado; pelo contrário, estava com um ar muito confiante ao pedir que eu descansasse para me recuperar logo. Graças à generosidade divina, ele me poupou de qualquer contato físico na despedida. Não éramos íntimos para beijos no rosto e apertos de mão seriam impossíveis. Nosso vizinho apenas acenou enquanto se afastava pela rua.

No meio do coro de boa noite, Arthur voltou para a pequena varanda.

– Tive que tirar o pinguim para colocar o vaso sobre a... – ele passou os olhos por nós e sentiu o clima de constrangimento no ar. – O que eu perdi? Cadê o mala? – perguntou com zombaria.

Lucila tentou repreendê-lo, mas a essa altura todos estavam rindo. Inclusive eu.

– Ah! Mãe, esse cara não tem a menor noção de que é ridículo! Além de convencido, tem uma mania de conquistador que é de dar pena. Acho que a conversa dele é capaz de matar neurônios, só assim se explica a quantia de mulheres que ele consegue enrolar.

– Não fale assim, filho. A Melissa acabou de receber um convite dele para jantar – Lucila disse com humor, e o rosto de Arthur ficou sem expressão.

– Isso está parecendo dor de cotovelo, Arthur – George emendou, esticando os olhos para mim. – Daniel pode ter defeitos, mas, se não fosse por ele, estaríamos procurando a Mel na montanha agora. E, se ele acampa, deve pescar. Não parece ser má pessoa.

George coçou o queixo e eu sabia que sua imaginação voava longe.

– Tudo bem, mas ajudar a Mel foi sua redenção.

Depois de assistir os três alcoviteiros falando de meu possível admirador, precisei colocar um basta na especulação.

– Ei... gente! Eu não vou sair com ele. – Falei com um tom de voz mais alto para chamar a atenção de todos, e funcionou. Os três me olharam surpresos, calmamente completei: – Esse jantar não vai acontecer.

O sorriso de Arthur voltou ao canto da boca, Lucila ficou pensativa e George levantou as mãos como quem se rende.

Sem mais atrasos, Lucila e Arthur partiram para a rua. George pousou um dos braços em volta dos meus ombros e segurou Alice pela mão enquanto esperávamos a caminhonete prata se afastar. Depois, ele me rebocou para dentro. Sabia que, em algum momento, o discurso iria começar.

Meu avô esperou Alice se distrair no quarto e me conduziu até uma cadeira na cozinha. Em seguida, começou a lavar os pratos.

– Melissa... Você precisa evitar esse tipo de coisa. Por nós.

– Coisa? – questionei, em dúvida à qual *coisa* George se referia.

– A morte.

O silêncio tomou a cozinha por um bom tempo. Foi o sermão mais curto que ouvi em toda minha vida. Sabia que George não esperava uma resposta, aquilo era mais um apelo. E eu era a única que podia entender seus motivos. Ele me lançou um olhar suplicante e foi colocar Alice na cama. Arrasada, me arrastei até o quarto.

Minhas pernas mal se mexiam e não consegui trocar de roupa. Deitei na cama do jeito que estava e, nos poucos segundos antes de pegar no sono, percebi a janela aberta. Tentei levantar para fechá-la, faria frio de noite, mas meus músculos não respondiam. Sentia um peso no corpo todo, como se meus ossos estivessem sendo esmagados pelo peso de um elefante. Com muito esforço, puxei a manta do pé da cama até o peito e desliguei-me de minha consciência.

Acordei com a claridade da manhã. Estava praticamente na mesma posição da noite anterior, sentei na cama e tentei me espreguiçar... Tudo doía. Como se o elefante que tinha sentado em mim ontem tivesse dormido ali também. Flexionei os braços para melhorar o desconforto, mas foi pior, muito pior.

No meio do meu exercício para fazer meus membros voltarem a funcionar, lembrei-me do meu sonho e fiquei surpresa com quem sonhei... Vincent! Mas esse sonho foi diferente, muito real. Eu sabia que estava dormindo, mas seus olhos turquesa estavam tão próximos, sua voz grave era suave e sussurrada... Conversei com ele no meu sonho, mas era algo sem importância,

nada relacionado com a queda do mirante. A memória do seu rosto perto do meu gelou minha garganta até meu estômago. O que estava acontecendo comigo? Eu estava com medo dele? Duvidava disso.

Coloquei os pés no chão com dificuldade, observando os raios amarelos de sol que atravessavam o vidro para brincar no assoalho, e os segui até a janela fechada. – Ah! George! – gemi. Meu avô provavelmente ficou preocupado e me fez uma visita noturna.

Minha ideia primordial era cuidar dele... deles. Não o contrário. Precisava recompensá-lo! E nada melhor para agradar George do que comida caseira. Desci a escada com cuidado, o andar de baixo estava silencioso e fui direto para a cozinha. Molhei meus curativos, mas valeu a pena... Coloquei as panquecas quentinhas na mesa e transbordei minha xícara com café antes de observar o quintal pela janela. O calor do sol com certeza ajudaria meus músculos doloridos. Coloquei a mão com cuidado na maçaneta da porta dos fundos e me surpreendi por encontrá-la aberta. A culpa retorceu meu rosto... Pelo visto, a noite de George foi mais estressante do que imaginava.

A brisa gelada da manhã soprava do lado de fora, mas o calor do sol era bom o bastante para que eu me encolhesse na cadeira do jardim, aproximando a xícara quente do nariz. Passei um longo minuto olhando a montanha através da fumaça do meu café, e decidi procurar por Vincent. Ele era minha testemunha, o único que poderia afastar a insanidade do meu futuro. Estava certa disso. Um frio como gelo escorregou por minha garganta até meu estômago só de imaginar um novo encontro com aqueles olhos intensos.

Recusei-me a analisar isso.

Depois do café, George insistiu para que eu repousasse. Alice brincou de enfermeira e me acompanhou até seu quarto; lá, passei a manhã inteira vendo o mesmo DVD com seu herói alienígena favorito. Li suas histórias preferidas... animais, fadas... e a ajudei com alguns quebra cabeças. O susto de ontem passou muito perto e era bom ter Alice segura ao meu lado. Enquanto ouvia suas histórias fantasiosas sobre a visita de gigantes alienígenas que brilhavam no escuro, George tentou assar uma massa grudenta que concluí ser uma tentativa distante de fazer um arroz de forno... Após comer *aquilo*, resolvi encerrar meu descanso.

Meu avô não tocou mais no assunto da queda, muito menos eu, embora os detalhes inexplicáveis da manhã de sábado não deixassem meus pensamentos. De qualquer forma, já tinha tomado minha decisão. Nunca fui destemida, mas iria reunir minha coragem improvável para encarar Vincent na esperança de ouvir uma explicação para minha milagrosa sobrevivência. Precisava planejar essa abordagem, mas, com a ansiedade crescente, resolvi deixar nossa conversa a

cargo da espontaneidade. Uma péssima ideia, mas nada melhor me ocorria com o nervosismo que só aumentava com a possibilidade de revê-lo.

Fenômenos

Na segunda-feira, tive algum trabalho para convencer meu avô de que estava apta a voltar a minhas atividades. Por ele, eu passaria a semana em casa. Mas, no fundo, George sabia que eu não era tão frágil. E a grande verdade, guardava só para mim: eu tinha planos para esse dia. Planos que faziam minha respiração acelerar!

Dirigi com cautela até à Casa Botânica dos Von Berg. No estacionamento, nada do SUV preto. Respirei fundo, a ansiedade havia destruído meus nervos. Depois de alguns segundos, o alívio deu lugar à frustração. Peguei as faturas de cobrança da bolsa, meu precário álibi, e segui para a estufa de vidro. Parei ao lado do grande balcão de madeira, mas não avistei ninguém. Resolvi entrar pelos corredores, procurando por vozes ou algum sinal de vida. Não tinha colocado a cobrança no correio de propósito e já tinha perdido meu tempo vindo até aqui; agora, precisava deixar as faturas com alguém.

– Olá! Tem alguém aí? – Nada. – Alex? – Continuei andando e cheguei até a porta do escritório que ficava na parte escura da estufa.

A porta estava aberta e pude admirar a decoração da sala. Havia estado nela antes, mas era a primeira vez que reparava em sua elegância imponente. Os móveis eram todos de madeira escura, as poltronas cobertas por tecido verde com bordados dourados... Ao fundo, de um lado a outro da sala, uma grande vidraça começava no teto e terminava no chão. A única coisa fora do lugar era um livro preto de bordas roxas e douradas, esquecido sobre a mesa. Passei por ela, ainda admirando, e me aproximei da vidraça ao fundo da sala. Do lado de fora avistei Alex, acompanhado de duas mulheres. Eu me afastei do vidro num pulo. Seria melhor esperar por ele na recepção, não queria ser pega bisbilhotando.

Caminhei apressada até a porta... No último passo, trombei com um peito largo. Mãos fortes seguraram meus braços perto dos ombros, antes que eu caísse de costas. Por reflexo, levantei o rosto para identificar meu obstáculo e minha boca abriu com uma arfada ao descobrir sua identidade.

Sempre me considerei acima da média com um metro e setenta, mas Vincent era um gigante comparado a mim... Talvez com mais de um metro e noventa! Ele olhava para baixo, graças à nossa proximidade desajeitada, e precisei apoiar as mãos em seu peito para me equilibrar. Senti sua respiração acelerar, mas não havia agressividade ou raiva em seu olhar. Desta vez os olhos azuis brilhavam, enigmáticos... Em um breve segundo, eu me perdi.

O calor inconfundível de suas mãos aumentava gradativamente com sua força, e me esforcei para reencontrar minha voz. Rezei para ela não sair rouca ou gaga.

– Desculpe, mas... você está... me machucando.

Eu quase consegui controlar minha voz. Não sabia dizer se estava com medo ou nervosa com sua presença, mas já estava sem ar.

– O que faz aqui?

A voz de Vincent soou baixa e apreensiva, como se *ele* estivesse com medo. Isso foi novo. Seu perfume quente e incomum... amadeirado, levemente cítrico, me afetou de uma maneira incompreensível. Precisei de alguma concentração para responder sua pergunta.

– Vim entregar suas faturas. – A resposta foi verdadeira, espontânea, e saiu num jato.

Ele sustentou meus olhos, depois notou o amontoado de papéis amassados contra seu peito. O rosto perfeito se transformou em uma máscara. Seus olhos pareciam escurecer diante dos meus, e ele estreitou o aperto de suas mãos.

– Vincent... está... machucando – murmurei com uma careta. Meu coração saltou no peito, como um alerta de perigo. Mas eu estava em perigo?

Antes que eu tomasse qualquer atitude, Vincent abaixou os braços e se afastou.

– Desculpe – falou a voz grave.

Meus pés tocaram o chão e cambaleei até me endireitar. Só então percebi... ele estava me levantando. O sangue voltou pulsando para minhas mãos e esfreguei o local dolorido por reflexo, suspeitando que já houvesse um hematoma ali. O calor de suas mãos ainda formigava em minha pele, mas, longe dele, recobrei a coerência de que precisava.

– Eu... não queria entrar assim, mas não encontrei ninguém na loja e precisava deixar isso em algum lugar – falei com sinceridade, balançando os papéis em uma das mãos.

Vincent deu a volta na mesa de madeira polida e pegou o livro antigo com certa ansiedade. Ele o guardou em uma gaveta, enquanto olhos duvidosos dançavam nos meus. Depois, endireitou os ombros.

– Muito bem. Deixe-as comigo – disse, educado.

Isso era um bom sinal? Mordi o lábio, ponderando.

Se ele queria me intimidar, conseguiu... Mas eu não podia ficar intimidada. Não agora. Precisava raciocinar com agilidade, tinha coisas importantes para falar e talvez não tivesse outra oportunidade. Com um passo à frente, coloquei as faturas sobre a mesa; Vincent demorou os olhos em meus

curativos e sua expressão cuidadosamente composta se desfez. Era agora ou nunca.

– Sábado, na montanha... Você estava lá quando caí. – Não era uma pergunta, eu tinha certeza disso. – O que aconteceu depois? Você viu o que aconteceu depois? Como fui parar lá embaixo? – Minhas perguntas saíram ansiosas, emboladas, mas estava aliviada por acabar com a dúvida que me enlouquecia há dois dias.

Vincent me olhou de cima.

– Não posso lhe ajudar sobre isso. – A voz marcante era um leve sussurro.

– O que? – retruquei de imediato, incomodada com sua indiferença. O que ele pretendia? – Você estava lá, lembro perfeitamente de ver você antes de cair. Não estou louca! – completei, decidida. Ele apertou os lábios em um sorriso que quase me fez realmente esquecer tudo. Droga! Como ele podia ficar tão bonito sorrindo? Respirei fundo para manter minha voz controlada e esforcei-me para desviar os olhos do seu rosto... Encarei meus curativos e continuei, ainda de olhos baixos. – Não estou culpando você pelo que aconteceu, o culpado foi meu equilíbrio. Mas...

– Era só o que faltava! – Vincent rugiu irritado, batendo a mão na mesa com vigor. O som oco da madeira estalando me fez pular. Meus joelhos tremeram, mas não recuei. – Você vai me culpar por cada tropeço?

Ele falava com raiva, e meus olhos, instintiva e revoltantemente, se encheram de água.

– Só quero saber o que você viu – falei, levantando o queixo.

– Vejo o óbvio. – Ele apontou para minhas mãos. – Você deve estar agradecida por seus machucados não serem mais extensos que isso – finalizou, com uma pontada de escárnio.

Isso me afetou mais do que o aperto de suas mãos ou o soco na mesa.

– Essa é a questão, eu não me machuquei – respondi séria, empurrando as lágrimas para dentro. – Não tive nenhuma sequela séria depois da queda e preciso entender como isso aconteceu. Como escapei ilesa! – Fiz um grande esforço para controlar minha respiração.

Vincent se endireitou atrás da mesa e ficou ainda mais alto, montando sua pose arrogante. Nesse momento, soube que ele não iria ajudar. Ainda assim, não poderia desistir.

– Vi seu carro na estrada, você estava lá! – exasperei, depois emendei um longo suspiro para me acalmar. – Vincent, eu... Só preciso ouvir uma versão com fatos concretos, e a única versão que tenho é a sua.

– Você vivenciou uma experiência única e boa parte do que acha que viu

pode ter sido causado pelo estresse do momento. Essa é a versão mais concreta que posso lhe oferecer. Qualquer coisa além disso estaria fora desta realidade. – Vincent encarou seu próprio reflexo na mesa de madeira polida. – Sinceramente, não faço ideia do que aconteceu. Sinto muito.

Suas últimas palavras pareciam as únicas sinceras.

Estava preparada para continuar, mas uma figura elegante apareceu em minha visão periférica. Virei rapidamente e me deparei com a Vênus de Botticelli... Que *timing* tinha essa garota!

– Interrompo? – perguntou com voz cantada.

Viviana estava bem atrás de mim e sua pose, mais do que perfeita, parecia a capa de um editorial de moda. Ótimo! Além de frustrada por não conseguir minhas respostas, sairia daqui com minha autoestima lá embaixo.

– Não, Viviana. Já acabamos.

Vincent sustentou meu olhar e indicou a porta, praticamente me expulsando.

Uma bela senhora de rosto suave e longos cabelos acinzentados passou por Viviana para me avaliar com um sorriso curioso. Meus olhos foram da senhora para Vincent, que refazia sua pose arrogante.

– Tenha um bom dia, Melissa.

Se não estivéssemos em uma discussão, teria apreciado a forma grave e sonora de sua voz ao pronunciar meu nome. Mas, com um passo à frente, apoiei as duas mãos na mesa, ignorando os cortes que ardiam por baixo dos curativos e, levantando os olhos, encontrei os oceanos turquesa.

– Nós não acabamos.

Meus olhos prenderam os dele e notei algo escondido em sua máscara de arrogância... Vincent pareceu torturado e comecei a ficar confusa. Infelizmente, este não era o melhor momento para analisar isso. Afastei-me, passando por Viviana, e deixei um breve sorriso para a figura agradável ao seu lado. Nos corredores da estufa, o colorido das flores parecia contrastar com meu mau humor. Depois de alguns passos, Alex surgiu do nada, como se tivesse se materializado ali.

– Olá, Melissa!

Eu parei de supetão, levando as mãos ao peito.

– Desculpe, não era minha intenção assustá-la – disse, um pouco encabulado. – O que foi isso nas mãos?

– Eu caí de uma trilha na montanha. – Continuava ridículo dizer isso em voz alta. – Não sei muito bem como aconteceu.

– A montanha pode esconder muitos perigos. Ainda bem que nada mais

sério aconteceu... – Ele falava como se soubesse exatamente o que tinha acontecido. – Isso parece infeccionado. – Alex apontou para minhas mãos, onde a pele avermelhada escapava do curativo. – Venha comigo, tenho algo que pode ajudar.

Tentei argumentar às suas costas, mas ele andava com rapidez entre os vasos de flores e não tive alternativa a não ser acompanhá-lo. Andamos até a extremidade oposta da estufa, onde havia outra sala, clara e... vazia. Alex caminhou até uma cristaleira ao lado da familiar vidraça e voltou com um pequenino frasco de vidro.

– Passe nos cortes antes de dormir e você vai ver os resultados pela manhã.

Tive de sorrir quando encontrei seu rosto confiante. Peguei o frasquinho arredondado, girando-o na ponta dos dedos. A luz da vidraça fazia o líquido esmeralda brilhar dentro dele, com nuances cintilantes.

– Obrigada – falei comovida ao entender que aquilo era um remédio.

Era impressionante o poder que Alex tinha de me deixar calma. Diria até feliz! Como acordar em uma manhã ensolarada de domingo, comer uma fatia de bolo quente ou abrir presentes de Natal. Uma sensação boa que se espalhava pelo corpo em ondas de felicidade. A raiva, a agitação, todas as emoções que sentia minutos atrás, desapareceram. Agora só imaginava coisas boas e podia dizer com convicção que me fazia bem ficar ao lado dele.

Ainda sorria quando virei para a porta... e me assustei com a figura pétrea de Vincent me observando. A paz deu lugar à inquietude novamente.

Ao contrário de Alex, Vincent tinha o poder de me afetar de maneiras incômodas e confusas. Raiva, medo, curiosidade e fascinação. Tudo misturado em meu estômago, saltitando de um lado para o outro, provocando uma náusea enervante. Seus olhos turquesa eram indecifráveis e me perdi neles enquanto caminhava. Consegui passar pela estátua de preto sem tropeçar em nada e só fui olhar para onde estava indo quando ele ficou para trás. Apressei-me para chegar ao sedã antes que lágrimas traidoras escapassem dos meus olhos, talvez não houvesse motivo para elas, mas a emoção parecia mais forte do que a razão. Abri às pressas a porta do carro e praticamente me escondi lá dentro.

Estava surpresa comigo mesma. Não era a frustração pela conversa improdutiva com Vincent a causa do descontrole. Eu sentia raiva, sim, mas também outras sensações perigosas. Uma salada de sentimentos atordoantes que estavam me sufocando... Eu me sentia atraída por esse homem! E esta era a causa das lágrimas, porque essa atração era loucura! Abracei o volante e deixei que as lágrimas limpassem meu peito de toda aquela confusão. Só assim poderia respirar novamente.

Depois do acesso, encontrei uma fagulha de sanidade. Iria bloquear todos os pensamentos que levassem ao perturbador Vincent. Não precisava me envolver em sentimentos que só trariam sofrimento. Era insano ficar fascinada por alguém como ele, capaz de assustar e irritar em iguais proporções. E mesmo que Vincent fosse o homem ideal, mais educado, gentil e simpático do mundo, quais eram as chances de ele reparar em mim com outros olhos? E por que eu estava pensando nisso? Já que ele era a figura mais lindamente assustadora e naturalmente antipática que conheci. Esse homem misterioso estava incitando minha curiosidade e essa era a única explicação para meu fascínio. Forcei meu cérebro a ser coerente, eu precisava viver o simples. Tinha muitas complicações e problemas para resolver em minha vida. Sim, eu tinha uma vida. Estava viva! Precisei lembrar minhas responsabilidades: cuidar do que restava da minha família, de Alice.

E minha irmã ainda era minha prioridade.

Não sei como cheguei até a escola, mas subi a escadaria principal pronta para enclausurar minhas impossíveis vontades em um canto gélido e esquecido do meu coração. Com um sorriso dolorido, encontrei Alice, e voltamos para casa.

Em meio aos pratos e copos do almoço, observei minha irmã brincar com seus lápis de cor, satisfeita por ter me ajustado a tempo. Alice era a coisa mais importante em minha vida. Da mesma forma, sabia que ela via na figura da irmã mais velha o pouco da segurança que conhecia. Não seria justo me distrair dessa forma simplesmente porque não poderia falhar com ela. Não poderia decepcionar minha mãe.

Impulsionada pelo amor incondicional, atravessei a mesa e puxei minha irmã caçula para um abraço de urso. Apertei Alice por mim e por minha mãe, que nunca veria como ela estava crescida. E por isso mesmo tinha que me lembrar de abraçá-la em dobro. Minha irmã suportou o aperto enquanto pode e tentou fugir, o que levou a uma corrida de pega-pega em volta da mesa. Corríamos em círculos e a brincadeira em tom de euforia arrancou gritos animados de minha irmã... até que meus pés desajeitados se encontraram com os da mesa. Alguns lápis e um copo voaram para o chão e, por reflexo, me curvei para pegá-los. Mas só agarrei o ar. O instinto me fez fechar os olhos, aguardando o som agudo do vidro se espatifando. Mas, depois de dois segundos, percebi que não houve som algum.

Abri os olhos e os lápis não estavam no chão, tampouco havia vestígios de vidro quebrado. Olhei em volta, vasculhando o chão, até debaixo da mesa, e não encontrei nada. Então notei Alice, ainda congelada, de punhos cerrados e

olhos fechados... esperando pelo desastre que não aconteceu.

Endireitei-me, confusa. E percebi que os lápis e o copo estavam sobre a mesa.

– Olha, Mel, não quebrou!

Feliz com o milagre, minha irmã dava pulinhos sem sair do lugar.

– É, Alice... não... quebrou – falei, atordoada. – Mas... eles... – Limpei a garganta, tentando acreditar no que via. – Deveriam ter quebrado.

Alice me olhou, decepcionada. Sabia que não estava sendo clara, mas meu cérebro fervia, tentando entender o movimento que não aconteceu. George entrou pela porta da frente nesse instante e me viu analisando os copos de perto, sem tocá-los.

– Você quer quebrar os copos olhando para eles? – perguntou, um tanto preocupado. Se ele ouviu o fim da conversa, não poderia culpá-lo.

Virei para ele, ainda mais confusa... A não ser que fôssemos ter uma discussão sobre *poltergeist* ou assombrações da montanha, era melhor deixar meus lapsos temporais de lado.

– Não. Claro que não.

Bufei com um humor nervoso e girei nos calcanhares para fazer seu prato. Agora estava preocupada, talvez a depressão dos últimos meses tivesse enfim deixado sequelas.

Naquela noite, fiquei pensando no impossível e que tipo de forças controlava isso. Não que acreditasse que era possível, mas... E se minha avó não fosse tão impressionável? E se as histórias sobre acontecimentos sobrenaturais tão perto de casa tivessem algum fundo de verdade? Isso explicaria muita coisa.

Depois que Alice dormiu, sentei-me na sala com George e tentei me interessar pelo noticiário que ele assistia. Sabia que meu avô era um homem sério, coerente, e o fitei longamente... julgando.

– *Opa*, sei que já cansou de ouvir histórias estranhas sobre a montanha, mas... você se incomoda com elas? Já viu alguma coisa? – O silêncio tomou o sofá e George levantou uma sobrancelha.

– Sempre morei ao lado da montanha, Mel, e a proximidade nunca me afetou. Acho que é como morar ao lado de um cemitério. Uma hora a gente vê um fantasma e se assusta, mas, com o tempo, se acostuma. A vida continua e acabamos até nos tornando zeladores dos túmulos. – Ele suspirou, pensativo.

Engoli em seco, sem querer admitir o quanto estava perturbada.

– E você... acredita nestas... coisas?

George me olhou com atenção.

– O que acredito é bem simples: quem procura, acha. – Meu avô estreitou os olhos. – Espero que não esteja impressionada com essas histórias.

– Não estou impressionada, só curiosa... – Mentira. Na verdade, estava começando a acreditar que havia algo lá, mas com uma explicação coerente, claro. – Aconteceu algo de estranho na montanha nestes últimos anos? Depois que eu e a mamãe nos mudamos?

– Não. Nada. Satisfeita? – George parecia incomodado.

Concordei, ocultando minha estranheza. Ainda estava curiosa, mas isso o estava chateando... talvez o fizesse se lembrar de minha mãe. Resolvi colocar tudo de lado, não queria magoá-lo. E, precisava admitir, estava ficando preocupada com a possibilidade de que o medo de minha avó fosse justificado.

– Ótimo. Vamos dormir.

Pela primeira vez desde que cheguei, George desligou a TV no meio do jornal.

De repente, me pareceu sensato não ter comentado minhas experiências bizarras no mirante. Ninguém me levaria a sério. Principalmente George.

Subi a escada até meu quarto e me joguei na cama. Só queria poder esquecer toda essa confusão... O movimento do travesseiro derrubou algo da mesinha de cabaceira. Peguei o pequenino frasco de vidro do chão e abri a tampa para cheirar o líquido esmeralda. Hum, forte. Uma mistura de sumo verde e amadeirado. Contemplei o vidrinho por um instante, não custava tentar. Com a ajuda de um algodão, espalhei a mistura em meus ferimentos, cobrindo-os com curativos limpos. Durante o processo, fui bloqueando as lembranças dos meus vizinhos da montanha, principalmente o de olhos turquesa. Já era tarde o suficiente para o cansaço me arrebatar e dormi logo.

No dia seguinte, olhei meus curativos de uma maneira diferente, como lembranças do passado. Abri a bandagem e tentei não ficar surpresa ao constatar que os machucados sangrentos eram meros riscos avermelhados. Eu precisava agradecer a Alex... E parei meu pensamento aí. Balancei a cabeça, determinada. Não arrumaria novos motivos para procurar os Von Berg.

Complicado

Pela graça divina, não tivemos assuntos comerciais pendentes com a Casa Botânica, o que facilitou minha decisão de passar por cima das lembranças do meu vizinho misterioso e seus fascinantes olhos turquesa.

Estávamos na cidade há mais de um mês e tudo corria bem... agora.

Combinamos o esperado jantar na Taberna dos Casella, e Lucila estava empolgada com nossa visita. Era noite de sábado e, apesar do movimento ter aumentado com o frio, não tivemos que esperar. A Taberna era aconchegante; o charme do lugar atraía os turistas e a boa comida os cativava. Pelo que entendi, as ideias inovadoras de Arthur eram responsáveis pelo movimento, mas, ainda assim, o senhor Antônio não parecia seguro em deixar o comando do restaurante nas mãos do filho. Presenciamos uma pequena discussão sobre o assunto nos bastidores e entendi o que Arthur havia explicado sobre cultivar a paciência para trabalhar com a família.

O jantar estava ótimo! Lucila preparou uma rodada de pasta italiana para todos os gostos, e Alice desmaiou em meus braços logo depois da sobremesa. Com o adiantado da hora, o movimento caiu, e o senhor Antônio pareceu relaxar com George. Lucila fazia cara de desaprovação a cada cálice de vinho, mas estava visivelmente feliz por ter todos em volta da mesa. Eles estavam em uma conversa entusiasmada e resolvi não incomodar. Quando meus braços não suportavam mais o peso de Alice, pedi para Arthur me levar para casa. George merecia uma noite de folga com os velhos e bons amigos.

Arthur precisou me ajudar a entrar na caminhonete com o chumbo adormecido, e era até engraçado ver Alice crescida e desajeitada em meus braços. Mas, ao mesmo tempo, triste não poder acomodá-la com conforto como antes.

Em casa, precisei de sua ajuda novamente e, com alguma dificuldade, coloquei minha irmã na cama. Com um sorriso cansado, propus um café como agradecimento. Arthur pegou as xícaras e, sem lugar para colocá-las, começou a reunir a habitual bagunça artística que Alice deixava sobre a mesa.

– Realmente, é difícil fazer o que você está fazendo. Todo esse cuidado...
– Ele se interrompeu, ajeitando a braçada de papéis enquanto tentava reunir os lápis de cor. – Mas fique tranquila, você está fazendo um ótimo trabalho como mãe.

– Não sou a mãe dela, Arthur. Isso é... diferente. Tudo é diferente agora.

Difícil e complicado – concluí, incomodada, voltando minha atenção para a chaleira.

– Mas você não age como irmã dela – ele murmurou baixo. Lancei um olhar reprovador em sua direção. – Sei que não há outro caminho, mas... O que quero dizer é que você deixou muita coisa para trás. Seus interesses. Sua vida! Está na hora de pensar em você, no seu futuro.

Sabia que Arthur estava tentando entender minhas escolhas, mas, de alguma forma, isso me incomodou ainda mais.

– Preciso cuidar dela, Arthur. Não posso delegar essa responsabilidade à outra pessoa. E, mesmo que pudesse, minha consciência não permitiria. Não vou ter tempo para minha vida por enquanto, mas está tudo bem... Eu não me importo. – Suspirei. – Meu futuro pode esperar. Só espero ser competente para me orgulhar dela nesse futuro.

– Não se preocupe – disse, com um tom doce. – Acho que você está alcançando seu objetivo. Nunca fui chegado em crianças, mas Alice é diferente. As crianças que aparecem no restaurante são barulhentas, meladas, e me fazem ter aversão à paternidade. Mas ela é diferente... – Ele falava distraído, girando a cabeça à procura de um lugar para depositar o entulho em seus braços.

– Você não precisa fazer isso. – Deixei a caixa de café na pia para agarrar o volume em suas mãos. Atravessei a cozinha e coloquei a bagunça artística na mesa aparadora do hall. Quando voltei para a cozinha, Arthur balançava a cabeça com ironia e reprovação. – O que foi?

– Pensei que minha ajuda fosse bem-vinda – falou com humor.

– Tem coisas que eu prefiro resolver sozinha.

– Sabe... Acho que você precisa relaxar.

– Relaxar? – Virei para censurá-lo. – Estou em um treinamento intensivo! E, mesmo me esforçando, faço coisas erradas. Você já presenciou o tipo de coisa que acontece quando fico distraída e não posso correr outro risco... O risco de, por descuido, deixar Alice sozinha. Ela não precisa perder mais nada. Alice não deveria sentir falta de nada. Entende?

– Ninguém aqui vai enfrentar perigos mortais, Mel. Acho que você se cobra demais. Alice tem que viver a realidade dela. Pode não ser hoje, mas um dia ela vai entender que as coisas são diferentes para ela.

Eu o espiei por cima do ombro. Arthur falava com a voz mansa, observando meus movimentos com um olhar diferente, brilhante... Intenso. O brilho dourado. Isto me deixou nervosa e derrubei a caixa de café na pia.

– Sei disso... – falei, contrariada. – Mas, enquanto puder evitar que as coisas ruins atinjam novamente, ela vai ter toda a felicidade a que tem direito. Vi minha irmã sofrer uma vez e espero nunca mais passar por isso. – Recolhi a

sujeira, com os olhos mareados. – Eu não posso me dividir. Não é justo... Devo isso a ela.

A conversa estava séria demais, pessoal demais.

– Você não deve nada a ninguém, Mel, porque não tem culpa do que aconteceu. E, no fundo, sabe disso. Acho que você está com medo de tomar decisões que podem mudar sua vida mais uma vez. – Arthur tirou a caixa de café das minhas mãos e a devolveu à pia. – Medo de encontrar algo mais importante do que sua vontade de cuidar da Alice. Medo de viver seu futuro. – Sustentando meus olhos, ele segurou uma de minhas mãos, afagando-a com os dedos. – É disso que você tem medo?

Entendi onde Arthur queria chegar e o que ele estava tentando me dizer. Queria ter uma reação mais rápida, mas não estava preparada para esse tipo de situação... com Arthur. Presa naquele olhar intenso, senti seus dedos subirem por meu braço, acariciando suavemente meu cabelo. Arthur se aproximava vagarosamente e milhões de pensamentos flutuavam incoerentes em minha cabeça... Os segundos passavam, sua boca ficava cada vez mais perto e eu continuava paralisada. O que não estava ajudando. Arthur era bonito, atraente, engraçado e se tornou meu amigo. As coisas entre nós estavam diferentes. Ele estava diferente. Não lembrava mais aquele menino que roubou meu primeiro beijo dez anos atrás. Mas não estava disposta a viver um romance... Não com ele. Ou melhor, com ninguém! Não era o momento para isso! Arthur era um bom amigo. Um amigo que eu estava prestes a magoar.

Encabulada, levantei minha mão livre e a coloquei em seu peito.

– Arthur! Por favor... – sussurrei, antes que seus lábios me tocassem.

Sustentando meus olhos, ele parou sua aproximação.

– Mel, você não tem que parar sua vida – disse com voz suave, sua boca a centímetros da minha. – Não foi você quem morreu.

Um calor correu meu rosto enquanto suas palavras ardiam como um tapa, machucando fundo. Com um impulso ofendido, eu o empurrei com força, afastando-me o máximo que a distância da cozinha permitia.

– Desculpe, não quis dizer isso – completou, arrependido, mas era tarde.

– Vindo de você, não esperava outra coisa. Que direito você tem de julgar minha consciência? – questionei, indignada.

Arthur levantou a cabeça, quase possuído.

– Quer saber? Você pode não gostar de ouvir, mas esta é a mais pura verdade e você sabe disso. Alice não precisa de uma mãe substituta, precisa de uma irmã! – A voz petulante lembrou o menino da minha infância... e não estava acreditando em sua ousadia.

Minhas mãos se fecharam em punho.

- Acho melhor você ir embora.
 - Tudo bem, acho que você precisa pensar no assunto.
- Ressentido, ele caminhou para a porta. Eu o segui.
- Não tenho nada para pensar – respondi secamente.

Ao ouvir minhas palavras de indiferença, Arthur virou repentinamente, quase se chocando comigo. Com outro movimento rápido, agarrou meus braços, puxando-me para ele... e sem deixar tempo para qualquer reação, colocou os lábios nos meus com força. Aquilo não foi um beijo, foi uma colisão! E nossas bocas, o ponto de impacto. Arthur prendeu meu corpo junto ao dele com mãos de aço enquanto seus lábios buscavam uma resposta dos meus. Assim que o choque permitiu, eu lutei. Apoiei minhas mãos em seu peito para empurrá-lo com vigor. Depois de alguns segundos forçando os lábios nos meus, Arthur sucumbiu à minha força, ou à minha rejeição, e o beijo esmagador se rompeu num estalido.

Aquilo parecia um *replay* do meu primeiro beijo há dez anos. Vendo o sorriso audacioso se esticar em seu rosto, eu soube, ele recordava a mesma lembrança.

- Sai daqui! – gritei, raivosa... Como ele ousou me beijar? De novo!

Arthur voltou para a porta, rindo, e parou com a mão na maçaneta. Seus olhos dourados eram desafiadores.

- Agora você tem no que pensar... de novo.

– Aí que você se engana. – Minha voz soou fria. – Nunca pensei sobre aquilo, continuo não pensando, e ainda não tenho nada para pensar. Porque isso não significa nada para mim. Vá embora!

O sorriso de Arthur sumiu e acho que finalmente consegui magoá-lo. Dei dois passos para alcançar a porta entreaberta e o empurrei para fora.

– Isso é o que você diz, Melissa, mas seu primeiro beijo sempre vai ser meu. – Eu o empurrei com mais ódio até os degraus da varanda. – Está bem, estou do lado de fora... Para de empurrar!

Arthur ainda ria e meu desejo era jogar seu sorriso no meio da rua. Voltei para a porta e, com a maçaneta nas mãos, virei para confirmar se ele estava indo embora... Iria socá-lo, se insistisse. O que vi me deixou inconformada: Daniel, atravessando o jardim do meu avô com um sorriso inabalável no rosto. Aquilo só podia ser mais uma piada do universo. Pisquei duas vezes. Não, era apenas eu.

- Posso ajudá-lo, Daniel? – perguntei, no auge do meu mau gênio.

– Boa noite, Melissa... Parece até que estava me esperando – disse, confiante.

Coloquei meio corpo para dentro de casa, não ia me dar ao trabalho de ser agradável.

Arthur, que já estava perto da caminhonete resolveu retornar. Nesse

momento, desejei ter poderes mágicos. Fechei os olhos com força, talvez por encanto eles sumissem... Nada. Eles continuavam ali. Depois de um longo suspiro, tentei entender como uma noite que começou tão agradável poderia ter um desfecho como esse.

Com uma expressão desafiadora, Arthur se recostou no pilar da varanda, cruzando os braços no peito como se estivesse se preparando para assistir o último capítulo da novela. Daniel o espiou sobre os ombros e, entrando em seu joguinho competitivo, adiantou-se um passo.

– Vim lembrá-la de nosso jantar, Melissa... Ao que parece, suas mãos estão totalmente recuperadas. – Ele espiou Arthur mais uma vez antes de abaixar o tom de voz. – Estou livre amanhã, e estive pensando, acho que devemos fazer nosso jantar em um lugar mais... reservado. Nada destes restaurantes da cidade. Que tal em minha casa, à luz de velas? Garanto que lá poderemos ficar mais – ele subiu e desceu os olhos no espaço que se enquadrava meu corpo – à vontade.

Balancei a cabeça. Ele era ousado. E abusado.

– Obrigada pelo convite, Daniel, mas não posso aceitar. – Falei com firmeza e ele pareceu chocado, quase ofendido. Como se minha recusa fosse uma coisa impossível de acontecer.

– Mas você está me devendo um agradecimento, lembra-se? – insisti.

– Acho que já agradei, mas, de qualquer forma... Obrigada.

Ignorei sua carranca e recuei um passo para fechar a porta.

Daniel colocou a mão no batente, impedindo-me de fechá-la. Depois, inclinou a cabeça com uma piscadela significativa.

– Esse não é o agradecimento que eu tinha em mente.

Isso eu já imaginava.

Nesse momento, Arthur subiu os degraus da varanda. E meu sangue ferveu.

– O que faz aqui, Arthur? Você não estava indo embora?

Ele parou, duvidoso, mas logo estendeu seu sorriso provocador. Precisei me segurar à maçaneta para não voar nele. Para sorte de ambos, o ronco familiar da Ford robusta silenciou na garagem. George bateu a porta da caminhonete e veio em nossa direção com sua melhor expressão amistosa.

– Boa noite, meninos. É bom ver a juventude se divertindo.

Não sei onde George viu diversão na cena. De toda forma, para mim, a noite agradável já havia acabado há muito tempo. Estava irritada e não ia ficar esperando o circo continuar. Girei nos calcanhares sem olhar para trás e subi a escada para meu quarto pisando duro. Não tinha ideia do que aconteceu lá fora e, para falar a verdade, não queria saber. Coloquei meu moletom de dormir e, quando desci os degraus para escovar os dentes, George me esperava na porta do

banheiro, como um cão de guarda.

– Melissa? O que foi aquilo? – Ouvi meu nome completo e sabia que ouviria um sermão. Fiz cara de martírio e indiquei o quarto de Alice para que meu avô falasse mais baixo, depois tentei inutilmente passar por ele. – Não fuja. – Ele falou sussurrando. – O que aconteceu lá fora? Se não quer sair com Daniel, tudo bem, ninguém vai forçá-la. Mas não precisa ser mal-educada com seus amigos.

– Daniel não é meu amigo. E Arthur é meu ex-amigo – sussurrei, mal-humorada.

– Chega, Melissa! Você já desistiu dos seus estudos e de um futuro em São Paulo. Não vou permitir que desista de viver aqui também! Quero que faça amigos, se divirta, arrume um namorado e...

Isso foi a gota d'água.

– Não desisti de nada. Só não preciso disso agora! E não pense que me engana, *Opa*, sei muito bem qual namorado você quer que eu arrume. Um que mora na casa azul, não é? – Bufei, e George pareceu surpreso com minha irritação. – Quando Alice crescer e não precisar mais de mim, caso com o vizinho que você escolher. Mas agora, gostaria que aceitasse minhas decisões. Sei o que estou fazendo!

– Não pedi para você casar com nenhum vizinho, Mel, só acho que seria bom você se relacionar com alguém. Isso é normal na sua idade. E não use Alice para se esconder da vida, ela vai ficar feliz se você estiver feliz. Você também precisa pensar no seu futuro – concluiu, olhando minha boca aberta.

Estava chocada por ouvir meu avô repetir o discurso de Arthur, parecia que os dois haviam combinado. Como eu era ingênua... Eles provavelmente haviam combinado.

Eu e meu avô nos fitamos, irredutíveis.

– Eu desisto! Você é teimosa como sua avó! – George exasperou, rendido. – Mas fique sabendo que só quero vê-la feliz, *filha*.

Soltei os ombros.

– Sei disso. Obrigada... Mas não culpe a vovó, minha genética pode ser herança sua – falei num tom conciliador.

George riu, tristonho. Afagando desajeitadamente meus ombros, abriu passagem para o banheiro. No fundo, ele me entendia, mas George era, por assim dizer, meu pai – ou pelo menos tinha as preocupações de um – e os pais só querem ver os filhos felizes. Disso eu entendia agora.

Convite

Meus vizinhos – da rua e da montanha – me pouparam de aborrecimentos durante a semana, o que levava a crer que as apreensões de George se tornaram reais. Eu havia me tornado uma pessoa impopular.

Procurei ocupar meus dias com distrações simples, principalmente para não enlouquecer. Ao final de mais uma tarde tediosa, Alice e eu fomos para o quintal aproveitar os últimos raios de sol. Minha irmã carregava a bola peluda nos braços com dificuldade e, enquanto servia seu chá imaginário ao coelho, eu me deitei na grama, saboreando uma generosa colher de brigadeiro.

Nestes últimos dias, percebi que o prazer do chocolate se tornou quase necessário para recarregar minhas energias. E precisaria delas assim que o coelho resolvesse se rebelar contra a imaginação de sua dona, disparando gramado a fora. Mas, para minha incredulidade, a bola peluda permaneceu inerte ao lado de minha irmã. Confesso, estava cada vez mais impressionada com a obediência do bicho. Voltando ao chocolate, levei a colher a boca, admirando a copa das grandes árvores que balançavam com a brisa fresca... Respirei profundamente. Paz.

Alguns passarinhos fizeram alvoroço nos galhos acima de nós e, inevitavelmente, atraíram a atenção de minha irmã. Alice correu até a árvore e tentou alcançar o comedouro de alpiste com gemidos persistentes. Ainda assim, precisaria ter o dobro do tamanho apenas para tocá-lo.

– Taaataaa! Me ajuda... *ung...* Os passarinhos estão com fome! Eles pediram minha ajuda, mas não consigo... *ung...* alcançar. – Ela me olhou com reprovação por eu ainda estar sentada. – Tata, você não vai ajudar?

Minha paz foi embora em segundos... Previsível. Ficava admirada com a imaginação de minha irmã para inventar histórias, principalmente quando elas justificavam suas vontades. Com certa dificuldade, agarrei a caixa de madeira e fomos até a cozinha encontrar algo para alimentar o bando inquieto. Mas o preparo do banquete foi interrompido pelo som da campainha. Larguei o comedouro com frutas na pia sob os protestos de Alice, que me seguiu até a porta.

Lucila entrou distribuindo sorrisos simpáticos, e acariciou os cabelos da menina impaciente enquanto atravessava o pequeno hall.

– Desculpe sumir por tanto tempo, minha querida, mas o restaurante andou cheio por causa do frio. Finalmente chegamos à temporada de turistas! Está uma loucura no centro – completou, animada.

Sorri, compreensiva. Mas meu sorriso sumiu quando percebi Arthur logo atrás dela. Não havia esquecido sua audácia em nosso último encontro. Deixei a porta aberta e segui Lucila até a cozinha. Arthur se juntou a nós, em silêncio, e eu o ignorei com veemência. Alice não demonstrou interesse pelas visitas e, antes que notasse, estava de volta ao quintal. Sem perder tempo, Lucila me inteirou das novidades do restaurante, dos últimos problemas de saúde do marido e dos preparativos da cidade para a abertura da temporada de inverno. Ouvi seu monólogo com um interesse educado enquanto preparava um café. Desviei de Arthur pelo menos duas vezes para chegar ao armário de xícaras e, nesse ponto, a percepção aguçada de Lucila notou o clima desconfortável.

– Por que vocês dois estão com essa cara? Andaram brigando! – concluiu, olhando de mim para Arthur. – Arthur... o que você fez para a Melissa?

– Nada, Lucila. Ele não fez nada – respondi com indiferença, e encontrei o olhar sem expressão de Arthur. Ele entendeu meu recado.

Lucila fez cara de paisagem. Talvez imaginasse alguma coisa, mas, pelo que conhecia dela, mesmo que soubesse, não iria comentar.

– Se é assim... Muito bem. – Ela se ajeitou na cadeira – Minha visita tem um propósito, Melissa. Eu vim lhe pedir um favor. E também fazer um convite! Isso inclui George, claro – disse, risonha, levando os olhos até Arthur.

Servi a primeira xícara de café à Lucila e também espiei Arthur. Ele olhava para o nada, perdido em algum lugar na porta da geladeira. Isso parecia coisa armada e senti aquela famosa sensação de que logo iria me arrepender.

– Então... É tradição da cidade fazer um jantar de gala para a abertura da temporada de inverno. Nesse jantar, os comerciantes do centro turístico organizam um leilão, que ajuda a levantar fundos para as melhorias nos estabelecimentos. – Ela soltou uma risadinha animada. – Nestes tempos de concorrência, uma repaginada na decoração é fundamental. É por isso que estou aqui. O jantar vai acontecer daqui a duas semanas, no sábado à noite.

Um convite para jantar. Em família. Até aí, tudo bem. Na verdade, era um convite para uma festa. Hum... Traje a rigor, salto alto... Comecei a enumerar mentalmente os desafios para o evento. Mas era por Lucila, e não poderia falar *não* a ela.

– Por mim tudo bem, Lucila. Mas preciso confirmar com meu avô... e resolver alguns detalhes. Tenho que encontrar alguém para cuidar de Alice.

– Ah! Não se preocupe com isso, George é nosso convidado *vip* há anos – ela explicou com naturalidade, bebericando seu café. – E você pode chamar uma das professoras da escola para ficar de babá. Na minha época, sempre funcionava.

Franzi a testa, distraída... Alice nunca tinha ficado com uma babá antes,

mas a ideia de chamar alguém conhecido até que era boa.

– Hã... Mãe... Acho melhor ser um pouco mais clara, a Mel ainda não entendeu o objetivo do convite. – Arthur pegou uma xícara para se servir. Não havia oferecido a ele de propósito.

Meus olhos correram dele para Lucila, imaginando o que havia perdido na conversa.

– Sim, sim... Ah. – Ela buscou apoio no filho, mas Arthur pareceu propositalmente ausente. – Bem, todos os anos o Antônio e eu leiloamos um jantar do restaurante. Mas a figura de dois velhos à frente da Taberna não é nada atrativa. Os lances do ano passado foram um fiasco. Por isso, neste ano, pensamos em colocar um casal jovem para representar a Taberna Casella. – Lucila apertou os lábios para segurar a expressão apreensiva. – Gostaríamos que você representasse a Taberna ao lado do Arthur durante o leilão. Vocês dois ficam bem juntos, combinam. Achamos que isso pode melhorar a imagem do restaurante. – Não consegui segurar a careta de descontentamento. – Precisamos de bons lances, Melissa, só assim poderemos trocar os estofados, as louças... Você só precisa vestir algo bonito e ficar ao lado de Arthur no palco. Ele faz o resto. – Ela projetou um beicinho de dar pena.

Encarei minha estimada vizinha... sem palavras. Por que nunca encontrava uma desculpa inteligente quando precisava de uma?

– Lembre que você já aceitou o convite para o jantar. – Arthur destacou enquanto degustava seu café. Achei ter visto um semissorriso por trás da xícara. Lancei um olhar mortal em sua direção, isso com certeza era ideia dele... Arthur encontrou meu olhar raivoso e entendeu que eu procurava uma forma de escapar. – O leilão não vai durar mais do que cinco minutos, Mel. Vai ser indolor.

Imaginei o quanto ele se sentiria culpado se eu negasse. Por um momento gostei da ideia, mas encontrei o olhar agoniado de Lucila e desisti da vingança. Não poderia fazer isso com ela. Droga! Como continuava me enfiando nesse tipo de situação?

Suspirei, contrariada, e fiz questão de deixar minha posição bem clara:

– Faça isso por você, Lucila. Mas tenho medo de dar algum vexame e estragar tudo. – Estava envergonhada, mas era melhor ser sincera.

– Não se preocupe com isso, Mel, é por esse motivo que vou estar lá. – Arthur parecia muito confiante ao me chamar de desastrada nas entrelinhas. Apenas o ignorei.

– Não se preocupe, meu bem, você vai ficar ótima! – Lucila sorriu, satisfeita, e se levantou para um abraço. Ela não sabia com quem estava falando, poderia enumerar umas oito possíveis improbabilidades só de me imaginar parada em cima de um salto alto. – Somos gratos por sua ajuda... Obrigada!

Ela apertou o abraço, que acompanhou um maternal beijo na testa. Sorri, rendida. Feliz por vê-la feliz. Lucila se despediu sorridente, precisava voltar ao restaurante e se apressou até a caminhonete. Parei na varanda, acenando um adeus... aguardando a última visita sair também.

– Sei que você está irritada comigo – Arthur disse baixo ao se aproximar. – E sei que você só aceitou participar disso para não magoar minha mãe. Então, obrigado. Pode continuar irritada se quiser, mas, de qualquer forma, sou grato.

– Tenho certeza que me envolver nisso foi ideia sua – falei, aborrecida. Ele abaixou a cabeça tentando disfarçar um sorriso. – Mas você tem razão, faço isso por Lucila. Só por ela. E vou tentar superar minha raiva até lá, assim não corro o risco de empurrar você fora do palco. – Arthur sorriu com o canto da boca, ele sabia que minha ironia era uma proposta de perdão. – Mas tenho uma condição: que você não tente me ensinar como viver *minha* vida.

Seu sorriso se desfez.

– Posso viver com isso. Me desculpe, Mel... pelo beijo – murmurou, tímido. Dei um passo para trás, com uma careta incomodada. – Está certo. Então, estamos bem?

Assenti com outra careta, um misto de ironia e desdém.

Arthur abriu um sorriso satisfeito e desceu aos pulos os degraus da pequena varanda para correr até a porta aberta da caminhonete. Ele acenou, ainda sorrindo, e acenei de volta, menos animada do que ele, mas de certa forma satisfeita por fazer as pazes.

Ainda estava na pequena varanda, vendo a caminhonete prata se afastar, quando uma rajada de vento gelado desceu a montanha, varrendo meu rosto. Entrei em casa esfregando os braços e fui direto para o quintal... Estava na hora de encerrar a brincadeira do lado de fora. Alice ainda estava no gramado com seu jogo de chá, o coelho deitado pacificamente ao seu lado e, para meu espanto, dois esquilos estavam aninhados em suas pernas. Parei a certa distância, admirada.

– Alice, como você conseguiu pegar esses bichos? – perguntei em um sussurro para não espantá-los.

Minha irmã levantou os ombros com indiferença.

– Eles vieram brincar comigo.

Sua normalidade era assombrosa. Dei mais um passo, e os esquilos fugiram. Soltei um som decepcionado.

– Se quiser, peço para eles voltarem. – Alice parou, pensativa. – Mas você não pode se mexer, eles têm medo de coisas grandes.

Ri da história elaborada e comecei a recolher os brinquedos.

– Temos que entrar, está ficando frio. Amanhã brincamos com o coelho,

os passarinhos... se tivermos sorte, com mais esquilos. – Lembrei-me da comida dos passarinhos e retornei para a casa. – Alice, termine de recolher suas coisas, vou lá dentro pegar a comida dos passarinhos e...

– Não precisa, Tata. Já está na árvore. – Alice disse, orgulhosa, apontando para o tronco do gigantesco pinheiro. E lá estava o comedouro, corretamente instalado a dois metros do chão.

Fiquei parada, apenas olhando para a árvore, tentando compreender como aquilo foi parar lá. Decifrando minha expressão confusa, Alice esclareceu, com a mesma naturalidade assustadora:

– Os esquilos me ajudaram.

Tentei lembrar se Lucila ou Arthur haviam deixado a cozinha... mas não, eles não saíram da casa. Minha cabeça vasculhava possibilidades e estremeci ao imaginar que alguém havia estado aqui, com minha irmã. Um desconhecido! Meu coração se apertou, apavorado com os perigos que imaginava agora. Caminhei até minha irmã e caí de joelhos à sua frente. Segurando seus braços, fiz com que olhasse para mim.

– Alice, preste atenção! Foi um estranho que ajudou você a colocar o comedouro dos passarinhos lá? – perguntei, quase histérica.

– Não, Tata, os esquilos ajudaram.

Sua convicção ao continuar com a brincadeira me deixou mais nervosa. Quando Alice iria aprender a separar fantasia da realidade?

– Não é hora para brincadeiras, Alice! Algum adulto estranho entrou aqui? – Ela balançou a cabeça em negativa. – Então quem ajudou você?

– Os esquilos.

– Alice! Presta atenção! Pare de inventar histórias! Preciso saber a verdade. Quem ajudou você? É importante! – Falei, alterada, e minha irmã abaixou a cabeça. – Alice! – gritei.

– Melissa, tá machucando... – Alice disse com a voz espremida e, quando levantou a cabeça, seus olhos estavam cheios de água.

Finalmente percebi que estava assustando minha irmã. Mas eu estava assustada. Muito assustada! Estava praticamente chacoalhando Alice... Soltei seus braços para envolvê-la em um abraço de urso.

– Desculpe, não queria machucar você. – Apertei os olhos, espantando os pensamentos assustadores. – Não devia ter deixado você sozinha. – Afrouxei os braços para encontrar seus olhos, precisava ter certeza de que ela estava prestando atenção. – Alice, você tem que prometer... Se alguém estranho entrar em casa, você tem que correr e me avisar na hora. Entendeu? Você sabe que não deve falar com quem não conhece... Não é?

– Mas e o gigante que brilha?

– Alice! Estou falando sério! – exasperei, e ela afirmou com a cabeça, confusa e assustada com meu ataque. Mas só iria me acalmar depois de sua confirmação verbal. – Você entendeu, Alice?

– Entendi – Alice murmurou com os olhos baixos, e fiquei com remorso por tê-la assustado. – Você está zangada comigo? – Sua vizinha saiu embargada no choro. Fiquei ainda mais culpada.

– Não, Alice. Estou zangada comigo mesma. Venha... vamos entrar.

À noite, relatei o susto a George, mas ele achou pouco provável que um estranho invadissem a casa. Com uma calma que beirava a alienação, meu avô tentou me convencer de que, além dos vizinhos da rua e a família da montanha, era raro, para não dizer improvável, ver pessoas da cidade, muito menos de fora dela, andando por aqui. Lembrei meu avô da trilha clandestina do Mirante e, mesmo suspeitando de algum turista perdido, não consegui convencê-lo. George incumbiu a criatividade de Alice pela façanha, mas, por via das dúvidas, chequei as portas duas vezes naquela noite.

Subi a escada para meu quarto pensando no perigo a que expus minha irmã, e em como fui relapsa ao deixá-la sozinha. Mesmo em um lugar aparentemente tranquilo como Campo Alto. Era muito difícil tomar decisões tão pequenas e tão importantes todos os dias... O tempo todo! E o mais impressionante é que todas as decisões certas não fariam a menor diferença se eu cometesse um único desliz. Isso me arrepiou. Com um longo suspiro, sentei em minha cama, desejando mais que nunca ter minha mãe para pedir conselhos.

Estiquei-me para pegar seu diário, esquecido em cima do baú, e puxei a fita verde que unia as capas... O livro era uma mistura curiosa de receitas e anotações. Observei a caligrafia corrida, parecida com a de Angelina... Mais algumas páginas à frente, e tive a certeza de estar lendo palavras de minha mãe.

...

Sabia que seria difícil, um grande desafio, e sentia-me preparada até este momento. Mas hoje tive medo. Encontrei a única coisa para a qual não fui preparada, e preciso agir com a sabedoria do coração. Espero ter escolhido o caminho certo, porque, embora tenha medo, o que mais desejo é viver esse futuro.

...

Esperança. Identifiquei-me com as palavras de minha mãe, e procurei por mais... foi aí que suas anotações ficaram estranhas. Na sequência, havia uma descrição detalhada de como fazer um chá de *estrelas azuis*. Provavelmente o nome de alguma... flor? Mais estranho era sua indicação: *acordar do sono da noite*. Ri melancólica, não conhecia essa inclinação *hippie* de minha mãe. Pulei algumas páginas, e algo interessante surgiu.

...

Tenho que tomar a decisão mais difícil da minha vida... Preciso proteger o que mais amo da maneira que for possível, assumir minhas escolhas. Esta é minha promessa e nunca irei quebrá-la.

...

O único grande problema de Angelina fui eu; então, ela se referia à decisão de assumir total responsabilidade por mim. Isso não deveria importar agora, mas estava arrependida por não ter insistido em saber a identidade de meu pai... Sempre achei que a história sobre esse homem, ou esse romance, era um assunto a ser resolvido no futuro. Mas meu futuro não teria Angelina. E esse segredo se foi com minha mãe. Minha própria explicação para meu nascimento seria a única: meu pai era um turista de passagem pela cidade, e seu amor por minha mãe acabou junto com a temporada de inverno. De qualquer forma, não saber sobre ele economizava ressentimentos. Nunca aceitei a ideia de ter como pai um homem que abandona seu amor. O importante era que Angelina estava feliz ao lado de Oliver. O pai de Alice havia afastado de vez esse fantasma de nossas vidas... Até agora.

Suspirei, impotente. Algumas folhas à frente, outra anotação encerrava as páginas escritas, deixando muitas outras em branco.

...

Abandonei minha essência pela herança do meu amor. Não nego minha origem, mas não posso mais ser fiel a ela. Não sei se o que fiz é certo, mas nunca fui tão feliz com as pequenas coisas, e estou completa. Hoje minha vida é proteger o que mais amo e honrar meu amor da maneira que for possível. Parece injusto, mas estritamente necessário.

...

Desta vez, tinha certeza de que Angelina falava de como abandonou tudo por mim. Saber que ela estava feliz com isso aliviou meu coração. Fechei o livro, conformada. Foi bom saber que minha corajosa mãe também tinha dúvidas, isso me fez sentir menos incompetente. Abracei o livro com uma saudade esmagadora e o deixei sobre a cama.

Passava da meia-noite, mas eu não estava cansada, meu cérebro estava agitado e precisava me acalmar. Desci até o banheiro para tomar um banho quente com aroma de jasmim; o andar de baixo estava silencioso e tentei ser o mais cuidadosa possível. Ao sair do banho, achei minhas preocupações dispensáveis. Os roncos de George ecoavam pelas paredes... e resolvi espiar Alice. Era impressionante sua capacidade de dormir com todo aquele barulho. Afastei-me de sua porta, sorrindo, e senti um vulto se movendo no quarto escuro. Virei por impulso, e um bicho de pelúcia quicou no chão ao lado da cama.

Fixei meus olhos em Alice, desconfiada, mas seus olhos estavam fechados e a boca semiaberta indicava que ela estava em sono profundo. George soltou mais um ronco no outro quarto e inspirei profundamente antes de me afastar. Precisava parar de pensar bobagens.

Quando entrei em meu quarto, fui tomada por uma onda de perfume inconfundível. Mas não era o aroma de jasmim do meu sabonete... Esse perfume, amadeirado e levemente cítrico, estava registrado em minha memória junto à lembrança de olhos azuis e sensações de calor que havia prometido esquecer.

– Upf! – bufei comigo mesma. Precisava de uma lobotomia! Consegui controlar meus pensamentos por tanto tempo, mas o mesmo frio incontrolável assolava meu estômago. Medo? Sabia que não. O que estava acontecendo comigo? Vendo coisas, sentindo coisas... Qual seria o real estrago da queda do mirante?

Corri os olhos pela penumbra do quarto, iluminado apenas pelo abajur da escrivaninha, e admirei a janela fechada. Comecei a imaginar de onde viria esse perfume incomum. Não havia nada de diferente no quarto, estava tudo em seu lugar... ou quase. O livro de minha mãe repousava sobre a escrivaninha, embaixo da janela. Mas eu tinha certeza de tê-lo deixado sobre a cama! Fitei o livro, piscando algumas vezes, convencida de que o estresse havia causado danos à minha mente. Vincent tinha razão! Era isso, ou teria que começar a acreditar que algo sobrenatural estava mesmo acontecendo em minha casa. Não! Recusava-me a acreditar nisso.

O pior é que sabia onde encontrar uma resposta racional para todos esses fatos bizarros. O problema era o caminho até essa resposta. E estava decidida a não procurar por Vincent de novo. Deitei na cama e fechei os olhos com força até dormir.

Ao acordar pela manhã, fiquei revoltada. Mais uma vez, Vincent esteve em meus sonhos... Nele, eu corria entre as árvores procurando ajuda, e Vincent apareceu das sombras como fumaça. A sensação de prazer e alívio ao vê-lo foi desconcertante. Mais desconcertante foi a lembrança de seus braços ao meu redor em um abraço quente, de preocupação e proteção. Ainda sentia essa sensação de calor e proteção ao meu redor, mas aquele vazio logo me dominou. O vazio do meu coração gelado. Sentei na cama e abracei meus joelhos, tinha vontade de chorar compulsivamente. Foi só um sonho... E percebi que esse era o problema. Eu queria que aquele sonho fosse real.

Sequei minhas lágrimas, indignada comigo mesma. Vincent não tinha ideia do quanto estava me enlouquecendo.

Preparativos

Lucila parecia preocupada que eu desistisse da minha promessa de representar a Taberna Casella no leilão, por isso mandava seu representante regularmente para me lembrar do compromisso. As visitas de Arthur viraram rotina e estava me habituando à sua presença despreocupada abrindo minha geladeira. Ele acabou se tornando meu ajudante culinário e lavava a louça sem reclamar, contanto que ganhasse cookies frescos. Mesmo sem admitir, era bom ter alguém espontaneamente animado por perto. Arthur conseguia me distrair com seu humor provocativo, fazendo-me esquecer das loucuras preocupantes. Mas, esta semana, outro assunto ocupava minha mente... Na verdade, a proximidade do jantar de abertura da temporada de inverno estava agitando toda a cidade. Em cada esquina se ouvia burburinhos sobre os preparativos da festa, e sabia que não podia mais adiar os meus.

Procurei pela ajudante da professora de Alice, e LÍlian, uma moça calma e retraída, revelou-se uma babá experiente. Um problema a menos. Mas ainda faltava a parte mais complicada: o traje social. Lucila me perguntou algumas vezes o que eu iria vestir, e tentou disfarçar sua aflição ao descobrir que eu ainda não havia providenciado nada. Era óbvio que estava preocupada com meu habitual desinteresse por moda. Em minha defesa, repetia ao meu subconsciente que não era desleixada, apenas gostava de me vestir confortavelmente.

Abri meu guarda-roupa, admirando o grande espaço vazio. Eu não me preocupava em ocupá-lo com excessos porque não tinha onde usar os excessos... Minhas roupas eram cotidianas, básicas e normais. Camisas de botões, camisetas, agasalhos e jeans. Eu tinha roupas especiais: a calça preta e a blusa branca, de decote canoa, que guardava para ocasiões importantes. Tinha até um vestido! Tudo bem, meu único vestido. Um *cocktail dress* azul-marinho que ganhei de minha mãe no último Natal. Ele era importante para mim, quase como uma relíquia, e ainda estava no plástico da loja. Alisei a capa plastificada; infelizmente, ele não era glamoroso o suficiente para um jantar de gala. Suspirei, desanimada. Precisava providenciar o conjunto completo e isso não era nada divertido... para mim.

A dois dias da fadada festa, fui até a prefeitura consultar a única pessoa que conhecia com um gosto impecável para moda. Rose tinha o conhecimento de que eu precisava sobre as lojas da cidade, revelando-se uma fonte confiável. Ela ficou extasiada com a oportunidade de escolher meu figurino e, mesmo atarefada com os preparativos do jantar de gala, se apressou em puxar algumas

revistas da gaveta. Não fiquei surpresa em saber que minha competente amiga era responsável por grande parte da organização do evento; na verdade, depois de seus esclarecimentos, entendi que esse era seu talento: deixar as coisas mais bonitas.

Rose reprovou meu descaso, segundo ela, a proximidade do jantar era um grande problema. Elaborando uma solução eficiente, recortou alguns modelos da revista, recomendando que eu procurasse algo parecido no shopping da cidade vizinha. Fiz uma careta ao me imaginar dirigindo nas curvas da serra novamente, mas Rose insistiu, afirmando que as lojas de Campo Alto eram perda de tempo. Seu argumento de que os melhores vestidos já haviam sido vendidos era duvidoso, mas acabei me convencendo quando ela insinuou que minha aparência seria comparada a um abajur de cabaré. Com a correria pré-evento, não havia chances de tê-la como acompanhante nessa busca... e Rose pareceu tão decepcionada quanto eu. Como compensação, ela me ofereceu uma tarde no salão de beleza da cidade.

Agradei educadamente, mas dispensei prontamente.

Esse era o tipo de lugar que evitava com prazer. Podia visualizar o aglomerado de mulheres na sala mínima, escondidas pelo vapor dos secadores. O cheiro forte de tintura de cabelo misturado com acetona, os comentários sobre o último capítulo da novela... E, claro, as recentes fofocas que incluíam assuntos interessantes como a chegada das órfãs Wels e a família da montanha. Não necessariamente nessa ordem.

Rose me acompanhou até a porta, reforçando suas instruções sobre o que eu deveria comprar. Parecia mais ansiosa com o resultado do que eu. Comecei a ficar apreensiva. Além de atender às expectativas de Lucila, teria que me empenhar para não decepcionar minha professora de moda. Assim, o passeio que não era atrativo se tornou um martírio! Eu precisava desesperadamente de apoio para essa empreitada e, avaliando minhas escassas opções, decidi levar Alice comigo. Sua sinceridade infantil seria minha principal aliada. Tentei fazer a viagem no mesmo dia, mas o adiantado da hora foi um forte empecilho. Ia me aventurar em uma cidade desconhecida, para uma tarefa nada agradável, e não necessitava aumentar o estresse com uma viagem noturna.

Na manhã de sexta-feira, o clima não estava colaborando com meu cronograma. A chuva fina caía desde a madrugada, mas não tinha mais tempo. Mesmo que chovesse canivetes, eu compraria um vestido. Segui minha programação e, depois de buscar Alice na escola, passamos em casa para trocar de roupa. Resolvi dar um incentivo à nossa tarde de compras usando minhas roupas especiais. Estava um pouco frio para minha estimada blusa branca de decote canoa, mas ficaríamos em um lugar fechado e, afinal, ela sempre me dava

sorte. Mais do que nunca, eu precisava de alguma.

Acomodei a menina eufórica no assento traseiro, mas demorei a fazer o sedã pegar... Não quis ver isso como um mau presságio. O motor velho estava engasgando com frequência nos últimos dias. Depois de alguns trancos, finalmente estávamos na estrada, mas, por via das dúvidas, dirigi cautelosamente dentro do limite de velocidade. Uma hora de curvas depois, chegamos a um shopping encostado à rodovia. A primeira coisa a fazer seria cumprir minha missão: encontrar um vestido e sapatos novos. Alice foi muito útil dando opiniões sinceras como: *está bonito, Tata* ou *não gostei, Tata*. E, no fim de quase uma hora, a busca teve resultados.

Embora Rose tenha recomendado a cor preta, escolhi um longo azul-marinho. O modelo clássico de saia dupla e corpete sem alças possuía nuances em preto que, em minha defesa, ressaltava meus dotes. Ainda seguindo suas orientações, completei o vestido com um bolero de lã e scarpins pretos. Com o conjunto baile completo, era hora da diversão!

Alice estava feliz da vida, correndo pelos corredores iluminados, e até me espantei por refletir sua alegria. Agradecida pela ajuda, concedi todos os seus desejos. Saímos da loja de brinquedos com um quebra-cabeça novo e deixamos a melhor parte para o fim... fast-food! Quando saímos do shopping, o céu estava mais cinza do que eu esperava. Mas afirmei a mim mesma que isso não seria um problema; só precisava dirigir ainda mais devagar e com os faróis ligados. De qualquer forma, nossos sorrisos valiam cada minuto de atraso.

Acomodei Alice e as sacolas no banco de trás e parti para a estrada com cautela. Depois de alguns minutos tediosos na fila de carros, Alice começou a mostrar os primeiros sinais de cansaço. Ela estava agitada, como toda criança cansada demais, e se esticava do cinto de segurança para mexer nas sacolas ao seu lado. Minha irmã estava fazendo um estardalhaço para encontrar seu jogo novo e, por mais de uma vez, ralhei com sua teimosia. Eu tentava focar minha atenção no volante, mas, quando Alice deu início a um choro manhoso, resolvi parar o carro. Respirei fundo, reunindo minha paciência budista... Eu poderia até esganar minha irmã depois, mas não precisava de uma criança chorando no banco de trás para aumentar minha tensão ao volante.

Entrei no acostamento ao som de duas buzinas irritadas e me virei, carrancuda, para dar uma bronca na menina ruiva no banco de trás. Alice levantou os olhos verdes... e senti o carro morrer em marcha lenta.

– Agora que o carro parou, você vai me ajudar a procurar meu jogo? – perguntou, petulante.

– Vou, Alice – respondi com mais calma do que ela merecia. – E depois você vai ficar quietinha e me deixar em paz o resto da viagem?

Minha irmã respondeu com um sorriso encantadoramente charmoso, enquanto eu me esticava para alcançar a maldita caixa de papelão embaixo do banco do carona. Já tinha formulado um sermão por sua impertinência, mas, quando encontrei seus olhos verdes brilhando no rosto pequenino, meu coração derreteu. Rendida ao seu charme, entreguei-lhe a caixa. Alice abriu outro sorriso, agradecido, que encheu suas bochechas rosadas. Com um suspiro, afastei seus cachos avermelhados para longe dos olhos, e ela piscou os longos cílios cor de fogo... Alice era encantadora, mesmo sendo teimosa.

– Obrigada, Tata – disse, abraçando a caixa.

Minha irmã emendou um bocejo e soube que não ficaria acordada por muito tempo. Ajeitei-me no banco, pronta para dar partida... Mas, ao girar a chave, não tive resposta.

Tentei por mais duas vezes. E outras duas, sem sucesso.

– Não, por favor, não – murmurei para mim mesma. – Não, não... Não! – Estas eram as únicas palavras nas quais conseguia pensar e repetia bem baixinho, como num mantra. Estava acostumada com esse tipo de coisa... ser atropelada, cair de um penhasco... Mas Alice estava comigo agora! Será que essa força do universo, do destino, ou sei lá qual força era, que fazia da minha vida uma piada para divertimento alheio, não respeitava a menina inocente no banco de trás?

Espiei minha irmã e ela dormia, abraçada à caixa de papelão. A única parte tranquilizadora é que ela não veria meu desespero.

Procurei pelo celular em minha bolsa, aquele que nunca funcionava. Depois de tirar e colocar a bateria duas vezes, ele resolveu funcionar. Aproveitei seu momento de bom humor ligando para casa, mas ninguém atendeu. Tentei a revendedora... Nada. George deveria estar na Taberna Casella, com Antônio e Lucila, mas não tinha o telefone deles. Deixei o celular cair em meu colo e levantei o rosto, fitando o para-brisa. A chuva fina era insistente e a noite chegava rápido. Mordi o lábio, apreensiva... O que fazer?

Os minutos passavam, eu precisava me mexer.

Joguei o celular na bolsa e liguei o pisca-alerta. Saí do carro e abri o capô na esperança de que o problema fosse um misterioso cabo solto, mas tudo parecia em seu lugar. Com meu conhecimento medíocre de mecânica, não tinha ideia da origem do problema. Fiquei ali, admirando o amontoado de fios e peças sujas... Quando tudo escureceu com a chegada da noite, desisti. Fechei o capô com um suspiro inconformado e observei o trânsito diminuir na pista. Poderia fazer sinal para algum carro, mas tinha receio de parar a pessoa errada e, definitivamente, não precisava de mais problemas. A solução era esperar George chegar para atender minhas ligações.

O chuvisco persistente ensopava minha blusa fina; precisava me proteger, e aquecer!

Enquanto caminhava para a porta do motorista, faróis de um carro grande se aproximaram pelo acostamento, parando logo atrás do sedã. Fiquei imóvel, aguardando. Meu plano era pular no asfalto para pedir ajuda ao menor sinal de perigo. Mas precisava ter fé; quem assaltaria um carro velho como o meu? Acompanhei com cautela a silhueta de um homem caminhar ao meu encontro... Seus movimentos lembravam a elegância de um grande felino. Quando ele cruzou os faróis, o lampejo de luz em seu rosto fez borboletas voarem em meu estômago.

– Precisa de ajuda?

A melodia grave na voz da figura encoberta pelas sombras era inconfundível. Mas encarar aquela silhueta intimidadora na penumbra da noite me deixou sem voz.

Ele bufou para meu silêncio, balançando os enormes braços no ar. Seu movimento o fez parar na frente dos faróis, a luz o iluminou pelas costas, conferindo-lhe uma aura azulada... quase violeta. Vincent parecia um anjo. Um anjo irritado.

– Precisa de ajuda? – Ele repetiu a pergunta com impaciência. – É simples: sim ou não.

Sim, ele estava irritado. Abri a boca, mas continuei muda... A surpresa havia espantado meu vocabulário. Para bem longe.

– Seja coerente... – Vincent indicou o banco de trás do sedã onde Alice dormia em sono profundo. – Esse não parece o melhor momento para provar o quanto é corajosa.

– O que-ê? – perguntei, sem fôlego.

– Você pode não gostar de aceitar ajuda... ou aceitar *minha* ajuda. Mas ficar parada na estrada é perigoso. Ainda mais com uma criança. – Ele falava devagar, tentando controlar o tom grave na voz. – Você não vê o noticiário?

– Sei disso... e não estou querendo provar nada.

Fiquei aborrecida por ele me julgar imprudente mais uma vez. Qual era o problema desse homem?

– Sei que você não gosta de mim e está no seu direito. – Vincent falou quase grosseiro, depois lançou mais um olhar para Alice e suavizou a voz. – Mas ela também precisa da minha ajuda.

Desta vez eu o encarei, surpresa, sua empáfia caindo por terra... Ele admitiu que estava preocupado? Ponderei por um segundo.

– O que você disse... antes? Sobre eu não aceitar sua ajuda?

– Da última vez que lhe ofereci ajuda, você não aceitou. Preferiu andar

na chuva. Vai escolher a chuva hoje também? – rugiu, balançando as imensas mãos no ar.

– Não neguei sua última ajuda. – Minhas palavras de defesa saíram nervosas. – Na verdade, não tive tempo.

– Pelo visto, não se lembra.

– Claro que lembro! – Ele já estava me irritando – Mas não estou me referindo ao dia em que você foi arrogante e mal-educado... – Me interrompi, não adiantaria remoer o pior de nossa convivência. – Estou falando da última vez em que você tentou me ajudar, na montanha.

Vincent encontrou meus olhos com uma expressão surpresa, talvez por eu voltar ao assunto tão rapidamente. Eu também estava surpresa, pensei realmente que havia deixado tudo isso para trás... Mas como poderia esquecer o fato mais bizarro e apavorante da minha vida? Aquilo foi tão real quanto a chuva que caía sobre nós.

Ele endireitou os ombros, ficando ainda maior. Com uma expressão ameaçadora, que preenchia seu silêncio, Vincent deu um passo largo à frente. Tive o reflexo automático de me afastar, mas estava tomada pelo meu mau gênio e firmei os dois pés no chão. Meus joelhos bambearam. Vincent me olhou de cima e entendi o que ele queria fazer. Intimidar. Isso não era justo! Um nó se formou em minha garganta e soube que era tarde demais.

– Você não achou que eu havia esquecido tudo. Achou? Por favor, não subestime minha inteligência! – exclamei, exasperada, e ele abaixou a cabeça. Tive a impressão de que sorria enquanto fitava a terra molhada. Isso só piorou as coisas. – Agradeço por tentar me segurar, acredite, e, apesar de ser você, gostaria que tivesse conseguido. Seria melhor ter sua ajuda do que passar pela loucura que aconteceu depois.

Ele levantou os olhos, concentrado.

– Por que você insiste nisso?

– Porque estou enlouquecendo tentando entender como não me espatifei lá embaixo! – Sem pensar, levantei meu queixo e dei um passo à frente. Quando percebi o que havia feito, era tarde demais. O peito de Vincent subia e descia junto com o ar, ele estava alterado... E eu, definitivamente louca. Por algum motivo ainda mais insano, resolvi apelar. – Sei o que vi, Vincent. Preciso que me diga o que você viu. Por favor!

Seus olhos violeta dançaram nos meus, escondendo algum tormento. O rosto intimidador analisava o meu e se transformou em uma máscara de tristeza. Nesse momento, algo inesperado aconteceu; vê-lo assim partiu meu coração. Vincent ficou em silêncio mais uma vez, olhando-me com seriedade, mas eu precisava continuar...

– Se você está preocupado com o que vou fazer com essa informação, fique tranquilo, não vou usar isso para prejudicar sua família. Já disse, não o culpo pela queda e...

– E por que me culparia? – interrompeu a voz grave.

– Você me assustou.

Com um movimento hesitante, ele deu um passo para trás.

– Não tenho culpa se você vive distraída. Nunca vi alguém com tamanha facilidade de se desligar da realidade. – Sua voz carregava um tom ácido. – Às vezes, tenho dúvidas se você vive nesse mundo.

Aceitar suas provocações era uma coisa, mas ele me chamou de alienígena? Como se eu não me sentisse uma! Levantei o queixo mais uma vez, agora seu tamanho pouco importava.

– Não nego que sou distraída, mas você sempre se materializa em meu caminho... E, quando aparece, sempre acabo me metendo nesse tipo de situação. – Cruzei os braços. – Sabe, não tentam me atropelar todo dia como você pensa.

– Realmente, não é sempre que você aparece na frente do meu carro. Em compensação, a cada dia se mete em coisas piores. – Ele levantou o rosto, apontando para a chuva com os olhos e depois para meu carro, parado e sem vida ao nosso lado. – E ainda me culpa por isso? Admita, é como se você atraísse o desastre.

– Eu não... eu... você...

Os segundos passavam, a chuva fina saturava meu cabelo, e Vincent cruzou os braços no peito, esperando minha resposta. Parecia estar se divertindo enquanto eu vasculhava meu cérebro por ofensas dignas de sua arrogância. Mas, ao invés de pensar com mais vontade em uma resposta, me distraí com o sorriso que se formava no canto de seus lábios... Revoltante.

Meu branco mental foi interrompido pelo barulho de uma moto acelerando.

A aproximação aconteceu tão rápido que, se tivesse piscado, não teria visto como eles chegaram ali. A moto encostou à frente do meu carro e dois homens desceram apressados. Um deles veio para o meu lado e o outro, mais agitado, ficou entre Vincent e eu. Fiquei confusa a princípio, mas o brilho metálico do objeto nas mãos do homem agitado não deixou dúvidas sobre o que estava acontecendo... Meus olhos procuraram os de Vincent, e ele pareceu alheio, ainda de braços cruzados, me encarando como se estivéssemos sozinhos.

– Quero a chave do carro e o dinheiro! – disse o homem à Vincent, chacoalhando o revólver no ar.

Para meu desespero, Vincent não respondeu. Continuou parado, imóvel, como se não fosse com ele. Isso não era hora de ser arrogante, pelo amor de

Deus! Lancei um olhar aflito para a silhueta de Alice; que dormia no carro, alheia a tudo.

Irritado pela falta de resposta, o homem encostou o cano do revólver no pescoço de Vincent...

– Você me ouviu, grandão?

Prendi o ar. Esta era a hora de entrar em pânico.

Mas Vincent não pareceu abalado e abaixou as mãos com um único movimento; no rosto, aquela expressão superior e intimidadora. Isso me apavorou ainda mais. Ele era louco? Todos sabem que não se deve fazer movimentos bruscos durante um assalto!

– Ouvi. Mas isso não vai acontecer. – Vincent usou seu melhor tom grave, olhando diretamente para o assaltante. – Não perturbe as pessoas com seus desejos mesquinhos. Quero que vá embora. Agora. E leve seu amigo com você.

Sua voz era firme, autoritária... Estremeci, por não acreditar em meus ouvidos. Pelo amor de Deus! Vincent podia ser um pouco mais educado com o homem que lhe apontava uma arma! O homem balançou o revólver em sua mão e virou, quase instantaneamente, o olhar fora de foco. Apertei meus olhos, esperando pelo pior... Ele provavelmente iria atirar. Por raiva ou vingança. Mas, ao invés de tiros, ouvi passos apressados derrapando no cascalho molhado. Quando abri os olhos, vi o homem nervoso se afastando, ele arrastava o amigo que parecia muito confuso. Com movimentos rápidos, ambos estavam em cima da moto que acelerava para partir.

Ainda congelada, acompanhei a moto ganhar velocidade. Quando minha visão ficou embaçada pelas lágrimas, virei o rosto para Vincent. Minha respiração estava descompassada, meu peito subia e descia ruidosamente, mas o ar não chegava aos meus pulmões. Sentia o calor das lágrimas transbordar dos olhos e, para ser sincera, não esperava por minha reação.

Dei dois passos à frente e avancei contra o gigante risonho.

– Seu louco! Você poderia ter matado nós dois... Nós três! Seu arrogante, louco, inconsequente! – Distribuí empurrões e tapas em seu peito enquanto as lágrimas nervosas se misturavam com as gotas de chuva em meu rosto. – Minha irmã... Se algo acontecesse a ela, eu-eu... Não percebe o perigo em que nos colocou? O que podia ter acontecido... se ele ficasse nervoso... com você? Comigo! – gritei, rouca.

– Não teria acontecido nada porque eu não iria permitir. Você pode se acalmar? – Vincent pediu com firmeza, mas não se mexeu um milímetro, permitindo que eu descarregasse minha ira.

Continuei com os insultos, reflexo do medo contido, enquanto distribuía

empurrões em seu peito imóvel.

– Acalmar? Ele tinha uma arma! Seu... irresponsável!

Eu já estava sem ar quando Vincent segurou meus punhos para finalmente se defender do meu acesso de fúria.

– Ficar histérica não ajuda em nada – entoou decidido, a voz grave escondendo com perícia qualquer hesitação.

– E... se... se eles voltarem? – murmurei, ofegante.

Vincent estreitou o aperto em meus punhos.

– Eles não vão voltar. – Surpreendentemente, sua voz tornou-se suave, aveludada. – Confie em mim.

Levantei meus olhos e não pude mais lutar. Primeiro, porque já estava sem ar, segundo, porque era inútil lutar contra a força de suas mãos, e, por fim, porque não conseguia reagir à intensidade de seus olhos turquesa... Muito menos à melodia daquela voz ronronada. Eu não queria lutar contra Vincent. Só então percebi que a louca era eu por ter avançado nele daquele jeito. Com um único movimento de seus braços, todo meu corpo voaria longe!

Engoli em seco, sentindo o sangue nervoso e amedrontado pulsar gelado em minhas veias. Poderia ser um reflexo de nossa proximidade, ou uma consequência do pós-choque... Nesse momento confuso, não saberia dizer.

– Sei que você está com medo, mas não vou deixar nada acontecer a vocês – afirmou com voz suave, talvez para não me assustar ainda mais.

Ele me puxou para mais perto, apertando meus pulsos em suas mãos como algemas. Os olhos turquesa eram preocupados e percebi que deveria mesmo parecer uma louca para assustar o homem mais ameaçador da cidade. Abaixei a cabeça, inspirando longamente para me acalmar, e aquele aroma único invadiu meus pulmões... amadeirado... cítrico. Esse perfume singular percorreu meu corpo, relaxando cada músculo tenso. Nossa proximidade forçada não era um abraço, mas lembrei do meu sonho e, como nele, me senti protegida. O desespero e o medo de um minuto atrás deram lugar a uma sensação de calor abrasador dentro do meu peito. Segurança. Isso era bom.

– Como você pode estar tão seguro disso?

– Pensando bem, com sua força atrativa pelo desastre, ficar em segurança parece impossível – murmurou, sarcástico. – A teoria do caos deveria ser reescrita depois de você.

Meu reflexo foi imediato e o empurrei, ofendida. Vincent não resistiu, permitindo que eu me afastasse. Como ele podia me culpar pelo assalto? Foi *ele* o responsável por quase transformar essa noite em uma tragédia! Tudo bem, não podia negar sua lógica e estava mesmo acreditando que o desastre me perseguia, mas, vindo dele, era injusto.

– Eles vieram atrás do seu carro grande e luxuoso, não do meu. – Minha irritação trouxe o tremor de volta. – E sua arrogância quase custou nossas vidas!

– Eu parei aqui por sua causa. Se não fosse por mim, as coisas teriam ficado piores. – Vincent se afastou também. – Você deveria me agradecer, mas nunca faz isso. Nunca vê o lado bom quando tento ajudar. – Agora ele estava aborrecido, sua voz soava ríspida novamente, lembrando mais o rugido de um tigre do que o ronronar de um gato.

Meus olhos ardiam e os tremores estavam descontrolados... não sabia se tremia pelo medo, pela raiva ou pelo frio. Minha blusa branca estava ensopada e agradeci por estar escuro porque ela deveria estar transparente. Abracei-me, envergonhada.

– Não vejo motivos para agradecer o risco que corremos... Acho que tivemos sorte.

Encostei-me no sedã em busca de apoio enquanto lágrimas insistentes escorriam por meu rosto gelado.

Vincent deixou o ar escapar com um som incomodado.

– Chorar também não ajuda. – Com um gesto hesitante, ele esticou a mão para arrumar uma mecha de cabelo que grudava em meu rosto, colocando-a delicadamente atrás da minha orelha. Estremeci quando o calor de seus dedos tocou minha pele... Isso não era frio, muito menos medo. Vincent abaixou a mão rapidamente, como se estivesse na dúvida se o que fez foi certo. – Desculpe – murmurou; e já não sabia ao que ele se referia. Procurei seus olhos e ele continuou, a voz grave subindo um tom. – Não devia ter entrado em seu caminho, Melissa. E continuo insistindo no meu erro.

Minha pele ainda formigava com seu toque e me concentrei na profundidade dos oceanos turquesa, repletos de mistérios. A luz indireta dos faróis contornava seu rosto molhado, enfatizando o contraste entre a pele branca e os cabelos cor de carvão. Era impossível não admirar aqueles traços, lindamente intimidadores... Como o medo e o fascínio podiam andar juntos? Apesar de toda confusão que Vincent causava em mim, estava de certa forma aliviada por ele estar aqui comigo. Não conseguia explicar isso a mim mesma, era apenas uma certeza que, de alguma forma, me deixava segura. A situação poderia ser turbulenta, errada, assustadora, confusa... Mas ver seus olhos incrivelmente azuis brilharem sob a chuva era a única coisa boa no momento.

Quando as palavras finalmente se formaram em minha boca, vinham do meu coração.

– Mas você está nele por algum motivo...

Vincent sustentou meus olhos com uma expressão indefinida, algo parecido com incredulidade. Depois, girou o rosto para espiar Alice no banco de

trás do sedã.

Eu me resignei.

– Você acha que o culpo por tudo e isso não é verdade. Tudo bem, coisas ruins acontecem comigo. Mas o que podemos fazer se você está sempre comigo nestas situações?

– Podemos evitar.

– Nem sempre é uma escolha, Vincent. – Ele vincoou a testa, olhando-me de cima. Parecia ainda mais confuso com minha afirmação. Não era minha intenção revelar o fascínio que ele exercia sobre mim e, por um momento, fiquei com medo de ter me entregado. – E... quanto mais eu tento fugir disso... mais esse tipo de coisa me persegue.

Meu discurso ficava cada vez pior.

Com um suspiro, Vincent deu um passo decidido à frente e segurou meu braço, puxando-me para longe do sedã. O calor de sua mão provocou mais um calafrio involuntário. Levantei os olhos, surpresa, e ele esclareceu:

– Vou levar vocês para casa. – Suas palavras fizeram milhares de borboletas baterem asas em meu estômago. Dobrei meu pescoço para trás, procurando por Alice, e, mais uma vez, Vincent entendeu minha angústia. – Vou voltar para pegá-la, mas é você que está molhada e com frio. – Ele baixou os olhos e os subiu rapidamente, depois abriu a porta do SUV para mim. – É melhor esperar no carro.

Vincent esperou que eu me sentasse, e só o estado de choque poderia ser responsável por minha paralisia e falta de ação.

Sentia-me tranquila, quase feliz... Mas isso era certo? Deixar um estranho se aproximar de nós assim? De minha irmã? E, o que era pior, esse estranho? Meu coração dizia que estava tudo bem, que podia confiar nele. Já meu cérebro enumerava os perigos que eu e Alice estávamos correndo ao entrar no carro desse homem misterioso, de temperamento instável.

Assisti Vincent voltar ao sedã, cobrir Alice com sua jaqueta e carregá-la com facilidade pela chuva fina de maneira protetora, concentrado em cada movimento. Sua elegância única fazia a cena parecer um salvamento de filme antigo. Em seus braços, Alice tornou-se pequena, frágil... A imagem do contraste alimentou meu cérebro cada vez mais apavorado. Havia colocado minha irmã em uma situação que nem mesmo eu compreendia, havia nos envolvido com alguém no mínimo complicado e no máximo muito assustador. Talvez perigoso. Mesmo que meu coração estivesse confortável em sua presença, precisava duvidar de sua gentileza. E era a dúvida – e somente a dúvida – que causava medo. Não sabia dizer se isso era melhor ou pior.

A sensação incoerente de segurança ainda duelava com o lado racional

do meu cérebro quando a porta de trás do SUV se abriu, Vincent colocou Alice cuidadosamente no banco de trás e me virei para ajustá-la. Ele voltou para o sedã falando ao celular, o murmúrio exigente se perdeu com a distância e imaginei se estaria cancelando algum compromisso. Isso me deixou incomodada. Não queria ser um transtorno.

Vincent retornou com minhas sacolas e as colocou no porta-malas do SUV, só então sentou-se ao volante. Era isso... Estava sozinha com esse homem em um lugar de onde não poderia fugir. E com minha irmã a tiracolo! Sustentei seus olhos, esperando pelo pânico, mas, depois de alguns segundos, percebi que ainda estava muito confortável ali. Com a expressão perturbada, Vincent desviou o rosto, remexendo-se no assento. Desta vez ele não pareceu presunçoso ou arrogante, estava diferente... desarmado. Vulnerável. E me rendi à irresistível oportunidade de observá-lo. Preocupado com seus movimentos, ele encontrou meus olhos novamente. Por alguns segundos nós nos fitamos, analisando um ao outro através da penumbra da luz do painel. Pensei que seria afetada pela tensão desconfortável, mas o que senti foi bem diferente... Me esforcei para continuar racional.

– Desculpe por atrapalhar sua noite – falei, envergonhada.

– Qual era o problema do seu carro?

– Não dava partida.

– Hum... – Vincent encarou o para-brisa, pensativo. – Pedi para um guincho vir buscá-lo, mas vamos ter que aguardar alguns minutos. – Ele virou o rosto para avaliar o meu. – Tudo bem quanto a isso?

Alguns minutos com ele, sozinhos, dentro de um ambiente que nos deixava próximos? Um *iceberg* escorregou por minha garganta e se acomodou em algum lugar no meu estômago, agitando as borboletas que voaram frenéticas de um lado para outro, deixando-me sem ar. Balancei a cabeça, afirmando; seria constrangedor falar agora. Vincent se concentrou nas gotas de chuva mais uma vez, deixando-me livre para analisar cada detalhe do seu perfil enigmático.

Depois de um minuto, a atmosfera ao nosso redor ficou carregada com uma energia que parecia emanar de nossos corpos. O tempo passava e o silêncio se transformou em milhões de partículas que ocupavam o espaço vazio, me empurrando para ele. Ajeitei-me no banco, lutando contra essa força atrativa, e, como se fôssemos ímãs, ele se ajeitou no mesmo instante. Abaixei os olhos, me abraçando... Era muita pretensão imaginar que ele ficaria afetado com minha presença.

– Você está com frio – conclui, mexendo nos botões do painel.

Com um gesto rápido, Vincent tirou a jaqueta e bíceps torneados saltaram de seus braços, incentivados pelo movimento no espaço restritivo. Minha boca

abriu involuntariamente.

– Vista isso. – Enquanto meus olhos acompanhavam as curvas de seu peito, perfeitamente delineadas na camiseta justa, ele me estendeu sua jaqueta. – Pode estar úmida da chuva, mas com certeza está mais quente que sua blusa – disse, desviando os olhos.

Não argumentei, apenas aceitei a jaqueta que estava mesmo muito quente.

– Obrigada – murmurei, inconformada por não elaborar nada melhor.

Seu perfume me envolveu como uma onda de prazer e quase fiquei tonta. Vincent abaixou a música para não atrapalhar o sono de Alice e a melodia suave invadiu o interior do carro, como uma canção de ninar. Eu me concentrei no jazz, tentando me acalmar, com medo de dizer algo bobo. Vincent se ajeitou atrás do volante, não parecia mais à vontade do que eu. E isso era até engraçado, era mais fácil discutirmos do que termos uma conversa racional e educada. Depois de alguns minutos, ele pareceu mais corajoso... ou preocupado.

– Você continua pálida... Sente-se bem? – perguntou, fitando meu rosto com atenção.

Se estivesse pálida, com certeza fiquei corada com o calor que passou por minhas bochechas.

– Estou bem. – Como poderia dizer que a palidez era minha mesmo? Lembrei-me do nosso primeiro encontro, quando ele me amparou na prefeitura, e concluí que Vincent deveria me achar doente. Corei mais uma vez. – O acesso de pânico foi passageiro. Desculpe pela minha crise, mas esse tipo de situação nunca me aconteceu antes.

– Talvez esses acontecimentos sejam um aviso, para você repensar sua permanência aqui – disse em voz baixa.

Analisei sua conclusão por um segundo. Realmente, muitas coisas estranhas aconteceram comigo desde que nos mudamos. Lembrei-me da teoria de atração do desastre, das forças sombrias do universo... Elas sempre existiram para mim, mas nunca foram tão perigosas. Ainda assim, nunca estive tão confiante de que este era meu lugar.

– Minha casa é aqui, acho que sempre foi. O que restou da minha família está aqui, então é aqui que devo ficar. – Falei com convicção. – Passamos por um período complicado nos últimos meses. Perdemos muita coisa. Nossa vida mudou completamente e voltar para a montanha foi um recomeço para todos. – Esbocei um sorriso morno. – Eu cresci aqui, tenho ótimas memórias da minha infância, e saber que minha irmã pode ter as mesmas experiências me deixa feliz. – Olhei por cima do ombro para checar Alice, no banco de trás. – Acho que uma coisa compensa a outra, viver meus contratempos pela felicidade dela.

Para mim, apenas isso importa agora.

Vincent meditou, fitando a chuva.

– Você colocaria sua vida em risco pela felicidade dela. – Ele não estava fazendo uma pergunta. – O altruísmo é raro na sua idade.

Fiquei na dúvida se ele estava fazendo um elogio ou uma crítica. De qualquer forma, o comentário me aborreceu... Como assim, na minha idade? Vincent sempre agia como se eu fosse uma criança imprudente, e ele, um velho sábio. Nesse momento, entendi como ele erguia sua barreira. Julgando a todos como vulneráveis... ou inferiores.

– Não sou altruísta. Alice é minha responsabilidade e preciso cuidar dela – falei, decidida e um pouco incomodada. – Tento fazer o melhor e não me perdoaria se algo a machucasse de novo.

Suspirei sem perceber e Vincent voltou os olhos para mim. O brilho em seu olhar estava lá de novo, sedutor e irresistível, recheado de segredos. Mergulhei nos oceanos turquesa, desejando desvendar apenas um de seus mistérios, mas acabei hipnotizada por aquela figura intimidadora. Vincent não disse mais nada, nem eu. O silêncio que se seguiu trouxe com ele aquela força atrativa, o ímã invisível. Ela estava entre nós, nos aproximando, e podia jurar que dessa vez agia sobre ele também. Borboletas frenéticas enlouqueceram em meu estômago... mas se dispersaram quando uma luz amarela me ofuscou. Feixes rítmicos circulavam no interior do SUV, ecoando o som de um motor robusto do lado de fora. O guincho havia chegado. Pisquei algumas vezes, enquanto Vincent desviava o rosto para o caminhão que manobrava. Em uma fração de segundo, ele estava fora do BMW.

O ar entrava rápido em meus pulmões e eu estava, involuntariamente, com a boca entreaberta. Sabia que estava sendo óbvia demais, mas não conseguia desgrudar os olhos dele. Do lado de fora, Vincent falava com o motorista do guincho... Seria impossível não notar sua elegância única ao se mover à frente dos faróis. Suspirei absorta, ele era um homem muito bonito. Com indignação, desviei meu olhar, encarando meu próprio reflexo no espelho retrovisor. De que adiantava agir como uma idiota e ficar admirando esse homem perfeito? Ele nunca olharia para uma encenqueira magrela e pálida como eu. E como poderia? Mesmo que por milagre ele reparasse, seria loucura me envolver com alguém tão complicado. Levei as mãos ao cabelo, frustrada, forçando meus olhos a focar o assoalho do carro.

– Idiota! – murmurei para mim mesma, e me assustei quando Vincent abriu a porta do motorista.

– Eles vão levar seu carro direto para a oficina da cidade. Dei o nome de seu avô e, pela manhã, entrarão em contato com ele.

Ele não percebeu meu susto, sentando-se ao volante aparentemente distraído.

– Obrigada por cuidar de tudo – agradei, educada.

– Foi bom ajudar.

Vincent girou o rosto para encontrar o meu, e abriu um sorriso amplo.

Parei de respirar.

Só notei que ele havia ligado o carro porque começamos a nos mexer. Ficamos em silêncio mais uma vez, assistindo as curvas serem iluminadas pelos faróis, e percebi que esse momento provavelmente não iria se repetir. Mordi o lábio, reunindo minha coragem enquanto o espiava de maneira furtiva. Precisava retomar o assunto anterior a toda sua gentileza e sabia que isso não seria fácil. Ou inteligente.

– E... Você vai me ajudar outra vez? – perguntei com um humor forçado.

Vincent pareceu confuso, depois levantou os lábios para outro sorriso encantador.

– Por quê? Está planejando outra situação desastrosa?

Isso foi desnecessariamente irônico. Sabia que seu humor iria mudar em um segundo, mesmo assim, precisava arriscar.

– Não. Quero que você me ajude a solucionar o mistério da última situação desastrosa. – Respirei fundo. – A queda do mirante.

No mesmo instante, seus olhos se tornaram frios e ele voltou o rosto para a noite escura.

– Por que se preocupa tanto? Você está bem, não se machucou. Deveria estar agradecida, não curiosa. – O sussurro grave soou aborrecido.

Seu humor havia mudado; então, não custava nada tentar a sorte.

– Acho que só vou esquecer aquele dia se você apagar minha memória! – exasperei. Vincent me espiou com o canto dos olhos. – Fui eu quem despencou rochedo abaixo. Que acabou perdida, coberta de lama... e quase entrei em choque! Para ser sincera, já estou acreditando em *poltergeist*! – Seu silêncio trouxe meu mau gênio de volta. – Você disse que não era culpado por me assustar, então assumiu que estava lá. Não entendo qual é o problema de usar uma ou duas palavras para confirmar isso.

Ele apertou os lábios, contendo um sorriso irônico... Perdi meu raciocínio.

– E por que você quer que eu reafirme o que já disse?

– Porque... porque você não disse... *upf!* – bufei, buscando minha concentração. – Não com todas as palavras.

– Palavras parecem muito importantes para você – divagou, a voz séria.

– Palavras são importantes. Poderosas. Podem esconder verdades ou

revelar mentiras. E não gosto de ser protegida por mentiras, prefiro me machucar com a verdade.

Ele deixou escapar outro tímido sorriso.

– Mas você esqueceu a omissão. O silêncio pode proteger alguém como uma mentira sem machucar como a verdade.

Vincent observava minha reação e entendi que ele pretendia me distrair. O problema é que sua tática estava funcionando... Podia sentir meu cérebro ferver! Apertei os olhos e levei as mãos à cabeça com um som irritado, espremendo as mechas de cabelo molhado entre meus dedos. Estava me segurando para não gritar... E precisava lembrar que Alice dormia atrás de nós.

– Por que você não pode simplesmente explicar o que aconteceu, Vincent? – murmurei, ainda de cabeça baixa.

– Gostaria, mas não posso – respondeu no mesmo tom, baixo e sofrido. Sua mão tocou a minha e um choque de calor fez meus dedos se contraírem nos cabelos por reflexo. Vincent afastou sua mão rapidamente e levantei o rosto a tempo de vê-lo voltar os olhos para a estrada. – Você está aqui. Não é isso que importa?

Ele olhava além dos faróis, concentrado. Quanto a mim, permaneci com a boca aberta, imaginando o que seu gesto significava.

Era a segunda vez que ele me tocava esta noite... de um jeito preocupado. Quando consegui pensar racionalmente, entendi que Vincent não queria me ver em outra crise nervosa. Mas, estava claro em seu discurso que ele não diria o que aconteceu. Talvez fosse assustador demais... Ou confuso demais. Até para ele. Sinceramente? Já estava ficando preocupada de que o episódio estivesse mesmo ligado a algo sobrenatural. No meio dessa confusão, uma única certeza se confirmou: Vincent viu tudo. E, de alguma forma, estava envolvido nesse mistério. Todo esse tempo procurei entender os mistérios que envolviam a montanha, mas agora tinha outro mistério nas mãos, o que responderia a todas minhas perguntas. Vincent.

– É claro que estar aqui é o principal. E sou agradecida por isso, por poder cuidar de minha irmã. Mas você não pode me julgar por eu tentar ser racional. Por buscar respostas concretas ou uma razão para as coisas que acontecem comigo. – Suspirei, derrotada. – Neste momento, já estou acreditando que existe uma maldição no meu destino.

– Sempre podemos alterar nosso destino, com nossas decisões – falou, eloquente.

– Pode ser, mas, por mais que tente, não consigo desviar das provações desse destino.

O silêncio dominou o espaço à minha volta, Vincent estava pensativo e

seu rosto ficava cada vez mais sério. O tempo estava passando... E eu só queria ouvir sua voz de novo. Mesmo que fosse para discutir sobre algo impalpável como o destino.

– Nos últimos tempos, desenvolvi uma teoria para explicar isso... A *minha* Teoria do Caos.

– Sua? – Ele me espiou, levantando o canto dos lábios. Quase suspirei de novo. – Então, você realmente a reescreveu.

– Mais ou menos. Concluí que forças sombrias se divertem com minhas humilhações, por isso elas se repetem. Como se eu fosse o bobo da corte, e essa força, uma fã do humor negro... Assim, o caos da minha vida é baseado na necessidade de divertimento de alguma força inexplicavelmente sombria do universo.

Fiz uma careta para a conclusão confusa do meu discurso, e Vincent deixou escapar um riso baixo.

– Acho que as *forças sombrias* têm mais o que fazer.

Também sorri, respondendo inconscientemente ao seu bom humor. Por dois segundos cruzamos nossos olhares, e o vento gelado de asas inquietas voltou a meu estômago. Admirei seu rosto iluminado pelo sorriso sincero... perfeitamente lindo. E percebi que estava dando bandeira mais uma vez. Disfarcei meu constrangimento checando Alice no banco de trás.

– Ela lembra você – ele disse com a voz suave.

– Alice é única – falei fascinada, mas não por minha irmã. – Sou suspeita para falar, mas ela é diferente. Especial.

– Acho que você está certa desta vez.

Ele ainda estava de bom humor, mas meu sorriso se foi assim que olhei para frente... Já estávamos na cidade. Em uma fração do tempo que gastei para descer, já estávamos de volta. Entramos no bairro lamenento e soube que ele logo sumiria montanha acima. Um aperto tomou meu peito. E doeu. Talvez nós nunca mais ficassemos assim, próximos. Deixei escapar um suspiro carregado de tristeza por nosso tempo chegar ao fim.

– Desculpe se falei algo que a ofendeu, não era minha intenção. – Vincent disse incomodado, interpretando mal minha tristeza. Pensando bem, era melhor assim.

Arrumei minhas feições para parecer mais natural.

– Não vou mentir, você diz coisas que me irritam com frequência. – As palavras saíram automáticas e quase me chutei. Vincent sorriu timidamente e fiquei ainda mais triste. – Mas não é isso... Na verdade, estava imaginando o que você fazia lá embaixo – falei com um interesse exagerado. – Você pode me dizer ou tem que fazer segredo disso também?

– Precisava de um smoking para o jantar de abertura da temporada de inverno da cidade. – Quase engasguei... Ele também iria no jantar! A notícia de que iria revê-lo em breve fez as borboletas voarem em *loopings* em meu estômago. Depois de uma breve pausa ele me espiou, curioso – E vocês?

– Eu também precisava de um... Não um smoking, um vestido.

Queria me chutar de novo, minha tentativa de não parecer idiota foi por água abaixo.

Vincent parou o SUV em frente à casa amarela e instantaneamente a cabeça de George apareceu entre as cortinas da janela. Esqueci de ligar novamente e meu avô deveria estar preocupado, muito preocupado. Voltei meu olhar para Vincent e ele me fitava, esperando... Concluí que esperava ter a jaqueta de volta. Comecei a tirá-la e no movimento, meus olhos se perderam nas curvas perfeitas de seus braços, de seu peito... Ralhei mentalmente comigo mesma. “Idiota!”.

– Fique com ela, ainda está chovendo.

Olhei novamente para a cabeça do meu avô na janela. O rosto de George estampava a curiosidade óbvia ao ver *esse carro* parado em frente à sua casa. Seria melhor não piorar seu choque ao tentar explicar o que não podia. E, para minha tristeza, o que não existia.

– Agradeço, mas não é necessário.

Deixei a jaqueta em suas mãos e me virei entre os bancos para alcançar Alice. Vincent interrompeu meu movimento, colocando as mãos em meus braços. Encarei-o... maravilhada. Seu rosto estava a centímetros do meu, aquele perfume único pulsando diretamente de seu pescoço e o toque quente de sua respiração brincando em minha pele. Suas mãos deslizaram por meus braços, até minhas mãos, e ele as trouxe de volta. O rastro de calor irradiou por minha pele, subindo até meu rosto. Fiquei imóvel, por sua proximidade e pelo choque de não saber o que fazer.

– Posso fazer isso. – Ele ronronou as palavras em meu rosto para não acordar Alice, ou, talvez, para não me assustar. Só depois notei que elas eram um aviso, não um pedido.

Não conseguiria coordenar palavras para formar uma frase coerente; então, encarei seus olhos turquesa e me afastei lentamente. Vincent soltou minhas mãos e saiu do SUV. Meu choque passou assim que o vi do lado de fora, com Alice nos braços. Saí do banco com um pulo, mas ele já estava a caminho da porta que se abria com a figura pétrea de George bem ao meio. Vincent andava levemente curvado, protegendo Alice da garoa fina, e parou embaixo do alpendre, dando-me passagem. Com certeza imaginou a ansiedade de George por explicações; quanto a mim, imaginava como poderia explicar aquilo a meu avô

sem criar um frenesi.

– Melissa! O que aconteceu? – George perguntou aflito, jogando os olhos de Vincent para Alice.

Minha irmã estava em sono profundo, e concluí que a mente fértil do meu avô imaginava o pior.

– Calma, *Opa...* Ela está bem. Só está dormindo. – Afaguei seu rosto adormecido. Vincent me olhou com um ar questionador e não pude evitar o suspiro ao admirar Alice em seus braços fortes mais uma vez. – Tive problemas com o carro e Vincent nos deu carona.

– Quem é Vincent? – George me olhava confuso.

– Boa noite, senhor George. – Vincent falou com a voz firme e George o olhou pasmo, como se estivesse vendo uma vaca cantar o hino nacional. – “Vincent” é meu primeiro nome. O carro de Melissa quebrou na subida da serra e tomei a liberdade de mandá-lo para a oficina. Farão contato com o senhor pela manhã.

Demorou mais que o normal para George encontrar sua voz.

– Ah... Obrigado, senhor Dippel. Não precisava... ah... ter todo esse... trabalho. – George estava aparvalhado.

– Não foi trabalho algum.

Vincent abriu um sorriso sincero e quase derreti ali na porta.

George pousou os olhos confusos em mim, chocado e desconfiado, depois voltou sua atenção para o homem de um metro e noventa que ocupava a varanda. Angustiado em ver Alice nos braços daquele estranho, meu avô esticou as mãos em um gesto sem palavras. Mas, por algum motivo, Vincent estava distraído, e não respondeu ao gesto como esperado.

– Por favor, passe-me a menina. Vou levá-la para dormir no quarto.

Vincent me fitou por mais um segundo e finalmente colocou Alice nos braços ansiosos à sua frente. George ajeitou o chumbo adormecido nos braços com um suspiro antes de cruzar a porta. Vincent e eu ficamos sozinhos na pequena varanda. Congelados. Sem ação. Ele estava de olhos baixos, talvez incomodado com o julgamento de meu avô, e senti uma necessidade absurda de confortá-lo.

– Vincent, eu... – Minha intenção era agradecer sua gentileza, mas, antes mesmo que começasse a frase, ele se transformou diante dos meus olhos. Com sua habitual máscara de sombras, endireitou os ombros, levantando a muralha de hostilidade que o separava do mundo. Deixando-me de fora mais uma vez.

– Você pode acreditar nas conspirações do universo, Melissa, mas está enganada. Somos responsáveis por nossas escolhas. Essa noite foi real, e você foi imprudente. – A voz grave era ríspida e seus olhos, antes complacentes,

ferviam com uma frustração palpável. – Não tenho vocação para anjo da guarda, não posso passar meus dias à sua disposição, esperando o momento de tirá-la de suas catástrofes pessoais.

Não estava preparada para sua mudança de humor, não agora. Meus olhos começaram a arder, lágrimas estavam se formando... mas ele não pareceu se importar. Estava decepcionada, embora não devesse. Na verdade, deveria ter previsto isso. E por que ele estava me culpando, afinal? Por meu carro quebrar?

– Não pedi sua ajuda e nunca pedi que ficasse à minha disposição. Você ajudou porque quis – rebati com um sussurro magoado.

– E tinha alternativa? Mesmo que eu tente desviar, você sempre aparece... como uma pedra. Esperando que eu tropece em meio a situações cada vez mais absurdas. – Ele me lançou o olhar aniquilador. – Você deveria ser grata por eu não ignorá-la, como muitos no meu lugar fariam.

– Grata? Você acabou de dizer que tropeçou em mim! Agradecemos quando a ajuda é oferecida de boa vontade, não por remorso.

– Você acha que ajudei porque me sinto... culpado? – Vincent se aproximou, visivelmente revoltado.

Recuei meio passo, encostando-me à porta. Ele estava me assustando de novo, mas não me deixaria intimidar.

– É o que parece. Você oferece ajuda para ter a consciência tranquila, se esforça para parecer cortês, mas, se quer saber... Não consegue. É como se fosse contra sua natureza. – Minhas palavras eram uma acusação.

Vincent apoiou a mão na parede ao lado do meu rosto e os olhos turquesa ocuparam toda minha visão.

– É isso que você pensa de mim? – O sussurro grave tocou minha pele.

Isso não era justo, ele estava me intimidando de propósito! Mesmo com os joelhos tremendo, não deixaria que sua beleza hipnotizadora ou seu tamanho levassem vantagem na discussão. Levantei o queixo, preparando-me para uma atitude suicida.

– Não é só isso o que penso de você – respondi, petulante. – A lista é grande.

Vincent balançou a cabeça enquanto sua mão se fechava em punho ao meu lado. Ele se aproximou ainda mais, me olhando de cima, e apenas alguns centímetros nos separavam. Mas aquele não era o olhar aniquilador, era algo muito mais potente. Ele estava concentrado em meu rosto, lendo minha reação, tentando decifrá-la. E, diante dos meus olhos, os seus ficaram mais escuros, próximos ao violeta. Vincent parecia ainda maior, assustador e... lindo. Sua respiração pulsava pesada em meu rosto. A minha era inexistente.

– Sei que você tem uma opinião formada sobre mim – disse, entre os

dentes. – E deveria lamentar por isso. Mas não vou. É melhor que seja assim. – Ele fechou os olhos, parecia buscar um controle inexistente. Engoli em seco e ele continuou. – Entretanto, você não deveria julgar as pessoas sem saber suas razões – sibilou com um rugido contido. Vincent girou nos calcanhares e, antes que eu piscasse, não estava mais na varanda. – Boa noite, Melissa – disse, quase na rua.

Continuei imóvel. Ouvi a pronúncia do meu nome ecoar nas paredes da pequena varanda enquanto assistia a figura elegante entrar no BMW e desaparecer na chuva rua acima. Quando não vi nada mais que a escuridão, respirei novamente.

Eu sonhei? A nuvem de perfume amadeirado e cítrico que pairava no ar ao meu redor garantia que não. Mas estive com outro Vincent essa noite, um Vincent que se importava. Empático o suficiente para ficar sem jeito com nossa proximidade e delicado o suficiente para carregar Alice com todo o cuidado e preocupação. Já esse homem de um segundo atrás – capaz de me assustar – tinha a delicadeza de um rinoceronte e seu *hobbie* preferido era me deixar louca! Nunca sabia qual seria sua reação. Sua personalidade arrogante estava esfarelando meu autocontrole, ainda que sua elegância e beleza genuína amolecessem meus ossos. Vincent tinha sérios problemas de socialização, de humor, e ainda havia espaço para um emaranhado de esquisitices emocionais impossíveis de descrever. E nada disso diminuía o fascínio que me deixava sem palavras... Esse homem intimidador era capaz de fazer uma revoadada de borboletas rodopiarem em meu estômago, até me deixar sem ar! Isso não era medo. Muito menos era normal.

Levei as mãos ao rosto, inconformada, não poderia mais negar... Eu estava apaixonada por Vincent!

Com um grunhido enlouquecido entrei em casa, preparando-me para o interrogatório.

Visitas

George estava me esperando na cozinha, sentado, os braços cruzados sobre a mesa.

– Ele já foi? – perguntou calmamente. Até estranhei, talvez George não estivesse tão preocupado. Assenti, e ele bufou: – *Zum Teufel*, Melissa! O que aconteceu?

É, pelo palavrão em alemão, George não estava só preocupado, estava alterado.

– *Opa...*

– Um telefonema bastava para não me matar do coração! Não sou mais nenhum garoto, sabia? O nervoso quase me causou um infarto hoje.

Pelo tom avermelhado que cobria seu rosto, havia uma quantidade considerável de vinho em sua corrente sanguínea. A noite com os amigos parecia ter sido proveitosa, mas, independente do incentivo alcoólico, o drama era a primeira fase do interrogatório de George.

– Não brinque com isso, *Opa*.

– Quem está brincando? Você imagina como fiquei preocupado quando liguei para seu telefone e ele não funcionou? Tem ideia das coisas terríveis que passaram por minha cabeça enquanto vocês não chegavam?

O que eu podia dizer? *Imagino sim, elas quase aconteceram*. Suspirei, melhor não.

– *Opa*, juro que tentei ligar, mas ninguém atendeu... De qualquer forma, Vincent apareceu e... – Seria melhor pular parte da história para não causar realmente um infarto em George. – Desculpe. Deveria ter ligado de novo.

– Vincent, hein? Que história é essa do senhor Dippel lhe dar carona? – perguntou acusador.

– Ele estava passando e parou para ajudar. Foi coincidência.

– Coincidências não existem, Melissa, nós as criamos. Sei que ele não é daqui, mas ainda faz parte da família da montanha... Não sei se gosto de ver os Von Berg tão perto de vocês. – George balançou a cabeça com um gesto de desgosto. – Foi muito estranho ver o senhor Dippel desenvolver um diálogo amistoso. Esse homem não perde tempo com rodeios, ou floreios. – Entrelinhas: o problema era Vincent. – Admito, estou espantado com toda essa atenção. Isso não parece normal. Não para ele. – Meu avô apertou os olhos, desconfiado.

Eu bem que concordava com George, mas não queria preocupá-lo mais do que o necessário para uma noite.

– Acho que tive sorte de uma pessoa conhecida parar para nos ajudar. – Não ia mencionar as outras pessoas que pararam. – Me perdoe, *Opa*. Não foi minha intenção preocupá-lo.

George respirou fundo. Quando chegou até mim, sua expressão era aliviada. Ele colocou o braço de forma desajeitada em volta do meu ombro e soube que já estava perdoada.

– Essa é a função de um pai: se preocupar. E você sabe que sempre me considere seu pai – disse, sorrindo. Percebi seus olhos mareados e os meus não deveriam estar diferentes... George era melhor do que um pai, era meu avô. Ele limpou a garganta e continuou. – Pelo visto, Alice se divertiu muito para dormir no meio de toda essa confusão. Afinal, a tarde de compras foi proveitosa?

Levei as mãos a cabeça com indignação.

– Droga! Esqueci minhas coisas no carro dele!

George bocejou, depois sorriu, relaxado.

– Não se preocupe, tenho certeza de que a versão gentil do senhor Dippel vai encontrá-las e devolvê-las pela manhã.

– E se não encontrar? E se não devolver? Perdi uma tarde inteira procurando aquele vestido, não tenho mais tempo nem dinheiro para encontrar outro. O jantar é amanhã! – exasperei, com real desespero na voz. Então, a pior e mais provável versão do futuro passou por minha mente. – E, mesmo que encontre minhas coisas, acho que não se preocuparia em devolvê-las.

– E por que ele não devolveria? – George me olhou com mais atenção. – Mel... O que você fez? – Levantei os ombros, inocente. – Melissa! Você arrumou confusão com ele? – Não respondi, mas George encontrou a verdade em meu rosto. – Você precisa controlar seu gênio, menina! É tão difícil dizer apenas *obrigado*? Não foi essa a educação que lhe demos. – George parecia zangado. Apenas parecia.

– Sou educada. E com ele, tento ser. Mas aquele homem é... arrogante! Ele me tirou do sério! – falei entre os dentes.

George se limitou a balançar a cabeça.

Então, o óbvio ficou claro. Sendo Vincent como era, eu podia esquecer minhas coisas. Depois de suas palavras na varanda, provavelmente não o veria mais. E como não teria coragem de encará-lo na casa dele... Eu estava perdida!

– Bem... não acho que o senhor Dippel precise do seu vestido. Não parece o tipo dele. – disse, com humor.

Como sempre, George encontrou uma forma otimista de ver o mundo. Intensifiquei minha careta de martírio.

– Não quero decepcionar Lucila.

– Vai ficar tudo bem, Mel. Vamos dormir... Amanhã damos um jeito

nisso.

George soltou um bocejo de leão-marinho, deu um beijo em minha testa e foi para seu quarto. Mas era cedo para eu dormir. Mesmo com a noite agitada, o cansaço não foi suficiente para me arrebatar. Depois de um banho quente para espantar o frio dos ossos, deitei em minha cama... mas nem mesmo o aroma de jasmim ajudou. A única forma de me acalmar seria tomar uma decisão, elaborar um plano de ação, e estava decidida a pegar minhas coisas de volta. De qualquer maneira!

Passei quase meia hora arquitetando meu plano, tinha até as falas prontas em minha cabeça; agora que sabia exatamente o que fazer, só precisava dormir. Claro que não seria simples assim. As inconvenientes borboletas enlouquecidas tomaram meu estômago, voando frenéticas até minha garganta... Estava mais agitada do que antes! Olhei meus livros, pilhas e pilhas deles à minha disposição, mas sabia que não conseguiria me concentrar em nada. A solução era descer e ver TV. Precisava acalmar minha mente, a única culpada pela insônia.

Acompanhada de dois cookies de chocolate, me acomodei no sofá. Tive dificuldades para ajustar o volume da TV entre o aceitável, para não incomodar o sono de Alice, e o necessário, para que o som se sobressaísse aos decibéis dos roncos de George. Comecei a assistir o primeiro documentário monótono que encontrei e comi meus cookies sem pressa. Como esperado, a voz tênue do narrador me deixou sonolenta... Em poucos minutos, meus olhos começaram a ficar pesados. Cheguei a fechá-los por alguns segundos, mas os abri ao ouvir leves batidas na porta. Não sabia se estava sonolenta o suficiente para ser enganada por meus ouvidos, por isso, aguardei. Quando as batidas se repetiram, um frio familiar percorreu minha barriga.

Em meio segundo eu estava fora do sofá, não tive tempo de me importar com meu moletom furado ou com minha camiseta puída, tamanha era a ansiedade de chegar até à porta. Derrapei as meias no assoalho do hall com habilidade e finalmente coloquei as mãos na maçaneta. Justifiquei a mim mesma que a pressa era medo de que as batidas acordassem George ou Alice... Mas meu coração batia quase fora da boca por outro motivo. Quando terminei com as voltas da chave, precisei de todo meu autocontrole para abrir a porta suavemente.

– O que faz aqui? – perguntei num sussurro decepcionado.

Arthur estava encostado no batente da porta, tinha um sorriso sem jeito nos lábios e uma caixinha de veludo vermelho nas mãos.

– Desculpe, Mel, sei que é tarde, mas vi a luz acesa e pensei...

– O que você quer? – interrompi em tom rude, talvez mal-educado, mas não consegui disfarçar meu descontentamento.

– Eu precisava deixar isso com você hoje. – Arthur estendeu a caixinha vermelha com um olhar magoado. – Não tinha ninguém aqui mais cedo e acho que minha mãe ficaria mais decepcionada do que eu se soubesse que não entreguei. Então... – Ele revirou os olhos com uma expressão torturada.

Arthur parecia preocupado em se justificar, e entendi: ele não queria que eu concluísse um interesse subentendido na visita.

– Ah, obrigada! – falei, envergonhada pela minha falta de educação.

Abri a caixinha sob a luz fraca da arandela e pontos de luz dançaram conforme eu movimentava a embalagem. Levantei os cordões feitos de gotas brilhantes, e sorri. Lucila estava me dando acessórios para ajudar a compor o visual da festa. Ela pensava em tudo!

– Gostou? – Arthur perguntou com um sorriso tímido.

Meu sorriso aumentou quando identifiquei uma linda pulseira, formada por três cordões de cristais e um par de delicados brincos. Despretensioso e elegante. Lucila me conhecia melhor do que imaginava!

– Adorei! – exclamei sorrindo. – Lucila adivinhou o que precisava... Ela é ótima!

– É... – disse, sem jeito. – Você precisa de mais alguma coisa? Para amanhã?

Arthur estava hesitante, mas não fez nenhum comentário sobre a tarde de compras. George não havia comentado sobre meu atraso com ninguém e achei melhor deixar como estava.

– Não, obrigada. Está tudo sob controle – menti.

Mas o que ia dizer? Sim, preciso que você suba a montanha e vá brigar com um homem mal-educado que, por vingança, talvez não devolva meu vestido, pois sua mãe vai ter um ataque quando souber que vou usar brincos e jeans. Insano e desnecessário. Se já estava preocupada antes, imaginei como iria dormir sabendo das altas expectativas de Lucila com minha aparência no leilão.

– Tudo bem, então – murmurou, cabisbaixo.

A culpa me fez solidária a Arthur.

– Quer entrar? – propus de forma educada, abrindo um tímido sorriso arrependido. Não iria dormir tão cedo e seria bom ter com quem conversar.

– Não incomodo? – perguntou, indeciso, e suspirei ainda mais culpada. Sim, fui rude.

– Não, pode entrar... Estou sem sono. Estava matando o tempo vendo TV – falei com um sorriso, tentando me redimir, e dei um passo para trás.

Arthur me fitou por um segundo, avaliando minha sinceridade, depois abriu um sorriso reluzente e foi entrando com seu jeito sem cerimônia. Ele tirou os sapatos sujos de lama e os chutou para o canto da porta. De meias e bem mais

relaxado, parou na cozinha para tomar um copo de água e agarrou os últimos cookies de chocolate antes de se acomodar no sofá, esticando-se por seu comprimento. Eu o segui, como se a casa fosse dele, sentando-me no outro sofá. O menor.

– Está com fome? Posso fazer uma fornada só para você... – perguntei com ironia, ao vê-lo engolir um dos cookie em duas bocadas.

– Só se você quiser. Na verdade, estou bem, o restaurante ficou vazio hoje... Deu até para sentar e fazer uma refeição completa – disse, espreguiçando-se. Balancei a cabeça, Arthur era incorrigível. – A cidade está deserta, todos estão ocupados com os preparativos da festa.

E parecia verdade. Se até Vincent, o galã surreal de filme antigo, precisava de um smoking novo, imagine os outros meros mortais da cidade. Sorri nervosa com a lembrança.

– Espero que o jantar da Taberna receba um bom lance no leilão de amanhã.

– Eu também. Você sabe, precisamos da grana para a reforma do restaurante. Meu pai está me enlouquecendo com isso... Discutimos tanto que cheguei a pensar que ele ia passar mal. Ainda bem que o George apareceu. Eles aproveitaram o pouco movimento e tomaram algumas taças de vinho a mais, meu pai aproveitou tanto que tive que trazê-lo em casa. Ele apagou há mais de uma hora, minha mãe ficou para fechar o restaurante e deve chegar daqui a pouco.

Ri com a lembrança do rosto vermelho de meu avô.

– É... George também dormiu cedo. Bem que suspeitei do seu cansaço e...

Nesse segundo, George soltou um ronco lá no quarto que alcançou vários decibéis. Meus olhos encontraram os de Arthur e começamos a rir compulsivamente. Nossas risadas foram interrompidas por mais batidas na porta. Paramos, alarmados.

As batidas se repetiram, como da primeira vez, e Arthur se levantou num pulo.

– Deve ser minha mãe! – avisou, adiantando-se para o hall.

Eu me levantei também, esticando-me para puxá-lo pela camisa. Sabia que Arthur ia abrir a porta mais uma vez, sem cerimônia, mas ele precisava parar com isso... A casa ainda era minha! Corri na frente e Arthur percebeu a brincadeira, seguindo-me em uma disputa infantil. Usei a técnica de derrapar as meias no assoalho e cheguei à frente. Ele tentou me imitar, mas quase caiu e precisou se apoiar em meus ombros para retomar o equilíbrio. Nós ainda ríamos baixinho quando abri a porta.

O sorriso se foi e o choque percorreu meu rosto. Não poderia estar mais surpresa com o improvável... Vincent estava parado na pequena varanda e nos observava com seriedade, avaliando. O rosto indecifrável. Até sonhava com a possibilidade remota de que ele voltasse para devolver minhas coisas, mas quais eram as chances disso acontecer no meu mundo? Fiquei sem ação, e não consegui tomar uma atitude sobre o visitante.

Arthur estava bem atrás de mim, ainda com as mãos apoiadas em meus ombros, e também parou de rir. Percebendo meu espanto e a estranheza da visita àquela hora da noite, foi bem direto:

– Podemos ajudá-lo?

A pergunta feita por Arthur no plural me incomodou, como espinhos espetados em minha garganta. Senti um forte impulso de explicar ao estranho em minha porta o porquê do meu vizinho estar de meias em minha casa àquela hora da noite me segurando pelos ombros. Só precisava começar a respirar antes.

Sempre tentei interpretar as expressões das pessoas e usava isso como uma defesa contra comentários inoportunos. Mas Vincent era uma esfinge! Suas expressões indecifráveis me confundiam e nem imaginava qual seria sua reação. Seu rosto sério encarava Arthur de modo desafiador, seus olhos cintilavam de uma maneira inóspita, gelada... e estava ficando nervosa com seu silêncio. Por alguma razão, além da lógica, senti medo. Mas não por mim. Temia que ele fizesse algo contra Arthur.

Arthur também ficou incomodado com o silêncio do visitante e limpou a garganta com um som rouco, preenchendo a ausência de resposta. Depois se endireitou e, colocando o braço sobre meu ombro, parou ao meu lado na porta. Vincent encarou demoradamente o braço protetor de Arthur, concluindo o que a cena demonstrava.

– Vejo que está ocupada, Melissa. Não quero tomar seu tempo – falou com voz grave. Senti meu corpo estremecer quando ouvi sua voz singular pronunciar meu nome. Ele ignorou Arthur e, olhando dentro dos meus olhos, levantou minhas sacolas, que segurava em uma das mãos. – Vim devolver isso. Você esqueceu no meu carro.

– Seu carro? – Arthur repetiu as palavras de Vincent como um eco. – Você andou no carro dele? – Ele virou para mim ao fazer as perguntas, exigindo uma explicação, mas eu estava ocupada... presa nos olhos ilegíveis do visitante. Não queria ignorar Arthur, mas não poderia responder suas perguntas agora.

– Obrigada. – Minha voz saiu tímida.

Peguei o volume de suas mãos sem ver e Vincent acenou com a cabeça, aceitando meus agradecimentos sem cortar a conexão entre nossos olhos. Depois se virou, descendo elegantemente os degraus da pequena varanda a caminho do

SUV preto. Em três segundos, o BMW desapareceu na escuridão rua acima.

– Por que suas coisas estavam com esse cara esquisito? Nem sabia que vocês se conheciam! – Arthur protestou, aborrecido.

Ele me encarava, confuso, mas sua voz era apenas um zumbido.

Parada na porta, com as sacolas nas mãos, eu admirava a noite escura, perdida em algum lugar na linha do tempo... Vincent voltou! Esperava que por caridade ele voltasse, e ele voltou! O curioso é que devia estar feliz por isso, mas não estava. Uma sensação horrível tomou minha garganta, como um nó que não se dissolve... A situação incomodava porque parecia errada. Fui tomada por um arrependimento revoltante, eu havia estragado tudo. Mas tudo o quê?

– Melissa? – Arthur chamou, irritado por ser ignorado. – Vocês se conheciam? Antes?

– Ah! Ele... Ele nos ajudou... a mim e a Alice. Meu carro quebrou essa tarde e ele nos trouxe em casa – falei embolada, procurando ser coerente, desviando dos detalhes desnecessários. – Mas que interrogatório, Arthur. Por que isso importa? Ele me deu uma carona, só isso.

Arthur passou a mão pela nuca, demonstrando insegurança pela urgência das perguntas. Sabia que ele estava confuso, mas não podia fazer melhor do que isso.

– Só achei estranho – disse sem jeito, e desviou os olhos para a rua. – Você sabe que esse cara é esquisito, não é?

Levantei os ombros. O que poderia dizer? Eu, melhor do que ninguém, sabia o quanto Vincent era esquisito. Mas isso não espantava as borboletas em meu estômago.

– Só vou pedir um favor, Mel... Tome cuidado com o *Darth Vader* da montanha. Não gosto desse cara.

Arthur se remexeu na porta. Não parecia estar brincando e isso era incomum.

– Você tem medo dele? – Tentei fazer humor para desviar do assunto e o encarei com um sorriso debochado, mas Arthur continuou sério.

– Não – revidou, incisivo. – Mas gostaria que você ficasse longe dele.

A urgência possessiva em sua voz ficou evidente. Não gostei disso. Dessa vez fui eu quem se remexeu na porta, incomodada.

– Ninguém sabe nada sobre ele, Melissa... De onde veio, quem ele é... Esse cara pode ser qualquer coisa! De assassino psicopata a traficante. Quem vai saber? Não acho que ele seja uma boa companhia para você. Ou para Alice.

Envolver minha irmã na conversa foi golpe baixo. Não estava gostando do seu tom e era dona do meu nariz para fazer o que bem entendesse... Mas respirei fundo. Não queria brigar com Arthur. Era inútil! Ele sempre daria sua

opinião, mesmo contra minha vontade, e sabia que não fazia por mal. Essa personalidade sincera era parte de sua autenticidade. Encontrei seus olhos dourados e eles pareciam preocupados, de verdade. Arthur estava sendo meu amigo, mas era hora de colocar cada coisa em seu lugar.

– Tudo bem... Chega por hoje! – Eu o empurrei para o lado, abrindo passagem pela porta. – Não preciso de um pai, Arthur... George cumpre muito bem esse papel. Agradeço, mas não quero mais ninguém se preocupando comigo.

– Sou seu amigo. Isso não conta?

Ignorei sua voz dolorida e o encarei seriamente, pondo fim à discussão.

– Isso é demais até para os amigos – retruquei, entregando-lhe seus sapatos.

– Está me mandando embora? – perguntou com algum humor, pegando os sapatos com má vontade. – Ficou zangada comigo?

– Não... Mas vou ficar se você não for. Preciso dormir, Arthur, e você também – completei com um sorriso apaziguador. – Amanhã o dia vai ser cheio. Nos encontramos no jantar... Certo?

Ele concordou, mas segurou meu braço, me forçando a olhar para ele.

– Mas lembre-se do que eu disse... Cuidado com o *Darth Dippel Vader*.

Seus olhos dourados brilharam, intensos, e corei enquanto escapava de sua mão.

Dei um passo para trás, mostrando a língua em um gesto infantil. Arthur riu e sabia que estávamos bem. Ele calçou os sapatos antes de correr rua acima, até a casa azul. Fechei a porta e subi para meu quarto... Agora que tinha o kit baile em mãos, meus problemas estavam resolvidos. Finalmente poderia dormir em paz! Bem, era nisso que queria acreditar, mas não seria tão fácil. Estava incomodada. Não com a visita de Vincent, mas com a de Arthur. Mais precisamente por Vincent nos ver juntos num momento descontraído. Sabia que isso não deveria importar, pois Vincent não me olhava dessa forma. Interessado. Pensar nisso fez uma dor aguda pulsar em meu peito.

Afundi a cara no travesseiro. Não tinha que dar nenhuma satisfação a Vincent, a Arthur ou a George... Tinha idade suficiente para agir por conta própria! Mas, pelo visto, isso ficou só na teoria. Estava ciente da pessoa estranha que Vincent era, e não precisava de nada, além das asas de borboletas em meu estômago, para me lembrar disso.

Apertei os olhos e encarei a escuridão até dormir.

O Jantar

Acordei sonolenta depois de lutar com a insônia causada pelos pensamentos confusos da noite anterior. Sentando-me na cama, avalei o reflexo no espelho do guarda-roupa... A imagem nele não poderia estar pior. Nem mágica faria minha aparência melhorar e quase me arrependi por ter dispensado a tarde no salão de beleza oferecida por Rose. Quase.

Ocupei o dia com os preparativos da noite; seguida de perto pelos incansáveis resmungos de minha irmã. Alice não estava nada feliz por ser deixada para trás, mas acabou se animando ao descobrir que receberia a *tia* da escola em casa, só para brincar. George estava em sua calma habitual, passou o dia fora e chegou em cima da hora. Para ele era fácil, bastava tomar um banho e vestir o terno. No meu caso, precisava de mais tempo e paciência para obter algum resultado.

Assisti Alice brincar com meus sapatos de salto novos enquanto secava meus cabelos até deixá-los completamente lisos. Depois, sentei de frente para o espelho, preparando-me para a batalha final... Mas por onde começar? Respirei fundo, pelo começo: cabelos. Levantei as mechas lisas em um rabo de cavalo perfeito e, com alguns malabarismos, enrolei-o em um coque. Tudo bem, até que ficou decente para quem não tinha prática no assunto. A segunda etapa seria ainda mais difícil: maquiagem. Hoje, o trabalho deveria ser completo, e rezei para que nada do *nécessaire* de minha mãe estivesse com data de validade vencida. Segui os passos que lembrava, tentando deixar tudo o mais suave possível. Por fim, coloquei a pulseira, os brincos e virei-me para o julgamento final no espelho...

– Hã! – resmunguei para mim mesma.

Na avaliação geral o resultado era satisfatório. Muito satisfatório.

Levou algum tempo e, apesar da falta de prática, estava melhor do que imaginava. Fiquei orgulhosa da minha aparência, mas era estranho, não me reconhecia naquela imagem. Aquela era uma Melissa melhorada, diria falsa, e me senti estranhamente nervosa por aparecer assim na frente dos outros. Na verdade, na frente de Vincent. E se ele me achasse uma caricatura morena da *Barbie*? Não saberia dizer se estava feliz com a mudança agora. Minhas mãos começaram a suar... Eu parecia uma adolescente indo encontrar o primeiro namorado. Não que tivesse me sentido assim com o primeiro namorado. Para ser sincera, minhas tentativas adolescentes não chegaram perto de um namoro e fiquei abismada ao reconhecer que meus escassos relacionamentos foram todos

superficiais. A memória do meu primeiro beijo, roubado por Arthur, voltou para me perturbar. Talvez esse *desastre* fosse o responsável por meu desinteresse no assunto. O fato é que, com o passar dos anos, a coisa só piorou. Na faculdade, eu parecia um peixinho dourado em uma piscina de tubarões e descobrir, chocada, que os interesses e desejos dos garotos eram outros. Muito além dos meus. Por resolução, havia colocado o assunto namorado em uma gaveta para análise futura. A dúvida era... Já era o futuro? Hum.

Estava criando muitas expectativas para essa noite e isso não parecia uma boa ideia. Queria poder me acalmar, pedir conselhos... mas apenas uma pessoa poderia me ajudar e ela não estava mais aqui. Meu peito gelado se apertou com a saudade que sentia de minha mãe. Soltei o ar com uma lufada dolorida, parando os olhos distraidamente no pequeno frasco que ganhei de Alex e Viviana. O perfume estava há tempos esquecido em um canto da escrivaninha e com um passo eu o tomei nas mãos. Abrindo o vidrinho com cuidado, inspirei lentamente, reconhecendo o aroma de jasmim com um sorriso. Um calor se espalhou por meu peito... Era como abraçar Angelina.

Apliquei algumas gotas atrás das orelhas, esperando que a familiar fragrância de minha mãe trouxesse a coragem que me faltava para enfrentar os desafios da noite.

– Oh, Tata! Você está tãooo bonita... Parece minha *Barbie*!

O elogio entusiasmado de Alice era um incentivo, claro, mas a comparação era tudo que não queria ouvir. Girei o corpo, forçando um sorriso... e quase tive um ataque! Agora entendia porque estava tudo tão silencioso. Alice tinha usado tudo do *nécessaire*... nela e na cama. Até seus dentes estavam sujos de batom! Tentei explicar que o batom de cereja servia para passar, não para comer, e a sabedoria infantil de minha irmã argumentou que ela só experimentou porque o cheiro e o gosto eram muito bons. O que eu podia dizer? Ela tinha razão. Era exatamente pelos mesmos motivos que também gostava dele.

Enquanto tentava limpar a sujeira, sem me sujar, duas batidas apressadas na porta me alertaram que o tempo não era paciente com travessuras infantis. Gritei um sonoro – *Um minuto!* – para George, vesti o bolero de lã e agarrei o temido sapato de salto. Não era louca para estrear meus sapatos novos em uma escada. Puxei a menina pintada de vermelho pelo braço e desci os degraus apressada, mal sentindo os pés nos degraus. Isso foi engraçado. Sabia que estava em movimento, mas meus pés pareciam anestesiados... como se estivesse flutuando! Parei no fim da escada e levantei a barra do vestido com curiosidade, apenas para checar se meus pés estavam grudados em minhas pernas. Senti o chão novamente sob os pés descalços e balancei a cabeça. Precisava me acalmar.

No andar de baixo, LÍlian, a ajudante da professora de Alice, esperava

com seu kit babá nos braços. Ela estava armada com caixas de jogos e pilhas de atividades, mas pedi que colocasse minha irmã na cama assim que conseguisse limpá-la melhor. Enquanto calçava a ameaça em forma de sapato, uma buzina nervosa lembrou que estávamos em cima da hora. Beije minha irmã em um ponto limpo de sua bochecha e tropecei porta afora.

O tempo estava ajudando, a chuva havia parado há algumas horas; em compensação, estava mais frio do que de costume. George me aguardava na caminhonete de motor ligado, pronto e impaciente. Murmurou um elogio encabulado enquanto me ajeitava no assento, e acelerou pela lama. A cada curva eu ficava mais ansiosa para encontrar meus amigos, e isso era animador... Aqui, eu tinha amigos! Se minha mãe ouvisse meus pensamentos, daria pulos de alegria. Talvez o perfume de jasmim tenha ajudado, porque estava decidida a me divertir! Tudo bem, eu tinha meu avô sexagenário a tiracolo, mas sabia que George não era do tipo superprotetor. E com certeza também estava feliz por ter algumas horas de diversão com os velhos amigos.

O jantar seria no hotel mais antigo cidade e a elegância do lugar era impressionante. Sua fachada lembrava um castelo suíço, rodeado por torres de pedra e janelas com detalhes em madeira. Mesmo sem eu dizer nada, meu astuto avô me deixou na escadaria da suntuosa recepção. Fiquei aliviada por ele perceber o quanto seria difícil, para não dizer perigoso, me deixar andar no estacionamento de pedregulhos com este salto. Estava muito frio para esperar por George do lado de fora e, enquanto ele levava a caminhonete para o estacionamento, resolvi entrar no hall aquecido do hotel.

Segui os vasos de flores que ladeavam o tapete vermelho, admirando a luxuosa recepção decorada com mármore e madeira lustrosa. No fim do corredor havia um magnífico jardim interno, iluminado apenas por lanternas. O efeito luminoso na penumbra da noite era de tirar o fôlego. Do outro lado, sons e luzes transbordavam do grande salão de baile que ficava em um mezanino. Durante meu reconhecimento estratégico da área, avistei movimentos ritmados de mãos no topo da escadaria... Rose estava muito atraente; em nada se parecia com a simpática secretária da prefeitura. Seu vestido berinjela de mangas compridas tinha um generoso decote nas costas, que ressaltava sua pele clara e seus cachos suspensos. Seus olhos, bem maquiados, brilhavam na ausência dos óculos e ficaram satisfeitos em me ver.

Ela desceu habilmente os degraus da grande escadaria ao meu encontro, e admirei com inveja seu domínio do salto alto. Minha amiga aprovou a escolha do figurino, o que me deixou tranquila pela primeira vez na noite e, depois de uma troca de elogios, me arrastou pelo jardim. Rose detalhava as atrações do

jantar enquanto subíamos a escadaria e, a cada degrau, ouvia-se com mais intensidade a música suave da orquestra. Junto às grandes portas de madeira entalhada, reconheci uma distinta senhora e seu sorriso largo. Lucila estendeu os braços, levantando as mangas do vestido verde como um pássaro, para me envolver em um abraço afetuoso. Suspirei, aliviada... minha aparência agradou.

– Arthur teve bom gosto na escolha dos acessórios – Lucila confidenciou em meu ouvido.

Meus olhos se arregalaram enquanto me afastava.

Então, os brincos e a pulseira na caixinha vermelha... era tudo presente de Arthur? Corei, encabulada.

– Eles são perfeitos, obrigada.

– Não me agradeça, Melissa, o presente não é meu – murmurou, com um sorriso cheio de significado. Corei mais uma vez. Lucila aliviou meu constrangimento, e desviou os olhos para a beleza ao nosso lado. – Uau... Rose! Você está deslumbrante!

Estávamos paradas, as três, em um triângulo perfeito, trocando elogios merecidos quando duas figuras masculinas, usando ternos igualmente elegantes, aproximaram-se pelas costas de Rose. George, cheio de formalidades, cumprimentou a todas com elogios. Mas Arthur ficou para trás, o olhar atordoadado, admirando o decote da garota no vestido berinjela. Alguns segundos perdidos no tempo, e ele se juntou a nós.

– Boa noite... – disse, constrangido. Achei até engraçado, era raro vê-lo assim. Arthur virou de mim para Rose com um sorriso bobo no canto da boca. – Puxa! Quase não reconheci vocês. Estão... diferentes. – Arthur distribuiu o elogio no plural, mas seus olhos estavam fixos em Rose.

Não ia perder a oportunidade de torturá-lo. Uma pequena vingança pelos anos de gozação.

– Diferentes? – questionei, debochada. – Isso foi um elogio? Acho que a Rose merece algo mais elaborado.

– Não liga para ela, Rose, isso foi um elogio. Vocês estão muito bonitas.

– Arthur falou olhando em seus olhos e, depois de outro segundo perdido no tempo, virou para mim. – Melhorou?

– Muito – respondi, irônica.

Rose agradeceu, corando, mas não disfarçou o brilho sugestivo no olhar. Comecei a rir sozinha, apenas imaginando... Seria fácil bancar o cupido. Enquanto eu explorava essa nova possibilidade, outra figura conhecida nos chamou de longe. Seguimos o senhor Antônio, atravessando as portas de madeira para entrar no coração da festa. Lá dentro, meu queixo caiu em uma arfada... Esse era, realmente, o evento do ano para a cidade.

O salão estava ricamente decorado com flores e candelabros; nas mesas, toalhas brancas, velas, porcelanas e copos de cristal em agrupamentos individuais. Um espaço livre no meio do grande salão estava reservado para a pista de dança, ao lado, um tablado mais alto deixava evidente o temido microfone. Em poucos minutos, o ambiente ao nosso redor ficou lotado, e todos se acomodaram quando Rose subiu ao palco para dar as boas-vindas. Ela foi admirada e elogiada pelos ouvintes; falava com desenvoltura e se tornou minha nova heroína. Ao fim das apresentações, Rose cedeu o microfone ao prefeito, que, depois de um razoável discurso, convidou todos a degustar o jantar. Confesso que era mais, muito mais, do que esperava. Surpreendente e elegante.

Uma lembrança de algo igualmente elegante me fez correr os olhos pelo salão. Vincent estaria aqui? Avaliei cada mesa no sentido horário... e nada. Poderia perguntar sobre a família da montanha aos presentes, mas não queria despertar a curiosidade alheia. Se ao menos Rose estivesse por perto. Procurei pela garota de vestido berinjela e a encontrei circulando perto dos músicos... O jantar havia acabado; lentamente as pessoas se serviam no bufê de sobremesas. Eu estava sentada há tanto tempo que minhas pernas ficariam dormentes se não me mexesse logo! Avaliei meu grupo para checar se alguém perceberia minha ausência. Lucila repreendia Antônio pela última taça de vinho, Arthur e George pareciam concentrados em alguma discussão esportiva... Todos estavam distraídos e resolvi sair sem chamar atenção, se possível.

Levantei devagar, testando meu equilíbrio no salto alto, e, andando pelo salão, passei por alguns casais que se agrupavam na pista de dança. Quando encontrei Rose, rendi elogios merecidos à sua competência.

– Obrigada, Melissa, mas o mérito não é só meu... Muita gente ajudou. – Rose fez uma pausa e riu, nervosa. – Mas está tudo lindo, não está? – Ri com ela e assenti, aumentando seu sorriso. – Ah! Fiquei tão nervosa, tinha tanto medo de que algo desse errado. Esta é a maior festa que já tivemos e este ano temos até convidados de outras cidades... – Ela mostrou as mesas ocupadas. – Isto é só o começo. A noite mal começou. – Rose me deu o braço e começamos a caminhar ao redor da pista de dança, olhando o vai e vem dos casais. – Será que eles estão gostando?

Ela mordeu o lábio inferior, insegura com o próprio sucesso.

– Claro que estão – respondi, admirando os dançarinos trocarem cochichos sorridentes. – Elas estão felizes. E, se estão felizes, estão gostando. – Rose concordou e um sorriso orgulhoso finalmente tomou seu rosto. – Você conhece toda essa gente?

– Alguns, sim. Outros, não. Aquele é o prefeito da cidade vizinha e sua esposa... – Rose sinalizava as pessoas com um leve levantar de queixo. – Já este

casal aí é dono de boa parte das lojas do shopping que você foi... – E assim Rose identificou outros cinco casais.

– E os Von Berg? – perguntei, antes que perdesse a coragem. Rose parou de andar e me olhou com expressão de dúvida. – Pensei que eles também eram importantes para a cidade – justifiquei.

Rose balançou a cabeça, afirmando sem pestanejar.

– Eles são. Mas nunca aparecem nestes jantares – ela voltou a andar. – O convite foi enviado, como das outras vezes... Eu mesma me encarreguei disso. Mas eles não vêm. Os Von Berg não se misturam. Entende? – Eu a olhei, pensativa... Será que Vincent estava mentindo quando disse que viria ao jantar? Rose suspirou, quebrando minha concentração. – De qualquer forma, eles perderam mais uma chance de deixar o isolamento e melhorar sua reputação. Amanhã as fofocas vão aumentar mais uma vez e...

Rose silenciou, parando com um solavanco que quase me desequilibrou. Apertei seu braço com força, para me segurar no lugar. O estranho é que ela também apertava meu braço contra suas costelas... O rosto pálido e sem expressão. Imaginei que minha amiga estivesse sentindo algum mal súbito.

– Rose? Você está bem? – perguntei, preocupada, mas ela não respondeu minha pergunta, apenas indicou a porta do salão.

Segui seu olhar e também fiquei pasma ao ver três figuras exuberantes paradas na grande porta de madeira entalhada.

– Eles vieram... – Rose disse com a voz fraquinha. Depois, em um rompante agitado, tomou fôlego, livrando-se do meu braço. – Desculpe, Melissa, tenho que ir. Acho que a mesa deles foi ocupada. Nunca contamos com a presença deles... E agora, isso! – Depois de dois passos ela virou o rosto com um sorriso nervoso. – Acho que suas palavras foram mágicas, hein?

Rose me largou na lateral da pista de dança e andou apressada pelos casais até encontrar o prefeito. Cochichou algo em seu ouvido e sumiu no meio das pessoas novamente. O prefeito ajeitou os óculos, inquieto, e foi na direção da porta parecendo extasiado. Aos poucos, olhares o seguiram, e murmúrios baixos indicavam que quase todos haviam reparado na chegada dos inesperados convidados. Como os outros, eu também admirava a cena. Mas algo nela estava errado... Os Von Berg estavam deslocados, não pertenciam pertencer a este lugar. De longe, pude ver Alex em um smoking escuro, esforçando-se para manter o sorriso amistoso no rosto, o que não era comum para ele. Viviana estava séria, talvez assustada com tantos olhares, mas a imagem da perfeição necessitava ser admirada. Seus cachos loiros emolduravam o rosto pintado em porcelana; meros enfeites para o corpo que parecia ter sido esculpido no longo vestido de seda branca. Ela parecia flutuar. Depois de admirá-la, como os outros, deixei sair o ar

dos pulmões com indignação... Até o momento, estava satisfeita com minha aparência, mas até Rose perdeu a graça comparada à Vênus de Botticelli.

E então, meus olhos pararam em Vincent, parado logo atrás dela. Seus ombros largos e postura imponente se alinhavam ao smoking preto de caimento perfeito. O cabelo negro, desalinhado, caía em mechas na pele branca, mas estava bom assim, era seu charme. Meus olhos contemplavam a figura do galã perfeito e pararam de súbito em suas mãos, que pousavam nos ombros de Viviana de maneira gentil e preocupada, uma de cada lado. Um calor incômodo percorreu meu estômago até minha garganta... Como não havia pensado nisso antes? Eles podiam ser primos, mas isso nunca seria um empecilho. E, com essa beldade vivendo na mesma casa que ele, não havia motivos para reparar em outra garota. E por que ele iria reparar?

Precisava admitir, eles formavam o casal perfeito. Preto e branco, completando-se em beleza, graça e imponência. Força e suavidade. A cena ainda queimava meus olhos e, mesmo a certa distância, suspeitei ter sustentado o olhar de Vincent. Novamente o calor subiu por minha garganta e trouxe com ele um gosto incômodo... Precisava sair dali.

Virei nos calcanhares, esforçando-me para andar o mais equilibrada possível, com agilidade. Não tinha ideia para onde estava indo, até uma mão me segurar pelo braço.

– Mel... Por aí não! – Levantei o rosto para a voz risonha e encontrei os olhos dourados de Arthur. – O que você vai fazer na cozinha? Vai se esconder? – perguntou com humor, adivinhando meu pensamento. Ele me conduziu pelo braço até uma janela e agradei a brisa gelada. – O leilão vai começar logo e agradeceria se você não desaparecesse.

Eu o olhei em pânico, havia me esquecido do leilão! Ia me expor em público... Na frente de Vincent! Uma dormência momentânea correu por meu corpo. Respirei fundo.

Percebendo meu mal-estar, Arthur segurou meus braços:

– Mel? Você está bem? Se for por causa do leilão... Posso ir sozinho. Depois me entendo com a minha mãe.

– Não! – respondi, decidida. – Cheguei até aqui e não vou decepcionar Lucila. Só preciso de um pouco de ar.

– Você tem certeza? Está pálida... Parece que vai desmaiar. – Arthur me abraçou gentilmente e eu o olhei feio, seria melhor não verbalizar ao universo. – Você quer beber alguma coisa? – perguntou, ponderando minhas reais condições.

– Obrigada, mas não. – Não queria dizer a ele que havia chances de vomitar o jantar se algo passasse pela minha garganta agora. – Só estou ansiosa... Já está melhorando.

Arthur me conhecia e não acreditou em minhas palavras, ou achou melhor acreditar no que via.

– Acho que você precisa se distrair. Vem comigo – disse, enquanto me conduzia até a pista de dança.

– Arthur... Não sei se é uma boa ideia... – Tentei, sem sucesso, frear nossa caminhada.

– Se estiver ocupada, não vai ver o tempo passar.

– Não sei se consigo dançar e me equilibrar neste salto ao mesmo tempo.

Estava sendo sincera, mas Arthur tinha um sorriso determinado, e ignorou meus protestos arrastando-me pelo salão. De fato, ele tinha razão; no mesmo instante meu cérebro se ocupou em coordenar meus braços e pernas no equilíbrio de cada movimento. Depois de uma volta na pista de dança, estava mais calma. E, pelo olhar seguro de Arthur, minha cor havia voltado ao normal.

– Obrigada – falei com gratidão.

– Por nada. A propósito, já disse que você está muito elegante essa noite? – perguntou, com um sorriso no canto da boca.

– Não, você disse que eu estava diferente. E diferente de elegante é desleixada. Isso quer dizer que você me acha desleixada nos outros dias. – Tentei fazer humor para relaxar e Arthur revirou os olhos.

– Você quer confete? Eu jogo confete. – Ele suspirou enquanto abria um sorriso irônico, mas seus olhos brilhavam intensos... – Você é bonita todos os dias, Mel. Melhor?

– Meu ego está melhor, obrigada. – Corei. Estava encabulada, mas também agradecida por ele me distrair.

Pensando com mais calma, meu nervoso era quase infundado agora... E daí que Vincent estava na festa? Era mais um smoking na multidão. Também não era da minha conta se ele estava acompanhado da Vênus de Botticelli, a mulher mais bonita do mundo! As chances de vê-los novamente em meio a tanta gente eram mínimas. Precisava me controlar, não queria dar nenhuma gafe esta noite, ainda mais durante o leilão.

– Quer tomar alguma coisa agora? – Arthur perguntou, animado, e concordei com um sorriso confiante. – Tudo bem, espere aqui. Eu já volto.

Arthur me deixou na lateral da pista de dança e desapareceu na direção ao bar.

Tentei não procurar pelo galã e sua Vênus entre os casais dançantes; por isso, fixei meus olhos na banda. Estava envolvida pela música delicada quando alguém passou os dedos na pele exposta da minha nuca, descendo em linha reta até o meio das minhas costas. Pulei para frente, e me virei, pronta para ralar com Arthur pela ousadia... Mas não esperava que a ousadia fosse de outra

pessoa.

– Você está muitooo sexxyyy nesse vestido, vizinha. – Daniel contornou as palavras, visivelmente afetado pela bebida. Despreparada para sua abordagem, deixei escapar um sorriso envergonhado enquanto dava alguns passos para trás. – É um desperdício ver esse corpo parado... Vamos dançar! – exclamou decidido e avançou para minha cintura, ainda equilibrando o copo de bebida em uma das mãos.

– Nós não estamos na pista de dança – argumentei, tentando ser educada enquanto procurava um meio de escapar de suas mãos.

– E quem disse que eu quero dançar na pista? Vem comigo!

Confiante em seu discurso, e também em suas ações, ele forçou o abraço em minha cintura, mesmo depois de outro movimento evasivo. E continuou insistindo... Pelo visto, não encarava bem a rejeição.

– Desculpe, Daniel, não vou dançar com você nestas condições! – Desta vez eu o empurrei com força.

Daniel cambaleou, esforçando-se para equilibrar o copo, mas acabou entornando a bebida em seu smoking. Com mais raiva do que deveria, começou a resmungar palavrões ofensivos contra minha honra. Por sorte estávamos longe da pista de dança, o suficiente para que ninguém se importasse com a cena. Furiosa com sua ousadia, eu lhe dei as costas, ignorando seus gorgolejos mal-educados. Sem pensar duas vezes, entrei no meio da multidão dançante, e atravessei o salão procurando uma janela do outro lado... Precisava de ar! Depois de um minuto na brisa noturna, um arrepio me fez notar que estava sem meu bolero. Decidi voltar para a mesa de Lucila. Tinha me perdido de Arthur e lá parecia um bom lugar para esperá-lo.

Caminhei apressada, e no terceiro passo trombei com um peito forte. Levantei os olhos para ver meu obstáculo e abri a boca por reflexo... maravilhada. Vincent estava indescritivelmente lindo em seu smoking preto e me olhava de cima, com seus olhos turquesa penetrantes em uma espécie de transe. Seu perfume inconfundível tomou o ar à minha volta como uma nuvem carregada e, sem pensar, inspirei... apreciando cada nota. Imprudência. Era como estar embriagada.

– Boa noite, Melissa – ele cumprimentou, educado.

A voz grave soou cadenciosa, ronronada... Poderia passar a noite inteira descrevendo a forma aveludada como meu nome ecoou em meus ouvidos. Ignorando meu torpor, ele continuou:

– Me daria a honra de uma dança?

Ele estava falando sério? Franzi as sobrancelhas em confusão.

– Por quê? – me arrependi imediatamente da pergunta idiota.

Ele sorriu, apertando os lábios, e seus olhos brilharam num tom mais azulado. Se isso fosse possível.

– Porque há música, uma pista de dança... – Ele apontou para os casais rodopiando atrás de nós. – Parece uma boa ideia tirá-la para dançar antes que outro o faça.

Não consegui responder. Não estava com medo de dançar com ele, mas com vergonha de pisar em seu pé ou algo do tipo. De qualquer forma, não entendi sua motivação e, enquanto ele esperava minha resposta, eu imaginava onde estaria a Vênus de Botticelli.

– O problema é minha companhia... Entendo. – Pela expressão fria, ele entendeu errado meu silêncio.

Não tinha mais dúvidas de que Vincent possuía um sério problema de aceitação. Embora me assustasse com seu temperamento, ele me irritava... Mas também me fascinava em igual proporção. Por isso não poderia revelar o quanto ele estava enganado.

– Não tenho nada contra você – respondi depressa. E fiquei com medo de ter me denunciado.

– Sei que você está acompanhada... – Vincent falou com a voz um pouco mais dura. Depois de uma breve pausa, continuou. – Mas no momento está sozinha, e imaginei que não haveria problema.

– Não é problema. E não estou acompanhando ninguém – falei no impulso, mas uma urgência momentânea precisava esclarecer que eu não estava comprometida.

– Você quer dançar uma música comigo? – Vincent perguntou novamente, extremamente sério.

As palavras ronronadas ecoaram em meus ouvidos enquanto me perdia em seus olhos. Aqueles olhos azuis-turquesa que me fascinavam... Não poderia negar nada a esses olhos.

– Sim. – Não escutei minha voz.

Ele pegou gentilmente em minha mão e, sustentando meus olhos, me conduziu pelo salão. Não sabia como estava andando. Quando chegamos à pista de dança, Vincent se posicionou à minha frente. Neste momento muitos olhos curiosos se assustaram com a cena, mas não me importei com eles. Tomando minha outra mão, a levou até seu ombro; depois, libertou meus olhos para fitar meu vestido. Com gestos vagarosos, apoiou a mão livre em minha cintura, concentrado em cada movimento... Senti meu corpo se arrepiar quando o calor de seu toque atravessou o tecido fino. Sensações que nunca havia experimentado percorreram todas as células do meu corpo. Levantei meus olhos para encontrar os dele e tudo mudou. Neste momento estávamos sozinhos, o mundo externo não

existia mais.

A música começou com violinos e piano em harmonia perfeita, Vincent apertou sua mão na minha, depois fez o mesmo com a mão que estava em minha cintura, conduzindo a dança. Meu corpo parecia ter vida própria junto ao dele e nunca foi tão bem coordenado. Podia sentir a delicadeza de cada movimento enquanto deslizávamos pelo salão, acompanhando o ritmo suave, e, antes que meu cérebro pudesse racionalizar o momento, estava entregue.

Nós nos aproximamos lentamente, até que encostei meu rosto em seu peito. Por um segundo interminável fechei meus olhos, inspirando seu perfume, desejando que esse segundo durasse para sempre. Não sei quanto tempo o segundo durou; não sei quanto tempo dançamos em silêncio... Só queria aproveitar cada fração daquele momento que não voltaria mais.

– O vestido ficou bonito em você.

A voz aveludada rompeu nosso silêncio, fazendo-me levantar o rosto.

Encontrei seus olhos e eles eram ternos, brilhando mais azulados no que parecia uma expressão de alegria. Mesmo admirada com essa nova faceta dos seus olhos, continuava encantada com sua voz, melódica e sussurrada. Pisquei uma vez, Vincent parecia outro homem... Frágil, carinhoso. E, ainda assim, perigosamente envolvente.

– Obrigada. O smoking novo ficou muito bem em você também. – Não precisei esconder a sinceridade E isso me agradou.

Ele levantou o canto dos lábios com um sorriso constrangido, e abaixou o olhar. Um segundo depois, ficou sério. E triste.

Esperei, mas não podia mais suportar aquilo. Sua tristeza provocava em mim uma dor recíproca inexplicável. Só queria que seus olhos voltassem a brilhar, como no segundo anterior... Precisava parar sua agonia e, sem pensar, tirei a mão de seu ombro para tocar seu queixo, com cuidado, como se ele fosse feito de cristal. O calor de sua pele aqueceu a ponta dos meus dedos, a sensação era nova e um pouco incômoda, como pequeninos choques. Mas mantive meus dedos em seu rosto, decididos. Tocá-lo era uma experiência extasiante... E comprovava que o momento era real.

– Vincent? – Minha voz era um sussurro angustiado.

Ao ouvir minha voz, ele obedeceu à força dos meus dedos e levantou os olhos para encontrar os meus. Eles eram oceanos de águas negras e profundas, como uma noite escura e sombria. Estava ali, o olhar aniquilador que me dava medo. Mas, dessa vez, Vincent estava consternado sem nenhuma razão aparente. Abaixei minha mão, receosa, e ele parou nossa dança. Mas meu corpo não queria parar o movimento suave, era como segurar uma engrenagem que funcionava pela primeira vez.

Eu o encarei... Confusa. Decepcionada.

– A música acabou. Obrigado por dançar comigo. – Sua voz grave ainda era sussurrada, mas triste.

Ele hesitou e suas mãos continuaram imóveis, me segurando no lugar contra a vontade de suas palavras. Parecia que ele queria continuar ali, e desejei que continuasse. Por um breve segundo, suas mãos apertaram minha pele, depois me deixaram. Vincent continuou parado e, com a ponta dos dedos, segurou uma mecha de cabelo perdida em meu rosto, colocando-a delicadamente atrás da minha orelha. Fechei os olhos para apreciar cada sensação daquele toque. Quando os abri, ele estava de costas para mim, me deixando. Outra música havia começado, mas continuei parada, imóvel, como um obstáculo aos outros casais... Meus olhos fixos nos ombros largos que se distanciavam na multidão.

Minha cabeça girava... O que foi isso? Senti aquela dormência ocupar meus membros, mas dessa vez foi diferente, como se minha essência estivesse me deixando. Ouvi uma voz distante e familiar tentando me trazer à vida. E era essa a sensação, uma abstração dos sentidos, da realidade... comecei a balançar...

– Melissa! – A voz gritou e olhei para o lado, George estava me chacoalhando. – Você está bem? O Arthur está preocupado te procurando, todos estão. O leilão vai começar e ele precisa de você.

– Estou aqui, *Opa*. – Ouvi minha voz, ela saiu fraca, mas saiu. Eu parecia estar ali.

– Você está bem mesmo? Arthur disse que você estava nervosa, que passou mal. Se quiser, falo com Lucila, você não precisa fazer isso...

– Não. Eu vou – interrompi, apressada. – Está tudo bem, eu vou.

Tentei parecer confiante, mas, pelo olhar de George, não fui convincente. Ele ainda me espiava, desconfiado, e com passos lentos me conduziu pela pista de dança até a lateral do palco, onde Arthur e Rose esperavam com expressões aflitas. Rose veio ao meu encontro com um sorriso aliviado enquanto eu lançava um olhar fulminante para Arthur. Pelo visto, ele exagerou no drama. Depois de garantir a Rose que estava em minhas perfeitas condições, recebemos as instruções para o evento da noite. Ela nos desejou sucesso e foi correr o salão para reunir os outros integrantes do leilão.

George e Arthur ainda me observavam, especulativos. Deveria estar péssima... Com cara de louca ou coisa assim. Que poder sobre-humano era esse que Vincent possuía para me abalar? Isso não podia ser normal. Mas nada nele era normal! Respirei fundo, antes de analisar estas novas sensações, precisava cumprir minha promessa. Com alguns passos, parei diante do meu avô, que cochichava à meia voz com meu suposto amigo.

– Vocês podem parar com isso? Eu não vou desmaiar no palco! – exasperei aborrecida. Mas George ainda me olhava em dúvida, ponderando se me deixava ali ou não. – Vou fazer isso, *Opa...* Prometi a Lucila.

George finalmente desistiu.

– Muito bem, espero que cuide dela – disse, batendo uma das mãos nas costas de Arthur.

Os dois trocam sorrisos misteriosos, até que meu vizinho assentiu com outro sorriso... um grandioso. Enquanto meu avô voltava para a mesa, encarei Arthur.

– O que significa isso?

– Que não vou deixá-la cair lá de cima.

Com a cabeça levemente inclinada, ele espiou nossa mesa, onde olhos ansiosos nos observavam. Indiferente à minha zanga, Arthur segurou minha mão, usando sua preocupação de amigo para justificar o mal-entendido. Depois de me certificar da sinceridade nos olhos dourados, me rendi. Estava aborrecida pelo exagero, mas tínhamos um compromisso... E estava na hora.

Caminhamos de mãos dadas pela parte de trás do palco e ficamos em silêncio, um ao lado do outro, aguardando nossa vez. Pouco antes de subirmos ao tablado, Arthur me entregou um lindo envelope dourado, que continha os convites para o jantar na Taberna Casella. Ele se posicionou estrategicamente atrás de mim, como garantia caso eu desabasse. Mas, no fim, tudo aquilo foi indolor... porque eu estava desligada. Não vi nem ouvi nada à minha volta, só conseguia pensar nos motivos que levaram Vincent a me convidar para dançar. Não poderia dizer por quanto tempo fiquei ali, em pé, com o envelope dourado nas mãos tentando responder isso.

Uma salva de palmas me libertou do transe, alguém retirou o envelope de minhas mãos e senti a mão de Arthur em minhas costas, me conduzindo. Neste último segundo, corri os olhos pela multidão e um movimento na porta de madeira entalhada chamou minha atenção. O vulto de um homem alto, de ombros largos e porte elegante, deixando a festa em seu auge. Era isso, o fim da minha angústia... Vincent se foi. Mais uma vez, estava atordoada com nosso encontro que, como sempre, foi breve, intenso, e acabou tão rápido quanto começou.

– Disse que ia acabar tão rápido que você nem ia ver começar! – A voz de Arthur ecoou meus pensamentos. – Deu tudo certo! – comemorou, eufórico. Entontecida, segui suas mãos para descer do tablado. – Você viu a quanto foi o lance final? – Apenas sorri. Não saberia dizer nem mesmo qual fora o lance inicial. – Eu tinha razão, um casal jovem deu outra cara para o restaurante... Colocamos a velha Taberna na lista dos restaurantes modernos!

Arthur sorria, empolgado com o sucesso e, sem aviso, me levantou em um abraço rodopio. Meus pés voaram no ar e ele ainda me segurava em seus braços quando me devolveu ao chão. Abri um sorriso atordoado, estava tonta por vários motivos e um deles foi o rodopio. Ainda estava aninhada em seu peito, apoiando os braços para recuperar o equilíbrio, quando Arthur aproximou o rosto para falar ao meu ouvido.

– Não sei o que faria sem você – sussurrou.

Com um estalo, acordei para nossa proximidade. Arthur continuava ali, me envolvendo em um abraço apertado, o rosto colado no meu. Podia ouvir sua respiração ofegante em meu ouvido, e por um momento acreditei que poderia ser a empolgação do sucesso. Minhas mãos e braços estavam apoiados em seu peito e senti seus batimentos cardíacos acelerados... seu perfume fresco como o sol... Arthur deslizou o rosto suavemente no meu e, sem dificuldade, prendeu meu olhar. Desta vez, tinha ideia do que ia acontecer. E estava confusa o suficiente para não evitar.

Preso no reflexo daqueles olhos, dourados como um deserto ensolarado, tive dificuldades para me mexer. Eu poderia continuar, poderia deixar acontecer. Seria fácil, simples, natural... até esperado. Como o amanhecer no dia seguinte. Afinal, nós tínhamos uma vida em comum. Afinidades. Fitei seus lábios entreabertos e meu coração disparou. Precisava reconhecer, Arthur me conhecia e me entendia. Então... Por que não podia continuar? Por que não conseguia responder às expectativas dele? E, naquele momento, me senti a pior das mortais por não poder dar o passo sincero que ele esperava.

– Arthur, eu... eu não... – Minha voz era um murmúrio torturado. Levantei meus olhos para encontrar os dele e meu coração se apertou ainda mais ao entender sua sinceridade.

– O que foi? Qual é o problema? – Senti sua respiração em minha boca... doce e divertida, nossos narizes estavam quase se tocando, mas ele esperou. Desta vez Arthur respeitou meus limites, ele esperou que eu quisesse esse beijo também.

– Eu não posso – completei, levantando as mãos de seu peito para colocá-las em seu rosto, uma de cada lado, segurando sua boca no lugar. Quando senti o calor de sua pele na ponta dos dedos, entendi... De repente, estava tudo muito claro. Não era Arthur que eu queria tocar, não era ele quem queria beijar. Estava apenas sendo honesta comigo mesma. E, ainda assim, me senti miserável por magoá-lo. Culpada, olhei no fundo dos seus olhos e fui sincera. – Desculpe.

Meus olhos se encheram de lágrimas e Arthur deixou os braços caírem de minha cintura. Ele virou o rosto o máximo que seu pescoço permitia, mas continuei ali, imóvel. Vagarosamente, abaixei as mãos, dando-lhe espaço... e

ficamos assim, simplesmente esperando que a emoção do momento passasse. Depois, com muita calma, ele voltou os braços para minha cintura, puxando-me para um delicado, demorado e torturante beijo no rosto. Seus lábios tocavam minha pele com carinho e o aperto voltou ao meu peito.

– Obrigada – falei com a voz embargada. As lágrimas continuavam em meus olhos e consegui ficar pior do que antes. Ele não merecia isso.

Arthur deixou a mão em minha cintura e manteve o rosto colado ao meu. Sabia que ele não tentaria me beijar de novo e permiti que ficássemos assim, imaginando o momento que não aconteceu. Por um segundo fiquei confusa, era como se eu me arrependesse por ter perdido esse momento também.

Percebendo minha hesitação, Arthur levantou os lábios até meu ouvido mais uma vez.

– Eu posso esperar, Mel. Não vou desistir de você – disse com um sussurro, e se afastou para me olhar de frente.

Afastei-me também. E não dissemos mais nada, apenas nos olhamos, nos avaliando. Por que não o desmotivei? Deveria dizer para ele desistir, mas, ao invés disso, fiquei calada. Isso não estava certo. Eu sabia que não havia chance de ele se comparar aos perturbadores e fascinantes olhos turquesa, de toques quentes e sentimentos avassaladores. Então... Por que iludi-lo? Estava confusa, e me sentia culpada. Eu precisava pensar.

– Preciso ir – falei, enquanto dava alguns passos temerosos para trás.

Arthur não disse mais nada. Vi a sinceridade em seus olhos mais uma vez e nem imaginava o que ele via nos meus. Com determinação, encarei o chão e caminhei apressada até encontrar o caminho da porta.

Do lado de fora do salão, o tempo passava vagarosamente, tornando a consistência da verdade algo implacável. Por mais que Arthur pudesse ser a pessoa certa, o amor possível, real e esperado, ele não se comparava com o amor que eu sonhava. Com o homem que eu desejava. E não poderia mais me enganar sobre isso, porque era impossível trair meu coração. Respirei fundo, buscando um pouco de paz para meu coração gelado... Sempre imaginei que era preciso viver o amor para experimentar suas dores, mas apenas o sonho desse amor impossível já estava me dilacerando.

– Mel? – Reconheci a voz de George. Quando olhei sobre o ombro, vi meu avô e Lucila apoiando o senhor Antônio com certa dificuldade. – Pensei que você estava comemorando... com o Arthur. O que está fazendo aqui fora?

– Tomando ar.

Eu podia enganar George facilmente, mas o olhar de Lucila era duvidoso.

– Ah! Minha querida... Não sei como lhe agradecer, você foi ótima!

Lucila largou o marido nos braços de George e veio me abraçar. Com o

remorso que sentia por magoar Arthur, acreditava seguramente que era eu quem estava em dívida com ela.

George informou que estava levando os amigos para casa. Ele mesmo não parecia cansado, mas a festa parecia ter acabado para o senhor Antônio, que me olhava à meia-pestana. Meu avô avisou que Rose estava me procurando para dar o recado e me pediu para voltar de carona com Arthur. Tentei argumentar... Minha noite também havia acabado, e queria muito ir para casa. Mas Lucila se uniu a George, insistindo que a segunda fase da festa era dos jovens. Não pude deixar de notar seu tom sugestivo ao passar os olhos pelos casais em clima de romance no mezanino. Sabia que Lucila era perspicaz e nesse momento imaginava, ou concluía, as possibilidades da noite. O que ela não imaginava é que esse romance já havia desandado. Sem alternativa, concordei com um sorriso. Com certeza não voltaria para casa com Arthur, mas não precisava alarmar a família sobre o desfecho desconfortável da noite.

Lucila e George apoiaram o senhor Antônio nos braços enquanto ele murmurava algo inaudível para mim. Quando o trio tomou distância na escada, percebi que estava sobrando no mezanino. Casais apaixonados se apertavam à minha volta e mais alguns se espalhavam pelo jardim... Ótimo! Tudo que evitei lá dentro, veria de camarote aqui fora. A frustração cortou meu peito com o habitual frio polar, precisava vestir meu bolero. E dar um jeito de ir para casa.

Voltei para o salão decorado, e uma música moderna agitava as pessoas na pista de dança. A festa realmente havia mudado. De longe, avistei a elegante moça no vestido berinjela... Rose! Minha simpática amiga era a solução para todos os meus problemas. Ela estava na pista de dança, aproveitando a segunda fase da festa, mas não me importaria de sentar em um canto e esperá-la em troca de uma carona. Dei alguns passos animados em sua direção, mas meu sorriso se desmanchou quando notei com quem ela dançava. Arthur! Eles pareciam descontraídos juntos... perfeitos. Essa percepção trouxe um sentimento estranho. Culpa, provavelmente. Mas essa era a resposta. Deixaria o acaso trabalhar a favor de Rose para o bem de Arthur. A solução do destino. Rose era a garota mais legal da cidade e Arthur merecia alguém especial como ela. Os dois combinavam, qualquer um poderia ver isso. E não pude deixar de pensar que talvez tivesse interferido no destino deles vindo para cá. As palavras de Vincent soaram claras... *Eu apareci como uma pedra*, um obstáculo que fez Arthur se desviar de seu caminho.

Com um movimento rápido, voltei para a porta. Precisava sair dali antes que fosse vista! Meu objetivo agora era chegar à recepção e descobrir se o serviço de táxi noturno existia nessa cidade. E, apesar da pressa, precisei descer os degraus da grande escada cuidadosamente... Estava em pé há muito tempo e o

salto alto estava me matando! Pela dor latejante em meus dedos, havia bolhas por todos os lados. Minha vontade era atirar os sapatos longe! Olhei em volta... E por que não? Parei quase no fim da escadaria, e o prefeito passou por mim acompanhado de sua esposa. Balancei a cabeça, não teria coragem de andar descalça na frente da elite da cidade.

Desajeita, manquei até o jardim.

Cavalheiro Carrancudo

Pensar nas bolhas aumentava o incômodo e precisei sentar em um dos bancos do jardim para descansar meus pés... A noite já estava um desastre e eu merecia uma folga antes de continuar minha jornada pelos martírios sádicos do universo.

Tirei os sapatos por debaixo do vestido e flexionei os dedos dos pés com um murmúrio aliviado; o frio incomodava, mas o bem-estar compensou os arrepios. Mais relaxada, notei sussurros e gemidos à minha volta. Sem querer, escolhi um ponto estratégico do jardim e agora era testemunha ocular do romantismo da noite. Suspirei, inconformada, e o ar gelado em meus pulmões quase doeu. Lembrei-me do toque quente de Vincent, suas aparições inexplicáveis, as mudanças de humor, o fascínio dos olhos turquesa... E tremi. Mas, dessa vez, não era frio.

Com outro suspiro, dolorosamente *congelante*, me preparei para apertar os pés nos sapatos. Mas acabei pulando no banco quando uma voz mole e descoordenada ecoou dentro do meu ouvido:

– Essssperaando por mimmm?

Virei por reflexo e me surpreendi com o rosto de Daniel mais perto do que gostaria. Ele estava curvado, apoiando os cotovelos no encosto do banco, completamente bêbado.

– Sabiaaaa que você ia mudar de ideiaaaa – disse, aproximando o rosto do meu pescoço mais uma vez. Seus braços pareciam tentáculos e ele os prendeu ao redor dos meus ombros, quase que para se apoiar.

– Sai de cima de mim! Agora! – ordenei, lutando com seus tentáculos para afastar seu rosto do meu.

Daniel não desistiu, segurou meu rosto com força e isso machucou. Olhei para o casal mais próximo em busca de ajuda, mas eles estavam ocupados demais para perceber a cena. Angustiada por não conseguir afastá-lo, tentei gritar, mas sua boca abafou minha voz. Ele praticamente caiu por cima de mim no banco e nesse momento eu já estava desesperada... Usei toda minha força para empurrá-lo, precisava fugir, morder, chutar... cuspir! Qualquer coisa! E, durante meu pânico, algo aconteceu. Em um segundo seu peso não estava mais sobre mim, nem o bafo de álcool ou o rosto distorcido pela bebida.

Olhei ao redor, confusa, e vi Daniel alguns metros à frente, no chão, gemendo. Uma mancha vermelha se espalhava por seu nariz e chegava à sua camisa branca. Arregalei os olhos... surpresa.

– Venha comigo – entoou uma voz grave.

Girei o rosto no escuro, procurando o dono da voz.

– Agora! – ele rugiu.

Eu me levantei num salto.

Uma mão quente segurou meu pulso, e reconheci seu choque de calor... eu o desejei, um minuto atrás.

Vincent estava completamente camuflado sob a sombra de um arbusto, como se ele também fosse feito de sombra, seu aperto em meu pulso não era gentil, mas não houve tempo para protestos. Antes que respirasse novamente, estava sendo arrastada pelo jardim. Ainda estava atordoada quando senti o chão ficar macio sob meus pés, olhei para o tapete vermelho e entendi... meus sapatos novos tinham ficado para trás, no banco, com Daniel.

– Meus sapatos! – exclamei, dando um tranco em meu braço, mas Vincent não parou e uma dor aguda queimou minhas articulações. – Estou descalça! – Apontei para meus pés. – Sapatos! Meus Sapatos!

Forcei meu punho mais uma vez e ele se voltou para mim... O lustre de cristal da recepção iluminou seu rosto, ele parecia furioso, os olhos faiscando em um tom violeta profundo, como oceanos em tempestade. Eu recuei. Por Deus, como ele era grande.

– Não vamos voltar – rugiu com sua melhor voz irritada.

Engoli em seco.

Dessa vez não argumentei e, mesmo que quisesse, o pouco de voz que tinha sumiu com sua reação intimidadora. Odiava quando ele fazia isso. Vincent voltou a andar, me rebocando pela recepção lotada... Notei rostos curiosos e alarmados ao nosso redor e corei enquanto tentava segui-lo. A elite da cidade observou a cena em silêncio e Vincent não tomou conhecimento deles. Quando cruzamos a porta do hotel, ele finalmente parou.

– Vou levá-la para casa – informou com a poderosa voz grave.

Estava assustada e revoltada com sua atitude grosseira, mas consegui identificar asas de borboleta batendo em meu estômago. Como isso era possível? Vincent fitou o estacionamento por um minuto e, nesse tempo, seus olhos clarearam. Avaliei seu rosto com cautela, tentando me acalmar também. Ou quase. Embora tivesse borboletas em meu estômago, algo incomodava minha garganta. Sabia que ele estava mais para um tigre raivoso do que para um gatinho manso, mas a revolta me sufocava... Estava descalça no chão frio de pedra e tinha passado uma vergonha sem tamanho na frente das pessoas mais importantes da cidade. Pessoas que ainda nos olhavam sorradeiras pelas vidraças da recepção!

Como esperado, o receio de seu temperamento instável deu lugar a uma

súbita revolta.

– Não acredito no que você fez! Graças à sua grosseria, vamos ser motivo de comentários da cidade por meses... E ainda perdi meus sapatos novos! – falei, exaltada. – Perdi mesmo, porque, com a vergonha que você me fez passar, não vou voltar para pegá-los! – Terminei a frase puxando meu pulso de seu aperto.

Vincent me libertou e minha mão latejou quando o sangue voltou a correr por minhas veias.

– Vergonha? – Ele se inclinou para mim. – Você foi atacada e está preocupada com o que os outros vão pensar? – questionou com mais um rugido, indicando a recepção atrás de nós.

Pelo canto dos olhos, vi as cabeças curiosas desaparecendo das vidraças.

– Então, por que você não volta para pegá-los? – argumentei, cruzando os braços para me aquecer. O frio das pedras subia por meus pés, e eles já estavam quase dormentes. Olhei desanimada para as poças de água do estacionamento e bufei. – Graças àquele bêbado idiota e ao seu mau humor, vou pegar uma pneumonia andando descalça nesse chão molhad...

No meio da palavra, meus pés estavam fora do chão.

Com um único movimento, Vincent me levantou em seus braços e agarrei seu pescoço por reflexo, mergulhando meus dedos nos cabelos lisos de sua nuca. Antes que respirasse novamente, estávamos andando.

– É impressionante como você nunca me agradece – murmurou, irritado.

Meu coração galopava nas orelhas, a centímetros do seu rosto... Não sabia se minhas palavras haviam fugido de susto ou de emoção. Estar em seus braços era mais do que podia sonhar e minha respiração frenética não era consequência da nossa discussão. Estreitei o aperto em seu pescoço e minha boca, aberta pelo choque, foi tomada por seu perfume. Meu corpo se moldou ao dele, enquanto suas mãos me apertavam com segurança e cuidado. Vincent olhava fixamente para frente, a respiração pesada, mas não havia raiva ou rancor em sua expressão... Ele parecia apenas concentrado. E, rápido demais, parou. Estávamos ao lado do SUV preto quando ele baixou o rosto, procurando ler meus olhos.

– Desculpe se fui ousado, mas você me tirou do sério – falou quase manso, um tanto preocupado.

Eu nadava nos oceanos turquesa. Por mim, ele poderia ser ousado sempre!

– Sei que sou mal-humorado às vezes. E procuro me controlar... mas ainda é mais forte do que eu – justificou.

Apertei os lábios para conter o riso. Ele tentava se controlar? Sério?!

Vincent estava mais para um cavalheiro carrancudo do que para um herói de filme antigo. Por um segundo, ele me olhou surpreso, depois seus olhos sorriram brilhantes também.

– Eu que peço desculpas... Às vezes, sou teimosa. – E agora estava envergonhada. Afinal, Vincent me livrou de Daniel e, se não fosse por ele, a humilhação seria muito maior do que só andar descalça. – Você estava me ajudando... Não deveria ter gritado com você.

Ele sorriu complacente e afrouxou os braços, escorregando-me por seu corpo para me colocar de pé. Ainda admirava seu sorriso quando meus pés tocaram os pedregulhos pontiagudos e gelados. Involuntariamente, meu rosto se contorceu em uma careta de desconforto.

– Você está com frio – afirmou, apertando gentilmente os braços à minha volta.

Eu não podia estar mais agradecida pelo frio do fim de outono.

– Um pouco. – Sabia que ele não havia feito uma pergunta, mas achei melhor confirmar. Vincent me soltou e segurei outra careta. Ele tirou o paletó e o colocou sobre meus ombros, preferia seus braços, mas não ia verbalizar isso. – Obrigada! – falei, me abraçando ao paletó quente e perfumado.

Ele procurou a chave no bolso e destravou as portas com um bip, tomou gentilmente minha mão para me ajudar a subir no SUV, depois deu a volta no carro. Flexionei meus dedos, que formigavam com seu calor, e não resisti a observá-lo: seu andar elegante, o físico desenhado na camisa branca... Vincent ficava deslumbrante de branco! Teria uma segunda chance para ficar a sós com ele e, dessa vez, não era uma coincidência. Controlei minha expressão quando ele entrou no carro.

Depois de ajustar os controles do painel, o ar ficou quente e uma música suave flutuou ao nosso redor, mas não era o jazz suave como da última vez. Era familiar... suave. Antigo. Como a música que dançamos na festa. Parecia a mesma música. Depois de mais alguns acordes, tive certeza. Espremi os lábios em um sorriso e Vincent observava minha reação.

– Você gosta? – A voz mansa era ronronada.

– É a mesma música que dançamos... Não é? – perguntei, empolgada, mas ele não respondeu, deixou escapar um sorriso discreto e manobrou para a saída.

Enquanto Vincent se concentrava na estrada deserta, eu apreciava a delicada sonoridade que ocupava todos os espaços vazios. Seria coincidência ser a mesma música? Ou será que foi premeditado? E voltei à dúvida de antes... Por que ele largaria a Vênus de Botticelli para dançar comigo? A pergunta ferveu em minha garganta...

– Onde está sua família? – Falei rápido para não perder a coragem.

– Eles já foram, não gostam da agitação. Ficam desconfortáveis – disse com empatia. E percebi que, para ele, estar lá também foi incômodo.

Assenti, pensativa. Se a Vênus de Botticelli estava na festa a contragosto, é bem possível que eles tivessem brigado. Mas seria possível que Vincent estivesse irritado o suficiente para provocar ciúmes em Viviana? Claro que era possível, em se tratando de Vincent... E eu era a única louca da festa que o conhecia o suficiente para não correr se recebesse um convite para dançar. Muito lógico.

– Acho que entendo o desconforto dos seus primos...

– Eles não são meus primos. – Vincent me interrompeu com a afirmação chocante. Continuei com a boca aberta, surpresa pela revelação espontânea. – Alex e Viviana são muito próximos, mas não somos parentes. Pode-se dizer que pertencemos à mesma família, só isso. – Ele falava de um modo descontraído, o que não era comum. E continuei surpresa.

De qualquer forma, sua revelação só piorou minhas suspeitas. Se eles não eram parentes, então... Vincent e Viviana formavam o casal mais perfeito do mundo! Estava com raiva da minha ingenuidade por achar que *ele*, o galã misterioso, escolheu uma música para dançar comigo. Sempre soube que essa história de me apaixonar por esse homem impossível ia me fazer sofrer... e, para confirmar minha teoria, a dor lacerante irradiou por meu peito. Eu parecia estar sufocando.

– Viviana é muito... Vocês dois... combinam – sussurrei.

– O quê? – Ele pareceu confuso. Lancei um olhar ácido na direção do volante. Estava me remoendo de ciúmes, e isso me deixou ainda mais revoltada... Comigo mesma. Mas Vincent continuava surpreso e, depois de um segundo, emendou uma risada descontraída. Fui resgatada da escuridão por esse chamado da luz. – Viviana é muito importante para mim, mas não dessa maneira. Devo muito a ela... o que garante minha lealdade. Mas, se quer saber, ela é comprometida com outro... – ele limpou a garganta – amigo.

Vincent falava sem comédia na voz. A dor lacerante em meu peito diminuiu, mas não por completo. Encontrei o rosto perturbado do meu cavalheiro carrancudo e ele me avaliava. Será que Vincent reparou no meu ciúme descarado? Meu rosto queimou e fiquei tentada a abrir a porta do carro para pular na rua. Desviei meus olhos de seu rosto e encarei a escuridão da noite.

– Vincent... Eu não entendo... Vi você ir embora da festa... antes. – Mal conseguia formular as palavras. – Por que você voltou ao jardim?

Literalmente saí do banco depois da pergunta.

O SUV passou por uma lombada redutora sem frear; depois do

solavanco, procurei pelo motorista. Vincent ainda me encarava.

– Desculpe – disse, voltando a atenção para a estrada.

O silêncio tomou o carro e concluí que ele não poderia dar a resposta que eu queria ouvir. De algum modo, era melhor assim. Meu interesse era óbvio demais e parecia incomodá-lo. Corei, constrangida. A música dentro do carro mudou para algo mais compassado, e tentei acompanhar a melodia com minha respiração... Precisava de um novo ritmo, já que meu coração havia parado de bater.

– Eu estava preocupado. – A voz grave cortou minha concentração.

Quase não acreditei nos meus ouvidos, mas meu coração pulsou no fundo do peito.

– Por quê? – sussurrei.

– Porque vi o que aconteceu. E sabia que você não ia dar a devida importância ao fato. – Ele apertou o volante. – Aquele tipo de homem pode ficar perigoso com o orgulho ferido, e você o desprezou em público. Você... se tornou o prêmio da noite, Melissa.

Vincent pousou seus olhos reprovadores sobre mim, mas eu só consegui me focar em uma coisa... Ele me observava sem que eu percebesse?

– Pelo visto eu tinha razão, você não percebe o risco que correu. – Ele estreitou os olhos, encarando meu rosto absorto. – Aquele sujeito estava esperando uma oportunidade para lhe abordar de novo, e, como você é especialista em dar oportunidades ao desastre... – Ele levantou os ombros, voltando sua atenção para a estrada. – Quando vi você sozinha no salão, achei melhor lhe fazer companhia. Mas, como sempre, você estava determinada a vagar sozinha pela noite. – Ele bufou, ainda concentrado na estrada. – Você realmente não percebe o perigo, não é? Sabe... não entendo... Por que não chamou seu avô? Ou avisou a... a outra pessoa que aquele homem a estava importunando?

Ainda estava aturdida e, embora suas acusações fossem sérias, foi seu julgamento que mais me incomodou. Ele estava insinuando que eu era burra demais ou inocente demais. E, para ser sincera, no momento, me achava as duas coisas.

Soltei o ar, irritada. Não me metia nestas confusões de propósito.

– Pelo mesmo motivo que não falei do quase atropelamento, ou do que aconteceu depois da queda do mirante... Não tenho o costume de alarmar meio mundo quando esse tipo de coisa acontece comigo. Meus desastres pessoais já são humilhantes o suficiente, não preciso dividi-los para ter solidariedade. Ou para ser taxada de inconsequente.

– Não quis dizer isso – retrucou incomodado. – E aquilo não foi

humilhante, foi perigoso. Pense bem... E se eu não voltasse? Você imagina o que poderia ter acontecido?

– Mas você voltou. Por quê? – insisti.

– Vi seu avô no estacionamento, saindo sem você. E como havia dito que não estava acompanhada... eu... – ele apertou o volante mais uma vez. – Bem, eu precisava checar. Não poderia passar a noite inteira imaginando as possibilidades de uma noite desastrosa. Agora estou feliz por ter voltado, me economizou uma crise de consciência. –orriu, presunçoso.

Tudo bem, Vincent esclareceu tudo racionalmente. Mais racionalmente do que eu esperava. E ainda me fez sentir como uma inconsequente mais uma vez.

– Você não precisa se preocupar comigo, eu ia dar um jeito de me livrar dele – desdenhei. – Como da primeira vez.

– Pelo que vi no jardim, não parecia que você tinha o controle da situação. – Ele juntou as grossas sobrancelhas, visivelmente descrente. – Você quer sempre mostrar o quanto pode ser corajosa, mas o medo pode ser saudável de vez em quando. E, no seu caso, evitaria muitos problemas.

– Não acho que o medo seja a solução. Para nada. De qualquer maneira, nunca desejei ser uma pedra no caminho de *ninguém* – lembrei, rabugenta. – Também não preciso que *ninguém* fique de anjo da guarda para me proteger.

Ele expirou com força.

– Não estou reclamando por ter ajudado. Só estou dizendo que foi um perigo desnecessário. Estou tentando fazer o que é certo. Acho... – Vincent fez uma pausa de dúvida. – Acho que estou tentando ser seu amigo. Não sei se isso é sensato, mas é o que minha consciência manda fazer.

Ele desviou os olhos da estrada para ver minha reação e, pela dormência que tomava meu corpo, não tinha ideia de como estava meu rosto.

– Obrigada então. Por se preocupar – falei, sem conseguir controlar a decepção na voz. Não era isso que eu queria ouvir, mas eram coisas bem diferentes, o que eu queria e a realidade.

Ficamos mergulhados em nossos próprios pensamentos pelo restante do caminho e continuávamos em silêncio quando o SUV parou em frente à casa amarela. Concluí que Vincent tentou esclarecer as coisas de uma forma educada ao perceber minhas atitudes um tanto óbvias. Eu só não entendia... Por que ele queria estar por perto? Talvez estivesse cumprindo uma promessa, se redimindo das encarnações anteriores... ou simplesmente se sentindo culpado por quase atropelar uma órfã. Qualquer uma dessas justificativas era compreensível, menos que ele queria ser meu amigo. E seria isso? Vincent pretendia mudar sua imagem antissocial? Se ele esperava que essa amizade, de alguma forma, melhorasse sua

popularidade, escolheu a pessoa errada. Mas, analisando suas alternativas, encaixava-me perfeitamente. Eu era nova na cidade, não convivi com as histórias da montanha e não corri dele. Não como os outros. Aceitei sua carona, sua ajuda... Até dancei com ele!

Como uma lâmpada que acende, as coisas se iluminaram de repente. Não era só ele, Alex e até Viviana foram muito gentis comigo. Era isso! A família da montanha queria melhorar sua imagem. Eu me senti uma idiota. Deixei-me envolver por essa figura incomum só para perder meu tempo chorando com decepções sentimentais. E, com certeza, iria chorar muito antes de dormir.

Após ouvir o barulho das travas da porta se destrancando, tirei seu paletó, resmungando um rápido *obrigada*. Só queria sumir dali. Corri até à porta de casa e estiquei-me na ponta dos pés para pegar a chave extra na arandela da pequena varanda... Enquanto eu girava a mão na cúpula de vidro, a luz tímida encheu o ambiente com sombras. A pouca luz, o nervoso e as lágrimas que se formavam, não ajudaram na árdua tarefa de achar o buraco da fechadura. Meu plano de entrar o mais rápido possível foi por água abaixo.

Uma mão quente parou minhas mãos trêmulas com delicadeza, Vincent puxou a chave de meus dedos e a encaixou na fechadura, deu duas voltas e abriu a maçaneta. Levantei meu rosto para ele... Sua expressão era séria, triste. A mesma tristeza do final de nossa dança. E lá estava a dor recíproca novamente, apertando meu peito. Eu era louca? Esse homem acabou de dizer que queria ser meu amigo, com certeza sentia pena de mim e dos meus sentimentos um tanto óbvios, e eu estava com dó dele? Sim, eu era louca.

– Melissa? – ele chamou, mas continuei de olhos baixos.

Isso já era tortura e eu não precisava me torturar assim. Tomei a maçaneta nas mãos e fui em direção à porta, praticamente desviando dele.

– Melissa? – Vincent chamou mais uma vez e me virei com má vontade, só queria acabar logo com aquilo. – Você não disse se aceita um mal-humorado como amigo. – Sua voz grave soou baixa, e um pouco apreensiva.

– Acho que não tenho escolha... Você mesmo disse que sou uma pedra no seu caminho. – Fui irônica, mas no fundo estava com raiva. Raiva por não ser vista ou desejada de outra maneira.

– Eu disse que tropeçava em você. É diferente.

Seu humor mudou e, para minha surpresa, Vincent parecia atipicamente bem-humorado. Só não entendia o motivo. Estava exausta, não ia entrar em uma discussão sobre quem tropeça em quem, e não pretendia deixar que meus sentimentos me traíssem. Mas, de uma maneira torturante, seria melhor tê-lo como amigo do que não vê-lo mais.

Suspirei, inconformada. Estava me tornando masoquista.

- Tudo bem. Se tiver paciência para uma amiga geniosa.
- Posso treinar para isso – disse alegremente.
- Boa noite, Vincent. – Minha voz estava embargada, e ele apenas sorriu.

Admirei sua imagem perfeita se afastar enquanto fechava a porta. Do lado de dentro, apertei os olhos com força... Como poderia ser amiga dele? Lágrimas brotavam dos meus olhos e senti meu coração se despedaçar de novo. Primeiro, a rejeição, e agora, estava me iludindo!

Fui direto para o banheiro e, debaixo da água quente, esfreguei o rosto com raiva para retirar a maquiagem. Sentia-me boba e infantil por achar que um pouco de batom e pó fariam aquele homem se interessar por mim. Depois de colocar meu moletom furado e meias coloridas, comecei a me sentir eu mesma. Não aquela farsa de vestido, salto e maquiagem. Sabia que não adiantaria tentar dormir e desci a escada para espiar o quarto de Alice. Tudo parecia em ordem, minha irmã dormia profundamente... E a culpa me esmagou. Minha vida já estava complicada o suficiente, não precisava me relacionar com alguém tão inacessível quanto Vincent. Definitivamente, não precisava criar mais problemas.

Sentei no sofá e me aconcheguei nas almofadas, tentando me desvencilhar das lembranças, das sensações. De tudo aquilo que não deveria querer viver agora. Como o calor que aquecia meu peito sempre que estava ao lado dele, ou o tremor ao lembrar do movimento de seus lábios... Droga! Por que fui desenvolver essas emoções por alguém tão impossível? Isso parecia crueldade das forças sombrias do universo. Mas, por outro lado, parecia castigo das forças benevolentes, por eu ter causado o mesmo tipo de decepção a Arthur. Pensei na injustiça dessa situação. Por que eu não podia sentir tudo isso por Arthur? Seria simples e fácil, um amor correspondido. Ninguém sofreria e teríamos nosso final feliz. E Arthur poderia me fazer feliz... se eu permitisse.

Deitei no sofá, abraçandoos joelhos. Ser sincera com meus sentimentos só estava espalhando sofrimento por todos os lados. Enfiei o rosto na almofada e fechei os olhos, lutando contra minhas novas e improváveis vontades. E fiz isso por horas antes de conseguir dormir.

O Passeio

Acordei com a luz do sol em cima de mim e uma dor alucinante nas costas. Estava toda torta no sofá, com a cara amassada na almofada... e senti dois olhinhos esverdeados me observando. Eu me sentei num pulo, e minhas costas se endireitaram com um estalo.

– Ah! Alice! Que susto!

Alice riu, como se tivesse feito exatamente o que ela queria.

– O que tem de errado com sua cama?

Eu me espreguicei, dolorida.

– Nada, meu amor, dormi aqui sem querer.

– Que bom, pensei que os esquilos tinham voltado – disse, rindo. Fiz uma careta de quem não entendeu, e ela riu mais uma vez. – Ontem, quando a tia Lillian estava aqui, chamei alguns esquilos para ela conhecer... Mas ela não gostou. E gritou com eles, tocou todos com a vassoura. Os esquilos começaram a pular nas coisas e deu um trabalhão colocar todo mundo para fora... A tia Lillian ficou nervosa. – Ela terminou rindo e, desta vez, a acompanhei.

Fiquei imaginando o quanto da história era verdade e o quanto Alice havia inventado. Nunca soube ao certo se ela conseguiria separar a ficção da realidade.

– Mas saíram todos, não é? – perguntei por precaução, e ela confirmou com a cabeça. – Que bom. – Eu me espreguicei de novo. – Você está com fome?

Essa era uma pergunta dispensável, eu sabia a resposta e também sabia sua exigência: panquecas com manteiga e mel. Alice me acompanhou até a cozinha e começamos a bagunça. George se levantou algum tempo depois e, degustando as panquecas conosco, confirmou, pela versão de Lillian, a história dos esquilos invasores. Discutimos a questão por um minuto e, apesar da minha apreensão de que isso fosse algum tipo de infestação, ele garantiu que os bichos provavelmente procuravam a ração do coelho. Enquanto limpávamos a mesa, George confidenciou que a babá parecia mais abalada que o normal com a invasão dos roedores, mas antes que o fato chegasse a preocupar, ele desconversou... ansioso para mudar o tópico da conversa.

– E a festa de ontem? – perguntou, inocente. – Foi divertida?

George parecia indiferente, mas sabia que era seu jeito de procurar maiores detalhes. Levantei os ombros para preencher meu silêncio, não queria lhe dar detalhes, mas também não queria mentir para meu avô.

– Então... Você e o Arthur brigaram ou se entenderam?

– Nós não brigamos, *Opa*. E não, ninguém se entendeu ontem. Você e a Lucila podiam parar de bancar os alcoviteiros – falei, com um tom acusador.

– Tudo bem, se você diz que não. Mas por que não pensa no assunto? Arthur é um bom rapaz e não faço nenhuma objeção...

Larguei a tigela na pia, indignada.

– Quer dizer que preciso da sua aprovação antes de arrumar um pretendente?

– Você sabe que não tenho esse poder, Melissa. Como sei que você é capaz de escolher o que é certo... para você – completou encabulado. – Acho você muito responsável, até demais para alguém tão jovem. – George pausou, respirando longamente. – Mas não vou viver para sempre. Só quero vê-la feliz com alguém que possa cuidar de você. E o Arthur é capaz de fazer isso. – Ele procurou meu rosto – Mel... Ele gosta de você. E isso não é segredo, qualquer um pode ver.

Suspirei, melancólica... Havia entendido o recado. George queria o que era mais confiável para meu futuro, o mais seguro. E tinha seus motivos para pensar assim. Eu era o exemplo vivo de suas preocupações, e não poderia discordar disso. Voltei os olhos para a pia e recomecei a lavar a tigela. Seu discurso parecia ecoar todos os meus tormentos e estava realmente convencida de que precisava esquecer o impossível, e talvez, quem sabe, dar uma chance ao meu vizinho de infância.

George deu uma tossida sem jeito para limpar a garganta quando percebeu que suas palavras me atingiram mais do que ele esperava.

– Quer saber? Não vou me meter... Você é adulta e sabe o que faz – disse, apoiando as mãos em meus ombros de forma solidária.

Ele me deixou com meus pensamentos e foi se arrumar para sair. George passaria o domingo na revendedora, aguardando mais uma entrega atrasada, e percebeu que não havia mágoas quando lhe entreguei três sanduíches caprichados, que seriam seu almoço. O dia estava lindo lá fora, claro e iluminado pelo sol fraco, mas eu estava cansada demais para qualquer aventura. Queria viver o simples, o fácil. Apenas por mais um dia.

– Você tá triste, Tata? – Alice perguntou, alinhando mais um quebra-cabeça no chão da sala, completando sua galeria de quadros infantis.

Inspirei profundamente.

– Não.

– Mas ouvi o vovô dizer que você brigou com o Arthur... E, quando a gente briga, fica triste – concluiu, astuta, apertando os olhinhos esverdeados.

– Alice! Não é legal ficar ouvindo conversa de adulto – ralhei, tentando parecer séria.

– Mas vocês estavam falando alto... Se não era para eu ouvir, vocês tinham que falar baixinho.

Balancei a cabeça, descrente de sua objetividade. De repente, ela se agitou, os olhos brilhando com entusiasmo.

– Sabe de uma coisa? Acho que o gigante que brilha gosta de você! Ele sempre pergunta de você quando vem me ver... Se quiser, posso te chamar quando ele voltar. – Ela pensou por um instante. – Fiz um desenho dele, quer ver?

Alice parecia empolgada e suspirei, conformada. Era só o que faltava, até minha irmã de cinco anos tinha pretendentes para mim. E não era qualquer um, era um pretendente imaginário. Que brilha!

Estávamos preguiçosas, as horas se arrastavam e nem nos importamos em tirar os pijamas; no meu caso, o velho e bom moletom de dormir. Assistimos desenhos animados e demos cenouras para o coelho, tudo sem a menor pressa. Só queria ser eu mesma, de camiseta furada e meias coloridas, brincando no chão de quebra-cabeças com minha irmã caçula.

Já era hora do almoço e Alice tentava me convencer a fazer brigadeiro de colher... Depois de negociar algumas garfadas de macarrão com molho de tomate, desisti. Larguei o prato inacabado na mesa e fui conceder *nosso* desejo. Fazer o simples, ser feliz. E por que não? Depois da noite de ontem, eu merecia algo prazeroso como uma generosa colher de brigadeiro. Despejei a massa brilhante e perfumada em um prato fundo, joguei a panela na pia e, depois de apenas um minuto, já degustávamos nossas colheres de chocolate ainda quente. Estávamos relativamente lambuzadas e nosso prazer era medido pelo tamanho do sorriso largo e marrom.

A campainha tocou minutos depois e quase caí do sofá... Visitas? Imaginei que todas as pessoas interessadas em tocar nossa campainha estariam cansadas demais hoje. E, se fosse Arthur, como provavelmente era, o que responderia a ele hoje? Ainda não tinha essa resposta.

Com passos vagarosos cheguei até o hall, imaginando a melhor maneira de lidar com a situação constrangedora. Parei atrás da porta e dei mais uma lambida na colher de brigadeiro... um pouco de prazer antes de me torturar novamente. Abri a porta, e quase tive uma síncope!

– Bom dia, Melissa. – Vincent sorria e seus poderosos olhos turquesa brilhavam, curiosos.

– O que faz aqui?

A pergunta espontânea não poderia ser mais sincera e representava meu choque. Meu rosto entrou instantaneamente em combustão e tinha certeza de que

até minhas orelhas estavam em chamas. Olhei rapidamente para baixo... Meu moletom cortado a tesoura, as meias coloridas, minha camiseta puída manchada de chocolate, a colher ainda em minha mão. Sem contar meu cabelo bagunçado. Era minha ruína! Podia ouvir as risadas das forças sombrias do universo se divertindo às minhas custas. Se Vincent nunca tinha olhado para mim com interesse, agora, nunca iria olhar.

– Vim lhe devolver isso – disse com um sorriso, divertindo-se com a cena.

Olhei-o rapidamente, de cima a baixo. O universo realmente não era justo! Além de lindo, como sempre, ele estava... perfeitamente informal. Vincent vestia jeans! Nunca o vi usando jeans e ele não poderia estar mais maravilhoso. Até a camisa era mais casual, de malha chumbo com as mangas dobradas até os cotovelos, deixando antebraços fortes à vista. Tudo bem, a camisa era escura, mas ele não usava preto e isso era novidade.

Durante minha análise, meus olhos pararam em sua mão, que equilibrava meus sapatos na ponta dos dedos.

– Meus sapatos! – exclamei um pouco alto demais. – Você voltou para pegá-los? – indaguei, admirada, e ele pareceu confuso. Não sabia se largava a colher ou se pegava meus sapatos... Em uma atitude pouco inteligente, coloquei a colher na boca e peguei meus sapatos com as duas mãos. Vincent me observou, apertando os lábios com outro sorriso de derreter. – Obrigada. – A palavra simples saiu com dificuldade.

Eu precisava fazer alguma coisa; a situação não ia melhorar, mas podia piorar. Deixá-lo do lado de fora parecia falta de educação e convidá-lo a entrar era suicídio. Lembrei-me dos restos de macarronada na mesa, das panelas na pia e dos quebra-cabeças espalhados por todo o chão da sala. Sempre considerei a casa um reflexo do espírito e hoje minha casa estava como eu, relaxada e despreocupada. Não era um bom dia para uma visita importante... Importante para mim. Nesse momento, senti Alice se espremendo em minhas pernas. Ela se escondia, lutando contra a própria curiosidade.

Chequei minha irmã e constatei que sua aparência estava pior do que a minha.

– Olá, Alice, é bom vê-la novamente. – Vincent falou com a voz suave. Fiquei surpresa por ele se lembrar do nome de minha irmã. – Você se lembra de mim? Meu nome é Vincent.

E, para meu total espanto, Alice contornou minhas pernas. Ela parou na minha frente, dobrando o pescoço para contemplar a altura do visitante.

– Eu me lembro de você... – Minha irmã franziu as sobrancelhas. – Mas você está diferente. – Revelou, decepcionada. Não consegui segurar a careta para

seu comentário infantil. – Vem comigo... Você ainda não viu meu coelho. Vem ver! – Convocou, como se o conhecesse há séculos.

Sem timidez alguma, Alice puxou Vincent pela mão em um gesto muito natural. Olhei para minha irmã, chocada. Será que ela estava acordada no dia em que ele nos deu carona? Pouco provável. Alice arrastava o visitante para dentro de casa e tentei pensar em algo para impedi-la, mas, ao abrir a boca, a colher quase caiu. Pelo visto, a coisa podia piorar... ainda mais. Vincent obedeceu seus comandos, e passou por minha figura petrificada com certa dificuldade. Acompanhei a cena com olhos aflitos, assistindo meu galã de filme antigo se ajoelhar no chão da cozinha enquanto Alice tirava o coelho da gaiola.

O que era isso? Eu estava em meu universo paralelo?

Com um movimento ágil, larguei meus sapatos na mesa e atirei a colher na pia. Precisava salvar a situação.

– Alice! Acho que não é preciso... – eu me agachei, estendendo os braços para impedi-la, mas Vincent segurou minhas mãos. Senti o calor de seu toque como pequenos choques e as familiares borboletas se agitaram em meu estômago. Eu o encarei, sem entender.

– Quero conhecer o amigo dela – esclareceu, com a mesma voz ronronada.

Seus poderosos olhos turquesa sorriram para mim e congelei para admirá-lo. Ele largou minhas mãos para pegar o coelho que Alice segurava com algum esforço e precisei piscar algumas vezes... Em sua perfeição e elegância, Vincent estava sentado no chão da cozinha do meu avô com a bola peluda nas mãos. Minha irmã tagarelava sobre o que o bicho gostava de comer e o cavalheiro carrancudo chegou a desenvolver um diálogo construtivo com ela... Definitivamente, estava em meu universo paralelo.

– Fiz um desenho dele, quer ver? – Alice perguntou, animada.

– Com certeza. – Vincent respondeu educadamente.

Alice correu até o quarto e continuei ajoelhada no chão, admirando o inimaginável. Não conseguia encontrar coerência para o comportamento de minha irmã. Ela, sempre tímida com estranhos, tinha a desenvoltura de uma *miss* perto dele. Exatamente o oposto do que deveria ser; afinal, estávamos ao lado de Vincent!

– Ela é muito inteligente para a idade – ele comentou enquanto guardava o coelho na gaiola, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. – Muito simpática também.

– Desculpe por isso. – Apontei para o coelho. Vincent omitiu um sorriso, levantando-se elegantemente, e, com um gesto cavalheiro, ofereceu as mãos para me ajudar. – Obrigada – falei, enquanto era puxada para cima.

Meus olhos pararam em nossas mãos unidas e, quando olhei para seu rosto, ele sorria. Seu humor havia melhorado muito hoje e seu sorriso descontraído era contagiante, fazia crescer um calor em meu peito, que subia pela minha garganta, fazendo meus lábios se esticarem involuntariamente... Estava feliz por vê-lo feliz.

– O que foi? – perguntei, sem conseguir me conter.

Ele soltou nossas mãos e, enquanto a minha formigava, Vincent estendeu a dele até meu rosto. Hesitante por um momento, ele fixou seu olhar decidido, estendendo um dedo para tocar o canto da minha boca. Permaneci imóvel. Um arrepio percorreu meu estômago quanto senti o rastro de calor deslizar lentamente por minha pele, acompanhando o contorno do meu lábio inferior.

– Você tem chocolate no rosto – ronronou e, inesperadamente, recolheu o dedo à boca. – Muito bom! – exclamou.

Poderia desmaiar de deleite por assistir a cena, ou de vergonha por estar, além de tudo, com o rosto sujo de chocolate.

– Você... quer? – Minha voz estrangulada saiu confusa e só depois percebi que acabara de oferecer brigadeiro de colher para meu galã de filme antigo. Surreal.

– Com certeza – respondeu de pronto. – O cheiro é muito bom.

Por um segundo, fiquei parada no mesmo lugar, imaginando se estava sonhando. Depois, apressei-me em pegar uma colher limpa e enchê-la com muito chocolate. Vincent a segurou com curiosidade.

– Nunca experimentei chocolate assim – disse, antes de levar a colher à boca.

Poderia ficar o dia todo assistindo o *replay* dessa cena.

Enquanto apreciava o doce, ele caminhou vagarosamente até a sala, contornando os quebra-cabeças esparramados pelo chão.

– Vocês tiveram uma manhã produtiva – concluiu, pensativo. Corei, envergonhada pela bagunça. Girando nos calcanhares, atirei os pratos sujos na pia, agarrei um pano de prato para alisar minha camiseta suja e, com passos rápidos, eu o segui. Ele ainda olhava para a galeria exposta no chão. – Estava imaginando... Se vocês não estiverem ocupadas, talvez pudessem dar um passeio comigo. – Vincent levantou os olhos turquesa para meu corpo sem vida. – O que acha?

Ainda estava na dúvida se tinha ouvido as palavras da maneira correta. Depois de alguns segundos, ele concluiu que era hora de refazer a pergunta.

– Vocês viriam passear comigo? – insisti, duvidoso.

– Um pa-passeio? – gaguejei, tentando esconder minha covardia.

Vincent disfarçou um riso divertido e imaginei que deveria parecer uma

caricatura de desenho em quadrinhos. Mas precisava ter cautela. Aquele homem era imprevisível e, mesmo que estivesse atraída por ele, seria seguro envolver Alice nisso?

Não demorou para que Vincent percebesse minha hesitação.

– Gostaria de levar vocês para conhecer o lado privado da montanha – disse, com naturalidade. – Está um lindo dia hoje, perfeito para um passeio ao ar livre, parece desperdício ocupar o dia entre quatro paredes. Além do mais, seria imperdoável perder as cores do outono.

Franzi a testa, receosa, e ele riu mais uma vez.

– Sei que suas recordações da montanha não são agradáveis, e gostaria que superasse essa má impressão. O passeio vai ser seguro, Melissa. Confie em mim.

Vincent me lançou um olhar potente e soube que ele estava me testando. Só não entendi o que ele pretendia e porque se dava ao trabalho. Mais uma vez meu cérebro analisava todos os riscos, mas meu coração já tinha a resposta.

– Nós vamos passear? – Alice perguntou, eufórica. Ela vinha do quarto com suas obras de arte nos braços e, pelo visto, não estava prestando atenção quando pedi para não ouvir conversa de adulto.

Girei dela para Vincent, que me lançava o olhar turquesa penetrante... Era quase impossível dizer *não* para esses olhos.

– Sim – murmurei, lutando contra as vozes em minha cabeça. Alice começou a saltitar de alegria e parte de seus desenhos desabou no chão. Suspiro. – Tudo bem... Mas primeiro, se acalme, Alice. Você precisa se limpar e trocar de roupa. – Apontei o quarto.

– Tá bom... – resmungou com uma careta. – Enquanto isso você pode ver meus desenhos. – Alice correu para Vincent. – Fiz um seu, olha! – Ela segurava uma folha colorida com vários tons de azul e roxo. Vincent examinou o desenho com interesse. Puxei minha irmã pelo braço e ela me olhou com outra careta. – Você também precisa trocar de roupa, Tata, não pode sair assim. Está toda suja – completou, enquanto se libertava de minha mão para correr até o quarto.

Envergonhada, virei para Vincent e encontrei seu olhar contemplativo.

– Você pode esperar? – perguntei apontando o sofá.

Ele desceu os olhos pelo meu figurino e sentou-se, segurando o desenho de Alice.

– Particularmente, acho que você está bem assim – falou concentrado, mas de uma maneira delicada.

Meu rosto carbonizou. Peguei a colher vazia de sua mão com um sorriso amarelo e, com duas passadas, atirei-a na cozinha. Depois de uma visita ao banheiro para uma limpeza meticulosa – nas duas – tentei vestir Alice. Ela

estava agitada e saltitava como pipoca... Muito chocolate!

– Alice! Alice... Colabora! – pedi, nervosa.

Ela parou de pular na cama e me permitiu passar a camiseta por sua cabeça.

– Sabe... Eu gosto dele. Ele é legal. E vai nos mostrar um monte de coisas legais! – exclamou com um grande sorriso, saltitando na cama de novo.

– É, acho que vai... Mas, por favor, Alice... Alice. Comporte-se.

Até compreendia a empolgação de minha irmã; como toda criança, ela estava animada com as novidades, e Vincent era novidade. Sua desinibição é que me intrigava. Até pensei em questioná-la, mas fiquei com medo de frear sua evolução e resolvi deixar passar. Neste momento outras preocupações fervilhavam em minha cabeça e já questionava a mim mesma se era certo fazer esse passeio. Quando minha irmã ficou pronta, tentei convencê-la a vir comigo até meu quarto... Em vão. Alice correu para a sala mais uma vez e sentou-se ao lado do visitante para detalhar seus desenhos. A cena era a exemplificação dos opostos.

Vincent levantou o rosto dos desenhos e, pelo seu olhar incomodado, a angústia estampava meu rosto.

– Vou cuidar dela – disse, sério.

Assenti, ainda analisando a cena. O interesse do cavalheiro carrancudo nessa amizade ficava cada vez mais suspeito.

No meu quarto, encarei o espelho e resolvi que seria o mais cautelosa possível. Isso significava que teria que segurar meus suspiros e me esforçaria para pensar racionalmente nas próximas horas. Não podia esquecer que Alice estava comigo, e precisava protegê-la. Do que quer que fosse. Peguei a primeira calça jeans que encontrei, vesti uma blusa azul-marinho de mangas compridas e meus habituais tênis de caminhada. Puxei os cabelos até fazer um rabo de cavalo e completei a arrumação com uma generosa camada de *lip balm* cereja. Depois de uma checada rápida no espelho, segurei meus batimentos cardíacos dentro da normalidade para descer a escada... E parei no último degrau ao ouvir o som de risadas.

Passado o choque, saltei para a sala onde Vincent e Alice riam em cumplicidade.

– O que é tão engraçado?

Vincent me encarou, parecia distraído e precisou de alguns segundos para responder.

– Ah... Alice me contou sobre a invasão dos esquilos – disse, o rosto iluminado pela descontração da história... Lindo. Contive o suspiro. Ele tossiu brevemente, buscando sua própria concentração. – Podemos ir?

– Sim. Espere... Preciso fazer uma coisa antes. – Corri até a cozinha para escrever um bilhete para George, pulando os detalhes que o deixariam apreensivo, claro. Grudei o papel na porta da geladeira e, quando voltei para a sala, me deparei com Alice e Vincent, em pé e de mãos dadas. Não pude mais esconder meu choque. – Como você faz isso? – perguntei com espanto, mas Vincent pareceu indiferente; na verdade, os dois me olhavam sem entender. Resolvi relevar mais uma vez. – Deixa para lá.

Seria bom para Alice finalmente deixar a timidez de lado, só achava estranho isso acontecer com a pessoa mais assustadora da cidade.

Sáímos pela porta para um dia claro e ensolarado. Vincent, muito cavalheiro, abriu a porta para Alice e, depois de acomodá-la no banco de trás, deu a volta no SUV para abrir a porta do carona para mim. Nesse momento, uma voz rancorosa rosnou algo grosseiro pelas minhas costas. Virei o rosto sobre o ombro e vi Daniel atravessando a rua. Vincent fez sinal para que eu entrasse no BMW, mas esperei. Por curiosidade mórbida, queria saber o que meu vizinho metido a *Don Juan* teria para me dizer.

– Você tem muita coragem de aparecer aqui! – Daniel gritou, irritado. Eu o encarei confusa... Mas foi ele quem me atacou! Conforme ele se aproximava, notei que a pele bronzeada de seu rosto estava enrugada nos olhos, enaltecendo algumas sombras... – Já ouvi histórias sobre você, mas não tenho medo de cara feia. Estou indo até a delegacia neste exato momento. Não pense que vai escapar das consequências!

Ele parou a cerca de um metro, perto o suficiente para eu compreender que a sombra em seu rosto era um enorme hematoma, roxo e inchado. Lembrei-me de seu gemido no chão na noite anterior... o sangue em seu rosto... Daniel não falava comigo, falava com Vincent. Girei o rosto para trás, com medo do que iria encontrar, e agradei por Alice estar dentro do carro. Mas, para minha surpresa, Vincent parecia calmo. Diria até que estava satisfeito com o que via.

– E então? Não tem nada a dizer? – Daniel franziu os lábios e um corte em sua boca que parecia cicatrizar ficou evidente. – Você não parece tão valente agora!

Ele avançou, desafiador, e Vincent colocou uma mão em minha cintura para se deslocar para frente, posicionando-se de forma protetora entre nós. Não vi seu rosto, mas imaginei que os olhos turquesa deveriam estar um tom mais escuro. Como acontecia sempre que ele estava de mau humor. E sabia que Daniel havia ultrapassado sua superficial tolerância.

– Vincent... Não! – falei, urgente, agarrando seu braço com as duas mãos. Tive medo de que ele repetisse a dose de ontem. Pior, na frente de Alice!

Espiei minha irmã e ela tinha o rosto colado no vidro traseiro do SUV. Pelo seu sorriso, estava se divertindo com cada detalhe do show.

– Sua preocupação chegou tarde, Melissa. Na verdade, me arrependo por ter perdido meu tempo... Deveria ter imaginado que me envolver com suicidas daria nisso.

Girei o rosto para encarar seu olhar de desdém... E quase soltei Vincent, quase. Mas alguém ali precisava ter bom senso e Daniel não parecia ter muito amor à própria vida. Só de comparar o tamanho dos dois, dava para ver quem ia levar a pior caso Vincent se zangasse.

– Ele não vale isso, Vincent – alertei.

Senti o músculo de seu braço relaxar, ele me ouviu e recuou, mas continuou parado de forma protetora entre Daniel e eu.

– E você acha que *ela* vale? – Daniel continuou provocando. – Ouça o que digo, não vale. Não quero nada com essa desequilibrada. – Ele olhou de Vincent para mim com desprezo e deboche. – Quer saber? Os esquisitos se merecem.

Isso foi demais!

Contornei Vincent, irada. E, se suas mãos restringentes não tivessem me segurando pela cintura, eu mesma teria feito novos hematomas em Daniel.

– Você não pertence a este lugar. Quero que vá embora. E não volte! – Vincent rugiu por cima do meu ombro, a voz grave decidida e extremamente autoritária.

Mas... Ele só ia dizer isso? Daniel precisava ouvir muito mais! Ele me chamou de suicida... de esquisita, e, pior, de desequilibrada! Lutei para avançar, queria grudar minhas unhas naquela cara abobada. Mas meu discurso inflamado ficou preso na garganta quando senti meus pés no ar. Vincent literalmente me levantou pela cintura, colocando-me atrás dele outra vez e, dançando os olhos violeta nos meus, murmurou com frieza:

– Acalme-se. Ele não vai incomodar mais.

Estiquei os olhos por trás dele e vi Daniel com o olhar perdido... Já tinha visto esse olhar antes. Daniel não disse mais nada e, ignorando nossa presença, atravessou a rua. Em poucos passos, estava de volta à casa verde. Assisti a cena com os dentes cerrados.

– Não é justo! Ele me ofendeu. E foi ele que... airr! – Estava revoltada e me lembrei de algo preocupante. – Vincent... Eu arrumei essa confusão e foi você quem se complicou. E se esse idiota der queixa contra você? A culpa é minha. Preciso fazer alguma coisa para...

Vincent levantou uma mão da minha cintura para colocá-la sobre meus lábios. Se havia mais palavras, elas congelaram em minha garganta.

– Acho que ele vai esquecer isso, não se preocupe. De qualquer forma, posso providenciar para que ele se esqueça de mim, e de você, se isso a acalmar.
– Eu o olhei torto. – Mas só vou realmente castigá-lo se esse episódio atrapalhar nosso passeio.

Seus olhos clareavam à medida que um sorriso tímido se abria, ele não estava zangado. Procurei por Alice no banco de trás do SUV e ela não parecia assustada, apenas triste pelo show ter acabado... Vincent estava certo, não deveríamos estragar nosso dia por causa de Daniel. De todo modo, poderia resolver qualquer confusão com uma visita à delegacia, se necessário.

Envolvida pelos oceanos turquesa, eu concordei. Alice fez algumas perguntas sobre o ocorrido e não ficou satisfeita com minhas evasivas, mas não questionou novamente. Acho que também estava feliz pela confusão não ter atrapalhado o passeio.

Vincent colocou o BMW em movimento e o familiar jazz invadiu os espaços vazios. Ele parecia relaxado, e não consegui parar de observá-lo... Estava lisonjeada pela forma protetora como me defendeu. Vincent podia ser arrogante e mal-humorado, mas sempre agia como um cavalheiro à moda antiga. Com um suspiro, voltei à realidade. Éramos amigos, e amigos defendem amigos. Forcei meus olhos a admirar a paisagem fora do carro. A cada curva, cenários magníficos apareciam na janela, lindas vistas da cadeia de montanhas, bosques salpicados de flores... imagens das quais me lembrava. Procurei por meu cavalheiro carrancudo e ele também me espiava. Já fazia alguns minutos que o SUV sacolejava na subida íngreme de terra e o silêncio pareceu perda de tempo.

– Onde você está nos levando?

– Existem lugares muito mais bonitos que o mirante. – Ele também estava pensando naquele dia, mas, desta vez, eu não iria tocar no assunto e estragar seu bom humor. Percebendo o esforço, Vincent me presenteou com um sorriso charmoso, que poderia ser classificado como sedutor se soubesse que isso não era um teste; no fim, concluí que deveria ser sarcasmo. – Passamos as placas de propriedade particular há algum tempo, estamos nas terras da minha família. Poucas pessoas vieram até aqui. – Isso pareceu um alerta.

– Sua família não vai se importar? Se trouxer intrusas aqui?

– Vocês são minhas convidadas – justificou com uma careta. – Todos sabem que não gostamos de visitantes, mas tente entender... se permitíssemos que todos subissem até aqui, não teríamos privacidade. – Ele riu. – Gostamos de privacidade. A montanha é nossa casa. – Um calafrio percorreu minha espinha quando me lembrei das histórias de assombrações relacionadas à montanha e rezei para não presenciar nada estranho... – Você já deve ter ouvido alguma história sobre este lugar, mas não há nada com o que se preocupar. Confie em

mim – disse com a voz ronronada, lendo minha expressão amedrontada que deveria ser um tanto óbvia.

– Você sabe a verdade por trás dos boatos. – Não era uma pergunta. Vincent apertou os olhos para a estrada, sem responder. Seu silêncio foi minha confirmação. Quando voltou o olhar para mim, estava ponderando... Seu rosto não tinha uma expressão definida, mas também não era a máscara que normalmente escondia seus segredos. – E protege essa verdade com muita lealdade. Isso é importante para você. – Também era uma afirmação, não uma pergunta.

– Sou leal apenas à minha família – ele retrucou com a voz grave.

– Já estamos chegando? – Alice perguntou impaciente. Olhei para trás, surpresa por ter esquecido, quase que completamente, de sua presença no carro.

– Sim, chegamos. – Vincent respondeu a pergunta de Alice com aquele tom suave. Em seguida, parou o carro no meio da estrada estreita.

Admirei o bosque fechado dos dois lados do BMW.

– Exatamente *onde* nós chegamos? – perguntei ao banco vazio.

Antes que percebesse Vincent estava fora do SUV, abrindo a porta para Alice. Ele se apressou para abrir a minha, mas eu também estava do lado de fora. Reparei em sua careta contrariada, e aquilo foi engraçado... Ele realmente gostava de fazer gestos simples, de um cavalheiro. Os gritinhos empolgados de minha irmã requisitaram minha atenção. Alice correu até um canteiro florido à beira da estrada, mas fiquei à frente do SUV, imaginando que continuaríamos a pé. Quando percebi Vincent adentrar a mata, entendi que o passeio teria uma dose a mais de aventura.

Caminhei até ele, desconfiada. Não havia trilha nenhuma ali...

– No meio das árvores? Tem certeza que seu passeio vai ser neste bosque escuro?

– Tenho. Mas o que quero mostrar está além do bosque. Vamos? – perguntou, dando um passo para o meio das árvores. Alice o seguiu prontamente.

– Espere, Alice! – chamei, apreensiva. – Você não está acostumada a andar em bosques, muito menos pular raízes. Vai acabar tropeçando... – Avaliei o caminho escuro. – Venha, carregue você.

Adiantei-me ao encontro dela, mas Vincent me interrompeu.

– Eu faço isso. – Ele não esperou que eu concordasse e levantou minha irmã nos ombros. – Acho que é mais fácil para mim do que para você – completou, com um sorriso convencido. – Segure firme! – recomendou, mas Alice não ouviu, estava entretida vendo tudo de cima.

Eu o segui no primeiro passo.

– Vincent... Por favor... Não a deixe cair! – alertei, tocando em seu braço.

Sabia que era um apelo desnecessário, mas precisava verbalizá-lo.

– Confie em mim. – Seu pedido foi mais intenso do que o momento pedia.

Corei, encabulada.

Ironicamente, quem acabou se enroscando nas raízes fui eu. Por mais de uma vez Vincent parou para checar se eu estava bem e, com uma expressão de impotência, continuava a caminhada. Depois de mais alguns tropeços *meus*, chegamos a uma pequena área descampada. O chão estava coberto pelas folhas avermelhadas dos plátanos e nas árvores, o verde pálido se misturava a todos os tons de amarelos e laranjas, contrastando com o azul sem fim do céu sem nuvens. Flores silvestres decoravam a paisagem em tons variados de amarelo e, mesmo de longe, consegui ouvir uma cachoeira. A queda d'água formava um pequeno lago de águas cristalinas, que transbordava em um córrego sinuoso, margeado por pedras. Do outro lado, podíamos avistar um vale coberto por um verde profundo e, depois dele, uma cadeia de montanhas menores... Era como um desenho em alto-relevo. Mágico!

Meus olhos foram atraídos pelo reflexo prateado na água, que tremulava em pequenas ondas, mas minha atenção foi roubada por uma rajada de vento suave, que subiu a encosta da montanha, carregando as gotículas de água para formar um magnífico arco-íris.

– Uau! – exclamei extasiada. Não havia adjetivos para reverenciar aquilo.
– As cores aqui são tão... tão... vivas!

Vincent parou ao meu lado e sorriu. Não sabia qual visão era mais bonita agora.

– O outono pode parecer triste, mas, se souber onde procurar, ele pode surpreender com cores magníficas. – Não contive meu sorriso admirado. – Que bom que gostou – falou, enquanto colocava Alice no chão. – Gosto daqui. É reservado, tranquilo. Um dos únicos lugares onde consigo encontrar respostas. – Vincent deslizou a mão pelo cabelo e suspirou sem perceber. – Eu estava aqui aquele dia... – Ele fez uma pausa e procurou meus olhos, ponderando algo importante. – Depois resolvi caminhar e fui parar no mirante. Fiquei surpreso por ver você lá. E, quando me aproximei, você... – Ele se interrompeu.

Estava petrificada. Será que ouvi bem? Vincent havia confirmado que estive no mirante! Comigo! Ele desviou o olhar para Alice, que colhia mais flores à beira do córrego. Apenas aguardei, preparada para absorver cada palavra.

– Sinto muito por tê-la assustado, eu não queria que se machucasse.

Do choque, parti para a euforia da realização. Respirei profundamente e me afoguei nesse prazeroso sentimento de vitória... Eu estava certa! Olhando

para seu rosto derrotado, tive vontade de gritar! Então percebi, ele estava realmente angustiado. Em um segundo, a vitória perdeu seu gosto doce. Estava ansiosa por uma explicação sincera e, agora que a tinha, me senti mal.

– Não foi sua culpa. Eu me desequilibrei. – Fiquei surpresa ao perceber que estava calma. Eu estava certa, e isso bastava.

– Queria ter podido ajudar quando... – Ele se interrompeu novamente, indignado. Ainda não estava acreditando em meus ouvidos, perguntas explodiam em minha cabeça, mas resolvi continuar com a técnica que estava funcionando. Segurei as interrogações na boca e aguardei. – Antes que pergunte, não sei explicar como você se salvou. Gostaria, mas não posso ajudar com isso.

Pelo visto, eu deveria usar a lógica reversa com ele mais vezes. Quanto menos perguntasse, mais Vincent revelaria. E estava radiante com a possibilidade de ter todas as respostas... Mas, infelizmente, isso não mudou muito do que eu já sabia. Fitei-o com uma calma desumana, não queria cogitar a influência de alguma força paranormal da montanha nos acontecimentos daquele dia, mas elas pareciam cada vez mais plausíveis.

– Você está aqui e é isso que importa – ele disse com um sorriso discreto... aliviado. Entendi que isso era tudo que ele podia me oferecer no momento.

Embora Vincent não tenha elucidado o mistério da montanha, estava feliz por ele finalmente confiar em mim. Retribuí com um sorriso largo. Por sua expressão surpresa, ele não entendeu os reais motivos de minha alegria espontânea.

– Vem, Tata! – Alice gritou, abrindo caminho pelas flores até o lago cristalino.

Minha irmã se curvou sobre as pedras da margem para investigar algo no fundo e, graças ao meu reflexo treinado, alcancei-a antes que caísse na água. Alice estava mais que eufórica, parecia estar em outro mundo... Vivenciando os detalhes, ela se endireitou aos tropeços, pronta para explorar mais. Observei enquanto minha irmã se afastava, e não demorou para que meus olhos notassem algo tão admirável quanto a menina ruiva na paisagem exuberante. Vincent também vigiava Alice com os olhos, distraído. Mil perguntas borbulhavam em minha garganta, mas resolvi ser leve. Ele deu provas de sua amizade e isso era suficiente, por enquanto. Fechei os olhos, resistindo ao impulso inquisidor.

Senti o sol esquentar minhas pálpebras, minha pele... Minutos se passaram e o tempo já não era importante. Até ouvir os gritos eufóricos de Alice. Apertei meus olhos, focalizando, e encontrei a menina ruiva pulando entre as flores rasteiras, esforçando-se para alcançar duas borboletas enormes que pareciam provocá-la com seus rasantes e rodopios.

– Ela está feliz aqui. – Vincent cortou o silêncio enquanto se aproximava.

– Mais do que eu, Alice adora a liberdade – falei, rindo, admirando minha irmã com as borboletas. – Ela gosta de tudo que se move... e respira. Se tiver pelos ou asas, melhor ainda! – Uma ruga franziu a testa de Vincent. Ele não se referia ao passeio. – Você sabe o que aconteceu com minha família. – A afirmação saiu surpresa!

– Você não é a única que ouve boatos por aí. – Ele fez uma careta, retorcendo a boca. – Na verdade, melhorou muito para nós depois que vocês chegaram.

– Nunca pensei que se interessasse por fofocas – retruquei, ainda surpresa.

– Só me importo com o que me interessa. – Ele encontrou meus olhos por um segundo, depois voltou a admirar Alice. – Mas, de alguma forma, sua irmã pertence a esse lugar.

– Eu sei... Alice está se adaptando muito bem. Na verdade, ela superou nossas perdas há algum tempo. Sei que isso é bom, mas às vezes a tranquilidade dela me assusta. Tenho medo de que Alice esteja vivendo em uma de suas histórias, inventando uma nova fantasia ou colocado seus sentimentos em outra realidade... – Estava dividindo meus problemas com meu novo amigo e tive receio de que fosse cedo demais para isso. Engoli o nó em minha garganta, incomodada com sua expressão analítica. – Não sei até onde isso é normal.

– O que para você é fantasia, para ela pode ser normal.

– Há padrões de normalidade nessas situações, Vincent. Eu sei, pesquisei muito sobre o assunto.

Ele soltou o ar com uma lufada.

– Você se preocupa muito com o que não é o seu normal. – Suas palavras pareciam uma crítica. – Sempre procura uma resposta racional, uma prova real para tudo... Mas nem tudo tem uma explicação convencional, Melissa. – Vincent falou com a voz um pouco mais dura.

– O normal é bom. Confiável. É seguro – argumentei, convicta.

– Nem sempre o *seu* normal é o certo. Às vezes, o diferente pode ser normal e, se pensar assim, é mais fácil aceitá-lo. – Ele desviou os olhos para minha irmã. Não respondi ao seu discurso confuso, algo me dizia que não falávamos mais de Alice. – E você? – Ele voltou o rosto para mim.

– Sou muito normal – respondi, nervosa.

– Tenho dúvidas disso. – Ele levantou o lábio superior em um quase sorriso, mas ficou sério de novo. – Você superou as mudanças? – perguntou, realmente interessado.

Desta vez não consegui olhar para ele. Congelei meu olhar na menina

ruiva, que brincava com as pedras do córrego.

– Não sei – respondi por fim, revoltada com minhas próprias palavras. – Acho que ainda estou tentando. Tenho medo de fracassar em minhas novas responsabilidades. Olhe para ela, não posso fracassar... Não posso bagunçar a vida da minha irmã de novo.

Nesse momento, Alice correu até Vincent e colocou algumas pedras molhadas em suas mãos.

– São para você! – disse, eufórica, e voltou correndo para a margem do córrego.

Acompanhei minha irmã com os olhos, imersa na culpa. Esse passeio poderia ser um erro. Alice estava se apegando a Vincent, mas... E se essa amizade não desse certo? O pensamento partiu meu coração. Estava confiando nesse estranho misterioso, imprevisível, e isso parecia um erro grave. Mordi o lábio, nervosa.

– Sei exatamente como se sente. – Ele disse friamente, e fiquei confusa com sua conclusão. – Os Von Berg confiam em mim. Eu me esforço para corresponder à altura, mas não é fácil.

E as coisas se encaixaram... Claro! Vincent morava com os Von Berg, mas eles não eram parentes. Apenas pertenciam à mesma família. Então, a verdadeira família dele não era daqui. Ou não estava mais aqui.

– Você perdeu sua família – afirmei, concluindo a situação. Desta vez foi Vincent que desviou o olhar. Pelo visto, não era um assunto fácil para ele também.

– Já faz tempo. Primeiro meu pai, depois minha mãe. – Sua voz ficou triste, ele deu uma pausa com os lábios ainda abertos, mas não ouviu som. Depois completou: – E me sinto culpado.

– O que aconteceu? – perguntei ingenuamente, e não houve resposta.

Talvez ele não confiasse em mim o suficiente para contar algo tão pessoal. Então entendi que estava fazendo tudo errado, eu estava perguntando. Mas, se éramos amigos, eu podia perguntar... Era permitido, não era?

– Você me pediu para confiar em você e pensei que confiasse em mim – cobreí.

– Isso envolve muita coisa. Mudar é complicado – respondeu, ácido.

– Qualquer mudança é complicada, Vincent.

Vincent apertava as pedras com força e os tendões de sua mão saltaram na pele... Realmente, isso ficava cada vez mais complicado. Por mais que ele me atraísse, sua personalidade mal-humorada era imprevisível e isso me aborrecia. Sua raiva sempre aparecia do nada e, por um momento, fiquei preocupada que seu humor agressivo surgisse de novo. Ainda assim, não suportava vê-lo de

olhos baixos. Senti uma necessidade absurda de confortá-lo e, sem pensar, estiquei a mão para tocar timidamente seu braço.

– Às vezes, não há alternativa. O destino complica as coisas contra nossa vontade e precisamos encarar as mudanças. Isso está além de nosso controle.

Ele levantou o rosto, e havia uma máscara de segredos ali.

– Nós podemos controlar as mudanças do destino, Melissa. Com nossas decisões, com nossas escolhas. – Sua voz grave parecia o rugido, mas, lá no fundo, algo lembrava um ronronar melancólico.

Avaliei seu olhar frio... Sim, ele podia ter razão. Eu, por exemplo, poderia ter ficado com Arthur na festa de ontem, teria ido embora com ele e jamais teria concordado em ser amiga desse estranho fascinante. Por outro lado, nem tudo estava sob nosso controle. Olhei dentro dos olhos violeta, depois para minha mão em seu braço, que começava a esquentar com seu calor. A indignação pelo seu mau humor logo deu lugar a um sentimento maior, que aplacava tudo. Sabia que estava aqui como sua amiga e, por mais que me assustasse com seu temperamento instável, não podia conter a revoada de borboletas insistentes em meu estômago. Isso mostrava que uma força além do meu controle me dominava quando estava próxima a ele...

– Há forças que não controlamos, Vincent. Forças maiores do que nós.

Nós nos encaramos em silêncio, nesse tempo vi seus olhos clareando para os *meus* turquesa penetrantes, que agora brilhavam ainda mais intensos. Sabia que seu humor estava para mudar... E, com um único movimento, ele se levantou. Minha mão ficou no ar, mas Vincent a tomou gentilmente, para me ajudar a levantar.

– Vamos, temos que ir a outro lugar.

Sem entender, chamei Alice, e, enquanto caminhávamos, fui assombrada pela culpa. Por mais de uma vez julguei seu mau humor, mas não tinha ideia dos reais motivos que o faziam agir assim. Para piorar, tinha a sensação de que Vincent conhecia mais da dor do que eu podia imaginar. Ele andava rapidamente à minha frente e, sem me consultar, levantou Alice nos ombros mais uma vez. Não questionei, peguei a coleção de flores de minha irmã e corri atrás deles. Atravessarmos o bosque até a estrada, em silêncio. Quando paramos, Alice resmungou das alturas:

– Nós vamos embora? – perguntou, desolada.

Antes que eu pudesse responder, Vincent a abaixou no chão. Ainda curvado, ele encontrou seus olhos tristes e sorriu.

– Não, o passeio está só começando.

Alice saltitou alegremente até a porta do SUV e eu a acompanhei... Uma parte do meu cérebro estava preocupada com o outro destino misterioso, mas a

outra parte assumiu que, se éramos amigos e concordei com isso, deveria confiar nele. E estava confiando. Conflitos.

No carro, Vincent ficou pensativo enquanto acelerava montanha acima. Alice também estava quieta, separando sua coleção de flores por grupos de cores no banco de trás. O único movimento no carro era do jazz suave que dançava pelo silêncio.

– Aonde vamos agora? – perguntei, quebrando sua concentração.

Vincent piscou algumas vezes e me olhou sorrindo.

– Você vai poder julgar se os boatos da cidade são verdadeiros – disse com humor, mas suas palavras me provocaram um arrepio amedrontado. – Desculpe, não queria assustar você. Estava tentando fazer piada, mas acho que não sou bom nisso – lamentou, com as sobrancelhas unidas.

Vincent era um bom leitor, ou eu, muito óbvia.

– Vamos a outro lugar especial? Como a cachoeira da moça? E as borboletas? Vão estar lá? – Alice soltou a sequência de perguntas confusas num rompante e ri de sua afobação, talvez eu não fosse a única curiosa da família.

– Existem outros lugares especiais para mim na montanha... – Vincent me espiou de relance e voltou os olhos para a estrada. – Mas vou deixar essa visita para outro dia. Hoje vou levar vocês para conhecer a casa dos Von Berg. – Ele sorriu para a estrada e meu queixo caiu numa arfada sem som. Imediatamente avaliei meu figurino... E comecei a arrancar alguns carrapichos da calça, depois ajeitei meu cabelo bagunçado pelo vento. – Não se preocupe com isso, posso garantir que eles não se importam com aparência. Ou formalidades. Além do mais, você já conhece metade deles.

Esbocei uma careta, sem conseguir disfarçar meu descontentamento com a surpresa, além de não concordar com sua opinião... Alex, pior, Viviana, e o próprio Vincent, sempre estavam impecáveis!

Depois de alguns quilômetros silenciosos e muitas curvas, a estrada se dividiu. Vincent acelerou pelo caminho à direita e um enorme portão de ferro ocupou toda a largura da estrada. O SUV diminuiu, mas não parou; bem devagar, o portão foi se abrindo e, durante o movimento, admirei os padrões florais da trama de ferro retorcido. Não vi Vincent apertar nenhum controle, mas, assim que o atravessamos, ele se fechou novamente. À nossa frente, uma estrada tomada pela sombra de pinheiros seguia plana pela encosta da montanha, um gramado rasteiro cobria o solo e flores em todos os tons de azul e lilás se espalhavam pelo verde sem fim.

– Olha, Tata, patos! – Alice gritou contra a janela traseira.

Ao meu lado, um riacho salpicado de pedras cortava o gramado; mais à frente, ele se alargava em uma represa onde pontos brancos se moviam

vagarosamente. Quando chegamos mais perto, pude admirar a graça de um bando de cisnes. Mas a represa também ficou para trás. Alice resmungou, decepcionada, e Vincent garantiu que ela veria animais mais interessantes na casa. Desviei meus olhos da paisagem para admirar seu humor repentino e, quando encarei a estrada novamente, meu queixo caiu... Depois de uma ponte com gárgulas nas laterais, um palacete com torres de pedra se ergueu, imperioso. Agora o BMW ia bem devagar. Acho que Vincent percebeu que eu precisava de algum tempo para absorver aquela visão. Ele manobrou o SUV em um pátio, contornando um chafariz de mármore, e parou ao lado de uma escadaria de pedra. No alto dos degraus, uma enorme porta de madeira.

Encarei a construção imponente, congelada no banco, enquanto Vincent descia do carro para abrir a porta de Alice. Não vi para onde minha irmã foi, mas lembrava que a represa havia ficado para trás; portanto, não havia nenhum perigo iminente que acordasse minhas pernas dormentes. Não demorou para que ele abrisse minha porta também e, oferecendo a mão, convidou-me a sair...

– Seja bem-vinda – disse, com um sorriso sincero.

Tudo que via estava muito além das minhas expectativas. Se achava que não estava preparada para esse encontro, agora tinha certeza. Os segundos passavam e Vincent continuava esperando com a mão estendida... Decidida, fechei minha boca e forcei meu corpo a se mexer, tomei sua mão e finalmente saí do carro.

– Você mora em um castelo? – perguntei, intimidada.

Vincent riu da minha expressão, ou da minha voz estrangulada, mas não disse nada. Ele realmente não conseguia responder a nenhuma pergunta minha. Fui conduzida por suas mãos escadaria acima; no segundo degrau, senti Alice se agarrar à minha perna. Com a mão livre abracei minha irmã, tentando passar a confiança que eu não tinha. No último degrau, Vincent parou... Ele olhava para a porta de madeira, aguardando.

– Os Von Berg podem ser extravagantes, mas isso é normal... para eles – advertiu.

Sua expressão era quase constrangida e imaginei se só agora ele parou para pensar sobre isso. Mas ele mesmo não era nada convencional. Nesse momento, uma das laterais da grande porta de madeira se abriu. Uma bela mulher de estatura mediana e longos cabelos acinzentados deu um passo para fora. Ela usava um vestido comprido e incomum, de veludo verde com um minucioso bordado dourado no colo. Bonito, mas um pouco demais para uma *hippie chic*. Quando encontrou meu rosto absorto, sorriu divertida:

– *Bienvenue, chérie!* Fico feliz que esteja aqui – disse, com um sotaque francês bem carregado.

Seus olhos cinzentos brilhavam, amistosos; ela parecia ansiosa por nossa visita. Isso me fez sentir menos intrusa, mas não menos envergonhada. A bela senhora deu um passo rápido, fechando os braços à minha volta. Sorri, surpresa, com o rosto enfiado em seus cabelos entendi o constrangimento de Vincent. Principalmente a parte sobre ser extravagante. Ela me apertou com vontade e meus olhos já estavam vendo tudo esverdeado. Um aroma familiar invadiu meu nariz... maçã, talvez canela... Senti Alice se afastar de minhas pernas junto com o movimento da mulher. Quando procurei por minha irmã a encontrei grudada em Vincent. Pisquei duas vezes. Alice grudada nas pernas de Vincent? Nada estava muito convencional hoje.

Um homem robusto apareceu logo atrás da mulher; vestia roupas clássicas, combinando calça, camisa e colete em tons de marrom. A fisionomia madura completava o olhar sábio, ele tinha as mãos unidas nas costas e me avaliou com interesse.

– Faço minhas as palavras de Aristela. Sejam bem-vindas! – disse, cordial. – Meu nome é Nicolau Von Berg. – Apresentou-se com um sorriso que comprimia seus grandes olhos escuros.

– Oh! *Excusez-moi*. Fiquei tão emocionada que não me apresentei... Aristela Poe. – disse a bela senhora, gesticulando para ela mesma com um grande sorriso.

Também sorri, sem saber o que fazer com sua animação.

– Sou Melissa. Melissa Wels. E esta é minha irmã, Alice. – Indiquei a menina agarrada às pernas de Vincent.

Aristela e Nicolau se inclinaram levemente, reverenciando Alice com um cumprimento formal. Achei o gesto bonitinho e gentil.

– Sei que eles parecem diferentes de mim, Alice, mas Aristela e Nicolau são minha família. Gostaria que confiasse neles. Não precisa ter medo. – Vincent falou levemente curvado, a voz suave.

Não esperava toda essa sinceridade. Fixei meu olhar atento em Alice, aguardando o momento em que minha irmã correria para mim. Mas, surpreendendo-me mais uma vez, ela espiou o casal por baixo dos cabelos ruivos, avaliando as figuras incomuns. E, com movimentos lentos, foi se endireitando até olhá-los de frente. Parecendo obedecer às palavras de Vincent, Alice estendeu timidamente a mão para a mulher de cabelos acinzentados. Minha boca abriu, surpresa... Nunca vi minha irmã tomar a iniciativa assim. E era a segunda vez hoje.

– Sua cor é bonita – ela disse, tímida.

Já não sabia o quanto dessa desinibição forçada estava perturbando minha irmã caçula. Aristela aceitou de forma compreensiva o elogio infantil e,

com um gesto convidativo, adiantou-se para a porta.

– *Venir, ma chère...* Tenho chá e bolinhos quentinhos na cozinha, acabaram de sair do forno. Você gosta de chocolate? – ela perguntou a Alice, colocando gentilmente a mão em suas costas para conduzi-la.

– Gosto – Alice afirmou com um sorriso reluzente, e parou, pensativa. – Mas minha irmã gosta mais do que eu – completou, enquanto admirava nossa anfitriã com curiosidade. Como eu.

Elas atravessaram a grande porta de madeira e caminharam lado a lado para dentro do palacete. Contemplei a cena informal e os segui com passos tímidos.

Palacete

Estava espantada por vários motivos... Pela grandiosidade do lugar, pela aparência nada convencional dos anfitriões e, sem dúvida, pelo comportamento atípico de minha irmã.

Vincent percebeu que eu precisava de algum incentivo e inesperadamente tomou minha mão, levando-me porta adentro. Ainda apreciava seu toque quente em minha pele quando notei o ambiente amplo e intimidador ao nosso redor. Dentro do palacete, eu parecia estar em outro mundo. A claridade das grandes vidraças brilhava ao nosso redor em feixes esbranquiçados, iluminando a sala espaçosa revestida de madeira escura. O conflito entre luz e escuridão fazia uma névoa clara dançar no ar... Caminhei pelo hall de pedra polida observando a luz externa refletir nos padrões florais aos meus pés. Um degrau separava o hall de pedra do mogno que cobria todo o resto, e travei ali, tentando absorver a grandiosidade do lugar.

A sala da esquerda comportava um jogo de poltronas vitorianas, que circulava um gigantesco tapete em tons de verde e dourado. Atrás da mobília, um lindo piano de cauda com detalhes em marchetaria e pés de cristal se destacava por sua imponência. A outra sala, a da direita, parecia ainda mais intimidadora graças à sua imensa lareira de pedra que acomodaria um homem em seu interior com facilidade. E, com todas aquelas maravilhas saltando aos meus olhos, um monumento à minha frente me deixou sem ar... Uma luxuosa escada de madeira com corrimão de ferro, que se dividia ao meio, levando a direções opostas do mezanino. Ocupando a parede central, um magnífico vitral colorido, de proporções reais. O desenho formava uma enorme árvore florida de um lado, verde com alguns frutos ao meio e com galhos secos na outra ponta... As cores eram tão vivas que seus ramos pareciam balançar com a brisa da janela.

Ainda estava encantada pelas nuances brilhantes, que transbordavam do vidro, quando uma voz ronronada se aproximou de meus ouvidos.

– Esta é a Árvore das Estações. – Vincent falou atrás de mim. Girei o rosto, sobressaltada, e ele estava mais perto do que esperava. Aquele perfume inconfundível invadindo meus pulmões... – Ela representa a transformação em um ciclo – continuou no mesmo tom aveludado, apontando para o vitral e quase tocando meu rosto. – Primavera, verão e inverno. A mudança em continuidade.

Ouvi, mas não pude desviar os olhos para o vitral; estava próxima demais dele para olhar para outro lado. Infelizmente ele percebeu, e encontrou meus olhos com uma expressão quase prazerosa. Antes que pudesse interpretar isso,

uma voz feminina nos chamou de longe. Vincent sorriu e se afastou. Soltei o ar, quase me desequilibrando, e o segui, ainda atordoada. Não reparei em qual das numerosas portas entramos e depois me culpei por não prestar atenção. Caminhamos por um corredor pouco iluminado e os ombros largos de Vincent bloquearam grande parte da minha visão, outras portas se enfileiraram ao nosso lado e tive a sensação de estar entrando no castelo da *Família Adams*. Comecei a me preocupar com o paradeiro de Alice e, antes que me desesperasse, ele parou. Ao seu lado, uma porta larga.

Vincent deu um passo para o lado, dando-me passagem para um ambiente amplo, claro e bem arejado. Ali, misturavam-se detalhes peculiares de uma antiga cozinha medieval e utensílios modernos de uma cozinha *gourmet* em harmonia incomum. Muito extravagante.

Um caldeirão de cobre fumegava sobre um fogão de ferro, nele uma calda avermelhada borbulhava lentamente, espalhando um agradável aroma doce no ar. Minha boca encheu de água. Ao lado do fogão, uma lareira de pedra rústica parecia esquecida; na outra extremidade da cozinha, um fogão elétrico, embutido em pedras de mármore, completava as geladeiras em imitação de armário... Acessórios modernos combinavam no estilo retrô, dando charme ao lugar.

À minha frente, Aristela organizava algumas louças sobre uma respeitável mesa de madeira. Nela estavam dispostas algumas travessas de cristal, repletas de bolinhos apetitosos e biscoitos glaceados. Desviei meus olhos das delícias ao ver minha irmã ajoelhada aos pés da mesa. Depois de um suspiro aliviado, percebi que ela afagava algo grande... e peludo. Por um segundo, cheguei a acreditar que Alice abraçava um pufe cinza, mas, ao focalizar os olhos, entendi que o movimento ritmado no chão de pedra era uma cauda abanando.

Aquilo não podia ser um cachorro, mas era.

Meu primeiro impulso foi tirar minha irmã de perto do monstro e já estava me deslocando para frente quando Vincent segurou meu braço.

– Este é Heros – disse calmamente. – Meu melhor amigo – completou.

Alice abriu os braços e um bicho enorme, do tamanho de um pônei, veio em minha direção. Nunca tive medo de cachorro, mas aquilo era demais! O monstro peludo, em sua postura normal, ou seja, nas quatro patas, batia acima dos meus quadris... e estremeci ao imaginar se ele era o tipo de cachorro que gostava de pular nas visitas. Dei meio passo para trás e o gigante canino de alguma forma percebeu minha hesitação. Ele parou a meio metro, e sentou, abanando a cauda que mais parecia uma vassoura varrendo o chão.

– Não precisa ter medo – Vincent ronronou. – Ele só quer cumprimentar você. – Procurei seu rosto e ele sustentou o olhar complacente. – Sei que ele é

grande e isso pode dar medo... Mas é só aparência. Por dentro ele é muito diferente. – Tive a impressão de que Vincent não falava de Heros. – Confie em mim – pediu.

Meus olhos estavam fixos nos oceanos turquesa.

– Eu confio – afirmei, esticando meu braço para frente.

Alisei a cabeça do monstro com minha mão, e o cão se curvou para apreciar o carinho.

– Ele não é lindo, Tata? Viu os olhos dele? – Alice disse, empolgada.

Na verdade, estava reparando agora. Com todo aquele tamanho, os olhos eram a última coisa que iria reparar no bicho. Mas Alice tinha razão, eles eram impressionantes! Azul acinzentados, muito intensos. Até demais para um cão. Estranho. Mas o cão era todo estranho.

– Qual é a raça dele? – perguntei, alisando seu pelo sedoso. O monstro canino desviou os olhos luminosos de mim para Vincent, que conteve uma risada apertando os lábios.

– Não saberia dizer, acho que existem poucos como ele... Mas nenhum ficou tão grande. Heros é uma raridade. Uma raridade que adora a cozinha – explicou em tom de escárnio. O monstro se levantou e parei a mão no ar. Com apenas um passo, o cão chegou até Vincent e empurrou seu braço com o focinho, como se não tivesse gostado do comentário. – Não se ofenda, amigo, mas você sabe que é verdade. Algum exercício lhe faria bem – Vincent completou, sorrindo.

Seu amigo virou o corpo monstruoso devagar, contornou a mesa e foi se deitar ao lado da lareira apagada. Heros parecia ciente do seu tamanho e desviou a cauda das pás de lareira antes de desabar no chão. Balancei a cabeça ao perceber que, talvez, o cão fosse mais coordenado do que eu.

Alice se fartou com os quitutes empilhados em seu prato enquanto Aristela transitava silenciosa pela cozinha, indo e vindo com bandejas de bolos e biscoitos. Observei seu belo rosto, sua cintura fina, e concluí que ela não aparentava os anos que seus longos cabelos cinzentos indicavam. E, mesmo sendo muito bonita, ela não se parecia com Viviana ou com Alex. Nossa anfitriã encontrou meu olhar e sorriu, quase encabulada. Corei por ser pega encarando. Já Nicolau não parou de falar. Ele estava curioso sobre nosso passeio e fez questão de ouvir minha opinião sobre cada detalhe. Vincent, sentado à minha frente, manteve-se reservado aos seus pensamentos, apenas observando o interrogatório. Em meio a tantas delícias oferecidas por Aristela, ele aceitou apenas uma xícara de chá, assim como eu. Talvez estivesse habituado a banquetes semelhantes. No meu caso, já tinha o estômago cheio... de borboletas.

Quando Aristela finalmente se concentrou na conversa, iniciou um interrogatório diferente, com perguntas inusitadas sobre minha infância, a vida da minha família em São Paulo, detalhes sobre Alice, e até mesmo questionamentos a respeito de Oliver, seu pai. Lembrei-me de um interrogatório semelhante feito por Alex em meu primeiro dia na cidade... Talvez a curiosidade fosse o único traço semelhante entre mãe e filho. Tentei me concentrar em suas perguntas, mas era difícil não me distrair com os movimentos impacientes de Vincent... Isso me custou algumas respostas pouco objetivas. Para meu alívio, a conversa foi interrompida quando uma porta bateu sonoramente ao fundo da grande cozinha. Por ela entrou uma mulher baixa, de corpo miúdo, que apertava o longo avental nas mãos de maneira nervosa. Seus cabelos cor de cenoura estavam presos em um coque mal feito e seus olhos dourados, quase amarelos, brilhavam com uma expressão agoniada.

A mulher de aparência bizarra parou ao lado de Aristela e, ignorando completamente nossa presença, emendou palavras em um discurso apressado:

– Eles não me deixam entrar, mas eu juro, não fiz nada! – reclamou, com voz aguda e esbaforida. – Você precisa fazer alguma coisa, porque não vou andar toda aquela distância só para pegar cogumelos... – A mulher de cabelos cor de cenoura vasculhou a cozinha com olhos preocupados, ainda nos ignorando. – Ele vai ter que cozinhar outra coisa!

Aristela se apressou em corrigir sua gafe.

– Melissa, essa é Lume – disse, indicando a mulher de expressão frustrada ao seu lado. – Ela é minha dedicada ajudante para todos os assuntos da casa – completou, com um sorriso afetuoso. – Lume, essas são Melissa e Alice. – Aristela nos indicou após dizer nossos respectivos nomes. – Moradoras da montanha e... amigas... *da casa*.

Achei estranha a forma como nossa anfitriã descreveu nossa relação com a família e a palavra excêntrica brilhou em minha mente mais uma vez. Lume levantou os olhos para mim sem interesse, depois fitou Alice por uma fração de segundo antes de voltar a encarar Aristela, exigindo uma solução. Aristela suspirou, desanimada.

– Muito bem, Lume, eu mesma vou buscar. Mas, desta vez, você vai resolver suas desavenças sozinha. Prometi que não ia mais interferir nisso.

Lume concordou com a cabeça e voltou pela mesma porta que entrou, batendo-a novamente ao passar. Franzi a testa... Talvez houvesse mais cães na propriedade, grandes como Heros. Olhei para Vincent, em busca de uma explicação melhor, mas ele parecia alheio à discussão... fitando a xícara de chá em suas mãos com um semi sorriso diabólico nos lábios.

– Desculpe, Melissa – Aristela disse constrangida, chamando minha

atenção. – Lume se esforça, mas não consegue ser cordial. Acho que ela não lembra como é ser simpática com visitas. Em parte, a culpa por isso é nossa, há muito tempo não recebemos visitantes de fora.

Uni as sobrancelhas mais uma vez, e limpei a garganta.

– Está tudo bem, Aristela. Só espero não estar atrapalhando...

– De forma alguma! – Aristela me interrompeu quase exasperada, depois se levantou. – Estávamos esperando por esse dia, *ma chère*. Lembre-se sempre disso.

Encarei seu rosto, um tanto confusa. Até poderia me lembrar, mas dificilmente iria entender.

– Acho que chegou a hora de resolvemos esse impasse. – Nicolau falou com propriedade. Fiquei na dúvida a que ele se referia. – Podemos ir até os jardins, em um tour demonstrativo. Depois, se quiserem, vocês podem ajudar Aristela a colher os cogumelos na... – Ele parecia animado, mas se interrompeu ao encontrar o olhar petrificado de Vincent.

Senti um vento levantar meus cabelos e entendi sua aflição: ao olhar para trás, vi uma cauda balançando o ar. Encarei os olhos acinzentados do monstro canino e sua cabeça estava mais perto do que gostaria. Heros tinha uma expressão canina de felicidade, com a língua pendurada de lado, e rezei para não receber uma lambida... O gigante cinzento estava animado como Nicolau e acho que foi o primeiro a aceitar seu convite. Ao ver Heros de pé, Alice se levantou também, esperando. Dessa vez, tinha certeza, ela foi a segunda a aceitar seu convite.

– Por que vocês não levam Alice e Heros? Tenho certeza de que Alice vai adorar conhecer os jardins. – Vincent falou concentrado, encarando Aristela. – Enquanto isso, levo Melissa para conhecer o resto da casa. Podemos nos encontrar no bosque de cerejeiras. – Ele virou o rosto angustiado para mim. – Tudo bem para você?

Vincent parecia apreensivo com o comportamento de sua família e, se fosse assim, não queria constrangê-lo ainda mais. O jeito deles não me incomodava... Era curioso, mas inocente. Para falar a verdade, estava curiosa para conhecer o restante do castelo que eles modestamente chamavam de casa. Concordei com a cabeça. Os jardins deveriam ser impecáveis, como tudo aqui, mas não tinha tanto amor pelas flores para perder a chance de passar algum tempo a sós com meu galã de filme antigo.

– Se você prefere assim – Aristela murmurou para Vincent, parecendo desapontada.

Pensei em apenas um problema... Alice.

Minha irmã jamais ficaria sozinha, longe de mim, com estranhos. Mas,

quando meus olhos procuraram a menina ruiva, ela já estava na porta dos fundos ao lado do monstro canino. A cena dele, em pé, ao lado dela, era assustadora. Fui ao seu encontro e precisei desviar da gigantesca cabeça do cachorro para ver seu rosto... Para meu espanto, minha irmã estava ansiosa para passear com nossos anfitriões. E com Heros, claro. Avaliei seu rosto entusiasmado mais uma vez, Alice estava se tornando uma estranha para mim.

Aristela e Nicolau logo estavam ao meu lado, me tranquilizando das preocupações óbvias e, sem demora, atravessaram a porta com sorrisos confiantes. Alice e Heros os seguiram e então procurei por Vincent... O cavalheiro carrancudo me aguardava ao lado de outra porta, na lateral oposta da cozinha, muito sério e concentrado.

– Vamos? – perguntou, com voz grave.

Assenti mais uma vez.

No corredor, ele andava à minha frente, os ombros tensos; parecia aborrecido. Ou preocupado. Mordi o lábio... Só esperava que não estivesse arrependido por ter me levado até ali. Ao meu lado, na vidraça do corredor, quatro figuras se destacaram no gramado perfeito. Duas andando e outras duas mais a frente, correndo. A tensão se dissolveu em uma risada baixa, pelo menos Alice parecia feliz. Por enquanto. Vincent me espiou por cima dos ombros e confirmei seu perfil taciturno... Com um longo suspiro, desejei sinceramente que essa tarde perfeita não terminasse em mais frustrações ou discussões.

Depois de cruzar mais alguns corredores, ele ofereceu a mão como apoio para que eu subisse uma série de degraus. Ainda de mãos dadas, entramos em uma sala escura e, na penumbra, Vincent contornou mesas e poltronas com agilidade, praticamente me rebocando. Sua pressa não combinava com um *tour* de reconhecimento. Quando passamos por uma claraboia, notei algumas estantes e uma espécie de tablado de pedra bem no meio do caminho. Consegui desviar do elevado a tempo, e achei sua pressa injustificável... Ele, melhor do que ninguém, sabia dos meus problemas de coordenação.

– Cuidado! Está escuro aqui – alertei, receosa. Não queria quebrar algo por acidente em minha primeira visita. – O que é tudo isso?

Vincent me espiou e apertou o passo... Tratando-se de castelos e claraboias, concluí que a sala deveria ser usada para estudos astronômicos... Hum. Antes que absorvesse mais, ele estava atravessando mais uma porta, do outro lado meus olhos estranharam a claridade. Uma vidraça trazia a luz de um jardim de inverno, agora os corredores eram iluminados e cruzamos outros dois antes que Vincent parasse novamente. Desta vez, ao lado de uma porta dupla com desenhos esculpidos na madeira. Ele me olhou de frente com um sorriso tímido, puxando-me para dentro... No passo seguinte, meu queixo caiu. A

biblioteca ampla era dividida em dois andares por um mezanino interno, repletos de prateleiras de madeira e confortáveis poltronas vitorianas, tudo muito bem iluminado por janelas suntuosas. Eu admirava as fileiras intermináveis de livros, e encontrei o olhar ansioso de Vincent.

– O que achou? – ele perguntou com entusiasmo. Apenas sorri, e isso pareceu suficiente para satisfazê-lo. – Sabia que ia gostar.

– Como sabe que gosto de ler? – perguntei, surpresa.

– Sua mãe tinha uma loja de livros... Pareceu-me um tanto óbvio.

Estava presa por seu olhar penetrante, mas ele logo desviou o rosto para uma rápida explicação sobre a classificação dos exemplares. E então, eu parti para a exploração. Folheei alguns clássicos e me encantei com algumas edições raras dos meus livros favoritos; o tempo voou ali dentro e, na maior parte do tempo, ele me observou de longe. Como de costume, me distraí a ponto de esquecer onde estava... Eu manuseava com cuidado excessivo um exemplar de 1856 da primeira edição de *Cinco Minutos* quando Vincent se aproximou, curioso.

– Pensei que gostasse de histórias dramáticas, algo como romances góticos. Você não parece o tipo que gosta de histórias adocicadas – disse, ao notar minha expressão de êxtase.

Estranhei sua conclusão, mas então me lembrei do livro que lia na revendedora no dia do nosso encontro... Não esperava que ele tivesse reparado.

– Bem, este é... Importante para mim. E se tornou meu conto favorito! – Minha voz refletiu a emoção de ter algo tão antigo nas mãos. – Foi o primeiro romance que minha mãe me deu para ler. Sei que é estranho, mas estas palavras se tornaram uma espécie de recordação dela.

Vincent ficou pensativo, seu rosto tinha expressões ilegíveis e, surpreendendo-me mais uma vez, ele tomou gentilmente o livro de minhas mãos, colocando-o na mesa mais próxima.

– Venha, quero lhe dar... Na verdade, quero lhe devolver uma coisa. – O tom misterioso foi destacado na voz grave.

Segurando minha mão, ele me conduziu até a escada em caracol que levava ao mezanino da biblioteca. Não tive tempo de argumentar e, enquanto o seguia pelos degraus curvos, agradei por estarmos de mãos dadas. Vislumbrei rapidamente as estantes repletas de livros do segundo andar, desejando ficar ali por apenas mais alguns minutos, mas Vincent caminhava ansioso. Deixamos a biblioteca pelo andar superior, dobramos outros três corredores, e me dei conta... estava completamente perdida! E um pouco apavorada. Esse lugar era enorme, escuro, e cada porta era igual à anterior. Detestava essa sensação de me sentir desorientada, principalmente com Alice do lado de fora. E se Vincent me

largasse aqui? No castelo da *Família Adams*? E se eu não encontrasse a saída? Como acharia minha irmã?

– Vou levar você de volta, Melissa, não precisa ficar com medo – disse decepcionado.

– Não estou com medo – menti.

E agora, estava realmente nervosa... Vincent era mais perceptivo do que imaginava! Ele parou na frente de mais uma porta, igual a tantas outras que cruzamos pelos corredores, e juntando minhas mãos, envolveu-as nas dele.

– Você fica mais gelada quando está com medo. Como agora. – Seu rosto confirmava a decepção em sua voz. – Vou levar você de volta até sua irmã, mas, antes, preciso pegar uma coisa.

Pisquei, surpresa. Sempre me considerei uma pedra de gelo ambulante e isso não era segredo, mas estava admirada por Vincent perceber esses detalhes. Ele também me analisava, e não estava preparada para isso.

Ele entrou no cômodo escuro, levando-me pela mão. A pouca claridade que escapava das cortinas revelava a silhueta de alguns móveis, uma cômoda à minha direita, uma escrivaninha à minha esquerda... a sombra lateral de um móvel comprido coberto por almofadas. Uma cama? Vincent me deixou na porta e andou apressado na direção do singelo feixe de luz; com um único movimento, puxou as cortinas. O som dos carretéis deslizando nos trilhos me sobressaltou.

– Sinta-se à vontade.

A claridade do sol tomou o ambiente sóbrio e elegante... Sim, era um quarto. Seu quarto. Ele sinalizou para uma poltrona de couro preto com detalhes capitonê. Hesitei encabulada, depois me sentei.

Aproveitando sua distração, observei a disposição do quarto, o papel de parede, a roupa de cama, o tapete... e fiquei espantada com a frieza da decoração. Não havia vida ali, apenas combinações de preto e cinza. No ambiente quase triste, meus olhos foram atraídos pelo reflexo de um objeto prateado que tilintava no parapeito da janela. Antes que identificasse seu formato, Vincent se moveu. Ele tinha algo nas mãos... Mas agora eu reparava em outra coisa, o único ponto colorido em todo o quarto. Atrás dele, sobre a cômoda escura, um amontoado de papel amassado brilhava em vermelho vivo.

– Melissa? – Vincent chamou meu nome com a voz grave e centenas de asas se agitaram em meu estômago. Precisava me acostumar com isso.

Ele aguardava aos pés da cama com uma embalagem nas mãos. Atravessei o imenso tapete preto ao seu encontro, depois parei, observando. Impaciente, ele diminuiu o espaço entre nós, estendendo-me uma caixa fina de fundo branco.

– Acho que isto está lhe fazendo falta – disse, animado. Peguei a

embalagem balançando a cabeça, não podia concordar com aquilo. – Você mesma disse que eu a assustei. E seu iPod antigo só caiu por isso. Então, estou reparando meu erro. – Vincent estava me dando um iPod novo! Não podia dizer que não sentia falta de ouvir música, mas o presente era exagerado... E aquele era um modelo muito mais moderno que o meu! Encarei seu rosto, balançando a cabeça mais uma vez. – Vou me sentir melhor se você aceitar. – Vincent terminou a frase com a voz ronronada e, imprudentemente, encontrei seus olhos turquesa.

Não podia falar *não* para aqueles olhos.

– Obrigada – agradei, corando. E, girando a embalagem nas mãos, tentei abri-la. – Mas quero deixar claro que não estou culpando você pelo que aconteceu.

– Fique tranquila, esse assunto foi esclarecido. – Com impaciência, ele retirou a embalagem de minhas mãos, abriu a caixa e conectou os fones, colocando-os em meus ouvidos. O movimento delicado de seus dedos ajustando os fones em minha cavidade auricular irradiou pequenos choques por todo meu pescoço. – Tomei a liberdade de adicionar algumas músicas. Espero que goste – disse, com um sorriso misterioso. Quando a música começou, arregalei os olhos... Era a mesma música! A música que estava ouvindo antes da queda. Vincent fingiu não perceber meu choque. – Esta música até que é bonita... Acho que estou gostando mais de rock. Mas há outras coisas aí e você pode aumentar o repertório, há bastante espaço agora.

– Como você... Como você sabe...

– Como sei que você gosta de rock? – ele riu, provocador, e me entregou o aparelho. – Eu adivinhei.

Agora tinha certeza de que Vincent estava me testando. Era óbvio que ele esteve com meu antigo iPod, mas não entendia... Como? O antigo se espatifou no penhasco! Enquanto eu resistia à tentação de questionar, Vincent levou a caixa vazia até a cômoda. Guardei meu novo iPod no bolso do jeans, acompanhando seus movimentos com os olhos... e eles pararam no amontoado de papel laminado novamente. O volume vermelho vivo, rasgado e retorcido, estava empilhado ao lado de barras retangulares. Quando identifiquei as embalagens de chocolate, não contive o riso.

– Qual é a graça? – ele perguntou sorrindo, influenciado pelo meu bom humor.

Apontei a pilha sobre a cômoda.

– *Kit Kat*? Desculpe, Vincent, mas você não tem cara de chocólatra. Não consigo visualizar você consumindo chocolate nessa velocidade.

– Você não é a única que gosta de chocolate, Melissa – admitiu, sério. Ri

mais uma vez, achando graça por conseguir provocá-lo. – Além de gostar, ele chega a ser necessário. Ajuda a repor energia. Este, em especial, me traz boas recordações... como o seu livro. – murmurou distraído, pegando duas barras de cima da cômoda.

Fiquei imaginando qual era o tipo de recordação que aquele chocolate poderia inspirar a ele.

– Na verdade, acho bom você gostar de chocolate. Sabe o que dizem das pessoas que comem chocolate com frequência? – Fiz uma pausa com medo de enfurecê-lo. – Elas ficam de bom humor.

Vincent levantou os lábios em um quase sorriso e me ofereceu uma das embalagens vermelhas. Seguimos pelos corredores degustando nossos *Kit Kats* em silêncio. Era a segunda vez que comia chocolate com ele hoje, e ri sozinha... Já Vincent estava pensativo, pegou a embalagem vazia de minhas mãos e a guardou no bolso com um gesto distraído. Ele andava um passo à minha frente, sem pressa, e tentei não me preocupar com uma possível mudança de humor. Eu seguia seus ombros largos, tentando memorizar o caminho... E, por um momento, tive a impressão de que estávamos sendo seguidos. Olhei para trás, procurando o vulto amarelado, mas a chama tremulante sumiu pelo corredor escuro atrás de nós. Apertei o passo, aproximando-me de Vincent, procurando pensar racionalmente. A luz deveria ser o reflexo de algum vitral, essa era a única interpretação coerente para minha visão. Expulsei as histórias amedrontadoras sobre a família da montanha de minha mente, mas não tive coragem de olhar para trás. Quando entramos no mezanino da sala principal, respirei aliviada... Finalmente, a porta de saída! Esse lugar estava me dando arrepios.

Vincent desceu a magnífica escada com passos lentos, dando-me algum tempo para apreciar os detalhes do vitral. Ou entendeu que, para mim, descer os degraus às pressas seria um erro. Girei o pescoço para ver a luz dançar no vidro colorido e percebi o movimento hesitante de suas mãos para me apoiar. Meu desejo era andar de mãos dadas com ele o restante do passeio, mas, ao encontrar seu rosto, entendi que as coisas não poderiam ser tão simples. Ele havia parado alguns degraus abaixo de mim, a postura tensa e intimidadora. Seus olhos violeta estavam concentrados e o rosto, escurecido por sua muralha... Seu humor havia mudado. Da pior forma. Seu olhar estava fixo em um ponto atrás de mim e me virei por impulso... Um homem de cabelos vermelhos e estatura mediana estava no topo da escada, ele carregava alguns escovões e nos encarava com olhos amarelos e inóspitos. Um arrepio desceu por meu corpo, isso não parecia bom.

– Não posso fazer tarefas dessa forma para sempre.

– O *sempre* pode lhe reservar tarefas piores – Vincent rebateu entre os

dentes.

O homem avançou irritado pelos degraus em minha direção, congelei.

– Isto é humilhação, não punição! – reclamou, num silvo.

Dei um passo apressado para o lado, saindo de seu caminho.

– Não cabe a você escolher, apenas obedecer – Vincent rosnou. – Fique grato por tanta cordialidade, Piro. Muitos não têm essa sorte.

– Sorte? Isso é um ultraje, isso sim! – O homem raivoso me mediu de cima a baixo, seus olhos amarelos transbordavam desprezo. – Um ultraje tão grande quanto ver uma herança como a sua ser desperdiçada dessa maneira. Isso denigre sua linhagem, sabia disso? Ainda mais por algo como... ela? – fristou com um gesto desdenhoso em minha direção.

Me senti o zumbi-alienígena mais uma vez.

– Cuidado, Piro.

Vincent subiu um degrau em direção ao homem enquanto eu me encostava ao corrimão da escada. Estava envergonhada e ultrajada, não achava que minha visita pudesse atrapalhar tanto a rotina da família a ponto de ser ofensiva, mas também estava acuada com a hostilidade da discussão e permaneci calada. O homem continuou com sua expressão desafiadora, e isso preocupou... Até eu sabia que o controle de Vincent tinha se perdido no calor da discussão.

– Olá, Melissa! Que bom vê-la aqui. – A voz amigável era conhecida. Alex cruzava a porta de entrada com um sorriso amistoso e Viviana estava logo atrás dele. – Ora, Vincent... Não se deixe levar por provocações. Você sabe que Piro gosta de aborrecer. – Alex completou bem humorado, tentando amenizar a situação.

Viviana, no entanto, parecia aborrecida. A Vênus de Botticelli tomou a dianteira no hall de pedra polida, cruzando a sala para subir os degraus às pressas.

– Cumpra suas tarefas no jardim, Piro – esbravejou, autoritária, e, parando ao lado de Vincent na escada, ordenou com firmeza. – Vá, agora!

Piro encarou Viviana por um segundo e abaixou o olhar, visivelmente indignado. Ainda resmungava algo inaudível ao descer o restante dos degraus, e passou de raspão por Alex antes de sumir por uma das portas ao fundo da grande sala. Fechei minha boca. Estava alarmada com tudo, mas principalmente com Viviana... Sua atitude autoritária, seu tom de voz... Eu ainda a encarava com olhos arregalados e, apesar da expressão furiosa, ela continuava deslumbrante. Ficar ao seu lado era como jogar toda minha imperfeição em um outdoor! Seu vestido longo ainda balançava com o movimento impulsivo e notei a mão de Vincent fechada em seu braço, como se ele a estivesse contendo.

Franzi as sobancelhas, Vincent contendo alguém? De qualquer forma, a

delicada Viviana não combinava com esse tipo de atitude.

– Desculpe nosso ajudante, Melissa. Às vezes, Piro fica meio irritado. – Alex falou com gentileza ao se aproximar pelos degraus.

Irritado? Franzi a testa mais uma vez, para mim ele parecia raivoso. Na verdade, os empregados da casa não eram nada simpáticos! Alex parou ao lado de Viviana com seu sorriso amigável e colocou a mão em seu ombro com um gesto consolador. Ela suspirou com um sorriso... Pelo menos, era bem-vinda aos donos da casa.

– Espero que isso não atrapalhe seu julgamento sobre nós, Melissa – Viviana falou com um sopro doce. Encarei a Vênus piscando algumas vezes, era a primeira vez que ela falava diretamente comigo. – Gostou do passeio? – perguntou, sorrindo. Parecia preocupada em amenizar o desconforto da situação. Confirmei com a cabeça, surpresa demais para falar. Neste momento, três pares de olhos se cruzaram, desconfortáveis. – Isso é muito bom. Então... O que achou das novidades?

– Muito... ah... interessante – falei, me esforçando para agir com naturalidade. Vincent virou para me olhar e, apesar das sobrancelhas unidas, seus olhos estavam mais claros; isso significava que, apesar de apreensivo, ou envergonhado, ele estava mais calmo. Resolvi não constrangê-lo ainda mais. – A biblioteca é linda, mas esse vitral por enquanto é meu favorito. Vincent explicou o que ele significa, mas fiquei pensando... Temos quatro estações e não três. No desenho só há primavera, verão e inverno. – Apontei o vidro cintilante acima de nossas cabeças.

– Muito bem observado, Melissa. Aprecio seu interesse. – Alex abriu um sorriso. – Atualmente, este mundo divide o ano em quatro estações, mas nós o dividimos em apenas três: começo, meio e fim.

– A transformação em continuidade – completei, lembrando-me do que Vincent havia explicado.

– Isso mesmo – Alex falou, orgulhoso. – Você aprende rápido! – Ele e Viviana trocaram um olhar de cumplicidade palpável. – Não vimos você no Jardim Azul. O que achou?

Com movimentos rápidos, Vincent contornou Alex e veio para o meu lado de uma maneira defensiva.

– Não fomos lá fora... ainda. – Ele respondeu por mim de forma apressada. – De qualquer forma, está ficando tarde e acho melhor encerramos os passeios por hoje. Melissa já conheceu a casa e podemos deixar o resto para outro dia. Vamos encontrar Aristela agora. Ela, Nicolau e Heros estão no bosque de cerejeiras com a irmã de Melissa... Alice. Eles estavam nos jardins, não nós – completou, a voz grave.

– Ah! Compreendo. – Alex largou os ombros de forma desanimada, mas familiar. Depois, puxou Viviana pelo braço com delicadeza. – Estaremos lá em cima se precisar de nós.

– Espero vê-la em breve, Melissa. – Viviana abriu um sorriso cordial e tomou a mão de Alex, entrelaçando os dedos nos dele.

– Eu também – respondi, encabulada com sua atenção repentina.

Alex meneou a cabeça de forma educada e começou a subir os degraus, levando Viviana com ele. Acompanhei seu movimento com os olhos e reparei quando sua mão contornou a cintura de Viviana de forma íntima e protetora... estranho. Eles subiram o segundo lance da escada abraçados, e, com outro gesto de cumplicidade, Alex beijou a fronte de Viviana. Ela deitou a cabeça em seu ombro e isso já estava estranho demais para um comportamento entre irmãos. Então, o *click* sonoro ecoou em meu cérebro, ligando as lacunas. Virei para Vincent num sobressalto.

– Ela é comprometida com ele – afirmei, num sussurro chocado. – Eles não são irmãos!

– E quem disse que eram? – Vincent respondeu minha afirmação com uma pergunta.

– A cidade! Ora... Todos pensam que eles são irmãos! – Continuei com o sussurro esbaforido e ele me lançou um olhar acusatório, seguido de um sorriso irônico. – Mas... Ninguém perguntou à fonte – completei, rendida. Vincent tinha razão, as pessoas julgavam os Von Berg pela aparência, mas ninguém sabia nada sobre eles. Fechei minha boca e balancei a cabeça, ainda chocada com a revelação. – O que mais as pessoas concluíram errado sobre vocês?

Era uma pergunta ingênua. Sabia que Vincent não iria responder, ele nunca respondia minhas perguntas; como esperado, ele esticou um sorriso no canto da boca e me conduziu escada abaixo. Saímos pela porta principal e admirei o gramado perfeito atrás do chafariz de mármore.

– Alex falou de um jardim azul... O que tem lá, flores azuis? – insisti, tentando quebrar seu silêncio.

Vincent não respondeu, apenas sorriu, e desta vez não contive a careta. Já estava me cansando de seu silêncio. Não gostava de ser excluída.

Seu sorriso aumentou ao perceber minha zanga.

– Agora vamos encontrar sua irmã. Em outra oportunidade, continuaremos esse passeio, e então espero que conheça todo o resto – disse sorrindo, mas ficou subitamente sério. – Claro que voltar aqui vai depender de sua vontade. A escolha é sua.

– Você fala como se eu não estivesse gostando... Ou fosse sair correndo – brinquei, e ele pareceu preocupado.

– E você gostou? Mesmo? – A voz duvidosa escondia algum tormento.

Não podia negar que o tamanho da casa e seus corredores sem fim incomodavam, mas não ligava para o mau humor dos empregados... Resolvi ser sincera.

– Sua casa é intimidadora, Vincent. Como você. E isso não me assusta. – Levantei o queixo, e ele espremeu os olhos para me olhar com atenção. – Pode desistir, não tenho medo de você. – Tentei parecer confiante, mas seu olhar torto acabou com minha confiança. Cedi, com ironia. – Tudo bem, às vezes você me assusta, mas, quando acontece, tem mais a ver com seu temperamento. Admita, encarei suas oscilações de humor melhor que o resto da cidade.

Ele diminuiu o passo, seu rosto tinha a tristeza estampada em cada traço.

– Realmente, você nunca correu como os outros. Mas sempre pode escolher ir, se quiser.

– Não vou correr, Vincent – falei, quase revoltada. – Aceitei ser sua amiga mesmo sabendo como você é difícil. Não é? – Tentei provocá-lo, mas aquela tristeza ainda estava lá. E a dor recíproca voltou. – Desculpe, não quero julgá-lo. Não sei quais são seus motivos para agir dessa maneira.

– Mas você está certa. Você aceitou um amigo mal-humorado e de temperamento instável. Minha dúvida é... Por que aceitou?

Vincent parou os olhos violeta em mim. Por essa eu não esperava.

– Acho... Acho que prefiro ser sua amiga à sua inimiga. – As palavras soaram estranhas e me surpreendi ao perceber que eram sinceras. Pisquei algumas vezes e continuei com um humor forçado. – Você sabe, nosso relacionamento estava chegando ao extremo. Era uma coisa ou a outra, e não gosto de criar inimizades – completei, sorrindo.

– Você seria a mais inofensiva das minhas inimigas. Mas prefiro você como amiga.

Ele sorriu incomodado, mas afinal era um sorriso, e me senti melhor. Contornamos o palacete, caminhando por uma calçada de pedra até que avistei um esmerado jardim. À frente dele, dois vasos gigantescos de cipreste marcavam a entrada. Vincent apertou o passo enquanto ziguezagueávamos entre os canteiros coloridos unicamente de amarelo, seguindo para a saída do outro lado.

Eu corri atrás dele.

– Curioso separar os jardins por cores – murmurei entre meu fôlego, achando graça. – Há outro jardim? Além do azul e deste amarelo? – perguntei por impulso, preenchendo o silêncio enquanto contornávamos um monumento de pedra em forma de arco.

– O vermelho – respondeu, distraído.

– Ah!

A resposta era simplista, mas era uma resposta!

Vincent parecia ausente e não notou a importância dessa resposta evasiva para mim. Ele estava a poucos passos dos vasos de cipreste que marcavam a saída; do outro lado, podia ver a continuação do extenso gramado; depois dele, um bosque de árvores floridas que descia a encosta ensolarada da montanha. Antes que cruzássemos os grandes vasos, uma lufada de vento apareceu do nada. O vento forte levantou o cascalho à nossa frente em um rodamoinho e Vincent segurou meu braço para que eu parasse.

– Não é melhor voltarmos? – perguntei, abaixando a cabeça para proteger os olhos.

– Não! Pare! – exclamou com um rugido grave. – Todos sabem que cabe a mim decidir e esse não é o momento!

A voz grave soou autoritária e não gostei de seu tom; uma ventania não era o motivo para grosserias. Ergui a cabeça, tentando ver alguma coisa... e a nuvem de areia me envolveu, parecia ter forma própria. O cascalho chicoteou meu rosto, voando em todas as direções... Fechei os olhos novamente para me proteger da nuvem de areia.

– Eu disse para parar! – Vincent rugiu irritado.

– Eu já parei! – respondi no mesmo tom, irritada com seu mau humor.

Com mais um rodopio, que bagunçou meu cabelo, a ventania se desfez. Senti a mão de Vincent deslizar por meu braço, procurando minha mão.

– Venha por aqui, Melissa – disse, apressado. Não sabia para onde estava indo e, apesar de sua grosseria, confiava em suas mãos. Depois de alguns passos, não havia sinal do vento enlouquecido, e puxei minha mão da dele para esfregar os olhos. – Você está bem? Se machucou? – perguntou preocupado.

Eu o encarei, desanimada.

– Era só areia... Não precisava todo esse mau humor – falei ofendida, enquanto me chacoalhava. Para variar, Vincent não respondeu, apenas abaixou a cabeça, constrangido. Suspirei... oscilações de humor. Soltei o rabo-de-cavalo, quase desfeito pelo vento. – Nunca vi uma ventania aparecer assim... do nada! – comentei, concentrando-me em dispersar a areia agarrada a minha roupa. Vincent começou a se sacudir também, estávamos cheios de pó!

Eu ainda chacoalhava minha blusa, quando percebi que ele me observava, sorrindo com algum humor. Mesmo aborrecida não consegui segurar os lábios e, antes que percebesse, estava sorrindo também. Desviei os olhos do monumento risonho e admirei o sol baixo pairar suave no gramado; à nossa frente, um magnífico bosque de cerejeiras floridas e macieiras pintadas de vermelho. Avistei Alice recostada em uma árvore, ao lado de um aglomerado cinza felpudo. Aristela e Nicolau estavam atrás deles, com cestos nas mãos...

Colhendo maçãs? A cena parecia uma gravura de livro, com detalhes e cores únicas! Procurei o rosto de Vincent para dividir a beleza daquela visão, e sua expressão parecia culpada. Suspirei mais uma vez, condescendente.

– Tive uma ideia que vai tirar essa poeira bem mais rápido... Vem comigo!

Com um impulso de felicidade agarrei sua mão, puxando-o pelo gramado. Nesse momento eu era a Melissa da minha infância, correndo por pura diversão, fazendo o simples e sendo feliz. Vincent foi pego de surpresa, mas me acompanhou com vigor. Soltamos as mãos no meio da corrida e logo estávamos em uma competição. Usei todo meu fôlego e não olhei para trás, só queria correr o mais rápido possível! Diminuí a velocidade antes de chegar à primeira árvore do bosque, tinha a certeza de ter vencido, e me virei para gritar – *ganhei!* – mas fui surpreendida. Vincent estava bem atrás de mim e juntou as mãos em minha cintura, levantando-me no ar.

– Só ganha quem tem os pés no chão – falou, a respiração ofegante.

– Isso é trapaça! Eu ganhei... E você sabe disso! – exclamei sem fôlego, tentando me equilibrar em seus ombros.

– Essas são as regras de uma corrida – disse, rindo. Agora ele me segurava pelas pernas, como se eu fosse um travesseiro de penas. Me debati, indignada.

– Essas são as suas regras!

– Aqui, eu faço as regras.

– Vincent! – exigi com humor, e ele me abaixou no chão.

Ríamos juntos... Vincent deixou as mãos em minha cintura e eu me apoiei em seu peito. Senti sua respiração acelerada pelo esforço e tentei normalizar a minha, mas nossa proximidade não permitiu. Reparei que sua respiração também não diminuía e levantei os olhos para encontrar seu rosto, iluminado pela simples felicidade do momento. Nunca o vi assim. Suas mãos apertaram minha cintura e ele me trouxe para mais perto. Eu me espremi contra seu corpo e o familiar frio tomou minha barriga em ondas anestésicas. Em seus olhos vi uma certeza se formando... Vincent estava decidindo, e eu aguardava sua decisão. Sua respiração acelerou ainda mais sob minhas mãos, e soube que o ímã invisível agia entre nós nos aproximando, como no dia dentro do carro. Estava concentrada em sua boca rosada, no calor de sua respiração em meu rosto... e me esqueci do resto. Sabia que não estávamos sozinhos, sabia que olhos familiares nos observavam, mas isso não importava. Nada importava. Não podia reprimir essa força atrativa. Nesse momento eu não tinha nenhuma força para lutar... Eu não queria lutar.

– *Tata! Tata!* – Ouvi a voz da minha irmã, mas ela era apenas um

zumbido ao fundo... Não consegui desviar os olhos, até que algo pesado se apoiou em nós, quebrando minha concentração. Uma lambida pegajosa percorreu a lateral do meu rosto, da orelha à raiz dos cabelos e, instintivamente, afundei o rosto no peito de Vincent para me proteger. Ele me envolveu em seus braços quentes, cobrindo meu rosto com as mãos.

Não fiquei zangada com Heros pela lambida, pelo contrário, estava muito agradecida.

– Heros! Pare! Já entendemos – Vincent ordenou, apertando-me cada vez mais forte contra seu peito para nos proteger das investidas do seu melhor amigo. Mas ele também não parecia zangado, Vincent ria... como eu.

Heros finalmente desistiu e Vincent afrouxou o abraço. Meu corpo não queria se afastar dele e cambaleei para o lado enquanto minúsculos choques formigavam por meu corpo. Mas não era ruim. As ondas irradiavam o que restava do seu calor, como se uma parte dele ainda estivesse comigo... E isso era bom. Seu perfume estava por todos os lados, e entendi que não estava à minha volta, mas em mim. Não conseguia parar de sorrir. Vincent ainda me olhava de forma intensa e o som da voz de Alice voltou mais uma vez, como um zumbido distante... Dificilmente entenderia o que ela falava agora.

– Vincent! Vincent! Me levanta. Como você fez com a Tata! Eu quero pegar as amoras do alto. Aquelas lá! – Vi Alice apontando para uma árvore e esticando os braços para Vincent, mas não tinha ideia do que estava acontecendo.

– Seu desejo é uma ordem, Alice. – Vincent levantou minha irmã nos ombros e se afastou, levando-a até uma árvore distante.

Ainda estava tonta, mas senti quando uma coisa quente se encostou em mim; ao olhar para trás, vi Heros me apoiando. O monstro canino me olhava com a cabeça torta, como se avaliasse minhas condições. Muito perceptivo para um cão. Ele desempenhava com competência o papel de melhor amigo de Vincent... Primeiro ao intervir quando nós não tínhamos mais controle, e agora ao perceber o quanto eu estava afetada. Mas não fui a única a ficar afetada. Meus olhos dispararam para Vincent e minha respiração falhou. Não estava louca... o que aconteceu foi... real. Vincent quase me beijou há um minuto! Então, de alguma forma insana, ele viu algo de interessante em mim! Meu coração deu um solavanco e minha respiração ficou ofegante. Ouvi Heros gemer atrás de mim e percebi que estava me apoiando nele de novo.

– Desculpe... – disse meio sem fôlego, tentando me equilibrar. Não consegui esconder o sorriso e o monstro canino me olhou torto mais uma vez. – Ele gosta de mim? – perguntei ao cão. Perguntei ao cão? Realmente, Vincent mexia com minha cabeça. – Estou louca... – resmunguei baixinho, e o monstro

canino soltou mais um gemido agudo, como se concordasse comigo.

Sorri abobada, havia uma chance. Mas isso era possível? Passei a mão pela gigantesca cabeça do amigo cinzento, um afago como agradecimento pelo apoio. Depois de me recompor, segui para o bosque com passos vagarosos... precisava de tempo para me acostumar com a nova possibilidade. Observei Aristela se aproximar pelo outro lado; ela trocou algumas palavras com Vincent, depois com Alice, e corei envergonhada ao lembrar que a cena do quase beijo foi compartilhada por todos. Mas me esforcei para ficar de cabeça erguida. Afinal, graças a Heros, nada aconteceu. Reafirmei isso a mim mesma, tentando mascarar meu próprio constrangimento. Acho que devia mais afagos ao monstro cinzento.

Quando a bela mulher de longos cabelos acinzentados veio ao meu encontro, não consegui segurar o rubor.

– Olá, *ma chère*. Pegue, estão deliciosas! – Aristela ofereceu-me o cesto cheio de maçãs, perfeitas e vermelhas. – E então... Gostou do passeio pela casa?

– Sim. – Minha voz saiu controlada. Percebi que estava dando as mesmas respostas simplistas e evasivas de Vincent. O engraçado é que, para mim, foi automático responder assim enquanto tentava mascarar uma enxurrada de sentimentos... Hum.

Girei a maçã nas mãos, contemplando minha irmã, toda pintada de roxo. Ela correu para mim com as mãos cheias de amoras, mas meus olhos pararam na figura elegante atrás dela. Vincent nos alcançou a passos lentos, também aceitou uma maçã e a girava nas mãos, propositalmente alheio. Como eu. Nicolau e Aristela discutiam sobre a colheita de maçãs, e nosso anfitrião começou um discurso sobre as espécies frutíferas que cresciam no bosque... Tentei ser educada e me esforcei para demonstrar algum interesse sobre o assunto, mas estava cada vez mais difícil me concentrar em qualquer coisa que não fosse Vincent.

– Elas são lindas... – formulei um comentário qualquer. – Mas é uma pena as cerejeiras ainda estarem em flor. Eu adoro cerejas – falei com entusiasmo, sem saber se ainda estávamos no mesmo assunto.

– É mesmo uma pena. Aristela gosta de ver as cerejeiras floridas, ela gosta mais das flores do que dos frutos. – Nicolau falou com humor e não entendi a piada. – Mas você tem razão, Melissa, há tempos não temos cerejas por aqui. Acho que está na hora de colhermos algumas, querida – completou, enquanto pousava o braço nos ombros de Aristela.

Ambos riram e eu também sorri, mesmo sem entender. Não queria parecer dispersa, mas acho que não estava me empenhando muito nisso.

– Mas veja só... Vai escurecer em alguns minutos. É melhor entrarmos – Aristela nos convocou com uma expressão preocupada, procurando por algo

no gramado.

Levantei os olhos para o céu do entardecer.

– Preciso ir embora – emendei, procurando por Vincent.

Ele assentiu, sério, e não saberia dizer se estava triste ou carrancudo.

Seguimos em procissão pelo gramado amarelo, banhado pelos últimos raios de sol. Nicolau e Aristela iam à frente; colada neles, Alice andava abraçada a Heros. Imaginei como seria difícil para minha irmã se despedir dele... Espiei o cavalheiro carrancudo por sobre os ombros e uma pontada aguda cortou meu peito, também seria difícil para mim.

– Eles parecem inseparáveis agora. – Vincent falou atrás de mim, verbalizando meu pensamento. Diminuí o passo para caminhar ao seu lado.

– Ela vai querer voltar para vê-lo – falei, sorrindo, feliz por ter uma justificativa para voltar. Mas a expressão de Vincent se tornou contrariada, isso decepcionou. – Se não for incômodo, claro.

– Vocês são bem-vindas aqui – disse com a voz grave, mais para rugido do que para ronronado. Meu sorriso se desmanchou de vez.

Depois de quase me beijar, minutos atrás, ele deveria demonstrar entusiasmo por querer me ver de novo. Não deveria? Mordi o lábio, aproximando-me para ler seu rosto ofuscado pelo sol baixo. Vincent estava sério, parecia infeliz ou... arrependido. Ele deu um passo para o lado com minha aproximação, mantendo uma distância segura. Era como se quisesse evitar qualquer tipo de contato físico, até mesmo o acidental. Sim, ele estava arrependido. Isso significava que Vincent se deixou levar pelo calor do momento. E foi só isso... O momento. Soltei o ar num silvo baixo para aplacar a vontade de gritar! Sabia que estava por minha conta e risco quando aceitei ser sua amiga, mas essas mudanças de humor eram exaustivas. Desviei os olhos para o cascalho e fiquei agradecida por não tê-lo beijado. Se isso tivesse acontecido, estaria muito pior agora. Sempre soube que poderia me decepcionar ao me deixar levar por essa amizade, e agora estava irritada comigo mesma. Deveria estar preparada, mas nunca estava.

Frustrada, apressei o passo. E, antes de entrarmos no jardim amarelo, fui caminhar ao lado de Alice.

– Você conheceu os outros jardins, Alice? – perguntei, distraída, arrumando seus cabelos que mais pareciam labaredas de fogo, e demorei a perceber que não houve resposta.

Alice me olhava com as sobrancelhas unidas, como se lutasse com um dilema.

– Ué! Você estava aqui fora, não estava?

Minha irmã abaixou a cabeça, disfarçando... Lembrei-me da cena íntima

que ela havia presenciado, e pigarreei constrangida. Como iria explicar essa proximidade à minha irmã? Resolvi mudar a abordagem.

– Você gostou de correr com o Heros?

Ela assentiu e Heros soltou um gemido que interrompeu seu silêncio. Alice sorriu e, entre uma espremida e outra no amigo felpudo, me contou como ele era veloz, como gostava dos carinhos atrás da orelha e admitiu só ter experimentado as amoras porque ele também gostava de comê-las. Enquanto Alice listava outras infinitas qualidades de seu novo amigo, eu me desliguei. Vez ou outra usava minha visão periférica para policiar a atitude carrancuda de Vincent, que parecia extremamente concentrado no cascalho à sua frente.

Durante o monólogo de minha irmã, saímos do jardim amarelo e contornamos o palacete até o pátio onde o BMW preto estava estacionado. Aristela insistiu para que levássemos o cesto de frutas suculentas e aceitei de bom grado; também agradei sua hospitalidade, e ela me fez prometer que voltaríamos em breve. Pelo mau humor de Vincent, eu duvidava disso, mas não a contradisse. Sob o olhar impaciente do cavalheiro carrancudo, eu me despedi de Nicolau, e, quase que para irritá-lo, demorei nos afagos a Heros. Sussurrei um carinhoso *muito obrigada* ao monstro canino em consideração aos seus préstimos de amigo, e acho que entendi seu olhar solidário.

Alice se despediu de todos educadamente, o que me deixou orgulhosa. Deu um longo abraço em Heros e cochichou algo em seu ouvido... Acho que também estava lhe agradecendo.

Vincent segurava a porta de trás do BMW para minha irmã e, depois que ela entrou, me acompanhou até o outro lado do SUV. Enquanto eu me acomodava, ele puxou meu cinto de segurança com uma expressão fria. Em seguida, bateu minha porta. Como sempre, Vincent era o exemplo irritante dos opostos e parecia ter a dualidade como base de sua essência... Isso estava me enlouquecendo! Ele era o cavalheiro carrancudo, o gato manso e o tigre feroz; com seu olhar penetrante era capaz de seduzir, mas também aterrorizar. E tudo isso dentro de um único homem. A personificação da confusão!

Ao volante, ele manobrou para a saída, sustentando sua carranca sem dizer uma única palavra. Como Alice, me despedi da paisagem com a cara grudada no vidro, enquanto o jazz dançava dentro do carro. Esse foi o único som que se ouviu durante todo o caminho de volta.

Bistrô

Já era noite quando o BMW fez a última curva no fim da montanha. Com os olhos no motorista, soltei um audível suspiro, impaciente com seu silêncio.

– Obrigada pelo dia de hoje. Gostei muito – falei, formal e educada.

– Eu é que agradeço a companhia. Obrigado por aceitar meu convite. – Vincent respondeu com o mesmo tom educado.

Era isso, voltamos ao princípio.

. Não deveria sofrer por ser rejeitada, mas já estava sofrendo. Com um movimento nervoso, chequei Alice no banco de trás. Ela estava sonolenta e soube que era tarde. Meus olhos ansiosos correram a rua, acompanhando os faróis do SUV; quando eles iluminaram a casa amarela, respirei aliviada... A caminhonete de George não estava na garagem. Um constrangimento a menos. O BMW parou e, após o destravar das portas, eu estava do lado de fora. Peguei minha irmã nos braços com certa dificuldade e fui para a porta de casa. Vincent me seguiu, mantendo distância.

– Espera, Tata... Quero me despedir do Vincent – Alice disse, sonolenta. Ajeitei seu peso em meus braços e me virei. – Vou ver você de novo? – ela perguntou à sombra na varanda... depois piscou, longamente.

Ao ouvir a pergunta preocupada de minha irmã, um sentimento incômodo me dominou: culpa. Envolvi Alice nessa amizade instável e, como temia, ela estava se apegando a esse homem imprevisível. Olhei para Vincent com uma expressão aflita enquanto aguardava sua resposta. Não suportaria ver minha irmã magoada.

– Sim – ele disse, sério.

Suspirei. Parte indignada, parte agradecida.

Tentei me concentrar no peso de minha irmã e puxei a chave do bolso para destrancar a porta.

– Boa noite, Vincent – murmurei secamente para os olhos frios.

Bati a porta atrás de mim com raiva por ser tão ingênua. Como pude me deixar iludir dessa maneira? Sentia lágrimas se formando em meus olhos, mas as contive com determinação... Precisava cuidar de Alice. Minha irmã mal parou em pé no banho, estava exausta. Vestiu o pijama com dificuldade, mas não recusou o copo de leite antes de afundar em sua cama. Beijeí sua testa com carinho, e ela não estava mais consciente quando deixei seu quarto. Caminhei pensativa até a cozinha e adicionei o copo à pilha de louças sujas. Arregacei as mangas, preparada para encarar a realidade, quando ouvi batidas firmes na porta.

Reconheci aquelas batidas e me perguntei por quanto tempo aguentaria essa tortura... Aceitei ser amiga desse estranho confuso e isso nunca pareceu tão errado quanto agora. Respirei fundo e, segurando o ar nos pulmões, abri a porta vagarosamente.

Vincent segurava a cesta de maçãs nas mãos e seu humor parecia muito melhor. Ele levantou os lábios em um sorriso, lindo, mas não consegui sorrir em resposta.

– Você tem o hábito de esquecer suas coisas no meu carro – disse, balançando a cesta nas mãos. Peguei a cesta de seus dedos com uma expressão indiferente e ele me avaliou por um segundo. – Você está aborrecida?

Estreitei os olhos, indignada, mas logo me lembrei de suas crises de amnésia nos quase atropelamentos. Concluí que poderia incluir isso como mais um problema de sua personalidade instável.

– Não – menti.

– Que bom. Você pode sair comigo?

Pisquei os olhos, perplexa, Vincent deveria vir com um manual ou algo do tipo. Sei que já deveria ter me acostumado com essas oscilações... mas quem se acostumaria? Meu rosto deveria transparecer toda a frustração por nunca conseguir acompanhá-lo, mas Vincent continuou sorrindo. A esta altura, poderia prever a manifestação do meu mau gênio, mas pareceu se divertir com isso.

– Desculpe se fiz algo que a aborreceu, não era minha intenção. – Ele ficou sério de repente. – Mas preciso muito conversar com você. A sós.

Vincent me encarou com seus poderosos olhos turquesa, brilhantes... intensos. Não podia sair com ele agora, mas como dizer *não* para esses olhos? Engoli em seco, reunindo minha determinação.

– Não posso deixar Alice sozinha.

Minha negativa desarmou sua expressão controlada, ele parecia arrasado. Vincent encarou o chão por um instante; quando levantou os olhos, tinha o mesmo olhar decidido desta tarde.

– Você precisa esperar George chegar para sair. – Concordei com a cabeça. – Tudo bem, volto mais tarde. Esteja pronta – comunicou, virando-se a caminho do SUV.

O BMW preto acelerou montanha acima e, depois de um segundo, meu cérebro registrou as palavras enviadas por meus ouvidos. Eu tinha mais um encontro com Vincent! A sós! Minhas pernas bambearam e agora meu cérebro listava coisas práticas: banho, roupa, e... Como explicar minha saída noturna a George? Fechei a porta com outro problema ainda impensado... Como explicaria nosso passeio da tarde a George? Pior. Como explicaria essa amizade com o estranho assustador da cidade? Entrei no chuveiro às pressas, precisava ficar

pronta antes que meu avô chegasse, pois minhas explicações iriam demorar.

Depois do banho, subi para meu quarto com a ansiedade triturando meus nervos, deixei o novo iPod na pequena escrivaninha e me espantei ao encontrar uma gravação no verso que dizia: “*Melissa, faça o certo, não o fácil.*” Suspirei, confusa. O que isso queria dizer? Certo e fácil... Tudo bem, nem tudo que é certo é fácil. Na maioria das vezes, fazer o certo pode ser difícil e dá muito trabalho, portanto, nada fácil. Hum... Mas o que eu deveria fazer? Ou melhor, o que Vincent queria que eu fizesse? Pensei por um segundo e entendi que talvez não fosse *fazer* no sentido de *agir*, mas *fazer* significando *escolher*. Escolher o certo. Mas o que, para ele, era certo? Sobre o quê? Meus olhos se perderam durante o momento de devaneio e pararam no relógio de cabeceira... Droga! Não era hora de pensar nos mistérios de Vincent.

O convite já era um grande mistério e, embora para mim fosse especial, precisava diminuir minha sufocante ansiedade e não criar novas expectativas. Não queria me iludir de novo. Puxei o ar pausadamente enquanto vasculhava o guarda-roupa e peguei a única coisa especial o suficiente para a ocasião, o *cocktail dress* azul que ganhei de minha mãe. Tirei o vestido do plástico com cuidado e, depois de um momento contemplativo, o vesti. Calcei sapatilhas, puxei um cardigã preto da gaveta e saltitei escada abaixo para esperar por George. Arrumei a cozinha tentando fazer pouco barulho e, enquanto reunia os quebra-cabeças na sala, ouvi a caminhonete robusta estacionar na entrada dos carros.

George entrou sem fazer barulho, compreendendo o silêncio da casa, e parou quando me viu no chão... toda arrumada.

– Por que está vestida assim, Mel? – perguntou com uma careta espantada.

Já estava me sentindo ridícula de vestido, um alienígena de antenas e bolinhas, e o olhar de George não ajudou com minha autoestima.

– Vou sair daqui a pouco – murmurei constrangida, e voltei a guardar as peças de quebra-cabeça na caixa.

– Sair? Mas você nunca sai. – George constatou ainda mais espantado. Suspiro.

– Bom, é a segunda vez hoje – argumentei, me sentindo menos patética.

– Você já saiu hoje? Mas... Com quem vai sair agora?

Levantei os olhos, desanimada. Ele fez todas as perguntas que eu não queria responder.

– Vou sair com um amigo.

– Você vai sair com o Arthur? – George ficou subitamente animado.

– Tenho outros amigos, *Opa* – justifiquei, esperando que, por milagre, as

perguntas acabassem ali. George franziu a testa. É... Pelo visto, não. Suguei mais uma porção de ar, fechando os olhos para tomar coragem, e falei tudo de uma vez. – Alice e eu passamos a tarde com o Vincent, na montanha. Visitamos a casa dos Von Berg e conhecemos Aristela e Nicolau. Vincent nos trouxe de volta há quase uma hora e combinamos sair de novo. – Abri os olhos e respirei novamente. – É isso.

O silêncio tomou a sala e levantei o rosto para ver se meu avô ainda estava ali. Ele estava. E, apesar da cor, parecia estar respirando também.

– Isso? Como assim... *isso*? Você e Alice foram até a casa dos Von Berg? Na montanha? Com o tal de Vincent? – Sua voz subiu um tom e ele balançou as mãos no ar. – Você-você podia ter me avisado, Melissa, não gosto de ser pego de surpresa desse jeito. E se tivesse acontecido alguma coisa? Como da última vez... Ainda mais na montanha!

– Foi só um passeio, *Opa*.

– Achei que você iria evitar esse tipo de passeio. E com esse... – George apertou os lábios enquanto balançava a cabeça em negativa. – De novo esse tal de Vincent. Sei que ele não é daqui, mas ainda é um deles, e não gosto de ver vocês duas andando com ele.

– E qual é o problema com *ele*?

– Ele é... – George ainda balançava a cabeça. – Não importa! Isso não parece certo. Pensei que você soubesse dos problemas que envolvem aquela família. Não quero confusões, Melissa.

– Estamos falando de boatos, *Opa*. E não entendo porque ficou aborrecido, você nunca se importou em ser vizinho deles.

– Uma coisa é ser vizinho da família assombrada e manter distância. Outra coisa é trocar xícaras de açúcar. Não quero ver minhas netas envolvidas com esses... boatos. – George bufou, contrariado.

Encarei o chão.

– Se os conhecesse melhor, entenderia que eles são muito gentis. E, além do mais, minha amizade com Vincent pode ajudar a melhorar esses boatos.

Meu avô piscou os olhos.

– Amizade? Desde quando?

Concentrei-me no rosto perturbado à minha frente.

– Você não queria que eu arrumasse mais amigos?

– Ele não é o tipo de amigo que tinha em mente.

– Você tinha o Arthur em mente.

– Claro! Arthur é de confiança... É da família. E esse tal de Vincent é um estranho. Não confio nele! – George disse, rude.

Estreitei os olhos. Estava indignada, quase ofendida com seu julgamento,

como se a acusação fosse para mim.

– Você não o conhece – respondi, petulante.

– Nem você! Não se iluda, Melissa, aquela família não tem amigos na cidade por um único e óbvio motivo: ninguém confia neles!

Encarei meu avô em silêncio. Estava ciente dos problemas que envolviam Vincent, mas estava mais envolvida com ele do que George poderia imaginar... ou suspeitar.

Algumas batidas na porta interromperam nossa troca de olhares acusadores, George voltou para a porta, abrindo-a com um único movimento.

– Boa noite, senhor George. – Ouvi Vincent dizer em tom respeitoso, mas não houve resposta. Imaginei como meu avô deveria estar irritado naquele momento.

Deixei o ar escapar, pesarosa... O momento não poderia ser pior. Levantei-me com calma e fui até a porta, parei atrás de George e vislumbrei a figura elegante na pequena varanda. Vincent vestia seu habitual combinado preto. Previsível e perfeito. Contive um suspiro em respeito à face avermelhada do meu avô. Com mais um passo coloquei a mão em seu ombro, pedindo passagem. George virou com uma expressão torturada, sustentei seus olhos e beijei seu rosto.

– Está tudo bem, *Opa...* Confie em mim – falei, conciliadora.

– Em você, eu confio – esclareceu ao se afastar, lançando-me um olhar angustiado que partiu meu coração.

– Obrigada. – Agradei por George não criar caso, e por segurar a continuação de seu interrogatório para quando eu voltasse. E o interrogatório continuaria, claro.

– Não vamos demorar, senhor George. – Vincent disse no mesmo tom de voz respeitoso.

Meu avô olhou para cima, encarando os poderosos olhos turquesa; ponderou por um segundo e então segurou meu braço.

– Antes, preciso esclarecer algumas coisas... – Sua voz era áspera, autoritária, e isso até me espantou, nunca tinha visto meu avô agir assim. – Já perdi muitas coisas, senhor Dippel, e minhas netas são tudo o que tenho nesta vida. Independente de *quem* seja, quero que cuide muito bem desta garota. Ela deve ser tratada com respeito e cortesia. Isso é uma exigência.

Vincent alinhou os ombros.

– Pode confiar em mim para isso, senhor George.

– Não vou tolerar deslizes! Fique avisado. – George lançou um olhar intimidador para Vincent, deixando claro sua autoridade de pai.

– O senhor tem minha palavra – Vincent respondeu, firme.

Olhei para George com ternura. Estava magoada com suas insinuações, mas também agradecida por sua proteção e amor. Meu coração se partiu por deixá-lo preocupado; afinal, ele só estava cumprindo seu papel. Ainda assim, eu precisava ir. Precisava saber o que Vincent pretendia com esse novo encontro. Troquei mais um olhar de cumplicidade com meu avô e segui Vincent até o SUV preto. Ele manteve a mesma distância segura desta tarde e, dentro do carro, dei mais uma espiada no rosto apreensivo do meu avô. Esperava sinceramente que esse novo passeio não me causasse mais arrependimentos.

– Espero não ter criado um problema para você – Vincent falou encabulado, exteriorizando meu pensamento.

– Não é costume de George agir assim, normalmente ele não é superprotetor. Mas está cumprindo seu papel e às vezes se preocupa... – Me interrompi antes de acabar a frase. Minha voz ficou embargada na emoção e afirmei a mim mesma que, mesmo que estivesse agindo como meu pai, George precisava aceitar minhas escolhas.

Vincent desviou os olhos da estrada para me olhar com as sobrancelhas unidas.

– *Se preocupa com razão...* Era isso que você ia dizer?

– Não, eu ia dizer *sem necessidade* – esclareci. Estava cansada de Vincent ser tão inacessível. – Quer saber, ele não tem culpa. É você que assusta a cidade toda com seu jeito zangado.

– Mas não assusto você – afirmou, sério.

– Não, ou não estaria aqui. Estou tentando me acostumar com suas mudanças de humor, Vincent, mas está difícil – falei, rabugenta.

Vincent sorriu timidamente.

– E meu humor a irrita... Como nesta tarde. – Ele me espiou com o rabo do olho, mas fiquei em silêncio. Não iria discutir o motivo de minha zanga. Ele voltou os olhos para a estrada. – Seu avô não confia em mim.

– Mas eu confio. – Minha afirmação era sincera e Vincent ficou pensativo.

– Nesse momento, conto com isso – murmurou, concentrado.

Segui seus olhos e estávamos saindo do bairro terroso.

– Aonde vamos?

– Você não disse que confia em mim? – indagou com um sorriso morno. Eu o encarei com impaciência. – Vamos jantar – ronronou com naturalidade, mas seu rosto confiante mudou quando viu minha expressão. – Algo contra comer fora?

– Não... Nada. Mas é que pensei... Pensei que você queria conversar.

– Podemos comer e conversar.

As borboletas assaltaram meu estômago, com *loopings* eufóricos... esse passeio estava ficando com cara de encontro sério. Respirei fundo, controlando minha ansiedade. Vincent manobrou o carro para a saída da cidade, descendo a serra, e me virei para ele, confusa.

– Não tenho o costume de frequentar o centro turístico da cidade – esclareceu, espiando minha reação. – E, de qualquer forma, não quero os olhares curiosos da cidade sobre nós hoje. Nossa conversa precisa de um lugar imparcial, tranquilo. E conheço um lugar perfeito... Fora da cidade.

Fiquei apreensiva com o conteúdo da tal conversa. Mal conseguia respirar com tantas asas em minha garganta e permaneci em um silêncio constrangedor. Mas Vincent não estava ajudando a situação... Ele apertou alguns botões no volante e uma música familiar começou a tocar. Quando reconheci a última música que ouvi no iPod, encarei-o novamente.

– Sua influência está me deixando mais eclético. Acho que fiquei fã dessa música –disse com um sorriso, murmurando o refrão.

Continuei sem palavras.

Duas músicas depois, o BMW diminuiu de velocidade e saiu da estrada. Entramos em um acesso escuro escondido entre as árvores do acostamento, atravessamos alguns metros de breu total, e tochas se enfileiraram no chão, indicando o caminho. Mais adiante, meus olhos se deslumbraram com delicadas lanternas suspensas. Elas iluminavam uma robusta construção de pedra que mais parecia um bistrô caído de um conto francês. Vincent estacionou o SUV no pátio e desceu para abrir minha porta. Estava encabulada... Jamais estivera em um lugar como aquele. Por um segundo ele colocou a mão na base das minhas costas, me conduzindo, mas depois cruzou as mãos nas costas e se afastou. Suspirei, incomodada. Fomos recepcionados pelo *maître*, um homem muito baixinho para a função, que nos conduziu pelo salão aconchegante, iluminado por castiçais de cristal e arandelas. A decoração do ambiente era uma mistura perfeita de charme e elegância... Mas, apesar disso, notei que o lugar estava quase vazio.

Seguimos o homem baixinho até o fundo do restaurante, onde um grupo de senhoras de aparência aristocrática conversava de forma distraída. Depois de atravessar um corredor pouco iluminado, chegamos a uma sala com teto e paredes de vidro. Nela havia apenas duas mesas, e o *maître* nos conduziu para a que estava mais ao fundo. O lugar era praticamente escondido, ficaríamos sozinhos... Não que eu me importasse.

Luzes de uma cidade distante brilhavam além da vidraça e, encabulada, fui apreciar a vista. Era como admirar uma constelação. Tentei me aproximar do vidro para observar melhor, mas o homem baixinho puxou uma cadeira,

indicando o lugar onde eu deveria me sentar. Vincent se sentou à minha frente e me ajeitei nervosa, avaliando o tamanho da mesa, a proximidade das taças, o castiçal de cristal... Precisava me policiar para não cometer nenhuma gafe desastrosa. Quando levantei os olhos da mesa, encontrei os oceanos turquesa me fitando.

– Você está muito bonita. – Vincent ronronou com seu melhor tom aveludado.

Corei. E, antes que pudesse retribuir o elogio, um rapaz alto se aproximou da mesa. Tentei ser discreta, mas minha boca se abriu levemente ao notar o tom peculiar de seus cabelos: acinzentados... como seus olhos. Estranho para alguém que deveria beirar os vinte anos. Ele vestia uma casaca preta que lembrava um uniforme de *chef* e tinha o mesmo ar imponente de Vincent.

O rapaz se curvou diante da mesa com uma reverência... com esforço, fechei a boca.

– Boa noite, Vincent – falou com voz rouca. – Senhorita. – Ele me cumprimentou com um sorriso e percebi um sotaque conhecido.

Encontrei seus olhos azuis-acinzentados, que brilhavam no rosto primoroso, e deixei escapar um sorriso amarelo. Ele era quase tão bonito quanto Vincent, apesar de parecer mais jovem.

– Melissa, esse é Armand Poe, meu amigo. – Vincent sorriu e não pude deixar de notar a sinceridade em sua voz. – Nos conhecemos há muito tempo e posso dizer que já passamos por muita coisa juntos... Tenho dívidas impagáveis com ele – admitiu, encarando o amigo com admiração. – Recentemente, Armand descobriu um novo passatempo e desenvolveu um talento especial: fazer encantamentos imperdíveis na cozinha. – Vincent terminou a frase com uma risada divertida, e confesso que perdi a piada.

Armand balançou a cabeça, reprovando o humor.

– É um prazer falar com você, Melissa – disse, sem esconder o sorriso misterioso. – Mas Vincent está exagerando, a cozinha se tornou meu passatempo porque passo meu tempo ocioso nela, só isso. E vou discordar de mais uma coisa... As dívidas são maiores do meu lado amigo. – Armand colocou a mão no ombro de Vincent com cumplicidade, e seus olhos acinzentados brilharam de uma forma conhecida.

– Já nos vimos antes? – perguntei incoerente, depois pisquei algumas vezes. – Desculpe, mas é como se já nos conhecêssemos. – Sabia que seu nome não era estranho, era como se já o tivesse ouvido em algum lugar...

– É provável. De qualquer forma, é um prazer revê-la. – A voz rouca soou amigável. – Deixe-me adivinhar, Vincent, você vai pedir o *menu* de sempre.

Vincent apertou os olhos e girou o rosto para mim.

– Você tem alguma restrição?

– Jiló e quiabo... Seria uma péssima ideia – falei com humor.

Ele olhou para o amigo *chef* com um sorriso esclarecedor e Armand balançou a cabeça mais uma vez.

– Você precisa se livrar do passado, Vincent – aconselhou com um sorriso, voltando os olhos para mim. – Aceite as mudanças, elas vão lhe fazer muito bem – disse, antes de se afastar.

Ouvi o comentário de Armand e parei meus olhos em Vincent, solidária.

– Gosto de coisas que me trazem boas recordações – explicou, incomodado.

Sorri complacente, não poderia julgá-lo. Meu maior tesouro eram minhas recordações.

– Você vem muito aqui.

– Sempre que posso. Gosto de conversar com Armand e ele passa a noite toda aqui. Não que ele goste, mas acho que sente falta da agitação... – Ele sorriu, divertido. – Armand prefere dormir durante o dia. A luz do sol é péssima para seu humor. Sinto falta dele, Armand é meu melhor amigo. – Vincent parou, pensativo, e depois indicou o vidro atrás de mim. – E não vou negar, me sinto à vontade nesse lugar. Também gosto de admirar a vista, ela é única.

Acompanhei o gesto, concordando.

– Pensei que Heros fosse seu melhor amigo.

– Armand é meu melhor amigo na forma humana – falou com um humor duvidoso, mas corrigiu sua expressão quando o garçom se aproximou.

O garçom também parecia muito baixinho para a função e, com certa dificuldade, nos serviu pratos individuais; depois, apresentou uma garrafa de vinho à Vincent.

Com um gesto automático, estendi a mão em direção à taça.

– Não costumo beber.

E esse não era o melhor momento para começar, queria estar o mais atenta possível para absorver todas as possibilidades desse encontro.

– Você não precisa, se não quiser. – Vincent falou num tom suave, e entendi que ele não queria parecer arrogante... dessa vez. Abaixei minha mão e fiz um sinal para o garçom que aguardava. Mesmo que não bebesse, seria indelicado rejeitar. Beberiquei a água e desviei dos olhos turquesa que me observavam. – Experimente. – Ele apontou para o prato à minha frente. Observei os canapés que mais pareciam mini obras de arte e, timidamente, levei um à boca. Era crocante na base, mas o recheio de queijo e nozes derreteu suave em minha boca. – Sabia que ia gostar – afirmou satisfeito, lendo minha expressão. – É por isso que gosto de vir aqui... Essa combinação despretensiosa de

ingredientes é única.

– Isso é despretensioso? – Apontei para as pequenas obras de arte que poderiam enfeitar as paredes do Louvre.

– Isso é elegância – corrigiu em tom reprovador. – E estou falando dos sabores. Sabores da minha casa – completou, sério. Ri por conseguir provocá-lo. – Aprendi a apreciar esses detalhes com minha mãe... – Eu me inclinei para frente, em sinal de interesse. – Eles me trazem recordações de uma época em que tudo era mais simples.

Fitei seu rosto pensativo e imaginei que ele buscava em suas recordações a simplicidade de uma felicidade que provavelmente não existia mais.

– E onde fica sua casa? – perguntei, absorta, e mais que depressa procurei modificar a indagação para uma forma mais casual, antes que ele desviasse da resposta mais uma vez. – Você tem sotaque... Mas não consigo imaginar de onde.

– Nasci na Alemanha, mas, depois que meu pai morreu, voltei para a França com minha mãe. Passei boa parte da vida lá, até... – Vincent se interrompeu levantando os ombros. E entendi, até ela morrer também.

Deixá-lo triste não era uma boa ideia e resolvi distraí-lo antes que seu humor imprevisível mudasse de novo.

– Deve ser fascinante morar em lugares tão diferentes. – Não houve resposta e resolvi insistir. – Onde mais você viveu? – especulei, enquanto levava mais uma obra de arte à boca.

– Em muitos lugares. – Ele se remexeu, incomodado, mas havia respondido minha pergunta. Quase sorri... quase. – Passei boa parte da vida indo e vindo, aprendendo coisas diferentes... em lugares muito diferentes. – E tive um pequeno vislumbre de tudo que ele já havia vivido. Nossos mundos eram muito diferentes, galáxias separavam nossas perspectivas e ambições... Eu o encarei, sem entender. O que ele queria comigo? O garçom nos interrompeu para trocar os pratos e reparei na cor esverdeada da sopa, levantei os olhos para Vincent com desconfiança e ele esboçava um sorriso. O abismo se tornava cada vez maior. – É sopa de alcachofra com trufas negras – esclareceu. – Prove, você vai gostar.

Degustamos o creme em silêncio. Lancei alguns olhares torturados além da mesa, mas ele permaneceu calado. O garçom trocou os pratos mais uma vez, colocando à minha frente uma espécie de quiche individual, por cima, a habitual decoração do Louvre. Desfiz o arranjo para retirar uma fatia e o creme perfumado escorreu no prato. Reconheci o aroma dos cogumelos no creme de queijo e deixei o garfo na boca com um som de contentamento.

– Sua mãe devia ser uma excelente cozinheira, mas o talento de Armand

é incontestável! – sorri, e Vincent ficou pensativo. Avaliei sua tristeza objetivamente. – Como ela se chamava? – perguntei sem elaborar coisa melhor, e fiquei na dúvida se teria uma resposta.

– Christine Dippel – murmurou, rabugento.

Vincent não estava disposto a conversar sobre sua vida e não queria forçá-lo, mas era decepcionante. Ele deveria dividir as coisas comigo porque achava importante, não porque se sentia obrigado. Abaixei os olhos para o prato, analisando alguns detalhes enquanto o silêncio dominava a mesa... Ao contrário do que George afirmou, Vincent tinha amigos, bons amigos. Ele não precisava de um ombro para dividir suas tragédias. Então, por que estava se esforçando comigo? Parei meu pensamento aí e engoli a última garfada com dificuldade. Levantei os olhos e Vincent me fitava. Depois de um minuto remoendo meu silêncio, ele percebeu que havia algo errado.

– O que foi?

– Está tudo maravilhoso Vincent, mas... Quantos pratos ainda vamos esperar para você me dizer a razão de tudo isso? – Abri as mãos para a mesa com um olhar significativo.

– Prefiro tratar dos assuntos sérios depois da sobremesa – esclareceu com voz suave. Arregalei os olhos, apreensiva, mas ele continuou, ignorando minha aflição. – Pensei em pedir algo diferente, como um *Millards* de cerejas... Mas, como somos amantes de chocolate, imaginei que você apreciaria mais o *Petit Gateau* – disse, enquanto o garçom colocava o prato aromático à nossa frente. – Espero que goste.

Levantei os ombros com indiferença; estava angustiada, mas não ia negar o chocolate. Depois da primeira garfada não pude mais esperar, a ansiedade estava me corroendo e o suspense enervante era desnecessário.

– Estamos na sobremesa, Vincent. E então... Por que você me trouxe aqui? – perguntei, séria, e seu rosto ficou angustiado. – Você está me deixando preocupada.

– Eu sei – ele disse baixo.

Soltei os talheres no prato, encostando as costas na cadeira. Ele acompanhou o gesto e pareceu subitamente nervoso.

– Espero que continue aqui até eu terminar de falar. E lembre-se, você mesma disse que não a assusto como ao resto da cidade, portanto, não há motivos para dramas desnecessários.

– Vincent! – exclamei aflita.

Ele inspirou lentamente, aproximando-se da mesa.

– Melissa, você disse que confia em mim e gostaria muito de acreditar nisso, mas sei que sua opinião pode mudar durante nossa conversa. – Ele estava

sério. – A verdade é que você não me conhece, e o pouco que conhece a deixa confusa. Mas preciso... – Vincent parou, me avaliando. Não tenho ideia do que ele viu, mas, pela sua expressão, não deveria ser bom. – Preciso que me ouça até o fim. – A tensão do seu discurso desceu por meu rosto, imobilizando-me na cadeira. – Para começar, gostaria que compreendesse que coisas e pessoas podem ter uma máscara de normalidade, e, ao mesmo tempo, esconder algo mais complexo, mais difícil de entender.

– Exatamente do que ou de quem você está falando? – Rezei para que ele respondesse objetivamente minha pergunta.

– Alice.

– O quê? Minha irmã? – questionei, perplexa. Um riso nervoso escapou dos meus lábios. – Como minha irmã veio parar aqui?

– Você sabe que ela é diferente – disse, grave. – Você esconde isso, mas sabe. E já deve ter presenciado alguma coisa. A questão é... Alice está precisando de ajuda. Antes que perca o controle, antes que se exponha. Sua irmã precisa de alguém que a oriente, alguém que a ensine. Posso ajudá-la, minha família pode...

Interrompi sua enxurrada desconexa.

– Do que você está falando, Vincent? Não há nada de errado com minha irmã!

– Procure abrir sua mente, Melissa. Sei que admitir os fatos é difícil, mas preciso que tenha uma visão mais abrangente. Alice possui aptidões especiais, um dom. – Vincent puxou o ar pela boca e intensificou seu olhar penetrante. – Sua irmã é capaz de provocar mudanças a partir de sua vontade, porque possui o dom de uma herança singular, única. – Franzi a testa, sem entender onde ele queria chegar. – Você é responsável por ela; por isso, preciso que nos ajude nessa aproximação. Pode ser perigoso ignorar essa evolução agora.

– Alice é uma criança normal, Vincent... – Minha voz saiu fraca. – Não há nada de perigoso ou errado nela.

– Realmente, não há nada de errado. Alice é talentosa para a idade e esse é o único problema. Seus dons se desenvolveram muito cedo, por isso a urgência de ensinar a responsabilidade de carregar essa linhagem. – Vincent me prendeu com seus olhos turquesa e parei de respirar. – Acho que não estou sendo claro o suficiente... Alice tem uma linhagem mágica, Melissa. Ela é uma maga, tem poderes. Como minha família. Entendeu?

O alívio trouxe o fluxo de ar de volta aos meus pulmões e comecei a rir histericamente.

– Você está brincando comigo, não está? Isso é alguma piada? – Ainda ria, mas parei quando percebi que Vincent continuava sério. Por um segundo,

pensei racionalmente... Ele não era o tipo de pessoa que faria piada. Se fosse Arthur, claro, isso com certeza seria uma pegadinha. Mas... Vincent? Ele não tinha espírito para comédia. Encarei seus olhos sérios e parei de respirar de novo. Meu cérebro voava longe. Com lembranças, detalhes e flashes. Entrei em choque. – Não! – arfei. – Isso não existe! Você está fazendo isso para me assustar e não tenho medo de você.

– A última coisa que quero agora é assustar você, Melissa. Mas, acredite em mim, isso existe. E existe muito mais. Muito além do que você imagina ou do que possa lhe mostrar. – Balancei a cabeça, e Vincent me fitou impaciente. – *A ignorância é uma dádiva protetora, a descoberta transforma* – murmurou, de mau humor. – Quero que respire fundo, Melissa... Agora. – Obedeci. – Apenas observe.

Ele estava curvado para frente, com os dois braços apoiados na mesa; levantou uma das mãos e, com movimentos rápidos, uma chama estava ardendo entre seus dedos. Pulei na cadeira e olhei para seu rosto em pânico, mas ele parecia extremamente concentrado. Só então percebi que Vincent não estava pegando fogo, ele estava manuseando a chama que tomou da vela... nas mãos! Ele a balançava entre os dedos como um floco de algodão, com graça e leveza. Depois, com um suspiro, começou a falar novamente.

– Usamos a mente de forma diferente; assim, podemos controlar a matéria de forma diferente. Para pessoas como você, isso significa ver o universo com possibilidades inimagináveis, mas, para nós, é apenas uma confirmação do que somos. Nossa linhagem foi honrada com habilidades que começaram junto com a existência, e evoluíram continuamente, geração após geração. Como vocês, ainda temos muito a aprender. *Feuer... in Blüte*. – Vincent murmurou as palavras fogo e rosa em alemão, e a bola de fogo girou no ar, tomando sua mão. Saltei na cadeira, meus olhos fixos na chama, que diminuiu e se esticou. – Quem carrega a linhagem mágica pode ver e ouvir coisas extraordinárias, ter acesso a lugares e seres fantásticos... Como qualquer outro talento especial, podemos usá-lo da forma que quisermos. Para coisas boas ou ruins. – Enquanto ele falava, a labareda se solidificou diante dos meus olhos, transformando-se em uma coisa comprida e brilhante. – Não podemos esquecer que compartilhamos esse mundo com vocês, e já foi provado que dividir nosso conhecimento é um erro. Portanto, para nós, restou a responsabilidade de proteger esse conhecimento. Proteger nosso mundo. Para que ele perdure como tudo que existe sobre a terra. – O brilho em sua mão ficou opaco, absorvendo várias tonalidades de cores diferentes e, com um movimento vagaroso, Vincent estendeu-me uma rosa. – Alice disse que você gosta de receber flores.

Estava aturdida, olhando a rosa à minha frente, branca e aveludada. Não

consegui me mexer. Não sabia se estava respirando... Não sabia se estava acordada, não sabia se estava sentada... Não conseguia nem mesmo piscar. Um espasmo de dormência percorreu meu corpo, eu não sentia mais nada. Não sabia de mais nada. Naquele momento, coloquei em dúvida todas as minhas certezas. Não sabia mais o que era real. E se alguma coisa era real.

– O mais importante é lembrar que o conhecimento traz responsabilidades. – Vincent disse pausadamente, a voz firme. Levantei meus olhos da rosa branca e encarei seu rosto sério... aquilo parecia um alerta. Ele ainda estendia a rosa para mim e lançou a outra mão pela mesa, levantando minha taça de água. – Beba, você está pálida. Pelo visto, alimentá-la antes desta conversa não foi uma boa ideia.

Ele tinha razão, meu estômago estava girando.

– Melissa... – ele insistiu.

Mais alguns segundos se passaram e senti um suor gelado brotando das minhas mãos. O frio se espalhou por meu corpo em ondas desagradáveis, mas era bom saber que ainda sentia alguma coisa. Consegui piscar algumas vezes e, com algum esforço, levei a mão pela mesa para agarrar a taça. Tomei todo o líquido e seu calor queimou minha garganta... não estava bebendo a água, mas o vinho. Ótimo! Era disso mesmo que eu precisava! Entornei a taça até a última gotada descer dormente. Minha cabeça girou.

Com movimentos lentos, peguei a rosa de suas mãos... Embora desacreditasse em meus olhos, ela era real. Segurando-a com cuidado, analisei seus detalhes e, como uma criança em um show de mágica, eu ponderava a eficiência do mágico em seu truque.

– Ela é real. – Ele verbalizou meu pensamento.

Levantei o rosto para encarar Vincent... parte assustada, parte horrorizada, parte maravilhada.

– Co... co... mo? – Minha voz era um sopro gago.

Ele pareceu triste.

– Magia. Feitiço. Encanto. Há várias denominações e significados, isso é complexo.

Fitei-o por um longo momento e ele esperou sem dizer nada. Uma a uma, as peças de um gigante quebra-cabeça foram se juntando bem à minha frente. Seu comportamento soberbo, excêntrico, suas aparições improváveis, as situações sem explicação... suas atitudes, arrogantes e hostis. O olhar aniquilador, cheio de um poder incompreensível. Cada detalhe ia se encaixando como uma imensa trama que, agora, fazia algum sentido. Um *flash* de clareza passou por meus olhos, e nunca estive tão segura de minha lucidez.

– Você. Eu entendo... você – falei em um sussurro chocado. Vincent

abaixou os olhos. E então, o frio polar percorreu minha barriga, agitando meu estômago mais uma vez. – Alice – murmurei. – Mas ela... Como ela...?

Quando Vincent levantou os olhos, eles lampejaram com uma leve sombra violeta.

– De fato, é incomum a herança da linhagem mágica adormecer dessa maneira, por gerações, mas é possível... O que aconteceu é raro, mas temos conhecimento de alguns casos. As habilidades mágicas são carregadas por herança genética; esse gene mágico que aflorou em Alice pode ter vindo de qualquer lado de sua família. Não temos como saber quem o carregou pela última vez sem uma linhagem professada, já que você e seu avô... Enfim.

Uma parte do meu cérebro procurava explicações reais para o que estava acontecendo enquanto a outra parte procurava explicações lógicas para essa possível carga genética de minha irmã. Minha família sempre pareceu muito comum; então, de alguma forma insana, estava claro que esse gene maluco vinha de Oliver, o pai de Alice. Ele sempre disse que não tinha parentes vivos e isso me pareceu ainda mais suspeito, portanto, lógico. Olhei para Vincent, em desespero... Alice... Minha pequena Alice. Como poderia parar isso? Como ajudá-la?

– O que eu vou fazer? – Minha voz saiu num sopro. A respiração ia e vinha rápido demais, estava hiperventilando. O vinho chegou ao meu cérebro e fiquei tonta de repente, apoiei os braços na mesa e segurei minha cabeça.

– Acalme-se. Estamos aqui por isso, os Von Berg estão dispostos a ajudar. O importante é não deixar que Alice perca o controle ou chame atenção. Neste mundo, ela é minoria e isso é ser diferente.

– Muito diferente – completei, com um murmúrio fraco e inconformado.

– E, para alguns, ser diferente é errado. Infelizmente. – Vincent finalizou, ácido. Com o olhar frio, ele levantou a taça de água para mim mais uma vez, mas balancei a cabeça em negativa. Do jeito que meu estômago girava, nada poderia passar por minha garganta agora. – Você está ficando pálida, precisa de ar fresco. *Winden*. – O murmúrio firme mal foi notado.

Um segundo depois, um golpe de ar gelado soprou em minha nuca, levantando meus cabelos. Foi bom e imediatamente aliviou o enjoo... Até olhar na direção da corrente de ar e notar que o vidro atrás de mim havia sumido. Vislumbrei o abismo escuro e segurei a borda da mesa com as duas mãos. Desta vez, não contive o grito.

– Vincent! Pare com isso! – exigi, histérica.

– *Wiederherstellen* – ele murmurou de novo, em alemão, e o vidro voltou imediatamente ao seu lugar, abafando o ar à minha volta. – Eu só queria ajudar – respondeu, mal-humorado.

– Por enquanto você ajuda se não fizer mais nada para me enlouquecer! – falei, ofegante, e o momento de estresse concretizou a complexidade da situação em meu cérebro. Essa loucura era real! Lembrei-me de George, da escola, de nossos amigos... Meu estômago girou de novo. – Minha... Ela não vai... não pode. Ficar assim... Tenho que parar isso! Preciso ajudar... Tenho que fazer tudo voltar... Tenho que... tudo... ao normal... – Atropelei as palavras, estava no meu limite e não sabia como meu cérebro reagiria a mais uma visão incomum. – Preciso... sair daqui! Quero ir para casa!

Levantei-me num rompante e quase derrubei a cadeira. Ela balançou e balancei junto. Uma mão quente segurou meu braço com força e isso me trouxe uma lembrança imediata, levantei o rosto e encontrei olhos turquesa brilhando preocupados. Nesse momento, vi com clareza tudo o que antes não compreendia.

– Você está bem? – Vincent perguntou, ansioso, mas não precisei responder. – Vou levar você para casa.

Ele me conduziu pelo corredor escuro e não vi o caminho. Reconheci a porta de saída e percebi que, talvez, nada daquilo fosse real... Balancei mais uma vez e senti seu braço me apoiando. Vincent me abraçou, trazendo-me ao encontro de seu peito, suas mãos quentes me seguravam com firmeza e seu calor era a única coisa real no momento. Então, um nó subiu para minha garganta... Real? Não. Nada era real. Não como antes. Agora tinha a explicação mais real possível para a aproximação de Vincent. Alice. Não era eu... Nunca fui eu. Todo esse tempo, ele esteve preocupado em chegar até ela. Lágrimas encheram meus olhos e meu coração explodiu em mil partes dentro do peito. Eu desmaiei.

Quando abri os olhos, vi apenas o céu negro; estava fora do chão e minha cabeça se apoiava em um peito forte. Estava nos braços do meu cavaleiro carrancudo a caminho do SUV preto. A brisa gelada da noite entrava em meus pulmões e o sereno cobriu meu rosto, elucidando meus pensamentos... Tudo era diferente agora.

– Me põe no chão – murmurei, mas ele nem se mexeu. – Me põe no chão! – exigi com firmeza, lutando com seus braços.

Vincent me abaixou sem resistir.

– Você desmaiou, não parece bem – disse preocupado, enquanto me restringia a seus braços. – Talvez tenha sido um pouco demais para uma noite.

– Você me usou! – gritei em uma explosão de rancor. – Você me usou para chegar até Alice! Me solta!

Vincent me olhou surpreso, acho que nunca tinha visto a ira de uma mulher magoada. E não estava só magoada, estava raivosa! Minha vontade era socá-lo por ter me usado, por ter mentido. Tentei abaixar seus braços para ficar

livre e o empurrei usando toda minha força, mas nada surtiu efeito. Vincent parecia em choque. E, em algum momento durante meu esforço determinado, ele me libertou. Caminhei às pressas e sem rumo pelo pátio vazio. Só queria sumir dali! Foquei o caminho iluminado pelas tochas, a saída, não ficaria mais nem um minuto ao lado dele. Estava me sentindo manipulada e a revolta girava em minha garganta... só queria ir para casa e não precisava de Vincent para isso. Não queria precisar dele para nada! Não queria vê-lo mais! Resolveria os novos problemas à minha maneira, começando por encontrar a rodovia e conseguir uma carona.

– *Feuer!*

A palavra *fogo* foi gritada em alemão por uma voz grave e duas línguas de fogo, do tamanho de um carro, emergiram das tochas no chão, bloqueando meu caminho. Parei num solavanco, levando as mãos ao rosto para proteger os olhos enquanto o fogo se agitava, frenético e ameaçador.

– Eu não usei você! Estava tentando proteger você! – A voz grave continuou em um rugido. – Agora, tenho certeza de que não sirvo para isso. Nunca consigo te ajudar... Eu nem consigo te entender! – O rugido soou desapontado.

Olhei em volta, mas não encontrei o dono da voz. E, no segundo necessário para girar a cabeça, Vincent saiu da escuridão das árvores ao meu lado. Com movimentos rápidos, ele se posicionou à minha frente, grande e intimidador. Quase caí de costas.

As línguas de fogo diminuíram atrás dele e voltaram às tochas à beira da estrada.

– Alice é importante, sim, mas, de alguma forma, você também está envolvida nisso. Desde o começo. E, ao contrário do que pensa, não precisaria usá-la para chegar até sua irmã. Se estivesse determinado, você jamais seria um empecilho.

Estava assustada, mas encarar a arrogância dos olhos violeta bastou para aflorar o pior do meu mau gênio. Então... Eu era dispensável? A ideia de ser acuada fez a revolta crescer em minhas veias, aplacando o susto, abafando o medo... esquentando meu sangue.

– Sai da minha frente – sibilei entre os dentes.

– Não vou sair. Prometi a George que iria cuidar de você e deixá-la sozinha neste lugar não é a maneira certa de fazer isso.

– O quê? – gritei indignada. – Cuidar de mim? Fazendo labaredas queimarem meu rosto?

– Elas não chegaram nem perto de você – respondeu com frieza. Depois respirou fundo, fechando os olhos violeta. – Não quero que vá embora desse

jeito... Não era para ser assim – resmungou, quase ofendido.

Estreitei os olhos, levantando o queixo.

– Pouco me importa o que você quer – rosnei, desafiadora.

E, com apenas um movimento, ele me tomou nos braços novamente, sem me dar tempo para reagir. E não pude reagir. Vincent era grande demais, forte demais, e agora... estava determinado. Ele me apertava com força e eu mal conseguia respirar.

– Você não quer saber o que quero... Tudo bem. Não importa! Mas vou levá-la para casa como prometi a George. Não vou quebrar uma promessa por causa de sua teimosia. – Ele me carregou até o BMW e nem percebeu meu esforço para descer de seus braços. Não sei dizer como ele abriu a porta do carro, mas, assim que ela abriu, Vincent me colocou no banco. Ainda me restringindo a seus braços, ele se curvou, seus olhos ferviam em águas violeta. – Sei que este não é o melhor momento, mas não posso deixar você ir sem antes conversar sobre Alice.

– Alice é problema meu. E não vou conversar mais nada com você – rebati, decidida.

Ele escorregou os braços por meu corpo, parando o rosto a dois centímetros do meu. Seu fôlego pesado tocou minha pele, mas continuei sustentando seus olhos, corajosamente.

– Fique aqui – ordenou. Apertei meus olhos num misto de raiva e revolta. Vincent podia pertencer a um mundo poderoso, mas não tinha o direito de mandar em mim. Não era um cachorro para ficar onde ele mandava. Ele dançou os olhos nos meus por uma fração de segundo e finalizou com o rugido grave. – Se correr, vou carregar você de volta. E vamos fazer isso a noite toda. Você escolhe, mas vou levar você para casa de qualquer jeito.

Queria responder, mas meu cérebro estava exausto. Não conseguia articular uma resposta, muito menos arquitetar um plano de fuga. Minha respiração estava irregular e meu corpo todo tremia em espasmos de fúria, temor, rancor e revolta... Só queria ir para casa. E, se esse era seu objetivo final, passaria por cima do meu orgulho para ter paz. Vincent sustentou meu olhar, concentrado; diante dos meus, seus olhos clarearam, voltando aos oceanos turquesa. Em meu rosto sua respiração diminuiu e quase parou, com a expressão torturada ele levantou uma das mãos e usando o dorso dos dedos, enxugou as lágrimas que caíam dos meus olhos. Só então percebi que elas estavam rolando compulsivamente, mas não as reprimi.

O percurso foi silencioso, mas minha cabeça não parava. Estava atordoada, com minhas novas mágoas e preocupações... Nesse furacão de

impossibilidades, imaginava como poderia resolver isso. Como ajudar Alice? Como explicar essa loucura a George sem lhe causar um ataque cardíaco? Mas o pior, o que me esmagava por dentro... As lembranças. Agora eu tinha uma nova interpretação para cada olhar de Vincent, cada frase, cada detalhe. E tudo parecia revoltantemente oportunista. As lágrimas ainda rolavam em meu rosto quando ele parou o BMW alguns metros antes da casa amarela. Tentei abrir a porta, mas ela estava trancada.

– Me deixe sair – ordenei, passando os dedos pelo rosto molhado.

– Não antes de você se acalmar. Não antes de você me ouvir. – Ele falou, tão decidido quanto eu e, instintivamente, cobri os ouvidos. – Não seja infantil! – Vincent esbravejou irritado.

Abaixei minhas mãos para confrontá-lo.

– Infantil? *Você* fica se exibindo... Faz paredes desaparecerem, brinca com labaredas de fogo a centímetros do meu nariz, me carrega à força quando é contrariado... Tranca o carro para me forçar a ouvi-lo... E *eu* sou infantil? – Minha voz aguda doeu em meus ouvidos.

– Eu carreguei você porque não poderia deixá-la andando sem rumo por aquele lugar. E nós ainda precisamos conversar – insistiu com a voz dura. Cruzei os braços, desviando de seu rosto para encarar a rua escura. – Eu não estava me exibindo, Melissa, nem brincando, estava demonstrando! – Vincent bateu as mãos no volante, e pulei no banco. – Estava lhe dando uma prova! Você sempre precisa de uma prova, uma justificativa para tudo. Se confiasse em mim...

– Confiar? – interrompi, indignada. As lágrimas voltando aos meus olhos. – Vincent... Tudo que fiz até agora foi confiar em você. Ignorando os alertas, indo contra meus instintos. Mas você está sempre um passo atrás da verdade... Você mentiu para mim. – Minha voz quase sumiu.

– Eu não menti, apenas omiti detalhes complexos. Nunca disse o que não era e nunca respondi o que não podia – justificou, firme.

– Mas você se aproximou de nós... de mim. – Minha voz ficou embargada. Abaixei os olhos e me abracei para juntar meus pedaços. Depois de um suspiro, continuei com dificuldade: – Com a desculpa que queria ser meu amigo, mas sabemos muito bem que isso não é verdade, você nunca precisou de um. Você me usou para chegar até Alice.

Vincent ficou em silêncio. Os segundos passavam e a curiosidade me venceu, levantei os olhos e encarei seu rosto torturado.

– Se foi essa sua impressão... Peço desculpas. Mas você não poderia estar mais enganada. – Falou com a voz ronronada, sustentando meu olhar. Fitei os oceanos turquesa, tentando acreditar em suas palavras, mas era muito difícil agora. – Sei que perdi sua confiança e sabia que isso ia acontecer quando você

soubesse... – Ele se interrompeu, talvez por estar admitindo a mentira. Com pesar, concentrou-se em meu rosto. – Eu poderia ter feito diferente, Melissa, mas não posso sair espalhando aos quatro ventos o que sou. Só quero que entenda o quanto prezo sua amizade, e estou sendo sincero quando digo que não gostaria de perdê-la.

Estava me esforçando para assimilar qualquer traço de verdade em suas palavras, mas meu coração estava muito ferido para interpretar seus olhos brilhantes. Eles pareciam torturados, mas isso poderia ser culpa, ou apreensão, por não poder chegar perto de Alice. Balancei a cabeça suavemente e fechei os olhos, fugindo do poder penetrante dos oceanos turquesa. Senti o calor de suas mãos meu rosto, Vincent enxugou as lágrimas persistentes, que escapavam dos meus olhos fechados, depois segurou meu rosto, fixando-o no lugar. Seu toque fez milhares de asas se agitarem em meu estômago... Como era possível? Depois de tudo o que vi, depois de tudo o que ouvi, elas ainda estavam ali! Soltei o ar, ainda de olhos fechados, esse não era o melhor momento para me deixar levar por seu fascínio ou sucumbir ao meu masoquismo.

– Não é tão simples, Vincent – sussurrei, entristecida. – Não é só a confiança... Você me magoou.

– Entendo – Sua voz soprou em minha boca.

Abri os olhos a tempo de ver Vincent se afastando. Ele estava mais próximo do que esperava, e meus lábios se separaram em surpresa. Por reflexo me desloquei para frente, procurando o que havia perdido, mas, quando sua distância me permitiu pensar, voltei para minha posição anterior. Meu rosto queimou... O que ele pretendia com isso? Conceder um prêmio de consolação à melhor amiga? Uma hora ele demonstra interesse, e na outra, não. Vincent queria me enlouquecer? Ironia ou não, isso ele já havia conseguido.

– Peço desculpas por tê-la magoado e por trair sua confiança, se algum dia a tive.

– Você a tinha – completei prontamente, e ele assentiu com a cabeça, convencido.

Seus olhos começaram a brilhar, uma decisão estava se formando, se concretizando.

– Então, vou me esforçar para reconquistá-la – falou decidido. Eu ouvi, desconfiada. Vincent se ajeitou no banco. – Estou pedindo uma oportunidade para corrigir meus erros... Você concede oportunidades ao desastre o tempo todo, por que não posso ter o mesmo privilégio? Se ainda assim tiver dúvidas, não vou questionar sua decisão.

Permaneci em silêncio, fitando aquele homem singular... Que acabou de assumir que era tão sinistro quanto o desastre e, mesmo assim, me deixou

escolher. Esse estranho arrogante fazia muito sentido agora. Sua personalidade confusa que oscilava entre picos de humor, que esbanjava confiança e soberba, frutos de anos de conhecimentos e poderes inimagináveis. Vincent realmente se achava superior, perigoso, porque ele era. Encarei seus poderosos olhos turquesa, mas não consegui sentir medo do que ele representava. E estava surpresa comigo mesma... Não tinha medo do seu poder, suas reações é que me preocupavam. Imaginei o que ele poderia fazer zangado e fiquei agradecida por Daniel ter ganhado apenas um olho roxo.

– Preciso ir – falei, controlada.

– Antes, preciso que você me prometa uma coisa. – Estreitei meus olhos e Vincent suspirou antes de continuar. – Sei que não tenho o direito de pedir nada, mas pense em Alice. É para o bem dela. – Cruzei os braços, aguardando, e ele continuou. – Não faça nada agora, espere um pouco mais para revelar a George o que você sabe. Precisamos ter certeza de que ele está preparado para absorver isso. E, quanto a Alice, temos que abordar esse assunto com cuidado, para não confundi-la. – Ele falava com uma seriedade indiscutível na voz. – Ela é jovem demais. Em sua mente há um limite incerto entre fantasia e realidade, e não queremos assustá-la antes de resolver isso.

Mordi o lábio inferior, apreensiva; não queria assustar minha irmã e já estava confusa e assustada o suficiente por nós duas. Como poderia protegê-la disso? Como explicar essa transformação se nem sabia por que ela acontecia? Minha única certeza é que desejava poder fazê-la voltar ao normal. Encarei o rosto enigmático do mago à minha frente, sabendo que ele tinha os meios para fazer isso. E assenti, contrariada.

Vincent pareceu aliviado.

Senti o carro se deslocar e, depois de alguns metros, parou, dessa vez em frente à casa amarela. Ouvi as travas das portas se destrancando e saltei do SUV imediatamente; com passos ágeis cruzei os faróis, correndo para a porta. Estava tudo apagado e tive dificuldades para encontrar a chave na arandela da varanda. Em alguns segundos, Vincent estava atrás de mim, pousando a mão em meu ombro. Quando me virei, encontrei um rosto perdido nas sombras. Sua outra mão se levantou para a porta... E ele murmurou em alemão: – *Öffnen*.

Ouvi o destrancar da fechadura com os olhos fixos na estátua de preto, e permaneci imóvel enquanto a porta se abria... Não sabia por quanto tempo aguentaria essas insanidades. Vincent se aproximou na escuridão e deslizou os dedos por meu rosto, deixando um rastro de calor. – Boa noite, Melissa.

Estremeci.

No limite da razão, peguei a porta aberta e me espremi para dentro de casa, corri para o quarto de Alice e parei na porta, respirando com dificuldade.

Sob a luz fraca do abajur, tudo parecia assustadoramente normal. O silêncio pacífico fez crescer meu pânico. Com lágrimas nos olhos, deitei ao seu lado na cama, fitando seu rosto adormecido... Abracei minha irmã de mansinho, só queria confortá-la. Protegê-la. Mas como poderia protegê-la de labaredas de fogo e palavras mágicas? Como poderia protegê-la do que eu nem sabia que existia?

A dor da impotência esmagou meu peito enquanto fechava os olhos.

Casa de Vidro

– Tata... Tata... Acorda!

Abri os olhos para a claridade, bem devagar, e vi o rosto de minha irmã a centímetros do meu. Seus olhos brilhavam um tom mais escuro, verde-esmeralda...

– Alice? – murmurei, sonolenta.

– Por que você dormiu aqui? Não gosta mais do seu quarto? – ela perguntou baixinho, acariciando meu rosto. Olhei em volta, tentando imaginar onde estava. Quando meu cérebro se conectou com a realidade, a tristeza me dominou. Observei minha roupa amassada e confirmei minha suspeita: os acontecimentos em minha mente não eram parte de um sonho. Sentei-me na cama, despertando para a desesperadora realidade. – Se quiser, eu posso dividir o quarto com você de novo. Mas... – Alice pareceu preocupada. – Eu gosto do meu quarto.

Encarei o rosto pequenino, controlando minha angústia.

– Não se preocupe, meu amor, dormi aqui sem querer. Você tem seu quarto e eu tenho o meu. Nada mudou. – Como gostaria que essas palavras compreendessem todo o resto.

– Mas por que você não quer mais dormir no seu quarto? – Alice perguntou com as sobrancelhas unidas. – Você não quer mais ficar sozinha? – concluiu com astúcia.

Sorri amargamente.

George ouviu parte da conversa do corredor, e colocou o rosto para dentro da porta entreaberta. Ele me lançou um olhar de cima a baixo, franzindo a testa.

– Você dormiu aqui?

Suspirei, tinha que me lembrar de ir para meu quarto essa noite.

– Acho que não queria ficar sozinha – arrisquei, olhando para Alice que sustentava um sorriso confiante.

Meu avô ainda tinha aquele olhar desconfiado, mas desta vez eu o ignorei. Não poderia responder ao seu interrogatório. Não agora. Além disso, tínhamos um compromisso com a realidade, ou seja, a escola. Pulei da cama para checar a hora no relógio de ursinhos e comecei a esticar os lençóis...

– Vamos nos mexer, Alice, ou chegaremos atrasadas na escola! – convoquei.

Com movimentos ágeis, empurrei minha irmã para o banheiro. E,

enquanto George providenciava seu café da manhã, me permiti tomar um banho quente. Precisava de algum incentivo para encarar minha nova realidade problemática. Mais confortável de camiseta, agasalho e jeans, pulei para a porta onde Alice já esperava com a mochila nas costas. Perdi um precioso minuto vasculhando meus bolsos à procura da chave do sedã e, quando me dei por vencida, parti para o porta-chaves da mesa aparadora no hall.

– Opa... Você viu minha chave? – perguntei, apressada.

– O passeio de ontem foi divertido? – ele perguntou com ironia, me observando a meio caminho da cozinha.

Lancei um olhar indignado para sua inércia.

– Muito – respondi evasiva, ainda concentrada no porta-chaves. Não tinha tempo nem respostas para essa conversa.

– É só isso que você tem para dizer da noite? – George insistiu, especulativo.

Levantei meus olhos para ele, tomada pela tristeza mais uma vez... Não poderia lhe dar nem mesmo uma resposta sincera.

– Mais tarde conversamos sobre isso, está bem? – Sabia que essa era uma solução temporária, mas tentaria encontrar um meio termo. E me lembrei do que Vincent tinha dito sobre omitir partes da verdade. Concluí que, em alguns casos, isso era necessário para não provocar infartos por aí.

George se aproximou com um sorriso disfarçado e, levantando um dedo, puxou a chave perdida do bolso do meu agasalho, colocando-a em minha mão.

– Mais tarde conversamos. – Suas palavras acompanharam o olhar inquisidor, indicando claramente que ele leu algo nas entrelinhas.

Entristecida, concordei com a cabeça... Só magia faria George se esquecer dessa conversa.

Chegamos à escola atrasadas, claro. Levei Alice até a sala de aula e a professora me recebeu com um sorriso compreensivo. Esperei Alice pendurar a mochila e se acomodar, absorvendo esse momento tão normal por alguns segundos, depois me virei para o corredor. Caminhei devagar, a angústia apertando meu peito... Nada seria normal para ela. Não como antes.

– Melissa! – Alguém chamou em minhas costas. Virei devagar e reconheci LÍlian, a auxiliar de sala que ficou de babá na noite do jantar. Ela fazia gestos aflitos com as mãos para que eu parasse. – Oi, Melissa... Preciso falar com você. – A garota agarrou meu braço, puxando-me para um canto reservado do refeitório; o rosto aflito. – Preciso falar sobre sua irmã...

Meus olhos se arregalaram e o *flash* de uma conversa veio à minha mente: era George, contando que encontrou a babá assustada quando chegou da

festa no sábado. Um nó subiu por minha garganta, era óbvio que essa garota havia presenciado alguma demonstração do dom peculiar de minha irmã. Tentei controlar minha expressão de pânico; agora, precisava apenas verificar quais eram suas conclusões. LÍlian parecia constrangida... e confusa. Começou um monólogo sobre as antigas lendas da cidade e senti um medo absoluto de que essa garota de olhos assustados tivesse comentado suas aflições com alguém. Ouvi a garota com atenção, determinada a negar suas visões com convicção.

– ... E então eu vi, Melissa... Com meus olhos. Já tinha ouvido histórias, mas nunca pensei que fosse presenciar algo. – Ela engoliu em seco. – Naquela noite, enquanto colocava Alice para dormir, brinquedos voaram pelo quarto – disse, em um sussurro incrédulo. – Foi rápido, mas assustador. Confesso que entrei em choque e sinto muito por não ter tirado sua irmã de lá. – Ela se abraçou, balançando a cabeça. – Desculpe por só falar agora, mas não tive coragem de contar isso ao seu avô – admitiu, envergonhada. Na verdade, eu estava agradecida por isso. Ela fungou uma vez e continuou: – Imaginei que ninguém acreditaria em mim. Nem sei se você acredita. Mas estou preocupada... com Alice... – LÍlian encontrou meus olhos e parei de respirar. – Com vocês, vivendo tão perto daquele lugar. As esquisitices da montanha chegaram à sua casa! Você precisa fazer alguma coisa! Para proteger sua irmã... para se proteger. Uma criança não deve conviver com esse tipo de coisa!

Soltei o ar quanto um espasmo de alívio correu meu corpo.

Pelo que entendi, seu foco era mais abrangente. LÍlian estava relacionando suas visões incomuns a algo sobrenatural, ligado aos boatos da montanha, e, segundo ela, incorporado na casa... Alice estava segura. E só então entendi porque os Von Berg nunca contestaram os boatos e lendas sobre sua família. Eles eram úteis, afinal. Tive vontade de rir, essa garota de olhos assustados estava realmente acreditando em assombrações! Mas meu humor passou rápido... Quem era eu para julgá-la? Magia e assombrações eram limites tênues para qualquer cérebro estressado. Eu sabia disso.

– Você não acredita em mim. Acha que estou louca, não é?

LÍlian analisava meu rosto e precisei me controlar para esconder o sorriso aliviado.

– Não... Não. Eu acredito. E agradeço por me avisar. Pode ficar descansada, vou cuidar para que Alice não perceba nada estranho... caso aconteça de novo – falei, em tom consolador e LÍlian pareceu satisfeita. Era hora de partir para o que interessava e garantir seu silêncio. Usando as armas que tinha, olhei dentro dos seus olhos, usando meu melhor tom persuasivo, como Vincent fazia. – Mas, LÍlian, acho melhor deixar isto entre nós. Você sabe, a cidade não lida bem com estas histórias... E não estou pensando apenas em

Alice, mas em você. Afinal, foi *você* quem presenciou tudo. Imagine o que eles vão pensar!

– Não pretendo falar sobre isso com mais ninguém, Melissa, não quero ser tachada de louca... E só de falar disso me sinto louca! – admitiu, consternada. Solidária, afaguei seu ombro. Ela nem imaginava como eu me identificava com seu tormento. LÍlian suspirou longamente. – Sinto muito... Sei que precisa de ajuda, e queria ajudar, mas não quero voltar lá – emendou num murmúrio tímido. Bem... Teríamos que esquecer seus futuros serviços como babá. Mas isso me pareceu um preço justo para esconder os poderes de minha irmã. – Mas andei pensando... – ela continuou – Levando em conta a morte de sua avó e de sua mãe, talvez fosse o caso de chamar um padre ou pastor. Um médium, quem sabe. E...

Neste ponto, precisei interrompê-la. Ela estava insinuando que a alma de minha mãe estava assombrando a montanha?

– Agradeço sua preocupação, LÍlian, mas vou resolver o problema do meu jeito. – Controlei a indignação na voz; estava simpatizando com a garota, mas relacionar as mortes na minha família com o ocorrido foi demais.

LÍlian silenciou e assentiu ao perceber meu tom incomodado. Pela graça dos céus, ela se despediu em seguida, deixando sobre mim o costumeiro olhar de solidariedade. Eu me senti péssima. Forcei um sorriso amarelo e tropecei corredor afora, lembrando a mim mesma que meu objetivo foi alcançado, Alice estava salva. Por enquanto.

Atravessei os portões da escola lembrando o que Vincent havia dito sobre expor minha irmã. Mas ela já estava exposta! Ele havia me pedido para esperar, mas precisava conversar com ela e explicar... Explicar o quê? Eu nem saberia por onde começar! Como poderia proibi-la de fazer essas coisas se nem sabia como ela fazia? E, pior, pelo visto, Alice também não. Balancei a cabeça, descrente; precisávamos da ajuda de Vincent e da família da montanha para parar isso, não havia alternativas.

Com um suspiro, desci os degraus da escola, e me peguei rindo, gargalhando na verdade, ao lembrar que eu mesma quase acreditei que minha casa era frequentada por *poltergeists*.

– Fico feliz por seu humor estar melhor hoje.

A voz grave me fez parar nos degraus da escada, o susto encerrando o riso.

Procurei a origem da voz e estremei ao encontrar o homem vestido de preto, elegantemente encostado em seu BMW. Mesmo sabendo de seu segredo e calculando a variedade de riscos e complicações em que estava envolvida, não pude deixar de achar sedutora a figura misteriosa à minha frente. E talvez fosse

assim por eu ter uma visão mais ampla de sua complexidade.

Vincent abriu um dos seus sorrisos hipnotizadores e eu pisquei, me concentrando... Mesmo havendo vagas disponíveis na rua, o SUV BMW bloqueava a saída do meu carro. Respirei fundo, íamos começar tudo de novo. Mas, desta vez, precisava ser prática! Vincent ofereceu ajuda e necessitávamos de ajuda. Só que agora as coisas seriam do meu jeito. Desci o restante dos degraus e parei na traseira do sedã, bem à sua frente.

– Por que está bloqueando meu carro? – Levantei o queixo, encarando seu rosto, e Vincent soltou os braços cruzados, ampliando seu sorriso charmoso.

– Precisamos continuar aquela conversa e não gostaria de ver você fugindo de mim mais uma vez.

– Se você quer conversar, basta pedir. Não gosto de ser intimidada. Isso não é educado. Vincent bufou com impaciência e encarou a calçada. Um segundo depois, quando levantou os olhos, eles estavam fixos, brilhantes e concentrados.

– Vim buscar você para dar uma volta. Como percebeu, nossos assuntos precisam ser tratados em lugares mais reservados. – Ele falava sério agora.

– Pensei que a escolha fosse minha.

– Já que tocou no assunto, também precisamos discutir sobre suas escolhas – completou. Desta vez fiquei realmente aborrecida, não sabia mais se era vantagem discutir minhas escolhas... elas sempre ficavam na teoria. Vincent avaliou minha expressão consternada. – Você tem alguma objeção à companhia ou está com medo de mim?

Ponderei, encarando seus olhos sombreados... Seria hipocrisia afirmar que estava tudo bem, que ele não me dava um pingo de medo. Mas minha mágoa pelos últimos acontecimentos era maior do que meu temor. E isso era ilógico até para mim.

– À companhia – afirmei.

Vincent sorriu com certo sarcasmo.

Nesse momento, duas senhoras de rostos alarmados cruzaram conosco na calçada. O olhar preconceituoso e amedrontado que uma delas lançou para Vincent me incomodou, como se ele fosse um alienígena pegajoso que devesse ser evitado. Desviei meus olhos da senhora para a estátua à minha frente, e vi sua feição mudar.

– Você precisa entender que é difícil encarar você sem ficar intimidada... Olha seu tamanho! – exclamei com humor, indicando sua altura. Deveria ter incluído na lista seu físico atraente e a beleza genuína, mas achei melhor não exagerar no elogio. Para o meu bem.

Vincent suavizou o olhar e, por um breve momento, seus olhos violeta brilharam nos meus.

- É por isso que prezo sua amizade.
- Por que não fico intimidada com seu tamanho?
- Não. Porque você é uma das raras pessoas que me aceitou como sou.

Admiro sua coragem, por mais que ela nos traga problemas.

Confesso que essa afirmação me desarmou. Não estava preparada para elogios e sorri, encabulada. Dei um passo à frente, e quase trombei com uma mãe e uma garotinha que seguiam pela calçada a caminho da escola... A mãe desviou de mim rapidamente e soltou um gemido de terror ao esbarrar em Vincent; abraçando a filha, ela apertou o passo. Já a menina pareceu não se incomodar com a proximidade do alienígena pegajoso e dobrou o pescoço para admirá-lo. Enquanto elas subiam a escadaria aos pulos, procurei o rosto do cavalheiro carrancudo, preocupada com sua reação. Mas ele parecia apenas triste.

Observei seu porte elegante, seus bíceps delineados na camiseta preta, a pele perfeita contrastando com as mechas cor de carvão, que caíam charmosas em sua testa... Meus olhos passaram pelos cintilantes oceanos violeta e pararam em sua boca rosada, que se projetava em um beicinho. Suspirei contemplativa. Como alguém podia achá-lo menos lindo e mais assustador?

– Você podia usar outras cores – divaguei. – Algo além de preto. Isso pode ajudar – completei, mordendo o lábio inferior. Vincent me encarou confuso e percebi envergonhada que estava sendo óbvia mais uma vez.

– O julgamento deles a meu respeito não é importante. No momento estou preocupado com você – disse, sério. Uni as sobrancelhas e Vincent balançou a cabeça. – Essas pessoas estão assustadas com você, não comigo. Melissa... – Ele ronronou meu nome com um tom aveludado de reprovação, capaz de derreter meus ossos. – Você acha que isso é comum? – Vincent sinalizou o pouco espaço entre nossos corpos e continuou com uma longa expiração. – Eles nunca me viram tão próximo de alguém da cidade, nunca me viram conversar com alguém da cidade. E isso os faz pensar em você, não em mim. Nesse momento, a cidade avalia o quanto louca, traumatizada ou desequilibrada você pode estar para se envolver conosco. Comigo. Principalmente depois do que fiz ao seu vizinho. – Lembrei-me das ameaças de Daniel e minha expressão apreensiva ficou evidente. – Não se preocupe, ele não chegou a fazer nenhuma reclamação. Mas testemunhas no hotel viram o suficiente e... Bem, os boatos se espalharam com algum exagero. – Vincent abriu um sorriso malévolo, como se gostasse do fato. – Lembre-se, eu sou o estranho assustador. E agora eles têm a prova disso.

– E você gosta, não é? – acusei. Vincent pareceu realmente satisfeito. – Você gosta de ser assustador, de intimidar – afirmei, quase surpresa. Ele não

respondeu, apenas riu. Eu me arrepiei... Sim, ele gostava.

Mas seu sorriso se desfez e ele fechou os olhos, buscando sua concentração.

– Não deveria ter me envolvido publicamente com você – disse, balançando a cabeça. – E estou começando a me arrepender por ter sido tão explícito naquele baile.

Eu ri e Vincent me olhou com uma sobrancelha levantada. Mas era engraçado... Sempre me preocupei com a exibição da minha falta de jeito, com meus vexames, mas, depois de conhecer o cavalheiro carrancudo, isso passou para outro nível. Não me importava mais com o que os outros pensavam; no momento, me importava apenas com o que Vincent pensava.

– Acho que isso não faz diferença – falei, levantando os ombros. – Eles falavam de você e de mim. Agora só inverteram a ordem. – Ri de novo, e Vincent balançou a cabeça.

Ele voltou para o SUV e abriu a porta para mim. Lancei um longo olhar para meu carro e outro para a escola.

– Vamos deixar seu carro aí e prometo trazê-la de volta antes do horário de término das aulas de sua irmã – esclareceu. – Agora, vamos logo! Não sei se consigo aturar mais um olhar alarmado.

Girei o rosto para a escola e duas mãos desciam a escadaria com expressões curiosas... Assenti com a cabeça, entrando no SUV rapidamente. Já estávamos em movimento quando percebi que a música que girava ao nosso redor fazia parte da coletânea do meu antigo iPod.

– Quero a verdade, Vincent! Nada mais que a verdade – falei, exigente.

Ele pareceu se assustar, mas se recompôs rapidamente.

– Fique tranquila, essa conversa será baseada na verdade. E prometo responder suas perguntas da melhor maneira que puder.

Eu me virei no banco, encarando-o.

– Então, comece pela pergunta primordial – sugeri desafiadora, voltando os olhos para o painel do carro. Ele devolveu meu olhar, pensativo. – Você não precisa pensar para dizer a verdade, Vincent.

– Vou dizer a verdade a você e isso é uma promessa, Melissa. Só não quero vê-la em choque... ou tendo ataques! Quero apresentá-la ao meu mundo em doses homeopáticas, isso pode ajudar a compreendê-lo com mais facilidade.

– Depois das labaredas de fogo? – lembrei. – Acho que é um pouco tarde.

– Você não vai me deixar esquecer aquilo, não é mesmo? – Ele me espiou incomodado, mas cruzei os braços, não iria desistir. Vincent suspirou, ainda indeciso. – Está bem. Vi você caindo... Vi você parar antes do chão... Mas não tive nada a ver com isso. Não fui eu quem te salvou, e peço desculpas. –

Amargurado, ele apertou as mãos no volante. – Acho que nunca vou me perdoar por ter demorado tanto tempo para gerar um reflexo.

– Então...

– Não sei dizer. Já estudei algumas possibilidades, mas não tenho nada concreto ainda. Foi tudo muito rápido e, quando meu reflexo permitiu uma reação, você já estava parada, suspensa no ar. Talvez alguém, algum ser da montanha tenha ajudado. Não tenho certeza.

– Algum... ser? Da montanha? – perguntei, confusa. Minha mente imaginava figuras elaboradas como árvores falantes ou centopeias flutuantes.

– O mundo mágico tem muitas criaturas, Melissa, boas e más. Não há apenas magos nesta montanha. – Minha boca estava aberta. Queria argumentar, mas ainda procurava pela pergunta quando Vincent continuou: – Quando vi você no chão, voltei pela trilha até a estrada. Meu carro estava longe, o sol estava forte e eu não tinha sombra suficiente...

– Sombra? – indaguei ainda mais confusa. Ele desviou os olhos da estrada por um segundo, me avaliando.

– Posso viajar pela sombra. – Ele aguardou, talvez esperando que eu fosse gritar ou algo do tipo, mas até eu me espantei com o silêncio. – É como entrar em um elevador... Ela me transporta por certas distâncias. – Vincent me olhou com o rabo do olho mais uma vez. – Melissa?

Puxei o ar com força ao ouvir meu nome e, com certa dificuldade, consegui encontrar as palavras.

– Então, não é só fazer aquelas coisas... com as mãos.

– Não. Como disse, é mais complexo.

Levei meus olhos para a estrada, tentando compreender as novas informações. Pela velocidade que corríamos, não deveria ficar surpresa por estarmos na rua de casa... a caminho da montanha.

– Alice também vai viajar pela sombra?

– Espero que não. – Ele falou rápido e fiquei muda, absorvendo sua conclusão. – Isso significaria que ela descende de uma linhagem sombria e isso não é bom – murmurou indeciso e algumas coisas ficaram muito claras de repente. – É preciso lidar com algumas coisas indesejadas nessa linhagem e gostaria imensamente que Alice ficasse longe dessas coisas. Vamos dizer que isso não é bem visto entre os magos.

– E por que você faz, então?

– Poderia abandonar, mas não faria diferença. As sombras são parte da minha herança. Além de tudo, é muito prático. – Desta vez o murmúrio acabou em um sorriso enigmático. Minhas certezas se consolidaram. – Isso não me afeta, Melissa, mas não é uma coisa que um mago bom faz.

Embora Vincent forçasse o humor em seu discurso, entendi a seriedade de suas palavras. Um arrepio percorreu minha espinha, matando a última centelha de esperança.

– Você não é um mago bom – afirmei com um sussurro.

Seu sorriso desapareceu.

– O significado de bom e mau depende do ângulo que se olha. O que para alguns é bom, para outros pode ser mau. – Ele retorceu o rosto, incomodado. – Minha linhagem se originou de seres primitivos e sombrios... Embora muitos não gostem, faz parte de quem sou. – Vincent me espiou mais uma vez. – A diferença é que escolhi me aprofundar no poder das sombras. Vamos dizer que não tive uma educação ortodoxa. – Ele suspirou, pesaroso. – Sei que pode ser perturbador, mas não posso mudar isso.

Olhei para frente, assimilando sua afirmação. As árvores à beira da estrada formando muros de um verde profundo... sombrio... E a última peça do quebra-cabeça se encaixou. Vincent possuía realmente uma parte assustadora. Ele poderia ser mau e estava se esforçando para não ser, isso estava muito claro agora. Voltei meus olhos para ele e esperei sentir medo ou temor, mas nada veio. De alguma forma eu sabia, ele não me faria mal. Meus lábios se levantaram no canto... Eu já confiava em Vincent novamente.

Ele notou minha reação incomum e pareceu confuso, quase surpreso. Virei-me para as curvas da montanha, ainda sorrindo, e ficamos em silêncio. Minha música favorita começou a tocar, deixando meu sorriso ainda mais largo.

– Você achou meu antigo iPod – afirmei. Ele olhou do painel para mim com seu silêncio analítico. Esperei, sustentando seus olhos, e Vincent entendeu minha exigência pela verdade. Não havia motivos para escondê-la.

– Ele foi a única coisa que consegui salvar naquele dia.

– Então, por que você não me devolveu o antigo?

– Porque me afeiçoei a ele – esclareceu. Encarei seu perfil enigmático, exigindo uma explicação melhor. – Não poderia simplesmente devolvê-lo a você. Isso implicaria em confirmar coisas sobre a montanha que não poderia explicar. Por fim, quando já tinha condições para devolvê-lo, percebi que estava interessado nas músicas... Então, concluí que poderíamos fazer uma troca justa. E acho, sinceramente, que você saiu ganhando. Você tem as músicas antigas, algumas novas, e um aparelho mais moderno.

Vincent abriu um sorriso largo, branco e reluzente. Puxei o ar com força e tive que piscar duas vezes antes de continuar.

– A montanha – sussurrei. – Não é só sua família, ou essa... linhagem mágica. Há algo na montanha, não é? Ela é parte dessa... coisa toda. Vocês a protegem por um motivo. – Parei, esperando que ele continuasse.

– Tradição Mágica. A montanha é parte da tradição que protegemos. Ela é uma das fronteiras que separam dois territórios distintos no Mundo Mágico, a Terra da Luz e a Terra das Sombras. – Vincent suspirou, paciente. – A Tradição possui um conselho que concentra as regras do meu mundo, e esse Conselho Mágico usa representantes para proteger as divisas. Sua função é cuidar para que os reinos e seres coabitem em harmonia. Aqui, os Von Berg são estes representantes. – Ele me espiou, e eu sabia que minha boca estava aberta. – Vou explicar tudo, Melissa, é uma promessa, mas meu mundo pode ser complicado para o seu entendimento. Peço que tenha paciência, não quero ir além dos seus limites. Não quero ver você surtando.

– Não vou surtar! – exasperei um tom mais alto.

Vincent espremeu os olhos.

– Acho que já conheço seu gênio – rebateu, rindo.

Inspirei profundamente, impaciente... Queria saber mais, queria saber tudo! Mas ele estava certo; pelo calor que tomava minha cabeça, meu cérebro estava no limite. Bufei, olhando além do para-brisa, e reconheci a encruzilhada da estrada. Vi de relance um familiar portão de ferro com tramas florais passar veloz ao nosso lado, mas, dessa vez, continuamos subindo.

– Pensei que estávamos indo para a casa da montanha... ver sua família.

– Não. Estamos indo para *minha* casa.

Arregalei os olhos, sem conseguir desviar de seu rosto faiscante, satisfeito por me pegar de surpresa. Vincent ria por puro contentamento, e eu não sabia o que dizer.

– Estou construindo uma casa no topo da montanha há algum tempo. Apesar da gentileza de Aristela e Nicolau, não me sinto à vontade na casa dos Von Berg. Sei que eles aturam muitas reclamações dos vizinhos por minha causa e não quero criar mais problemas. Além disso, gosto de tranquilidade. Sou grato por Aristela ter me acolhido mais uma vez, mas até você presenciou um dos muitos eventos acalorados da casa. – Ele balançou a cabeça, ponderando alguma lembrança. – Todo dia há um incêndio, e não tenho vocação para bombeiro.

Claro, paciência e empatia eram qualidades quase inexistentes em sua personalidade.

– Como o problema na colheita dos cogumelos – afirmei, concentrada.

Vincent riu.

– E, antes que pergunte, vou explicar essa parte em outra ocasião.

– Quando você fala da vizinhança... Não está falando de nós ou da cidade, não é?

– A casa dos Von Berg concentra algumas passagens para os reinos da Terra da Luz e, na maioria deles, magos como eu não são bem-vindos. Os Von

Berg desafiaram muita gente quando resolveram me acolher aqui. – Vincent riu, sarcástico. – Nicolau faz expedições periódicas pelo Mundo Mágico, percorrendo divisas, avaliando e resolvendo problemas... Algumas vezes ele pede minha ajuda e isso aumenta essa implicância. Confesso que acompanhá-lo com tantos olhares reprovadores é irritante.

Respirei devagar, absorvendo a enxurrada de informações sem sentido. Mas apenas uma coisa me pareceu importante... Vincent poderia se ausentar em uma expedição? Imaginar essa possibilidade fez uma tristeza apertar meu peito e percebi minha insignificância neste contexto. Ele tinha outra vida neste mundo, muito mais complexa. E o abismo de diferenças estava ali novamente, maior do que nunca, nos separando. Abracei-me instintivamente.

– Você está com frio? – Vincent perguntou, mexendo nos botões do painel.

– Um pouco. – Não era mentira, a tristeza tremia em meu corpo e percebi que nunca estaria quente o suficiente... longe dele.

– Já estamos chegando.

Depois de mais uma curva, a estrada de terra ficou quase plana. As árvores se espaçaram em bosques limpos e um enorme gramado verdejante cobriu tudo. Grandes pinheiros apareceram, solitários, enquanto pedras pintavam o gramado de cinza em alguns pontos. Vincent entrou com o SUV em um pátio de cascalho; à nossa frente, levantou-se os fundos de uma casa de pedra. Meus lábios se separaram involuntariamente para uma arfada sem som.

– Você construiu isso?

– Tenho algum conhecimento de engenharia e, com algumas habilidades, fica fácil.

Eu sabia que ele não estava falando de habilidades em alvenaria, mas deixei passar. De qualquer forma, não deixava de ser impressionante. Ele saiu do BMW e também pulei para fora, queria admirar sua obra. Vincent contornou o carro com uma corrida e parou na minha frente com ar de reprovação.

– É difícil ser cavalheiro hoje em dia, se as damas nunca esperam – rosnou, rabugento.

Eu ri. Vincent gostava de abrir e fechar portas, conduzir e proteger donzelas indefesas, e, pelo que observei da sua personalidade mutante, procurava ser cavalheiro mesmo quando estava de mau humor. Essa era uma qualidade curiosa para alguém soberbo e mal-humorado. Fitei meu cavalheiro carrancudo com um sorriso admirado.

– Isso é triste, eu sei... Mas você tem que entender que as mulheres de hoje foram treinadas para não esperar pelo cavalheirismo dos homens. Acho que nossa geração não está acostumada com esse tipo de gentileza.

– E se eu disser que não sou dessa geração, você pode me ajudar?

Afirmar, satisfeita com seu tom de voz ronronado.

Demos a volta na parede de pedra e paramos diante de uma escadaria curva, de degraus vazados, que nos levaria até a porta de entrada. Corri meus olhos pela construção ao seu redor e me surpreendi ao perceber que no restante da casa só havia vidro. Vincent gostava mesmo dos extremos. Meus olhos voltaram para a escadaria que merecia alguma cautela. Percebendo meu temor, Vincent subiu o primeiro degrau, estendendo-me a mão.

– Você é uma exceção, Vincent – falei, balançando a cabeça. Ele me espiou por cima do ombro. – Não que não goste, acho encantador, mas tenho que ser sincera... Nem meu avô age assim.

Vincent parou dois degraus depois, voltando-se para mim. Eu ainda sorria, mas ele pareceu incomodado com algo, talvez com a comparação. Descendo um degrau, tomou minha outra mão, atento ao meu rosto.

– Preciso que você saiba uma coisa sobre mim. Mas, por favor, tente entender que, para nós, isso é muito normal. Faz parte de quem somos, de como vivemos, e acaba sendo uma consequência de nossas escolhas. – Vincent levantou o rosto para fitar o gramado atrás de nós. – O tempo pode passar de forma diferente se quisermos. Depende de onde estamos... em qual dos mundos estamos. Isso traz algumas complicações por longos períodos.

– O que você quer dizer? – perguntei, receosa.

Tentava absorver suas palavras com nitidez, e por seu tom de voz, sabia que algo perturbador seria revelado. Minha respiração oscilou... Para falar a verdade, tinha suspeitas de onde isso ia parar.

– Nasci em 1938. Mas, se você quiser saber minha idade biológica, tenho vinte e quatro anos.

Eu não estava respirando, com certeza isso era perturbador... Talvez não tão ruim quanto imaginei, mas ainda era difícil de aceitar. Meu cérebro girou em alguns segundos, fazendo uma conta rápida... inspirei com dificuldade e atirei as palavras de uma única vez:

– Meu avô nasceu em 1948. Isso quer dizer que você é dez anos mais velho que meu avô? – Estava ofegante de novo e Vincent revirou os olhos.

– Agora você entende porque preciso contar as coisas em doses homeopáticas? Olha seu estado. – Ele apertou de leve minhas mãos. – Respire, Melissa.

Eu respirei. Pausadamente. Uma, duas vezes, e encarei seus olhos turquesa que me avaliavam preocupados. Seria sempre assim, agora? Tudo que ele dizia iria me chocar? E a resposta era óbvia... Sim. Pois nada do que ele dizia era normal! E por que ele esperava que eu encarasse essas coisas de maneira

normal?

Vincent fitou meu rosto e continuou:

– Posso ter vivido tanto ou mais que seu avô, mas olhe para mim...

Pareço ter setenta anos?

– Magia. – A resposta automática saiu entre meu fôlego.

– Tenho vinte e quatro anos, Melissa. – Ele repetiu com voz firme, quase ofendido. – E sou real.

Concentrei-me em seu rosto perfeito, meu galã de filme antigo... Isso fazia total sentido agora, porque seu comportamento nunca foi atual. Respirei mais uma vez, voltando à normalidade. No fundo, acho que meu subconsciente esperava por algo assim e repetia para mim mesma que não era tão ruim.

– Mas... Como você pode ter vinte e... se... se... – Eu não conseguia repetir.

– O tempo passa de forma mais lenta no Mundo Mágico. Lá, a forma mágica é natural, por isso os princípios de tempo e matéria funcionam de forma diferente. Como nascemos deste lado, nosso corpo biológico não consegue acompanhar o tempo lá... – Ele parou com uma careta de dúvida. – É difícil calcular, mas podemos dizer que um ano no Mundo Mágico equivale a aproximadamente dez no Mundo Físico. – Vincent franziu os lábios. – passei muitos anos no Mundo Mágico. A maior parte deles, na Terra das Sombras.

Vinquei a testa, preocupada.

– Alice precisa ficar nesse lugar? – Fiquei ofegante novamente só de imaginar que minha irmã poderia estar condenada a permanecer criança para sempre.

Vincent apertou minha mão mais uma vez.

– Calma, Melissa! Respire, agora! – Eu obedeci. – Não. Ela não precisa ficar no Mundo Mágico. – Respirei mais calma. – Só se ela quiser – emendou. Vinquei a testa de novo. – Ela pode visitar, mas não precisa ficar. E não há problemas em apenas visitar. Eu passei muito tempo indo e vindo, por razões diferentes... E me perdi no tempo daqui. Mas não é assim para todos. Fiz escolhas erradas. – Ele pausou as palavras. – Mas hoje, vejo estas escolhas de forma diferente.

Abaixei a cabeça, fitando os degraus de pedra abaixo de nossos pés, e me dei conta de que tudo era diferente agora... Havia uma linha tênue entre a realidade palpável e as esquisitices desse outro mundo fantasioso. E eu estava sobre essa linha, me esforçando para não cair. Me esforçando muito para não enlouquecer. Levantei o rosto, decidida a compreender esse Mundo Mágico ou, ao menos, tentar compreendê-lo. Só assim poderia fazer alguma coisa por Alice. Só assim poderia conhecer o verdadeiro homem por trás dos olhos preocupados.

Aflito com meu silêncio, Vincent apertou de leve minhas mãos. Baixei os olhos mais uma vez, fitando nossas mãos unidas, e me concentrei em seu calor para ter certeza de que ele era real.

– Você não vai se transformar na lua cheia, virar monstro quando ficar nervoso nem derreter se for molhado... – Levantei os olhos, atenta a profundidade dos oceanos turquesa. – Vai?

Vincent dissolveu a tensão com uma gargalhada divertida. Encarei seu rosto, séria. Não havia motivo para ele rir das minhas angústias e apreensões. Afinal, ele era o conto de fadas aqui! Ele controlou o riso ao perceber que eu continuava muito séria; na verdade, quase indignada.

– Não sou o Hulk, Melissa. Muito menos a Bruxa Malvada do Oeste. Mas fico feliz por você conhecer o *Mágico de Oz*, também marcou minha infância. – Sustentando meus olhos, ele finalmente me deu uma resposta direta. – Não, Melissa, não vou. – Sua voz era suave e ele soltou uma das mãos para passar os dedos por meu rosto gelado. Senti o rastro de calor correr por minha pele e pisquei algumas vezes. – Por sorte não sou um monstro e não fui enfeitiçado. Apesar de ter nascido há algum tempo, sou apenas alguns anos mais velho do que você agora. Sei que isso não faz muita lógica para você, mas envelheço normalmente aqui. Apenas vivi mais.

– Não. Não faz nenhuma lógica – falei um pouco mais calma. E um arrepio correu meu corpo quando me deparei com o ilógico mais uma vez. – Mas é possível? Quer dizer... Ser um monstro em forma de homem ou ser enfeitiçado?

– Sim. É possível – disse calmamente, ainda me olhando nos olhos.

Sua mão ainda estava em meu rosto e ele o afagou mais uma vez, depois sorriu. Tentei sorrir também, e não consegui... Estava paralisada. Mas não era de choque, fiquei paralisada pela intensidade de seu toque. Vincent abaixou a mão de meu rosto e voltou a subir os degraus, ainda me apoiando. Paramos de frente para a porta de madeira e ele simplesmente a empurrou para entrar. Não estava trancada e concluí que não havia necessidade disso. Quem em sã consciência viria até aqui? Levantei meus lábios com um sorriso ensandecido... Eu.

– Seja bem-vinda! – ele disse ao cruzarmos a porta.

A casa de arquitetura contemporânea não possuía divisórias. O ambiente amplo, com paredes de vidro, estendia-se até a única parede de alvenaria, onde se acomodava uma cozinha separada do espaço amplo por uma bancada de madeira. Vincent me deixou na porta de entrada e andou na direção da cozinha. Parei, encabulada... observando. Ele parecia descontraído, mais relaxado, como ficamos quando chegamos em casa. Sim, essa era sua casa.

Girei o pescoço para medir a vasta sala iluminada. A luz do sol

atravessava o vidro, fazendo as sombras das árvores próximas dançarem no chão de madeira; não havia móveis, apenas duas banquetas solitárias encostadas no balcão da cozinha. Na outra extremidade, a parede de vidro se abria para um deck; fui em sua direção para admirar a vista e, no caminho, cruzei com outro monumento ao perigo... mais uma escada curva de degraus vazados. Sem corrimão. Aquilo parecia uma armadilha com meu nome.

– Por que você me trouxe aqui? – perguntei, intimidada. – Quer dizer, na sua casa.

– Quero que você confie em mim novamente e acho que um bom começo é mostrar quem sou. Além do mais, aqui é mais tranquilo, teremos privacidade – completou, sem jeito. – Posso responder às suas perguntas sem sermos interrompidos por elfos de fogo zangados.

Pensei por um minuto.

– Piro – concluí, e Vincent confirmou com a cabeça. – Então, ele é um... um...

– Elfo – ele completou automaticamente. – Piro cumpre uma punição do Conselho como ajudante na casa dos Von Berg, mas Aristela tem dificuldades para controlá-lo. E acho que só o atura por causa da irmã dele, Lume. Todos da casa se afeioaram àquela cabeça de fogo.

Concordei com a cabeça uma vez; estava ficando anestesiada com as revelações surreais e descobri que o segredo era não analisar o folclore no contexto da situação.

– Então, todos da casa são... algum tipo de... ah ... ser mágico. – Embora confusa, era uma afirmação. Ainda assim, Vincent achou melhor confirmar.

– Sim.

Ele fechou a geladeira e me espiou sobre o ombro... Ergui os lábios com um sorriso perturbado. Não queria parecer alarmada, mas Aristela e seu vestido de veludo faziam muito sentido agora. De fato, toda a visita de ontem tinha uma nova interpretação. Dei mais alguns passos na direção do deck, sentindo-me um tanto tola ao imaginar quantas coisas deixei escapar na visita ao palacete, e agora sabia que havia coisas muito diferentes daquelas que eles me mostraram. Coisas que, com certeza, Alice viu.

– Você quer chocolate quente? – Vincent perguntou da cozinha enquanto derrubava leite em duas xícaras altas com certa habilidade cotidiana. Assenti, espiando a cena de longe. Ele parecia tão normal fazendo aquilo e me peguei imaginando... Havia alguma coisa que Vincent não pudesse fazer? – Fica pronto em um minuto – disse, distraído.

Ouvi o som surdo de algo duro sendo cortado, depois ele mergulhou o que parecia um grande pedaço de chocolate em uma das xícaras. Acho que isso

respondia à minha pergunta.

– Você tem dons culinários?

– Poucos – resumiu, ainda concentrado nas xícaras. Deixei escapar um riso nervoso. – O que foi?

– Quando penso que você não pode mais me surpreender... Você se supera – balancei a cabeça, controlando minha expressão maravilhada. Vê-lo fazer coisas comuns abriu um leque de possibilidades que me deixou ainda mais nervosa.

– Sou bom em surpreender – completou provocador. Ele girou o corpo para colocar a xícara dentro de um pequeno micro-ondas sobre a pia... Ri novamente ao assimilar a cena.

– Um mago precisa do micro-ondas para fazer chocolate quente?

– Um mago moderno? Sim. Os antigos fariam num caldeirão de cobre – respondeu, rabugento. Eu me virei para o deck da varanda, satisfeita por conseguir provocá-lo.

O vento gelado varreu meu rosto... Queria ir lá fora admirar a vista, mas a brisa fria da manhã de outono me desmotivou. Recuei um passo. Teria que me conformar com a paisagem além da vidraça, que, ainda assim, era de tirar o fôlego. Estávamos realmente no topo! Além do gramado à frente da casa, podia ver uma série de montanhas menores, como um imenso tapete verde, todo enrugado. E bem longe, do outro lado do vale, nuvens baixas interrompiam minha visão. Não havia lugar mais perfeito para se construir uma casa.

Antes que decidisse se valia a pena encarar o vento gelado pela paisagem, ouvi o bip do micro-ondas.

– Seu chocolate está pronto! – Vincent informou do outro lado da sala.

Suspirei para a vista perfeita enquanto me virava para encontrá-lo... E tomei um susto ao encarar uma xícara fumegante bem à minha frente. Meus braços esbarraram no objeto flutuante durante o reflexo de me proteger do obstáculo na linha dos olhos, a xícara tombou no ar. Soltei um grito involuntário quando o líquido quente voou na minha direção. A louça encontrou o chão aos meus pés, partindo-se em alguns pedaços... Não consegui escapar do banho de chocolate e agradei por estar de agasalho. O líquido quente não chegou a me queimar, mas encharcou minha blusa.

– Ah... Vincent!

– Você se machucou? – perguntou, exasperado, correndo ao meu encontro.

– Não – informei aborrecida, olhando minha roupa arruinada. – Mas... Ah... Droga, Vincent! Você não podia usar as mãos?

Pelo visto, o universo sarcástico não me esquecia.

– Desculpe. – Ele riu. – Mas você também podia ter usado as mãos.

Lancei um olhar mortal para o mago que se divertia com a cena e, usando a ponta dos dedos, afastei a camiseta melecada de chocolate da minha pele.

– Você precisa parar de me surpreender com seus truques. Não é engraçado. – Também queria rir da situação, mas o encarei séria. Não ia dar o braço a torcer.

Com cuidado e sua ajuda, tirei o agasalho que também estava grudento. Não queria sujar meu jeans, que parecia ser a única peça de roupa intacta.

– Isso não é truque. É o controle da matéria pela mente... E foi você quem me provocou há um minuto com a história do micro-ondas – disse com humor. Seu sorriso se expandiu descontraído, reluzente, como no dia de nossa corrida no jardim dos Von Berg. Suspirei, contemplando. Vincent largou meu agasalho melado no chão junto com os cacos da xícara e avaliou minha camiseta encharcada de chocolate. – Venha, é melhor colocar algo limpo antes que as formigas da montanha encontrem você.

– Que formigas? – perguntei com a voz aguda, imaginando aberrações de oito pernas com dois metros de altura.

Vincent me espiou por cima dos ombros e desta vez, não conteve a gargalhada. Fuzilei suas costas com os olhos... Como poderia saber o que era fantasia e o que era realidade sem um catálogo de seres míticos?

Ele tomou minha mão, conduzindo-me pela sala vazia até a escada ameaçadora que levava ao segundo andar. Depois do último degrau, meu queixo caiu. O andar de cima também era um espaço único, amplo, mas muito mais claro. Sem as sombras das árvores, a luz atravessava o ambiente, deixando um brilho amarelado no ar. Vincent soltou minha mão e parei imediatamente. Encabulada, eu o observei desaparecer pela única porta na parede de alvenaria, que ficava exatamente acima da cozinha. Medi cuidadosamente a estante repleta de livros, que ocupava todas as suas dimensões... até meus olhos notarem a luxuosa mesa escrivaninha de aparência antiga. Em cima dela, um notebook de última geração. Extremos. Alguns livros estavam amontoados em pilhas sobre a mesa e outros, no chão; uma manta violeta descansava nos braços da cadeira de veludo, ao lado de uma jaqueta conhecida... Ainda mais encabulada, percebi que esse era um lugar privado da casa.

– Venha. – Vincent chamou da porta e fui encontrá-lo, corando. Ele entrou no que concluí ser um closet e eu me detive no corredor, espiando. À minha frente, outra porta; algo mais chique que um banheiro... Ele voltou do closet com uma expressão apreensiva. – Desculpe por não lhe oferecer opções, mas não tenho muitas roupas aqui. Esta está limpa. – disse, estendendo-me uma camisa chumbo de mangas compridas. Olhei longamente para o tecido em suas

mãos... e ele limpou a garganta com um som rouco. – Sinto muito, cores escuras se tornaram um hábito – disse, encabulado. Peguei a camisa sentindo meu rosto queimar. – Fique à vontade... Vou aguardar lá embaixo.

Vincent passou por mim com dificuldade e caminhou sem olhar para trás. Ouvi seus passos desaparecerem na escada e só depois me virei para encarar o que deveria ser o banheiro. Meu queixo caiu pela segunda vez. O cômodo de tamanho considerável era revestido de mármore preto, detalhes em prata davam o habitual toque intimidador e uma notável banheira vitoriana completava a elegância do que, com certeza, era um banheiro. Reparei em algumas peças de roupa amontoadas sobre um pufe no canto, nos vidros de toalete que se alinhavam na bancada da pia, apertei a camisa dele em minhas mãos... Olhei em volta mais uma vez, não sabia por onde começar.

Enquanto eu me limpava, imaginei uma forma de provar a mim mesma que tudo isso não era um sonho. Vesti a camisa de Vincent e seu perfume me tomou como uma onda de prazer... Amadeirado, levemente cítrico. Hum. Procurei o espelho e ri ao reparar no tamanho da camisa. Foi necessário dobrar as mangas quatro vezes para ter as mãos livres e, na última checada no visual, não pude deixar de notar o tom rosa em minhas bochechas. Expulsei o ar, inconformada. Ajeitando meus cabelos atrás das orelhas, prometi a mim mesma que iria prestar mais atenção, tentar ser menos distraída... Menos Melissa. Suspiro.

Saí do banheiro observando tudo com cuidado, estava mais próxima do verdadeiro Vincent do que jamais imaginei. Passei pela escrivaninha e reparei no meu antigo iPod, conectado ao seu computador. Balancei a cabeça, não conseguia visualizar Vincent ouvindo minha *playlist* de rock alternativo. Antes de descer a escada, espiei de maneira furtiva duas silhuetas escuras na outra extremidade da sala... Encostada na parede de vidro, uma lareira de ferro fazia par com uma enorme chaise preta de aparência confortável. Entre elas, almofadas em tons variados de roxo dividiam o chão com mais livros, despreocupadamente esparramados. Esse lugar tinha mesmo cara de refúgio.

Desci os degraus com cuidado excessivo, contendo o sorriso insistente, e parei no último degrau, procurando... Encontrei a silhueta vestida de preto no deck de madeira da varanda. Vincent me acompanhava com os olhos, a expressão petrificada. Talvez por perceber o perigo desta escada para alguém como eu. Caminhei ao seu encontro e a intensidade de seu olhar só aumentava... senti o rosto queimar. Se estava rosa antes, imaginei que agora poderia me misturar às almofadas do chão no andar de cima.

– Sei, está grande... Com um cinto, faço um vestido! – resmunguei irônica.

– Está perfeito – ele retrucou, a voz ronronada e cadenciosa.

Seu olhar continuava intenso demais e o elogio foi sincero demais, não estava preparada para isso. Senti o calor do meu rosto correr para o pescoço, ainda mais forte, e agradei por ter metade da sala entre nós...

– Onde posso deixar minha roupa para secar? – perguntei sem jeito, levantando a camiseta suja em minha mão.

– Coloquei seu agasalho na lavadora. – Ele sinalizou a cozinha e minha boca se abriu, surpresa... Vincent lavava as próprias roupas? – Você pode acrescentar sua camiseta na lavagem. Ou, se preferir, pode ficar com minha camisa.

– Se não for incômodo, prefiro lavar minhas roupas – falei, abobada. Aos tropeços, tentei encontrar o caminho para a cozinha.

Com um pouco de concentração, localizei o adendo ao lado da cozinha, onde havia uma lavadora de aço escovado... uma dois-em-um, lavadora e secadora. Mais uma vez, prático demais para um mago. Espiei sua silhueta na outra extremidade da casa e achei estranho Vincent não me acompanhar; sendo um cavalheiro mandão, era de se esperar que estivesse ao meu lado, conduzindo tudo... mas agora ele parecia muito concentrado na paisagem além do deck. Adicionei minha camiseta dentro do tambor e fechei a porta; quando ela começou a encher, eu me afastei. Passei pela bancada da cozinha e sorri de leve ao notar duas xícaras sobre o balcão, intactas e cheias de chocolate. Mas meu sorriso esmaeceu quando voltei os olhos para Vincent, ainda no deck da varanda, de costas para mim... Este poderia ser o sinal de mais uma mudança brusca de humor. Cruzei a sala vazia, um pouco apreensiva, sem saber o que esperar desse homem inconstante. Ele não se virou e resolvi investigar.

– Vincent? – Ele não respondeu. Nada bom. Reuni minha paciência para mais uma tentativa: – Estou curiosa... Por que tanto vidro?

– Ele me lembra todas as manhãs como a luz é poderosa. Como ela espanta as trevas – disse, ainda de costas, concentrado na paisagem. Sua resposta pareceu melancólica, mas sua voz soou tranquila, então... estava tudo bem.

Soltei o ar, relaxando.

– Adorei esse lugar. É lindo. – Dei um passo à frente, cruzando a porta de vidro.

Vincent finalmente virou para me recepcionar, seus cabelos negros balançaram com o vento e seus olhos brilharam claros, como o céu azul acima de nós... Ele prendeu meu olhar e fiquei instantaneamente maravilhada.

– Na verdade, acho que este lugar é perfeito – corrigiu com voz aveludada.

Eu tropecei... Meu tênis enroscou na ponta de alguma tábua solta e dei

um passo bambo para frente. Vincent me segurou e me apoiei em seus braços, desajeitada.

– Sabe, nestes últimos dias cheguei à conclusão de que seu destino é tropeçar no meu caminho – falou com um sorriso.

– Muito engraçado, mas eu só tropeço porque você cria oportunidades – falei firme, tentando não ficar nervosa com nossa proximidade. – Não fui eu quem deixou tábuas soltas. – finalizei, me endireitando.

Ele ampliou seu sorriso e soltou um dos meus braços para pegar uma mecha de cabelo que caía em meu rosto, com um movimento lento, a colocou atrás da minha orelha. E deixou a mão ali... Em meus cabelos.

– Isso pode ser verdade, mas esperava que você chegasse a outra conclusão. E, se me permite, gostaria de corrigir a frase... Eu *sou* seu destino.

Vincent esticou os dedos, roçando-os em minha nuca, e um arrepio de calor correu meu corpo. Meus olhos ficaram presos nos dele enquanto mergulhava nas águas cristalinas e profundas dos oceanos turquesa. Reconheci aquele olhar... Olhos brilhantes e decididos. Meu coração parou com um solavanco, eu não estava respirando. Só havia silêncio. Ele escorregou a outra mão por meu braço, até minha cintura, trazendo-me para mais perto. Senti meu corpo se aproximar do dele e meu coração explodiu no peito, frenético e descompassado. Minha respiração voltou ofegante, seu perfume tomou minha garganta e me concentrei em sua boca rosada... Não havia mais volta.

Com a mão firme ele inclinou levemente minha cabeça, levantando meu rosto. Sua respiração acelerada tocou minha pele, mas seus movimentos ainda eram vagarosos. Vincent parecia cauteloso, e parou. Os lábios a um centímetro dos meus. Assistindo sua hesitação, levantei meus olhos para encontrar os dele e, de alguma forma, isso foi suficiente. Com uma última expiração, seus lábios tocaram os meus... quentes, firmes e decididos. Fechei meus olhos, queria sentir essa nova sensação de todas as maneiras possíveis. O calor de seus lábios se movendo nos meus, seu sabor em minha boca, seu perfume tomando meus sentidos, suas mãos me trazendo para mais perto. Eu não existia mais, não éramos dois, apenas um. Sentindo e desejando de maneira igual. Enérgica, decidida... urgente.

Estava surpresa com sua intensidade, mas não poderia estar mais feliz ao entender que esse desejo não era só meu. Subi minhas mãos por seus braços para mergulhar os dedos em seus cabelos, entregando-me ao calor do beijo. Vincent deixou uma mão em meu pescoço e fechou o outro braço ao meu redor com um aperto esmagador. Como que para garantir que eu não iria fugir. Mas jamais fugiria disso... Nunca senti nada tão forte. Tão intenso. Estava ofegante, sentindo o coração pulsar nos ouvidos e, ainda assim, não queria interromper esse beijo

tão esperado. Ele também estava ofegante, mas não desgrudou os lábios dos meus por mais de dois segundos, entre uma respiração e outra. Pela primeira vez dividimos essa necessidade de sentir o outro, no toque, no calor, ou simplesmente, no torpor dos sentidos.

Depois de um momento imensurável os beijos se tornaram mais suaves, menos urgentes, mas ainda intensos. Vincent subiu as duas mãos para meu cabelo e o acariciava enquanto beijava delicadamente meus lábios, minhas pálpebras, meu nariz e por fim, minha testa. Neste último beijo ele se demorou, deixou seus lábios ali e abaixou os braços, envolvendo-me mais uma vez. Escorreguei minhas mãos por seu pescoço até me aninhar em seu peito, satisfeita por ele ser grande demais. Vincent inclinou o rosto em meu cabelo e me apertou contra seu peito, senti as batidas galopantes do seu coração em meus ouvidos e afundei o rosto em sua camiseta só para respirar fundo. Seu perfume concentrado invadiu meu nariz, seu gosto ainda estava em minha boca, seu calor me envolvendo... Fechei os olhos mais uma vez, intimamente feliz, o mundo externo não existia mais. Nesse momento, Vincent era meu.

Ficamos em silêncio por uma fração de tempo indeterminada. A presença do tempo não tinha nenhum significado agora. Quando a brisa soprou gelada, agitando meus cabelos, Vincent me apertou ainda mais, de forma protetora, como certa vez desejei... mas eu não sentia frio. Nunca mais sentiria frio, ao lado dele.

– Obrigada – falei com a voz abafada em seu peito, simplesmente agradecida por ele estar ali.

– Eu que agradeço por você continuar aqui – ronronou, dividindo os mesmos pensamentos comigo.

– Não vou fugir de você. – Me afastei, levando a mão até seu rosto, um toque despreocupado e permitido, que desejei por tanto tempo.

Vincent me encarava com aquele olhar decidido enquanto eu acompanhava sua sobancelha grossa com a ponta dos dedos, lentamente, lembrando a primeira vez que desafiei o olhar turquesa, que ainda me fascinava. Deslizei os dedos por suas pálpebras, fechando seus olhos, e ele obedeceu meu comando, depois contornei a curva de seu nariz perfeito, a linha superior de seus lábios... Eles se abriram levemente com meu toque e precisei me concentrar. Afaguei as maçãs de seu rosto, sentindo a pele macia, lisa e perfeita. Por fim, ergui uma mecha cor de carvão, acomodando-a entre seus cabelos sedosos. Com um suspiro satisfeito, escorreguei a mão até sua nuca e deixei meus dedos ali, brincando com seus fios. Vincent permaneceu de olhos fechados e pude admirar o rosto perfeito do homem que eu acabara de beijar. Muitas vezes.

Um sorriso convencido tomou meu rosto, porque eu poderia fazer isso de

novo. O galã misterioso estava ao meu alcance! E, embora tudo isso parecesse fruto da minha imaginação, seus beijos eram a prova de que ele era real... Meu coração voltou a pulsar frenético. Nesse momento meu maior desejo era poder congelar o tempo... E percebi que me afastar dele seria algo mortalmente doloroso, como arrancar meu coração com as mãos. Porque era lá que ele estava e seria insuportável ficar longe dele, de seu toque, de seus beijos. Como em uma explosão, um calor avassalador tomou meu peito, me fazendo arfar. Mas não era o habitual deslumbramento, era mais intenso. Esse calor aqueceu meu coração gelado e se espalhou por meu corpo em ondas de serenidade, preenchendo cada fissura, aplacando cada tristeza. E entendi que estava amando.

Agora eu precisava desse homem para me sentir inteira, para me sentir em paz. O curioso é que essa sensação de alguma forma não era nova. Esse calor em meu peito sempre existiu, perto dele, e agora apenas se intensificou. Então, eu já amava Vincent?

Fitei o homem de olhos fechados à minha frente. Nos últimos tempos ansiei por sua companhia, confiei em sua proteção, me preocupei com ele, sofri com sua tristeza e fiquei feliz apenas por vê-lo sorrir. Nossos pensamentos caminhavam em sincronia e, para elucidar minhas dúvidas, tive a prova de que nossos desejos eram os mesmos. Sim, eu já amava esse homem. Suas qualidades inacreditáveis e seus defeitos irritantes. Sua beleza interna e externa. Vincent podia ser imperfeito, mas era sua imperfeição que me fascinava, foi por ela que me apaixonei. E não queria mais ficar longe dele.

Uma necessidade urgente tomou meu corpo... Precisava senti-lo, crer que ele me pertencia, queria demonstrar meu amor, com minha alma. Com a mão apoiada em seu pescoço, tomei impulso, levantando-me na ponta dos pés para alcançar sua boca. Toquei seus lábios quentes com os meus, docemente, e a reação de Vincent foi imediata. Ele me puxou para seus braços e respondeu meu beijo com intensidade, como se sua alma compreendesse meu gesto e aceitasse meu beijo delicado como a declaração sincera do meu amor.

Mas, inesperadamente, ele interrompeu o beijo perfeito. Afastando-se alguns centímetros, Vincent segurou meu rosto entre as mãos, concentrando-se em meus olhos.

– Todo esse tempo tive dúvidas sobre o que sentia... Não conseguia entender essa tempestade em meu peito sempre que estava perto de você. Mas está tudo claro agora. Eu te amo.

Vincent não esperou minha resposta e me puxou para mais um beijo de tirar o fôlego. Cruzei os braços em seu pescoço, me equilibrando na ponta dos pés para me entregar a essa vontade urgente de sentir seus lábios nos meus. Depois, ele me abraçou daquele jeito, como se não quisesse me ver fugir. Mas,

desta vez, senti o mesmo medo e também o apertei com força, esmagando meu corpo contra o dele. Sabia que a força dos meus braços não seria suficiente para mantê-lo ao meu lado, mas não me perdoaria por deixá-lo escapar. Agora eu era a mulher mais feliz do mundo, de todos os mundos, e não desistiria da minha felicidade. Passaria por tudo novamente, lágrimas, brigas e mágoas... Não mudaria nada até esse momento. Apenas para ouvir estas três palavras do homem que desejava com minha alma.

– As coisas estão claras para mim também – falei em um sussurro contra seu peito.

Com um gesto amoroso, Vincent beijou meu cabelo, apertando-me ainda mais.

– Agora eu sei.

Estava sufocando, mas não podia estar mais feliz. Sentir o calor do homem que amava era tudo de que precisava para me esquecer de respirar.

Revelações

Vincent afastou os cabelos da minha nuca para beijar meu pescoço. Uma... duas vezes.

– Você tem ideia de como estou feliz agora? – perguntou, soprando as palavras em minha pele. Eu me arrepiei.

– Se for parecido com o que estou sentindo... Tenho, sim.

– Não posso crer que seja igual. Eu quase a perdi, diante dos meus olhos – disse, amargurado. – E você não imagina como me senti sem vida naqueles poucos segundos da sua queda. Nunca teria me perdoado se... – Ele me apertou em seus braços novamente, pressionando os lábios em meu pescoço. Ia entrar em hipóxia, mas não me importava. – Eu submergiria na escuridão e não seria suficiente. Mesmo que vivesse a eternidade em tortura, nada seria pior do que a dor de não ter tido uma chance... de ter você, assim, em meus braços.

Levantei o rosto e minhas mãos foram direto para sua boca, segurando as palavras de tortura e pesar. Não era o momento para elas. O momento era de alegria, de descobertas. E queria me lembrar dele assim.

– Pare, Vincent. Esqueça. Estou aqui... Não é isso que importa? – Ele levantou os lábios, sorrindo em minhas mãos, reconhecendo suas próprias palavras ditas em outra ocasião. Com um tom mais sério, continuei. – Não vou a lugar algum, vou ficar aqui, com você.

– E espero que continue, mas sei que, em algum momento, você vai se assustar comigo... Com meu mundo. E vai pensar em desistir. Acho que estou assombrado com a imagem de você fugindo de mim.

– Não vou negar que há motivos de sobra para fugir. – Ri com ironia, me lembrando da noite no bistrô. – Mas fique tranquilo, já estou preocupada comigo mesma por não querer fugir. – Ele franziu a testa e ri mais uma vez. – Eu já sei muita coisa, Vincent, e imagino boa parte do resto. Você, sua família, os personagens fantásticos... As labaredas de fogo. – Ele riu. – Se você me contar a verdade e dividir seu mundo comigo, eu aguento. Prefiro me chocar com a verdade assustadora desse Mundo Mágico do que ser protegida pela mentira do mundo seguro e real. – Fixei meus olhos nele – Não gostaria que escondesse mais nada de mim.

Vincent ficou pensativo e isso me preocupou. Percebi que ele estava pensando no terceiro caminho, que para ele era o mais seguro: a omissão.

– Gostaria que entendesse... Incluí-la em meu mundo seria uma grande imprudência. – Ele alisou meu cabelo, arrumando os fios revoltos atrás da minha

orelha com movimentos delicados, observando meu rosto. Não escondi minha decepção. – Não me olhe assim, Melissa. Mesmo com sua coragem, seria melhor evitar os perigos. E conheço seu gênio, não pretendo brincar com as possibilidades desastrosas. No Mundo Mágico, isso pode ser mortal.

Incluir meu temperamento de pavio curto e minha habitual atração a desastres na conversa foi golpe baixo. Afastei-me dele com cara feia e Vincent afagou meu cabelo mais uma vez, pensativo.

– Estou deixando meu egoísmo superar o bom senso e não pretendo cometer mais deslizos. Não quero que você corra riscos desnecessários. Ao contrário do que a maioria imagina, não há nada de gracioso ou inocente na magia. A fantasia que você imagina, com seres frágeis e inofensivos, cobertos de purpurina, só existe nos livros infantis. Além disso, há muitas coisas em meu mundo que fariam sua certeza de ficar comigo se perder no caminho.

– Por que você não tenta confiar em mim? – Cobrei, e ele pareceu perturbado. – Ninguém disse que vai ser fácil, Vincent, mas alguma coisa foi fácil até agora?

– Estou tentando, Melissa... Por isso a trouxe aqui. Tinha planos de fazer isso suavemente, mas nada saiu como o planejado. Bom, quase nada. – Ele encurtou a distância entre nós. – Agora percebo como é difícil me manter concentrado ao seu lado. Por mais determinado que esteja, você sempre vence minhas barreiras. E embora fique cada vez mais difícil pensar racionalmente com essa tempestade em meu peito, vou insistir sobre as doses homeopáticas.

Sorri timidamente. Sua declaração de que eu, a comum Melissa Wels, era capaz de desconcentrar um mago intimidador, fez um misto de satisfação e orgulho borbulhar em meu peito. Encarei os olhos turquesa e os vi faiscando, agora compreendia que essa era a manifestação do seu desejo. Isso me fez sentir ainda mais poderosa, quase invencível. Não resisti e me rendi a essa nova conquista, envolvendo-o com um beijo poderoso. Com uma arfada, eu me afastei, divertindo-me com sua expressão atordoada.

– Tudo bem... – Enchi meus pulmões com seu perfume. – Concordo em receber informações fracionadas sobre o Mundo Mágico, mas só porque sei que há muita coisa. E, admito, fico arrepiada só de imaginar o que está por vir. – Fiz uma careta quase involuntária e Vincent esboçou um sorriso. – Pode não ser hoje, Vincent, mas quero saber tudo sobre você e seu mundo. As coisas boas e ruins. Sempre.

Ele não respondeu, apenas beijou minhas mãos, depois as envolveu com as dele. Esperava que seu gesto fosse uma confirmação de minha exigência, mas também estava afetada o suficiente com sua presença para esquecer a importância do assunto.

– Você está gelada de novo... – Ele me olhou desconfiado. – Está com medo?

– Não. – Corei. – Acho que é a emoção.

Vincent abriu um sorriso charmoso e me conduziu para o abrigo da casa.

Caminhamos de mãos dadas e ele deixou aflorar seu melhor lado cavalheiro, realizando as mais variadas gentilezas. Tirou o cabelo do meu rosto por mais de uma vez, puxou a banquetta da cozinha para eu me sentar, beijou minha testa e ofereceu mais uma xícara de chocolate quente... com as mãos. Como alguém tão coraçoado poderia esconder tamanha delicadeza? Suspirei, contemplativa, e tive a certeza de estar ao lado da sua melhor versão do gatinho manso. Nós nos fitávamos entre as goladas de chocolate, em silêncio, mas minha cabeça flutuava com mil perguntas.

– Vá em frente... pergunte – ele disse com um sorriso duvidoso. – Ou suas perguntas vão acabar sufocando você e não quero vê-la engasgada.

Ri, envergonhada. Vincent parecia me conhecer melhor do que eu imaginava.

– Há quanto tempo você sente essa confusão de sentimentos por mim?

– Não sinto confusão nenhuma, Melissa. Agora, sei muito bem o que sinto por você.

Ele deixou a xícara no balcão e esticou a mão para acariciar meu rosto.

Engoli em seco, precisava me acostumar com isso.

– Então vou reformular a pergunta... Quando você sentiu a confusão de sentimentos por mim pela primeira vez?

– Muito antes de te conhecer – falou com um sorriso misterioso. Franzi a testa, confusa. – Mas isso se consolidou em nosso segundo encontro, na prefeitura. Naquele dia, você me enfeitiçou por maneiras que eu nem imaginava existir. – Seus olhos brilharam, sedutores, e precisei me esconder atrás da xícara para disfarçar meu rubor.

– Não tenho todo esse poder – murmurei com os lábios na xícara, lembrando-me de todas as vezes que *ele* me deslumbrou. – Mas... Espera um pouco. Você disse, na prefeitura? – Lembrei rapidamente dos nossos outros encontros: na Revendedora de meu avô, na Casa Botânica, sua carona... o jantar da cidade – Se você já sentia algo por mim, por que me tratava tão mal?

Levantando-se com agilidade, Vincent retirou a xícara de minhas mãos para me envolver em seus braços.

– Desculpe se fiz ou disse algo que a ofendeu. Sei que posso ser naturalmente desagradável e não tenho justificativas para meu comportamento. Mas gostaria que entendesse como fiquei confuso com sua chegada. Com tudo que estava acontecendo...

Vincent falava apressado em meus cabelos e desfiz seu abraço, fazendo-o se afastar.

– Então me conte esse *tudo* desde o começo. – Exigi, deslizando os dedos por seu rosto. – Quem sabe assim eu o perdoo.

Ele sorriu, entendendo que já estava perdoado há muito tempo.

– Você concordou com as doses fracionadas, Melissa – começou, e fixei meus olhos nos dele, afagando seus cabelos enquanto me aproximava. Se podia realmente exercer alguma influência sobre aquele homem, era hora de testá-la. Estiquei-me para roçar meus lábios nos dele, depois pisquei devagar... Isso era o melhor que podia fazer para tentar seduzi-lo de propósito. Vincent fechou os olhos por um segundo e suspirou em meus lábios. Quando os abriu, estava sorrindo. – Você é terrível, sabia? Os demônios das sombras são anjinhos perto de você.

Não sabia se *demônios das sombras* era algum tipo de linguagem figurativa, e não quis pensar a respeito. Apenas sorri, o mais convincente que pude.

– Muito bem. Recebi um aviso de sua chegada pelo Espelho de Nereu e...

– Espelho de quê? – perguntei, interrompendo-o. Vincent franziu a testa com uma expressão frustrada; deixando claro que seria difícil contar alguma coisa com minha ansiedade questionadora interrompendo-o a cada detalhe. Pelo visto, teria que encontrar minha paciência budista para suportar as doses homeopáticas. – Desculpe. Continue, por favor.

Ele balançou a cabeça e sorriu condescendente.

– O Espelho de Nereu é uma espécie de oráculo familiar. Ele mostra imagens de acontecimentos importantes, sempre relacionados à família a que pertence. É um tipo de herança mágica e a maioria das famílias do meu mundo possui um. O meu pertenceu à minha mãe... Quando tivermos oportunidade, mostro a você. – Concordei com a cabeça e ele continuou, um pouco hesitante – Sua imagem apareceu no meu espelho dois dias antes de sua chegada, e, nesse tempo, tentei entender o que me ligava a você. Sendo um aviso, sabia que era importante, mas não podia imaginar que me apaixonaria por você – completou, incrédulo.

Abaixei os olhos, minha autoestima escorregando montanha abaixo. Vincent percebeu a gafe e se adiantou para beijar minha testa.

– Eu não estava preparado para viver isso, Melissa. Acho que nunca estive.

– Está tudo bem. Também acho seus sentimentos por mim um mistério... e, se visse *isso* – indiquei a mim mesma com uma careta – em meu futuro, também iria duvidar.

– O que sinto não é nenhum mistério e você deveria saber; afinal, seus encantos foram espalhados por toda a vizinhança. – Vincent acariciou meu rosto da testa ao queixo com uma expressão travessa e abaixei os olhos mais uma vez, corando. – Mas o espelho não mostra o futuro... É um pouco mais complicado. – Juntei as sobrancelhas e mordi o lábio, perdida mais uma vez. – O futuro não é certo como você imagina, decisões tomadas no presente podem alterá-lo. Está em nossas mãos o poder para alterar essas visões de futuro.

– E como você sabia da Alice? Ela também apareceu em seu espelho? – Soltei a pergunta num jato e depois apertei os lábios dramaticamente. Vincent riu.

– Não. A imagem de Alice apareceu no espelho de Aristela. Mas isso é fácil de interpretar: sua irmã é uma maga com problemas e eles são os representantes do Conselho Mágico. De qualquer forma, isso foi depois... Eu já observava sua presença na cidade e havia tropeçado em você algumas vezes quando descobri que Alice era sua irmã. Isso me confundiu. Você poderia ser um aviso, por estar ligada a ela, aos problemas dela. Não consegui encontrar outra conexão entre nós. Até que... – Ele se interrompeu, pensativo, e levantou a mão até meu rosto. Desta vez segurei sua mão, esperando que continuasse. – Até que reconheci você – falou com um sussurro, muito mais suave que seu habitual ronronar.

Balancei a cabeça, isto ficava cada vez mais confuso.

– Fiz parte do seu passado, Melissa, e só me dei conta disso no dia da sua queda, no Mirante.

Libertei sua mão e permaneci em um silêncio entorpecido, concentrada seus olhos que começavam a escurecer. Vincent afastou meus cabelos do pescoço e, hesitante, tocou a cicatriz atrás da minha orelha com a ponta dos dedos. Arregalei os olhos ao colocar minha mão sobre a dele... O calor de seus dedos criava uma sensação desconfortável ali, uma queimação sob a pele da cicatriz. Eu queria perguntar como nos conhecíamos, mas uma memória borrada brotou em minha mente. Dor.

– Você fez isso? – Minha voz embargada saiu num sopro.

Ele me abraçou e congelei em seus braços.

– Não – murmurou em meus cabelos. Respirei de novo. – Mas conheço quem fez e fui o culpado por isso ter acontecido com você. – A voz grave soou fria.

Afastei-me lentamente e já sabia o que ia ver antes de encarar seus olhos: escuridão violeta. Milhões de perguntas giravam em minha cabeça, mas minha prioridade era aplacar a dor em seu rosto, que me torturava também.

– Está tudo bem, Vincent. Seja o que for, já passou. – Eu o acalmei,

deslizando os dedos pela lateral de seu rosto.

– Esse é o problema, Melissa. – Ele afastou minha mão. – Isso nunca vai passar. Não vai porque faz parte de quem eu sou. E as escolhas que fiz no passado sempre vão voltar para me assombrar. Como sua cicatriz. – Vincent tocou minha cicatriz mais uma vez e suspirou pesadamente, parecia em conflito. – Você precisa conhecer outra parte desta história, para entender que a dualidade faz parte do nosso mundo assim como faz parte do seu. E, no Mundo Mágico, há fronteiras bem definidas para quem escolhe o caminho das sombras, a Terra das Sombras. Eu segui esse caminho. Influenciado por minha linhagem, por minha ambição, pelo desejo de vingança... Não importam minhas justificativas, está feito. O que importa é: não pretendo ser tão impulsivo em minhas decisões no futuro.

Seu rosto e seu olhar eram de uma intensidade dolorosamente torturante, e entendi que a decisão de mudar ainda era uma batalha dentro dele. Concordei com a cabeça, incentivando-o.

– Ninguém nasce totalmente mau ou completamente bom... Mas, para quem carrega dons mágicos, independente de sua origem, controlar os desejos é um desafio que enfrentamos desde cedo. Por isso temos as regras do Conselho. – Ele fechou os olhos por um instante. – Ainda assim, ninguém vai interferir em nossas escolhas. Entendemos que o livre-arbítrio foi concedido a todos por uma força muito superior a qualquer poder da terra, e esse é nosso dom mais precioso. – Seus olhos se fixaram no chão, desviando do meu rosto. – As pessoas escolhem ser boas ou más, e essa é uma escolha que continuamos a fazer por toda a vida, todos os dias. Desde as pequenas até as grandes decisões.

Vincent ainda fitava o chão e, quando levantou os olhos, eu tremi. Aquele não era um olhar que eu conhecia. Muito longe dos olhos turquesa e muito mais nebuloso que os olhos violeta. Esse olhar expressava apenas uma coisa... escuridão.

Engoli em seco, atenta ao seu discurso, certa de que esta seria a visão mais verdadeira do Vincent misterioso que queria tanto conhecer.

– Disse a você que não tive uma educação ortodoxa... – Sua voz era um murmúrio grave, e segurei a respiração. – Meu pai fazia parte do Conselho da Tradição junto com Nicolau, e morreu durante uma expedição às fronteiras do Mundo Mágico perto da Alemanha. Sua morte não foi esclarecida e, como nossa linhagem descende de seres sombrios, isso trouxe muitas desconfianças... Sua lealdade foi rapidamente esquecida e ficou claro que, no fundo, todos suspeitavam de suas intenções. – Ele soltou os ombros. – Por herança, podemos controlar a força das sombras. Isso causa medo, mas também aguça a cobiça de muitos magos que almejam o poder. Meu pai foi uma vítima, eu garanto, e

embora não o tenha conhecido, posso jurar por isso. – Vincent cerrou o punho sobre a perna. – Eu era um bebê quando tudo aconteceu. Minha mãe estava assustada e decidiu se refugiar com amigos. Pediu ajuda a Nicolau e ele nos acompanhou até a França, onde fomos acolhidos pela família de Aristela. Foi assim que Nicolau e Aristela se conheceram. Armand e eu fomos criados como irmãos; éramos impossíveis juntos... e inseparáveis. – Ele levantou os lábios em resposta à memória e soltei o ar, surpresa. Lembrei-me de imediato do sobrenome de Armand... Poe. Como Aristela. Era isso que estava deixando passar no bistrô; Armand era filho de Aristela! Vincent fingiu não perceber meu choque. – Confesso que arrumamos muita confusão juntos, nos misturamos a todo tipo de seres mágicos, a maior parte deles de conduta duvidosa... Foi em uma destas travessuras adolescentes que conheci Ludwig.

Vincent respirou longamente e entendi que esse era o ponto crucial da história. E, pelo visto, difícil de recordar.

– Ludwig também é um mago das sombras, como meu pai e eu, e parecia ser tudo aquilo que eu e Armand almejávamos... poderoso, audacioso, invencível. Ele afirmava que a linhagem das sombras era poderosa demais para ser contida, que os outros magos nos invejavam por isso e sempre encontrariam uma maneira de nos perseguir. Esta era sua justificativa para não ser tolerante, para impor sua vontade. Ludwig me afastou de Armand e inflamou minha revolta juvenil. Ele queria que eu fosse seu discípulo e fiquei tentado a aceitar, mas não poderia... Jamais deixaria minha mãe sozinha. Mas, quando ela morreu, Aristela e Nicolau não conseguiram me convencer do contrário. Eu parti com Ludwig para a Terra das Sombras.

Vincent apertou os olhos com amargura. Queria confortá-lo e, acanhada, levantei minha mão para um carinho seus ombros. Mas, quando ele abriu os olhos, eu recolhi minha mão. Confesso que me assustei com o que vi. Sombra, amargura... vingança.

– Eu estava fascinado pela promessa de controlar o que e quem eu quisesse, desenvolvi meu poder ao lado dele... e, quando a verdade apareceu, descobri que não controlava nada. Não entendo o motivo que levou Ludwig a me manter como discípulo por tanto tempo, mas tenho certeza de que ele tinha um plano para mim. Ou, como constatei depois, talvez só quisesse aumentar meu poder para tomá-lo de mim. – Ele apertou os olhos de novo. – Ludwig consegue aumentar seus poderes absorvendo o dom de outros magos. Foi isso que ele fez com meus pais. E, embora não tenha provas para levá-lo ao Conselho, não tenho dúvidas disso. – Vincent respirou fundo, talvez para se controlar. – Em todos esses anos, nunca conheci alguém tão ardiloso, perigoso... ou cruel. A ironia desta história é que realmente achei que poderia me aliar a um mago das

sombras, porque também era um... Mas, como os outros, descobri que não se deve confiar em um ser das sombras.

Desta vez meu amor foi maior do que minha covardia e, ignorando o olhar aniquilador, eu acariciei seu rosto para consolá-lo. Mas não havia acabado. Vincent aceitou o carinho, depois conteve minhas mãos.

– Nós lutamos no dia em que descobri tudo... Eu já tinha o domínio dos meus poderes, mas ele era muito mais forte. Então, eu fugi. – Vincent abaixou os olhos, envergonhado. – Mas não desisti de me vingar. Vaguei pela Terra das Sombras, procurando um meio de aumentar meus poderes. Queria enfrentá-lo novamente de igual para igual... Até que encontrei Armand. – Vincent levantou os olhos violeta. – Ele havia se envolvido com seres perigosos, iguais ou piores que Ludwig, e estava com sérios problemas. Precisava ajudar meu irmão e adiei minha vingança para encontrar os Von Berg. Muito tempo havia passado e eu não tinha ideia de onde eles estavam. Corri pelas divisas do Mundo Mágico à procura deles, até que os encontrei aqui. – Ele suspirou. – Aquele dia foi o pior, mas também... o melhor.

Vincent sorriu brevemente, mas não era humor. Seu singelo sorriso era de pesar.

– Eu já era um mago das sombras reconhecido pelo Conselho, e obviamente não fui bem recebido na Terra da Luz; então, resolvi encontrar as passagens para a montanha sozinho... – Ele se remexeu, com uma expressão indignada. – Fui ingênuo ao pensar que Ludwig me deixaria ir tão facilmente. Eu sabia que não estava pronto, mas, quando ele me encontrou no bosque da montanha, precisei enfrentá-lo. – Vincent fez uma pausa na história aterrorizante fitando meu rosto. Tentei ficar imóvel para não transparecer o quanto estava assustada, mas sua expressão desolada mostrou que eu não estava tendo sucesso. – Não sei como tudo isso vai afetar você, Melissa, mas agora precisa ouvir até o final.

Concordei com um movimento mecânico, esperava que isso fosse suficiente. Vincent estreitou os olhos, uma reação à raiva que crescia dentro dele, ou, talvez, uma tentativa de esconder seus olhos que escureciam cada vez mais.

– Nossa batalha não durou muito. Eu sabia que havia acabado para mim... Mas, enquanto Ludwig absorvia meu poder, você apareceu. Correndo, sorrindo. – Ele estendeu a mão até meu rosto congelado. Estava perdida em algum ponto no meio de sua história, tentando me encaixar nela. – Lembro-me dos olhos assustados da menina de cabelos esvoaçantes... – Ele correu os dedos quentes por minha pele. – E, ao invés de fugir, você ficou imóvel. Ludwig não perdeu tempo, e a agarrou. – Vincent roçou suavemente minha cicatriz com a ponta dos dedos. – Confesso que não pude fazer muita coisa, mas pedi por sua

vida e isso o deixou ainda mais furioso. A última coisa de que me lembro foi seu grito corajoso. Não sei quando, mas, em algum momento durante essa agonia... Viviana e Alex vieram nos ajudar.

Dessa vez, minha surpresa foi maior que o temor por sua história.

– Viviana... e Alex? – repeti, com a voz estrangulada.

– Eles são do Mundo Mágico, da Terra da Luz. Não nasceram aqui como você e eu. Na verdade, são muito importantes lá... Você pensou que eles eram magos, não é? Mas eles são seres mágicos. Elfos, para ser mais exato. – Vincent fez uma pausa e afagou meus cabelos. – Respire, Melissa.

Eu me esforcei, e obedeci.

– Mas se eles são... Então eles não são... Mas eles parecem tão... tão... humanos!

Vincent esperou minha respiração normalizar para continuar.

– Nossa aparência é muito similar. Há apenas algumas diferenças, facilmente camufladas quando se quer. – Lembrei-me dos olhos incrivelmente claros, prateados. Da sensação de bem-estar que tinha ao lado de Alex, da beleza inumana de Viviana. Mas nada disso me fez suspeitar que eles não fossem... que eles não eram... – Melissa, se você achar que já chega, que foi demais... – Vincent hesitou, preocupado.

Queria argumentar, mas nem o ar passava por minha garganta, muito menos palavras articuladas. Uma coisa era admitir que o homem enigmático à minha frente possuía dons especiais. Que ele vivenciou coisas diferentes da minha realidade, que ele viveu muito... Admitir diferenças em alguém que eu amava. Sim, eu podia entender isso. Meu amor me ajudava a entender isso. Mas crer que alguém que conheço, alguém com quem passei um tempo relativamente longo... Crer que esse alguém não era humano! Precisava me esforçar muito para fazer a engrenagem do meu cérebro voltar a funcionar.

– Não devia ter começado esse assunto. Acho melhor encerrarmos por hoje. – decidiu.

– Não! – O ar passou rápido por minha garganta e a palavra simples saiu num grito. – Eu quero saber tudo... Tudo! – Inspirei com vontade e tentei me controlar. – Por favor, continue.

Vincent esperou por um minuto, duvidando do meu autocontrole, enquanto eu me esforçava de verdade para esconder meus tremores. Não queria admitir, mas ele tinha razão: as doses homeopáticas eram sabiamente melhores.

– Muito bem... – continuou, cauteloso. – Viviana disse que os elfos interferiram por causa do seu grito. – Seus olhos turquesa brilharam. – Isso mesmo, você nos salvou. Você era uma moradora da montanha, e as pessoas que vivem nela têm a proteção dos seres da montanha. *Quem domina o*

conhecimento se torna responsável por ele. Faz parte das regras do Conselho. Ludwig não imaginava que poderia ser interrompido por seres mágicos e, se soubesse, acho que não teria tocado em um único fio de cabelo seu.

Pisquei algumas vezes e Vincent esperou quando percebeu que eu tinha uma pergunta a fazer.

– Mas então, Viviana não iria salvá-lo? Quer dizer, se eu não estivesse lá?

– Não. – Ele falou com normalidade e eu o encarei, chocada. – Mas não a julgue precipitadamente. Ela não poderia interferir porque minha briga com Ludwig não era assunto da montanha ou dos seres da Terra da Luz. Eu era parte das sombras... Se fosse um mago da Terra da Luz, isso seria bem diferente. Por isso Ludwig estava tão confortável em fazer isso aqui. Ele não imaginava que alguém do mundo mágico pudesse interferir. – Com as sobranceiras franzidas, assenti com a cabeça. Vincent continuou. – Ludwig não pretendia enfrentar os seres da montanha... e fugiu. Você estava machucada, e eu... Bem, eu me encontrava em um estado um pouco pior. Viviana e Alex nos levaram para a Terra da Luz, e ganharam minha gratidão ao fazer isso. Eles poderiam ter me deixado lá, não tinham nenhuma obrigação em me ajudar. Afinal, sou um ser amaldiçoado pelas sombras...

Procurei suas mãos e as apertei com força.

– Mas você não é mais. – Minha voz soou controlada, mas carregava a dúvida e o medo da minha alma.

– Posso ter aprendido outras coisas, Melissa, mas essa herança faz parte de quem sou. Não posso mudar isso. – Nós nos encaramos por um momento e resolvi não enfatizar minhas angústias. Outras coisas faziam sentido agora: meu desaparecimento no bosque, minha cicatriz... E, completando meu pensamento, Vincent continuou sua história. – Alex tratou seu ferimento e lhe deu um *Elixir do Vento*, para confundir sua memória. Não era saudável para uma menina tão jovem carregar tantas imagens ruins. – Espremi os olhos, mas não questionei, apenas aguardei. – Viviana a deixou nos bosques perto de sua casa enquanto Alex cuidava de mim. E, apesar dos protestos, eles me mantiveram na Terra da Luz até os Von Berg chegarem. Eu precisava me recuperar do ataque de Ludwig e permaneci lá até restaurar meus poderes. Houve certo tumulto com a minha presença, mas Aristela e Nicolau contornaram a situação. Não houve relato ao Conselho, os Von Berg não queriam criar um frenesi... e, como não tínhamos provas do assassinato dos meus pais, minha luta com Ludwig passou como um desentendimento entre magos das sombras.

Vincent suspirou.

– Ficamos em alerta por meses, mas Ludwig não retornou. Aristela me

fez prometer que não procuraria por ele, mas sua passividade me intriga... Ludwig sabe onde estou, mas não me procurou novamente e isso não combina com suas atitudes determinadas. Ele não é o tipo de homem que desiste de seus objetivos. Só posso concluir que isso não acabou e que eu me tornei apenas uma peça de um plano maior.

A expressão de Vincent ainda era perturbada, seus olhos tinham uma sombra raivosa; ainda assim, seu rosto parecia mais suave. Como se tivesse tirado um peso enorme das costas. Ele me avaliava, concentrado, e seu rosto começou a ficar temeroso. Sabia que meus olhos estavam arregalados, que minha boca estava mais aberta que o normal, mas não conseguia fechá-la... Não conseguia controlar minha expressão. O ar entrava e saía rápido dos meus pulmões enquanto milhões de detalhes se encaixavam em minha cabeça, e podia ouvir o *click* de cada um deles.

– Depois de tudo que ouviu, você ainda está aqui. – Ele disse com voz de veludo, uma mistura de regozijo e surpresa.

– Estou. – Minha voz saiu trêmula.

Ficamos em silêncio por um tempo longo demais, até que me levantei para abraçá-lo. Por mais afetada que estivesse, entendi como era difícil para ele ser julgado por suas escolhas, por quem ele era. Mas, para mim, também era difícil confirmar minhas suspeitas, assumir que o homem que eu amava possuía um lado sombrio, talvez mau. Depois do choque inicial, de certo modo isso me deixou contente. Vincent confiava em mim. Até mesmo para contar coisas que o torturavam, coisas que poderiam me afastar. Vincent escolheu a verdade. Levantei meus lábios de forma imperceptível em seu ombro e continuamos em um abraço silencioso. Quando ele me afastou, deixou sua mão na minha. Eu devia estar gelada, mas ele não disse nada.

Se minha reação física entregava o quanto estava amedrontada, Vincent foi cavalheiro o suficiente para não enfatizar minha covardia.

– Agora você entende porque os Von Berg são importantes para mim – disse depois de um minuto, a voz tranquila. – Aristela me acolheu duas vezes, e me aceitou como membro de sua família mesmo depois de eu ter dado as costas para eles.

Tentei pensar com o mínimo de coerência que o assunto permitia. Queria compreender os laços que uniam essa família incomum. Era óbvio que Aristela, Nicolau e Armand pertenciam ao convívio de Vincent desde que ele era bebê, mas não entendia o motivo de Alex e Viviana estarem deste lado, circulando pela cidade.

– Vincent... Entendo sua ligação com os Von Berg, mas por que Alex e Viviana passam tanto tempo na cidade? Eles não precisam se são... Se não são...

– Ainda não conseguia dizer em voz alta.

Vincent espremeu os lábios, rindo timidamente.

– Eles não precisam, mas adoram interagir. São fascinados com o cotidiano deste mundo e gostam de estudar suas reações. Acho que, de alguma forma, gostam de... exercitar. – Ele levantou os ombros. – A Casa Botânica na cidade é como um laboratório.

– E você os ajuda por... gratidão?

– Com os Von Berg, aprendi que há coisas mais importantes do que laços de sangue para unir uma família. Faria qualquer coisa por eles. E por aquele casal de elfos também. – Vincent abriu um sorriso reluzente, sincero; ri nervosamente por reflexo. – Pode parecer que concedo suas vontades por gratidão, mas ainda não sou tão bom. A verdade é que prefiro aturar os olhares da cidade e resolver contratempos burocráticos do Mundo Físico a ajudar Nicolau nos problemas do Conselho. Não tenho vocação, muito menos paciência, para apartar brigas entre elfos de fogo e duendes zangados.

Pisquei uma vez, relembrando a lista de seres míticos.

– Viviana e Alex são... elfos... de fogo? – repeti suas palavras, tentando encontrar um significado menos figurado para elas.

– Não. Na verdade eles são elfos de luz, hierarquicamente superiores. São como fadas, embora essa definição também não esteja correta. Fadas têm asas e podem ser menores, não é todo elfo que tem asas. – Vincent falava com rapidez enquanto eu afirmava com a cabeça, tentando encaixar meus pensamentos. – Os elfos de luz vivem na Terra da Luz, ficam enfraquecidos nas sombras. Já os elfos de fogo são mais primitivos. O Mundo Mágico não tem fronteiras para eles, sua força vem do centro da terra e sua impetuosidade cria atritos com outros seres. E existe mais um tipo de elfo, que vive exclusivamente na Terra das Sombras... com raras exceções. Eles dividem a Dimensão das Sombras com outros seres nocivos, como demônios, feras, seres amaldiçoados e...

Vincent parou de falar quando percebeu minha distração.

Parecia que ele estava lendo aquilo de algum lugar, e quase girei o rosto para procurar o livro de contos suspenso no ar atrás de mim. Fitando seu rosto sério, tentei convencer a mim mesma de que aquilo não era piada, mas parte de seu mundo. Ainda assim, tive que conter o riso. Era difícil acreditar que suas palavras repletas de detalhes fantasiosos poderiam compor uma história real. E seria tudo real? Todas aquelas histórias que minha mãe lia antes de eu dormir? Unicórnios, sereias, demônios, bruxas... Seria possível que todos os contos de fadas tivessem uma origem real? Real... Desta vez eu ri, descrente de minhas conclusões.

Vincent prendeu meus olhos com ternura, percebendo que eu precisava de tempo para assimilar as novas informações. Seu rosto estava calmo, pacífico, nenhum traço que lembrasse o tormento de minutos atrás. Muita coisa fazia sentido e, um pouco perturbada, alisei minha cicatriz. Entre todas as coisas que ouvi, era difícil conceber que alguém havia feito isso por maldade, de propósito... Com surpresa, percebi que estive mais perto do sobrenatural, da fantasia, do que jamais imaginei. E então, outro *click* ecoou em meu cérebro, e esse foi ainda mais alto, fazendo-me balançar... Eu já conhecia Vincent!

Essa figura fascinante já fazia parte da minha vida há muito tempo! Foquei meus olhos nos dele, e Vincent entendeu que eu havia compreendido algo importante. Agora eu pulava de uma lembrança para outra, relembrando detalhes da nossa conversa, e senti um suspiro pesado varrer meu rosto. Ele aguardava impaciente à minha frente, o rosto preocupado. Sabia que ele estava esperando o momento em que tudo seria demais. O momento em que eu iria correr dele.

– Há quanto tempo você está aqui, quero dizer, neste mundo... ah, físico, com os Von Berg? – perguntei, tentando fazer o cálculo maluco de tempo.

– Me apresentei à cidade há cerca de dois anos. – Ele percebeu o que eu estava fazendo. – Não tente, Melissa, é muito complicado. Calcular a diferença de tempo entre o Mundo Físico e o Mundo Mágico é difícil até para um especialista como Nicolau. Acredite, você pode enlouquecer tentando.

– Só estou curiosa com um detalhe... – Mordi o lábio e Vincent fez uma careta.

– Você quer saber quantos anos eu tinha quando encontrei com você na montanha, não é? – Assenti, agradecida por ser tão previsível. Ou por ele me conhecer melhor do que eu esperava. – Eu era mais novo, talvez dezoito anos... Lembre que fiquei algum tempo na Terra da Luz para me recuperar do confronto com Ludwig. E nunca esqueça, o tempo no Mundo Mágico passa mais devagar, seja na Terra da Luz ou na Terra das Sombras.

Concordando em silêncio, recordei de outro detalhe no fim de sua história. Algo mais forte do que o tempo.

– Você ainda pensa em vingar a morte de seus pais – afirmei.

Vincent estreitou os olhos. Ele não havia dito, mas era óbvio.

– Luto todos os dias para que minha razão vença meu desejo, e tento me convencer de que isso não vai mudar nada. Mas prometi não mentir para você... Sim, eu quero minha vingança. – Seus olhos começaram a escurecer de novo, mas Vincent encontrou algo em meu rosto que os fez parar. – Depois que você chegou à cidade, tenho ponderado sobre isso. Você me fez esquecer meu passado, me fez almejar um futuro. – Sua voz grave estremeceu meus ossos.

Eu o abracei mais uma vez, apertando-o com força. Queria dizer que estava aqui para apoiá-lo com meu amor, mas as palavras não saíram. Segurei seu rosto e encontrei seus lábios, esperava que meu gesto fosse explicativo o suficiente.

– Obrigado. Por me salvar. – Ele disse, interrompendo o beijo.

– Você tem o título de salvador, não eu. Posso enumerar todas as vezes que você me ajudou.

– Mas foi você quem me salvou. Primeiro lá no bosque – Vincent me fitou longamente antes de continuar. – Naquele dia você salvou minha vida das trevas. Agora, está salvando meu coração.

Depois de suas palavras, precisei me esticar para beijá-lo de novo, carinhosamente, como o momento merecia. E, antes que me esquecesse do tempo, Vincent me afastou com um suspiro torturado.

– Tenho que levar você de volta.

– De volta ao mundo real – resmunguei a contragosto, me escondendo em seu peito. Querendo um pouco mais do momento que estava no fim.

– Isso também é real – ele retrucou, me apertando em seus braços.

Afastei-me para admirá-lo, confesso que tudo ainda parecia um sonho e meu sorriso descontrolado confirmava isso. Vincent uniu as sobrancelhas, sem entender minha expressão animada. Ele podia não entender, mas eu me sentia vitoriosa, e um pouco convencida... Vincent era meu! Ele era meu muito antes do que imaginava! E, para melhorar, se compreendi bem, ele gostaria que continuássemos assim. A euforia dominou meu peito, eu tinha vontade de saltitar, de dar piruetas! Com certo orgulho e imensa satisfação, entendi que isso não mudaria depois que descêssemos a montanha. No meu mundo, ele ainda seria meu.

Vincent ainda avaliava meu humor exagerado quando levou as xícaras até a pia.

– *Wasser* – murmurou em alemão, e, com um gesto de suas mãos, a torneira se abriu. A água quente girou dentro das xícaras com uma velocidade absurda enquanto ele caminhava até a pequena lavanderia. – *Bewachen*. – Com outro murmúrio, as xícaras subiram sozinhas para o armário.

Não consegui desviar os olhos. Sabia que deveria me acostumar com esses truques, ou, como ele dizia, o domínio da mente sobre a matéria, mas era muito difícil simplesmente parar de olhar.

– Melissa? – Sua voz era quase debochada. Fechei minha boca e encontrei minhas roupas limpas em suas mãos. – Adorei vê-la vestindo minha camisa. Acredite, por mim, você poderia fazer um desfile com todo meu closet. – Eu corei. – Mas acho que você deve se trocar.

Assenti uma vez e peguei minhas roupas de suas mãos.

– Já volto – falei encabulada, girando o corpo a caminho da escada.

Vincent permaneceu na cozinha enquanto eu subia os degraus cautelosamente para não tropeçar em minha emoção. Dentro do banheiro, encarei o espelho... observando meu rosto corado, meus olhos brilhantes e o sorriso que não queria se desmanchar. Lembrei-me de cada detalhe de sua história perturbadora e, mesmo entendendo a seriedade de seus detalhes, não conseguia parar de sorrir. E como seria diferente? Acabei de beijar – muitas vezes – o homem que amava. Todos os problemas e desafios pareciam pequenos comparados a isso.

Ou minha felicidade é que era maior... Muito maior.

Novas Verdades

Tínhamos algum tempo antes de pegar Alice e Vincent dirigiu devagar pela primeira vez. O habitual jazz circulava dentro do SUV como uma terceira pessoa... Vez ou outra ele desviava os olhos da estrada e me lançava um olhar meigo, levantando os lábios no canto com uma expressão satisfeita, e não consegui desgrudar os olhos dele. Vincent ficava muito bonito quando estava feliz.

Chegamos à escola antes do horário e ficamos dentro do carro, em nossa bolha particular. Lancei um olhar crítico ao mundo externo; parecia outra realidade, à qual eu não pertencia mais. Agora questionava esse lugar onde o tempo passava apressado, conturbado e indiferente à minha alegria. E percebi pela primeira vez como poderíamos ser frágeis comparados aos perigos inimagináveis desse outro mundo. Perigos que rondavam os bosques de nossa casa, como Ludwig! Comecei a me preocupar com as pessoas à nossa volta, com minha pequena família, meus amigos. Eles eram apenas humanos comuns, criaturas indefesas no meio de tantas ameaças... Como eu.

Vincent notou minha distração e, com um olhar complacente, fez um carinho em meu rosto, da testa ao queixo. Fechei meus olhos, apreciando seu toque, mas ele abaixou a mão, hesitante. Encontrei seu rosto insatisfeito e entendi: não precisávamos chocar as pessoas mais do que elas já estavam chocadas com nossa proximidade. Sabia que Vincent queria se aproximar, podia ver o desejo faiscando nos olhos turquesa... e também senti a força atrativa, o ímã invisível, sempre entre nós. Com algum esforço, desviei meu olhar para o portão da escola. Seria melhor não testar seu autocontrole, pois o meu estava no limite.

– Tudo bem! – Soltei as palavras junto com o ar, tentando relaxar. – Então... Você me viu chegar, mas não sabia quem eu era e só descobriu no Mirante. Depois, ficou confuso com o que sentia por mim e começou a me afastar. Por quê? Você tinha medo de que me lembrasse de você e de todas as coisas que aconteceram com Ludwig no bosque?

– Sua chegada em minha vida foi muito mais confusa do que isso, Melissa. E, para cada coisa que eu revelar, há outras coisas para explicar. O Mundo Mágico é complexo e avisei sobre isso. Combinamos que usaríamos as doses homeopáticas e acho que excedemos a cota do dia.

– Mas isso não é justo... – Cruzei os braços no peito e Vincent me lançou um olhar reprovador. – Eu quero saber – exigiu, mas ele balançou a cabeça em

negativa. Pensei por um segundo e resolvi agir. Vagarosamente, comecei a me aproximar, com um significativo olhar provocador. – Prefere que eu arranque a resposta de você?

Vincent levantou uma sobrancelha e se remexeu no banco.

– Não vai ser necessário – disse, com um sorriso debochado crescendo em seu rosto. – Confesso, tive receio de que fosse possível... você se lembrar daquela tarde no bosque. Isso me atormentou no começo, mas o tempo me convenceu do contrário. O *Elixir do Vento* de Alex é muito bom. Aposto que mesmo agora, depois de tudo que contei, você não tem nenhuma recordação – disse, ainda sorrindo.

Ele tinha razão, eu me frustrei.

– E não há um antídoto para esse elixir?

– Uma vez que você tomou o suficiente, a memória solicitada se apaga para sempre. – Vincent ficou pensativo. – Mas por que você quer recordar algo tão ruim?

– Não é ruim... – Fiquei encabulada. – Na verdade, até pode ser, mas queria muito ter essa primeira memória de você. Não é justo! Você se lembra de mim, mas não tenho ideia de como você era... De como foi ver você pela primeira vez.

– Também gostaria de saber como foi para você me ver pela primeira vez. A que você se lembra, claro. – Vincent ronronou, lançando-me um olhar intenso, e entendi que ele estava usando as mesmas artimanhas que eu. Mas, no caso dele, com muito mais sucesso.

Corei, desviando os olhos para além do para-brisa.

– Fascinante e hipnotizador – murmurei meio sem fôlego.

Percebi Vincent sorrir com minha visão periférica, mas depois ele suspirou, chamando minha atenção.

– Já que estamos falando apenas a verdade, tenho que confessar... Eu tentei me afastar de você. Falhei completamente nisso, mas tentei, no começo. Como disse, estava confuso com sua chegada e interpretei de forma errada o aviso do espelho. – Era impossível interpretar sua expressão, Vincent parecia em conflito. – Cometi uma imprudência no seu primeiro dia aqui e precisei fazer magia para não machucá-la. Depois, tive receio de que você me denunciasse para a cidade. Isso já era motivo suficiente para querer fazer você se esquecer de tudo, de novo. – Ele pareceu envergonhado.

Arregalei os olhos.

– Quer dizer que...

– Não se preocupe, essa memória nunca foi apagada.

Pensei no meu primeiro dia em Campo Alto, na primeira vez em que vi

Vincent, bom, na verdade eu nem sabia quem era ele. E um *flash* de memória trouxe a nitidez necessária para meus pensamentos desconexos.

– O SUV homicida – falei boquiaberta. – Você fez magia... Por isso não me atropelou!

– SUV homicida? – Vincent repetiu minhas palavras, um tom mais alto – Era assim que você se referia a mim?

Mordi o lábio inferior, com medo de tê-lo enfurecido.

– Desculpe. Mas o que você queria que eu pensasse de um carro que tentava passar por cima de mim a qualquer custo? – Busquei a clareza em minhas lembranças. – Sabia que não havia espaço. O que você... – Comecei abobada e Vincent me fitou, esperando. – Quer saber? Não importa. Não quero saber o que você fez. Mas, de qualquer forma, você poderia ter evitado muita confusão se dirigisse mais devagar.

– Não coloque a culpa em mim, foi você que estacionou de um jeito impiedoso na rua – incitou com voz grave. Cruzei os braços, estreitando os olhos. – O que você queria que eu fizesse? Parasse e esperasse você manobrar? – Balancei a cabeça, aborrecida. – A paciência não é uma das minhas virtudes, Melissa. E, no fim, foi uma questão de cálculo. Apesar do tamanho do BMW, estava confiante de que a materialização iria funcionar a pouca distância.

Arfei.

– Quer dizer que poderia não funcionar?

– A magia não é uma ciência exata. Às vezes, temos que usar tentativa e erro. Muitos fatores podem interferir no sucesso de um feitiço – explicou, didático, e me limitei a balançar a cabeça mais uma vez. – Cada um é responsável pelos problemas que cria. – Ele fez uma pausa pensativa. – E eu poderia ter criado muitos problemas para os Von Berg naquele dia, por isso é mais fácil quando erguemos barreiras. Sempre há o risco de cometermos deslizos quando nos misturamos.

Eu o olhei torto.

– Fico feliz por você ter aberto uma exceção.

– Na verdade, acho que não poderia evitar você mesmo que quisesse. – Vincent sustentou meus olhos. – Você é meu destino, Melissa. Não há como fugir.

Ele levantou os lábios com um sorriso torto que acompanhou o potente olhar turquesa faiscante. Podia ver o desejo borbulhando naqueles olhos intensos e dessa vez, não resisti. Sem dar aviso, cruzei o pouco espaço entre nós. Vincent tentou resistir ao desejo daquele beijo, mas, depois de apenas dois segundos, seu autocontrole foi vencido. Seus dedos mergulharam em meus cabelos, trazendo-me para mais perto, enquanto seus lábios dançavam vorazes nos meus. Já estava

sem fôlego quando ele me afastou, segurando meu queixo delicadamente. Vincent colocou algum espaço entre nós... lutando para se recompor, e, com um longo suspiro, arrumou meu cabelo bagunçado.

– Eu sei... Temos que agir com discrição para não criar mais boatos para sua família. Não podemos chocar as pessoas da cidade mais do que já estão com nossa proximidade – falei, correndo os olhos além do para-brisa, tentando me acalmar também.

– Não estou preocupado com minha família ou com a cidade, estou preocupado com *você*.

– Não me importo com o que eles pensam ou falam, Vincent. Não mais. Eles já acham que sou uma bastarda órfã com instintos suicidas. O que podem agregar a isso? Um romance com o homem mais intimidador da cidade?

Vincent levantou uma sobrancelha e apertou os lábios, montando seu sorriso charmoso. Quase avancei para beijá-lo de novo.

– Realmente, formamos um casal interessante. – Borboletas rodopiaram em meu estômago quando ele se referiu a nós como um casal. – Mas a conclusão destas pessoas pode afetar seu avô... e Alice. Eu não quero que sua família descubra sobre nós dessa maneira, por comentários bisbilhoteiros. – Fiquei surpresa; pensar no mundo fora de nossa bolha era muito difícil, mas ele tinha razão. – Prometo encontrar um meio para atenuar isso. Não quero criar mais problemas para *você*.

Estava pronta para dizer que ele não era um problema, mas, depois da reação de meu avô na noite anterior, imaginei que seria útil usar magia para atenuar as coisas. Depois, analisei o quanto de nossa, ou melhor, de minha proximidade com a família da montanha poderia prejudicar os negócios de George... ou os relacionamentos de Alice na escola. Precisava ser coerente, meu envolvimento com Vincent não agradaria muita gente.

– Obrigada por pensar neles quando eu mesma... – Me interrompi, constrangida. – Estou sendo egoísta.

– Não sou tão bom quanto *você* imagina, Melissa. Estou pensando em *você*... por mim. Sei que a opinião de sua família pode afetar suas decisões, e não quero que mude de ideia, por isso me preocupo. – Ele abaixou os olhos. – Como pode ver, o egoísta sou eu.

– *Você* está sendo altruísta, Vincent. – Levantei seu queixo com a ponta dos dedos e mergulhei na profundidade azul de seus olhos.

– O tal Daniel não acha que fui altruísta – replicou, rabugento. – E havia outras formas de puni-lo, sem machucá-lo. – Vincent ainda me fitava. – Mas, ultimamente, perco o controle quando algo a ameaça... Não penso em nada nem em ninguém. Se eu a protejo, é por puro egoísmo. Quero *você* segura, para mim.

E estou ficando cego para o resto.

– Daniel estava me atacando! Qualquer garota da cidade poderia estar em meu lugar. Ele merecia uma lição.

– Isso não quer dizer que eu faria a mesma coisa se fosse outra garota da cidade.

– Tenho certeza que faria – falei, convicta. Ele dançou os olhos nos meus e tentou argumentar, mas levei a mão até sua boca. Um arrepio correu por meu braço quando senti o calor de seus lábios em meus dedos, suspirei pesadamente para me segurar no lugar. Vincent tinha a irritante mania de se depreciar e entendi que sua autoestima deveria ter sérios problemas estruturais. – A propósito, obrigada por ser meu protetor. Sei que fui rude com você no começo, e peço desculpas, mas era difícil entender você e suas mudanças de humor. Sempre aparecendo do nada... me irritando, me surpreendendo...

Vincent soltou uma gargalhada em meus dedos e me arrepiei de novo. Ele beijou a palma da minha mão, abaixando-a com um olhar desafiador.

– Você é afiada em suas respostas. Confesso que meditei durante horas com algumas coisas que me disse. – Sabia que havia dado motivo para muitas lembranças e baixei os olhos, encabulada.

– Não me acho competente em discussões. Nunca encontro as palavras certas.

– Então, acho que afluio isso em você.

– Com certeza. – Claro que ele me irritava, mas agora tentava me lembrar de ter dito algo impactante... e desisti. – Tá bom! O que eu disse que fez você pensar por horas? – Revirei os olhos, tomada pela curiosidade.

– Você me mostrou como preza sua família – ele falou, sério. – E deixou isso bem claro em nosso encontro na revendedora de seu avô.

Voltei à minha decepção inicial. Era isso? Qualquer um que analisasse a história da minha vida entenderia meus motivos.

– Meu avô e minha irmã são tudo o que tenho – afirmei distraída, tentando me lembrar daquela noite confusa. – Afinal, por que você foi até lá... para me irritar?

– Seria tentador, mas não. – Ele fechou os olhos, parecia incomodado. – Meu espelho revelou um alerta perturbador e, apesar do receio e do desejo de me afastar, não pude ficar indiferente. Precisava interferir antes que as imagens se concretizassem em seu futuro. Hoje, vejo que fui até lá porque você já era muito importante para mim... Não poderia permitir que alguém a tocasse.

Lembrei-me daquele dia: a entrega atrasada, minha permanência na revendedora até tarde, nossa discussão sem sentido, a cara atordoada dos ajudantes... E um frio correu por minha espinha. Vincent me protegia antes

mesmo de eu desejar sua proteção. Abracei-o em silêncio, não queria nem imaginar as cenas que ele viu.

Ele me puxou para seu peito, falando em meus cabelos:

– Alguns dias depois, vi você e sua irmã na casa do seu avô. Quando Alice brilhou em seus braços, entendi que ela era a criança maga do espelho de Aristela.

Ao ouvir suas palavras, eu me esforcei para escapar de seu abraço.

– Espera aí... Você disse que minha irmã... brilha? – Agora, eu estava aflita. – Alice brilha? Mas... como assim? Ela... ela pode brilhar?

– Sim – ele murmurou, e arregalei os olhos.

– Mas que droga de esquisitice é essa?

Vincent pareceu incomodado com minha reação e entendi que isso poderia magoá-lo, mas precisava saber o que estava acontecendo com minha irmã!

– Acalme-se, Melissa, isso é normal. Magos podem irradiar seu poder como uma aura colorida para indicar sua linhagem.

– Normal? Isso não é normal, Vincent... Nada nessa droga de magia é normal! – Apertei os olhos com as mãos. – Quando penso que não pode piorar, minha irmã brilha colorido! – exasperei esbaforida, depois encarei seus olhos frios. – Isso é permanente? Alguém mais pode ver? Ela vai fazer isso de novo?

A enxurrada de perguntas o aborreceu, mas minha atual preocupação era Alice e estava apavorada com a ideia de expor minha irmã mais uma vez. Vincent desviou os olhos.

– Apenas quem vem de uma estirpe mágica pode ver a cor da linhagem. E não acontece o tempo todo, ninguém fulge sua aura de poder sem motivo. Mas algumas emoções podem fazê-la fluir sem controle e, como Alice não tem o domínio de suas habilidades, isso pode acontecer sem que ela perceba. – Ele voltou os olhos frios para mim. – Se você tivesse esse gene mágico, como sua irmã, teria visto a aura de poder dela logo que seu dom se desenvolveu.

Tentei respirar com mais calma e tinha apenas uma certeza... eu realmente não possuía esse gene em particular. Se tivesse visto Alice brilhar, com certeza me lembraria.

– Esse... brilho... Qual é a cor... da Alice? – perguntei, confusa.

– O poder de Alice fulge alaranjado. E, como sei que sua impaciente curiosidade quer saber de tudo, o meu se espelha violeta. O de Aristela e sua família, em verde. Satisfeita?

Seu tom de voz não era agradável, mas o que ele esperava? Brilhar era demais!

– Alex e Viviana também têm cores?

– O poder dos seres mágicos é diferente do nosso e evolui de forma diferente. Quando desejam, eles podem expor sua energia com uma aura prateada, próxima ao branco.

A explicação foi marcada pelo tom ácido. Resolvi não perguntar a cor dos seres da escuridão para não perturbá-lo ainda mais, mas concluí que deveria ser preta. Vincent voltou a fitar o para-brisa de forma compenetrada e, agora, eu deveria me preocupar. Ele estava distante e me senti culpada. Mas, tratando-se de Alice... não podia evitar. Algo urrava dentro de mim, alarmado e inquieto, só de imaginá-la no meio dessa loucura. Era arriscado demais vê-la envolvida com línguas de fogo ou elfos zangados e, definitivamente, precisava fazê-la voltar ao normal. Mas... antes, precisava fazer as pazes com meu cavalheiro carrancudo.

– O espelho de sua mãe deu outros avisos sobre mim? – perguntei em tom conciliador, e Vincent se limitou a balançar a cabeça em negativa. Seu silêncio indicava que ele ainda estava aborrecido. – Mas e a queda do Mirante? O assalto na estrada? Não entendo...

– O Espelho de Nereu só mostra coisas pré-determinadas. Quando criamos situações improváveis com nosso livre-arbítrio, isso não tem a ver com o destino. É descaso com o perigo. Imprudência. – Vincent estava me provocando. Desviei meus olhos para bem longe de seu rosto, segurando meu gênio para não entrar em mais uma discussão por causa do seu mau humor. – Entretanto... sobre o assalto, suspeito que Alice tenha algo a ver com isso.

– Como é? Alice? – perguntei, chocada, procurando seu rosto novamente.

– É bem provável que algum descontrole em suas emoções tenha desencadeado o uso da magia, causando a falha em seu carro. Mas foi o acaso que me fez encontrar com vocês lá. Já os assaltantes... – Vincent girou os olhos, desmanchando sua carranca de mau humor. – Eles foram atraídos pelo meu carro grande e luxuoso, como você disse.

Dessa vez tive que rir, e Vincent também riu. Timidamente, mas riu. Funcionou! Minhas situações desastrosas nunca falhavam, agora era hora de me desculpar. Girei o corpo no banco para encará-lo de frente.

– Desculpe se eu não respondo às novidades do seu mundo da forma que você espera. Sei que estou decepcionando você, mas, em se tratando de Alice... – Fiz uma pausa para encontrar as palavras certas. – Eu a amo demais, ela é tudo que tenho. Preciso protegê-la, deixá-la segura, essa é minha responsabilidade. E estou completamente impotente diante desse... outro mundo. Isso está me matando por dentro. Estou ouvindo histórias sobre espelhos, elfos, magos, sombras... Nem imagino como isso pode afetar a cabeça da minha irmã. Ela é só uma criança! Uma criança que mergulhou no mundo do conto de fadas, onde uma bruxa má pode aparecer para roubar sua infância e dependendo do príncipe

para me ajudar a livrá-la dessa confusão. – Lancei um olhar sugestivo a Vincent.
– Você entende?

Ele suavizou a expressão, levantando os lábios no canto. Não podia afirmar que aquilo era um sorriso.

– Melissa... Não posso cobrar a compreensão de você. Não espero que aceite o Mundo da Magia calmamente e nem sei se seria saudável reagir assim, mas, no fundo, é o que desejo. O que mais quero é ver você aceitar meu mundo. Aceitar quem sou. Isso pode ser egoísmo, mas nunca assumi que era perfeito.

Nós nos olhamos por um tempo, absorvendo as palavras um do outro. Estaria mentindo se dissesse a ele que aceitava tudo. Eu amava esse homem que lutava para ser bom, e tinha certeza disso. Mas era difícil aceitar todo o resto sem ter uma crise nervosa. No momento, estava me esforçando para continuar racional e separar o Vincent real do mundo mágico onde Alice se enfiou. Estava tentando... e era só isso que podia prometer. Era o que minha integridade permitia.

– Vincent... Sei que a paciência não é uma de suas virtudes, mas preciso que você seja paciente comigo. – Sabia que não era isso que ele queria ouvir, mas era o que podia oferecer.

– Vou me esforçar.

Endireitei-me no banco e encarei o portão da escola, estava no horário. Algumas mãos passavam pelo BMW preto trocando olhares confusos e agradeci pelos vidros escuros que nos davam certa privacidade. Pensando melhor, eu deveria ter saído do SUV antes, não precisava chamar tanta atenção para Vincent, mas agora era tarde. Todos iriam nos ver juntos e decidi esperar até que os portões se abrissem, assim ele não precisaria cruzar com os incômodos olhares alarmados antes da hora. Suspirei pesadamente. Logo estaria com Alice e precisava saber o que dizer... como agir. Tudo que desejava era voltar o mais rápido possível à nossa normalidade, ter minha irmã caçula em segurança, longe de toda essa confusão mágica. E precisava ter ideia das minhas alternativas para ajudá-la a sair disso.

– E Alice? – indaguei, concentrada na escola. – Você ainda não disse, como vamos fazê-la voltar ao normal?

– Normal? O que você quer dizer com *normal*? – A voz de Vincent era grave e séria.

– Sei que você não gosta dessa definição, mas preciso saber como vamos parar essa mudança em minha irmã.

– Acho que há algum mal-entendido aqui, Melissa. Não há como parar isso.

Eu me virei para ele, e fiquei surpresa ao notar seus olhos frios.

– O quê? Mas eu pensei... pensei que... Como vocês vão tirar isso dela?

– Não podemos *tirar* isso dela – interrompeu, ácido. – O único feitiço capaz de retirar o poder de um mago pode matá-lo, e acho que você não quer isso para sua irmã.

Senti o pânico tomar meu rosto enquanto o seu se transformava em uma máscara.

– Mas... Você... – arfei. – Você disse que os Von Berg iriam ajudar! Vincent... Não posso deixar que isso continue com ela! – Apertei minhas mãos em um nó, nervosa. – Precisamos ajudar Alice a não se expor, isso não pode ser permanente!

– Isso não é uma coisa que se possa mudar, Melissa. Sua irmã não está possuída, ela tem poderes mágicos. A magia faz parte dela. – Fiquei sem ar ao entender sua versão dos fatos pela primeira vez. – Podemos treiná-la, ajudá-la a controlar suas habilidades, mas não podemos mudar quem ela é.

Então... não havia volta. O pavor do desconhecido mascarou meus outros sentidos, estava anestesiada.

Desviei os olhos para a escola e focalizei o portão encoberto por uma legião de mães sorridentes. O que eu faria agora? Não poderia deixá-la no meio de tudo isso. E uma única palavra piscava em meu cérebro como um alerta luminoso... Perigo! Olhei para o rosto sério ao meu lado e uma parte de mim soube que minha reação o estava decepcionando, mais uma vez. Mas a outra parte só pensava em correr com Alice dali. Estávamos falando da minha irmãzinha de cinco anos, não dele. Vincent sempre foi desse mundo e era até fascinante vê-lo como um mago misterioso, combinava com quem ele era. Mas minha irmãzinha... Definitivamente não queria ver Alice envolvida com feitiços de vida ou morte, magos do mal, elfos e o que mais existisse do lado de lá!

– Vincent... Ela precisa voltar ao normal... Por favor... – implorei.

– Não há nada de errado com ela, Melissa – ele argumentou com a voz grave.

Dessa vez me irritei. Isso não era uma disputa.

– Ela é uma criança! Só tem cinco anos! – gritei. – Não posso deixar que ela passe por isso... Pelos perigos que você passou. Não quero que ela cresça com seres sombrios e essas maluquices. Quero que Alice tenha uma infância normal, segura. Foi o que prometi. Chega de traumas! – Minha voz saiu estrangulada e Vincent bufou, inconformado.

– Alice não precisa passar pelo que passei, Melissa. É por isso que estou aqui, para protegê-la. Confie em mim. – Seus olhos brilharam nos meus, ouvi seu pedido intenso e meus olhos transbordaram. Sustentei os oceanos turquesa e assisti sua mudança para a tempestade violeta. Vincent entendeu: isso não era

suficiente. Sabia que ele era capaz de protegê-la e, ainda assim, isso não parecia certo. Como responsável por Alice, não poderia permitir que minha irmã seguisse um mago ameaçador. Não podia permitir que ela se arriscasse... O mago de olhos violeta leu minha expressão com revolta – Você diz que confia em mim, mas não confia – ele acusou com voz seca.

– Eu confio. Mas não estamos falando de mim.

Meus olhos procuraram pelo portão da escola e eu o encarei... decidindo.

– A magia é parte do mundo dela, Melissa. – Vincent segurou meu ombro, me chamando para ele, mas eu não conseguia desviar os olhos da escola. – Alice nunca vai ser o *seu* normal, o normal que você espera. – Ele desistiu e me soltou. – Esse pensamento só vai fazer vocês sofrerem de novo.

Esse foi meu limite. Não consegui imaginar minha irmã sofrendo em silêncio mais uma vez. Se fosse assim, precisava parar isso de qualquer maneira. Meus olhos ferveram com lágrimas de dor. O portão da escola abriu, as crianças começaram a sair e encontrar suas mães, tudo tão pacífico e... previsível. Jamais seria assim para minha irmã. Alice já tinha perdido muito de uma vida normal, não podia permitir que ela perdesse ainda mais.

Abri a porta do SUV num rompante e subi os degraus da escada numa corrida até o portão de metal. Esbarrei em algumas mães no caminho, que resmungaram desaforadas, mas eu não estava ouvindo. Minha cabeça estava barulhenta o suficiente para apagar todos os outros sons. Estiquei-me no meio das outras crianças e agarrei minha irmã, só queria sair dali e protegê-la... do inevitável.

– Oi, Tata! – Alice falou surpresa com minha pressa. Não consegui controlar as lágrimas, muito menos as palavras, e apertei minha irmã em meus braços. – Olha... o Vincent. – Ela apontou a figura de preto parada logo à frente do BMW. – Não vamos falar com ele?

– Não. Nós vamos para casa.

Cruzei com a figura de preto sem olhar para ela, sabia que minha determinação iria por água abaixo se encarasse os poderosos olhos turquesa. Neste instante, uma ponta de medo que habitava meu cérebro teve receio de que Vincent tirasse Alice de mim... Meu instinto me mandava proteger Alice e, se Vincent simbolizava o perigo, eu fugiria dele. Uma dor aguda cortou meu peito quando concluí esse pensamento, não suportaria me dividir entre meus dois amores. Meu coração se despedaçou, mas precisava ver Alice sã e salva antes de parar para pensar.

O SUV BMW não estava atrás do meu carro quando dei ré, e não olhei para os lados para saber onde ele foi. Dirigi com cautela suficiente para não causar nenhum acidente e foi um milagre não atropelar ninguém no caminho

para casa... Estava no limite dos meus nervos.

Estacionei o sedã em frente à casa amarela e carreguei Alice para dentro. Acomodei-a em uma das cadeiras da cozinha e me afastei, perturbada. A esta altura, minha irmã já estava assustada comigo, mas era difícil ser casual quando me sentia nervosa a ponto de suar, mesmo tendo a extremidade das mãos frias como gelo. Arremessei meu agasalho nas costas de uma cadeira e Alice observou a cena, calada. Precisava me acalmar e, esforçando-me na expressão de normalidade, respirei profundamente duas vezes, antes de sorrir. Procurei por panelas para providenciar seu almoço e depois de alguns minutos abrindo e fechando a geladeira, percebi minha irmã distraída com sua mochila... Era a hora.

– Alice, quero conversar com você.

Ela largou a mochila com uma careta desanimada.

– Eu sabia... O que eu fiz agora?

Tentei controlar minha voz para não transparecer meu nervoso.

– Está tudo bem, você não está encrocada. Só quero saber de umas coisas... – Falei devagar, e Alice me olhou desconfiada. – Sei que você pode fazer coisas especiais, diferentes, e queria conversar... Você pode falar sobre isso comigo? – perguntei com a voz suave, mas só houve silêncio. Alice abaixou a cabeça e começou a rabiscar algo, fingindo que o assunto não era com ela. – Você não quer falar comigo, Alice? – Minha irmã negou com a cabeça, sem levantar os olhos. – Por que não? – indaguei, ansiosa, o nervosismo explodindo em minhas veias.

– Você vai se assustar... como no dia dos copos – resmungou com má vontade. – E não vai acreditar em mim. Você nunca me ouve e depois fica zangada. Como no dia em que os esquilos me ajudaram no quintal. – Alice levantou os olhos esmeralda e eles estavam mareados. – Não quero que você grite comigo de novo. Não gosto de brigar com você.

Meu coração virou pó. Contornei a mesa e me abaixei ao seu lado, acariciando seus cabelos revoltos.

– Não vou brigar com você, meu amor... Está tudo bem. Fiquei nervosa antes porque não entendia o que estava acontecendo, mas agora eu sei de tudo. E está tudo bem. – Tentei manter minha voz controlada, mas estava quase chorando também.

Alice parecia estar em dúvida e me fitou com muita atenção.

– O Vincent pediu para eu não falar sobre isso com você. Nem com ninguém. Ele disse que as pessoas se assustam com o que fazemos porque não entendem como é fácil. Mas ele prometeu que ia conversar com você... Para

você não se assustar comigo. – Seus olhos ficaram tristes. – E agora você brigou com ele. Por minha causa. Foi por isso que não paramos para falar com ele na escola, não é? – Alice me conhecia o suficiente ou ao meu temperamento para saber que havia algo de errado. Seu rosto magoado me julgava e mergulhei na culpa. – O Vincent é legal comigo, Tata. Não quero que você brigue com ele. Ele gosta de você.

Apertei os olhos com a ponta dos dedos, precisava me controlar. Mas era impossível não me atentar a esse detalhe... Alice sabia que Vincent gostava de mim? E só fala isso agora?! Pensei desconexa e, depois de respirar pausadamente, encontrei meu objetivo. Senti Alice acariciar meus cabelos e, quando levantei os olhos, encontrei duas esmeraldas brilhantes me fitando, compreensivas. Alice estava me consolando? Não deveria ser o contrário?

– Não se preocupe com isso, meu amor. Depois conversei com ele – afirmei, amargurada. Nesse ponto, a culpa estava me estrangulando. – Agora, quero que me conte sobre essas coisas diferentes que você pode fazer. E desta vez, eu não vou me assustar. Prometo.

Ela pensou por um segundo, depois abriu seu estojo e esparramou alguns lápis na mesa.

– Olha isso, Tata... É muito legal – disse, com um sorriso afoito.

Alice olhou fixamente para os lápis na mesa e percebi seus olhos clareando. Ela se concentrou, e os lápis começaram a flutuar... Quase caí de costas no chão. Agarrei a lateral da mesa para me apoiar enquanto cinco lápis de cor circulavam no ar em movimentos aleatórios. Depois, eles voltaram para a mesa.

– Só sei fazer isso – falou, decepcionada.

Reuni o pouco que restava do meu autocontrole, para tentar parecer lúcida enquanto encontrava minha voz para confortar minha irmã caçula.

– Está... ótimo, meu amor. Está ótimo – falei com voz fraca. Alice sorriu com um contentamento orgulhoso que juntou os cacos do meu coração. Tentei encobrir minha surpresa com um sorriso. – Eu adorei!

Ela parecia eufórica com a nova admiradora. Estava satisfeita por dividir sua nova habilidade e ficou feliz por alguém apreciar algo que ela, e só ela, era capaz de fazer. Nesse momento, eu me senti a pior pessoa da terra, um projeto incompetente e desnaturado de irmã. Alice só queria ser aceita pela irmã mais velha, a referência que ela tinha de alguém a quem deveria orgulhar... e não prestei atenção nela. Eu queria me estapear. Então, uma dor lacerante rompeu meu peito quando percebi o óbvio: Alice estava sofrendo por não ser aceita por quem ela amava. Vincent tinha razão.

Estiquei-me para abraçá-la e a apertei com força.

– Desculpe por não entender isso antes, Alice. Estou orgulhosa de você... Eu te amo. – Precisava deixar isso bem claro.

Alice retribuiu o abraço e isso me deixou ainda mais emocionada. Seria difícil, muito difícil. E complicado, muito complicado, mas nunca a abandonaria. Aqui, ou nesse louco Mundo Mágico. Prometi a mim mesma não magoá-la novamente, e estava disposta a fazer de tudo para protegê-la nesse caminho inevitável. Apertei minha irmã em mais um abraço esmagador... O dia de hoje estava carregado de emoções e precisava exteriorizar isso ou iria explodir! Alice gemeu em meus braços e a soltei. Meus olhos continuavam mareados e, ainda assim, me sentia melhor. Mais preocupada e neurótica do que nunca, mas aliviada por finalmente esclarecer esse assunto.

Alice ficou radiante quando afirmei que poderia usar suas habilidades na minha frente, mas ficou decepcionada quando informei que não revelaríamos as novidades a George. Ainda. Precisava encontrar um meio de conversar com meu avô primeiro e preparar seu coração. Sabia que, para Alice, mostrar essa nova habilidade era como mostrar sua capacidade de andar de bicicleta; como toda criança, ela estava ansiosa para mostrar suas conquistas, porque se orgulhava delas. Queria dividir o que era capaz de fazer com quem amava. Alice buscava aceitação, apenas isso... Me lembrei de Vincent mais uma vez. Ele também esperava minha aceitação e, mesmo sem eu pedir, já estava nos ajudando. Para variar, enfiei os pés pelas mãos. E precisava consertar isso. Mas como?

Depois de um suspiro, voltei para as painéis, imaginando uma forma de me desculpar com meu cavalheiro. Com minha visão periférica, percebi os lápis voando sobre a mesa mais uma vez... Precisava me acostumar com isso. Seria difícil controlar as habilidades de Alice em casa, ela ficaria cada dia mais confiante e teríamos que criar novas regras. Lembrei-me da conversa com Vincent, e dúvidas borbulharam em minha mente... Espiei Alice e tentei não pensar na parte de como protegê-la, mas um arrepio correu meu corpo involuntariamente só de imaginá-la do outro lado. No Mundo Mágico.

– Alice... Você conversou com Vincent sobre seus poderes durante o passeio na montanha? – questionei, tentando parecer distraída.

– Não, foi antes... – respondeu com naturalidade. Eu me virei para encará-la. Alice estava concentrada nos lápis que giravam no ar e tentei não olhar para eles, focalizei a menina de olhos cor de alface ajoelhada na cadeira, esperando que continuasse. – Ele veio aqui quando você caiu – disse apertando os lábios, ainda concentrada no movimento dos lápis.

– Quando caí na montanha? – insisti, e ela assentiu com a cabeça. – Ele veio aqui falar com você naquele dia? Como? Quando? – indaguei, ansiosa.

Alice desviou os olhos por um segundo e os lápis caíram na mesa. Ela fez uma cara decepcionada de partir o coração e, mesmo com minha ansiedade devastadora pulando pelas orelhas, tentei ser a irmã competente que deveria. – Tudo bem... Você consegue fazer de novo. E aposto que vai fazê-los girar ainda mais alto da próxima vez – completei com um sorriso que esperava parecer confiante, lembrando-me de que não tinha a menor ideia de como ela fazia aquilo. Alice sorriu reconfortada, meu objetivo foi alcançado. – Agora me explique, Alice... Por favor. Vincent veio aqui em casa?

Alice mordeu o lábio, e começou a recolher os lápis, parecia incomodada. Com certeza havia mais um segredo aí. Como Vincent conseguia manipular minha irmã desse jeito?

– Vincent pediu para não contar que ele esteve aqui – revelou, temerosa. – Não quero que vocês briguem de novo. – Intensifiquei meu olhar exigente. – Tá bom... Ele veio de noite, disse que era um amigo seu e sabia fazer as mesmas coisas que eu. Me explicou como isso assustava as pessoas... e contei para ele que o vovô não acreditou quando disse que falei com a vaca na fazenda. Fiz meus ursos voarem e ele gostou. Depois ele perguntou se você estava melhor e levei ele para ver você. Achei que você estava acordada, mas o Vincent disse que você estava dormindo, aí ele foi embora.

Minha boca estava aberta por vários motivos, e nem sabia por onde começar. Alice cansou de esperar por uma reação e voltou a guardar os lápis. Mais um minuto, e finalmente encontrei uma linha de pensamento.

– Mas... Alice, você não ficou assustada por ver um estranho aqui em casa... à noite? – perguntei com dificuldade, controlando o fluxo de ar nos pulmões.

– Eu sei, eu sei – ela falou, aborrecida. – Você já disse para eu não falar com gente estranha. Mas o Vincent não é um estranho, ele é o gigante que brilha. Claro... ele... Ah! Então, Vincent era o gigante que brilha!

Pisquei algumas vezes, minha lucidez pulsando por um fio. Pelo visto, teria que ser mais específica ao exemplificar os tipos de estranhos que não deveriam se aproximar da casa. Ainda zonza, me lembrei do dia da queda, de um sonho estranho com Vincent... Da porta aberta pela manhã. Muita coisa fez sentido. Mas uma frase de Alice voltou como um trovão e me deixou mais atordoada do que todo o resto.

– Você falou com a vaca da fazenda? – repeti suas palavras em tom de pergunta, e Alice confirmou, sem tirar os olhos do estojo. Engoli em seco, ligando outros pontos, me esforçando para não demonstrar espanto ou desespero com as revelações de minha irmã caçula. – Então... Você consegue falar só com as vacas ou pode falar com outros bichos também?

– Bom... – Alice levantou o queixo, pensativa, e continuou com naturalidade enquanto fechava o zíper da mochila. – Falo com o coelhinho, com os passarinhos, com os esquilos... Tentei com os peixes, com as lagartixas foi difícil... Ah, e falei com o Heros! – completou, animada, como se tivesse informado as cores do arco-íris. – Posso ver desenho no quarto?

Assenti, atordoada, e Alice correu para seu quarto.

Continuei estática, absorvendo as novas informações. Planejava fazer algumas anotações para não me perder nos detalhes... É, seria bom escrever, ter provas físicas e reais antes que começasse a duvidar de minha sanidade mais uma vez. Balancei a cabeça e fitei longamente a gaiola do coelho no chão.

– O que mais você sabe que eu não sei? – Soltei a pergunta inquisitória à bola peluda, tendo a certeza de que já havia passado do meu limite há muito tempo. Não aguardava uma resposta, mas gostaria de saber o que esse bicho já havia presenciado. E, por um momento, pareceu que o bicho me encarava.

Despertei de minhas loucuras momentâneas quando um cheiro de queimado tomou meu nariz, olhei em volta e a fumaça esbranquiçada ocupava toda a cozinha... As mazelas de uma cozinheira distraída. Corri para o fogão, mas era tarde. A papa de cor duvidosa dentro da panela deveria estar com um sabor pior que sua aparência. Era isso, o almoço estava arruinado. Ainda admirava o estrago quando a campainha tocou. Meu estômago gelou e meu coração saltou para bater em minha garganta; joguei a panela na pia e corri para a porta.

– Oi... Cheguei em má hora? – Lucila esticou o pescoço para dentro e franziu o nariz. – Acho que seu almoço está queimando, Melissa.

Fiquei em silêncio por alguns segundos e sintonizei meus pensamentos... Agir com normalidade.

– Eu sei – respondi, na falta de outra coisa para dizer. Abri um sorriso amarelo e me afastei, dando-lhe passagem.

Alice apareceu no hall e gelei. Precisava alertá-la! Não queria que minha irmã fizesse algo habilidoso demais na frente de nossa vizinha e, para aumentar meu pânico, minha irmã parecia assustadoramente casual. Avancei alguns passos para colocar Alice ao alcance de minhas mãos... Estava para entrar em colapso com todo esse estresse.

– Não fique chateada, meu bem, estas coisas acontecem. De qualquer forma, vim buscar vocês para almoçar conosco no restaurante. Queremos agradecer o sucesso do leilão. George já está lá, esperando. Ele tentou falar com você, mas ninguém atendeu ao telefone aqui, depois resmungou algo sobre seu celular... Mas, como tinha que passar em casa, resolvi buscá-las.

Meu cérebro funcionava cada vez melhor sob pressão e rapidamente

analisei minhas alternativas... Arthur e família, mais Melissa e família, igual à situação constrangedora. Entretanto, esse almoço era a oportunidade de que eu precisava para subir a montanha e me desculpar com Vincent. Se George estava no restaurante, sabia que não sairia de lá antes de escurecer... Hum. Abaixei meus olhos até Alice. Ela nunca havia ficado sozinha com Lucila, mas estava progredindo em sua timidez. Primeiro com Vincent, depois com Aristela e Nicolau. Eu só precisava alertá-la sobre suas habilidades, mas sabia que não faria nada na frente de George... Então, não parecia haver problemas em deixá-la com Lucila até ela chegar ao avô. O plano era satisfatório e eu precisava agir, não podia pensar muito. A única coisa que sabia é que meu coração me mandava procurar por Vincent antes que fosse tarde.

– Na verdade, Lucila, estive ocupada essa manhã, e ainda tenho algumas coisas importantes para resolver. Será que você pode levar Alice até George? Assim ela almoça com vocês enquanto arrumo essa bagunça e resolvo minhas pendências. – Indiquei a fumaça cinza na cozinha com a cabeça.

– Tudo bem... – Apesar de desconfiada, Lucila disfarçou bem. – Mas você não quer mesmo almoçar conosco?

– Na verdade, não estou com muita fome. – Isso era verdade. – Será que você pode me fazer esse favor? – Sabia que pedir um favor para Lucila era golpe baixo, mas não queria discutir alternativas.

– Claro! Isso não é nada comparado ao que ainda lhe devo pelo leilão – disse, sorridente. Essa era resposta que queria ouvir.

Alice ficou animada com a ideia de almoçar fora e foi se trocar sem protestos, mas logo se chateou quando descobriu que iria sozinha. Na verdade, ela não queria ficar sozinha com Lucila, mesmo depois de eu jurar que George estava esperando por ela no restaurante. Quando minha irmã esboçou um choro magoado, resolvi ser sincera... Expliquei que precisava fazer as pazes com Vincent. Alice pareceu conformada, mas não desistiu e pediu para ir comigo até a casa dos Von Berg. Queria ver seu novo amigo, Heros. Desta vez tive que encontrar argumentos que justificassem uma conversa de adultos com seu outro amigo, *o gigante que brilha*. Por fim, Alice cedeu e, mesmo aborrecida, prometeu não fazer nada fora do comum durante o almoço. Eu precisava lhe dar um voto de confiança... Afinal, até agora, nada alarmante tinha acontecido em público. Nada tão alarmante.

Voltamos para a sala e Lucila aguardava perto da porta, fugindo da fumaça. Alice se despediu com um beijo, arrastando-se porta afora. Observei minha irmã caminhar até a caminhonete prata, e uma dor antiga tomou meu peito...

– Você e o Arthur estão se evitando, não é? – Lucila perguntou da

varanda.

Estava surpresa, ela nunca foi tão direta e não sabia o que responder. Muita coisa havia acontecido desde a noite de sábado, coisas muito mais importantes do que meu desentendimento com Arthur. Nossa conversa inacabada parecia ter acontecido em outra vida! Mas Lucila tinha razão: nesse momento, preferia evitá-lo. E não queria pensar muito sobre os reais motivos para ser assim.

Abaixei os olhos, envergonhada, mas confirmei com a cabeça.

– Está tudo bem, Melissa, as coisas nem sempre são fáceis. Com o tempo, tudo se ajeita. – Lucila abriu um sorriso sincero, e fiquei feliz por encontrar a compreensão em um olhar amigo.

Ela beijou meu rosto e seguiu a menina emburrada. Logo que a caminhonete prata se afastou, girei nos calcanhares, abri as janelas e, depois de eliminar os vestígios do crime, corri para o sedã. Precisava ver Vincent. E me desculpar. Ele e Alice queriam minha aceitação, minha compreensão, e me senti a mais cruel das criaturas por ser tão insensível.

Enquanto meus dedos ansiosos tentavam encaixar a chave na porta do carro, um vulto deixou a casa verde... Espiei o homem com um enorme hematoma nos olhos colocar algumas caixas na caminhonete preta e rezei para meus dedos serem mais ágeis. Não queria perder meu precioso tempo com as tagarelices ofensivas de Daniel. Mas, surpreendendo-me com sua indiferença, ele passou por mim com um olhar vazio, como se eu não estivesse ali. Perdi alguns segundos com a cena. Daniel me ignorou? Soltei os ombros com indiferença... isso não importava! De verdade, até me alegrei; era perfeito! Um problema a menos, fácil como em um passe de mágica! E meu sorriso esmaeceu. Será que Vincent tinha alguma coisa a ver com esse súbito esquecimento?

A terra rodopiava atrás do sedã, parecia que o carro ia se despedaçar a qualquer momento, nas saliências ou nas curvas, e rezei para que resistisse. Passei pela encruzilhada da estrada e fitei o portão de ferro por um segundo, depois acelerei montanha acima... Muita coisa havia acontecido e, pelo pouco que conhecia de Vincent, ele não ficaria em um lugar agitado. Ele estava em seu refúgio. Mais alguns minutos impacientes e finalmente avistei o BMW preto estacionado no pátio de cascalho. Parei ao lado dele e corri para a casa de vidro... Subindo os degraus de pedra, eu me angustiei. E se Vincent estivesse zangado a ponto de não me perdoar? O que eu faria se ele tivesse mudado de ideia? Se tivesse desistido?

Respirei fundo. Suas palavras de amor foram sinceras e meu coração afirmava isso. E esse coração frenético era meu único aliado agora. Cambaleei

pelos degraus da escada externa até a porta de entrada e a empurrei, timidamente.

– Vincent? – chamei, mas não houve resposta.

Eu me espremi pela porta e avaliei a grande sala vazia. O silêncio dominava tudo. Fui até a escada sem corrimão e, subindo os degraus, verifiquei o andar de cima, na dúvida se isso era uma invasão. Chamei outra vez e, como antes, o silêncio foi minha resposta. Por fim, confirmei com meus olhos o que meus ouvidos já sabiam... A grande sala do segundo andar também estava vazia.

Agora, eu caminhava devagar, observando o vento chacoalhar as árvores do lado de fora. Parei de frente para a parede de vidro e admirei o deck de madeira no andar de baixo. A memória daquele primeiro beijo trouxe milhões de borboletas ao meu estômago. Deixei meus olhos repousarem na paisagem de tirar o fôlego e me abracei, a tristeza tomava cada centímetro do meu corpo e tive vontade de chorar. Algo me dizia que Vincent não estava aqui, nesse mundo. E, se fosse assim, não tinha ideia de quando o veria de novo... Talvez minutos, talvez horas ou dias. Lágrimas romperam meus olhos quando me imaginei longe dele por semanas.

O que foi que eu fiz!

Os minutos passaram e eu ainda estava em pé, vigiando. Inspirei o ar lentamente e um espasmo de dor correu por meus músculos... Minhas desculpas chegaram tarde. O ar gelado da montanha soprou pela sala vazia, fazendo-me tremer... Eu usava apenas uma camiseta de mangas curtas e me apertei em meu próprio abraço. Olhando em volta, encontrei a chaise preta, oportunamente banhada pelo sol. Sentei-me no conforto do calor para pensar em uma solução. Talvez devesse procurar os Von Berg, mas o que ia dizer? Que magoei o protegido deles? E, sabendo a verdade por trás das paredes do palacete, não sabia se teria coragem de pisar lá sozinha. Estremeci novamente, e não sabia se era frio ou covardia por lembrar dos olhos amarelos e inóspitos do elfo zangado.

Incomodada com minha inércia, eu me remexi no estofado, e meus pés esbarraram em algo no chão... Havia muitos livros negligenciados ali, por todo o assoalho até a lareira robusta do outro lado. Isso lembrava o quarto de um adolescente revoltado. O pensamento me fez recordar de uma parte da história de Vincent. E reafirmei a mim mesma que ele não desistiria de ser bom... não tão facilmente. Amargurada, peguei um livro do chão, tentando ler sua página marcada, mas as palavras estavam em outro idioma. Eu o fechei, olhando em volta, e com um suspiro paciente escorreguei para o chão. Recolhi os outros livros, empilhando-os em fileiras organizadas, demorando-me ao analisar cada lombada... Eles formavam um mix de línguas europeias. Imaginei quantos idiomas Vincent dominava. Isso surpreendeu e entristeceu. Nossos mundos eram

muito diferentes, mas não era só isso, nossas vidas eram muito diferentes. Além de não saber nada sobre ele, jamais conseguiria acompanhá-lo. O abismo que nos separava ficava cada vez maior, e amar esse homem multifacetado parecia um capricho sem propósito... Uma batalha perdida. Que, em algum momento, iria me ferir.

Sentei-me novamente na chaise aquecida e um objeto me cutucou. Puxei o pequeno livro esquecido entre as almofadas e, quando li o título, meu coração parou com um solavanco... *Cinco Minutos*. Abracei o livro, como se estivesse abraçando o próprio Vincent, depois caí de costas no estofado. Apesar das lágrimas insistentes, a sensação de esticar meu corpo cansado era relaxante. O sol pairava sereno sobre meu corpo, me aquecendo, me acalentando. O aroma das almofadas subiu até meu nariz... amadeirado, levemente cítrico. Fechei os olhos e o tempo passou, me torturando lentamente.

O calor relaxou meus músculos, o perfume familiar domou meus sentidos, meus pensamentos foram se espaçando... Estava ficando sonolenta... Muito sonolenta...

E então, estava correndo... Correndo pelos bosques da minha infância. E parei. À minha frente, um homem sombrio. Sua capa preta balançava ameaçadora contra o vento, e ele estava cada vez mais perto. Eu deveria fugir, precisava fugir, mas meus olhos estavam fixos no aglomerado de cores vivas atrás dele. As cores se moveram lentamente entre as árvores e tomaram forma. Era um rapaz. Seu rosto estava pálido e seus olhos brilhavam agoniados, azuis, como o céu acima de nós... cabelos pretos como a escuridão da noite voavam com o vento... Ele era lindo. Sua beleza era pura como sua alma, refletida por seus olhos intensos. Quando estes olhos me prenderam, um calor aqueceu meu peito, correndo por meu corpo, fazendo minha cabeça flutuar. Havia um aviso naqueles olhos... eles estavam aflitos... Sua boca rosada tremeu, mas não entendi o que ele disse; então, seu rosto se contorceu e percebi que ele estava machucado. Muito machucado. A cor viva brotava de sua roupa, ele estava sangrando. E logo descobri como ele havia se machucado. Alguém me agarrou pelo pescoço... e ficou difícil respirar. A dor latejante era insuportável, queimava como ferro em brasa. Procurei pelos olhos do rapaz, mas eles estavam fechados. Sentia muita dor, mas minha dor não foi maior do que a angústia de ver o rapaz no chão. E tive medo. Puxei todo o ar dos meus pulmões e gritei com vontade para que o homem me soltasse, assim poderia ajudar o rapaz machucado. O homem na capa preta não me soltou e lutei, lutei com o pouco de ar que restava. Senti um calor tremulante deixar meu corpo e meus olhos fraquejaram... Pisquei quando uma brisa suave varreu meu rosto, pisquei mais

uma vez e uma luz prateada reluziu à minha volta. Ela era linda, a borboleta mais linda que já vi na vida. Formosa, como uma mulher de longos cabelos dourados. O homem da capa finalmente me soltou e a dor latejante do ar voltando aos meus pulmões foi pior do que o aperto de suas mãos. Ele se esquivou para a sombra de uma árvore e se misturou a ela. Eu me esforcei... Mas não pude mais resistir, meus olhos estavam fracos. Tive um último vislumbre, outra borboleta. Elas eram parecidas, mas não eram iguais. Ele chegou bem perto de mim e falou ao meu ouvido: “Vai ficar tudo bem”.

Um calor familiar percorreu toda a lateral do meu rosto, da testa ao queixo. Pisquei algumas vezes... estava tudo diferente.

A luz do sol não era mais amarela, estava fraca e alaranjada, quase uma penumbra. Levei as mãos ao rosto para esfregar meus olhos e ouvi um baque surdo no chão. Estiquei-me para pegar o livro e quase me desequilibrei... Duas mãos quentes me seguraram com firmeza.

– Devagar. Você acabou de acordar. – A voz grave soou ronronada e tinha um sotaque familiar.

– Vincent! – Eu me joguei para frente com um único movimento e dois braços fortes me seguraram. Vincent estava sentado na chaise, aos meus pés, e o agarrei pelo pescoço. – Desculpe... Desculpe... – repeti aliviada. Ele me abraçou para que eu não tombasse, e espremi meu rosto em seu pescoço, aninhando-me em seu colo – Você tinha razão, toda razão! – continuei, falando em sua pele perfumada. – Alice me mostrou o que pode fazer e ficou feliz em dividir comigo... Preciso que me ajude a entender tudo isso, Vincent. Quero que nos ajude! – Minha voz era um gemido envergonhado. – Você tem todo o direito de se zangar... Me pediu para aceitar seu mundo, aceitar o que você era... E eu fugi! Sou a pior pessoa do mundo. Sou medrosa. Mas juro que vou me esforçar mais!

Eu falava rápido, estava quase incoerente, mas extremamente feliz por tê-lo em meus braços.

– Está tudo bem. – Ele ronronou com voz de veludo em meus cabelos. Sem acreditar em tanta calma, levantei meus olhos para avaliar sua reação. – Você não me prometeu nada, Melissa, disse apenas que ia se esforçar. E estou muito feliz por vê-la aqui. – Vincent sorriu. Queria que ele me perdoasse, mas não imaginei que seria tão fácil. Ele encontrou meu olhar desconfiado e decidi explicar. – Você me pediu para ser paciente e estou cumprindo o que prometi.

Com um afago ele deslizou as mãos por meu rosto, e me senti ainda pior. Ainda mais indigna desse galã de filme antigo. Contemplei a transparência de seus olhos sinceros, penetrantes e hipnóticos... Eles brilhavam como o céu azul, emoldurados pelos cabelos negros. Negros como a escuridão da noite que já ia

chegar.

– Lembrei! – exclamei com uma súbita euforia. – Eu me lembrei da primeira vez que vi você... no bosque! – concluí, surpresa, e Vincent arregalou um olhar duvidoso.

– Não é possível. Essa memória não poderia voltar – Uma pontada de dor cruzou seus olhos e se transformou em apreensão.

– Mas ela voltou! Acho que em um sonho... Não sei bem como, mas tenho certeza de que me lembrei. De tudo! – falei confusa, admirando os raios púrpura do sol baixo refletidos em seus olhos tristes. Era como ver o pôr do sol em um espelho. – Não foi ruim, Vincent, não tão ruim. Eu entendo... A imagem do homem na capa preta é assustadora, mas, na minha memória, uma coisa foi mais marcante. O rapaz. *Você* – disse tímida. – Você estava preocupado comigo e seus olhos brilhavam, tão azuis... – Deslizei meus dedos por sua sobancelha e depois, pela lateral do seu rosto. – Você era mais novo, mas ainda igual... e estava tão bonito. Mesmo sendo só uma menina, eu... eu acho que me apaixonei por você – concluí, acanhada.

Meditei sobre minhas próprias palavras e ainda contemplava os olhos da minha lembrança quando notei que Vincent não estava respirando. Então, ele chegou à mesma conclusão que eu.

– Eu sempre amei você – murmurei com um sorriso esclarecedor.

Vincent tinha os olhos vidrados nos meus e senti suas mãos se fecharem em minhas costas. Com um movimento rápido, eu estava deitada novamente, sua boca pairou sobre a minha por um rápido segundo e ele estava arfando quando seus lábios tocaram os meus. Sua boca se movia na minha com vontade, mas também com cuidado... Ele me prendeu entre seus braços enquanto suas mãos apoiavam minha cabeça na chaise. Senti o peso do seu corpo aumentando gradativamente sobre o meu e, depois do susto, me rendi a essa intensidade de calor que eram seus beijos.

Mergulhei meus dedos em seus cabelos e o trouxe para mais perto, sentindo seu perfume tomar meus sentidos. Vincent desceu uma das mãos por meus cabelos e, com a ponta dos dedos, contornou minha orelha, acompanhando a curva do meu pescoço, circulando meu ombro... Já estava sem ar quando ele deslizou a mão por minhas costelas e apertou os dedos em minha cintura. Com a outra mão, ainda apoiando minha cabeça, Vincent me levantou. Forçando-me a sentar.

– É melhor continuarmos isso sentados – disse em meus lábios.

Apenas sorri... *Sempre um cavalheiro*, pensei, beijando-o novamente. Entendi muito bem o que Vincent quis dizer, mas não estava preocupada onde isso iria acabar. Era difícil pensar quando estava envolvida assim, com ele.

Instintivamente, passei os braços por seu pescoço, aproximando-me novamente. Vincent não negou meus beijos, mas estava mais controlado.

– Não estou reclamando, Melissa, mas acho que esse não é o melhor momento para perdermos o controle – ele completou com um suspiro, e se afastou para me olhar de frente.

Normalmente teria corado, mas o calor em meu rosto não permitia que mais nada se aquecesse ali. Meu corpo pegava fogo. Ou era simplesmente o calor de Vincent que ainda estava comigo. Afaguei seu rosto com meus dedos trêmulos, contornando seus traços perfeitos. E expirando o ar com força, eu me endireitei na chaise, para lhe dar espaço. Vincent se aproximou, sentando ao meu lado, a respiração ainda descompassada.

– Já é noite – murmurou, e finalmente percebi a ausência de luz. – Você dormiu algumas horas...

– Não entendo como consegui dormir depois do dia de hoje. – Eu o interrompi surpresa, minha pulsação quase normalizada.

– Que bom que você conseguiu dormir depois do dia de hoje. – Vincent falou com a voz ronronada, no rosto sombreado um sorriso reluzente. – Não se preocupe, não vou exigir mais do que você pode suportar. Depois da enxurrada de informações, acho que sua reação foi aceitável.

– Mas não justificável. – Suspirei. – Magoei você e estava magoando Alice. Nunca vou me perdoar. Era óbvio, mas não queria ver. Na verdade, acho que não queria acreditar. Mas tenho outros medos agora, Vincent, medo das consequências... Medo de Alice se expor. E isso quase aconteceu no dia da festa, com a babá. Estou imaginando os problemas e traumas que esse poder ainda pode causar e não suportaria vê-la sofrendo de novo. – Minha voz parou, estrangulada.

– Vamos resolver isso – ele disse, escorregando o dorso dos dedos por meu queixo. – Alice precisa de treinamento e Aristela pode ensiná-la a controlar seu poder, para que ele não saia de controle novamente. Alice só precisa praticar.

Concordei. Estava agradecida por George não ter presenciado nada e seria melhor continuar assim. Ele teria um infarto se visse algo flutuando pela casa! Isso me lembrou da novidade.

– Ela fala com animais, Vincent! – exclamei, arregalando os olhos.

– Eu sei.

Vincent se levantou e foi até a lareira, ajeitou alguns troncos e puxou um objeto prateado do bolso. Em vez de levar a chama do isqueiro até o tronco chamuscado, ele a tomou nas mãos, como na noite do restaurante. Suas mãos manipularam a chama no ar enquanto ele golpeava o tronco; em seguida, ajeitou alguns gravetos menores em volta do fogo tímido. Vincent se livrou da chama

em suas mãos, e ela se confundiu com as labaredas que tremulavam dentro da lareira. Por fim, sentou ao meu lado, demorando os olhos em meu rosto. Com cuidado, ajeitou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, e só então fechei minha boca.

– Falar com animais é o dom dela, Melissa – disse, com voz suave.

– Pensei que o que você classificasse como *dom* fosse esse tipo de coisa.

– Apontei para as chamas da lareira.

– O controle da matéria e outras habilidades fazem parte de quem nós somos, do que aprendemos. Os dons são especiais, como uma herança da linhagem do mago. Mas não é todo mago que tem um dom; às vezes, ele possui apenas habilidades. Vamos dizer que isso torna Alice especial – disse, cauteloso. Arregalei os olhos, imaginando possibilidades improváveis. – Está tudo bem, Melissa. O dom de Alice é inofensivo. Sinceramente? Acho que ele só seria perigoso se você esquecesse Alice em um zoológico. – Vincent atenuou com humor e sorri nervosamente.

– E existem dons perigosos?

– Sim. – Ele se ajeitou na chaise.

A resposta simplista e evasiva significava que o assunto o incomodava. Analisei a situação e concluí que esse era só mais um assunto que poderia me assustar, e não queria dar outro chique, embora soubesse que isso era bem possível. Mordi o lábio por reflexo, contendo as perguntas na garganta... Melhor não insistir, não por ele, mas por mim.

Ele continuou, desviando do assunto:

– Alice está eufórica e, como toda criança que descobre algo novo, vai querer mostrar suas novas habilidades. E vai ficar decepcionada quando não puder fazer isso. Por enquanto, temos apenas que tentar controlá-la.

– Tentar?

– O caso de Alice é raro, mas acontece. Não tenho experiência com crianças, mas, pelo que sei, é difícil controlar a magia em crianças pequenas. Ela tem a chave da loja de doces e, mesmo sabendo que não deve, pode comer o quanto quiser. – Ele levantou os ombros. – Normalmente, os poderes de um mago se desenvolvem um pouco mais tarde, com as mudanças da adolescência... E, ainda assim, é difícil. – Vincent suspirou com alguma lembrança. – Sei que Alice é uma menina dócil, mas você tem que lembrar que seu entendimento é limitado. Ela pode ficar zangada, chateada ou assustada... Isso vai influenciar seu controle. – Lembrei-me do episódio do carro quebrando na serra e senti minha respiração acelerar. – Acalme-se, só estou expondo as possibilidades. Alice não vai virar um monstro incontrolável. Quero apenas que esteja preparada para enfrentar isso da melhor maneira que puder, e a melhor forma é encarar os fatos

de maneira racional e realista.

Soltei uma risada afetada e Vincent me olhou sem entender.

– Desculpe, Vincent... Mas *racional* e *realista* são palavras que não combinam nesse contexto. – Tentei me explicar, controlando o acesso de riso. Ele se limitou a balançar a cabeça em censura. Respirei fundo... – Por que o poder dela se desenvolveu tão cedo?

– A magia cresce a partir das emoções. Uma grande mudança emocional, boa ou ruim, é capaz de acelerar seu desenvolvimento. No caso de Alice, sabemos que houve um desencadeante. – Ele me fitou com cautela e soube que estava se referindo à morte de nossa mãe e do pai de Alice. Não consegui esconder minha expressão de pesar. Vincent procurou minha mão, beijando suavemente minha testa. – Já é noite... Acho melhor levar você para casa. Não quero que seu avô fique preocupado.

Eu me levantei com um salto.

– Passei a tarde toda aqui! – exclamei, admirando a vidraça escura. – George já deve ter voltado para casa e não avisei para onde iria, muito menos que iria demorar... Não deixei nem um bilhete! E, se conheço meu avô, ele está preocupado... e furioso! – Balancei a cabeça, imaginando o sermão que ouviria em casa.

– Você pegou no sono, seu avô vai entender o atraso.

– Ele não vai acreditar que dormi, Vincent... Principalmente quando disser que estava com você.

Encarei Vincent com um olhar de duplo sentido e alisei minha camiseta amarrotada com as mãos.

– Vou ter de me esforçar para agradar George depois dessa. – Vincent compreendeu meu dilema. – Se ele não gostava de mim antes, agora, vai me odiar. – Girei os olhos, quase rindo de sua expressão desolada. – Não estou exagerando, Melissa. George deixou bem claro o que espera de mim. E, sejamos francos, ele nunca vai me aceitar como um pretendente para você.

Meu coração saltou no peito. Pretendente? Vincent desejava levar isso a sério, e não contive meu sorriso.

– Vincent... Você está com medo do meu avô? – Eu ri. – Finalmente você tem medo de alguma coisa.

– Dei minha palavra, Melissa. – Ele continuava muito sério e apertei os lábios, segurando meu humor. Vincent prezava sua palavra, estava preocupado em agir como um cavalheiro e isso não era engraçado... Era encantador. – Acho melhor você ligar para sua casa – Vincent puxou um telefone celular do bolso e franzi a testa, encarando o aparelho de última geração em suas mãos. – Magos modernos também usam telefone celular. Infelizmente, não sou telepata.

Já não sabia se isso era uma piada. Encarei seus olhos sérios... É, provavelmente não.

– E o que vou dizer? – perguntei para mim mesma enquanto discava o número. Ouvi o som de linha ocupada e entendi isso como um sinal. Não queria dar nenhuma desculpa para George, queria conversar pessoalmente, explicar que Vincent faria parte de minha vida. E, conhecendo George, esse não era um assunto que deveria começar pelo telefone. Devolvi o aparelho para Vincent com uma careta. – Acho melhor me apressar.

Contornei a chaise e Vincent me seguiu. A luz da lareira se tornou uma penumbra depois de alguns metros e a casa ficou cheia de sombras, como a noite escura do lado de fora. Parei no topo da escada, avaliando a estrutura de madeira, ainda mais intimidadora no escuro. Eu me virei ansiosa, procurando por Vincent... Ele parou com um tranco e precisou apoiar as mãos em minha cintura.

– Chegaríamos mais rápido se eu viajasse pela sombra com você? – perguntei num rompante. Já que estava envolvida nesse mundo de magia e esquisitices, não custava nada tirar proveito de alguns truques.

– Sim. Mas não vamos fazer isso. – Ele me girou em suas mãos, conduzindo-me pela silhueta escura da escada. – Para viajar assim precisamos nos deslocar pela Dimensão das Sombras, e há muitos lugares desagradáveis pelos caminhos. Lugares que não quero compartilhar com você.

– É perigoso?

– Não exatamente. Mas a Dimensão das Sombras não é confiável. Há lugares pouco seguros e nada bonitos. Você já viu e ouviu coisas demais por um dia. Ponto final.

Pensei no assunto por um segundo.

– Eu fecho os olhos.

– Não, Melissa! – rosnou, aborrecido, praticamente me empurrando escada abaixo.

Desci cambaleando pelos degraus vazados, atenta ao design curvo. Por precaução, tateei no breu até encontrar sua mão. Seria melhor me apoiar ou iria despencar pela lateral desprotegida da escada... Para mim, esse monumento ao perigo era um desafio muito maior do que as coisas desagradáveis da tal Dimensão das Sombras.

– Essa casa não tem lâmpadas?

– Não gosto de luz artificial – Vincent respondeu amuado.

– Mas você usa o micro-ondas... e um celular! – argumentei irritada, medindo os degraus com os pés. E vacilei. Vincent me segurou pelo braço para eu não despencar e seu aperto com certeza deixou um hematoma. – Ai! – reclamei, e ele passou as mãos para minha cintura com um suspiro impaciente. –

Que droga, Vincent! Desse jeito vou levar horas para chegar até meu carro.

Vincent soltou minha cintura com um murmúrio irritado e quase caí. Ele girou os braços no ar e uma chama miúda se esticou em um círculo anelado, pairando acima de seu ombro. Ele guardou o isqueiro no bolso e, sem aviso, me levantou em seus braços. Com uma facilidade humilhante, Vincent deslizou pelos degraus, alheio ao meu peso ou a escuridão à nossa frente. A pouca claridade bastava para iluminar seu rosto, e ele pareceu aborrecido. Ainda assim... deslumbrante. Sorri, contemplativa. O mago carrancudo encontrou meu olhar e levantou os lábios, ainda que a contra gosto. Já havia me perdoado.

Ele caminhou comigo nos braços pelo andar térreo e desceu os degraus externos. Ao lado do BMW, Vincent me deslizou por seu corpo até que meus pés tocassem o chão. Deixei minhas mãos em seu pescoço, fascinada... Sabia que estava mais do que atrasada, mas era muito bom ficar assim, próxima a ele.

– Geniosa – ele resmungou, balançando a cabeça.

– *Mürrisch* – pronunciei um adjetivo provocador de que me lembrava.

– Ah... Então, você fala alemão?

– Na verdade, só sei algumas palavras. Mas precisei aprender algumas novas para definir você em outras línguas – retruquei com humor.

– E creio que mal-humorado faz parte do seu vocabulário... *ma belle*.

Não precisava ser poliglota para entender o elogio. O vento gelado da noite soprou ao nosso redor e, previsivelmente, os braços de Vincent se fecharam à minha volta. Era a desculpa de que precisava. Quando cruzamos nossos olhares, minha respiração já estava acelerada... E não era a única. Vincent também estava afetado com nossa proximidade. Com um movimento rápido de suas mãos, nossa luminária portátil se esticou até desaparecer; em alguns segundos, meus olhos se adaptaram à nova claridade. Percebi uma lua incrivelmente redonda pairando no céu acima de nós e, sem demora, a mão de Vincent voltou para minhas costas. Ele a deslizou suavemente até a base da minha cintura, trazendo-me para mais perto.

– Você ainda acha que viajar pela sombra poderia ser melhor do que isso?

– perguntou, indicando a lua com os olhos.

Não respondi. Essa pergunta era óbvia demais, *nada* seria melhor do que isso. Ele precisava de outra resposta... Com um impulso, me levantei na ponta dos pés e encontrei seus lábios no meio do caminho. Quando o ar me faltou entre nossos beijos, concluí que havia me esquecido do tempo e do mundo fora de nossa bolha.

Desta vez fui eu quem interrompeu o beijo perfeito, deslizei minhas mãos por seu pescoço e as apoiei em seu peito. Senti o movimento acelerado de sua respiração e, com um arfar doloroso, me afastei, segurando-o no lugar. Vincent

abriu os olhos e tentou me seguir.

– Preciso ir – murmurei em seus lábios.

Indiferente à força de minhas mãos, ele se aproximou para pousar os lábios suavemente nos meus... uma, duas vezes.

– Muito bem, agora você pode ir – disse, sorrindo. Ele abriu a porta do SUV e olhei dele para meu carro sem entender. – Acho que desço a montanha mais rápido do que você – esclareceu, sorrindo. – Depois levo seu carro.

– Preciso dele para levar Alice à escola amanhã – expliquei, entrando no BMW.

– Ou posso dar uma carona para vocês amanhã. – Os olhos turquesa brilharam com a nova ideia. – E, depois da escola, podemos começar as outras aulas de Alice, na casa dos Von Berg. O que acha?

Achava a ideia muito arriscada, ainda mais sem saber como estaria o humor de George. Não queria arrumar mais confusão, mas não podia falar *não* para esses olhos.

– Contanto que não se atrase – exigi.

Seu sorriso cresceu enquanto ele contornava o SUV.

Vincent manobrou o BMW com facilidade e seu sorriso não era menor do que o meu. Quando entramos na estrada sinuosa, ele remexeu no painel e puxou uma barra quadrada de embalagem vermelha.

– *Kit Kat*? – perguntei, surpresa – Você carrega isso para todos os lados? Ele levantou os ombros.

– Tenho certeza de que você não comeu nada hoje, portanto... – disse, estendendo-me a barra de chocolate.

Não neguei a oferta e Vincent sorriu, convencido. Baixei os olhos para o papel vermelho em minhas mãos, o dobrei discretamente e guardei no bolso do jeans... Precisava de uma prova física de que o dia de hoje foi real.

O SUV corria veloz pela estrada da montanha, os faróis mal iluminavam as curvas e, vendo seu brilho chamuscar as árvores, me lembrei do círculo trepidante de fogo. Esse tipo de coisa seria constante de agora em diante e precisava desesperadamente me acostumar com essas habilidades. De Vincent e de Alice.

– Estou curiosa... O que mais você pode fazer? – perguntei, quebrando sua concentração.

Vincent montou seu sorriso charmoso.

– Então, meus truques a interessam?

Suspirei impaciente.

– Não vou dar chilikues. Prometo – falei sério, mas ele não respondeu.

Odiava quando Vincent fazia isso. Quando escolhia qual das minhas perguntas iria responder. Esperei por alguns segundos, mas só ouvi o ruído abafado dos pneus na estrada de terra. – Se você não me contar, vou imaginar o pior. – Ele me espiou em silêncio mais uma vez. – Bem... eu posso descobrir sozinha, basta perguntar para um dos Von Berg... Aristela, ou talvez Alex...

Vincent desviou os olhos da estrada, censurando-me com o olhar.

– Não é preciso – murmurou. E inspirando lentamente, deixou clara sua expressão de descontentamento. – Algumas habilidades são natas, como manipular os elementos da natureza ou a matéria de acordo com a vontade. Outras habilidades são heranças da linhagem a que pertencemos. No meu caso, controlar os poderes das sombras é natural, faz parte de quem sou... Claro que essas habilidades melhoram com concentração e treinamento. E ainda existem outras, que são aprendidas, como fazer feitiços com elementos mágicos, poções, controlar criaturas mágicas... – Ele inclinou a cabeça, como se tivesse esquecido os outros itens da lista do supermercado.

– Hum... – murmurei, pensativa. – E você tem algum dom? Como o de Alice? – Observava sua expressão e vi seu rosto se transformar em uma máscara. Era isso. Vincent estava escondendo seu dom de mim. Julguei o silêncio que se seguiu à minha pergunta como um sim. – É tão ruim assim?

– Um pouco. Lembra o que disse sobre alguns dons serem inofensivos e outros perigosos? – perguntou, temeroso. Me limitei a assentir com a cabeça, sabia que algo preocupante estava por vir. – Pois bem. Falar com animais, voar com ou sem apoio, transmutar... Estes podem ser dons inofensivos, mas sabemos que isso sempre depende de quem os carrega. – Vincent fez uma rápida pausa para avaliar minha expressão. – Os dons perigosos são tentadores... Instigam a vaidade, a ambição de quem os carrega. E vão de encontro à lei fundamental da magia: não fazer a *outros* o que não gostaria que fizessem a *você*. E, mesmo assim, alguns magos fazem coisas terríveis, algumas vezes por acidente. Mas, na maior parte das vezes, por vontade.

– E quais são esses dons? – me adiantei ansiosa.

– Absorver energia... Ler mentes, prever o futuro, iludir... persuadir...

Meu cérebro trabalhou rápido e analisei cada fato estranho desde que encontrei Vincent pela primeira vez. Sabia que ele carregava algo de especial, mas também perigoso. Algo que ele lutava para conter, que poderia fazer mal a alguém, algo que ele procurava não usar com frequência, mas, com certeza, usava. Vincent não precisaria de tanto chocolate para repor energia se pudesse simplesmente capturá-la de algo ou de alguém e, apesar de possuir uma percepção aguçada, sabia por suas reações que ele não lia minha mente... Muito menos via o futuro. E, se Vincent pudesse iludir, seria o melhor pretendente da

cidade. Então...

– Qual é o seu? – perguntei rouca, já sabendo a resposta.

– Persuasão. – A palavra foi pronunciada com um sussurro.

Arfei e apoiei as mãos no painel para me segurar quando o BMW fez uma curva fechada sem necessidade. O SUV estabilizou e Vincent diminuiu a velocidade, percebendo que eu precisava de mais tempo. Saber do seu dom colocou em dúvida todas as minhas certezas e, depois de um minuto, consegui alinhar as palavras e colocá-las para fora.

– Você usou seu dom em mim? – Essa pergunta afligia diretamente minha alma.

Um silêncio torturante tomou o carro. Queria saber a verdade, mas, dessa vez, aguardaria sua resposta pela eternidade.

– Sim – ele murmurou baixo. Fechei os olhos, levando o rosto até minhas mãos. Essa era a única palavra que não queria ouvir. Então... Era tudo mentira? Tudo o que sentia por ele, por seus olhos turquesa... Tudo induzido por um capricho? O mundo parou à minha volta. Não ouvia mais nenhum som, nem o da minha respiração. – Não vou mentir, Melissa, prometi falar a verdade. – A voz de Vincent soou agoniada. – Usei meu dom em você, admito, tentei persuadi-la, mas, por alguma razão, ele não funcionou da forma que esperava... – As mãos de Vincent estavam em meus ombros, me puxando para ele, e só então percebi que o SUV estava parado. – Melissa!

– Como vou saber? – falei num silvo angustiado, lutando com suas mãos.

– Acreditando em mim. – Abaixei as mãos do rosto para encarar seu rosto torturado, os oceanos turquesa brilhavam... implorando. – Por favor, acredite em mim.

Precisava ter fé. Precisava acreditar nesse homem, crer que ele era bom. Acreditar que esse calor que crescia em meu peito toda vez que encarava seus olhos com intensidade era meu amor, afluindo da forma mais pura. E então me lembrei do sonho, de como o olhar do rapaz me fascinou... Como me apaixonei pela primeira vez. E eram os mesmos olhos que eu encarava agora.

Precisava confiar nesse amor que duelava bravamente com a desconfiança.

– Quando você... – Não consegui completar a pergunta, minha voz era baixa e controlada, mas ainda assim era difícil articular. – O que você estava tentando fazer?

Vincent se endireitou, inspirando lentamente, tentando se acalmar. Ele entendeu meu voto de confiança e acho que não iria desperdiçar a chance de ser sincero.

– Na verdade, foram duas vezes. – Instintivamente fechei os olhos,

decepcionada. – A primeira vez foi na prefeitura e a segunda, na revendedora do seu avô. Nas duas vezes tentei fazer você ir embora. – Cerrei os olhos com mais força e senti uma umidade se formando no canto dos cílios. Vincent tentou tocar meu rosto com um carinho, mas eu me afastei. – Melissa... me perdoe. Sei que nenhuma justificativa será suficiente, mas eu estava confuso, tinha receio de que você causasse mais problemas para minha família e cedi ao meu egoísmo. Tentei seguir o caminho mais fácil... me livrando do problema – disse, angustiado. Eu o encarei, inconformada... Eu era um problema? Vincent abaixou a cabeça. – Você entende como esse dom pode ser perigoso? Tem ideia de como me sinto sabendo que poderia ter mandado você para longe de mim? – Ele levantou os olhos atormentados e eles transbordavam sinceridade.

Esforcei-me para compreender suas razões e imaginei como seria fácil se as pessoas fizessem exatamente o que eu queria. Tentador, mas, ao mesmo tempo, cruel. Nada seria real.

– Desculpe – Vincent se aproximou para afagar meu rosto novamente.

Desta vez eu permiti.

– Você usou seu dom em Alice? – Essa seria uma boa justificativa para o comportamento desinibido de minha irmã, mas Vincent balançou a cabeça em negativa. – George?

– Nunca.

– Então você tem outro dom. – Vincent fixou os olhos nos meus. – Fazer garotinhas se apaixonarem por você. Cuidado, isso dá cadeia.

Vincent levantou os lábios levemente, em um quase sorriso, e recolheu uma lágrima solitária dos meus olhos com a ponta dos dedos.

– Não quero mais dons. O que posso conseguir com meu esforço pessoal deveria bastar. – Ele parecia mesmo aborrecido. – Estou arrependido, Melissa, mas não posso negar que esse sou eu. Posso tentar mudar, mas pensar de forma egoísta é um costume antigo e difícil de abandonar. Cheguei a ficar aliviado quando a persuasão não funcionou em você... – Vincent hesitou. – Porque, nas últimas vezes, funcionou perfeitamente.

– Os ajudantes, o assalto e Daniel – completei por reflexo. Ele me olhou com certa surpresa. – É só ligar os pontos. Agora entendo porque Daniel me ignorou hoje... Mas você pode apagar a memória de alguém?

– Posso persuadir alguém a agir da maneira que quero, posso induzir uma vontade e fazer essa pessoa aceitar isso. Daniel, por exemplo, deve achar que a ideia de deixar a cidade foi seu mais profundo desejo. Mas não posso apagar a memória de alguém. – Vincent me fitou longamente. – Não queria correr o risco de perder o controle com Daniel mais uma vez, então... Alex cuidou disso para mim. Com o *Elixir do Vento*. Para Alex é mais fácil, porque ele controla a

própria forma. – Eu deveria me chocar, mas uma lembrança de asas de borboletas me pareceu muito familiar. – Ainda bem que você está melhorando nisso – disse, animado com minha naturalidade.

Mas, afinal, era de se esperar que Alex fizesse alguma coisa legal... Ele é um elfo, oras! Vincent soltou o ar com uma expressão de alívio.

– Você me perdoa? – Os olhos turquesa dançaram nos meus e me perdi na profundidade brilhante. – Melissa?

Pisquei duas vezes e tentei sorrir; imediatamente Vincent se esticou pelo espaço vazio para me puxar até seus braços.

– Acho que meu dom não funcionou porque meu coração não permitiu que eu me concentrasse nesse desejo, porque minha vontade sempre foi tê-la em meus braços.

– Fico feliz por seu coração ser mais forte do que sua mente – sussurrei em seu peito, e ficamos abraçados, absorvendo o momento. Mas ainda estava angustiada, a desconfiança perturbando meu amor. – Há mais alguma coisa que preciso saber? Algo que você esconde por receio da minha reação?

– Bom... Eu estava guardando um pouco para amanhã, você sabe, uma dose de choque por dia. Mas, pelo visto, todas as informações pertinentes ao Mundo Mágico serão reveladas hoje...

Eu me endireitei, apreensiva, e Vincent levantou uma mão para segurar meu rosto.

– Armand é Heros. – Ele esperou, preocupado, contemplando meu silêncio. – Os detalhes eu posso deixar para amanhã, se preferir.

Não respondi. Ao invés disso, enfiei meu rosto em seu peito novamente, me escondendo lá. Sabia que havia algo de errado com aquele cachorro, aquilo não era normal! Mas o que nesse raio de montanha era normal? Uma pontada de curiosidade me incomodou, queria saber a história de Armand... Mas não! Não queria mais nenhuma esquisitice em minha cabeça hoje. Vincent me afastou com cuidado e, com as pontas dos dedos, levantou meu queixo para pousar seus lábios nos meus. Esse beijo foi demorado, delicado e sincero. Quando acabou, ele me abraçou mais uma vez, com força.

– Preciso levar você para George.

Assenti e me enrosquei em seu peito enquanto ele fazia o SUV andar mais uma vez.

Responsabilidades

Vincent dirigia habilmente com apenas uma das mãos enquanto seu outro braço me envolvia de forma carinhosa. O SUV chegou ao fim da montanha e eu me endireitei no banco, Vincent pareceu relutante e não escondeu a expressão de descontentamento ao colocar a outra mão no volante. Eu também queria aproveitar o prazer dessa nova proximidade, mas precisava me adaptar à realidade fora de nossa bolha.

Meus olhos acompanhavam os faróis e, quando eles iluminaram a última curva, me lembrei de detalhes práticos muito reais... As explicações de George. Procurei o rosto de Vincent um pouco apreensiva, sabia que meu avô não aceitaria pacificamente sua presença e também sabia que Vincent não hesitaria em usar seu dom caso George ficasse irredutível. E, por pior que fosse a situação, não gostaria de ver as pessoas que amava agirem como fantoches.

– Vincent... Você promete nunca usar seu dom em minha família? Por pior que seja a situação?

– Nunca faria isso com George. – Vincent compreendeu minha angústia. – Ele sempre foi correto comigo e nunca me deu motivos para tentar controlá-lo. Mesmo que ele crie empecilhos para minha aproximação, está em seu direito.

– Mas... e Alice?

– Não pretendo usar meu dom em Alice, mesmo que você me peça. Seria perigoso. Ela é muito jovem, seu poder está se desenvolvendo; o uso de magia para manipular uma energia em desenvolvimento na maioria das vezes causa danos irreparáveis. Não apenas ao seu poder, mas ao seu corpo físico também. – disse, sério. Pretendia continuar com meu interrogatório, mas Vincent se adiantou. – Antes que você pergunte, posso usar meu dom em outro mago. Mas ele possui limitações... Todos os dons têm alguma limitação. No meu caso, ele não funciona em seres mágicos, como Alex e Viviana.

Ponderei suas informações... e reuni outras. Por fim, concluí que as coisas mágicas não eram muito úteis, afinal. Sempre havia uma condição, uma limitação. A aptidão mágica parecia uma dádiva ilimitada, mas, no fundo, possuía travas que a deixavam seguramente incompleta. Como se houvesse uma necessidade natural por equilíbrio, uma garantia que nenhum poder teria o domínio dessa totalidade.

Vincent esticou um sorriso tímido para meu rosto pensativo e tentei me alinhar ao seu humor. Mas meu sorriso sumiu quando entramos na rua do meu avô. Estava nervosa só de pensar no olhar acusador de George e, desta vez, ele

tinha razão. Afinal, eu saí sem avisar e voltei horas depois, sem carro, e carregando um gigante que brilha como bagagem!

Meus olhos foram para o meio da rua, procurando a familiar casa amarela, e fiquei confusa... Algo estava errado. Procurei o rosto de Vincent e ele também pareceu confuso. As luzes do carro da polícia lançavam clarões coloridos na rua, indicando o tamanho do problema, e invadiram o interior do SUV assim que estacionamos. A incredulidade tomou meu rosto... George não podia ter se desesperado tanto. Estava atrasada para o jantar, mas nem tanto assim.

– Tem algo errado, Vincent!

Meus olhos estavam grudados na casa amarela e um movimento impaciente na pequena varanda chamou minha atenção. Lucila e Arthur também pareciam confusos ao ver o SUV BMW parar do outro lado da rua, mas minha aflição não permitiu que me preocupasse com isso. Esperei o destravar das portas, mas não pude esperar pelo cavalheirismo do mago ao meu lado. Pulei do carro, correndo para a varanda... Lucila me aguardava no primeiro degrau, os olhos arregalados.

– O que foi? O que aconteceu? – perguntei, histérica.

– Melissa! – Lucila levou os braços ao meu redor e corri os olhos para o rosto de Arthur. Ele estava sério, o olhar frio pesando sobre mim. – Melissa, me desculpe, foi culpa minha... – Lucila se interrompeu, chorosa.

– O quê? – perguntei me afastando, procurando por mais rostos familiares. George ouviu minha voz e veio da sala com passos apressados. Reparei na silhueta do policial ao telefone e suspeitei de algo... pior do que imaginava.

– Melissa! Onde você estava? – George perguntou agoniado e, antes que respondesse, ele me abraçou.

Seu abraço era de conforto, não de aflição. Então sua preocupação não era comigo. Estremeci. George me afastou com um olhar de zanga, mas seus olhos não estavam em mim, estavam focados em algo atrás de mim. Olhei por cima dos ombros e vi Vincent a um passo, dentro da pequena varanda... lotada.

– Desculpe pela demora, senhor George. Melissa estava comigo, na casa da montanha. – Vincent apressou-se em explicar, mas George não parecia agoniado com meu sumiço.

– Onde está Alice? – perguntei ansiosa. George desviou os olhos de Vincent para pousá-los em mim. Notei uma sombra de inquietação em sua expressão, algo além da preocupação inicial... isso não parecia bom. Minha aflição chegou a um nível crítico. – O que aconteceu, *Opa*?

– Ela estava comigo, Melissa. – Lucila fungou. – Eu e Alice nos

entendemos muito bem no caminho até o restaurante, e durante o almoço... Quando George precisou ir à revendedora, me ofereci para ficar aqui com ela. Estávamos nos divertindo na cozinha, fazendo um bolo de chocolate, e acabei me distraindo. Alice pediu para brincar no quintal e... Não imaginei que ela fosse fugir.

– O quê? Alice fugiu? – Me desesperei. – Então vamos procurá-la!

Lucila se entregou às lágrimas e Arthur se desencostou da porta para confortá-la.

– O que você acha que fizemos pelas últimas duas horas? – falou, irritado.

Ele lançou um olhar fulminante para mim e outro olhar mortal acima do meu ombro, que julguei ser destinado a Vincent.

– Escureceu, Melissa... – George disse com um suspiro desolado. – O sargento acha melhor deixar o trabalho de busca para os bombeiros, eles possuem os equipamentos certos para procurá-la à noite. E já devem estar chegando. – Ele franziu a testa ao olhar meu rosto. – Fique calma, Mel... Alice é uma menina esperta, se estiver perdida vai esperar por ajuda. Talvez esteja distraída com alguma brincadeira e nem notou como está tarde. Além do mais, ela não pode ter ido tão longe.

– Vai ver ela foi atrás da Melissa, na montanha – Arthur disse, provocador. – Alice pode estar caminhando pela estrada... E tenho certeza de que a Mel não estava prestando atenção no caminho.

Sabia que Arthur estava irritado e, pelos olhares que ele lançava para Vincent, imaginava o motivo. Mas também sabia que ele estava certo. Alice estava chateada por ficar sozinha e poderia muito bem ter ido atrás de mim... E, realmente, não estava prestando atenção no caminho.

George amparou meu ombro e censurou Arthur com o olhar, depois colocou a boa e velha diplomacia em prática.

– Não podemos ter certeza de que ela está na montanha, Arthur. Alice pode estar escondida no bosque, no seu quintal... Ela pode estar em qualquer lugar! – George levantou os olhos sérios para Vincent. – Mas temos que lidar com todas as possibilidades. Portanto, espero não haver problemas se os bombeiros precisarem subir a estrada e procurar na montanha.

– Nenhum problema, senhor George – Vincent respondeu, firme.

Apenas eu sabia que a máscara em seu rosto disfarçava sua apreensão.

Havia muitas coisas que não poderiam se expor na montanha e, mesmo sabendo dos riscos, Vincent não negaria ajuda a George ou a Alice. Imaginei o que essa autorização custava a ele e, mesmo assim, só queria que alguém achasse minha irmã.

Meu avô soltou o ar, impaciente, e cruzou o olhar com Lucila.

– Isto está parecendo um *déjà vu* da tarde em que Melissa sumiu no bosque – murmurou, deixando sua atenção se perder na noite escura.

Imediatamente girei meu rosto para trás, e foi minha vez de trocar um olhar especulativo com Vincent. Seria possível? O terror passou por meu rosto e a culpa me golpeou sem piedade. Imagens torturantes rodavam em minha mente, eu via Alice nas cenas do meu sonho, com o homem de capa preta a seguindo... Mas aquilo não era um sonho, era uma memória real. Vincent levou a mão até meu ombro em consolo e soube que ele estava dividindo as mesmas recordações comigo. Havia falhado na única coisa que deveria fazer direito: cuidar de minha irmã. Lágrimas embaçaram meus olhos.

– Sou a responsável por toda essa confusão – afirmei, atraindo três pares de olhos para meu rosto. E sabia que mais um par turquesa brilhava logo atrás de mim. – Não devia ter deixado Alice sozinha... Devia ter levado ela comigo, ou ficado aqui. Alice é minha responsabilidade.

– Não, Melissa. Alice é nossa responsabilidade. – George falou sério, os olhos fixos. – Muito bem... Agora quero que você e Lucila parem de se culpar. E se acalmem! Crianças são imprevisíveis! Não é a primeira vez que uma criança foge nesta casa. Isso já aconteceu uma vez e, no fim, deu tudo certo. Tenho certeza de que vamos encontrá-la, como encontramos você, Melissa. – O discurso de George clamava por certeza, mas sua voz era duvidosa. Isso só aumentou meu pânico. – Vamos aguardar os bombeiros e depois continuamos a busca. Venha, Lucila... Vamos nos sentar e tomar um pouco de água, não adianta nada esperar aqui fora. – O olhar questionador de meu avô passou por mim, parou em Vincent e voltou para mim. – Me chame quando os bombeiros chegarem.

Assisti George conduzir Lucila para dentro de casa e encontrei o rosto acusador de Arthur no caminho. Além de todas as minhas angústias, do pânico por perder minha irmã na noite escura – ao lado de seres assustadores – percebi que carregava outra culpa... E encarar aqueles olhos ofendidos fez meu coração se apertar com uma dor antiga. Arthur cruzou os braços, seu rosto estava retorcido pela mágoa e em nada lembrava o meu vizinho brincalhão. Meu amigo.

– Quer saber? Acho mesmo que você é a responsável por toda essa confusão – disse, sem piedade. Seu tom era atrevido, mas não consegui contradizê-lo; para mim, suas palavras soavam como a mais pura verdade.

Novas lágrimas arderam em meus olhos.

– Não queremos saber – Vincent murmurou entre os dentes. Sem a presença respeitosa de George, ele deu um passo largo e parou ao meu lado, estendendo o braço de forma protetora e possessiva ao redor dos meus ombros.

Arthur o fuzilou com os olhos e me senti ainda mais culpada... por outros motivos. – Você não tem culpa por isso, Melissa. – Vincent continuou com voz controlada, afagando meu ombro. Ele enxugou minhas lágrimas com o dorso dos dedos e percebi os olhos de Arthur se estreitando. Cuidadosamente, me esquivei de suas mãos, não precisava torturar Arthur. Vincent não se abalou. – Alice, como qualquer outra criança, é curiosa. Se ela estava brincando e se divertindo, pode muito bem ter se distraído com algo interessante, algo... – Ele se interrompeu, apertando os lábios.

Assenti, sabendo que a presença de Arthur o impedia de continuar, mas já havia completado a frase em minha mente: *algo mágico*.

O silêncio revelador pairou entre nós, até que uma voz mordaz me fez virar o rosto.

– Não entendo, Melissa... Primeiro você usa a responsabilidade de cuidar de sua irmã para fugir da própria vida, e de uma hora para outra, se esquece dela para perder seu tempo com um... desconhecido? – Arthur foi irônico, mas estava implícito o nome de Vincent na frase.

Percebi Vincent se remexer ao meu lado.

– Cuidado... – O alerta da voz grave foi ignorado.

– É claro que Alice está magoada e essa fuga é uma forma de protesto. – Arthur continuou, a voz carregada com rancor. Ele levantou o olhar para Vincent, depois encontrou meus olhos. – Não posso tirar a razão de sua irmã, é espantoso o modo como você mudou suas prioridades.

Sabia que o ponto crucial de seu discurso não era Alice.

– Nunca fugi da minha vida, Arthur. Só não havia algo mais importante que Alice. – Inspirei devagar, precisava contornar suas provocações, não queria discutir com ele. – Posso ter magoado minha irmã, você está certo... E errei feio quando a deixei para trás. Mas Alice sempre vai ser importante para mim. Não porque prometi cuidar dela, mas porque amo minha irmã.

– Não é o que parece.

Nesse momento, soube que Arthur queria me magoar porque ele estava magoado e precisava me mostrar isso. Ele não iria me poupar da *sua* verdade, e agora eu ponderava o quanto do meu amor por Vincent era o culpado por ter deixado minha irmã de lado. E seria sempre assim? Eu sempre ficaria dividida entre meus dois amores? Mais uma vez, a verdade de Arthur parecia a versão correta da minha verdade. Vincent trocou o peso do corpo sobre as pernas, incomodado com as indiretas do meu vizinho rabugento. Mas nada parecia afetar Arthur, que continuou, quase possuído.

– E se Alice não estiver apenas perdida? E se ela estiver machucada? Já pensou nisso? – Arthur queria realmente me castigar, e isso já era crueldade.

– Chega, Arthur! Você sabe que estou me torturando com isso! Não acha que já estou mal o suficiente? – Minha voz saiu aguda e magoada. As lágrimas voltaram aos meus olhos e senti a mão protetora de Vincent voltar ao meu ombro.

– Está tudo bem, Melissa – Vincent afirmou, tentando me acalmar.

– Está tudo bem, Melissa? – A voz de George vinha da sala e ecoou a de Vincent, só que em tom de pergunta.

Respirei fundo, duas vezes.

– Está, *Opa*. – Falei alto para que ele ouvisse. Precisava me controlar, estava me excedendo e não queria chatear George por causa das minhas desavenças sentimentais.

– Você também não pensou em George quando desapareceu essa tarde. – A voz de Arthur sibilou, cruel. – Tem ideia de como ele ficou angustiado com o sumiço de sua irmã? George precisava de você, do seu apoio. E é isso que a família faz, fica perto de quem é importante quando é importante. – Ele estreitou os olhos. – Mas agora parece que você tem algo mais importante.

Arthur deixou mais um olhar desafiador para Vincent.

– Para mim, basta! Você foi longe demais! – Vincent respondeu a Arthur com a voz grave e, com um movimento rápido, me puxou para trás dele.

– Não entendo o que você faz aqui, isso não lhe diz respeito! – Arthur cuspiu para Vincent com voz firme, dando um passo à frente. Ele não estava nem um pouco intimidado com o estranho assustador da montanha e isso me preocupou.

Senti Vincent se movendo e estremeci. Agora eu tinha ideia do que sua irritação poderia resultar e não queria que Arthur ganhasse um olho roxo, um nariz quebrado ou sentisse uma vontade súbita de se mudar. Apesar de estar magoada com meu vizinho encraveiro, temi por seu bem-estar. Ele falou boa parte das grosserias porque estava chateado, mas, conhecendo Arthur, sabia que ele falaria de qualquer maneira... De uma forma mais suave, mas falaria. E, ao contrário de mim, Vincent ouvia aquelas palavras como ofensas, não como a verdade dos fatos. Meu cavalheiro carrancudo se mexia de forma ameaçadora e precisava proteger meu amigo de um perigo que só eu conhecia: Vincent.

Pulei à frente e me interpus entre os dois... De costas para Arthur, segurei os braços de Vincent com força. Ele parou, hesitante.

– Vincent! – chamei, ansiosa, mas ele não olhou para mim. – Vincent, você prometeu! – Lembrei, colocando as mãos em seu peito. – No carro... você prometeu!

– Ele não é da família – Vincent rosnou, na pior versão de seu mau humor.

– Mas é meu amigo! – exclamei aflita, assistindo a tempestade tomar conta dos oceanos violeta. Vincent hesitou mais uma vez, mas recuou com um olhar impaciente. Minhas mãos caíram no ar e respirei aliviada, mergulhando na profundidade violeta. – Você pode me esperar no carro... Por favor? Preciso conversar com Arthur. – Vincent retorceu o rosto, indignado. Ele, obviamente, não entendia como eu podia não estar ofendida a essa altura. – Por favor... Confie em mim. Está tudo bem.

Vincent relutou, mas assentiu, cauteloso. E desviou os olhos para encarar o rosto triunfante de Arthur.

– Cuidado. Este é meu último aviso – murmurou, com voz grave e ameaçadora.

Não houve resposta. Vincent se afastou e meu coração estava disparado. Tentei normalizar minha respiração enquanto assistia meu galã de filme antigo atravessar a rua; depois, girei o corpo para encarar meu vizinho encenqueiro... Suas provocações foram completamente desnecessárias e soube que Vincent não iria aturá-lo de novo. Arthur não tinha ideia da inimizade que havia criado. Estava pronta para ralhar com ele, mas aquele rosto triste me encheu de remorso mais uma vez. A dor brilhava nos olhos dourados e aquilo machucou. Meu coração se aquietou e, aos poucos, foi se apertando novamente. Não queria fazê-lo sofrer, mas já estava fazendo isso... de novo.

– Sei que a razão de toda essa raiva não é Alice. – Minha voz era um sopro baixo.

Arthur deu um passo para trás, fugindo de mim.

– Vincent? Então esse é o nome dele. – Sua voz soou fria – Ao contrário do que imaginava, vocês se conhecem muito bem. Sabe... Você costumava ser prudente, Melissa. – Os olhos de Arthur transbordavam incompreensão. – Mas tudo que ouviu não fez nenhuma diferença, não é? Parece que nada nele a incomoda. E me sinto um idiota por ter lhe dado tantos avisos.

– Você só estava sendo meu amigo... – comecei, mas Arthur me lançou um olhar torturado, que me calou instantaneamente.

– Pensei que tinha deixado claro o que queria ser para você.

– Deixou – retruquei, constrangida. – Mas tem coisas que a gente não escolhe, Arthur. Elas acontecem. São mais fortes do que nós.

– Tem certeza? Porque não penso assim. Tudo na vida é uma escolha, Mel.

Ponderei suas palavras e, mais uma vez, Arthur parecia estar certo. O próprio Vincent havia falado sobre as escolhas boas e ruins que fazemos todos os dias. Escolhi deixar Alice hoje, por Vincent, e essa foi uma escolha errada... Hoje escolhi o amor de Vincent, mesmo sabendo do seu lado sombrio, de todas

as complicações que isso poderia trazer. Mesmo sabendo como seu mundo pode ser perigoso para alguém comum, como eu. Escolhi o amor confuso e imprevisível, que brinca com a insanidade... Eu me encolhi, e por um segundo, fitei os olhos dourados de Arthur, com medo de ter feito uma escolha errada. Então, pisquei com o pulo que meu coração deu dentro do peito. Ele me lembrou que a escolha desse amor foi dele e que este sentimento sempre seria mais forte do que a razão. Esse amor também me escolheu, há muito tempo... provando que eu e meu amor estávamos destinados a ficar juntos. Essa certeza martelava em meu peito, sanando todas as dúvidas... Isso era o certo, e o certo nunca seria fácil. Levantei a cabeça, confiante.

– Eu tenho certeza.

Arthur baixou os olhos.

– Você podia ter me avisado... antes. Que estava decidida. Assim não teria feito papel de idiota.

– Não decidi isso, Arthur, as coisas aconteceram. E não estava com ele quando você... – Não consegui completar meu pensamento. – Eu não premeditei nada, as coisas aconteceram rápido. Além disso, sempre fui sincera com você. Como estou sendo agora. – Me adiantei, queria confortá-lo, mas desisti no meio do caminho e recolhi minha mão. – Sinto muito. E você não fez papel de idiota, fico lisonjeada por me querer bem desse jeito... Sei que estou te magoando, acredite, não queria que fosse assim. Mas, agora, só posso oferecer a minha amizade. – Minha voz quase sumiu. – E gostaria que soubesse o quanto ela é especial.

– Especial? – Ele levantou os lábios com um sorriso melancólico. – Mas não o suficiente. – Arthur abaixou os olhos, depois virou o rosto para a figura de preto encostada no SUV BMW. Eu aguardei, não sabia mais o que dizer. Quando Arthur voltou o rosto para mim, me surpreendi. Aquele não era um rosto magoado, mas também não era o rosto brincalhão do meu vizinho. Arthur tinha os olhos brilhantes e estreitos, um sorriso intrépido no canto dos lábios, e parecia... determinado. – Eu disse que não ia desistir. – Falou com uma confiança desconcertante na voz. Abri a boca para argumentar, mas ele não deixou. – Não vou desistir, Mel. Vou manter minha palavra. Não acredito na sua certeza e vou provar que você está errada.

– Você não tem que acreditar. E não quero que me prove nada... – Precisava argumentar, mas não sabia como.

– Eu não tenho medo dele – Arthur disse com voz zombeteira. Abri a boca, e mais uma vez ele não me deixou falar. – Fique tranquila, não vou brigar com o sinistro *Darth Dippel Vader*, mas também não vou ser bonzinho com ele.

Arthur tinha uma expressão decidida e, pelo seu olhar, soube que ele não

ouviria meus argumentos. O ronco de um utilitário pesado ecoou pela rua e os bombeiros estacionaram logo atrás do SUV de Vincent; quando voltei o rosto para a varanda, Arthur não estava mais à minha frente. Nossa conversa estava irremediavelmente adiada. George passou por mim apressado, seguido do sargento de polícia e Arthur. Eles encontraram os bombeiros no meio da rua e o murmúrio concentrado se estendeu por alguns minutos. Lucila veio para o meu lado na varanda e aguardamos inquietas enquanto os homens discutiam a divisão do perímetro para recomençar a busca.

Meus olhos se fixaram na figura de preto encostada no SUV BMW. Vincent não foi chamado para a conversa e ficou a alguns passos, respeitando a distância. Não demorou muito e os homens se dispersaram... Arthur acompanhou os bombeiros e George foi, finalmente, trocar algumas palavras com Vincent. Lucila esmagou meus dedos com ansiedade e sabia que ela estava tão nervosa quanto eu. Ou chocada, por ver Vincent tão perto de George. Depois de um minuto, meu avô se aproximou da varanda, escoltado pela figura de preto. George informou que seguiria com o sargento pelo ponto de partida, o quintal. Arthur continuaria com os bombeiros pelo bosque e Lucila deveria aguardar a chegada de Antônio na casa amarela, para o caso de Alice voltar sozinha. Lucila pareceu insatisfeita com sua inércia, mas concordou.

Antes que questionasse sobre minha participação na busca, Vincent encontrou meus olhos e disse com rapidez:

– Nós vamos subir a montanha, Melissa, para procurar no sentido contrário. Vou avisar minha família e eles virão nos ajudar. Devemos cruzar com os bombeiros nos bosques ao pé da montanha. – Vincent sustentou meus olhos. – Como George disse, conhecemos bem a região... Assim os bombeiros podem varrer uma área maior aqui embaixo.

Vincent estava se certificando de que nenhum estranho perambulasse pelas terras privadas da montanha e precisava do meu apoio. Assenti e tudo ficou decidido. Despedi-me de George e percebi que Lucila ainda tinha os olhos arregalados... Acho que foi a primeira vez que ela ouviu a voz de Vincent. Depois de piscar duas vezes, ela fechou a boca e nos desejou cuidado. Vincent agradeceu mecanicamente e em meio segundo todos estavam em movimento. George distribuiu algumas lanternas dos bombeiros e Vincent arremessou as nossas para dentro do SUV, como se ele precisasse delas. Enquanto ele abria a porta do carona, cruzei com os olhos de Arthur. Seu rosto triste pareceu distante e abaixei o meu... Não era o momento para pensar nisso.

Quando o SUV já estava em movimento, Vincent procurou minha mão para levá-la até os lábios.

– Vai ficar tudo bem – disse, preocupado, desviando os olhos da estrada.

Concluí que minha temperatura deveria estar cadavérica.

– Esse dia não quer acabar... Quando penso que já tenho problemas suficientes, acaba acontecendo algo pior. Como se eu não tivesse com o que me preocupar!

Percebi que minhas palavras o perturbaram, mas precisava desabafar. Vincent ficou em silêncio por um momento e olhou fixamente para a estrada.

– E você se preocupa com *ele* também? – perguntou concentrado. Sabia que ele não falava de George.

– Arthur é meu amigo. Um amigo de infância. A família dele é muito importante para meu avô... Desde que cheguei, ficamos próximos. E, apesar de nossas desavenças, ele se tornou um bom amigo. – Eu repetia a palavra *amigo* com fervor, mas precisava justificar que Arthur era apenas isso para mim. – Sei que ele pode ser irritante às vezes, mas é o jeito dele. Arthur ficou preocupado comigo, como os outros, e sabemos que isso vai acontecer com frequência. A diferença é que ele não esconde o que pensa, pelo contrário, vai até a fonte. Arthur é espontâneo... sincero, admiro isso nele. – Sorri de maneira nervosa quando percebi minha devoção para defender meu *amigo*.

– Pelo visto, *ele* possui muitas qualidades – Vincent murmurou, incomodado. – Mas não me refiro às apreensões do seu amigo. Estou falando dos outros interesses dele, que a preocupam... – Vincent me espiou rapidamente – Qualquer um percebe que ele a vê de outra forma, Melissa. E ele não tenta esconder isso. – Abaixei os olhos, encabulada. Tinha esperança de que Vincent não tivesse percebido o óbvio. – Esse tal de Arthur não parece o tipo de homem que desiste facilmente do que quer. E não posso julgá-lo, eu não desistiria.

– Arthur confundiu as coisas, mas sempre fui sincera com ele – falei, incomodada com o rumo da conversa. Vincent ficou em silêncio e isso me incomodou ainda mais... Não precisava justificar o que não existia e tinha preocupações muito mais sérias no momento. – Não o vejo dessa forma, e ele sabe disso.

– Mas isso não o impede de tentar – resmungou. – Eu sabia que teria alguma concorrência, mas nunca imaginei que ela fosse tão perigosa.

– O que quer dizer? – Eu o fuzilei com os olhos, inconformada com o despropósito da conversa.

– Não posso concorrer com uma amizade de infância, Melissa, com sua família. E ele sabe disso. Esse tal de Arthur não vai jogar limpo e não vou aceitar suas provocações novamente. Esteja avisada.

– Você não precisa concorrer com ninguém, porque isso não é uma disputa, muito menos um jogo! – exasperei, irritada com seu tom. – Eu já tomei minha decisão, Vincent, e pensei que isso estava claro. – Bufe, não ia perder

tempo discutindo rivalidades machistas. – De qualquer forma, temos assuntos mais importantes para resolver no momento... Como Alice! – concluí exaltada, disposta a pôr um fim na discussão inoportuna.

Vincent acelerou enfurecido e me virei para frente, travando o cinto. O SUV BMW corria a uma velocidade alucinante e tentei me concentrar na estrada. Depois de um minuto silencioso sacolejando nas curvas, senti os olhos de Vincent em meu rosto. Ele uniu nossas mãos mais uma vez, beijando o dorso dos meus dedos. Suspirei aliviada... desejando com fervor que ele tivesse esquecido definitivamente de Arthur.

– Tenho uma ideia do que pode ter acontecido com Alice – disse, com uma expressão especulativa. – Mas, antes, quero que você fique calma. – Estreitei os olhos e ele continuou. – Acho que Alice pode estar do outro lado, no Mundo Mágico. – Vincent me espiou. – Respire, Melissa...

– Eu sabia... Eu sabia... – repeti para mim mesma entre as inspirações curtas.

– Prometo que vamos trazê-la de volta.

– Sabia que essa história de magia ia acabar colocando Alice em perigo... Minha irmã de cinco anos está perdida em um mundo louco, cheio de criaturas perigosas!

– Nem todas as criaturas do outro lado são perigosas – ele respondeu sério, afagando minha mão. – Mas Alice não conseguiria encontrar as passagens para o Mundo Mágico sozinha, então... provavelmente está acompanhada. E se esse alguém levou sua irmã para o outro lado sorrateiramente, não tem boas intenções.

Puxei minha mão da dele, esse tipo de comentário não ajudava com meu pânico. A situação ficava cada vez pior!

– Então ligue para sua família... Para os elfos, sei lá! Se Alice estiver no mundo deles, eles precisam ajudar! – Vincent acariciou meus cabelos, indiferente à minha agonia.

– Isso é uma hipótese, Melissa. Mas, se Alice entrou no Mundo Mágico, minha família já deve saber – disse com a voz calma.

Balancei a cabeça, me sentindo uma tola... Claro que eles já sabiam. Eles não tinham câmeras de vigilância, mas com certeza tinham bolas de cristal! Já estava cansada destes truques. Concentrei meus olhos nos lampejos dos faróis e fiquei muda, vivendo todos os meus medos. Vincent respeitou meu silêncio angustiado até que um toque incomum soou dentro do carro. Pulei por reflexo e ele se retorceu, colocando o celular na orelha.

– Sim. – Pausa. – Eu suspeitava. Mais cinco minutos e estaremos aí.

E foi tudo. Vincent arremessou o celular no painel e não disse mais nada,

também não perguntei. Ouvi o motor do SUV urrar e me concentrei no barulho dos pneus derrapando no cascalho, desejando apenas que eles pudessem ser mais rápidos.

Em exatos cinco minutos, estávamos atravessando os portões de ferro retorcido dos Von Berg. Procurei a deslumbrante paisagem do lado de fora, mas a noite tomava tudo de uma maneira perturbadora, talvez fosse assim por causa do meu medo. O BMW derrapou nas pedras ao contornar o chafariz e, enquanto destravava o cinto, a grande porta de madeira se abriu com a silhueta de Aristela ao meio. Corri ao seu encontro e uma figura protetora estava logo atrás de mim.

Depois de algumas palavras cordiais, seguimos Aristela pela grande sala, ainda mais intimidadora com a meia-luz dos abajures. Até o lindo vitral da escada parecia horripilante, escurecido pela noite. Era impossível não ver a casa com outros olhos quando imaginava os perigos escondidos em suas paredes. Enquanto nos conduzia pelos corredores escuros, Aristela dividiu as novas informações sobre o sumiço de Alice. Em poucas palavras, nos contou que seu espelho havia revelado a imagem de minha irmã, caminhando pelo bosque... Sozinha. Quase respirei aliviada, mas Aristela continuou e, com uma expressão de impotência, afirmou que uma testemunha viu Alice dentro da Terra da Luz, acompanhada de um elfo de fogo. Nesse momento precisei me apoiar em Vincent.

– Vamos trazê-la de volta, *ma chère* – Aristela abrandou, solidária à minha agonia. – Nicolau está na sala do portal tentando localizá-la e, neste momento, Viviana e Armand estão percorrendo as divisas para buscar mais informações. Nossa testemunha não foi muito específica quanto à localização de sua irmã, mas logo encontraremos uma pista.

Cruzávamos os corredores em um silêncio enervante e quase tropecei quando Aristela exclamou, mais alto do que deveria...

– Tentei falar com você, Vincent! Logo que o espelho se revelou! Mas você estava fora do meu alcance e seu telefone não funcionou... Então, concluí que deveria estar viajando. – Aristela justificou. – Eu sei, seria demais pedir que aquela *coisinha* funcionasse na Terra das Sombras.

Espiei o silêncio carrancudo de Vincent e concluí que não era um bom momento para questionamentos curiosos. Aristela apertou o passo e o farfalhar de seu vestido levou meu coração ao galope!

– Aristela... Alice corre perigo neste lugar? – perguntei meio sem fôlego.

A elegante mulher de longos cabelos acinzentados não respondeu de imediato; em vez disso, levou os olhos até Vincent.

– Muito bem... – Aristela voltou os olhos cinzentos para mim com um

suspiro. – Os portais da montanha levam à Terra da Luz, e esta parte do Mundo Mágico é inofensiva para um mago com algum conhecimento. Mas Alice está completamente despreparada para isso. Um ser mágico poderia enganar sua irmã e atraí-la para a Terra das Sombras. Neste lugar, os perigos seriam incalculáveis para uma maga criança sem treinamento. – Aristela suspirou, inquieta mais uma vez, olhando de viés para Vincent... – Não temos certeza, mas é bem provável que alguém da Terra das Sombras esteja interessado no poder de Alice. Da pior forma.

Procurei o rosto de Vincent na penumbra do corredor. Meus piores pesadelos estavam se concretizando e confirmar sua expressão apreensiva não ajudou. Minhas pernas ficaram bambas e Vincent me apoiou.

– Não vou deixar nada acontecer a ela, Melissa, é uma promessa.

Mergulhei no brilho dos oceanos turquesa... Todas as minhas esperanças estavam depositadas nele. Vincent deixou o braço em meus ombros, de forma protetora, enquanto Aristela abria uma porta de folha dupla. Reconheci a sala escura do meu passeio no dia anterior. Mas, desta vez, o cômodo estava iluminado e lembrava uma ala de museu, apinhada de estantes de livros, mesas, poltronas, esculturas e cristaleiras repletas de frascos de vidro. Isso não era um museu, claro.

Nicolau se levantou de uma das mesas e veio nos receber com uma breve saudação, então, puxou um mapa que parecia ser feito de tecido – um tecido no mínimo curioso – e tentou nos colocar a par das últimas descobertas. Ele apontava para os desenhos em alto relevo onde árvores pareciam sair do papel e animais se mexiam como se estivessem... vivos. Estávamos concentrados em suas explicações quando três figuras entraram pela porta dos fundos. Reconheci Alex e seu grande sorriso amigável, mas os outros dois eram estranhos. Eu o cumprimentei, envergonhada. Agora que conhecia sua verdadeira identidade, era impossível não notar as diferenças sutis, coisas que não percebi antes... Como o cabelo espetado, seus olhos prateados, o rosto angelical ou suas orelhas, levemente pontiagudas. Detalhes imperceptíveis para alguém distraído.

– Nós avisamos os pequeninos do Jardim Vermelho – Alex comunicou a Nicolau; em seguida, encontrou meus olhos arregalados. – Olá, Melissa. Acho que não há mais segredos... Não é? – Seu sorriso reconfortante acompanhou um gesto firme, que indicava os rapazes ao seu lado. – Deixe-me apresentar nossos amigos elfos, Félix e Lúcius.

Os dois tinham as mesmas semelhanças imperceptíveis de Alex, mas eram muito diferentes fisicamente. Félix era mais alto, forte, e tinha olhos alaranjados. Um tom mais claro que seu cabelo ruivo. As linhas de seu rosto eram bem delineadas, bonitas e muito expressivas. Já Lúcius tinha o rosto

primoroso como o de Alex, mas era muito diferente dele. Seus cabelos escuros faziam par com olhos pretos que se destacavam com uma intensidade incomum, brilhantes, como olhos de gato no escuro. Precisei lembrar que não era educado encarar um... elfo. Talvez a única coisa semelhante nos três eram as roupas, formais e impecáveis, mas isso já era normalidade por aqui.

Eu os saudei timidamente, não sabia qual era o protocolo quando se conhecia um ser mágico. Os dois rapazes foram amistosos o suficiente para não enfatizar meu constrangimento, desviando sua atenção para uma série de mapas espalhados na mesa. Nicolau voltou às explicações e nesse instante percebi Vincent se movimentar ao encontro deles. Aristela tomou meu outro braço enquanto magos e elfos discutiam em voz baixa. Observei a cena por alguns minutos e fiquei agoniada com a inércia de todos... Procurei os olhos da bela senhora ao meu lado e ela percebeu minha impaciência.

– Você aceita um chá, *chérie*? Vai lhe acalmar.

– Não, obrigada – respondi, educada.

Fala sério! Ela realmente achava que um chá poderia me acalmar nessa hora? Com tudo que estava acontecendo? Mordi o lábio inferior ferozmente, apacando minha vontade de gritar.

– Tenha paciência, *ma chère*, eles estão tentando identificar o lugar certo. Alex já avisou os duendes. Eles são rabugentos, mas também são rápidos... Além disso, Armand e Viviana estão perguntando por sua irmã, logo vai surgir uma informação nova.

Não queria pensar sobre os duendes, isso me lembrava Natal e o bom velhinho não combinava com a cena de um resgate. Para piorar, não consegui visualizar Armand como um homem; em minha mente, só aparecia a imagem do imenso cachorro cinza correndo ao lado de Viviana. Acho que era assim porque, no meu pensamento lógico, seria muito mais útil se ele usasse suas habilidades de cão para farejar Alice.

Aristela soltou uma risada baixa.

– Sempre tive problemas para controlar Armand... Mas preciso admitir, a determinação dele pode ser útil agora – falou, com uma expressão paciente.

Fitei a bela senhora e rezei para que seu dom não fosse ler mentes.

– Foi um deles que viu Alice? – Levantei meu queixo para os elfos ao lado de Alex.

– Não, mas você conhece quem a viu. E foi por conhecer vocês que Lume soube quem Alice era. Ela está se sentindo muito mal com tudo isso... – Aristela sustentou meus olhos. – Lume denunciou o próprio irmão, Melissa. E, como eu, ela tinha esperanças de que Piro pudesse mudar – falou com tristeza. Lembrei-me dos olhos amarelos e inóspitos do elfo de fogo e espasmos

chacoalharam meu corpo ao imaginar minha irmã com aquele ser ameaçador. – Eu sinto tanto... Acreditei em Piro, em Lume... Pelo menos acertei com ela. Sou testemunha de seu esforço para tirar o irmão das sombras e admiro sua coragem. Mas acho que até Lume ficou chocada com a ousadia de Piro. – Aristela me conduziu até uma das poltronas vitorianas. – Vamos fazer o que estiver ao nosso alcance para encontrá-los, ainda tenho esperanças que isso seja um... engano – completou confiante, ajeitando os longos cabelos nos ombros. Levantei meus olhos desesperados para o rosto esperançoso. – Quero acreditar que todos podem ser bons, *chérie*. Ou podem se tornar bons, mesmo fazendo escolhas erradas. Às vezes sou um tanto ingênua, eu sei, mas ainda prefiro ter fé. Veja... – Ela indicou Vincent. – Às vezes eu acerto. E me orgulho dele.

– Mas se Piro é... – engoli em seco. – É perigoso, o que fazia aqui?

– Precisamos dar uma chance àqueles que querem mudar. Piro e Lume serviam a seres da escuridão, mas pediram clemência, e o Conselho decidiu confiná-los em nossa casa para que cumprissem sua pena sob nossos cuidados. – Ela balançou a cabeça. – Desta vez, Piro jogou sua oportunidade pela janela. O Conselho da Tradição não dá duas chances. De qualquer forma, estou orgulhosa de Lume. Ela estava nervosa, não foi precisa quanto à localização deles, mas seu gesto provou sua lealdade. Imagino como foi difícil tomar a decisão de denunciar o irmão... sabendo que agora, ele receberá a punição máxima.

Não queria fazer a pergunta, mas precisava.

– O que ele pode fazer com Alice?

Aristela avaliou meu rosto.

– Ele pode negociar o poder dela com algum ser das sombras que queira absorvê-lo. – Aristela procurou minha mão e a apertou com alguma força. – O poder de Alice acabou de se desenvolver e, somado ao seu dom, vale muita energia para quem quiser... – Ela se interrompeu e eu estremeci. Imagens confusas do meu sonho rodavam em minha mente, me lembrei do rapaz pintado de vermelho... Um mago maligno que absorvia energia de outros magos para ficar mais poderoso. Se não fosse isso, era bem parecido. Apertei os olhos com força para espantar a imagem que se formava em minha mente. Aristela gaguejou algo incompreensível, depois, limpou a garganta – Acho que você entendeu... Infelizmente, estas criaturas pagam alto por suas encomendas e a ambição de Piro falou mais alto. Mas, desta vez, não haverá clemência. Sua punição será a Montanha dos Suplícios.

Realmente, não queria saber que montanha era essa. Sabia que Aristela não fazia por mal, mas ela estava me deixando ainda mais desesperada. Tentei fixar meu pensamento em Alice sã e salva em casa e respirei pausadamente uma, duas vezes. Este não era o melhor momento para dar chique, mas eu estava

apavorada! A linha tênue que nos separava dos perigos desse Mundo Mágico era inexistente e agora eu podia ter uma dimensão do perigo que nos envolvia. Meus olhos pararam em Vincent e um aperto tomou meu peito... A vida dele era esse mundo, e eu queria ficar ao lado dele. Como conciliar os dois sem colocar Alice em perigo? Sem colocar a mim mesma em perigo? E o aperto se tornou uma dor aguda quando imaginei Alice nas mãos de um mago das sombras... como o da capa preta. Com um gesto inconsciente, levei a mão até minha cicatriz. Se isso acontecesse, eu nunca iria me perdoar.

Balancei a cabeça, tentando desfazer as imagens que insistiam em se formar atrás dos meus olhos.

– Melissa...? – Aristela tocou meus cabelos. Ela podia tentar me consolar, mas nada poderia me ajudar se algo machucasse Alice.

Um som alto de chama chamuscando pólvora rompeu pela sala e me fez pular. Aristela amparou meu ombro, segurando-me no lugar. O chiado foi acompanhado por uma explosão de luz e fechei os olhos para me proteger do clarão rosa. A chama minguou até desaparecer aos pés de Armand, que estava em sua forma humana sobre uma espécie de tribuna de pedra no centro da sala. Lembrava claramente dessa tribuna, quase tropecei nela no dia da minha visita, mas aquilo não tinha a função que imaginava... Com certeza, aquele elevado de pedra proporcionava ao seu ocupante algo mais especial que um discurso. Armand pulou para o chão com desenvoltura, e foi direto ao encontro de Vincent. Eles trocaram algumas palavras e os olhos de Armand encontraram os meus. Ele caminhou apressado e parou a certa distância, parecia angustiado.

– Oi, Melissa. Desculpe pela surpresa – disse com olhos baixos, e soube que ele não se referia à chama rosa. – Estou procurando por Alice e não vou descansar até encontrá-la. É uma promessa. – Assenti. Minha voz não saiu, nem mesmo para um simples *olá*. Podia usar minha apreensão como justificativa, mas não era verdade... Pisquei entorpecida para os luminosos olhos acinzentados e Armand finalmente desviou o olhar para Aristela. – Viviana vai continuar lá. Disse que, mudando de forma vai abranger um território maior. E não quero me demorar... Alguma novidade?

– Não, *mon amour*.

– Se vocês me deixassem um minuto com Lume, eu poderia... – Armand balançou os braços no ar.

– Você sabe que não vou concordar com isso. Não é assim que vamos fazê-la falar, Armand!

– No, *mère*... É assim que saberemos a verdade!

– Lume nos deu provas de sua lealdade e temos que respeitar seus limites – Aristela falou em tom severo. Um segundo trocando olhares cortantes com o

filho e ela continuou. – Não importa, Armand... Não é assim que resolvemos os problemas nesta família!

Ele fez uma careta como uma criança contrariada e nesse momento olhei o empático Armand com outros olhos. Olhos assustados. Não entendia sua angústia e duvidava que fosse apenas empatia, mas sabia o tamanho da minha angústia e quase concordei com ele.

– Mais uma busca, *mère*, apenas isso. Se não encontrarmos uma pista de Alice, vou falar com Lume... do meu jeito!

Armand foi ao encontro do distinto grupo ao centro da sala e só então percebi que estava esmagando os dedos de Aristela.

– Desculpe! – falei esbaforida, largando sua mão.

– Não é à toa que ele e Vincent são amigos, o temperamento dos dois é muito parecido. – Aristela balançou a cabeça com uma expressão de pesar. – Sempre imediatistas... Sempre resolvendo os problemas com o impulso da raiva.

Tentei respirar pausadamente, mas concordava com Armand: meu único desejo era me levantar e fazer alguma coisa!

– Aristela... Você disse que viu Alice no seu espelho. Mas exatamente o que apareceu? – perguntei, controlando a voz. Aristela me avaliou por um momento. – Quero ajudar! – argumentei um tom mais alto, e percebi a cabeça de Vincent se levantar, procurando por mim.

Ele nos observou enquanto eu seguia Aristela até o canto oposto da sala. Ela se aproximou de uma mesa aparadora e puxou um pano bordado de verde; embaixo dele, um espelho de tamanho médio estava apoiado na vertical por pés que saíam da moldura dourada. Parei ao lado dela e aguardei, ansiosa.

– O Espelho de Nereu mostra imagens relacionadas às pessoas a que pertence. Algumas imagens estão no presente, mas, na maioria das vezes, são possibilidades de futuro. Às vezes, fica difícil determinar o tempo exato pela imagem que ele nos mostra... – Assenti para sua explicação, concluindo mais uma vez que essas coisas mágicas não eram muito úteis, afinal. Tudo o que deveria ajudar tinha uma limitação inconveniente. Aristela sorriu timidamente, acariciando a moldura dourada, e o espelho se iluminou de forma tímida. – Alice se tornou nossa protegida... E julgo que esse seja o motivo do espelho relacioná-la conosco. *Révéler* – ordenou em francês, e o espelho brilhou como se uma luz fosse direcionada a ele. – Quero ver a menina Alice no bosque.

Seguindo seu comando, a luz na superfície reflexiva tremulou e uma imagem se consolidou, revelando uma cena em movimento. Era como uma imagem vista de longe, refletida realmente. Alice andava pelo bosque perto de casa e reconheci, entre os troncos das árvores, a silhueta da casa de Lucila. Ainda era dia, mas a luz baixa e amarelada indicava que o entardecer estava

próximo. Observei minha irmã com cuidado e ela não parecia amedrontada ou assustada. Pelo contrário, Alice parecia distraída. Diria feliz. Percebi sua boca se mexendo e notei que ela estava falando, mas não havia mais ninguém ali... E a imagem sumiu.

– É só isso – Aristela disse insatisfeita.

– Você pode fazer aparecer de novo?

– Claro, posso chamar por qualquer imagem que o espelho tenha me mostrado, quantas vezes você precisar. – Aristela voltou-se para o espelho. – Mostre-me a menina Alice no bosque.

Desta vez observei a cena com mais atenção, atenta ao movimento de sua cabeça. Alice olhou para baixo e vi um vulto cinza acompanhando seus pés. Parecia uma folha... e era muito rápido. Sem eu dizer nada, Aristela se aproximou do espelho, acho que também notou algo perdido na imagem. Ela solicitou a revelação do espelho mais uma vez, e atraímos a atenção de Vincent. Ele se aproximou em silêncio e parou ao meu lado. Procurei focar meus olhos e, antes que a cena desaparecesse, identifiquei um pequeno camundongo entre a folhagem. Quando tudo terminou pela quarta vez, tive certeza.

– Viu! Você viu? – falei para Vincent, eufórica, mas sua expressão era indiferente. – Aquilo era um camundongo! Alice estava falando com um camundongo! Ela não tinha falado com um camundongo antes... Isso é uma novidade! – continuei a encarar Vincent, na esperança de que ele acompanhasse meu raciocínio.

– Novidade suficiente para distraí-la! – ele disse animado, entendendo meu ponto de vista.

– Esse novo amigo pode tê-la motivado a deixar o quintal de casa. Ela não fugiu, Vincent! Você tinha razão... Ela não fugiu! Alice foi atraída por sua curiosidade – concluí, parcialmente aliviada.

– Se Alice estava acompanhando algum animal da floresta, ficaria mais fácil encontrar o caminho pelo bosque – Vincent disse, pensativo.

– Então ela não foi raptada por Piro – Aristela concluiu esperançosa.

– Não, mas pode ter sido conduzida até ele. Até um lugar onde ele pudesse abordá-la sem levantar suspeitas... Até uma passagem – Vincent finalizou, convicto.

Armand se aproximou, interessado na teoria.

– Que ele a enganou, nós já sabemos. Lume disse que Alice estava acompanhando Piro por vontade própria na Terra da Luz. E está claro que aquele desgraçado tomou o cuidado de convencê-la a segui-lo. Mas, apesar de ser criança, Alice é esperta e em algum momento vai perceber que há algo errado. A questão é... quando?

– Quando estiver com medo. – Nicolau falou com voz de locutor enquanto andava em nossa direção. – Por isso, Piro não vai fazer nada para assustá-la. Não vai mudar de forma ou usar magia antes da hora. Vai ser gentil e amigável até o momento de entregá-la ao seu receptor. E, se Piro não vai se transformar, eles vão caminhar até seu destino... que obviamente é a Terra das Sombras. – Nicolau encontrou o olhar de Aristela. – Se eles entraram para a Terra da Luz pela passagem do bosque, então nós já temos um ponto de partida.

Procurei por Vincent um tanto confusa.

– Quantas passagens para o Mundo Mágico existem na montanha?

– Cinco. Três delas estão aqui, nos jardins da casa. Uma fica próxima à minha casa, no topo da montanha, e há essa passagem no bosque, próximo à sua casa – disse absorto. Eu deveria ficar surpresa por estar mais perto do Mundo Mágico do que imaginava, mas não consegui me surpreender.

– Estas cinco passagens são naturais, mas ainda existe o portal – Nicolau completou, indicando o elevado de pedra onde Armand se materializou. – Quatro delas levam para a Terra da Luz e apenas uma para a Terra das Sombras. Mas dentro da Terra da Luz existem muitas passagens para a Terra das Sombras, todas nas divisas de território.

– Onde exatamente, Nicolau? Qual passagem para a Terra das Sombras Piro pode usar? – Vincent perguntou, ansioso.

Nicolau trocou um olhar profundo com Aristela, como se a consultasse.

– Se eles partiram da passagem do bosque, Piro deve estar levando Alice pelas Colinas da Terra da Luz até o portal do Tronco Oco. Esta é a passagem para a Terra das Sombras mais próxima da entrada do bosque.

– Houve brigas recentes entre duendes naquelas Colinas, nós esvaziamos o lugar ainda essa semana. Estamos falando de um terreno praticamente deserto... – Armand disse preocupado, encarando Aristela. – Por isso ninguém os viu, eles estão andando por um lugar desabitado! Piro premeditou tudo.

A senhora de longos cabelos acinzentados apertou as mãos, agoniada.

– Desculpe, Melissa... – Aristela começou em um murmúrio culpado. – Não imaginei que Piro pudesse usar as informações que ouviu aqui em casa para nos trair. Devia ter ficado mais atenta... Suspeitado de suas intenções. – Ela abaixou os olhos e desta vez fui eu quem procurou sua mão.

– Sei que você só tentou fazer o melhor, Aristela – sussurrei, tentando confortá-la.

Armand passou por nós, acompanhado de Alex e dos amigos elfos.

– Se Piro está levando Alice para a passagem do Tronco Oco, precisamos cercá-lo! Aquela região da Terra das Sombras foi abandonada, ninguém a controla!

– Mas sabemos que há alguém lá, um demônio ou um mago das sombras que está aguardando uma encomenda – Alex falou concentrado.

– Então é melhor nos apressarmos, porque a encomenda está a caminho – Vincent concluiu.

Nicolau fitou o grande relógio de pêndulo na parede e reparei em seus detalhes pela primeira vez. Ele possuía seis ponteiros grandes agrupados em pares por cores distintas... prata, dourado e preto. Cada um deles apontava para um número diferente do relógio.

– Ainda há tempo. Lume voltou a pouco mais de duas horas, ainda era dia aqui. Então, eles estão no mundo mágico há poucos minutos. A passagem do Tronco Oco não fica tão perto assim. Alice é criança, não anda rápido e, como Piro não vai se transformar, temos algum tempo. – Nicolau falou com convicção.

– Precisamos avisar aos outros que sabemos onde procurar. Vou com Félix e Lúcius pela passagem do Jardim Vermelho. – Alex se virou para Vincent. – Seria melhor você bloquear o caminho de Piro pela Terra das Sombras, Vincent, você é o único de nós que pode fazer isso com rapidez. Só por garantia. Farei o mesmo pela Terra da Luz e, quando chegar à passagem do Tronco Oco, envio meu sinal. – Vincent concordou com a cabeça e Alex estendeu o braço até os ombros de Armand, recrutando-o. – Por favor, procure por Viviana, peça a ela para nos encontrar lá também.

Armand assentiu uma vez e pulou para o elevado de pedra. Endireitou o corpo e inclinou a cabeça para Vincent com uma reverência entre amigos; um segundo depois, uma chama rosa o envolveu, acompanhada do mesmo barulho de chama consumindo pólvora. Quando a luz se extinguiu, ele não estava mais lá. Ainda estava com a boca aberta quando notei três vultos cruzando a porta, Alex já estava a caminho também. Pisquei algumas vezes, não sabia quem seguir, até que senti as mãos de Vincent puxando meu rosto para que eu me concentrasse nele.

– Preciso ir.

– Sim, vamos.

– Não, Melissa, você vai me esperar aqui. Não é seguro para você lá – disse, a voz grave.

Eu o olhei com espanto... Do que ele estava falando? Eu também iria procurar minha irmã! Vincent leu a decisão em meu rosto com assombro.

– Também quero ajudar, Vincent, não tenho medo de um elfo zangado – afirmei com alguma convicção, mas acho que não convenci ninguém.

Os olhos de Vincent começaram a escurecer diante dos meus e um arrepio tomou meu corpo... Mas ele não iria me intimidar. Com certa indignação, me afastei de suas mãos.

– Melissa... – Aristela interveio, segurando meu braço. – Vincent vai precisar viajar pela sombra. Ele vai cruzar a Terra das Sombras para esperar por Piro do outro lado. Entendeu? – Ela franziu a testa quando minha expressão decidida se manteve. – Ele é o único de nós que pode viajar assim e chegará mais rápido para bloquear a passagem, caso Alex não chegue a tempo... É a única maneira de não perdermos Alice. É melhor você ficar comigo e esperar.

– Não vou ficar parada esperando, Aristela!

– Pegar carona em uma viagem pela sombra pode ser perigoso até para os magos da luz, imagine para... Bom, para você.

– Mas eu posso, não posso?

Fitei Aristela e ela trocou um longo olhar com Nicolau. Vincent se irritou.

– Não. Você fica. Está decidido! – rugiu, os olhos violeta cintilando nos meus.

– Não está nada decidido! – retruquei revoltada. – Já me sinto culpada por tudo que aconteceu e você sabe disso. Acha realmente que não vou fazer nada? Amo minha irmã, Vincent, preciso ajudar. E você não vai me deixar aqui, esperando!

– Aquele não é um lugar bonito, Melissa... Não quero que conheça essa parte da Terra das Sombras. É arriscado – Vincent falou num silvo furioso. Depois fechou os olhos, procurando minhas mãos. – Fique.

Sua expressão de sofrimento transformou em pó os estilhaços do meu coração partido. Mas eu precisava honrar minha promessa, não poderia colocar a segurança de minha irmã nas mãos de outros... de novo. Por mais que amasse Vincent, aprendi minha lição. Era responsável por Alice e não a abandonaria.

– Isso pode me machucar? – perguntei com a voz firme, e só houve silêncio. Corri meus olhos pelos magos que me encaravam surpresos... Um deles estava indignado. – Pode?

– Na verdade, não – Nicolau respondeu finalmente.

– Então eu vou com você – falei, adiantando-me para segurar a mão de Vincent. – E não tente me impedir, ou acabo pegando uma dessas passagens e encontro você do outro lado. – Encarei seus olhos violeta. – Vou até lá, Vincent. De qualquer maneira. Você pode escolher me deixar ir sozinha... ou me levar com você – completei, determinada, e ele soltou minha mão com raiva. Desta vez levantei minha mão para afagar seu rosto e me concentrei nos oceanos violeta. – Preciso ir, Vincent. Jurei proteger minha irmã e vou quebrar minha promessa se você me impedir. – Percebi a dúvida dançar em seus olhos e apelei. – Confio em você, nada ruim vai acontecer se ficarmos juntos.

Ele soltou o ar com uma lufada e me puxou para um abraço, apertando

minha cabeça contra seu peito. Vincent murmurou algo incompreensível em meus cabelos e ouvi o som de risadas abafadas, provavelmente de Aristela e Nicolau.

– Está bem – disse, me afastando. – Mas você vai fazer exatamente o que eu mandar e não preciso dizer que vai precisar se controlar. – Ele sustentou meus olhos. – Os lugares onde vamos passar podem ser muito desagradáveis. Entrar em choque não vai ajudar em nada.

– Prometo que vou fechar os olhos até você mandar abrir.

Vincent levantou os lábios no canto em um quase sorriso.

– Duvido.

Terra das Sombras

– Muito bem... Aristela e eu vamos fechar os jardins para impedir que Piro recue – Nicolau falou enquanto caminhávamos pela sala. Ele parou ao lado de uma das portas e colocou os braços nos ombros de Vincent. – Segure-a bem firme. – disse, com um sorriso breve, depois abriu a porta para o corredor escuro.

Aristela também veio se despedir com um afago em seu protegido; deu-me um beijo no rosto e recomendou cuidado. Eu apenas assenti, amedrontada e nervosa demais para responder. Um frio se espalhou por minha coluna, tomando minhas pernas... O que eu estava fazendo? Viajar pela sombra? Isso parecia loucura. E era loucura!

Vincent apertou minhas mãos, procurando meus olhos.

– Tem certeza de que você quer fazer isso? – perguntou, duvidoso. Respirei fundo, endireitei meu corpo e pensei em Alice, sã e salva em casa. Não havia loucura nenhuma nesse pensamento, só certeza. Não respondi, mas algo em meu rosto fez Vincent concordar com um suspiro. – Está bem. Prepare-se.

Não tinha a menor ideia do que ia acontecer e achei melhor não perguntar. Nicolau se afastou da porta e do outro lado não havia nada, só o escuro. Vincent se aproximou, fechando os braços em minha cintura, encarei seus olhos violeta e eles estavam um tom mais escuro, os olhos aniquiladores... Os olhos que me davam medo. Tentei segurar minha expressão para não fazê-lo desistir, mas acho que ele percebeu.

– Quando cruzarmos a porta, quero que feche os olhos. E tente abri-los só quando eu mandar. Será melhor assim.

Concordei, passando meus braços em volta de sua cintura. Estávamos abraçados quando Vincent se deslocou para frente e pisamos juntos no corredor escuro. O primeiro passo foi normal, era apenas um passo na escuridão, senti o chão sob meus pés e meus olhos não captaram nada além do breu. Mas o segundo passo foi bem diferente... Foi como cair no poço escuro de um elevador. Senti os braços de Vincent me apertando contra seu peito, sufocantes, e tive a certeza de que a viagem havia começado. A sensação era cair no vazio... E eu me lembrava bem dela. Não havia nada sob meus pés, o vento gelado levantava meus cabelos e um frio percorreu minha barriga, varrendo meus ossos. Estava tomada pelo medo e agora precisava confiar minha vida a Vincent.

Percebi que o vento gelado passava por nós com velocidade, mas nossos corpos não estavam descontrolados como em uma queda, não havia a resistência do vento. Alguns *flashes* de luz turva passaram rapidamente por nós, como

janelas de respiração em um elevador antigo. E um cheiro detestável tomou meu nariz... Parecia lodo putrefato. Ao nosso lado, um gemido tornou-se um som agudo ecoando em meus ouvidos. Instintivamente, me agarrei ainda mais a Vincent. Aquele som parecia não ter fim, era um grito de dor ou agonia e arrepiou a raiz dos meus cabelos. Tentei me esconder desse gemido horrível mergulhando o rosto em seu peito, mas isso não adiantou... Os sons arrepiantes estavam por todos os lados. Vincent levantou uma das mãos até meus cabelos, segurando meu rosto em seu peito, protegendo-me do que quer que fosse. E, nesse momento, resolvi fechar meus olhos.

Ouvi mais alguns sons horríveis durante o trajeto, alguns agudos, outros secos e arrastados. E, depois de um minuto, tudo acabou. O vento cessou e senti o chão pousar sob meus pés. Isso foi estranho. Não pisei nele, foi o contrário, como se ele viesse de baixo, ao meu encontro. Esperei... e a mão de Vincent escorregou por meus cabelos, até meu rosto, ele correu os dedos quentes por minha pele e levantou meu queixo.

– Estou surpreso... Você obedeceu – disse, a voz ronronada.

Percebi que ainda apertava os olhos e forcei o comando para que eles abrissem, lentamente. Para falar a verdade, estava com medo do que ia ver. Respirei aliviada ao reconhecer o rosto de Vincent ocupando todo meu campo de visão. À nossa volta, a claridade era quase uma penumbra, algumas sombras dançavam acima de nós, talvez a silhueta de árvores musgosas... Mas, no momento, não queria olhar em volta.

– Acho que só o medo pode domar você – ele disse com um sorriso surpreso.

Apertei os lábios em sinal de reprovação e isso só aumentou seu sorriso. Não respondi à provocação, não queria confirmar que estava com medo e sabia que precisava encontrar minha coragem em algum lugar. Então, lembrei do meu objetivo ao fazer essa loucura, inspirei profundamente... e isso não foi bom. O cheiro que pairava ao nosso redor lembrava um porão embolorado. Franzi o nariz, aquilo sufocava. Tentei expulsar o ar para me livrar do cheiro nauseante, mas ele já havia grudado em meus pulmões.

– Eu sei, não é agradável. Mas o importante é que estamos seguros aqui. A área parece vazia. Não sinto a presença de nenhuma força.

Fitei a escuridão violeta em seus olhos e me esforcei para olhar ao nosso redor. Havia musgo por toda parte... sob nossos pés, nas árvores, pendendo delas... O lugar parecia uma colagem de filmes de terror. Não havia som algum e isso me incomodou, muito. Era como o vácuo de silêncio antes da catástrofe, o som da morte. Encarei com suspeita um grande tronco escuro à nossa direita e estremei.

– Como você pode ter certeza? Os sons... O que era aquilo?

– O Vale do Tormento... Avisei que a viagem pela Dimensão das Sombras não ia ser bonita, Melissa. – Seu olhar era severo. Ele suspirou, levantando os olhos sobre mim para fixar o mar de musgo pegajoso. – Desculpe por fazer você ouvir aquilo, mas eu não tinha muitas alternativas e precisava de um caminho rápido. Achei melhor passar por lá do que pela Montanha dos Suplícios. Era ouvir ou ver. Tive dúvidas se você ia manter os olhos fechados, então resolvi amedrontar apenas seus ouvidos.

Por instinto, apertei os olhos, tentando espantar os gemidos de minha memória. Duvidava que um dia iria esquecer aquilo. E me peguei imaginando o que seria pior, ver ou ouvir. Vincent deslizou os dedos por meu queixo e acomodou o braço ao redor dos meus ombros. Parecia preocupado.

– Você está bem? Está com frio?

Estava gelada até os ossos e dessa vez isso não tinha nada a ver com o vento gelado. Confirmei com a cabeça e Vincent tirou a jaqueta, colocando-a em cima dos meus ombros. Ele usava a famosa camiseta preta por baixo, justa e de mangas curtas. Suspiro. Como eu podia me deslumbrar com seu físico no meio dessa confusão toda? E a resposta era óbvia... Porque algo tão perfeito merecia ser apreciado, em qualquer lugar.

Desviei os olhos de seu peito e passei meus braços pela jaqueta.

– Onde estamos exatamente?

– Na passagem do Tronco Oco. – Vincent indicou o tronco de árvore escuro à nossa direita. Franzi o nariz. – Posso garantir que há lugares mais bonitos por aqui – disse, incomodado.

Observei a fenda no tronco da grande árvore morta com repulsa e me lembrei dos sons horripilantes mais uma vez... Seria possível que houvesse algo bonito nesse lugar?

– Vamos ter que passar por ali? – Indiquei a fenda escura coberta de musgo.

Vincent afirmou com a cabeça e fez cara de nojo.

– A não ser que você queira voltar pelo caminho que viemos.

Encarei seu rosto perturbado em dúvida.

– Vamos esperá-los aqui ou vamos atravessar para procurá-los?

– Vamos aguardar Alex chegar. Ele vai enviar um sinal e então atravessamos. Só assim vamos ter a certeza de que nada passou por nós.

Vincent não entrou em detalhes e resolvi não especular; ia descobrir que sinal era esse mais cedo ou mais tarde. Só me incomodei em ter que esperar do lado sinistro da passagem. Mas não iria reclamar, fui eu que insisti em acompanhá-lo e agora precisava ter alguma coragem para enfrentar meus medos

e aceitar minhas escolhas. De repente, me angustiei.

– E se eles já passaram por nós?

– Duvido, Piro não seria tão rápido. E estava prestando atenção durante nossa viagem. Se eles estivessem aqui, eu teria visto ou sentido. – Fitei Vincent por um momento e percebi que seus olhos estavam cada vez mais escuros. – Tenho outras habilidades nas sombras, Melissa... Só preciso me concentrar. Aqui posso ver e sentir vibrações com mais clareza. Se Alice estivesse circulando pela Terra das Sombras, eu saberia. E esse é um dos problemas, eu não seria o único a sentir o poder dela.

Por reflexo, olhei em volta... Que tipo de seres sombrios poderiam se esconder na escuridão sem que eu percebesse? Meus olhos pararam em Vincent. Ele era um desses seres. Senti meu rosto se retorcer involuntariamente.

– Desculpe por fazê-la passar por isso.

– Eu escolhi estar aqui – afirmei.

Ele balançou a cabeça. Vincent não falava da Terra das Sombras.

– Prometi proteger Alice e quebrei minha promessa. – Sua expressão era torturada. – Arrisquei sua segurança e a dela quando me envolvi com vocês. – Ele balançava a cabeça entre uma palavra e outra. – Não devia ter levado vocês até a casa dos Von Berg... Desfiz as muralhas sem cautela, Melissa, não avaliei os riscos que vocês corriam no meu mundo. Prometi que não ia cometer deslizes, mas não paro de repeti-los.

Diante dos meus olhos, seu rosto começou a mudar, moldando-se nas sombras. Sabia que seu temperamento imprevisível poderia mudar junto com sua expressão e não precisava de mais uma crise de mau humor.

– Não há como ser diferente agora, Vincent – disse aflita, levando as mãos até seu rosto. Ele dançou os olhos escuros nos meus em silêncio, a dúvida flutuando em cada traço. E tive receio de que sua dúvida se tornasse uma certeza. – Você estava me mostrando seu mundo, foi verdadeiro comigo... E gostaria que continuasse assim – frisei, esticando os dedos para desfazer a ruga entre suas sobrancelhas, desmanchando a expressão que me angustia.

Notei que seus olhos estavam cada vez mais escuros, um tom de violeta próximo ao roxo. E, embora não soubesse como ou porque isso acontecia, sabia que esse olhar sempre precedia seus rompantes intempestivos. Mas não estava com medo, estava preocupada. Meu coração se apertou, eu precisava distraí-lo. Fazê-lo esquecer de seus pensamentos duvidosos antes que fosse tarde.

– Nunca vi seus olhos assim... Ficam bonitos – disse, quase hipnotizada por sua beleza misteriosamente fascinante. – Por que eles escurecem?

– Na maior parte das vezes tem a ver com o poder que uso – sussurrou desgostoso.

E entendi. Luz ou sombra, a dualidade que existia dentro dele.

– Ah – murmurei, sem encontrar outra resposta.

Sabia que não era só a dualidade do seu poder que fazia com que seus olhos escurecessem, eles também mudavam quando Vincent estava em conflito. Então tinha a ver com a dualidade dos seus sentimentos também. Admirei seus olhos violeta, tão intensos, e engoli em seco, percebendo que a dúvida ainda estava ali.

Um ruído arrastado rompeu pela fenda do tronco e meus olhos se arregalaram com temor. Vi a tensão tomar o rosto de Vincent, ele enrijeceu sob minhas mãos e, agarrando meu braço, arrastou-me para o lado. Ele literalmente me colocou ao lado de uma grande árvore coberta de musgo e tomou uma postura diferente, imperativa e poderosa, fascinante... e amedrontadora.

– Confie em mim – pediu.

– Eu confio – afirmei, os olhos vidrados.

– Então, fique aqui.

Ele me soltou e congelei no lugar. Vincent correu para o lado do tronco escuro, escondendo-se atrás dele, e fez um sinal com a cabeça para mim. Por um momento minhas pernas travaram, mas logo entendi que precisava me esconder também. Escorreguei para trás da árvore grudenta, abaixando-me perto do chão. De costas para o tronco, senti o cheiro do musgo podre, mas isso não incomodava tanto quanto meus tremores. Eu temia pelo que ia aparecer pela fenda, por Alice e pelo que ela ia ver desse lado. E o pior, pelo que já poderia ter acontecido com ela. Apertei meus olhos e puxei o ar sem sentir meu olfato, virei rapidamente e agarrei o tronco pegajoso com as duas mãos. A gosma verde escorregou entre meus dedos e rangi os dentes; respirando pela boca, espiei além da massa esverdeada.

Uma sombra se moveu na fenda, era um homem, ainda curvado. Ouvi o som agudo de sua voz e ela parecia educada. Ele falava amigavelmente com alguém...

– Venha, não precisa ter medo. É só mais uma passagem. Como a outra. Já estamos chegando. – A voz insistiu, controlada.

– Está bem. – A voz suave e infantil ecoou pela madeira oca. Alice!

Meu corpo tremeu, mas de raiva. Queria machucar aquele elfo maldito que estava enganando minha irmã... Com minhas próprias mãos!

Vi o pé de Piro cruzar os limites da fenda e comecei a me levantar, determinada a encurtar o espaço entre nós, iria estapeá-lo. Mas, antes que minhas pernas obedecessem meu comando, Vincent já estava agindo. Com agilidade, ele pousou na frente de Piro... Elegante, grande, e principalmente,

intimidador. Meus lábios se levantaram nos cantos com um sorriso de prazer ao ver a cara de espanto do elfo de fogo.

– Volte, Alice! Volte, agora! – Vincent rugiu com a voz grave enquanto suas mãos ágeis se fecharam ao redor do elfo surpreso.

– Mas, Vincent... – Ouvi Alice, mas não a vi.

Naquele instante uma luz prateada brilhou forte dentro do tronco oco, irradiando até as costas do elfo. Esse com certeza era o sinal. Alex havia chegado.

– Está tudo bem, Alice, confie em mim. Volte! E siga as borboletas prateadas, elas vão levar você até Aristela. Já vou encontrar você... Com sua irmã. Agora vá!

A luz diminuiu de intensidade e pude ver a silhueta de minha irmã se virando dentro da fenda. Seus cabelos vermelhos balançaram quando ela pulou do outro lado. Alice estava segura. A luz diminuiu e tudo ficou escuro novamente... Ainda mais escuro do que antes, e então percebi que era apenas a ausência da luz.

– E você, Piro, vai vir comigo. Para ser julgado e punido. Chega de cordialidades! – A voz grave de Vincent retumbou intimidadora, mas, para mim, era o som da vitória.

Piro levantou os olhos amarelos para Vincent e desta vez eles não eram inóspitos, eram amedrontados. Meu coração saltou alto no peito, queria ter certeza de que Alice estava bem do outro lado, queria abraçá-la e levá-la para casa. Provar para mim mesma que tudo havia acabado. Levantei-me num salto e Piro desviou os olhos amarelos de Vincent, pousando-os em mim. Aqueles olhos maléficos fizeram meu corpo tremer de novo. Mas não havia motivos para temê-lo agora, não com Vincent me protegendo. Piro levantou os lábios em um sorriso irônico, e isso me encheu de ódio. Minha vontade era enfiar as mãos naquele rosto e arrancar seu sorriso debochado com as unhas... Eu realmente não gostava daquele elfo. Mas deixaria que Vincent e a justiça do seu mundo tomassem conta dele, agora só queria seguir Alice.

Dei um passo à frente, ignorando o olhar do elfo e, no segundo, caí de cara no chão, entre as raízes que saltavam da terra esverdeada. Soltei um gemido involuntário... Podia jurar que elas não estavam ali antes e imaginei se aquilo era o motivo do humor do elfo. Vincent desviou os olhos sobre o ombro por uma fração de segundo, para checar o que havia acontecido, e isso foi suficiente. Piro diminuiu de tamanho e virou uma bola de fogo, escapando de suas mãos.

– Proteja-se, Melissa! – Vincent rugiu enquanto a bola de fogo, do tamanho de uma bola de basquete, voou para cima dele, investindo contra seu rosto. – *Schild!* – Ele gritou, desviando das chamas enquanto troncos e raízes se

levantavam do chão, formando um escudo à sua frente.

A bola de fogo girou veloz, chocando-se contra a madeira com um som oco, partindo-a em pedaços menores sem muito esforço. Piro era forte e temi por Vincent.

– Você não pode controlar o fogo? – gritei do chão, agoniada com a cena.

– O fogo... Não um elfo de fogo! – respondeu com dificuldade, desviando do ataque da chama enraivecida.

Ele não estava sendo rápido o suficiente e soltou um gemido de dor ao ser atingido no braço.

– Vincent! – gritei enquanto ele se curvava para o ferimento. Piro o acertou mais uma vez nas costas, mas, dessa vez, Vincent não emitiu nenhum som. Sabia que ele não queria me alarmar, mas podia ver a fumaça saindo de sua camiseta queimada. No terceiro ataque ele não segurou o gemido. E eu me desesperei. – Pare! Pare! – pedi inutilmente.

– Saia daqui, Melissa! Proteja-se! – Vincent esbravejou, enfurecido. – *Lösen... Gestalt* – murmurou em alemão.

Aquilo dizia algo relativo à mudança de forma e entendi que ele estava lançando um feitiço. A chama de Piro diminuiu, ele perdeu altitude, mas logo ficou brilhante novamente... Aquilo não parecia forte o suficiente para contê-lo. Vincent repetiu o feitiço por duas vezes e Piro chegou perto do chão, mas se recuperou e, parecendo ainda mais irritado, avançou para as costas de Vincent. Soltei um grunhido indignado... Mas que droga de magia era essa? Se Vincent era um mago das sombras e estávamos no seu território, será que não havia um feitiço mais potente para deter o elfo enlouquecido?

Apoiei-me nos braços, determinada. Precisava fazer alguma coisa! Não podia ver o homem que amava ser queimado dolorosamente daquela maneira. Precisava ajudá-lo! Mas não sabia nada sobre elfos... e tentei pensar racionalmente... Fogo. Fogo se apaga com água. Olhei em volta mais uma vez, mas não havia água, só terra. Terra! Fogo também se apaga com terra! Fiquei de joelhos e enfiei meus dedos com vontade na gosma verde, tentando juntar a maior quantia possível daquilo. Pretendia atirar a terra esverdeada contra o elfo de fogo e, durante meu movimento frenético, percebi um vulto. A sombra de um homem apareceu atrás de mim, ao lado da árvore onde estava escondida um minuto atrás. Parei minhas mãos na terra e, levantando o rosto sobre os ombros, tentei identificar a figura sinistra.

Uma enorme capa preta balançou com o movimento interrompido e dois olhos brilharam perversos nos meus. Eles tinham o brilho da morte, e faiscaram, furiosos. Eu congelei. Não consegui distinguir muito do rosto encoberto pela sombra do capuz, mas me lembrei vagamente de uma figura semelhante... em

um sonho. Um arrepio correu por meu corpo alojando-se na base das minhas costas, nesse momento senti a mais primitiva sensação de medo. Um sorriso cruel cintilou em meio à sombra do capuz, e caí de costas no chão. Apoiando meus cotovelos na terra, tentei impulsionar meu corpo para trás... Meu instinto me mandava fugir daquele homem, porque eu sabia o que ele era. Rastejei, ganhando alguns metros, e a capa preta balançou, intimidadora. Ele estava avançando, me seguindo, e forcei meus movimentos... Era meu fim.

Uma claridade na fenda do tronco oco brilhou em minhas costas, era o sinal de Alex nos chamando mais uma vez. Voltei o rosto para a luz, na esperança de encontrar ajuda, queria gritar por Alex... e com o grito amedrontado na garganta, meus olhos procuraram pela figura na capa preta. Mas ela não estava mais me perseguindo. Ela não estava mais lá! Não havia nada ao lado da árvore, nem à minha frente. Parei meu movimento rastejante, completamente sem ar, e por duas vezes varri a área ao redor com os olhos... Nada. Ele sumiu no ar. Ou melhor, na sombra. À minha volta só havia a familiar penumbra, que contornava as silhuetas esverdeadas das árvores musgosas... Arfei outra vez, mas de alívio. Sabia que havia encarando um ser perigoso, provavelmente um mago das sombras, e tinha certeza de que ele era o receptor de Alice. Um nó nauseante se apertou em meu estômago quando imaginei minha irmã em suas mãos.

Balancei a cabeça, desolada. As apreensões de Vincent eram reais, nos envolver nesse mundo era muito arriscado.

Vincent gemeu atrás de mim... o pesadelo de fogo não tinha acabado. Um som agoniado escapuliu dos meus lábios quando notei sua camiseta rasgada, no ombro e nas costas, expondo manchas em vários tons de vermelho que se destacavam na pele branca. Ele usava troncos e raízes como escudo enquanto arremessava sem piedade pedras de tamanhos consideráveis na bola de fogo, mas nada parecia ser suficiente para tirar Piro de sua órbita. Já estava aborrecida... Cadê aquele mago furioso e impiedoso de que todos tinham medo?

Ecoando minha revolta, uma risada irônica e espectral rompeu as chamadas tremulantes. Piro parecia estar se divertindo com a passividade de Vincent. A bola de fogo rodopiou entre as pedras e golpeou Vincent com força; o mago se curvou e a mancha vermelha em seu ombro brilhou num tom de vermelho vivo... Vincent estava sangrando. Não podia mais assistir aquilo.

Com movimentos rápidos, voltei a cavoucar o musgo. Cravei meus dedos na gosma, juntando a maior quantia possível de terra e, levantando-me às pressas, equilibrei a papa esverdeada entre minhas mãos. Mirei por um segundo e, com um único arremesso, atirei a terra contra a bola de fogo. A chuva grudenta atingiu Piro parcialmente, ele perdeu altitude e chispou, como se

estivesse sendo mitigado.

– Funciona! – exclamei, animada.

– Vá embora, Melissa! – Vincent rugiu raivoso. – Alex está esperando do outro lado. Atravesse a passagem! Saia daqui!

– Não vou deixar você! – respondi com outro berro, quase ofendida. – Por que Alex não vem nos ajudar?

– Ele não pode. Elfos de luz não têm poderes na Terra das Sombras – Vincent respondeu com uma careta feroz enquanto se endireitava. Meus olhos se arregalaram... Estávamos perdidos! A bola de fogo tomava altitude para mais uma investida, olhei para Vincent e comecei a entrar em desespero. Por algum motivo ele não parecia eficiente ou concentrado nessa luta e, se Alex não podia atravessar, Viviana também não. Se nenhum deles podia nos ajudar, Piro iria fritar Vincent. E eu seria a próxima! Vincent desviou os olhos para a bola de fogo que brilhava acima de nós. – Saia daqui, Melissa! – insistiu com outro rugido hostil.

– Não! – exasperei, e ele correu os olhos aniquiladores para mim com uma expressão frustrada. – Jogue terra nele! Você pode controlar a terra, não pode?

Eu tentava imaginar quais eram suas limitações, quando os olhos de Vincent brilharam nos meus.

– Levante mais terra! – ordenou, enquanto golpeava Piro com alguns troncos. Caí no chão de joelhos, enfiando meus dedos na massa esverdeada para procurar pela terra embaixo dela, determinada a cavar um poço se necessário. Juntei o mais rápido que pude uma quantia considerável de terra fétida. – Agora quero que se proteja, Melissa! – Vincent exigiu com a voz firme e me levantei às pressas para me esconder atrás dele. Ainda considerava o próprio Vincent minha melhor proteção. – *Schild* – ele urrou.

Suas mãos ágeis controlavam uma cortina de terra, que se levantou entre nós e a bola de fogo, formando outro escudo. Piro fez algumas investidas, mas enfraqueceu e acabou se afastando. Vincent estava concentrado, movendo o escudo de terra com habilidade ao redor do elfo e entendi que ele pretendia prendê-lo numa bolha de terra. Assistindo seu sucesso, arfei aliviada, dando-lhe algum espaço... No segundo passo para trás, ouvi um eco, que progrediu para um chamado logo atrás de nós.

– Por que vocês estão demorando tanto? – Uma familiar voz rouca perguntou com seriedade.

Girei a cabeça com um sorriso e encontrei o olhar confuso de Armand. Ele saía da passagem do tronco com dificuldade, adiantando-se ao nosso encontro com uma expressão alarmada. Meu sorriso se ampliou. Armand não era

um elfo de luz, era um mago. E isso significava... ajuda!

– Vincent, cuidado! – Ele alertou ao entender a cena.

Voltei minha atenção para a bolha de terra e percebi uma fumaça vermelha se espalhar onde as chamas de Piro tocavam a terra. Um grunhido determinado ecoou no mesmo som espectral e entendi que Piro estava usando toda sua potência flamejante para escapar pela última fresta. Gritei um sonoro – *Não!* – e Vincent percebeu que eu não estava mais atrás dele. Seu segundo de distração foi suficiente... Com uma explosão de chamas, a bola de fogo disparou com velocidade. Vincent se curvou com um gemido e caiu de joelhos, uma mancha borbulhante de vermelho vivo brilhava em seu ombro.

– *Punition!* – Armand gritou, estendendo a mão. Desta vez, Piro caiu imediatamente, com um som que torturou meus ouvidos.

Era o mesmo gemido insuportavelmente suplicante que me perturbou durante a viagem pela sombra. O som de quem agoniza nas mãos da morte. A bola de fogo rodopiava pelo chão, contorcendo-se com aqueles sons atormentados... Aquilo era insuportável de ouvir e assistir. Eu me encolhi, até que sua agonia se tornou minha agonia. Congelada de pavor, protegi os ouvidos, concentrando-me no mago que sangrava no chão.

– Melissa! – A voz de Armand soou como um alerta mais uma vez.

Levantei os olhos, procurando a lamentação flamejante, e descobri que sua agonia havia se transformado em vingança... Não houve tempo. Para escapar de sua aflição, Piro reuniu suas forças e escolheu seu alvo. O golpe queimante foi certeiro. Com a força de um touro enraivecido, as chamas incandescentes me atingiram na linha do queixo, mais precisamente entre o queixo e o pescoço. Eu caí de costas. E não vi mais nada.

Abri os olhos com esforço para escapar da escuridão e um murmúrio aflito tomou meus ouvidos. Pisquei... Zonza. Algo muito ruim queimava minha garganta, mas algo pior que a dor me torturava. Eu não conseguia respirar. Forcei meus olhos a ficarem abertos e puxei o ar para os pulmões com mais força, isso aumentou a agonia. Eu estava sufocando. Pisquei novamente, rezando para que fosse um pesadelo, mas ainda estava escuro à minha volta. Senti a gosma fria e pegajosa entre meus dedos e, com assombro, entendi que ainda estava naquele duelo de fogo e sangue. A dor aguda e latejante em meu pescoço aumentou, e estava me vencendo... Eu me lembrava muito bem dessa dor, algo havia me queimado ali. Esmaguei a terra entre meus dedos com o esforço que fiz para puxar o ar, mas isso não foi suficiente. Meus sentidos já estavam lentos... e o murmúrio aflito se intensificou ao meu lado, transformando-se em um grito exasperado:

– Melissa! Melissa! – A voz chamou desesperada.

Conhecia aquela voz grave. Meus olhos procuraram, mas era difícil mantê-los abertos.

– Melissa, tente respirar! Não se apavore ou isso só vai piorar. Tente respirar devagar! – Vincent estava ajoelhado ao meu lado e alisava meu cabelo com as mãos de um jeito aflito. – Por favor... devagar – repetiu. Não consegui focalizar meus olhos para ver seu rosto e os fechei. – Não! Abra os olhos... Fique de olhos abertos! – ele rugiu ainda mais alto e obedeci, me debatendo em agonia. Queria dizer a ele que estava sufocando, mas não consegui. Senti meu peito subir e descer em um movimento frenético, a dor aguda em meu pescoço aumentou e meus olhos fraquejaram mais uma vez, estava cansada. – Melissa... Tente respirar devagar. Por mim.

Vincent abaixou a cabeça e encostou o rosto em meu peito. Seu calor aqueceu minha pele e a sensação era boa, como uma onda de paz irradiando por meu peito... até meus pulmões. Tentei me desligar da dor, da agonia sufocante, para me concentrar nessa serenidade, nesse aconchego. Meus movimentos se acalmaram, eu inspirava lentamente agora e aos poucos fui sentindo a sensação prazerosa do ar entrando em meus pulmões. Doía... muito. Mas estava respirando. Alívio. Vagarosamente, um aroma familiar preencheu cada célula do meu corpo. Amadeirado, cítrico. Esse perfume relaxou meus músculos e eu afrouxei os dedos na terra por reflexo.

Com um movimento fatigado, levantei uma das mãos. Ela devia estar cheia de terra, mas precisava tocá-lo... Senti-lo. Vincent levantou a cabeça do meu peito e sorriu, foi lindo de ver, mesmo com os olhos desfocados.

– Obrigado, meu amor. – Ele falou enquanto segurava minha mão contra seu rosto com uma expressão de alívio. – Continue respirando... devagar.

Um murmúrio irritado praguejou atrás de Vincent e reconheci a silhueta de Armand se movendo, inquieto.

– Piro conseguiu fugir. O infeliz é rápido! Eu o atingi algumas vezes, sei que ele está ferido e, se me ajudar a rastreá-lo, podemos... – Armand silenciou ao se aproximar. – Ah, Vincent... Não entendo, por que você poupou aquele desgraçado? Por que não fez nada definitivo com ele? – A voz rouca soou indignada.

Vincent desviou o rosto com uma expressão mortificada para encarar o amigo.

– Não poderia puni-lo apropriadamente na frente dela, Armand. Não sei como Melissa reagiria à cena. – Vincent voltou os olhos aniquiladores para mim. – Agora, estou arrependido por ter hesitado. Deveria ter acabado com aquele elfo quando tive chance. Seria melhor vê-la fugir de mim do que ver isto.

Seu rosto se retorceu, desolado, enquanto deslizava os dedos por meu cabelo. Sabia que Vincent possuía feitiços mais poderosos e, apesar de concordar com Armand, entendi seus motivos para não usá-los. Por mais que odiasse aquele elfo, podia imaginar a forma de punição que Vincent tinha em mente. E não sei como reagiria ao vê-lo fazer algo assim... mesmo a um ser cruel como Piro.

Vincent bufou, revoltado.

– É minha culpa, Armand. Sabia que algo assim iria acontecer se ela ficasse ao meu lado.

– Não é sua culpa, Vincent. É sua maldição.

– O que dá no mesmo. Jamais deveria ter começado isso. – Vincent se afastou com uma expressão mortificada. Mas havia algo pior ali e vi claramente o arrependimento tomar seu rosto, envolvendo meu cavalheiro carrancudo em uma máscara de determinação. Eu me retorci em agonia, queria dizer que não era verdade, que ele não era culpado. Queria pedir para ele não desistir, mas não podia. Vincent balançou a cabeça. – Desculpe... Não devia ter trazido você comigo – murmurou baixo, e levantou o rosto para o amigo. – Preciso levá-la até Alex, depois acerto minhas contas com aquele elfo.

– Não se eu fizer isso por você – Armand retrucou em tom diabólico. – Aquele elfo merece um castigo não só pelo que fez com Melissa, mas também pelo que quase fez com Alice – disse com voz mortal. Depois, com um longo suspiro, ajoelhou-se ao lado de Vincent. – Como ela está?

– Respirando – Vincent disse friamente, mas a expressão de Armand era apreensiva.

Concluí que minha aparência devia estar assustadora. Estava tentando respirar devagar, mas, sem o calor de Vincent para me concentrar, a dor no pescoço voltou a ficar forte e não controlei a careta. Ele esticou uma mão, mas vacilou no meio do caminho, recolhendo os dedos antes que tocassem meu rosto. Isso incomodou tanto quanto a dor. Reparei em seus braços feridos, no brilho vermelho do machucado em seu ombro, nas costelas... O sangue ensopava sua camiseta rasgada e aquilo parecia feio, devia estar doendo, mas Vincent não reclamava. Eu me senti uma maria-mole choramingona. Poderia suportar a dor, precisava suportar a dor. Minha falta de determinação o estava torturando e não era justo atormentá-lo dessa maneira.

– Ela é corajosa! – Armand exclamou com uma surpresa que quase me ofendeu.

– Eu sei. – Vincent concordou em tom de reprovação. – E isso só nos traz problemas.

Franzi a testa de novo, mas dessa vez não era a dor. A dor incomodava,

mas não tanto quanto ver os dois falando de mim como se eu não estivesse ali. Abri a boca para falar, mas não consegui. Uma dor aguda tomou meu pescoço e se espalhou por meu peito; desta vez, não consegui disfarçar o desconforto.

– Não tente falar, Melissa – Vincent pediu. – O golpe de Piro feriu sua garganta e vai ajudar se você não se esforçar – disse agoniado, a tortura voltando a seu rosto. – A dor está aumentando, Armand, precisamos tirá-la daqui!

– A passagem é estreita, Vincent... Ela conseguiria passar abaixada, mas não carregada. Além disso, é melhor que Melissa permaneça deitada enquanto houver sangue – Armand falou com uma careta.

O desespero mascarou parcialmente minha agonia... Sangue? Havia *sangue* em mim? Meus olhos se arregalaram, minha aparência deveria estar muito pior do que imaginava. Vincent lançou um olhar reprovador para o amigo.

– Sinto muito... – Armand levantou os ombros, sem jeito. – Mas, de qualquer forma, você deveria voltar com ela pela sombra. – Vincent estreitou os olhos violeta, balançando a cabeça em negativa. – Você pode persuadi-la a ficar de olhos fechados ou posso iludi-la com uma bela paisagem, se preferir. – Vincent continuou negando com a cabeça. – Podemos usar o feitiço do sono então... Mas ainda acho que a sombra é o melhor caminho.

– Não vou usar minha magia nela.

Armand indicou o tronco oco, indignado.

– Você não quer usar sua magia nela, e eu não quero que Alice veja a irmã nestas condições. Isso vai deixá-la assustada!

Observei a fisionomia preocupada de Armand e era solidária em suas apreensões. Mas, ao mesmo tempo, tentava entender sua devoção. Abri a boca na esperança de opinar e a dor latejante me calou. Alice... Alice? Estava tudo bem com ela? Será que nenhum deles iria me dar notícias? Armand esticou os olhos para mim e sorriu timidamente.

– Calma, Melissa, está tudo bem com Alice. Ela está segura com Alex e Viviana, ficou fascinada com as asas deles. – A voz rouca de Armand era branda. – Alice não sofreu nenhum arranhão. E também não percebeu nada. Para ela, o passeio com Piro foi apenas uma excursão pela Terra da Luz. Ela só está curiosa para saber o que há depois dessa passagem e por que não pode vir para este lado do Mundo Mágico com vocês.

Era bem Alice. Tentei sorrir para agradecer a informação, mas isso também doía e desisti. Fiquei feliz ao reconhecer que estava certa sobre Heros, quer dizer, Armand... Ele era realmente muito perceptivo.

– Muito bem, Armand, volte pela passagem e avise Alex que Melissa precisa de cuidados. E leve Alice com você. – Vincent voltou os olhos reprovadores para o amigo. – Sem mencionar a palavra *sangue*. E... Armand,

você poderia fazer o feitiço do sono antes de ir? Realmente não quero usar minha magia nela. Mas... por favor, concentre-se. Ela não deve ver nem ouvir nada na volta.

Armand concordou com um sorriso consolador.

Contemplei a cumplicidade dos dois magos à minha frente e... espera... Como assim? Armand iria me enfeitiçar? O que ele iria fazer? O mago de olhos acinzentados se aproximou e minha respiração acelerou. Vincent segurou minha mão e a afagou.

– Está tudo bem, Melissa, relaxe. Você só vai sentir um pouco de sono e, quando acordar, estará em um lugar seguro. Confie em mim.

Sua voz dolorida era suave e seus olhos penetrantes prenderam os meus com um misto de tortura e alívio. Fitei os oceanos em tempestade, mas, ainda assim, senti minha respiração se acalmar. Eu confiava nele.

Vincent levantou o rosto para Armand e fez um gesto leve com a cabeça. Armand se aproximou novamente, fixando os olhos acinzentados nos meus.

– *Remis à la nuit noire.* – Sua voz rouca era irresistivelmente relaxante e, mesmo sem compreender totalmente... obedeci.

Certezas

Abri meus olhos lentamente, depois pisquei algumas vezes para entender onde estava. Havia uma luz fraca de abajur ao meu lado, estava deitada, e um perfume suave pairava no ar... maçã... canela.

– Olá, *ma chère*.

Levei meus olhos até a bela senhora de longos cabelos acinzentados.

– Melissa! – Meu nome foi cantado por uma voz grave. Vincent apareceu ansioso à minha frente e sentou ao meu lado, o rosto cansado. Os olhos turquesa sustentaram os meus e sorri em resposta. Ele apertou uma das minhas mãos contra seu rosto e reparei como ela estava imunda de terra. – Como se sente?

Pensei por um instante antes de responder a pergunta simples... Eu não sabia. Procurei lembrar como havia me sujado e a memória do ataque do elfo veio como um segundo golpe. Pisquei mais uma vez, para afastar as cenas do pesadelo, e me concentrei. Estava respirando, e não sentia nenhuma queimação na região do pescoço, então... Tentei sentar e quatro mãos me detiveram. Uma quase entornou uma xícara fumegante em meu peito.

– Eu... estou bem – Minha voz saiu rouca, mas eu estava falando e isso foi um alívio. Limpei a garganta com uma tosse forçada e isso não foi uma boa ideia. – Alice... – exigi com um sussurro dolorido.

– É melhor ir devagar, *chérie*, o inchaço ainda não desapareceu por completo. O tratamento de Alex é eficaz, mas demora algum tempo. – Aristela informou com voz mansa, ignorando minha agonia.

Vincent tinha uma expressão amargurada e, com um gesto hesitante, ajeitou uma mecha de cabelo grudento para longe do meu rosto.

– Alice está lá embaixo, com Viviana.

– E não quer largar dela – Aristela completou com uma risadinha.

– Ela viu você – Vincent esclareceu. – Expliquei que você caiu e se machucou. Que precisava descansar.

– E... Bem, sua irmã não pareceu alarmada com a notícia. – Aristela concluiu pensativa.

Fiquei feliz por ser desastrada o suficiente para não espantar nem mesmo minha irmã caçula ao aparecer desfalecida e machucada.

– Você... – Franzi os olhos para Vincent, lembrando a extensão de seus ferimentos em vermelho vivo.

– Estou bem – ele respondeu com a voz dura. – É você quem precisa de cuidados. Não quero que George me odeie ainda mais ao ver você nesse estado.

– Precisamos voltar... – argumentei com a voz baixa, sentido a garganta doer enquanto falava. Era como se estivesse com uma faringite daquelas! – George – balbuciei com esforço.

– Acalme-se. Já liguei para ele. Na verdade, falei com sua vizinha... Lucila. Ela ficou muito contente ao saber que encontramos Alice. Avisei que sua irmã estava bem, mas que você se machucou durante a busca e iríamos nos atrasar por causa disso. – Vincent apertou os lábios no que supus ser um quase sorriso, que rapidamente se desfez. – Ela também não se surpreendeu com a notícia.

Agora eu tinha mais uma pergunta, a mais importante.

– Então... está tudo... bem? – perguntei, duvidosa, e o rosto de Vincent se fechou em uma máscara. Ele levantou incomodado e caminhou até a janela escurecida pela noite.

– Sim, *ma chère* – Aristela confirmou com um sorriso forçado. Olhei dela para Vincent, e soube que havia mais problemas escondidos em seus rostos. – Não se preocupe, *chérie*. Apesar de não termos notícias de Piro, Alice não percebeu o perigo que correu. Ela nos contou que seu amigo camundongo a levou até Piro. Ele a encontrou na passagem do bosque, como suspeitamos, depois a convenceu de que você e Vincent o haviam mandado para buscá-la. Alice reconheceu Piro dos jardins de nossa casa... Não suspeitou de suas intenções.

Balancei a cabeça com ódio daquele elfo, e senti algo se repuxar em meu pescoço, talvez um curativo.

– Aristela... Por favor, cheque o curativo. Preciso levar Melissa e Alice para casa, não quero que George suba a montanha atrás de nós – Vincent disse asperamente.

Levantei minha mão até o ferimento, e ele estava coberto por uma gaze.

– Mais dois minutos, Vincent, e poderemos tirar – Aristela esclareceu com um sorriso, afastando minha mão do pescoço.

Vincent se remexeu, impaciente, e eu precisava concordar com ele... havíamos abusado da paciência de George. Sabia que um simples telefonema não iria acalmar meu avô, ele continuaria aflito enquanto não visse Alice sã e salva em casa. Inspirei lentamente, e fiquei feliz quando isso não doeu. Vincent me observava com uma expressão amargurada e rezei para que George fosse sua única preocupação. Quando me lembrei de seu discurso atormentado na Terra das Sombras, fiquei apreensiva. Mas estava tudo bem agora... Não estava? Procurei por seus machucados ou por vestígios de desconforto. Ele vestia uma camisa preta de botões, limpa e inteira; se havia curativos por baixo dela, eram imperceptíveis.

– Você está bem? – insisti, duvidosa.

– Por favor... Não se preocupe comigo – falou com desdém, quase ofendido, enquanto me ajudava a sentar.

Medi o cômodo escuro ao nosso redor e entendi que estávamos em seu quarto, mais precisamente, em sua cama. Corei. Desviei meus olhos para o chão e eles passaram rapidamente por minha calça jeans, pelo meu tênis... E me desesperei. Meu estado estava lastimável! Envergonhada, notei que, além de tudo, estava cheirando mal. O mesmo cheiro de mofo misturado com lodo podre.

– O que aconteceu comigo? – perguntei, admirando sua camisa limpa.

– Ao que parece, você rolou na terra e no musgo putrefato – Vincent murmurou sem emoção, e indicou a porta de madeira escura com detalhes intimidadores à frente da cama. – Eu lhe ofereceria alguns minutos no quarto de banho, mas não temos tempo para isso. Na verdade, é melhor assim. Todos sabem que você caiu na busca e seu estado é um ótimo álibi para nosso atraso.

Encarei o rosto perturbado do cavalheiro carrancudo, inconformada com sua lógica.

– Beba, *ma chère* – Aristela disse, estendendo-me uma xícara de chá.

Analisei o conteúdo da xícara. Ela não perguntou se eu queria beber, apenas ordenou, então...

– Isso faz parte do tratamento de Alex? – questionei, imaginando se aquilo era algum tipo de poção.

– Não, *chérie*. É chá de maçã, com um pouco de canela. Vai lhe fazer bem – Aristela respondeu com simplicidade e Vincent quase sorriu. Quase. Aceitei a xícara e beberiquei lentamente. – Acho que já está na hora.

Aristela se aproximou e ergui o pescoço com uma careta, aguardando que o curativo fosse retirado. Ela puxou as bordas delicadamente e confesso que a careta foi um exagero. Quando olhei para frente, vi Vincent observando a cena, o rosto sem expressão. Aristela levantou para buscar algo em cima da lareira e voltou com um espelho de toalete prateado. Peguei o espelho e encarei o horror... Estava pior que a Medusa! Havia lodo e terra agrupando meu cabelo em placas de aparência asquerosa, a lateral do meu rosto estava toda suja e concluí que o único lugar limpo era meu nariz. Nunca fui excessivamente vaidosa, mas, com Vincent me encarando, precisava me preocupar. Como ele pôde me chamar de *amor* vendo essa cena?

Aristela balançou a cabeça com certo humor diante de minha expressão desolada.

– Você está muito bem, *ma chère*. E a mancha vermelha vai desaparecer em alguns dias – disse, com um sorriso.

Procurei pela mancha vermelha de que ela falava e, para falar a verdade,

mal a localizei embaixo do queixo.

– Parece ótimo... Preciso agradecer a Alex – comentei, com um sorriso tímido.

– Depois. Antes precisamos tirar os curativos de Vincent – Aristela anunciou, farfalhando seu vestido até ele. E, parando à sua frente, aguardou. Ele a encarava com um olhar de piedade. A maga ajeitou os longos cabelos acinzentados nos ombros com impaciência. – Ora, vamos Vincent! Você não pode estar envergonhado – disse reprovadora, mas com certo humor.

Dessa vez fui eu que contive o riso, apertando os lábios ferozmente. Vincent encontrou meus olhos e pareceu mesmo constrangido. Meu galã de filme antigo... Seu comportamento sempre foi antiquado e entendi que isso não era charme, valores tinham significado para ele; portanto, deveriam ser respeitados. Mesmo assim, ver um homem daquele tamanho com pudor era engraçado. E então reparei em sua expressão, havia algo de errado ali. Algo escondido em seus olhos, além do pudor.

– Tenho certeza de que Melissa não vai se importar se você tirar a camisa por um minuto – Aristela insistiu.

Abaixei meus olhos até a moldura prateada do espelho. Nesse momento também fiquei constrangida, e corei. Procurei me concentrar nos padrões florais no dorso da moldura e notei que não era um espelho de toalete masculina, aquele espelho pertencia a uma mulher...

Um vulto atraiu minha atenção.

A camisa preta foi lançada sobre a cama e pousou ao meu lado, seu movimento levantou um aroma muito familiar que pairou no ar. Não resisti e levantei meus olhos. Vincent era lindo. Minha boca ficou aberta enquanto contemplava os músculos de seus braços, se movendo em linhas perfeitas com seu peito... Se eu achava o físico de Vincent maravilhoso sob a camiseta justa, precisava usar melhor minha imaginação. A visão do seu peito nu era melhor, muito melhor, do que imaginei.

– Ai! – Ele gemeu e fechei minha boca. Só então percebi que ela estava mais aberta do que deveria. Pisquei algumas vezes, mas não consegui desviar os olhos dele. – Ai! – Vincent gemeu de novo.

– Ora, não seja chorão. Isso não dói tanto assim. – Aristela ralhou enquanto puxava o último curativo de uma única vez.

Duas manchas avermelhadas apareceram em suas costelas e mais uma, enorme, em seu ombro esquerdo. Esta parecia mais vermelha do que as outras. Aristela se afastou com um sorriso debochado e entrou no quarto de banho com as mãos cheias de gazes usadas. Vincent se aproximou da cama para pegar a camisa e eu ainda o contemplava... maravilhada. Aristela se moveu pelo quarto

novamente, colocou algo parecido com uma bacia prateada sobre a cômoda e caminhou para a porta.

– Preciso pegar mais algumas toalhas – disse, saindo apressada.

Percebi seu movimento, mas meus olhos não conseguiam se desgrudar de Vincent. Sob a luz do abajur ele era ainda mais lindo. Eu contemplava ondas de músculos firmes que saltavam de seu abdômen quando notei algumas saliências que se destacavam na pele clara, construindo padrões assimétricos... Pareciam cicatrizes. E eram cicatrizes, salientes, como a minha atrás da orelha. Mas Vincent tinha muitas, e em tamanhos diferentes, espalhadas por seu abdômen até a curva das costelas. Tentei imaginar o que causou aquilo, tanta dor, e um sentimento angustiante tomou meu coração quando me lembrei do rapaz no bosque. O rapaz de cabelos escuros como a noite e olhos cor de céu. O rapaz pintado de vermelho... Vincent.

Agora entendi o outro sentimento que se escondia em seus olhos: receio. Ele estava com medo da minha reação ao ver suas cicatrizes. As cicatrizes do ataque de Ludwig. Vincent tinha receio de que isso me chocasse. Ou que, de alguma forma, me repugnasse. Depois da minha experiência com Piro, deveria ficar apavorada por imaginar que havia coisa pior do que um simples queimado no pescoço. No entanto, estava preocupada apenas com seus sentimentos... que retorciam seu rosto.

Com movimentos rápidos, Vincent passou os braços pelas mangas da camisa, girando os ombros para ficar de costas para mim, e só depois começou a fechar os botões. Larguei o espelho sobre a cama e me levantei calmamente; pousei minha mão em seu braço, chamando-o para mim. Vincent parou o movimento das mãos, mas não se virou.

– Elas não me assustam – falei da forma mais suave possível.

– Deveriam.

– Não vejo nada de errado em ter algumas cicatrizes. Eu mesma tenho milhares – continuei branda, tentando agir com naturalidade para amenizar a seriedade de sua voz. Mas, pelo silêncio que se seguiu, não tive sucesso.

Com um levantar de ombros, Vincent soltou o ar.

– Estas marcas me fazem lembrar quem sou e a qual dos mundos pertenço – disse, implacável. – E, por negar quem sou, meu mundo a machucou hoje.

– Mas agora está tudo bem.

– *Agora?* – ele frisou com voz grave. – Não, Melissa... – murmurou, balançando a cabeça. – Você não entende? Eu poupei Piro, mas ele não poupou nenhum de nós. Ele quase levou Alice e feriu você seriamente, mesmo sabendo que você era o ser mais inofensivo dali. Mesmo sabendo que você não poderia se

defender. – Sua voz morreu, seus ombros subiam e desciam acompanhando a respiração pesada. – E eu sou o responsável.

– Não, Vincent. Eu escolhi estar aqui.

– Você está aqui porque eu permiti. Se feriu porque não tomei a atitude necessária por medo de perdê-la. E, se deixar que isso continue, meu egoísmo ainda vai matá-la!

– Você nos protegeu de Piro, estas marcas provam isso... – Toquei a mancha vermelha em seu ombro e ele se encolheu. Vincent balançou a cabeça, interrompendo-me.

– Não consegui proteger você e sua irmã de um simples elfo de fogo porque hesitei... porque tentei agir contra o que sou. – A voz de Vincent era friamente controlada. – Você acha que sabe quem eu sou, Melissa, mas não tem ideia. Eu poderia ter matado aquele elfo com facilidade se você não estivesse lá. E talvez devesse ter feito isso, mesmo na sua frente. Quem sabe assim você entenderia – provocou com ironia. – Estas marcas são um exemplo de uma parte do meu mundo que pode ser muito cruel, tão cruel quanto eu posso ser. Um lugar onde magos como eu não hesitariam em matar alguém como você. O que aconteceu hoje não foi nada comparado ao que existe lá. – Ele fez uma breve pausa e continuou com um tom rude. – Sou parte desse mundo e isso nunca vai mudar.

Sabia que Vincent estava se sentindo culpado pelo que tinha acontecido comigo, mas fui eu quem decidiu ir até aquele lugar e precisava dividir essa responsabilidade. Precisava consolá-lo, mostrar que estava tudo bem... Com um gesto vagaroso, eu o abracei pelas costas, pousando as mãos na pele quente de seu peito.

– Não me importo – sussurrei em suas costas, e Vincent se virou em meus braços.

Pensei que ele iria me abraçar, ou me beijar, mas, em vez disso, ele agarrou meus ombros para me afastar dele.

– Nunca diga isso! Você deve se importar. Se alguém como eu desejasse matar, você deveria se importar – rugiu, descontrolado. Tentei argumentar, tentei avisar que seu aperto estava forte demais, mas, quando encontrei seus olhos, minhas palavras viraram lágrimas. – Não devia ter pedido à você para aceitar meu mundo. Isso foi um erro – arrematou com o rosto transtornado.

Seu arrependimento fez a indignação explodir em minha garganta.

– É tarde demais, Vincent, aceitei seu mundo quando aceitei você – revidei magoadas.

– Então você precisa reavaliar suas escolhas, Melissa. – Vincent falava com uma determinação assustadora. Ele correu os olhos violeta por meu corpo e

sabia que minha aparência não era das melhores. Seu olhar crítico me fez sentir um monstro. – Olhe para você... É isso que quer para sua vida? Viajar pelas sombras, no meio de tormentos e gemidos? Viver em um mundo fétido, com seres cruéis que arrancam seu sangue quando estão zangados? Conviver com seres capazes de matar sem pensar? – Seus olhos escureciam cada vez mais, e os meus transbordavam. – Quer carregar no corpo as marcas da ira de um ser da escuridão?

Meus lábios tremeram, não reconhecia o homem que amava naqueles olhos. Para falar a verdade, eu tinha medo desse homem. O homem de olhar aniquilador.

– Por que você está fazendo isso? – Minha voz falhou.

– Você precisa ter certeza do que quer.

Vincent me soltou e cambaleei para trás enquanto seus olhos escuros sustentavam os meus. Sabia que havia uma parte da sombra dentro dele, mas isso era passado. Vincent lutava para ser bom, e foi por isso que preferiu sangrar a ferir Piro mortalmente. Meu coração tinha certeza disso. Ele deu um passo para trás e continuou, a voz fria.

– Nós enfrentamos apenas um elfo de fogo, Melissa, mas sua coragem não serviria de nada se outro ser nocivo, como um mago das sombras, estivesse lá... esperando por Alice. Eu sei o que um mago destes poderia fazer com ela, ou com você. Ao contrário de mim, ele não hesitaria.

Nesse momento, percebi com surpresa que Vincent não notou o outro mago de capa preta ao lado da árvore... E fiquei aliviada. Se o ataque do *apenas elfo de fogo* foi perigoso o suficiente para enfurecê-lo desta maneira, imaginei o que a presença do *nocivo mago das sombras* poderia fazer com seu escasso autocontrole. Mas também sabia que ele estava certo, e admitir isso fez um frio polar correr por meus ossos. Imaginei o perigo que corri naqueles poucos segundos em que os olhos do mago cintilaram perversos nos meus... E me calei. Absorvi a ironia da situação e tremi só de imaginar a reação de Vincent se soubesse o quanto estivemos perto do real perigo. Fitei seus olhos violeta em sigilo profundo, e ele entendeu meu silêncio como a aceitação de suas palavras.

– A escolha certa nunca vai ser fácil, Melissa. E não quero que se arrependa quando for tarde – finalizou, com voz grave.

Vincent estava colocando meu amor e minhas escolhas à prova... Isso não era justo! Principalmente depois de tudo que passei, depois de tudo que vi e vivi ao lado dele. Esse homem parecia determinado a me fazer duvidar do meu amor, e algo lúcido passou pela minha mente: o arrependimento poderia ser dele, não meu. Talvez Vincent estivesse avaliando esse amor comum, frágil. Vulnerável. E mais uma vez meu amor duelou bravamente com a desconfiança. Ele ainda

sustentava meus olhos, seu peito subia e descia, trazendo o ar aos pulmões com uma respiração ruidosa, e, apesar disso ser um alerta luminoso de perigo, estava magoada o suficiente para ignorá-lo.

Levantei o queixo e, enxugando minhas lágrimas, dei um passo à frente.

– Você não é minha única escolha, Vincent – falei, irritada. – Não estou aqui apenas por você. Entrei nesse mundo louco por Alice. E, por mais que lhe desagrade, não vou abandonar minha irmã. Nunca! – Com movimentos rápidos, virei meu pescoço para ele, levantando meus cabelos atrás da orelha para expor minha cicatriz. – Além disso, para sua informação, eu já carrego a marca da ira de um ser da escuridão. E não tenho medo dela. Acostume-se com isso.

Soltei meus cabelos para encarar seu rosto furioso. Nós nos avaliávamos, impassíveis, quando Aristela voltou ao quarto. Ela equilibrava algumas toalhas nos braços e observou a cena por alguns segundos.

– Acho... que está na hora de você se limpar, *chérie*. Só um pouquinho – disse, duvidosa. – Não queremos assustar seu avô.

Aristela parou aos pés da cama, esperando. Vincent lampejou os olhos na figura elegante e girou bruscamente para a cômoda. Com movimentos ruidosos, abriu e fechou uma gaveta, depois jogou uma camiseta preta em cima da cama, medindo-me da cabeça aos pés com os olhos aniquiladores.

– É melhor você se livrar dos vestígios de sangue, Melissa. Não queremos assustar seu avô. – Vincent repetiu as palavras de Aristela com a voz vazia e um nó subiu por minha garganta antes que meus olhos transbordassem novamente. – Vou aguardar lá embaixo. – Ele passou por mim fechando os botões da camisa.

Continuei parada, sabia que estava chorando e fiquei constrangida por Aristela nos pegar no meio de uma briga. Ela permaneceu em silêncio, me puxou para a cama e começou a limpar meu rosto com uma toalha molhada.

– Tenha paciência com ele, *ma chère*. Vincent luta com as coisas boas porque tem medo delas – sussurrou. Levantei meus olhos para o rosto tranquilo da mulher de longos cabelos acinzentados. – Entenda... Vincent usa a arrogância como escudo, para se proteger das emoções que o confundem. Velhos hábitos são difíceis de serem abandonados. Ele precisava de um incentivo, de um desafio. E você apareceu! Você o enfrentou, o testou. Ninguém havia feito isso antes. Vincent está mudando, *chérie*, e sou testemunha da batalha que ele enfrenta para transpor essa mudança.

– Entendo que ele esteja preocupado em me envolver com isso tudo... Afinal, eu... sou comum. E, aqui, isso quer dizer ser frágil – sussurrei, constrangida, e fixei meus olhos na senhora misteriosa à minha frente. – Também estou assustada com os perigos que se multiplicam aqui, mas não

pretendo desistir. Gostaria que ele não duvidasse disso.

Abaixei a cabeça, envergonhada por falar de meus novos problemas amorosos com uma quase estranha.

– É um pouco mais do que isso, Melissa... Ficar ao lado de um mago das sombras implica em assumir riscos. Vincent sabe disso, e está preocupado. Por você. Agora que entendeu como você é importante, está atormentado com a ideia de perdê-la. Seja para o mundo dele ou... – Ela limpou a garganta. – ... por qual motivo for. Ele está em conflito e precisa entender esta mudança. – Aristela sorriu abertamente e não entendi o propósito de sua alegria. – Vincent está aprendendo a ser humilde, a ser bom sem almejar ser. Está aprendendo a cuidar de alguém com a intensidade de uma vida. A agir com o coração. Está lutando contra os princípios que seguem sua herança. E não subestime o amor, ele é poderoso. Só o amor é capaz de transformar o coração de um homem... Mesmo que ele seja herdeiro do demônio das sombras. – Arregalei os olhos e Aristela se interrompeu com uma careta.

Havia entendido a parte da herança sombria de Vincent, dos ancestrais primitivos e sombrios, mas... Vincent descendia de demônios? Confesso que o peso da palavra me assustou. Engoli em seco, tentando reorganizar minha expressão para não parecer alarmada demais.

Aristela suspirou longamente antes de continuar.

– Vai ficar tudo bem, *chérie* – disse, com carinho. – Agora, vamos terminar com isso.

Esfreguei a toalha no rosto, nas mãos e nos cabelos, depois os alisei com os dedos enquanto a palavra com *D* rodava em minha mente. Isso mudava alguma coisa? Seria hipócrita se dissesse que não mudava... Um aperto tomou meu peito. Sim, mudava, mas apenas na compreensão do tamanho do meu problema. Agora entendia que essa mudança envolvia coisas muito maiores do que o aprendizado de um garoto que fez escolhas erradas. Era pessoal, revogava seus princípios, e, ainda assim, não mudaria quem ele era. Aristela me observava em silêncio analítico e entendi que minha expressão deveria estar desolada. Tirei a camiseta chamuscada e ensanguentada com cuidado, para não me sujar de novo, e vesti a camiseta preta de Vincent. Procurei pelo espelho de toalete em cima da cama e conferi o resultado... Medianamente satisfatório. Aproveitei para conferir meu ferimento e a mancha rosa estava ainda mais clara, praticamente imperceptível.

– Por que Alex não conseguiu curar minha cicatriz de criança e as de Vincent como fez com esta? – perguntei, distraída, e Aristela fixou os olhos em meu rosto com assombro. – Tudo bem, Aristela, eu me lembrei. Não sei como, mas me lembrei do ataque de Ludwig no bosque.

Aristela piscou algumas vezes.

– Não entendo como isso é possível, mas vejo... ah... bem, você está certa... – Ela piscou mais uma vez. – Ludwig é um mago das sombras muito poderoso e muito perigoso. Ele também descende do demônio das sombras, como Vincent. Mas Ludwig foi a fundo nesta herança com o desejo de recuperar a força de seu ancestral. Na verdade, se igualar a ele. Para isso, mergulhou em uma jornada por poder. Ludwig consegue controlar uma magia das trevas que poucos tiveram coragem de usar, mas gasta muita energia como consequência, e descobriu que a melhor maneira de alimentá-la é usando seu dom. Ou seja, ele absorve o poder de outros seres mágicos... Mas ele não espera o consentimento, como diz; depois do que aconteceu aos pais de Vincent... e ao próprio Vincent, sabemos que, para usar a absorção completa, ele é capaz de matar. – Aristela baixou os olhos e deixou escapar um suspiro. – Esse tipo de magia é muito forte, Melissa, mesmo para os elfos de luz. Tenho certeza de que Alex fez o melhor que pôde no tratamento de cura, mas suas ervas mágicas e seus encantamentos não são capazes de apagar a marca do mal.

– Mas... Se vocês sabem que ele mata outros magos, por que não o prendem? Vocês são do Conselho Mágico, não são?

Aristela abriu um tímido sorriso, recheado de compreensão materna.

– Sei que é revoltante, Melissa, mas Ludwig é influente. E não temos provas contra ele. Temos apenas o testemunho de um discípulo... outro mago das sombras. No Mundo Mágico isso traz temor, não credibilidade. – Aristela colocou meus cabelos atrás da orelha com carinho. – Ludwig é habilidoso ao esconder suas pistas, e isso o torna ainda mais perigoso. Por isso estamos felizes em ter Vincent conosco mais uma vez.

Tentei imaginar Vincent vivendo com um homem desses, compartilhando os mesmos ideais, aprendendo esse tipo de coisa... E não consegui. Depois, fechei os olhos e entendi suas palavras, seus temores. Por um momento, rezei para que Vincent não tivesse matado ninguém e entendi como isso me afetaria.

Aristela tocou meus ombros.

– Agora você compreende, não é? O tormento dele. Por um dia ter feito parte disso. – Seus olhos fitavam meu rosto absorto. – Percebe como é difícil admitir a quem se ama a parte sombria de sua vida, se comparar ao homem que destruiu sua família e quase o matou.

– Mas Vincent não é como Ludwig... mau.

– Na verdade, ele nunca foi. E a linhagem das sombras não pode generalizar seu caráter. Entretanto, apesar dos motivos que poderiam justificar sua escolha, Vincent foi arrogante, ambicioso e se deixou seduzir. – Aristela fechou os olhos por um instante. – Todos cometem erros... O importante é que

ele decidiu mudar. A semente que Christine plantou em seu coração jamais morreu. Vincent escolheu fazer a coisa certa e precisa enxergar que é isso que importa.

Aristela se levantou e abaixei os olhos, apertando o espelho em minhas mãos.

Entendi a importância de Christine nesse contexto e era agradecida por sua persistência. Agora tinha uma visão mais abrangente do conflito de Vincent e percebi que ele precisava de apoio para concluir essa mudança. Mas... Como faria Vincent entender que esse amor era a solução e não o problema? Apertei o espelho de toalete nas mãos mais uma vez e, antes de deixá-lo na cama, o contemplei...

– Sim, *ma chère*... Este era o espelho de Christine Dippel, a mãe de Vincent. E hoje pertence a ele. É o espelho da família dele.

Aristela falou distraída enquanto recolhia as toalhas sujas. Levantei meus olhos até ela, em choque mais uma vez. Ela encontrou meu rosto com uma careta enquanto suspirava longamente... Agora eu tinha certeza do dom de Aristela.

– Desculpe se a surpreendi. Acho que não estou mais acostumada a esconder meu dom, é difícil separar pensamentos e palavras. Às vezes, a resposta sai automática.

Sim, Aristela era telepata.

Pisquei algumas vezes e tentei agir com naturalidade, mas era difícil conceber que alguém poderia saber tudo o que eu estava pensando. Tudo! Aristela desviou os olhos com um sorriso incomodado.

– Mas... – Tentei organizar meus pensamentos. – Mas, se este é o espelho de Vincent, então... Este é o espelho onde eu...

Não terminei a pergunta e, previsivelmente, Aristela entendeu minha dúvida. Ela encontrou meus olhos e confirmou. Por esse prisma, era fácil gostar do seu dom, pensei comigo, realmente muito prático. Aristela emendou uma risada afetada e se adiantou para a porta.

Levantei, mas não consegui soltar o espelho em minhas mãos. Eu fitava o vidro reflexivo, manchado nos cantos pelo tempo. Olhava para mim mesma e imaginei o momento em que Vincent o segurou para me ver pela primeira vez. Como ele mesmo disse, eu era seu destino... E, se esse era o motivo para eu aparecer em seu espelho, não havia dúvida sobre o desfecho desse amor. Aristela tinha razão, eu precisava ter paciência para que meu cavalheiro carrancudo confiasse no meu amor.

Tentei bloquear meus novos pensamentos torturantes e entendi que outros pensamentos seriam muito perigosos agora. Caminhei o mais rápido possível atrás do vestido farfalhante de Aristela, olhando compenetrada para o chão. Ela

me olhou sobre o ombro duas vezes, mas não disse nada... Felizmente, minha cabeça era confusa até para uma telepata.

Descemos a escada do vitral e notei um grupo incomum reunido na sala da grande lareira, mas meu cavalheiro carrancudo não estava no meio deles. Meu coração se apertou no peito. Será que nossa briga foi decisiva? Aristela encontrou meus olhos com um sorriso quando cruzamos o último degrau... quase no mesmo instante, uma figura vestida de preto se movimentou ao nosso lado, saindo das sombras. Vincent caminhou indiferente à nossa chegada e foi se encostar ao lado da lareira, o rosto sem expressão.

Ele provavelmente estava tendo seu momento sozinho... viajando. E isso não era um bom sinal. Significava que ele ainda estava pensando em nossa briga, e não precisava ser telepata para saber que seu humor continuava péssimo. Mas ele estava ali, e me senti aliviada.

Procurei me concentrar nos outros integrantes do grupo. Nicolau, Alex e... Alice. Ela estava acomodada de maneira confortável no colo de Viviana, parecia sonolenta e, mesmo assim, abriu um sorriso satisfeito quando me viu. Alice pulou desajeitada do colo da elfo e correu para meus braços. O abraço foi silencioso e apertado. Alice gemeu, sem entender minha emoção, e escapuliu do meu aperto para mostrar a mais nova amiga *fada*... Na verdade, elfo, mas ninguém a corrigiu.

Viviana se levantou com um sorriso de contentamento e quase caí de costas. Suas asas de borboleta se abriram com movimentos trêmulos e precisei dar um passo para o lado. Ela encontrou minha expressão surpresa e abaixou os olhos, quase constrangida, mas não podia desviar os meus. Admirei o volume quase transparente atrás da beleza e percebi que minha boca se abriu automaticamente.

– Desculpe pelo susto, Melissa. – A voz cantarolada de Viviana soou baixa. – Sei que isso é um pouco demais para você, mas Alice adora minhas asas e não me deixa mudar de forma.

Desviei meus olhos embaraçados da borboleta gigante para a garotinha sorridente.

– Alice! – repreendi.

– Ah... mas elas são tão lindas! – Alice falou enquanto apertava as mãozinhas no queixo. – Também queria ter asas. – Ouviu-se uma sequência de risos.

– Eu peço desculpas, Viviana... pelos modos da minha irmã. Juro que ela é mais educada... em casa. E contida. Não sei o que deu nela nestes últimos dias.

Viviana caminhou graciosamente e suas asas balançaram atrás dela. Grandes, translúcidas e magníficas. Reflexos das chamas da lareira fizeram

ondas prateadas dançarem por seu comprimento e meu queixo caiu de novo. Não por medo ou choque, mas por deslumbramento. Viviana conseguiu ficar ainda mais bonita com asas. A elfo pegou Alice no colo mais uma vez e, enquanto minha irmã a admirava, Vincent se adiantou.

– Precisamos ir. – A voz grave ecoou pela sala silenciosa, levando meu sorriso.

Antes que concordasse com o cavaleiro carrancudo, uma porta bateu de forma sonora atrás de nós; estremei por reflexo. Armand contornou o piano de cauda da outra sala e veio ao nosso encontro. Viviana abaixou Alice no chão, mas ela correu para trás das minhas pernas. Lembrei que minha irmã não conhecia Armand e, espantosamente, Alice voltou à sua timidez habitual. Armand passou por nós com o rosto sem expressão e parou do outro lado da grande lareira. Ele fitou Alice por um longo momento, tinha um olhar perdido... pensativo. Meus olhos correram dele para Vincent e vi sua expressão duplicar a de Armand. A única diferença é que Vincent fitava a mim.

Meus olhos prenderam os dele e suspirei, assentindo.

– Ótimo – Vincent completou, frio, caminhando para a porta.

Era hora de voltar para minha realidade... A do meu mundo físico, frágil e normal. E, apesar da pressa irritante de Vincent, me concentrei nos agradecimentos aos elfos e à família da montanha. Aristela ainda se desculpava pelos acontecimentos enquanto me conduzia para o hall de pedra e, depois de mais um abraço sincero, finalmente se conteve. Armand se esforçou para um cumprimento de cordialidade e tentou se despedir de Alice, mas ela se esquivou dele, girando ao redor de minhas pernas. Ele não escondeu a decepção.

– Nos veremos em breve, Alice – disse com um sorriso torturado, e imaginei que ele estaria na forma do gigante cinza felpudo quando voltasse a ver minha irmã.

Com um suspiro cansado, dei as costas para o palacete de pedra a caminho do BMW. Vincent colocou Alice dentro do SUV e segurava a porta para mim quando gritos agudos ecoaram pelos jardins do palacete. Pulei no lugar e senti a mão firme de Vincent em meu braço. Girei o rosto para a escadaria de pedra e vi Lume correr até a porta, aos prantos. Aristela a abraçou enquanto a voz aguda da elfo murmurava lamentos incompreensíveis. Surpresa com a cena, tentei voltar, mas Vincent estreitou o aperto em meu braço, me mantendo no lugar.

– Entre – ele ordenou. Olhei dele para a mulher de cabelos cor de cenoura apoiada em Aristela. – Entre, Melissa. Temos que levar Alice – insistiu.

A voz aguda de Lume cruzou o pátio e finalmente entendi o que ela dizia.

– Piro está morto... Piro está morto... – repetiu, chorosa.

Voltei meus olhos arregalados para Vincent.

Em alguns segundos, os outros integrantes da família da montanha estavam ao redor dela. Todos pareciam preocupados em consolar Lume; apenas Armand permaneceu junto à grande porta de madeira, indiferente à comoção. Seus olhos cruzaram o pátio e se fixaram nos de Vincent. Outros murmúrios romperam os jardins e agora havia mais movimento em frente ao palacete. Alguns homens caminhavam ao encontro de Lume e entre eles reconheci Félix, o elfo ruivo amigo de Alex. Associando as aparências, entendi que ele também era um elfo de fogo.

– Vamos até lá – convoquei, mas Vincent também estava alheio à comoção.

– Isso não nos diz respeito, Melissa.

Levantei o rosto para ele, alarmada com sua indiferença. Vincent alinhou os ombros, montando sua pose arrogante, e então notei uma silhueta forte se movendo na escadaria de pedra. Félix, o elfo de fogo, cruzou o pátio até nós e Vincent o cumprimentou formalmente.

– Onde aconteceu? – perguntou com uma frieza assustadora.

– Perto da passagem do Tronco Oco, dentro da Terra da Luz. – Félix correu os olhos de Vincent para mim. – O corpo de Piro foi deixado para que nós o encontrássemos. E, pelos indícios, foi obra de um mago das sombras.

– A investigação do Conselho foi rápida desta vez – Vincent apontou com ironia.

O elfo estreitou os olhos.

– Os jardins estavam fechados e os sinais de magia das sombras estavam claros. Você sabe, esse tipo de magia é rara e inconfundível – completou, em tom provocador.

– Piro procurou por isso – Vincent argumentou, ainda indiferente.

– Não estamos culpando ninguém, Vincent. Viemos apenas avisar Lume e os Von Berg. Você é um Von Berg agora, não é? – O elfo questionou, provocando-o mais uma vez.

– Sou. E, pelas regras do Conselho, depois dos acontecimentos de hoje, isso não nos diz mais respeito – Vincent retrucou com a poderosa voz grave.

Félix afirmou com a cabeça, ponderando.

– Não concordamos com as atitudes de Piro, mas não apoiamos assassinos. E isto está parecendo uma retaliação pelo que aconteceu. – Félix encarou Vincent com uma expressão acusadora. – De qualquer forma, o Conselho vai continuar a investigação. A noite de hoje foi uma infeliz fatalidade e estaremos atentos para que não se repita.

Suas palavras soaram como uma espécie de ameaça e ficou claro que ele

fazia parte do tal Conselho. Isso não pareceu bom.

– Concordo. Felizmente, nenhum inocente se machucou essa noite. – Vincent estendeu o braço ao redor dos meus ombros.

Félix nos observou e desviou os olhos para o interior do SUV; depois, voltou o rosto para mim.

– Por enquanto. – Com uma breve reverência, ele se afastou lentamente pela noite.

Vincent soltou o ar com impaciência e abaixou o braço em minhas costas.

– Agora... entre – rosnou com a voz grave. Eu obedeci.

Vincent contornou o BMW enquanto elfos e magos continuavam reunidos na escadaria de pedra. Em uma coisa ele tinha razão: Piro escolheu seu caminho. Estava alarmada com a morte do elfo de olhos inóspitos, principalmente ao imaginar quem poderia ter feito isso. E, de alguma forma, era solidária à dor de Lume. Mas não consegui ficar triste com a morte inesperada da bola de fogo enlouquecida. E como poderia? Só conseguia me lembrar de sua fúria ao golpear Vincent e de suas palavras enganosas ao ludibriar minha irmã... Para completar, um calafrio correu meu corpo quando me lembrei da silhueta do mago a quem ele iria entregá-la. Sabia que havíamos corrido sérios riscos esta noite, e a morte de Piro foi a confirmação de todas essas possibilidades.

Vincent sentou ao volante e lançou um longo olhar para a porta do palacete. Vi de relance a cabeça de Armand inclinar para frente e Vincent acelerou. Ele se concentrou na estrada escura enquanto eu reunia alguns fatos. Haveria tempo suficiente para que um deles encontrasse Piro? Pensar nisso me incomodou.

– Por que Félix suspeitou de você? – perguntei, angustiada.

Vincent me espiou com o canto dos olhos, mas não desviou o rosto da estrada.

– Ele *suspeita* de mim porque sou um mago das sombras, Melissa – respondeu, usando o verbo no presente.

Levei os olhos até Alice, preocupada com sua atenção a conversas de adultos, mas ela havia deitado no banco traseiro, parecia cansada e completamente alheia a conversa no banco da frente. Voltei meus olhos ansiosos para Vincent e resolvi ser direta.

– Você teve algo a ver com isso? – A pergunta saiu amedrontada.

Vincent fez uma pausa enervante.

– Adoraria dizer que sim... Mas não. E é uma pena.

Avaliei seu rosto, procurando algo em sua expressão que o denunciasse, mas Vincent pareceu apenas indiferente. Respirei aliviada. Sabia que seu coração

era bom, ele não poderia fazer isso. Endireitei-me no banco e me arrepiei com uma última certeza: o mago da capa preta era o assassino de Piro. Ele cobrou sua encomenda de qualquer maneira e Piro pagou sua dívida com a própria vida. Quando outro calafrio cruzou meu corpo, entendi que poderia ter tido o mesmo fim de Piro essa noite.

Esclarecimentos

Vincent acelerou loucamente o SUV montanha abaixo, em silêncio. E me ocupei em checar Alice a cada minuto, para ter certeza de que ela não estava sendo jogada contra o vidro traseiro.

O BMW mal parou em frente à casa amarela e George já estava do lado de fora. Ele mesmo abriu a porta traseira e tomou Alice nos braços. Não esperei pelo cavalheiro carrancudo e pulei do SUV para encontrar meu avô. Estava apreensiva, havia esquecido de pedir sigilo a Alice sobre as novas amizades com asas de borboleta... E, principalmente, sobre seu passeio com um elfo através do Mundo Mágico!

– Vocês demoraram! – George reclamou ao se virar para mim, ajeitando Alice nos braços. – Ah! – exclamou, depois de me olhar de cima a baixo. – Tudo bem... O importante é que essa confusão acabou e Alice está em casa. – Seu rosto parecia mais calmo e sua expressão de alívio era reconfortante. Sorri timidamente. Vincent se aproximou, e George foi ao seu encontro. – Obrigado por trazer minhas meninas para casa.

Vincent não respondeu, apenas fez um gesto com a cabeça aceitando o agradecimento.

Alice pareceu confusa com a euforia do avô, mas estava sonolenta e, depois de um bocejo, abaixou a cabeça em seu ombro. Sabia que estava muito tarde e ela não conseguiria manter os olhos abertos por muito tempo. De certa forma, isso me acalmou.

Passos apressados ecoaram na pequena varanda enquanto Arthur, Lucila e o senhor Antônio se adiantavam para a rua com sorrisos satisfeitos. Lucila chegou primeiro e acariciou os cabelos de Alice com uma expressão exausta.

– Ela está bem?

– Nenhum arranhão – informei, com um sorriso tranquilizador. – Ela só está cansada.

O senhor Antônio estava logo atrás de Lucila e arregalou os olhos, visivelmente surpreso com a presença de Vincent. Acho que ninguém lhe explicou essa parte. Arthur se aproximou a passos lentos e também afagou os cabelos de Alice, ela sorriu para ele e piscou longamente os olhos. Uma, duas vezes... E os fechou.

– Afinal de contas, onde essa mocinha foi parar? – Arthur perguntou com uma expressão de alívio sincero. Isso me deixou feliz... Até notar alguns pares de olhos curiosos pousando sobre mim. E percebi que tinha um novo problema

impensado.

– Ela estava nos bosques da montanha – Vincent disse com voz grave, atrás de mim.

Sua resposta era abrangente e nada explicativa, mas só pude completá-la com um sorriso amarelo. Sabia que nenhum deles ousaria trocar mais de duas palavras com Vincent e ele também sabia disso; portanto, não haveria questionamentos. Ele estava agindo como um cavalheiro mais uma vez, me livrando de perguntas que eu não poderia responder, e estava agradecida. Previsivelmente, aqueles mesmos pares de olhos se cruzaram, mas só houve silêncio. Não queria mentir para eles, mas também não poderia falar a verdade... ou iríamos direto para o hospital psiquiátrico mais próximo! Então, o silêncio era a solução.

O discurso de Vincent fazia muito sentido agora, porque a ignorância dos fatos era a melhor forma de proteger quem eu amava. Mas isso era triste, e percebi que, mesmo contra a vontade, faria da omissão uma constante em minha vida.

Compreendendo a exaustão geral, Antônio e Lucila se despediram. Despedidas que excluíram Vincent, evidentemente. Arthur aproveitou o momento e me puxou para um abraço desnecessário, apertou o rosto no meu para cochichar em meu ouvido: *cuidado com o sinistro*; e, antes que eu tentasse escapar, ele se afastou com um sorriso provocador. Tentei repreendê-lo, mas só consegui compor um olhar torturado.

A família Casella seguiu para a casa azul e George também se movimentou, levando Alice para dentro de casa. Observei minha irmã nos braços do avô e suspirei, satisfeita... Acabou tudo bem. As pessoas que eu amava estavam seguras e nada mais importava. A luta com o elfo, os feitiços, os machucados, a morte pelas mãos de um ser das trevas. Nada disso fazia sentido aqui. No meu mundo físico e normal, tudo parecia um conto fantasioso de algum livro de ficção. Contemplei a cena cotidiana com um sorriso nos lábios e procurei por Vincent para dividir meu alívio... E meu sorriso se desfez.

A escultura de preto encostada no BMW observava tudo com uma seriedade quase aflitiva. Abaixei os olhos, pesarosa, minha alegria indo embora... Por que ele tinha que estragar tudo com seu mau humor? Virei-me para o SUV, era hora de encarar meu cavalheiro carrancudo e resolver mais um problema. No movimento, espiei meus vizinhos subindo a rua de terra... Na penumbra da noite, um par de olhos tristonhos me prendeu. Arthur andava sem vontade, as mãos nos bolsos e o rosto curvado sobre o ombro. Ele me fitou por uma fração de segundo angustiante e depois virou o rosto para o lado oposto,

abaixando a cabeça. Abaixei os olhos também, ainda mais triste... eu o estava magoando, e não seria a última vez. Este parecia o fim de nossa amizade. Sentiria falta de Arthur, de seu humor otimista, de sua sinceridade... de sua amizade.

Parei em frente ao cavalheiro carrancudo com um suspiro.

– Primeiro cuide de sua família, vou esperar aqui – informou.

A voz seca de Vincent arranhou meu coração. Encarei seu rosto frio e, hesitante, assenti.

Na casa amarela, segui George e o ajudei a colocar Alice na cama. Pelo adiantado da hora, poderíamos esquecer a escola no dia seguinte. Quando saímos do quarto, George me lançou um olhar fadigado.

– Está tudo bem com você, Mel? – Ele me observou demoradamente e assenti com um gesto tímido, não poderia entrar em detalhes. – Você podia ter deixado um bilhete mais cedo.

Abaixei os olhos.

– Desculpe.

– Está decidido, amanhã vamos providenciar um celular para você. Um que funcione.

Concordei com um sorriso.

George foi até a sala enquanto um nó se formava em minha garganta. Quantas coisas eu gostaria de dividir com ele, quantas coisas gostaria de perguntar... E engoli minha ansiedade. Então, seria sempre assim? O sigilo angustiante, o silêncio constante. Parei no pequeno hall e o observei, amargurada. George desligou a TV e ajustou as calças na cintura. Esse era o sinal... Lá vinha a inquisição.

– Você tem certeza do que está fazendo, Mel? – ele perguntou, muito sério, e fiz cara de quem não entendeu, mas tinha entendido muito bem. – Você tem certeza de que quer se envolver com esse tal de Vincent?

Era impressionante o questionamento geral sobre minhas certezas. Levantei o rosto, parte envergonhada por chegar finalmente a tal conversa com meu avô, parte triste por saber sua opinião sobre o homem que eu amava.

Soltei o ar dos pulmões com um som incomodado.

– Tenho.

– Ele não é o tipo de rapaz que imaginei para você – George disse, amargurado, mas isso eu já imaginava. – Na verdade, tenho receio desse envolvimento. Não sabemos nada sobre ele, Melissa.

– Eu sei o suficiente, *Opa*.

George pensou por um segundo e bufou, incomodado.

– E o Arthur?

– Nunca houve nada entre eu e o Arthur, além da imaginação de vocês – argumentei com voz baixa, e ele franziu o rosto com uma careta.

– Só espero que esteja certa de sua escolha – George falou brando, procurando meus olhos. – Não quero que se arrependa quando for tarde.

Ouvir as mesmas palavras de bocas tão diferentes mexeu com minha tênue confiança. Coincidência? E a ironia de tudo isso é que eu nem sabia se o cavalheiro carrancudo que me esperava na rua ainda estava disposto a ser minha escolha. E, se fosse assim, já era tarde. Dancei meus olhos no rosto cauteloso de George e emendei outro suspiro incomodado. Ele suavizou a expressão, adiantando-se para beijar minha testa.

– Apesar de tudo... Parabéns pelo primeiro namorado.

Eu corei em roxo.

– Vincent não é o meu primeiro namorado – destaquei envergonhada, mas George leu meus olhos com sabedoria.

– Pelo visto, é seu primeiro amor – disse, com um sorriso.

Estava surpresa por ser tão óbvia, mas, encarando o olhar amoroso de meu avô, entendi que ele era o único que poderia ler minhas emoções com clareza. George me conhecia melhor do que ninguém, ele me criou, era meu pai... e me amava. Esbocei um sorriso conformado e George abraçou meus ombros, conduzindo-me para a escada.

– O dia foi cheio. Vamos dormir – convocou.

Desviei de suas mãos rapidamente e espiei a porta com ansiedade. George parou com um olhar zangado e seu rosto ganhou uma tonalidade a mais de vermelho.

– Ele ainda está aí? – Assenti, tímida. – Acho que preciso esclarecer algumas regras aqui, moça... – Agora George falava sério, usando sua autoridade de pai. – Esta casa tem horários... para dormir, acordar e, às vezes, para se comer em família. Você sabe muito bem que horários são esses e tudo que fugir a essa regra precisará ser avisado com antecedência. Quero saber onde vocês estão, sempre! Sei que você já tem vinte e um anos, é adulta e sabe tomar conta do seu nariz, mas isso não tem nada a ver com idade. Sou o responsável por você, Melissa! Entendeu?

– Sim, *Opa* – falei respeitosamente, e George fez uma breve pausa.

– Se essas regras não forem cumpridas, outras mais rígidas surgirão. Portanto, não me enlouqueça! Quero essa família inteira e segura por um bom tempo. Chega de sustos! Estamos entendidos? – perguntou mais uma vez, controlando a voz, e assenti sem discutir. George inspirou longamente, voltando à sua cor habitual. – Vou abrir uma exceção hoje porque ele achou Alice... e estou agradecido. Mas é só, minha gratidão acaba hoje. Despeça-se dele. E seja

rápida.

George entrou em seu quarto com a cara amarrada e esperei a porta se fechar para levantar meus lábios em um tímido sorriso. De certa forma, seus esclarecimentos eram uma forma de aceitação. Girei nos calcanhares e me apressei... As loucuras da noite não haviam acabado para mim. Eu ainda tinha assuntos inacabados com o cavaleiro carrancudo e sabia que o humor de Vincent estaria péssimo para qualquer conversa.

Ele me esperava com a porta do SUV aberta, parecia uma estátua atrás do volante e nem se mexeu quando bati a porta ruidosamente. Fitei seu perfil sério, mordendo o lábio, não sabia como começar. O silêncio torturante dominou cada centímetro ao nosso redor, Vincent olhava além do vidro sem nada ver e isso não estava ajudando.

– Isso não é justo! – desabafei, e ele esticou seu olhar violeta até mim. – Por que você está agindo assim? Fale alguma coisa... Você está zangado, magoado, arrependido? Só quero saber o que está acontecendo. Por que você tem que ser tão difícil?

Vincent avaliou minha irritação por um instante, o rosto sério.

– Sei que meu humor não a agrada, mas, depois do que aconteceu hoje, não consigo evitar.

– Tente.

– Não tenho motivos para agir de outra forma, Melissa. – Ele travou a expressão. – Estou furioso comigo por pedir a você que se envolvesse com tudo isso. E com você, por encarar o desastre com tanta naturalidade a ponto de negligenciar as consequências de se envolver comigo.

Soltei o ar, aborrecida, e puxei seu queixo para que ele olhasse para mim.

– O que preciso fazer para você esquecer essa noite? Acabou, Vincent! Nós estamos bem, Alice está em casa... E o que aconteceu com Piro foi escolha dele, não podemos fazer nada sobre isso.

Vincent não respondeu, voltou a fitar a noite escura.

Analisei sua expressão e cruzei os braços no peito, meu mau gênio me dominando, a dúvida martelando em minha cabeça... Estava claro, ele estava arrependido e, desta vez, segurei as lágrimas. Reuni minha coragem e levantei o queixo. Precisava ser direta e resolver isso de uma vez.

– Você sabe o que penso, Vincent... Sabe o que sinto. Mas, se mudou de ideia sobre o que aconteceu entre nós, não vou insistir. Só espero que esse contratempo não atrapalhe o aprendizado de Alice.

Meu discurso foi rápido; desviei meus olhos da estátua de preto, abri a porta do SUV e, em alguns segundos, estava dentro de casa. Não poderia pensar

muito sobre minha atitude ou acabaria voltando para a rua.

Fui direto para o banheiro e me enfiei embaixo da água quente na esperança de que ela lavasse a dor do meu coração. Quando saí do banho, os roncos de George já ecoavam pela casa. Enrolada na toalha, levei as roupas imundas para a lavanderia e me demorei com a camiseta de Vincent nas mãos. Limpei os bolsos da calça jeans e encontrei a embalagem vermelha de chocolate. Esmagando-a entre meus dedos, suspirei longamente... Queria lutar por meu amor, mas reafirmei a mim mesma que o amor não deveria ser infligido a alguém. O amor era uma troca.

Subi os degraus para meu quarto, sufocando as lágrimas, e decidi que a manhã seguinte seria um novo recomeço. Coloquei meu moletom de dormir cortado a tesoura e minha regata puída, puxei o livro de minha mãe do baú e fiz uma rápida anotação. Enfiei a embalagem de chocolate entre as páginas e larguei o livro na escrivaninha... Apaguei a luz e me joguei na cama, estava exausta.

No escuro, de olhos fechados, a primeira lágrima caiu.

– Que história é essa de contratempo? – Uma voz grave ecoou pela escuridão.

Pulei na cama e meu coração foi a galope até minha boca. Tateei no escuro, derrubei meu relógio de cabeceira e consegui encontrar o abajur.

– Vincent! – exasperei surpresa, levantando-me num salto. Ele estava em pé ao lado do guarda-roupa, os braços cruzados no peito, exibindo músculos tensos e um olhar irritado. – Como... o que... faz aqui?

– Vim terminar nossa conversa, já que você não me deu chance de continuar.

Minha respiração ficou presa na garganta quando encarei o monumento carrancudo à minha frente, indescritivelmente lindo sob a meia-luz do abajur. Olhei para baixo e me abracei, envergonhada, fazendo uma nota mental para comprar pijamas de verdade.

– Você já deixou claro o que pensa, Vincent... Você se arrependeu.

Ele cintilou os olhos turquesa sobre mim.

– Esse é o problema, Melissa, eu não me arrependi. E isso só comprova meu egoísmo. – Ele soltou o ar e os braços com um único movimento, o olhar tenso. – Seria correto de minha parte encerrar essa história aqui, antes que você se envolva em mais problemas. Antes que se machuque de novo. Mas não posso. E isso me deixa ainda mais zangado.

Agora *eu* estava zangada.

– Você continua repetindo isso e diz que não está arrependido? – bufei, girando os braços no ar. – Você sempre complica o que deveria ser simples, me

confunde com suas mudanças de humor... E, para ser sincera, sua relutância em aceitar minhas escolhas é irritante! Não consigo entender. Se não está arrependido, está o quê? Porque ficar zangado não é nenhuma novidade. Então, acho que o problema é comigo. Você tem alguma dúvida de que quero ficar ao seu lado? Se tem, não sei mais o que fazer! – Meu gênio havia levado meu controle, mas Vincent me fitava concentrado. – O que você quer de mim, Vincent? O que eu...

Vincent se moveu com rapidez e, antes que eu completasse a pergunta, seus lábios estavam sobre os meus. Suas mãos seguraram meu rosto com firmeza, e sua boca pressionava a minha, abafando minha voz. Depois da surpresa, tentei me afastar, queria lhe dar uma lição... Mas, depois de sentir o calor de seu beijo, foi impossível. Percebendo meu dilema, ele soltou meu rosto e, deslizando as mãos por minhas costas, apertou-me em seus braços, aprofundando o beijo. Como resistir ao poder envolvente de Vincent? Antes que percebesse, meus dedos estavam mergulhados em seus cabelos, trazendo-o para mais perto. Quando finalmente teve minha resposta, ele se afastou.

Abri meus olhos, relutante, e os oceanos turquesa dominavam minha visão.

– No momento quero ocupar sua boca com um beijo, antes que você acorde a casa toda – ronronou em meus lábios com um sorriso desconcertante.

Vincent sustentou meus olhos por um segundo e, afagando minhas costas, aproximou os lábios novamente. Desta vez seu beijo começou suave, doce e delicado, mas logo se tornou intenso. Seus lábios quentes eram vorazes, apaixonados, ele me levantou pela cintura apertando-me contra seu peito como se tentasse nos fundir. Senti meus pés fora do chão e agarrei os músculos de seus braços. Esse beijo foi diferente dos outros, tinha uma intensidade quase angustiante, um sabor de tristeza, de saudade. E acabou rápido, como uma despedida. Vincent me colocou no chão com a respiração acelerada, apoiou sua testa na minha e arrumou meu cabelo bagunçado.

Mergulhei no brilho dos oceanos turquesa, enquanto sua mão afagava a lateral do meu rosto até a curva do pescoço... meu ombro, escorregando por meu braço...

– Aprendi a ler cada linha dourada dos seus olhos, Melissa. Sei quando está com medo, quando está triste, preocupada, zangada... ou quando está atormentada pela dúvida. – Com a outra mão, Vincent deslizou os dedos por meus lábios, acariciando-os suavemente. Estremeci e ele roçou os lábios nos meus. – Sei quando está agindo com o coração. Não tenho motivos para duvidar de você.

Eu me concentrei em seu rosto intenso, surpresa por não ser a única a

interpretar gestos e olhares. Saber disso me deixou mais confiante.

– Então pare de agir assim! – ralhei contra seus lábios.

Vincent não se importou com minha zanga, ele ainda me fitava... distante. Isso significava que ele ainda estava pensando, analisado os fatos. E isso não era bom.

– Desculpe se a magoei – murmurou, e, deslizando a mão por meu queixo, parou no local onde antes havia o ferimento causado por Piro. O calor de seus dedos causou certo desconforto em minha pele. – Mas, depois do que você passou por minha causa, acho que mereço coisa pior do que sua doce ira.

– Não foi sua culpa. Eu escolhi ir com você.

– E isso é muito pior... Quer dizer que, se eu sou sua escolha e você ficar ao meu lado, esse é o tipo de coisa que vai enfrentar. Já fiz essa escolha, Melissa. Confiei em um ser das sombras, e conheço as consequências dessa decisão. Ao me escolher, você também está aceitando esse lado sombrio... E, se eu a amo, não deveria permitir isso.

Nesse momento, vi claramente a dúvida torturando os olhos turquesa. Vincent estava escolhendo entre me amar ou proteger seu amor, me apavorei. Sabia que ele lutava para mudar, para fazer as escolhas certas. E estava claro que, para ele, estar comigo não era uma decisão certa. Vincent queria me resguardar do perigo e isso significava me salvar do seu mundo, ou pior, dele mesmo. E o que ele não via é que sua preocupação e amor já eram uma coisa boa. Minha respiração acelerou enquanto ele admirava cada traço do meu rosto, a angústia deveria estar ali, estampada, mas ele não parecia ver isso.

Levantando meu queixo, ele deslizou os lábios nos meus, carinhosamente. A sinceridade deste beijo calou meu coração angustiado. Envolvida por seu calor, eu abri os olhos, precisava ler nos oceanos turquesa a verdade que senti em meus lábios.

– Então... Você não vai desistir – afirmei duvidosa, e uma fração de segundo contemplando seus olhos foi suficiente. Eu sabia a verdade, mas precisava ouvi-la. – Vai?

Vincent levantou os lábios no canto.

– Não posso desistir do meu coração.

Epílogo

O Certo e o Fácil

Dizem que o tempo voa quando estamos felizes e meu maior desejo era poder parar o tempo.

Depois de duas semanas intensas, eu ainda me perco nos misteriosos oceanos turquesa, me arrepio com a voz ronronada e sinto um frio polar cruzar a barriga quando Vincent me toca. Meu sorriso não se dissolve e todos os problemas, mágicos ou reais, parecem pequenos comparados à minha felicidade. E não poderia ser diferente, porque estou completamente apaixonada por meu cavalheiro carrancudo.

Mas, pensando nos problemas, preciso admitir, as implicâncias de George com as visitas à montanha me incomodam... As aulas de magia progridem a todo vapor, mas meu avô não acredita que o motivo de nossas visitas diárias ao palacete seja Alice, pois estamos na companhia do *meu namorado*, portanto, quem se diverte com o passeio sou *eu*. O que também não deixa de ser verdade. George ainda desconfia das intenções de Vincent, e Vincent, respeitando a autoridade paterna de George, não se atreve a ficar em nossa casa por mais do que alguns minutos. Isso justifica as despedidas noturnas em meu quarto. O que me deixa mais fascinada, e agradecida, pelas viagens na sombra.

Outro problema, embora menor, também me preocupa. Vincent e eu evitamos aparecer juntos na cidade, mas o burburinho se espalhou com velocidade e, como sempre, ninguém veio perguntar à fonte. As fofocas não me incomodam, não mais, mas sei que incomodam uma pessoa... e me sinto péssima por magoar Arthur. Procurei evitar qualquer tipo de contato com meu vizinho desde o sumiço de Alice, e espero estar fazendo a coisa certa. Pensar em Arthur me deixa triste, mas me afastar dele é a única coisa que posso fazer para não torturá-lo ainda mais.

Suspirei, parte tristonha, parte feliz. Sentada no gramado verdejante do palacete, eu contemplava a beleza do bosque de cerejeiras à minha frente. Sorri, distraída, e mudei a música no meu novo iPod. De todos os lugares surpreendentes da propriedade dos Von Berg, esse gramado se tornou meu local preferido. E não apenas pelas ótimas recordações. Na verdade, prefiro ficar fora do palacete, por precaução. A gigantesca mansão de pedra continua intimidadora e ainda não me acostumei com a chama flutuante que chamusca as paredes de vez em quando... Sempre que vejo Lume em sua forma de fogo, meu coração dá

pulos, atormentado pelas lembranças de um pesadelo sufocante. Ela não deixou a companhia dos Von Berg depois da morte do irmão e, com satisfação, Aristela e Nicolau a receberam de braços abertos como mais um membro da família.

A morte de Piro continua sem solução e isto, sem dúvida, é um problema. O tal Conselho Mágico confirmou os indícios de magia das sombras no corpo do elfo e, embora sem provas, considera Vincent, o mago das sombras mais próximo, seu principal suspeito. Bom... Eu tenho um palpite de outro mago das sombras, que acompanha a imagem de uma capa preta e olhos perversos, mas não cogito a hipótese de mencionar meu encontro com o receptor de Alice a ninguém. Principalmente a Vincent. Tenho certeza da sua inocência, e o importante é que, sem provas, ele não será incriminado. Nossa esperança... digo, a minha e a de Aristela, é de que essa desconfiança do Conselho se resolva com o tempo. Meu único desafio é me manter distraída o suficiente ao lado da maga telepata para que ela não veja em minha mente todas as imagens perturbadoras que podem acabar com minha felicidade.

E, para me lembrar de controlar os pensamentos angustiantes, gritos eufóricos ecoaram pelo jardim. Girei o rosto e avistei Aristela ao lado de Alice, comemorando mais uma conquista. Elas estavam às margens do sinuoso riacho que cortava os jardins do palacete, treinando o controle dos elementos. E, para desespero de Heros, o elemento do dia era a água. O gigante felpudo era o alvo de Alice e se chacoalhava, tentando eliminar o excesso de água em seus pelos. Sorri... solidária.

Alice conheceu Armand, mas não tinha a menor ideia de sua identidade diurna. E, contrariando sua nova personalidade desinibida, mantinha uma distância segura do estranho que aparecia sempre ao escurecer. Incoerentemente, Alice era apaixonada por Heros, e Armand, como Heros, era muito paciente com ela. Ele aturava cada puxão de orelhas com um carinho incompreensível. Armand não quis revelar sua dupla identidade à nova amiga por medo de assustá-la e todos respeitaram sua decisão, mas, no fundo, eu suspeitava do seu receio em perdê-la. Segundo Aristela, em todos os anos de maldição, seu filho nunca pareceu tão feliz como cão. A ponto de dormir como humano para ter os dias acordado ao lado da mais nova amiga.

Há alguns dias, me senti confiante para absorver mais uma dose homeopática de informações mágicas e meu primeiro questionamento curioso foi sobre a história de Armand. Vincent se limitou à explicação resumida e, se compreendi bem, Armand foi punido por trair a confiança de um ser sombrio. Como castigo, ele precisaria aprender sobre lealdade vivendo como um cão à luz do dia. Vincent mencionou os esforços de Armand para quebrar a maldição, mas, ao que parece, nada do que fez foi significativo o suficiente. Lembrei-me do

dom de Armand, e isso pareceu irônico... Ele podia iludir, ou seja, enganar a mente de alguém. Não parecia uma qualidade compatível com quem precisa praticar a lealdade. De qualquer forma, graças a Alice, ele parece mais conformando com seu destino.

Estava me afeiçoando a Armand, mas nossas conversas eram breves, pois Vincent respeitava religiosamente os horários de George. Meu novo amigo chegou a nos convidar para mais um jantar no bistrô da Terra das Sombras... Sim, custei a acreditar, mas o bistrô em que Vincent me levou para jantar na noite reveladora ficava na Terra das Sombras. Embora eu queira voltar àquele lugar com a real compreensão de seus detalhes, meu cavalheiro carrancudo sempre encontra uma desculpa convincente.

Isso já está me incomodando. Conheço seus medos, suas inseguranças e estou desconfiada de suas desculpas para não me envolver com seu mundo. Mas eu também escondo verdades dele e, com o passar do tempo, percebi que isso se tornou meu maior problema... Girei o iPod nas mãos, aumentei o volume e tentei aplacar a culpa que me atormentava há duas semanas. A luz do sol refletiu no dorso cromado do aparelho e quase me cegou. Havia algo ali, uma mensagem de Vincent que antes não entendi, mas agora fazia muito sentido: *“Melissa, faça o certo. Não o fácil.”*.

Realmente, fazer o certo nunca foi tão difícil quanto agora.

Não me torturava apenas por esconder de Vincent meu encontro com o outro mago das sombras, agora eu tinha sigilosas responsabilidades nada confortáveis. Precisava proteger o segredo dos Von Berg, da montanha, o dom de Alice... Ou seja, precisava mentir o tempo todo! Como decidir o que era certo e o que era fácil? Na maioria das vezes, proteger meu avô e meus amigos dessa loucura perigosa parecia ser o certo. Entretanto, sabia que era muito mais fácil esconder meu segredo de Vincent do que enfrentar seu medo paranoico. E isso se tornou irônico, porque a verdade foi tudo que *eu* exigi dele. E, mesmo arriscando me perder, ele nunca a negou.

Mordi o lábio e aumentei o volume do iPod para me entregar à melodia, fugindo do inevitável. Percebi um movimento nas sombras do bosque à minha frente e me ajeitei, focalizando os olhos. Depois de me libertar dos pensamentos angustiantes, contemplei a melhor parte do meu dia... Vincent caminhando pela aleia de cerejeiras. Passaria o dia todo assistindo essa cena: Vincent caminhando para mim.

Ultimamente ele tentava usar roupas mais descontraídas, o que, para Vincent, significava variar as nuances de preto e azul, mas já era um começo. Hoje ele vestia uma camisa de malha azul-marinho com as mangas dobradas acima dos cotovelos e, para completar, a inseparável calça preta. O conjunto

mereceu um suspiro. Seu cabelo cor de carvão voava com a brisa, enaltecendo o contraste entre o preto e o branco no rosto perfeito. Debaixo da luminosidade do sol, seus olhos ficaram ainda mais azuis, como o céu acima de nós... Soltei o ar com outro suspiro. Ele parou à minha frente bloqueando o sol, o contorno da luz fez Vincent brilhar com uma aura azulada. Sorri, atordoada.

– Oi. Desculpe por fazê-la esperar – disse, a voz suave.

Ele nem imaginava que eu fazia questão de chegar antes do horário marcado só para admirá-lo caminhar. Não gostava desse gramado à toa. Abaixei os olhos e guardei o iPod no bolso, envergonhada pelos meus pensamentos cheios de cobiça.

– Como estamos hoje? – ele perguntou, procurando por Alice no gramado.

Antes que eu respondesse, mais um grito eufórico chegou até nós. Desviamos os olhos juntos, a tempo de ver Heros se chacoalhar com mais um banho.

– Heros vai acabar se afogando – informei.

Eu me distraí com minha irmã e, quando voltei os olhos para o monumento à minha frente, dois oceanos turquesa me fitavam.

– Vamos? – Ele convidou, estendendo-me as mãos com um sorriso.

Essa era a deixa para esquecer minhas apreensões e simplesmente aproveitar as poucas horas do dia que tínhamos para ficar juntos.

Tomei suas mãos e ele me envolveu em seus braços. Aproveitei o momento e me aninhei em seu peito, inspirando lentamente. O aroma amadeirado com um leve toque cítrico invadiu meus pulmões, Vincent apertou o rosto em meu cabelo e suspirou também. Sabia que nossos pensamentos andavam em sincronia, e nesse momento ele sentia o mesmo que eu: nosso tempo juntos nunca era suficiente para aplacar a saudade. Ele inclinou o rosto sobre o meu e hesitou... Vincent estava avaliando o quanto seria desconcertante se perdêssemos o controle na frente de sua família, e era bom que ele lembrasse disso porque, na maioria das vezes, eu esquecia. Embora as aulas de Alice fossem oportunas para minha felicidade, eram raros os momentos em que ficávamos sozinhos no palacete. Sempre havia alguém... Um elfo, um mago, minha irmã caçula, um cão peludo... ou toda a família de uma vez. E agora eu entendia seu empenho em construir a casa de vidro. Privacidade era uma coisa inexistente no palacete.

Mesmo sabendo que entraríamos em nossa bolha particular assim que nossos lábios se tocassem, não pude mais resistir e levantei-me na ponta dos pés para encontrá-los. Vincent recebeu meu beijo com carinho e, um pouco relutante, se afastou.

Ele tomou minha mão, conduzindo-me para o jardim amarelo.

– O que você quer fazer hoje? – perguntou inocente, e girei nos calcanhares, abraçando-o outra vez. – Além disso.

– Sinceramente? Gostaria de ficar algum tempo sozinha com você – disse corando. – George não vai facilitar as coisas em casa tão cedo... E agora entendo o que você dizia sobre não ter paz aqui. Parece bobagem, mas seria bom não ter que me preocupar em ser observada ou precisar sussurrar no escuro com medo de acordar alguém.

– Pensei que gostasse quando passo no seu quarto para me despedir.

– Eu gosto... – Não contive o suspiro. – Mas também gostaria de fazer coisas normais. Talvez sair para jantar ou admirar a vista da sua casa... Com uma caneca de chocolate quente – sugeri, enaltecendo um grandioso sorriso.

– Não sei se é um bom momento e... – Ele bufou com uma irritação injustificada. – Sinto muito por não poder fazer estas coisas *normais* que você espera, mas acho que estava claro que nosso relacionamento teria limitações sociais. – Vincent balançou minha mão no ar. – Seria arriscado e desnecessário nos exibirmos pela cidade, passeando de mãos dadas para um jantar romântico no restaurante italiano do centro turístico. Ainda mais agora que o Conselho está me vigiando.

Ele falou com certa ironia e sabia que havia uma ponta de provocação em seu discurso. O que incluía a parte do restaurante italiano.

– Eu sei, Vincent... E não quero chamar mais atenção para você, nós, ou sua família. – Pensei por um segundo, a aula de Alice estava longe de acabar, então... – Mas podemos ir ao bistrô na Terra das Sombras. Armand disse que lá é um lugar neutro. Que tal? – Vincent soltou minha mão e parou, a expressão incomodada. – Qual é o problema?

– Levar você até a Terra das Sombras foi um erro, Melissa, e não pretendo repeti-lo.

A voz grave era quase um rugido e isso significava que meu comentário o provocou mais do que deveria. Vincent voltou a caminhar para o jardim amarelo e fiquei parada por um segundo, absorvendo sua conclusão. Agora, mais do que nunca, precisava ser sincera.

Ele andava rápido e me esforcei para acompanhá-lo.

– Mas eu não me arrependo em ter ido. Aquele lugar é lindo e fico feliz por ter dividido isso com você – falei honestamente. Ele me espiou sobre os ombros e notei que seus olhos brilhavam em um tom próximo ao violeta. – Ficarei feliz ao seu lado, Vincent, em qualquer lugar, mesmo nas sombras, porque... eu te amo.

– Então minhas suspeitas estão certas, esse amor só vai fazer mal a você

– ele sibilou em movimento. Eu parei.

Era a primeira vez que dizia com todas as letras que o amava. Era a primeira vez que dizia isso a alguém. E não esperava essa resposta. A certeza de que queria viver esse amor era a única coisa boa em minha vida nos últimos meses, era isso que não me deixava enlouquecer no meio desse mundo magicamente insano, perigoso e cruel. Como ele podia menosprezar meus sentimentos? Senti lágrimas ardendo em meus olhos, minhas mãos se fecharam e a mágoa explodiu em raiva no meu peito... seu calor correndo por minhas veias. Ele parou alguns metros à frente, quando percebeu que eu não o seguia, e então virou devagar, voltando até mim.

Empurrei as lágrimas para dentro e aguardei.

– A cada dia tenho mais certeza de que você não compreendeu o que represento. – Vincent parou a um passo. – Talvez eu não seja seu destino, Melissa, mas sua maldição.

Senti a primeira lágrima cair.

Desviei do obstáculo à minha frente e comecei a me afastar antes que meu mau gênio me dominasse... antes que voasse contra ele. Com passos rápidos entrei no jardim amarelo, e Vincent me seguiu.

– Você precisa aceitar a verdade, Melissa, isso não é um conto de fadas. Não posso oferecer o que você quer e não posso ser da forma que você imagina. O que você espera de normal nunca vai existir para nós. – Ele rugiu atrás de mim, mas o ignorei. Contornei os canteiros floridos no meio do jardim e notei que ele se aproximava... Algo me dizia que isso não ia acabar bem. – Você quer se arriscar para ficar ao meu lado, mas, se algo acontecer a você, a culpa vai ser minha. E você não tem ideia de como isso me atormenta... porque sei que tudo aqui pode lhe causar algum mal! – exclamou, indignado, enquanto agarrava meu braço com força, obrigando-me a parar bruscamente. O aperto de sua mão parando meu movimento quase deslocou meu ombro. – E sou um louco egoísta por permitir que isso continue!

Encarei o olhar aniquilador e minha tentativa de ficar com a boca fechada se desmanchou no ar.

– Eu sei disso! Você acha que não sei dos perigos, mas eu sei. E também me acho louca... Mas o que você quer que eu faça? Quer que eu desista?

– Desistir ou não será uma consequência... se não for tarde demais – murmurou, frio.

Indignada, comecei a lutar para me livrar de sua mão, que ainda segurava meu braço.

– Me solta, Vincent! – gritei. Lágrimas raivosas escorriam descontroladas por meu rosto. – Me solta agora!

Uma ventania surgiu do nada, levantando o cascalho, e sua mão finalmente me soltou. A nuvem de areia rodopiou ao meu redor e outras mãos fortes me seguraram, afastando-me de Vincent; girei o rosto, confusa, e reconheci os olhos alaranjados de Félix. O elfo de fogo me colocou atrás dele.

– O que você pensa que está fazendo? – O elfo perguntou a Vincent com autoridade.

Percebi que Félix era quase do tamanho de Vincent... e talvez mais forte.

– Isso não lhe diz respeito – Vincent rugiu entre os dentes.

– O Jardim Amarelo pertence ao meu reino. – Félix levantou o queixo e me espiou com lampejos alaranjados. – E ela é uma moradora da montanha. Segundo o tratado do Conselho, se algo a ameaça, isso me diz respeito. E, pelo que sei, um mago das sombras descontrolado é uma grande ameaça!

– Jamais ousaria machucá-la.

Félix correu os olhos para mim e tocou gentilmente a marca vermelha em meu braço.

– Não é o que parece.

Só então olhei para meu braço e notei o leve contorno dos dedos de Vincent. Encontrei seus olhos violeta, torturados. Apesar de estar assustada, entendi o motivo de seu descontrole... o medo de me envolver com os perigos do Mundo Mágico. E, ironicamente, medo de que algo nele me machucasse. Voltei os olhos para o rosto do elfo de fogo, ele jamais entenderia isso. Para Félix, Vincent era o principal perigo do Mundo Mágico. Ainda estava magoada, mas precisava fazer alguma coisa antes que essa discussão se tornasse uma briga nos jardins do palacete.

Um pouco temerosa, levantei minha mão até o ombro do elfo.

– Félix? – chamei com a voz trêmula, e ele se virou. Seus olhos alaranjados brilharam com uma espécie de cólera contida e entendi que os ânimos na montanha não haviam se acalmado. Vincent era o principal suspeito da morte de Piro, e qualquer descontrole poderia complicá-lo ainda mais. Encarei o elfo de fogo com determinação. – Está tudo bem... Ele não ia me machucar. Eu garanto.

– Você não pode ter certeza. – Félix sustentou meus olhos, confuso, depois colocou a mão em meu braço para me afastar. – Se ele a está coagindo, posso lhe garantir proteção. Basta um pedido seu para eu bani-lo da montanha – completou com voz suave, os olhos alaranjados fixos nos meus.

– Por favor, não. Isso foi apenas um mal-entendido... Peço desculpas pela confusão. – Minha voz soou angustiada.

Félix me observou em dúvida. Depois, balançou a cabeça com uma expressão impotente.

– Não é você quem deveria se desculpar – disse sério, mas sua expressão se suavizou. Félix sorriu para mim e, pela primeira vez, os olhos alaranjados não me deram arrepios. Mas seu sorriso desapareceu quando ele voltou o rosto para Vincent. – Sua sorte é que ela ignora completamente quem você é. Mas eu não. Na verdade, todos aqui dividem a mesma opinião sobre você. – Os olhos alaranjados se estreitaram. – Devo lembrá-lo de que você está aqui a pedido dos Von Berg, mas o Conselho não dá segundas chances... *Sombrio*. Não confio em você. Sei que é apenas uma questão de tempo até que você se entregue à sua origem e, pode ter certeza, estou aguardando ansioso para expulsá-lo da montanha.

Vincent não respondeu às provocações, apenas empinou o queixo e continuou sério. Félix virou para mim mais uma vez, fitando-me, concentrado.

– Lembre-se, você é uma moradora da montanha e, em nosso território, está sob nossa proteção. Há sempre alguém do Conselho vigiando. Se precisar de ajuda para se defender de um *magô das sombras* ou qualquer outro ser mágico que queira lhe fazer mal, é só chamar em voz alta.

– Obrigada – gaguejei encabulada, sem saber o que fazer com suas insinuações.

Félix intensificou sua expressão ameaçadora para Vincent, depois levantou uma mão até meu ombro e sorriu mais uma vez.

– Admiro sua coragem, Melissa. Mas confesso... Não a entendo. – Ele piscou os olhos alaranjados para mim. – Até mais ver.

Sorri timidamente. Félix sustentou meus olhos e, antes que eu conseguisse piscar, virou um rodaminho de areia bem na minha frente. Protegi o rosto e, quando o ar voltou a ficar limpo, me endireitei.

Vincent parecia uma estátua à minha frente e só então percebi uma mulher e uma menina nos olhando a poucos metros. Um gigantesco cão peludo estava parado protetoramente diante delas, a cabeça abaixada e os caninos expostos. Os olhos inseguros de Aristela encontraram os meus, e seu rosto pareceu transtornado. Ela já deveria ter lido nossos pensamentos e sabia de todos os detalhes da discussão, nas duas versões, mas, mesmo assim, resolveu confirmar. Talvez para tranquilizar Heros... ou Alice.

– Está tudo bem, *ma chère*?

Não ousei responder, apenas assenti com a cabeça.

– Eu não disse? A Mel está sempre zangada, ela briga com todo mundo – Alice falou com voz descontrainda e se adiantou para abraçar o gigante cinza. – Vem, Heros... Vem! – Alice usou de certa força para tirar o monstro canino da posição ameaçadora que ela mesma ignorava. – Vem, Heros! Quero treinar de novo – exigiu, e Heros finalmente se mexeu.

Esperei o pequeno grupo se afastar. Aristela ainda nos espiou por cima do ombro, duas vezes, e, quando eles ganharam uma boa distância no gramado, desviei os olhos da menina com o gigante peludo para encarar os olhos violeta do mago das sombras à minha frente. Definitivamente, éramos uma família de loucas.

– Melissa... eu... – Ele procurava as palavras, o olhar intenso, torturado.

Isso já estava constrangedor demais.

– Félix vai usar esse incidente contra você.

Vincent suspirou.

– Eu sei.

– Agora precisamos tomar o dobro de cuidado, Vincent, qualquer descontrole vai ser motivo para que ele cumpra sua ameaça. – Também inspirei, lentamente. – Não precisamos de mais problemas.

– Eu sei. – Desta vez, ele bufou. – Mas você não precisa passar por este tipo de problema.

Aproximei-me um passo, sustentando seus olhos violeta.

– Esta é a última vez que vou dizer isso... Eu já fiz minha escolha.

Vincent também se aproximou, devagar, como se eu fosse sair correndo com seu próximo passo. Ele acariciou o hematoma avermelhado em meu braço com a ponta dos dedos, e seu rosto se contorceu, atormentado.

– Félix tem razão. E confesso, também não entendo. Todos compreendem minha essência, como posso ser nocivo... Até minha família. Exceto você.

– Eu te amo. Você consegue entender isso?

Vincent colocou os braços ao redor da minha cintura com movimentos hesitantes e, depois de algum tempo, respondeu:

– Não.

Ele expirou dolorosamente, e ficamos parados, nos fitando. O silêncio se aprofundou e trouxe com ele dúvidas incômodas.

– Desculpe por machucá-la, Melissa... Você não merece isso. Gostaria que as coisas fossem diferentes.

Sua voz era o som da agonia e não sabia a qual dor ele se referia, porque eu nem sentia o hematoma em meu braço. Mas meu coração estava em frangalhos.

Engoli o nó em minha garganta.

– Mas eu não. E, por favor, não me peça para explicar. Só estou seguindo meu coração.

Vincent estreitou o abraço, senti suas mãos deslizarem por minhas costas como um sussurro enquanto meu coração se contorcia no peito. Sabia que nossos pensamentos andavam em sincronia, e nesse momento dividíamos as mesmas

apreensões sobre nosso futuro.

– Eu também – ele disse em meus cabelos. – Por isso, gostaria que aceitasse minha decisão, sem questionamentos... – Vincent se interrompeu e virei uma estátua em seus braços. – Vou afastá-la de tudo que pertença à magia, seja da luz ou da sombra. Não quero vê-la envolvida com o Mundo Mágico. Espero que isso nos dê uma chance.

O ar voltou com mais facilidade enquanto eu meditava sobre suas palavras. Embora Vincent pretendesse me excluir do seu mundo, ele me queria ao seu lado. Sabia que a magia era a vida dele e parecia impossível separar as duas coisas dessa maneira. Mas eu preferia uma parte de Vincent a não ter Vincent.

Ele ainda esperava minha reação e procurou meus olhos para checar as consequências do silêncio abrasador. Eu me perdi nos penetrantes olhos turquesa, tensos e ansiosos... Seria impossível negar algo a estes olhos. Com um suspiro insatisfeito, estiquei um sorriso.

Vincent me apertou em seus braços e aproximou o rosto do meu ouvido.

– Obrigado.

Eu me arrepiei com sua voz ronronada. Senti seu calor me aquecer devagar e afundei o rosto em seu peito para respirar profundamente. Essa não era a melhor solução, ou a solução que eu esperava, mas era o que podia ter no momento.

E tudo o que queria era poder ter mais deste momento.

**Um pouco de
Sombras da primavera
a sequência de Cores de outono**

Escolhas difíceis

Abri a porta com um sorriso agradecido, e o entregador, esbaforido, deixou a caixa na área de serviço. Encarei o embrulho com certa apreensão, mas, depois da primeira olhada, as coisas não pareceram tão cabeludas quanto George insinuou. Instalei a secadora em minutos, espiando o relógio da cozinha enquanto Alice se divertia com a caixa de papelão – as roupas de minha irmã, infelizmente, não apareciam por mágica na gaveta... O clima úmido do inverno na montanha e as aulas extras de magia no quintal do palacete estavam esgotando o estoque de roupas limpas de Alice.

Com um sorriso aliviado, atirei as roupas que apinhavam a área de serviço dentro do tambor e liguei a secadora para sua primeira tarefa. Peguei o último casaco limpo e corri para a porta carregando minha irmã pelo braço. Agora tínhamos uma nova rotina... Eu ainda ajudava George na revendedora enquanto Alice estava na escola, mas, depois do almoço, assim que ele voltava ao trabalho, eu e Alice corríamos para o sedã a caminho da casa dos Von Berg. E hoje, graças à entrega, estávamos atrasadas!

Senti o volante tremer em minhas mãos, o velho sedã não foi feito para as saliências da estrada de terra, muito menos para as curvas sinuosas. Pelo barulho da lataria, acabaria se despedaçando se acelerasse mais.

Em dias normais, eu levava o dobro do tempo habitual de Vincent para chegar aos portões de ferro retorcido do palacete. Hoje, parecia ainda mais lenta. Finalmente avistei a imponente construção de pedra e contornei o chafariz de mármore com habilidade. Estacionei de qualquer jeito e pulei do carro apressada... Alice teve de correr para me acompanhar, mas, quando chegamos ao Jardim Amarelo, meu galã de filme antigo já estava lá.

Soltei o ar entristecida e diminuí o passo. Havia perdido meu desfile particular.

Vincent estava sentado no gramado verdejante, o nosso ponto de encontro, e observava o bosque de cerejeiras de forma distraída. Alice soltou minha mão ao avistar Aristela entre as macieiras e, depois de um rápido abraço em Vincent, correu até a dedicada tutora. Minha irmã adorava as aulas de magia e, apesar da pouca idade, estava progredindo rapidamente. Em um mês já dominava a maioria dos elementos, e hoje receberia a introdução de uma habilidade que já desenvolvia havia algum tempo: o controle da matéria. Acompanhei a ansiedade de Alice com os olhos e me aproximei de Vincent sem

pressa.

– Você demorou – ele resmungou com um sorriso que tentava parecer torturado.

– Contratemplos domésticos – justifiquei, sentando-me ao seu lado. Ele esticou o braço para colocar um cálice de cristal entre nós, e analisei com surpresa as suculentas formas arredondadas de um bordô brilhante... – Cerejas?

Vincent sorriu timidamente.

– Achei que gostaria de experimentar as primeiras da temporada de Aristela.

Levantei os olhos para o bosque de cerejeiras à nossa frente. As árvores estavam milagrosamente cheias de pequenos cachos vermelhos. Curioso... ontem, mesmo, elas ainda estavam em flor! Desta vez observei com suspeita as macieiras, que continuavam pintadas de vermelho. Como sempre. Claro! Isso era magia!

Voltei meus olhos surpresos para o rosto incomodado ao meu lado. Sabia que ele não me explicaria aquilo, principalmente depois de prometer me afastar de tudo o que pertencesse ao Mundo Mágico. Mordi o lábio... Quantos outros detalhes mágicos estavam ao meu lado sem que eu percebesse? Meus olhos se perderam no rosto impassível do mago sentado ao meu lado, e desejei com minha alma fazer parte do seu mundo.

– Como você sabe que eu...

Vincent se curvou com rapidez e alcançou meus lábios, interrompendo-me no meio da pergunta. O beijo-surpresa acelerou meu coração, acordando um batalhão de borboletas em meu estômago. Jamais me acostumaria com isso.

Ele se afastou com um sorriso travesso, sabia que estava me distraindo, mas já havia esquecido todo o resto.

– Não foi difícil, meu paladar é aguçado – disse com os olhos faiscando... e recordei o sabor do meu *lip balm*. – Além disso, você disse que gostava de cerejas quando veio aqui pela primeira vez. – Vincent se endireitou ao meu lado, e eu o encarei, admirada por ele se lembrar. – Você quer caminhar? – perguntou, desanimado.

Sorri empática.

– Não estou com vontade.

Vincent deitou de costas na grama com um suspiro relaxado. Eu apenas admirei. Depois, levei uma suculenta cereja à boca e me deitei ao seu lado. Ele me espiou com o canto dos olhos e sorriu satisfeito. Admirei o brilho nos oceanos turquesa, desejando poder parar o tempo. E poderia viver a eternidade assim, sem pressa, sem preocupações... ao lado dele.

– Você não vai provar as cerejas?

– Quero provar quando você acabar – disse com a voz ronronada. – Estou curioso para saber se vai realçar o sabor – completou provocador.

Eu corei. Estiquei-me para encontrar seus lábios e Vincent me laçou pela cintura, puxando-me para seu peito. Ele me apertou contra seu corpo enquanto saboreava meus lábios com vontade. Seu beijo me deixou sem fôlego e, cedo demais, ele me afastou.

– É melhor do que imaginei – disse. E, emendando um suspiro, me acomodou em seu ombro, envolvendo-me com um dos braços.

Eu o espiei com a respiração ofegante, desejando ser tão controlada.

Nas últimas semanas, Vincent estava trabalhando o controle de seus rompantes impulsivos, e isso era imprescindível depois das ameaças de Félix de expulsá-lo da montanha. O desconfiado elfo de fogo era um dos membros do Conselho Mágico e acusou Vincent de ser o assassino de Piro, um elfo de olhos inóspitos, que morreu nas mãos de um mago das sombras. Eu sabia que Vincent não era o único mago das sombras que esteve na passagem da Terra das Sombras naquela noite, e o sorriso perverso do outro mago ainda me dava calafrios. Mas estava convencida a manter meu segredo. Não havia necessidade de criar uma nova crise com a revelação. Enquanto as coisas permanecessem diplomáticas na montanha, guardaria meu segredo. De qualquer forma, faria bem a Vincent se controlar um pouco. Só não esperava que seu autocontrole também se aplicasse a mim.

Vincent contemplava o céu azul salpicado de nuvens brancas e, com movimentos delicados, enroscou sua mão na minha.

– Gosto disso.

– Eu também... – murmurei distraída, sentindo o calor de seu corpo me aquecer com pequeninos choques. – As nuvens sempre formam desenhos interessantes.

Notei que ele segurava um sorriso apertado.

– Estou falando *disso*. – Vincent levantou nossas mãos unidas no ar. Pelo visto, ele não estava tão distante dos meus pensamentos. Sorri encabulada. – Gosto de poder tocar em você despreocupadamente. Houve uma época em que me torturava por não poder fazer isso. Com receio que tivesse medo de mim... do que sou. Do meu Mundo.

Ele levou minha mão aos lábios para beijá-la e, imediatamente, me virei de lado. Precisava ver seu rosto com clareza, e não gostei de encontrar a melancolia em sua expressão. Sabia do que ele estava falando, a linhagem mágica das sombras, sua herança. E, confesso, foi um choque ouvir em alto e bom som que o homem que eu amava descendia de Demônios das Sombras. Inevitavelmente, o significado da palavra com D flutuou em minha mente. Mas,

ao encontrar os oceanos brilhantes, não pude deixar de sorrir. Sua linhagem não importava... Eu já havia aceitado quem ele era, há muito tempo.

Deslizei meus dedos por seu rosto perfeito.

– E eu me torturava por não poder fazer isso – falei tímida. Um sorriso iluminou os olhos turquesa, enquanto a brisa balançava seus cabelos cor de carvão. Contemplei a beleza hipnótica do mago à minha frente, que viu e viveu coisas inimagináveis. Acompanhei as curvas do seu corpo com os olhos e emendei um sonoro suspiro de impotência. A comparação era sempre injusta. – Mas ainda tenho o mesmo medo... de que você me enxergue ao seu lado e perceba que não tenho nada para oferecer a alguém como você. – Vincent ficou em silêncio e eu entrei em combustão. Senti o calor correr pelo meu rosto e, com os olhos fixos em nossas mãos, continuei. – E não estou falando apenas de experiências, poderes, magia... Você sabe, eu... eu sou comum. Em todos os sentidos. E *aqui* isso não tem valor.

Vincent soltou minha mão, procurando meus olhos.

– Você tem todos os valores que eu poderia desejar – disse com a voz ronronada, afagando meu queixo com o dorso dos dedos. – E você realmente não imagina o que me atraiu?

Corei mais uma vez, se ainda fosse possível.

– Posso afirmar que não vejo nada de atrativo em mim – falei sem jeito, querendo me chutar por ter entrado nesse assunto.

Mas era verdade. Eu nem sonhava com a beleza inumana de Viviana, e me comparando a Rose ou a qualquer outra mulher com o mínimo de desenvoltura, não me achava capaz de acumular atrativos ou espalhar encantos. Para mim, a atração de Vincent ainda era um mistério. Um mistério milagroso!

– Acho sua lista de atrativos bem extensa... – Vincent disse tenso, quase incomodado. E, com movimentos rápidos, sentou-se ao meu lado. Observei sua reação com cautela e tive receio de ter despertado uma realidade para a qual ele não tinha se atentado antes. Mordi o lábio, esperando que continuasse. – Mas, na dúvida, podemos comparar minha lista com a do seu vizinho... o tal Arthur. Acho que ele nutre a mesma admiração por seus dotes.

Encarei Vincent, surpresa. E meu choque logo se transformou em uma careta de reprovação. Era desnecessário, para não falar inconveniente, envolver Arthur nessa conversa. Para falar a verdade, não entendi por que ele veio parar nela. Nas últimas semanas não mencionei Arthur, sentia-me culpada apenas por pensar nele, e tenho certeza de que fui discreta o suficiente para que Vincent não precisasse recordar da existência do meu ex-amigo. Se ter Vincent ao meu lado era uma possibilidade única, como ganhar na loteria, não queria arriscar perder meu bilhete premiado. E, justamente por isso, não deveria aceitar sua

provocação. Respirei fundo, controlando meu gênio.

– Se quer saber, acho que você ficou atraído pela minha impertinência – provoquei para fugir do assunto. – Admita... você estava cansado da simpatia amedrontada do resto da cidade.

Vincent levantou-se, esticando as mãos para me ajudar a levantar também. O rosto escondendo alguma preocupação.

– Realmente, as palavras que ouvi de você naquele primeiro dia fizeram suas boas maneiras ofuscarem sua aparência. – Ele riu com algum humor, e soltei o ar, aliviada. A lembrança do palavrão raivoso, que joguei nas costas do BMW depois do banho de lama, me constrangeu. Mas fiquei feliz por ele tentar superar seu mau humor, isso era um progresso. Vincent dançou os olhos em meu rosto. – Mas, se quer saber, me apaixonei por seu espírito audacioso... Repleto de uma certeza que nunca tive.

O calor voltou a aquecer meu rosto, graças ao elogio inesperado.

– Realmente, minha beleza não poderia ser motivo suficiente – murmurei disfarçando.

Surpreendendo-me com o gesto, Vincent segurou meu rosto entre as mãos, prendendo meu olhar.

– Sua beleza é pura, Melissa... encantadora. Ela enfeitiçou meu corpo e sua bondade enfeitiçou minha alma.

Eu estava petrificada, fitando a intensidade brilhante dos oceanos turquesa enquanto Vincent se aproximava. Seu toque quente provocou reações imediatas, levando minha pulsação aos ouvidos... Minha respiração já estava descompassada e, antes que seus lábios me tocassem, estampidos borbulharam no Jardim Amarelo atrás de nós. O mago das sombras me apertou em seus braços e meu instinto me colocou em alerta de perigo.

AGRADECIMENTOS

Obrigada à minha pequena família, Luis André e Sophia, por me dividirem com o *meu* mundo. Amor sempre.

Obrigada a João e Maria, meus pais, por proporcionarem a dose de aventura necessária para que eu enxergasse o mundo com infinitas possibilidades. E à amada irmã Rosana – minha eterna *Tata* – parceira e protetora nestas aventuras, seu apoio e amizade sempre alimentaram minha confiança, obrigada por embarcar comigo nesta nova aventura.

Ao super-herói da família, Ronie Castelane, obrigada pela consultoria no quesito fantasia.

À grande amiga e primeira fã Danielle Codogno, você foi a dose de energia que mostrou o sonho possível. E ao querido Guilherme Ziggiatti, por seu empenho de amigo em busca da foto perfeita. Não tenho palavras para demonstrar quão queridos vocês são.

Amo a todos.

Agradeço também, o incentivo das amigas literárias! As lindas, Sandra, Heloísa e Suzana, do *Fã clube Mundo Keiliano*, pelo carinho e amor aos olhos turquesa. Beijos queridos à minha editora, Eleonor Hertzog, pela notável paciência! Vocês foram essenciais para que essa história renascesse ainda mais mágica!

Detalhes de relevância pessoal

Para que essa história chegasse aqui, o entusiasmo criador precisou ser nutrido constantemente e a música foi a porta de entrada para este outro mundo. Algumas bandas nacionais como Kid Abelha, Agridoce, Skank entre outras, guiaram minhas emoções com grandes canções... Mas preciso fazer um agradecimento especial à inspiração poética de Victor Chaves e o talento vocal de Leo Chaves. Suas canções proporcionaram divertidíssimas horas de reflexão na companhia de minha estimada *Tata* (obrigada, minha irmã, por acreditar na essência e embarcar em minhas loucuras... te amo).

Outras músicas funcionaram como chave para destrancar emoções e foram essenciais para entender ações e personagens, por isso – para quem gosta de rock – deixo uma *playlist* internacional que acompanha o ritmo do livro.

Rain – Creed
Come talk to me – Bon Iver
Gotta be somebody – Nickelback
Day to Day – The Ting Tings
Savin' me – Nickelback
Hide – Creed
Notion – Kings of Leon
Open your eyes – Snow Patrol
Whataya want from me – Pink
Patience – Guns N' Roses
Blues Eyes – Mika
Here for you – Firehouse
Never let me go – Florence and the Machine
Use Somebody – Kings of Leon
Warmer Climate – Snow Patrol
Chocolate – Snow Patrol
100 Suns – 30 seconds to Mars
I'd come for you – Nickelback
Never let me go – Florence and the Machine
Use Somebody – Kings of Leon
Warmer Climate – Snow Patrol
Chocolate – Snow Patrol
100 Suns – 30 seconds to Mars

I'd come for you – Nickelback
Cosmic love – Florence and the Machine
Set the fire to the third bar – Snow Patrol
Far Away – Nickelback
All this and heaven to – Florence and the Machine
Never gonna be alone – Nickelback
Higher – Creed
Search and Destroy – 30 seconds to Mars
The finish line – Snow Patrol
No light, no ligh – Florence and the Machine
On Off – Snow Patrol
Signal Fire – Snow Patrol

Outra fonte motivadora foi o irresistível chocolate, quase necessário para resistir às numerosas horas em claro. Quero agradecer à amiga Daniela Billa por dividir a verdadeira receita de brigadeiro e, com sua permissão, vou deixá-la aqui para multiplicar sorrisos.

Brigadeiro de Colher

1 lata de leite condensado

1 colher de sopa cheia de manteiga

3 colheres de sopa de chocolate em pó (o de verdade, não o achocolatado)

1 colher de sopa de cacau em pó

Mexer sempre, em fogo baixo, até desgrudar da panela.

Enjoy!

Por fim, agradeço à minha mãe por ser minha referência de fé e me fazer acreditar de olhos abertos.

Table of Contents

[Recomeço](#)
[Casa Amarela](#)
[Conexão](#)
[Olhar](#)
[Vincent](#)
[Mirante](#)
[Insanidade](#)
[Fenômenos](#)
[Complicado](#)
[Convite](#)
[Preparativos](#)
[Visitas](#)
[O Jantar](#)
[Cavalheiro Carrancudo](#)
[O Passeio](#)
[Palacete](#)
[Bistrô](#)
[Casa de Vidro](#)
[Novas Verdades](#)
[Responsabilidades](#)
[Terra das Sombras](#)
[Certezas](#)
[Esclarecimentos](#)
[Epílogo](#)